



Being the fairest
one of all comes at
a high price...

THE WHITE LILY

JULIETTE CROSS

A VAMPIRE BLOOD NOVEL





THE JULIETTE CROSS WHITE LILY

A VAMPIRE BLOOD NOVEL

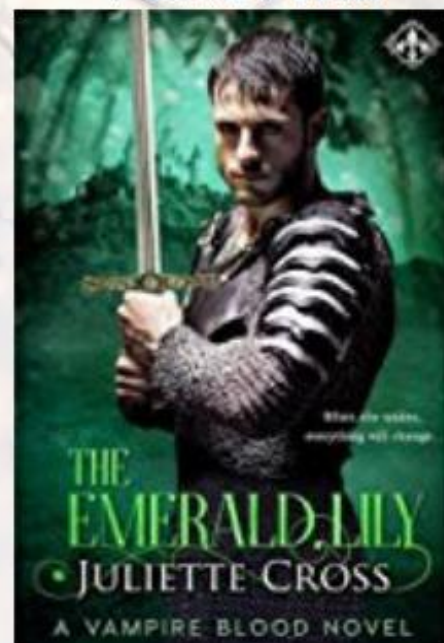


LANÇAMENTO!



DISTRIBUÍDOS!

VEM AÍ...



A soft-focus photograph of a woman with long, wavy brown hair, wearing a dark top with a lace collar and a necklace. She is holding a bright red apple in her hands, which are positioned in the foreground. The background is blurred, showing hints of a patterned surface.

- Para Kyra -

Amiga querida, incentivadora constante e fodona.

Sinopse

Ao norte do Império de Varis, uma facção misteriosa espalha propagandas contra a monarquia dos vampiros. Friedrich Volya, o Duque de Winter Hill, procura descobrir quem eles são, antes que seu tio os encontre primeiro. O Rei Dominik punirá os traidores com força brutal.

A professora da escola local, Brennalyn, de cabelos negros como um corvo, está em uma missão - espionar o Duque e descobrir tudo o que puder para o Black Lily. Ela espera ajudar a comunidade e trazer justiça aos muitos órfãos deixados para trás pelos estragos da compulsão por sangue, como as crianças que ela carinhosamente mantém sob seus cuidados. O que ela não planejou, foi a atração que sentiu pelo Duque, inimigo do Black Lily.

Mas, quando o segredo de Brennalyn coloca sua vida e a vida de suas crianças em perigo, Friedrich entra como seu protetor e ela descobre que há mais no Duque do que ela pensava.



Prólogo

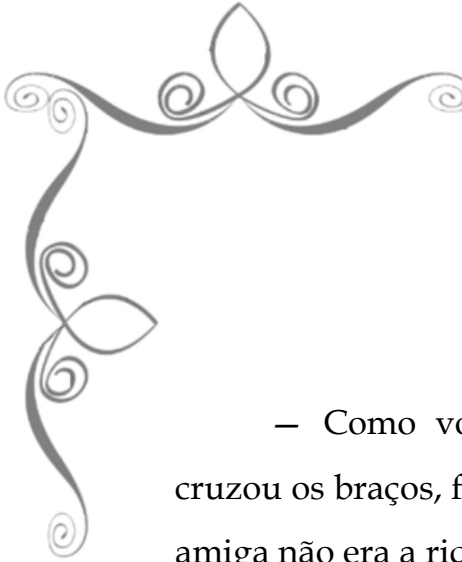
Muito longe ao norte, onde os dias eram longos e as noites eram ainda mais compridas, vivia um Duque Real, forte e poderoso. Um imortal da natureza mais cruel, que tinha o sádico prazer de torturar e oprimir seu povo. E embora nem mesmo um exército de revolucionários pudesse matá-lo, foi uma humana - sua querida amante - que finalmente entrou em seu quarto e perfurou seu coração negro.

Ele deixou um filho de natureza semelhante, embora talvez não tão perverso. O filho também cresceu em beleza e estatura. Ele não incitou uma revolução como seu pai. No entanto, ele agitou uma rebelião em sua própria casa. Ele envenenou o coração de sua esposa com sua traição e insensibilidade. Outra vez, como seu pai, ele sofreu um fim trágico nas mãos de sua amada.

Ele também deixou um filho jovem, que cresceu e ficou ainda mais alto e mais bonito que seu pai e avô, antes dele. Este Duque não herdou a necessidade de ser malicioso. Ele jurou quebrar a maldição que pesava sobre o castelo de Winter Hill, prometendo proteger seu povo a todo custo e nunca se casar. Ele sabia que seu sangue estava contaminado, mas se ele cumprisse essas promessas, ele poderia quebrar o ciclo de tragédia que amaldiçoou Winter Hill.

O que o jovem Duque não entendia era que não havia maldição para quebrar. Exceto a que o deixava atolado no medo e no desespero, e que assombrava seus passos nos grandes salões do seu castelo. A única maneira de dissipar esse encanto sombrio - a história sangrenta de sua família e seu legado de maldade - era o próprio amor verdadeiro.

Apenas uma dama de coração e alma tão puros como a neve poderia quebrar o gelo e despertar o Duque para o seu destino.



CAPÍTULO 01

— Como você sabe que ele está dizendo a verdade? — Brennalynd cruzou os braços, franzindo o cenho para a descoberta de que o amante de sua amiga não era a riqueza de informações que ela esperava.

Sylvia soltou um pregador da corda e espiou por trás do linho branco, um rubor pintando as suas bochechas enquanto ela sussurrava.

— Porque quando ele chuta as calças para o chão e se arrasta para cima da minha cama, ele me conta *tudo o* que ele está pensando.

— *Sylvia!* — Brennalynd sussurrou agudamente, olhando ao redor do pátio dos criados, onde a sua amiga pendurava a roupa todos os dias.

Sylvia riu, dobrando o lençol e o colocando no cesto.

— Você deveria ver o seu rosto, Brenna. Nunca vi as suas bochechas tão coradas.

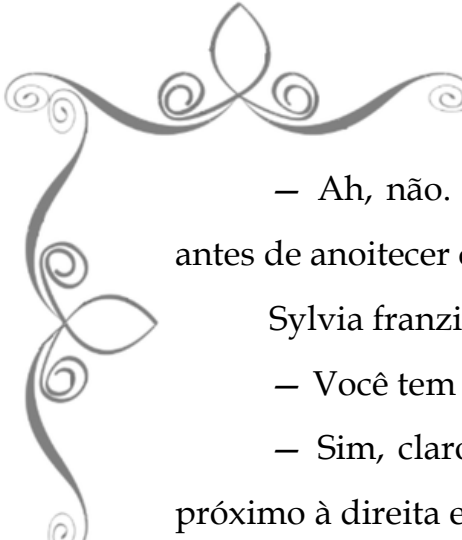
Brenna revirou os olhos e olhou para o céu. A noite chegava rapidamente no inverno e o sol já pairava no horizonte, como uma maçã madura prestes a cair. Ela puxou o xale em volta dos ombros, um pedaço de tecido azul barato, mas feito de uma lã grossa, que as crianças tinham lhe dado em seu último aniversário.

— Bem, eu queria que você tivesse alguma informação nova a respeito do Duque.

— Não. Temo que não tenha mais nada para dizer.

— Se não tem mais nada, então, eu preciso ir. Eles ficarão preocupados comigo em breve.

— Sim. — Ela soltou outra roupa, largando o pregador no bolso do avental. — Deixe-me leva-la de volta através dos quartos dos criados.



— Ah, não. Posso voltar sozinha. É melhor você terminar a sua tarefa antes de anoitecer completamente. Eu já te distraí por tempo demais.

Sylvia franziu a testa.

— Você tem certeza? Você se lembra do caminho?

— Sim, claro. Vire à esquerda no final do primeiro corredor, depois o próximo à direita e o próximo à esquerda.

Sylvia colocou as mãos nos quadris.

— Não, Brenna. É o contrário. Vire à direita, depois à esquerda e depois à direita.

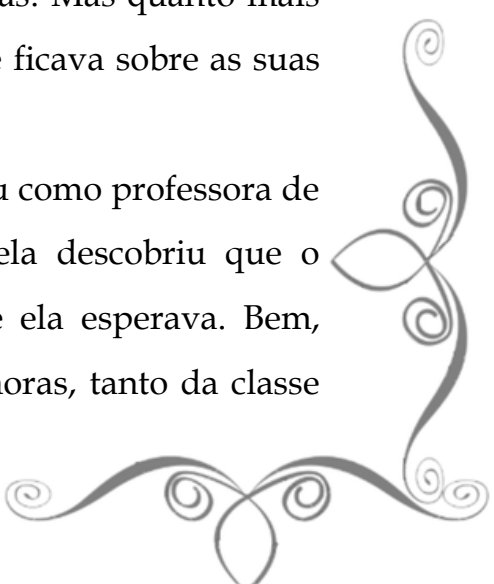
— Certo. — disse Brenna, acenando positivamente com a cabeça. — Eu te vejo no sábado, no Terrington Hall.

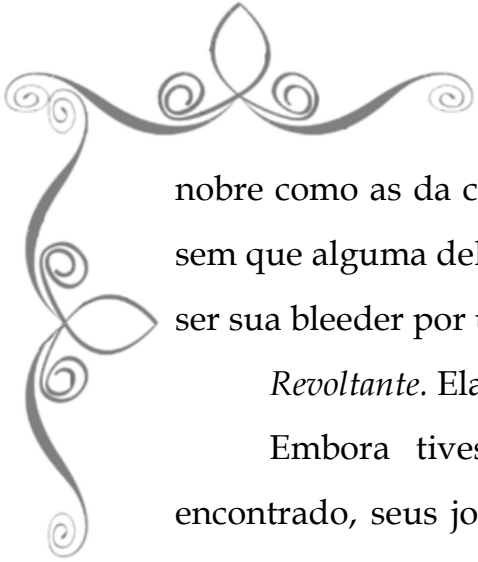
— Sim. Até sábado.

Brenna atravessou o quintal e entrou no castelo, a sua mente estava zumbindo com as informações que conseguiu tirar de Sylvia. Não foi muito, mas foi desconcertante, para dizer o mínimo. O amante de Sylvia, que por acaso era o servo mais próximo do Duque, disse a ela que o seu mestre desprezava a coroa. E que ele desprezava o seu tio, o Rei Dominik de Izeling, governante do Norte, acima de tudo. O servo também afirmou que, como o seu servo humano, o Duque o tratava com grande respeito.

Esta notícia era completamente inesperada e foi contra tudo o que ela acreditava sobre a realeza e a classe aristocrática. Ela sempre teve a firme convicção de que eles estavam todos unidos para oprimir o campesinato, mantendo-os sob o controle, debaixo da sola de suas botas. Mas quanto mais ela aprendia sobre o Duque vampiro, mais confusa ela se ficava sobre as suas teorias do sistema de classes.

Desde que ela chegou aqui há três anos e se instalou como professora de Terrington, a pitoresca aldeia abaixo de Winter Hill, ela descobriu que o Duque, que governava esta região, não era bem o que ela esperava. Bem, exceto o fato de ele ter uma certa reputação com as senhoras, tanto da classe





nobre como as da classe trabalhadora. Ela nem podia mencionar o nome dele sem que alguma delas desmaiasse. Especialmente, se tivessem tido o prazer de ser sua *bleeder* por uma noite.

Revoltante. Ela fez uma curva a esquerda no final do corredor.

Embora tivesse que admitir, nas duas ocasiões em que o tinha encontrado, seus joelhos enfraqueceram sob seu olhar sensual. Ele tinha um jeito de encantar uma mulher, ao mesmo tempo em que a tornava incapaz de falar normalmente. Mas isso também era culpa dela, por passar tempo demais na sala de aula com as crianças e não o suficiente na cidade, se divertindo na companhia dos adultos, razão pela qual ela estava determinada a participar do Baile da Colheita de Inverno deste fim de semana, em Terrington Hall. E talvez ela até consiga dançar um pouco e se divertir.

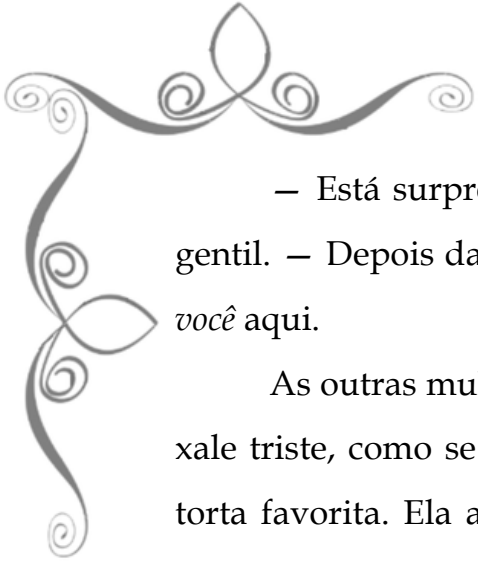
Virando à direita, ela atravessou uma sala desconhecida. Olhando à esquerda e à direita, ela escolheu ir pela passagem mais larga à esquerda, que terminava em uma porta externa. Ela sorriu. Ela deveria recuar, mas essa porta também a levaria para fora do castelo, de qualquer maneira. Ela abriu a porta e saiu para um pátio fechado, com o sorriso morrendo em seus lábios.

Seis mulheres jovens se viraram para encará-la. Uma delas, ela reconheceu como a linda empregada que trabalhava no armazém. As outras também pareciam familiares, embora ela não fosse exatamente uma *socialite* para poder se lembrar de onde as conhecia.

— Srta. Snow. — disse a doce loira cujo nome ela havia esquecido. — O que você está fazendo aqui?

Céus, ela não podia dizer a nenhuma delas o que realmente estava fazendo lá. Espiar o Duque lhe renderia um rápido passeio na prisão da cidade. Ou pior. No calabouço.

— Olá! Que surpresa ver você aqui.



— Está surpresa em *me* ver aqui? — Ela se aproximou com um sorriso gentil. — Depois da nossa última conversa, eu estou bastante surpresa em ver *você* aqui.

As outras mulheres olharam para Brenna em seu vestido cinza simples e xale triste, como se ela fosse um inseto que tinha acabado de pousar em sua torta favorita. Ela as ignorou e tentou descobrir o que estava acontecendo e sobre o que tinha sido a sua última conversa no armazém.

Oh. Ela tinha ouvido as duas damas nobres discutindo sobre a virilidade do Duque de Winter Hill, imaginando quão boa a sua resistência era, comparada a homens mortais. Brenna fez um comentário sarcástico em sua saída sobre a criação nobre não sendo tão nobre.

— Senhorita Margaret, não é?

— Marianne. — ela corrigiu.

Brenna examinou o pátio, procurando por um portão exterior.

— Você, por acaso, não sabe onde é a saída, sabe?

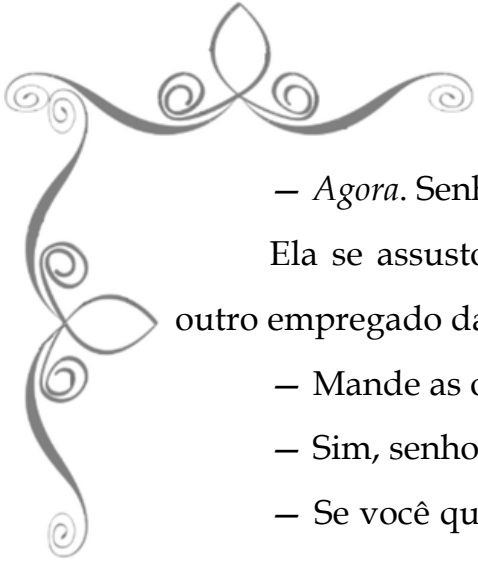
A jovem estava prestes a falar quando a porta se abriu atrás delas. Todas as damas giraram e olharam para o homem parado no batente da porta. Brenna sabia que ele era amante de Sylvia, Grant. Um homem alto, com um bom físico e olhos verdes, que varreram o lugar e se estabeleceram nela.

— Senhorita Snow. — Ele disse o nome dela com tanto propósito, que ela pensou ter ouvido a sua sentença de morte no vento. — Se você puder me seguir, por favor.

— Eu...

— Por aqui. — Ele se afastou e gesticulou com a mão, ordenando que ela o seguisse.

Ela engoliu em seco, percebendo que as outras damas murcharam quando ele chamou o nome dela. O que todas elas estavam fazendo lá, de qualquer maneira? Havia uma nova posição vaga entre os criados? Se bem que, uma das damas era filha de um aristocrata. Que estranho.



— *Agora*. Senhorita Snow.

Ela se assustou e se lançou rapidamente pela porta. Ele fez sinal para outro empregado da casa, um jovem esperando no vestíbulo.

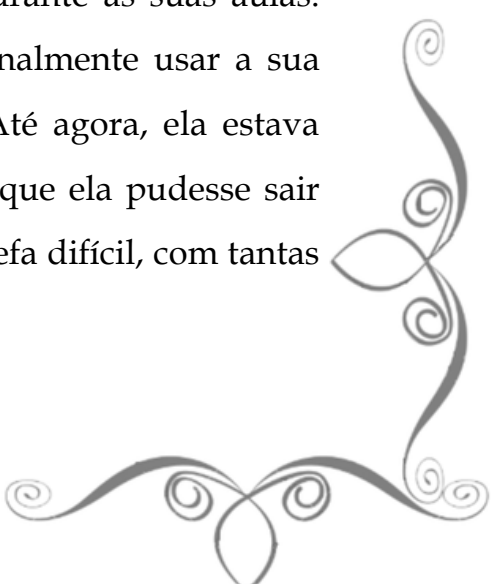
— Mande as outras embora.

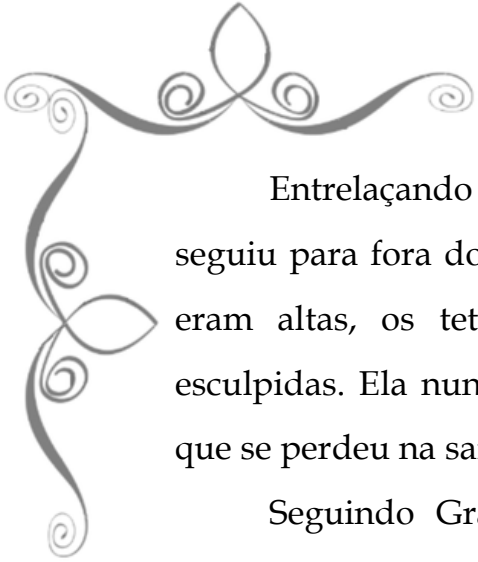
— Sim, senhor.

— Se você quiser me seguir, senhorita Snow. — Os seus olhos escuros a perfuraram com um desafio, como se ele soubesse que ela queria fugir pela porta ou qualquer que fosse a direção. Mas não havia nada que ela pudesse fazer agora, além de encarar a realidade de que ela havia sido pega procurando informações sobre o Duque. Ele era, de fato, o amante de Sylvia. Ele as escutou conversando? Será que ele a forçou a confessar o porquê de Brenna visitá-la constantemente no castelo?

O seu plano de descobrir tudo o que podia e, finalmente, entrar em contato com o Black Lily no sul, havia parado repentinamente. Reggie havia tentado contato, mas quando ele se dirigiu para a aldeia de Sylus, os moradores disseram que o Black Lily havia desaparecido. A sua líder, Arabelle, havia fugido junto com o Príncipe e o seu bando de revolucionários. Ele partiu rapidamente quando os Legionários da Torre de Vidro suspeitaram dele, como um estranho em sua região.

Reggie era um menino que entregava cartas, quando ela estava lecionando em Korinth. Agora que era um rapaz jovem, ele estava inclinado a se juntar à revolução e a lutar para quebrar o sistema de classes, por uma causa sobre a qual ela o havia ensinado tantas vezes durante as suas aulas. Sem contato direto com a resistência, Brenna decidiu finalmente usar a sua inteligência e o seu talento inato por uma boa causa. Até agora, ela estava orgulhosa do pouco que podia fazer. Isso, até o dia em que ela pudesse sair por si mesma e procurar pelo Black Lily. Esta era uma tarefa difícil, com tantas crianças para cuidar.





Entrelaçando as mãos na frente do corpo e erguendo o queixo, ela o seguiu para fora do hall de entrada em um corredor aberto, onde as paredes eram altas, os tetos abobadados e ornamentados, apoiando as colunas esculpidas. Ela nunca tinha visto essa parte do castelo, o que a fez perceber que se perdeu na saída. Ela só tinha estado nos quartos dos empregados.

Seguindo Grant por uma ampla escadaria forrada com um tapete vermelho, ela ficou maravilhada com as altas e finas janelas pontiagudas de uma das paredes e a luz fraca que brilhava através dos vitrais. As inúmeras matizes de cor seriam belas em um dia ensolarado, mas o inverno não permitia muita luminosidade. E ela nunca mais voltaria aqui de novo. Isso se ela saísse daqui viva.

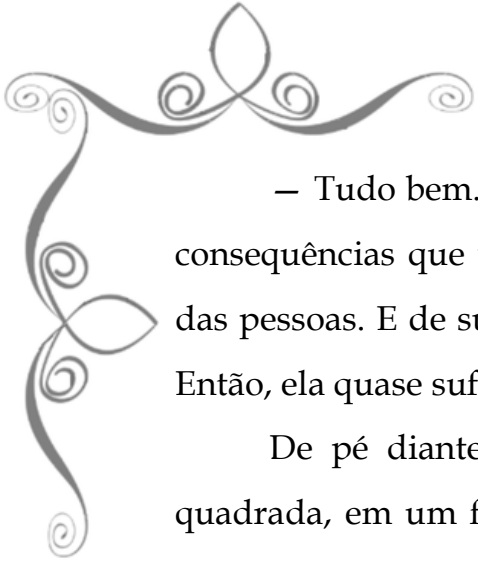
Provavelmente, o homem que caminhava à frente dela encontrou Sylvia e a interrogou, logo após Brenna ter saído. Diferente da sua amiga, Sylvia pode ter sido persuadida a confessar que Brenna estava fazendo muitas perguntas sobre o Duque, sobre o seu lugar na família real e as suas opiniões sobre a resistência clandestina chamada Black Lily. A questão era: o que ele faria com ela agora?

Grant a conduziu por um longo corredor no segundo andar, também alinhado com belos vitrais que descreviam belas cenas - um cervo espirrando água ao pisar em um riacho, uma criada andando em um jardim de rosas e um homem a cavalo, à sombra de um carvalho. Distraída pela paisagem, ela quase afundou no peito de seu acompanhante, enquanto ele parava na frente de uma porta aberta, gesticulando para ela entrar.

– Oh! Será que eu posso pergun...

– Entre, Senhorita Snow.

Ela franziu a testa. Como é que Sylvia o achava amoroso? Ele era o homem mais severo e hostil que já tinha conhecido. Apesar de sua boa aparência.



— Tudo bem. — Ela endireitou as costas, pronta para encarar quaisquer consequências que viessem. Tudo o que ela fez foi pelo bem do Black Lily e das pessoas. E de suas crianças. Ela se acalmou e tentou não parecer culpada. Então, ela quase sufocou com a própria respiração.

De pé diante de um fogo perto de uma mesa de jantar pequena e quadrada, em um fino terno preto, estava a figura alta do Duque de Winter Hill. Ele estava girando um copo de licor âmbar com uma das mãos, enquanto a outra estava enfiada casualmente no bolso, como se ele não tivesse acabado de receber um espião em sua sala de estar. Seus cabelos castanhos roçavam os ombros, iluminados pela luz do fogo. Seus lábios perfeitamente formados se abriram em um sorriso diabólico, e seus olhos azul-safira estavam fixos diretamente nela.

— Por favor, sente-se, Senhorita Snow.

A porta bateu atrás ela e ela se encolheu. Eles estavam sozinhos.

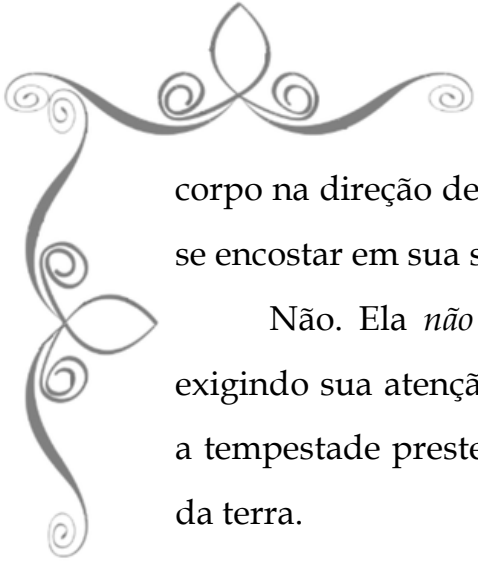
— Oh, bem, eu posso ver que você está esperando uma companhia para o jantar. Eu não quero atrasá-lo, Sua Graça. Eu vou ficar de pé.

Ele olhou para a mesa, depois se voltou para ela e riu, o som escuro enrolando sua barriga em um nó apertado. Ela não sabia o que significava esse olhar, quando ele a olhou em silêncio, mas isso a fez querer derreter no tapete e desaparecer.

— Venha. — Ele ordenou. — Sente-se comigo. — Não era um pedido.

Então, aqui estava. Ia ser um interrogatório à luz do fogo, em sua bela sala de estar. Talvez ele planejasse usar seus encantos para tirar a verdade dela. Bem. Ela estava pronta. Ela era filha de seu pai e poderia superar qualquer vampiro se ela conseguisse se controlar.

Alisando as saias, ela se sentou na poltrona de veludo azul, apertando as mãos no colo. Então o homem alto e poderoso se sentou ao lado dela, se recostou na poltrona e esticou o braço ao longo do sofá, quase roçando os dedos em seus cabelos. Apoiando firmemente os pés no chão, ele inclinou o



corpo na direção dela, escorou o copo no joelho mais distante e deixou o outro se encostar em sua saia.

Não. Ela *não* estava pronta. O homem invadiu o seu espaço pessoal, exigindo sua atenção como um trovão que chacoalhava o céu, avisando sobre a tempestade prestes cair, apenas no caso de ninguém ter percebido o tremor da terra.

Ela chegou para o lado, mas não havia mais para onde ir. E como ela não sabia o quanto Sylvia havia revelado, ela manteve a paz, esperando que ele começasse. Ela olhou para o colo, fingindo estar muito concentrada em uma ruga na saia, alisando-a repetidamente.

— Senhorita Snow. *Você* é minha convidada para o jantar.

Ela quase se engasgou com sua própria língua, olhando para ele.

— *O quê?*

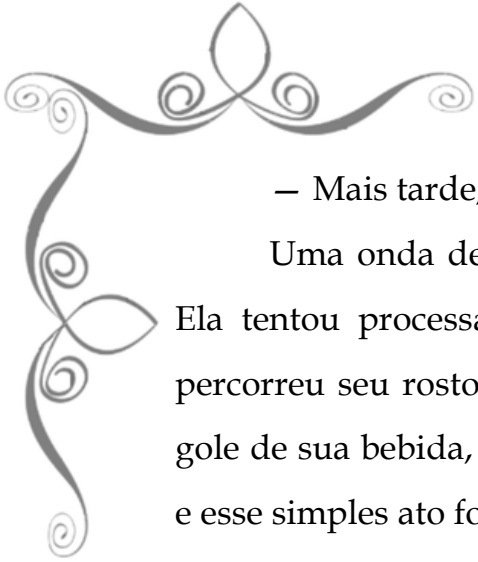
— Eu tenho que admitir, — ele acrescentou casualmente. — depois dos nossos poucos encontros na escola, eu nunca esperei encontrá-la no Pátio das Rosas de Winter Hill. Não alguém como você.

Ele ergueu o copo, com o gelo tilintando e deixou a borda encostar no lábio inferior. Brenna estava fascinada, observando sua boca sensual enquanto deslizava em um largo sorriso, mostrando os caninos afiados, então ele tomou um gole. Ele colocou o copo sobre o joelho novamente, batendo o dedo indicador com o anel de carimbo prateado, que tinha um leão estampado em ônix. Um leão de verdade. Afastando os olhos de seu olhar indecente, ela fez a pergunta que ficou nadando em seu cérebro entorpecido.

— Pátio das Rosas?

— Eu tenho algumas perguntas antes de nós... irmos em frente. É o costume.

Ir em frente? Do que ele estava falando? Sua mente embaralhou, tentando entender o que estava acontecendo, então a pergunta dele a deixou de queixo caído.



— Mais tarde, você gostaria de fazer sexo e passar a noite comigo?

Uma onda de calor subiu por seu peito e pescoço, até suas bochechas. Ela tentou processar o que ele havia acabado de perguntar. O olhar dele percorreu seu rosto e mais abaixo, pairando em seu decote. Ele tomou outro gole de sua bebida, lenta e deliberadamente, enquanto estudava sua garganta, e esse simples ato foi tão erótico que ela não conseguia respirar.

— Pe-perdão, o quê? — Sua voz aumentou uma oitava.

— Sexo. Esta noite. Depois que *ambos* jantarmos. — Ele não estava nervoso. Muito pelo contrário. Ele também poderia ter perguntado se ela queria uma xícara de chá.

O Pátio das Rosas. Ela caiu em si e percebeu a realidade à sua volta com uma clareza assustadora. Ela tinha tropeçado na seleção semanal de bleeders do Duque. De todos os momentos embaraçosos de sua vida – que eram muitos – ela tinha que escolher justamente esta noite, de todas as noites, para se perder no castelo do Duque dos vampiros.

— Posso ver que você está indecisa. — ele continuou. — Talvez eu esteja indo rápido demais.

Ele tocou novamente o cabelo dela. De propósito. Ela não se afastou e começou a recitar poemas do grande Kalphus em sua cabeça, para manter a calma.

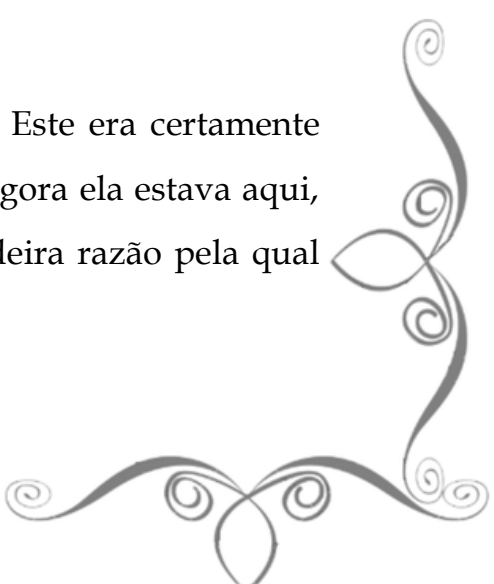
Ele se mexeu e roçou a perna no joelho dela.

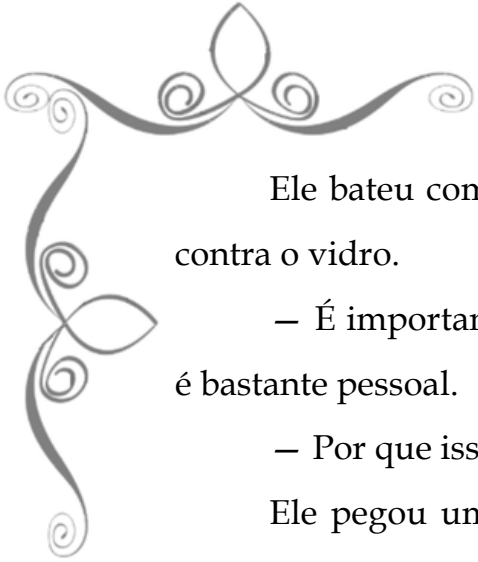
— Você é casada?

— Não. — A mentira saiu facilmente.

— Bom. Algum amante?

As mãos de Brenna estavam suando em seu colo. Este era certamente um interrogatório, mas não do tipo que ela esperava. E agora ela estava aqui, tentando descobrir como sair disso sem revelar a verdadeira razão pela qual ela esteve aqui, bisbilhotando o castelo.





Ele bateu com o anel suavemente no copo, o material prateado tilintou contra o vidro.

— É importante que você responda à pergunta, embora eu entenda que é bastante pessoal.

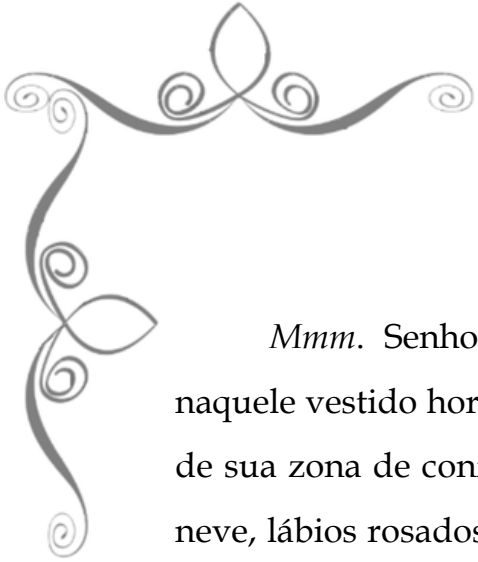
— Por que isso é importante? — Ela perguntou com a voz fraca.

Ele pegou uma mecha de cabelo e a enrolou gentilmente em torno de um dedo. A coluna de Brenna estava tão dura que ela pensou que poderia quebrar se ela se movesse um centímetro.

— Porque compartilhar seu sangue comigo é um ato íntimo. Eu só tomo bleeders que são completamente e totalmente livres. A fim de evitar complicações e confusões com amantes ciumentos, é claro.

Brenna pressionou as mãos na saia, seu coração estava acelerado, batendo como o de uma corça que estava sendo caçada. Não havia como disfarçar seu peito subindo e descendo rapidamente.

— Então, eu vou perguntar de novo, Senhorita Snow. Você tem algum amante?



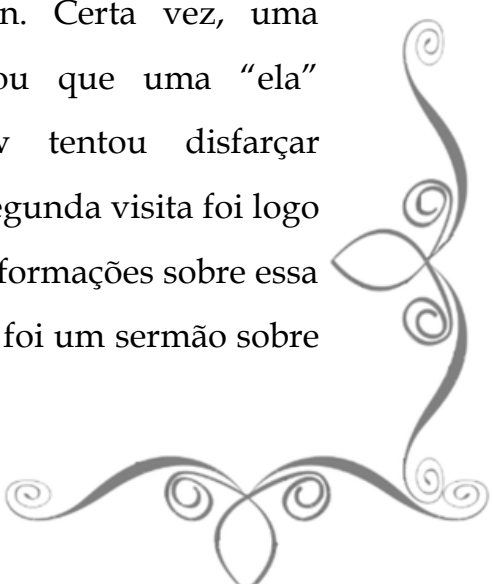
CAPÍTULO 02

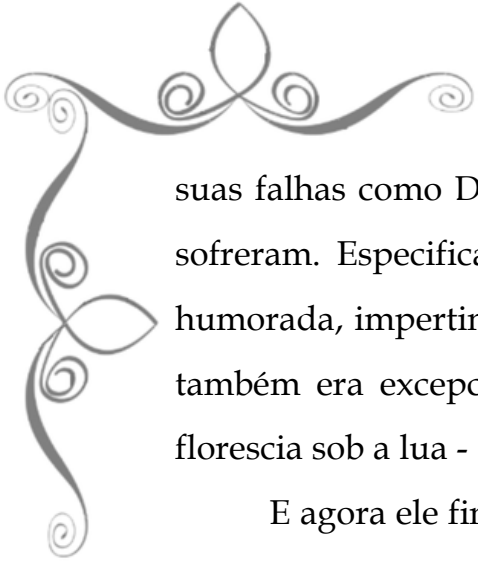
Mmm. Senhorita Snow. Ela parecia absolutamente deliciosa, mesmo naquele vestido horrível, e especialmente desde que ele a tirou completamente de sua zona de conforto. Cabelos negros como um corvo, pele branca como a neve, lábios rosados, que se abriram um pouco quando ela tentou recuperar o fôlego. Ele ansiava por se inclinar para frente e abrir a boca sobre a dela, para obter um bom e longo gosto.

Dizer que Friedrich ficou encantado ao vê-la acidentalmente tropeçar no Pátio das Rosas era um eufemismo. E agora ela parecia uma gatinha doce que tinha caído na cova dos leões, com os olhos brilhantes e assustados. Ele estava mais do que pronto para jogar.

Ele sabia por que ela tinha vindo ao castelo. Ela esteve aqui em, pelo menos, outras três ocasiões. Ele havia dito a Grant quais informações deixar escapar para a amante, Sylvia. Ele não tinha certeza do envolvimento da Senhorita Snow com o Black Lily, mas ele com certeza planejava descobrir. Com seu tio, o Rei Dominik, enviando seus próprios espiões para vigiá-lo, ele não arriscaria supor de qual lado ela estava, até que ele estivesse absolutamente certo. Se ela foi coagida por seu tio a espioná-lo - ou pior, se havia sido mordida e estava sob a influência de seu poderoso elixir de persuasão - Friedrich pretendia descobrir. Um erro de cálculo poderia significar sua própria morte.

Duas vezes ele visitou a escola em Terrington. Certa vez, uma menininha loira pintou um lírio preto e mencionou que uma “ela” desconhecida salvaria todos eles. Senhorita Snow tentou disfarçar rapidamente, culpando a imaginação fértil da garota. A segunda visita foi logo depois que ele deixou a Torre de Vidro, buscando mais informações sobre essa resistência crescente. Mas a única coisa que ele conseguiu foi um sermão sobre





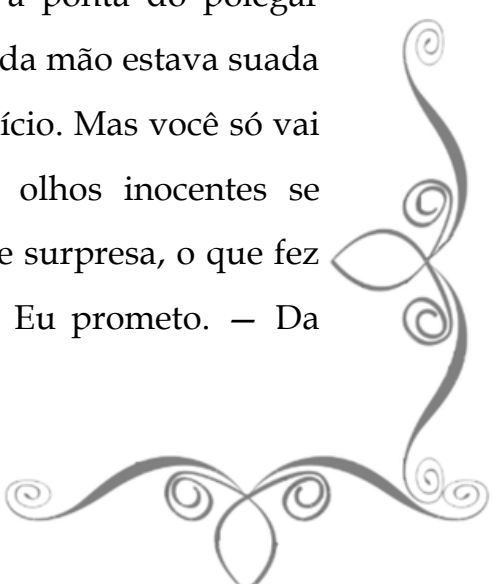
suas falhas como Duque da região, desde que as crianças foram as que mais sofreram. Especificamente, os muitos órfãos que ela ensinava. Ela era mal-humorada, impertinente e teimosa. E, tudo bem, apaixonada e inteligente. Ela também era excepcionalmente bonita. Como uma rara flor da noite que só florescia sob a lua - fria, intensa e branca.

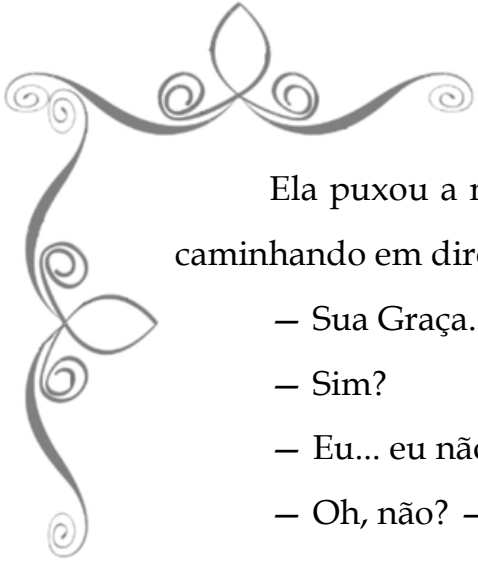
E agora ele finalmente a pegou em uma posição fora de seu controle. Ele deveria ser misericordioso e oferecer-lhe algum tipo de fuga. Ela não estava lá para se oferecer como bleeder. Mas, por quanto tempo ela manteria essa pretensão, para evitar dizer a verdade? Ela iria até o final com isso? Suas presas latejaram apenas com o pensamento. Ele estava gostando demais disso para deixá-la escapar facilmente de sua rede.

— Você está bem, senhorita Snow? — Ele entrelaçou uma mecha de cabelo sedoso ao redor de seu dedo, puxando suavemente para lembrá-la que ele estava lá. — Oh, eu entendo. — Ele segurou uma de suas mãos delicadas entre as dele, descansando-as em seu joelho enquanto acariciava seus dedos. — Peço desculpas. Esta será a sua primeira vez como bleeder, não é?

Ela tinha os mais doces e amendoados olhos castanhos. Sexy e inocente, mas também inteligente. Eles combinavam bem com ela. Sempre perspicazes e observadores. Exceto agora. Ele a tirou do sério com suas perguntas desagradáveis. Ele até poderia se sentir culpado, se não estivesse gostando tanto do som do batimento cardíaco de sua beija-flor pulsando naquela garganta esbelta e pálida.

— Não se preocupe. — ele assegurou, passando a ponta do polegar sobre os nós dos dedos novamente, notando que a palma da mão estava suada contra os dedos. — A picada é um pouco dolorosa. No início. Mas você só vai se lembrar do prazer. — Então ele sorriu, e aqueles olhos inocentes se arregalaram ainda mais, seus lábios formando um “O” de surpresa, o que fez seu pênis enrijecer em suas calças. — E eu serei gentil. Eu prometo. — Da primeira vez, de qualquer maneira.





Ela puxou a mão da dele e ficou em pé, deixando o xale cair no chão e caminhando em direção a lareira.

— Sua Graça. Há algo que eu devo dizer.

— Sim?

— Eu... eu não vim aqui para ser sua bleeder hoje à noite.

— Oh, não? — Ele tentou parecer surpreso.

— Não. — Ela se virou para encará-lo e ergueu o queixo delicado. — Essa foi a única maneira que eu pensei que poderia encontrá-lo em particular, devido a sua agenda ocupada.

— É sério? Eu certamente teria arrumado tempo para você, bastava ter pedido.

Ela estremeceu. Foi uma desculpa esfarrapada. Mas ela continuou, mesmo assim.

— Eu queria falar com você sobre... sobre as crianças.

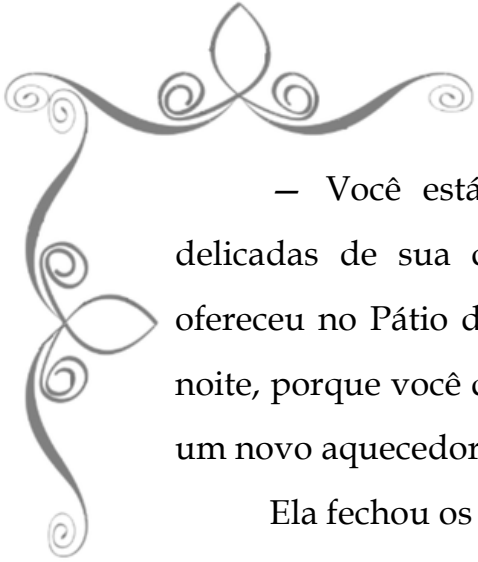
— Seus alunos? O que tem eles?

— Eles, hum... Quero dizer, isto é, nós uh... — e então ela parou de andar para lá e para cá, como se ela finalmente tivesse tido uma ideia e se virou para encará-lo com os olhos brilhantes — Nós precisamos de um aquecedor novo.

— Um aquecedor novo.

— Sim. Um aquecedor a lenha. Novo.

Ele se levantou e foi na direção dela com passos lentos, segurando o seu olhar. Apoiando um braço no suporte da lareira, ele percebeu o quanto ele era maior do que ela. Tão delicada, mas curvilínea nos lugares certos. Ele podia envolver as duas mãos em volta da cintura dela e ainda assim conseguiria encostar os dedos uns nos outros. No entanto, mesmo quando ele se elevou sobre ela, ela não recuou. Pelo contrário, ela ergueu ainda mais o queixo. *Excelente.*



— Você está me dizendo, — ele continuou, observando as linhas delicadas de sua clavícula enquanto sua respiração acelerava. — que se ofereceu no Pátio das Rosas com a esperança de que eu te escolhesse para a noite, porque você queria minha total atenção, afim de me pedir para fornecer um novo aquecedor a lenha para a escola.

Ela fechou os olhos por um segundo e depois os abriu.

— Sim. E, para ser bem sincera, precisamos de novos pisos também. Veja só, os invernos são muito frios e o antigo prédio é muito arejado. As crianças dificilmente conseguem se concentrar na leitura ou em suas contas enquanto estão congelando.

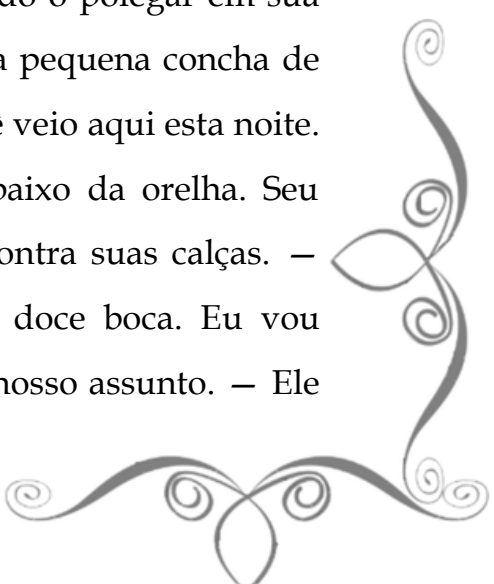
Enquanto ele pensava - a princípio - que isso era um truque, a sinceridade em sua expressão dizia que não era. Seus pensamentos vagos se direcionaram para as crianças e seu estômago se apertou com a ideia deles lutando para se aquecerem. Era responsabilidade dele manter e cuidar do bem-estar da escola da aldeia, bem como dos correios, da prefeitura e do tribunal.

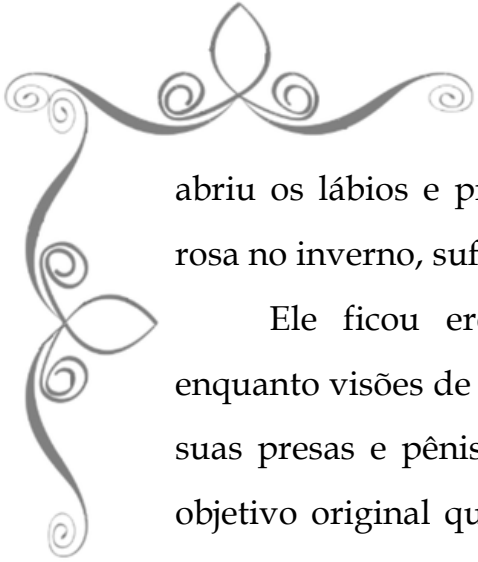
— Eu irei enviar os trabalhadores ao amanhecer. A reforma estará completa em três dias. Você vai instruir os pais das crianças a não enviá-las para a aula, até que esteja tudo pronto. Entendido?

Seus olhos já arregalados se arregalaram ainda mais. Ela assentiu.

— Ob-obrigada.

— Mas saiba de uma coisa, pequena gatinha. — Ele levantou a mão e envolveu seu pescoço delicado com os dedos, descansando o polegar em sua clavícula. Inclinando-se para perto, ele roçou os lábios na pequena concha de sua orelha. — Eu sei que esta não é a razão pela qual você veio aqui esta noite. — Incapaz de resistir, ele passou a língua no ponto abaixo da orelha. Seu suave gemido fez seu pênis pressionar dolorosamente contra suas calças. — Eu ainda vou ouvir as palavras que eu quero da sua doce boca. Eu vou conseguir muito mais antes de, finalmente, encerrarmos nosso assunto. — Ele





abriu os lábios e pressionou um beijo carinhoso em sua pele perfumada de rosa no inverno, sufocando um gemido.

Ele ficou ereto, ainda indevidamente perto, olhando para baixo, enquanto visões de seu corpo pálido e bonito se retorcendo embaixo dele, com suas presas e pênis dentro dela, ameaçavam dominá-lo. Esse não era o seu objetivo original quando a viu no pátio e decidiu brincar com a Srta. Snow. Mas, agora que ele sentiu brevemente seu gosto, ele se conhecia bem o suficiente para saber que ela não tinha chance de escapar.

– Grant!

O homem entrou em um piscar de olhos.

– Sua Graça?

Ainda segurando seu olhar chocado, ele ordenou.

– Peça a Mixon para trazer uma carruagem e acompanhe a Senhorita Snow para casa em segurança.

– Sim, Sua Graça. Senhorita Snow, por favor me acompanhe.

Ela rompeu o transe e se virou roboticamente para a porta. Antes que ela chegasse a porta, ele a deteve.

– Senhorita Snow.

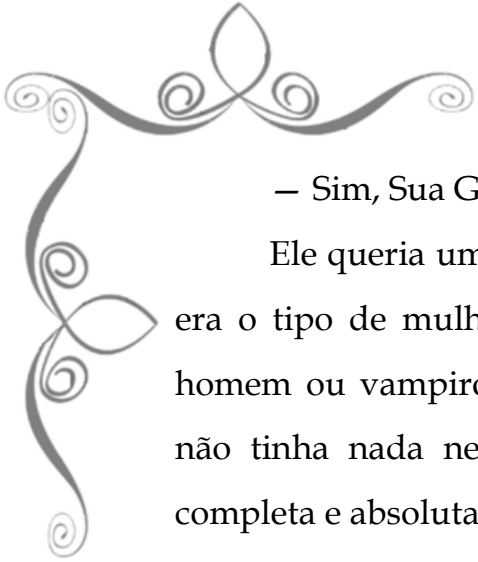
Ela congelou, mas não se virou. Erguendo o xale de onde ele tinha caído, ele se aproximou por trás dela e envolveu as extremidades em seu peito, apertando seus braços e segurando-a dentro de seu abraço por um momento, antes de abaixar a boca no ouvido dela novamente.

– Boa noite, pequena gatinha. Bons sonhos.

Ela não fez nenhum som. Tudo o que ele ouviu foi o ritmo acelerado de seu coração, confirmando que seu efeito sobre ela era mais do que ela deixava transparecer.

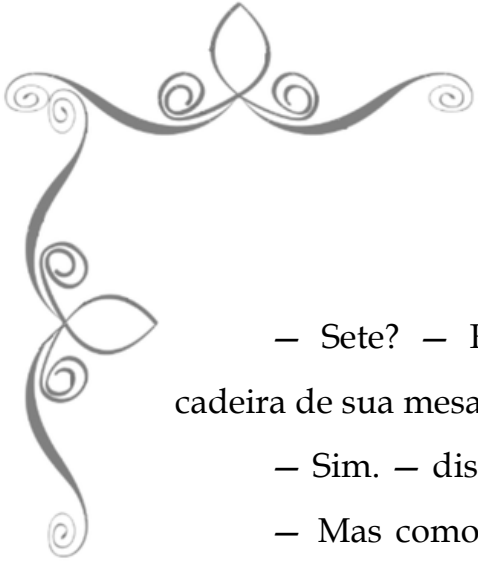
Ele a soltou e viu quando ela saiu correndo pela porta sem olhar para trás. Grant arqueou uma sobrancelha para ele. Friedrich deu uma risadinha.

– Me informe depois de deixá-la em casa.



— Sim, Sua Graça. — Então ele desapareceu atrás dela.

Ele queria um relatório completo de sua vida daqui para frente. Ela não era o tipo de mulher que se dava facilmente. Mas ela nunca conheceu um homem ou vampiro como ele. Ele sempre conseguiu o que queria. E agora, não tinha nada nesse mundo que ele quisesse mais do que a submissão completa e absoluta da adorável Senhorita Snow.



CAPÍTULO 03

— Sete? — Friedrich mal podia acreditar, conforme se recostava na cadeira de sua mesa de escritório.

— Sim. — disse Grant, com um sorriso. — Sete crianças.

— Mas como diabos isso é possível? Ela não deve ter mais de vinte e cinco anos. — Ela teria que ter começado a ter filhos quando era apenas uma adolescente. — E que tipo de homem é esse, que a sobrecarregou com sete filhos?

— Ela tem vinte e três anos. — acrescentou Grant. — E não deu à luz a nenhum deles.

Friedrich deu um sorriso divertido, percebendo o que ele havia dito. Ele queria estrangulá-lo.

— Você é um idiota do caralho. Eu estava prestes a ir caçar o homem que não conseguia manter seu pênis dentro das calças por tempo o suficiente para que ela respirasse.

Grant riu.

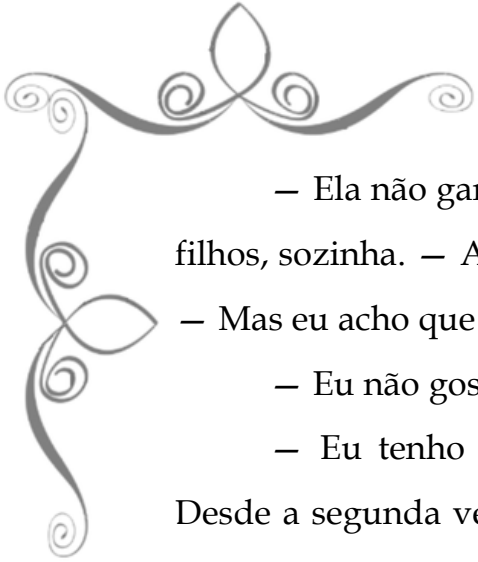
— Que mentira. O que você queria era matar o homem, mas apenas por ter chegado antes de você.

Friedrich não pôde negar isso.

— Eu acho que essas são as crianças órfãs das quais ela cuida, aquelas pelas quais ela me desprezou há cerca de um mês.

— Sim.

— Ela tem uma casa grande o suficiente para todos eles? Que tipo de salário eu pago aos professores, de qualquer maneira? — Seu gerente de propriedade, Henley, cuidava da organização e dos pagamentos de salários das empresas locais que ele apoiava como parte dos deveres de um Duque.



— Ela não ganha o suficiente para manter a casa que ela tem, com tantos filhos, sozinha. — A descontração de Grant desapareceu e ele ficou mais sério.

— Mas eu acho que sei o que ela está fazendo para conseguir mais dinheiro.

— Eu não gosto desse seu olhar. Me conte de uma vez.

— Eu tenho vigiado a casa, como você me pediu, há duas semanas. Desde a segunda vez em que ela veio até Sylvia para obter informações. Fico sempre até as dez, todas as noites. Na noite passada, quando eu estava prestes a sair, ela recebeu uma visita. — O olhar de Grant se afastou dele. Não era um bom sinal.

— Anda logo com isso.

— Era um homem. Mas não era daqui.

Uma chama de raiva se arrastou pela espinha de Friedrich. Ele sabia que era ciúme, o que só o deixou mais irritado. Uma emoção desconhecida. Ele não conseguia se lembrar da última vez em que desejou uma mulher que não pôde ter, a hora que quisesse. Na verdade, ele não tinha certeza de já ter experimentado inveja por causa de uma mulher. Nunca. *Que peculiar.*

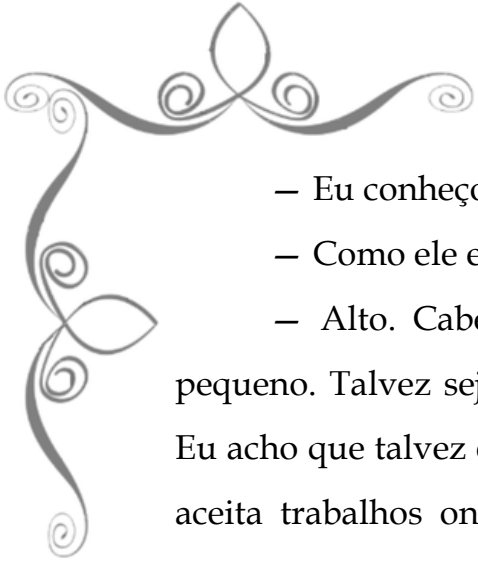
— Continue. Diga-me o que você sabe.

Grant se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Ele chegou às dez e saiu logo após à meia-noite. Ela ficou nervosa quando o levou até a porta. Ela pegou um pacote fechado, embalado para viagem, o entregou e depois se certificou de que o colarinho do casaco estava bem fechado em torno do pescoço dele. A filha mais velha ficou na porta com ela, depois ele foi embora.

Isso foi meio que um alívio. Este homem não sentia nem um pouco do que Friedrich sentia por ela, e se ele se despediu, nem sequer a beijou. Ainda assim, o fato de que outro homem estava fazendo visitas noturnas a ela, fez seu sangue ferver. Não seria bom para os planos dele, se ela estivesse em um relacionamento estável.

— Como você sabe que ele não era daqui?



– Eu conheço todo mundo em Terrington.

– Como ele era?

– Alto. Cabelo preto. Não é um sujeito grande, mas também não é pequeno. Talvez seja um trabalhador rural de algum lugar, em outra cidade. Eu acho que talvez ele a ajude com as despesas dos mais jovens. Ou ele viaja e aceita trabalhos onde consegue. Aquele pacote que ela o entregou parecia usado, e ele parecia acostumado a estar sempre em movimento.

– Em que direção ele estava indo? – Perguntou Friedrich, não gostando desse sujeito alto e sombrio.

– Ele pegou a estrada oeste. Em direção a Ferriday.

Friedrich bateu o dedo indicador na mesa.

– Então, temos uma professora que se mudou para cá há três anos, pouco depois que seu pai morreu em Korinth. Ela tem dinheiro ou alguma renda extra para manter uma casa grande o suficiente para sete crianças, que ela veste e alimenta, enquanto também mantém uma posição como nossa professora local. E ela tem um homem misterioso que a visita de vez em quando, na calada da noite.

Grant acenou firmemente com a cabeça.

– Isto resume tudo.

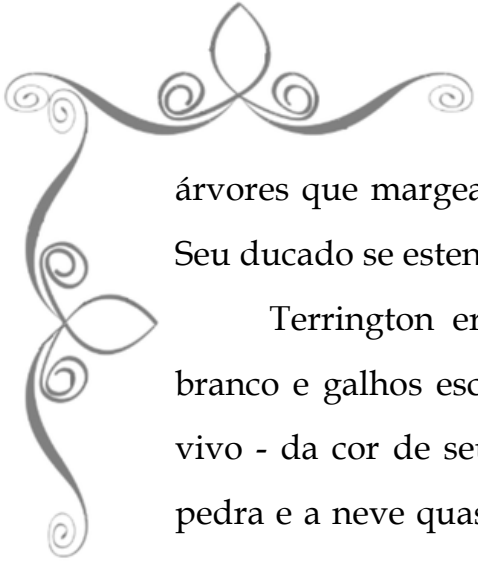
– E onde ela está agora?

Ele encolheu os ombros.

– Eu imagino que ela esteja na escola. Foi lá todos os dias desde que as reformas começaram.

– Bom. – Friedrich se levantou e começou a se mover. – Já era hora de eu ir pessoalmente verificar as reformas.

Uma vez montado em seu cavalo favorito, um garanhão de raça Arkadian chamado Ramiel, ele saiu dos portões do castelo em direção a Terrington. Uma camada limpa de neve cobria as colinas e espanava as



árvores que margeavam a estrada que levava à aldeia abaixo de Winter Hill. Seu ducado se estendia até o oeste, em Ferriday e ao leste, em Millerville.

Terrington era uma cidade bonita, com prédios de pedra caiada de branco e galhos escuros de palha, as venezianas eram pintadas de vermelho vivo - da cor de seu brasão e, é claro, do Rei Dominik - contrastando com a pedra e a neve quase constante. A esta altura do norte, haviam poucos meses sem uma camada de neve em cima da terra.

Desacelerando Ramiel enquanto ele trotava pela cidade, ele acenou com o chapéu para aqueles que transitavam aqui e ali.

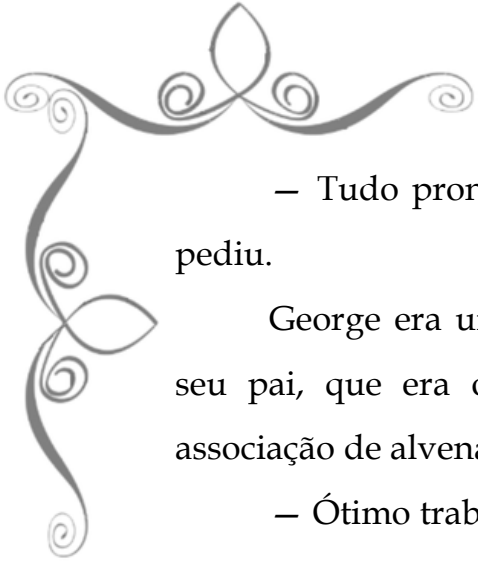
— Bom dia, Sua Graça. — acenou o almoxarife da cidade, com a ponta do chapéu. Seus cabelos brancos brilhavam na luz.

— Bom dia, Sr. Kerrigan.

Saía fumaça de todas as chaminés. As pessoas estavam sorrindo. Terrington parecia intocada pela escuridão da compulsão por sangue que Marius tinha dito que havia infectado a região ao redor do palácio imperial, a Torre de Vidro. E, no entanto, os órfãos da Srta. Snow o intrigaram. O que será que aconteceu com seus pais? Ele precisaria de muitas conversas com a adorável professora para determinar se sua região, de fato, havia sido tocada por essa doença vampírica que estava criando raízes e roubando vidas humanas inocentes. Ele passou correndo pela loja de modistas, a última da vila, conforme a estrada se ampliava e bifurcava nas residências. A escola pintada de vermelho era um farol brilhante em uma terra de campos brancos que se estendiam atrás dela. Um olmeiro completamente sem folhas estava no jardim da frente. Debaixo desta árvore, os pedreiros se reuniram para o que parecia ser a sua pausa para o almoço. O chefe dos pedreiros, George Dawson, assentiu com um sorriso ao se aproximar. Friedrich desmontou e enrolou as rédeas no poste de amarração.

— Bom dia, Sua Graça. Veio ver nosso progresso?

— Sim. Como o está indo o trabalho?



— Tudo pronto. — ele disse com orgulho. — Em três dias, como você pediu.

George era um rapaz jovem, jovem até demais para ser pedreiro, mas seu pai, que era o ex-chefe, morreu de uma febre no ano passado e a associação de alvenaria o elegeu como o mais apto para o cargo.

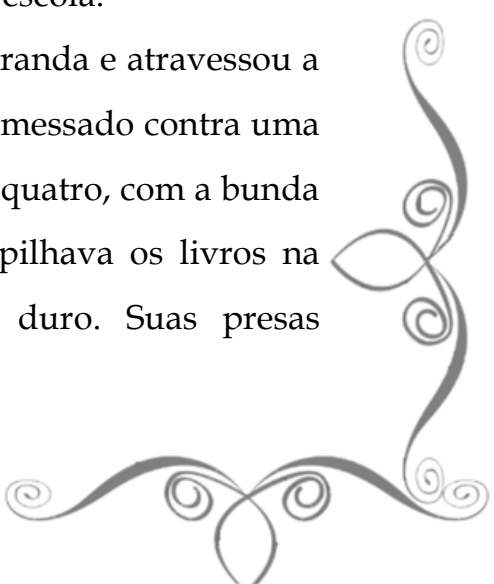
— Ótimo trabalho. E a Senhorita Snow, ela já viu os resultados?

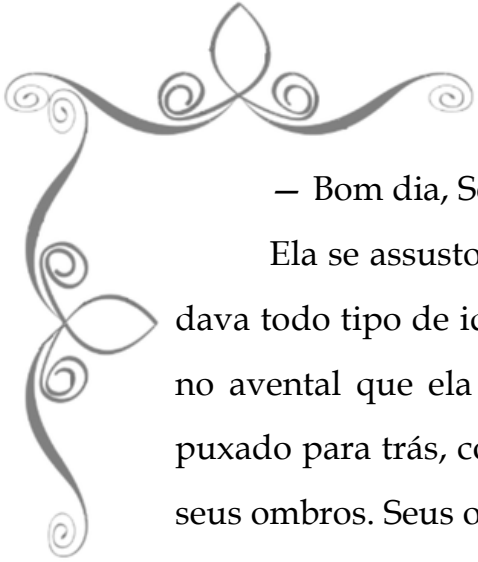
— Senhorita Snow? — Os olhos do homem se iluminaram e seu sorriso se alargou com uma risada nervosa. *Oh, não, mais um apaixonado.* — Ah, sim. Ela esteve aqui todos os dias. Ela está reorganizando os livros agora. — ele disse, dando um olhar saudosos para a escola.

— Bom dia, então. — Ele caminhou até a varanda da frente.

Parecia que a Senhorita Snow tinha outro admirador. E por que não teria? Linda não a descrevia corretamente. Adorável. Impressionante, essa era a palavra que se aproximava mais. O contraste de sua pele clara, cabelo escuro e lábios vermelhos poderia fazer um homem perder seus sentidos. Seu corpo pequeno desmentia as curvas doces que ela escondia debaixo daquele vestido cinzento horrível que ela sempre usava, cobrindo demais seus seios e não mostrando o suficiente dos quadris arredondados que ele detectou conforme ela andava e suas saias se moviam com seu balanço feminino. O que ele achava ainda mais atraente era o fato de que ela era completamente inconsciente de seu efeito sobre o sexo oposto. Ela não tinha ideia do que os homens pensavam quando colocavam os olhos nela. Mas ele tinha. Ele olhou de volta para o pedreiro, que ainda estava olhando para a escola.

Subindo os degraus de uma só vez, ele cruzou a varanda e atravessou a porta, quando de repente sentiu como se tivesse sido arremessado contra uma parede de tijolos. Lá estava ela, do outro lado da sala - de quatro, com a bunda para cima e parecendo bastante atrevida, enquanto empilhava os livros na prateleira inferior. Seu pênis ficou instantaneamente duro. Suas presas latejaram.





— Bom dia, Senhorita Snow.

Ela se assustou e olhou por cima do ombro. Agora sim, essa posição lhe dava todo tipo de ideias depravadas. Então ela ficou de pé, limpando as mãos no avental que ela usava sobre seu vestido cinza. Seu cabelo escuro estava puxado para trás, como de costume. Ele ansiava por vê-los soltos em torno de seus ombros. Seus ombros nus. Quem sabe um dia...

Quando ele se aproximou, sentiu o aumento constante de sua frequência cardíaca.

— Sua Graça. — Ela se curvou em uma reverência, suas mãos ainda torcendo seu avental. — Eu não posso agradecer o suficiente pelas reformas.

— Ela estava com uma mancha de sujeira na bochecha.

— Foi um prazer. — Ele segurou seu lindo olhar castanho por um momento antes de caminhar pelas prateleiras. — E está tudo do seu agrado? As obras da reforma têm sua aprovação? — Ele avistou o aquecedor maior que foi instalado no canto, perto da mesa dela, satisfeito por parecer aquecer bem o cômodo.

— Ah, sim. Não consigo sentir um arrepio sob meus pés. As crianças ficarão encantadas.

A alegria inundava sua voz. Um rubor bonito corou suas bochechas.

— Estou feliz que você esteja feliz. — Ele percebeu que aquilo era verdade, e não apenas uma coisa educada de se dizer.

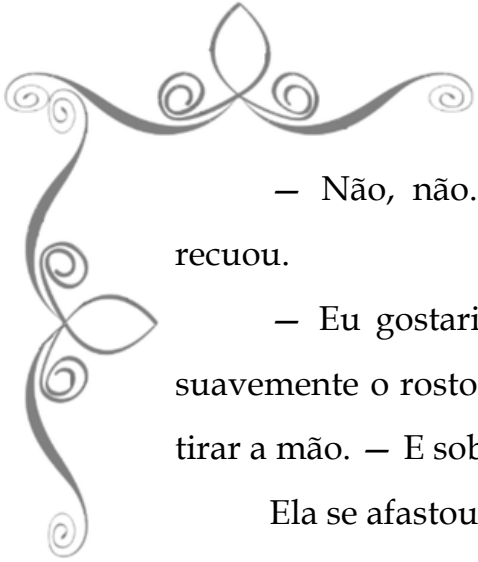
Ela limpou a garganta e alisou o avental.

— Bem, obrigado por vir até aqui e verificar tudo. Como você pode ver, as reformas são excelentes.

Ele se aproximou.

— Você está me dispensando, Senhorita Snow?

Os olhos castanhos se arregalaram. Ela manteve sua posição enquanto ele invadia seu espaço pessoal.



— Não, não. Claro que não. — Ela o viu levantar a mão, mas não recuou.

— Eu gostaria de falar mais com você sobre a escola. — Ele segurou suavemente o rosto dela e tirou a sujeira da bochecha com o polegar antes de tirar a mão. — E sobre os órfãos que você mencionou.

Ela se afastou, segurando a borda da mesa com uma mão.

— Você quer conversar mais? — Ela arqueou as sobrancelhas.

— Isso te surpreende?

Ela arqueou uma sobrancelha com curiosidade, como se estivesse examinando uma criatura desconhecida.

— É que eu presumi que um homem de sua *importância* teria coisas melhores para fazer.

Ele tinha certeza de que a ênfase na palavra “importância” tinha uma inclinação sarcástica, embora seu rosto permanecesse passivo e agradável.

— Embora possa ser uma surpresa, o bem-estar das crianças de Terrington e sua educação são *importantes* para mim.

Ela soltou a mesa e juntou lentamente as mãos em sua frente, olhando para cima enquanto tentava recordar de algo.

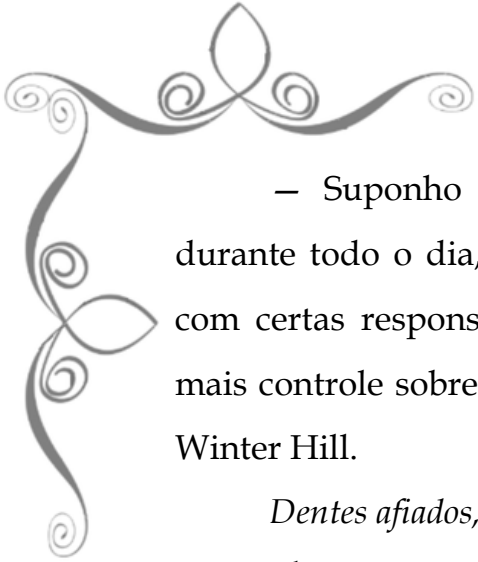
— O filósofo Grimmstone disse uma vez: O homem sábio consome seu tempo onde seu coração verdadeiramente habita. — Ela lhe lançou um sorriso desafiante.

— Ah. Ele disse, não é? — Ele tentou esconder suas presas engrossando em sua boca. Sua sagacidade só o seduziu mais. — Grimmstone também disse: Uma dama cheia de talentos esconde um tigre por baixo da pele. É melhor ter cuidado, senhores, ou vão sentir a picada dos seus dentes afiados.

Um rubor rosado corou seu decote, mas ela segurou a língua.

— Sem resposta, Senhorita Snow?

Ela arqueou uma sobrancelha fina e escura.



— Suponho que seríamos capazes de recitar filosofia um ao outro durante todo o dia, *Sua Graça*. Mas a verdade é que você é um Duque Real com certas responsabilidades. Talvez, se os humildes camponeses tivessem mais controle sobre seu próprio bem-estar, não teríamos que incomodá-lo em Winter Hill.

Dentes afiados, de fato.

Eles seguravam o olhar um do outro, sem dizer uma palavra.

O barulho de botas soou na varanda e passou pela porta.

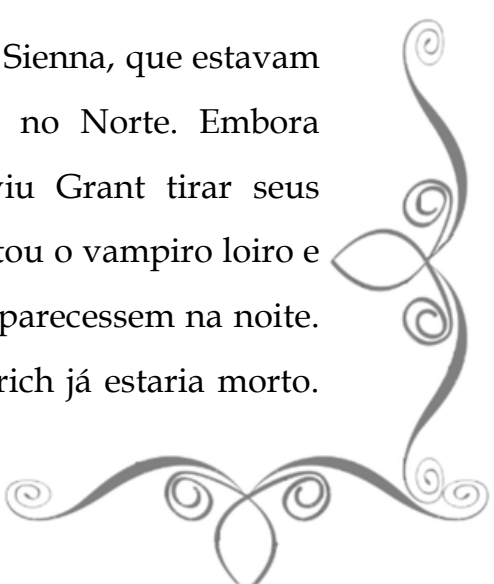
— Perdoe-me, Sua Graça. — Mikhail, o capitão da Guarda de Sangue — mercenários que Friedrich tinha contratado para substituir os Legionários que ele havia conservado para reforçar a segurança de Winter Hill — parou em atenção, acenando em uma revência curta.

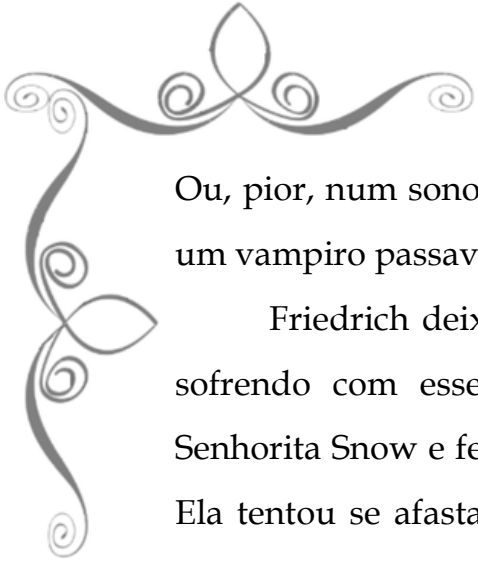
— O que é, capitão?

— Seu tio, o Rei Dominik, acabou de chegar ao castelo. — A pele pálida de Mikhail e os cabelos escuros eram ainda mais marcantes em contraste com o uniforme preto que ele usava, assim como o resto de sua guarda. — Ele solicitou sua presença. Imediatamente.

A simples menção do nome de seu tio mudou o ar na sala. Brennalyne ficou tensa, estreitando os olhos. Essa foi uma boa resposta para ele. Ele não achava que ela estivesse ligada a seu tio ou pior, a Rainha, mas ainda não tinha certeza. Depois de ter que se livrar do cavalariaço que tentou denunciá-lo ao Rei, contando a respeito de seus dois visitantes, algumas semanas atrás, Friedrich tinha que ser muito mais cuidadoso.

Ele providenciou um refúgio seguro para Nikolai e Sienna, que estavam recrutando voluntários para o exército do Black Lily, no Norte. Embora tenham tomado grandes precauções, o cavalariaço ouviu Grant tirar seus cavalos premiados de suas baias na calada da noite e avistou o vampiro loiro e a bela mulher de capuz antes que eles montassem e desaparecessem na noite. Se o cavalariaço tivesse levado a mensagem ao Rei, Friedrich já estaria morto.





Ou, pior, num sono profundo e sem sangue - uma forma de tortura pela qual um vampiro passava fome, resultando em coma.

Friedrich deixou de lado o fato de que ele conhecia alguém que estava sofrendo com esse destino agonizante por meses. Ele pegou a mão da Senhorita Snow e fez uma reverência, passando os lábios sobre os dedos dela. Ela tentou se afastar, mas ele foi mais rápido, fingindo não ter percebido as chamas de raiva que agora pintavam suas bochechas. *Ela deve odiar o rei Dominik. Bom.*

Ele sorriu. Ela não.

— Vejo você amanhã, então.

— Por que, Sua graça?

— Para falar sobre a escola. E as crianças.

— Oh. Sim. Bem, a menos que você esteja indisponível. — Ele soltou a mão dela e ela acenou no ar, na direção de Winter Hill.

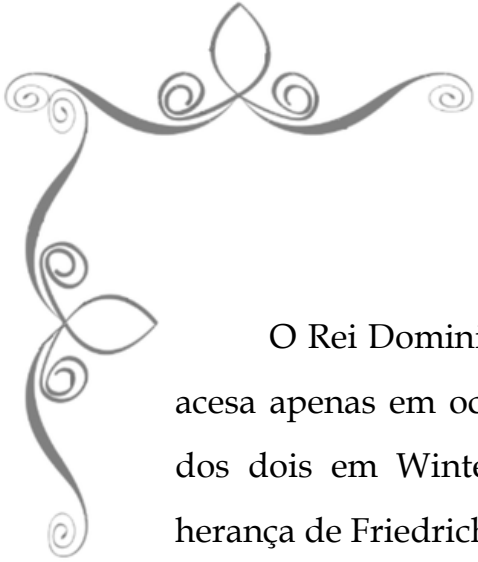
— Eu não estarei. Eu vou pedir que preparem o almoço para nós no castelo.

— Não, Sua Graça. — Ela apertou firmemente as mãos, com a voz forte e inflexível. — Eu preciso terminar de arrumar os livros na sala de aula. Nós nos encontraremos aqui.

Ele sorriu. Era um desafio.

— Até amanhã.

Ele se juntou a Mikhail e três outros homens de sua guarda que estavam esperando em cima de seus cavalos. Uma visita inesperada de Dominik não era um bom sinal. Esticando a coluna, ele se balançou na sela e galopou de volta em direção a Winter Hill.



CAPÍTULO 04

O Rei Dominik estava no grande salão, perto da enorme lareira que era acesa apenas em ocasião de festas ou bailes - embora não houvesse nenhum dos dois em Winter Hill há muito tempo. Ele ergueu a longa espada de herança de Friedrich para a luz que vinha da janela e a estudou atentamente.

Friedrich abafou o fogo ardendo em sua barriga. O Rei sempre o deixava inquieto, mas do jeito errado. Ele notou que Dominik já havia tirado a faixa de luto em volta do braço direito. Não fazia nem um mês que sua esposa faleceu.

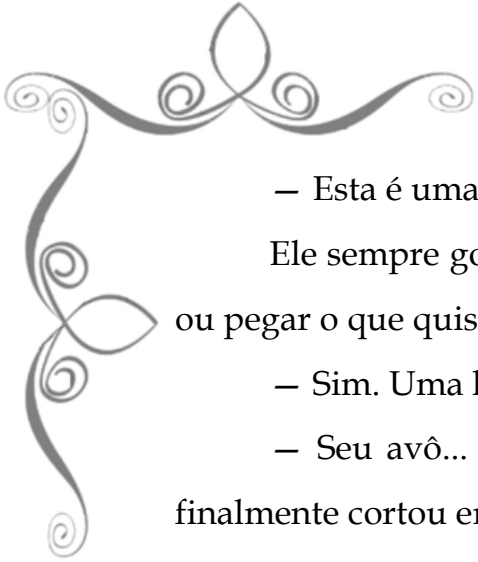
Mikhail e seu segundo em comando - seu irmão, Dmitri - o seguiram pelo corredor, parando na entrada. O Rei tinha dez soldados de sua própria guarda real, com seus uniformes alinhados vermelhos e pretos, enfileirados no canto da parede - um dragão preto, que tomava todo o espaço do peito deles estava estampado em seus uniformes. Como se o Rei pudesse intimidar ao ter o seu símbolo demoníaco de olhos vermelhos encarando seus inimigos em cada uniforme, bandeira e estandarte. Isso provavelmente funcionava com a maioria das pessoas. Mas não com Friedrich.

Ao lado da lareira estavam três vampiros de aparência grosseira, com camisas pretas de mangas vermelhas. Eles observaram o Rei com uma devoção inabalável e um olhar perturbador em suas expressões.

O barulho estridente e o riso das tropas do Rei, estacionadas em seu pátio da frente, abalavam os nervos de Friedrich. Ele atravessou o chão de mármore cinza, suas botas ecoando no teto alto, seus passos soando quase tão irritados quanto ele realmente estava.

— Sua Majestade. — Felizmente, Friedrich era um bom ator e um bom mentiroso. Nenhum vestígio de sua ira vazou em sua voz.

Só quando ele estava finalmente atrás dele, o Rei girou, com o olhar ainda preso na espada brilhante.



— Esta é uma arma magnífica, sobrinho.

Ele sempre gostou de lembrar a Friedrich que ele era o Rei e podia tocar ou pegar o que quisesse.

— Sim. Uma herança de família. Do meu avô.

— Seu avô... um grande homem. — O olhar de gelo azul de Dominik finalmente cortou em sua direção.

Grande? De jeito nenhum. Mas o homem astuto e venenoso que estava diante dele poderia pensar assim, já que eles compartilhavam da mesma mente.

— De fato. — Ele mudou de assunto. — Lamento por sua perda, Sua Majestade. Vamos sentir falta da Lana. Ela era uma boa mulher.

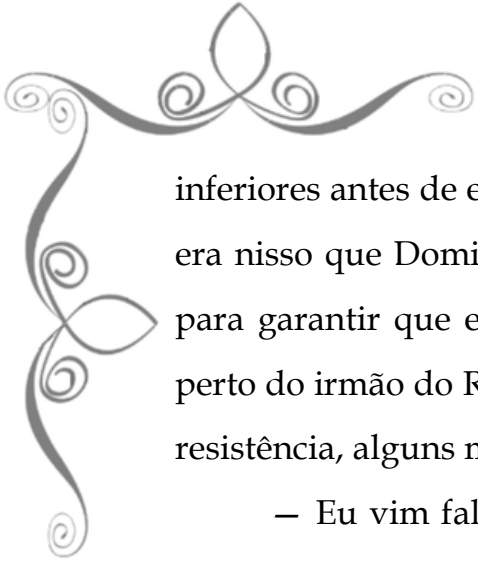
— Mmm. Mas não era forte. — ele acrescentou, sem um tremor de emoção por sua esposa recém-morta. Ela morreu junto com o filho natimorto, deixando o Rei com apenas uma filha frágil como herdeira. Talvez fosse por isso que ele estava com essa expressão inquieta.

Seu tio era um homem grande, igual a Friedrich em altura, com a força lânguida de um leão da montanha, pronto para atacar. Desde que Friedrich finalmente se tornou um homem e pôde olhar para ele diretamente nos olhos, ele sentiu a sutil animosidade do Rei em relação a ele. Friedrich não o adorava ou se curvava a seus pés, como outros costumavam fazer.

— Como posso ser útil a você, tio? — O homem nunca fazia visitas de cortesia.

Dominik colocou a ponta da espada no chão de pedra com um tilintar de leve, segurando casualmente o topo do punho. O fato de ele não ter devolvido a espada ao seu lugar na parede enviou um arrepio pela espinha de Friedrich.

O Rei inalou profundamente, estufando o peito. O homem era maior e mais largo do que a maioria dos vampiros da linhagem Varis. Uma reviravolta cruel do destino, pois ele tinha prazer em intimidar e brincar com seus



inferiores antes de esmagá-los. Felizmente, Friedrich era seu sobrinho leal. Ou, era nisso que Dominik acreditava. Friedrich passou por grandes dificuldades para garantir que ele continuasse a acreditar nisso, mesmo que ele estivesse perto do irmão do Rei, Marius, que havia traído a coroa ao fugir com a líder da resistência, alguns meses antes.

— Eu vim falar do Black Lily. — disse o Rei, sua voz soando irritada e sombria, como se ele estivesse adivinhando os pensamentos de Friedrich.

— Oh? Como assim?

— Você soube de alguma agitação em Terrington?

— O quê, aqui? Não. Pelo menos, não que eu saiba. — Quando o Rei olhou para ele com um olhar duvidoso, ele continuou. — Um dos meus servos admitiu ter ouvido falar sobre este Black Lily concentrado ao redor da Torre de Vidro. Mas isso é tudo. Nenhum dos meus funcionários está envolvido.

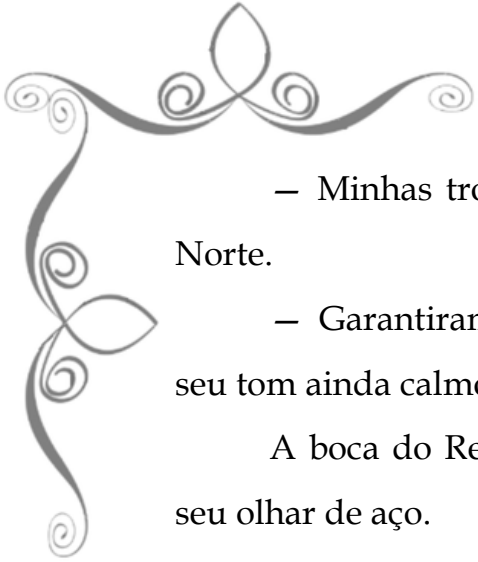
Friedrich foi convincente e se parabenizou pelo excelente mentiroso que ele era. Seu próprio pulso permaneceu firme e calmo enquanto o Rei o examinava com o olhar glacial que fazia com que os homens menores mijassem nas calças.

Parecendo chegar a uma conclusão, ele abanou uma mão em direção a seu tenente dos Legionários.

— Kostya. — ele gritou.

Os três vampiros perto da lareira se encolheram ao ouvir o nome do tenente. Friedrich tentou descobrir quem eram estes homens, mas algo lhe dizia que ele logo descobriria. Ele conhecia seu tio muito bem. Ele não fazia nada sem propósito. Exibir esses homens em sua reunião, que estavam sem os uniformes dos Legionários, mas usavam as cores do seu tio, era um movimento proposital.

Kostya, uma cobra em forma de homem, avançou bruscamente e colocou um folheto na mão livre do Rei. A outra ainda estava apoiada no punho da espada, como se fosse sua bengala.



— Minhas tropas garantiram que esses rumores chegassem ao fim, no Norte.

— Garantiram? — Friedrich colocou uma mão casualmente no bolso, seu tom ainda calmo, como se eles estivessem discutindo sobre o tempo.

A boca do Rei deslizou em um sorriso, mas havia apenas maldade em seu olhar de aço.

— Eu tenho meus meios.

— O que é isso, então? — Ele acenou com a cabeça em direção ao pergaminho cheio de trincas na mão dele, franzindo a testa, como se nunca tivesse visto um daqueles antes.

— Leia. — O Rei o entregou o folheto.

Abrindo-o, ele tentou ignorar as manchas vermelho-escuras no canto e se concentrou no decreto profissionalmente impresso em letras miúdas e redondas:

O coração do Norte ainda bate.

Enquanto a Coroa exige submissão, obediência e sangue,

Esmagando-nos sob seu poderoso jugo,

Sua queda será através da soberania que eles exercem sem pensar.

Sem cuidado.

Sejam corajosos, meus amigos do Norte. Sejam fortes.

Tenham coragem e saibam que vocês não estão sozinhos.

Nós somos muitos e crescemos a cada dia.

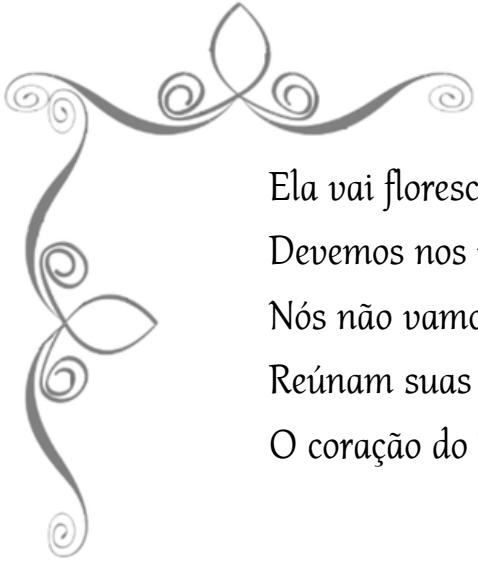
Escondidos à vista, nós nos elevaremos quando chegar a hora e combateremos o bom combate.

Vamos ganhar? Isso é incerto.

Podemos ganhar? Sem dúvida alguma.

Não se desanime se o Black Lily parecer silencioso.

É como a flor entorpecida no Sul, esperando e observando.



Ela vai florescer de novo.

Devemos nos reunir no Norte e estar preparados.

Nós não vamos mais suportar a escravidão, meus amigos.

Reúnam suas forças. Nosso tempo se aproxima.

O coração do Norte ainda bate.

- *A serviço do povo, White Lily.*¹

Friedrich releu o texto antes de perguntar.

— White Lily? — Ele riu de maneira brincalhona. — Temos uma segunda resistência?

Este era o terceiro folheto desse tipo que ele lia, desde o mês passado, mas ele manteve a curiosidade plantada em seu rosto enquanto aguardava a resposta do Rei.

— Não. — O Rei Dominik se inclinou em direção à janela, balançando a lâmina da espada, apoiando-a contra seu ombro. Friedrich o seguiu. — Parece que esta é simplesmente uma facção do grupo original, operando isoladamente.

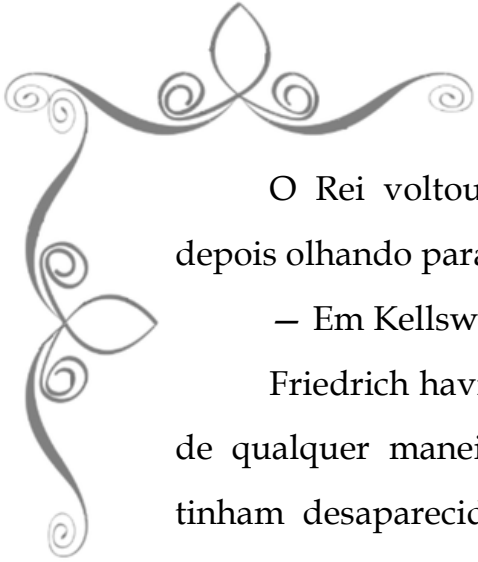
— Como você sabe? — Ele estudou suas feições, enquanto se juntava ao lado dele na janela.

— Estes folhetos não foram encontrados em nenhum outro lugar do sul. Apenas nos territórios do Norte. E, uma vez que o decreto ecoado é direcionado ao Norte, está obviamente enraizado aqui. — Ele voltou seu olhar mordaz para Friedrich, com a voz baixa e ameaçadora. — No *meu* reino.

Friedrich não descartou o brilho sinistro daquele olhar. O Rei pretendia encontrar o culpado e fazê-lo pagar da maneira mais aterrorizante possível. Ele precisava encontrar este tolo antes que seu tio o fizesse.

— E onde foi que você encontrou este folheto?

¹ Lírio Branco.



O Rei voltou o olhar pela janela, observando suas tropas no pátio, depois olhando para Terrington à distância.

— Em Kellswater.

Friedrich havia se preparado para essa resposta, mas seu pulso acelerou de qualquer maneira. Kellswater era uma das aldeias onde os habitantes tinham desaparecido. Foi Nikolai - o ex-tenente de seu primo, que agora trabalhava com o Black Lily - que lhe enviou uma carta breve, mas informativa, explicando que a Rainha Morgrid e seu filho, o Rei Dominik, foram os responsáveis pelo desaparecimento em massa. Nikolai viu Kellswater sendo esvaziada pelos Legionários, todos mortos ou feitos prisioneiros, depois levados para algum local desconhecido. Encontrar o lugar para onde todos eles foram levados tornou-se a missão número um de Friedrich. Até agora, ele não teve sorte.

O Rei voltou os olhos para ele.

— Algo te deixou nervoso, sobrinho?

— Não. — Ele retribuiu o olhar de seu tio com confiança. Inabalável. — Acabei de ouvir rumores de que as pessoas de Kellswater desapareceram. O meu ducado tem pouco contato com o povoado ao extremo sul, mas me pergunto se eu não deveria mais esperar meu dízimo deles.

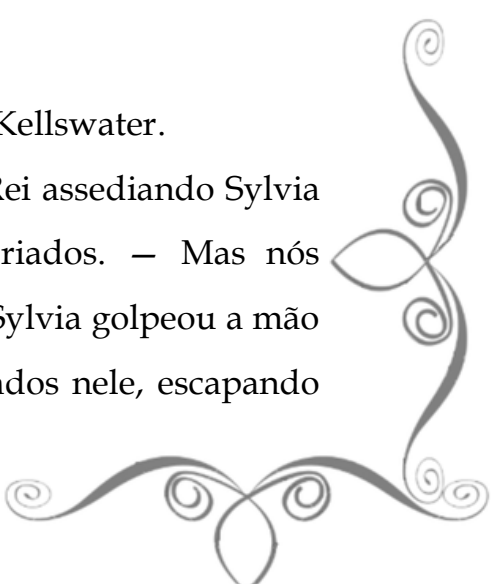
Gelo e aço o examinaram cuidadosamente. O maxilar quadrado do Rei ficou tenso e sua boca se abriu em um meio sorriso.

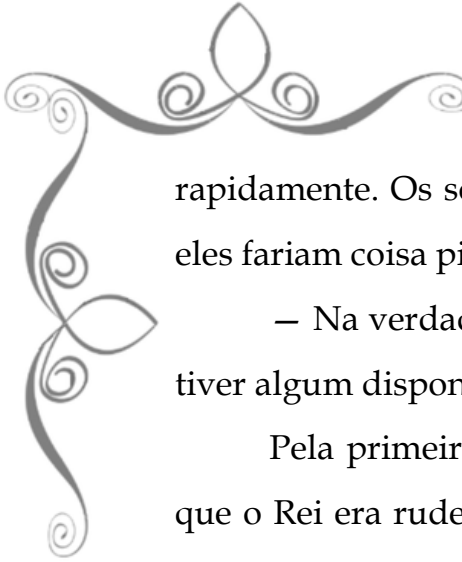
— Vou pagar os dízimos referente a eles. Você não precisa se preocupar com Kellswater.

— Então, você sabe o que aconteceu com eles?

— Eu disse que você não precisa se preocupar com Kellswater.

— Entendo. — Friedrich viu dois dos homens do Rei assediando Sylvia enquanto ela tentava passar por eles, no pátio dos criados. — Mas nós precisamos ficar atentos em relação a esse White Lily. — Sylvia golpeou a mão do soldado segurando sua saia e bateu o portão dos criados nele, escapando





rapidamente. Os soldados apenas riram. Graças às estrelas. Ele imaginou que eles fariam coisa pior.

— Na verdade, — concordou o Rei. — eu preciso de um bleeder, se você tiver algum disponível.

Pela primeira vez, Friedrich perdeu a compostura, sabendo muito bem que o Rei era rude com seus bleeders, isso se ele estivesse em um bom dia. E toda essa conversa a respeito do Black Lily provavelmente mexeu com seu sangue.

— Eu não tenho, tio. Eu não mantenho bleeders aqui. Eu escolho uma nova a cada semana.

Ele arqueou suas sobrancelhas escuras.

— Você ainda não instituiu um Harém de Sangue?

— Não. Nunca farei isso.

— Mas você é um Duque.

Ele soltou um suspiro exasperado.

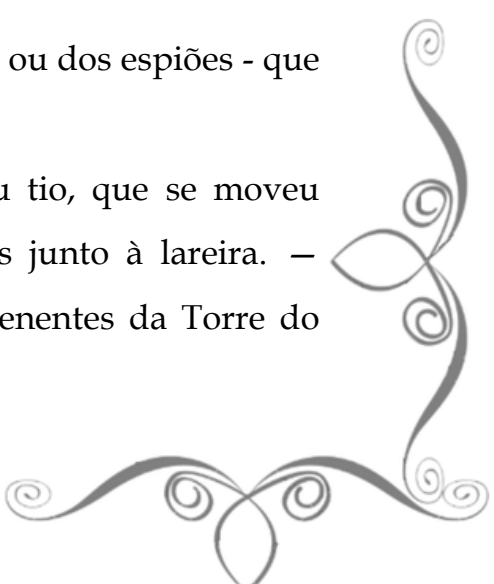
— Mesmo assim, eu prefiro escolher de novo, a cada semana. — Ele não pretendia explicar ao Rei que achava tal prática desagradável, pois o Harém de Sangue de seu pai era a causa de sua memória mais sombria. Uma que ainda o assombrava.

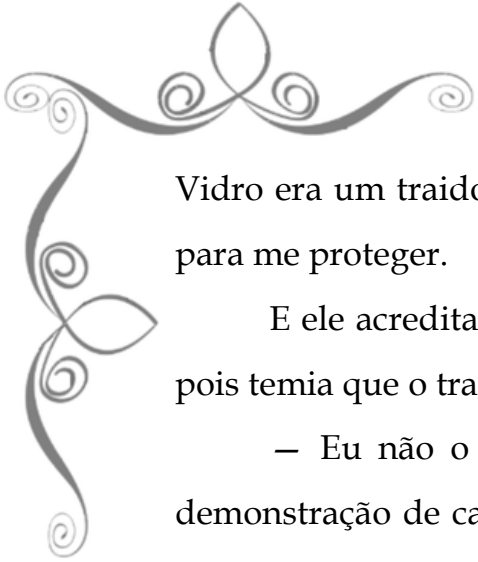
O Rei zombou e se afastou da janela.

— Isso deve ser cansativo. — Ele viu os homens de Friedrich na porta.
— Você parece ter muitas práticas não convencionais, Friedrich. Ouvi dizer que você dispensou seus Legionários.

Claro que ele tinha ouvido. Diretamente do espião - ou dos espiões - que ele plantou nas tropas de Friedrich.

— Eu dispensei. — Ele caminhou ao lado de seu tio, que se moveu alguns passos e depois parou diante dos três vampiros junto à lareira. — Depois que Marius partiu, e descobriu-se que um dos tenentes da Torre do





Vidro era um traidor, achei que era melhor selecionar meus próprios homens para me proteger.

E ele acreditava mesmo que era melhor escolher seus próprios homens, pois temia que o traíssem à coroa e ao homem caminhando ao seu lado.

— Eu não o culpo. — Ele bateu uma mão em seu ombro, uma rara demonstração de carinho, embora Friedrich tenha notado que a lâmina ainda estava em sua mão. — A traição do meu irmão feriu a todos nós. — Mais uma vez, uma ameaça mortal atropelou suas palavras. — Mas nós acabaremos com esta resistência em breve.

— Espero que sim. — ele mentiu.

Dominik finalmente se voltou para os três homens que não estavam trajando uniformes dos Legionários. Friedrich ainda não havia mordido a isca e perguntado. Fazer isso era como se render ao seu tio.

Dominik acenou com a cabeça em direção a eles.

— Estes são três dos meus caçadores, sobrinho.

— Caçadores?

— Sim. Uma raça especial que a Rainha - minha mãe - e eu inventamos.

Incapaz de suportar isso, ele teve que perguntar.

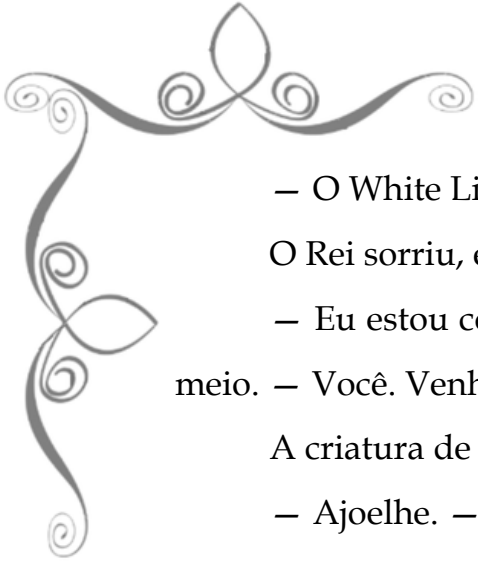
— Como assim?

Dominik abaixou a voz, mas qualquer vampiro na sala tinha sentidos elevados o bastante para ouvi-lo.

— Ela injeta a compulsão por sangue neles, e então eu entro em ação e lhes dou meu elixir.

Levou todo seu autocontrole para mascarar suas emoções e não reagir. O elixir de Dominik tinha o poder da persuasão, do tipo mais brutal. Qualquer um que o desobedecesse, sendo seu escravo, experimentava uma dor esmagadora.

— E quem você está caçando, tio? — Uma sensação ácida se agitou em seu estômago.



— O White Lily, é claro.

O Rei sorriu, expondo suas presas estendidas e afiadas.

— Eu estou com muita sede. — Ele apontou a lâmina para o caçador no meio. — Você. Venha aqui.

A criatura de olhos arregalados obedeceu imediatamente.

— Ajoelhe. — comandou Dominik.

O vampiro caiu de joelhos, com a cabeça inclinada.

— Me dê seu braço.

Ele o levantou.

Dominik agarrou o pulso do homem e o torceu, veias para cima.

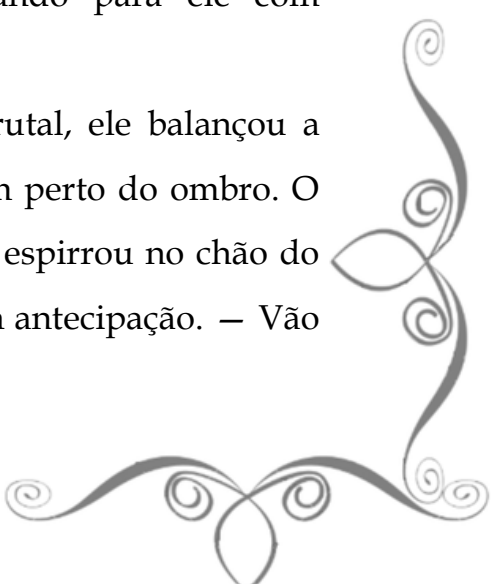
— Nós conseguimos esses três de um navio no porto de Hiddleston. Não sei por que o sangue dos marinheiros é tão bom. — ele observou, rindo, lançando a Friedrich um olhar diabólico. — Deve ser o sal do mar. — Então ele abriu a boca, com os caninos longos e salientes, e mordeu o pulso do homem. A vítima do Rei gemeu de dor enquanto Dominik sugava goles altos e longos. Friedrich não ousou desviar os olhos, era um sinal de fraqueza para seu tio.

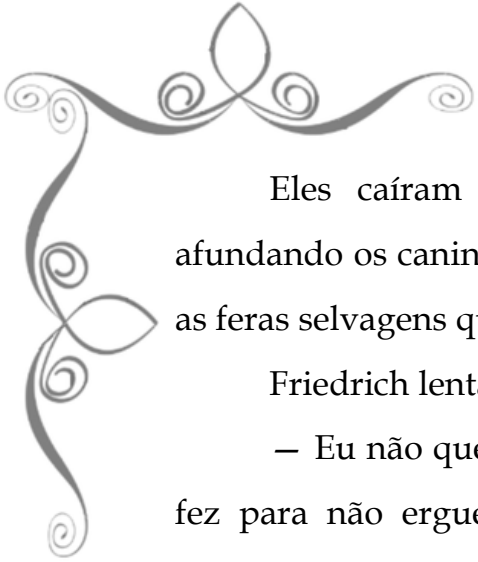
Dominik se afastou com um silvo, o pulso sangrento do homem ainda preso em sua mão. O Rei riu maliciosamente.

— Olhe para eles. — Ele acenou com a cabeça para o outro dois vampiros cujos olhos haviam ficado pretos e vagos, suas bocas abertas e salivando com o cheiro forte e angustiante do sangue. — Vocês querem um gosto de seu irmão do mar?

Os dois vampiros assentiram em silêncio, olhando para ele com admiração nos olhos negros.

— Tudo bem. — Em um movimento rápido e brutal, ele balançou a lâmina da espada para baixo e cortou o braço do homem perto do ombro. O vampiro de joelhos chorou em agonia, quando o sangue espirrou no chão do salão de baile. Os dois caçadores ficaram ali tremendo em antecipação. — Vão em frente. Peguem o que quiserem.





Eles caíram sobre seu companheiro com uma rapidez selvagem, afundando os caninos em seu pescoço e ombros, rosnando e grunhindo, como as feras selvagens que eles eram.

Friedrich lentamente dirigiu um olhar gelado para seu tio.

— Eu não quero essa porra de bagunça na minha casa. *Tio.* — Como ele fez para não erguer o braço e ouvir o satisfatório som de seu punho se conectando com a mandíbula de seu tio, ele não tinha ideia.

O Rei sorriu largamente, seus lábios manchados com o sangue do homem morrendo no chão. Com as duas mãos, o Rei pressionou a parte plana da espada ensanguentada, herança de família de Friedrich, no peito.

— Não se preocupe, meu filho. — Ele se virou para a porta e ladrou por cima do ombro. — Kostya! Faça esses dois limparem essa bagunça. — Ele continuou andando, graças as estrelas, mas se virou na entrada. — Estou voltando para o meu castelo por um tempo. Mas, sua presença vai ser requisitada para um baile, nas próximas semanas.

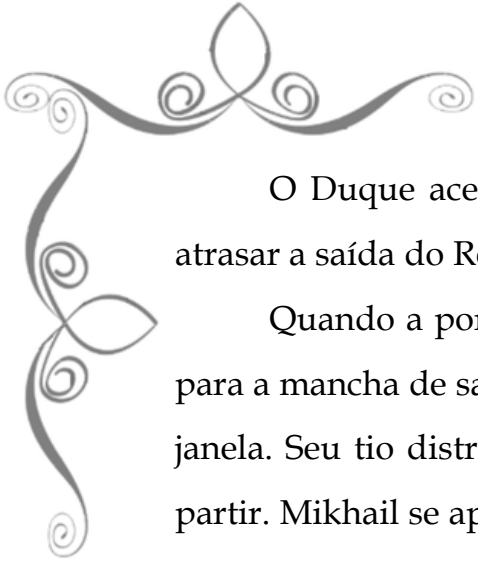
— Uma ocasião especial? — Friedrich ignorou o som dos dois caçadores selvagens sendo arrancados de sua presa.

— A Rainha insiste. Ela vai fazer um anúncio especial. E minha mãe nunca faz nada sem uma celebração real e uma plateia. Até breve, sobrinho.

Seus homens marcharam em duas linhas paralelas atrás dele, os dois últimos arrastando os caçadores ensanguentados pelo colarinho. Kostya parou na frente de Friedrich com o cadáver jogado sobre um ombro e o braço cortado sobre o outro.

— Você pode querer chamar uma empregada para limpar o resto disso antes que manche, Sua Graça.

Friedrich reprimiu uma série de blasfêmias enquanto eles desciam a curta escadaria até a porta da frente, onde seu mordomo, Holloman, a mantinha aberta.



O Duque acenou em solidariedade ao seu leal servo. Ninguém queria atrasar a saída do Rei.

Quando a porta se fechou, Friedrich voltou para o salão de baile, olhou para a mancha de sangue escura diante da lareira e continuou a caminhar até a janela. Seu tio distribuiu ordens às tropas enquanto eles se preparavam para partir. Mikhail se aproximou ao lado dele e também observou pela janela, uma raiva fria fervia em volta do capitão, que era tipicamente controlado.

— Capitão, eu não sei o que lhe foi dito sobre meu tio, mas vamos nos abster de discutir sua... exibição extravagante, por agora.

— O Rei Dominik tem uma reputação que o precede. — Foi uma observação um tanto mordaz, embora sua voz tenha permanecido uniforme e estável.

— Eu imagino que sim.

— Há muito pouco que se possa dizer sobre ele, Sua Graça. Só isso. O Rei não confia em você.

Descendo as escadas, Dominik compartilhou algumas palavras íntimas com seu tenente, que tinha pendurado o cadáver do caçador na parte de trás do carrinho da armaduras, então ambos montaram seus cavalos.

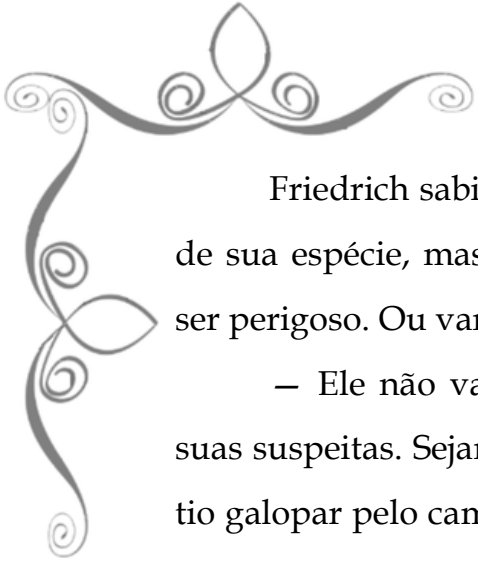
— Eu sei.

— Eu não tenho certeza disso, acho que você realmente não sabe. — acrescentou Mikhail.

Curioso, Friedrich tirou sua atenção da janela e focou em seu capitão da guarda.

— O que você quer dizer?

— Eu... — Ele fez uma pausa, hesitante em confessar o que ele estava planejando dizer. — Eu tenho pressentimentos... intuições em relação à essas coisas. Posso te dizer que não é simplesmente desconfiança. Ele já pensa em você como um traidor.



Friedrich sabia que existiam vampiros que tinham dons além do normal de sua espécie, mas não sabia que ele havia empregado um deles. Isso pode ser perigoso. Ou vantajoso.

— Ele não vai conseguir encontrar nenhuma evidência para respaldar suas suspeitas. Sejam elas quais forem. — Ele observou a figura escura do seu tio galopar pelo caminho de Winter Hill, suas tropas em seu rastro, a bandeira vermelha com a insígnia do dragão preto chicoteando ao vento.

— Pode até ser. — acrescentou Mikhail. — Mas eu imploro que você tome precauções extras no futuro.

Friedrich estremeceu. Ele sabia do seu envolvimento com o Black Lily?

— Você está me ameaçando?

Mikhail olhou para o chão e recuou um passo.

— Não, Sua Graça. Eu sou seu Capitão. É meu dever protegê-lo a todo o custo. Eu só quero que você entenda que o Rei tem planos de encontrar a verdade. Por bem ou por mal.

— Você conseguiu descobrir tudo isso com seu dom de intuição? — A voz de Friedrich estava suave, mas seus pensamentos estavam sombrios. Mikhail poderia traí-lo e entregá-lo ao Rei e essa seria toda a prova de que ele precisava.

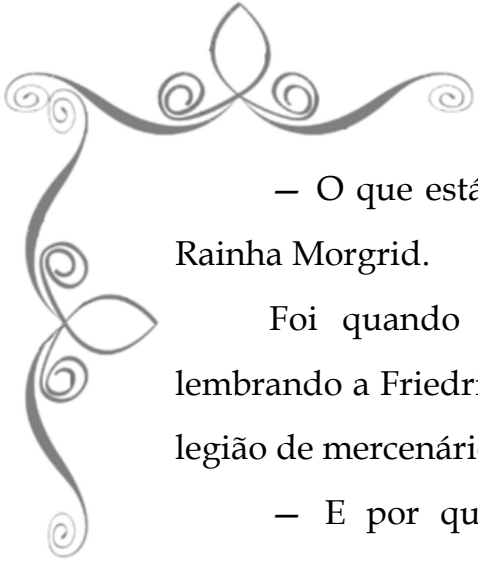
— Sim. Eu consigo perceber muitas coisas com a minha... intuição.

Bem, maldito seja.

— E quais são seus planos, Mikhail? — Seu tom endureceu. — Você quer mais dinheiro?

— Não, Sua Graça. Você não entendeu. Eu estou lhe dizendo isso... para que você possa confiar em mim. — Ele segurou seu olhar com uma confiança inabalável. — Eu estou do *seu* lado.

— Você está, não é? — Ele manteve suas relações tão secretas quanto pôde, longe dos olhos de sua guarda. Bem, de todos, exceto Grant. Mas, ao que parece, ele não enganou seu capitão. — E qual lado seria esse, exatamente?



— O que está contra o Rei. — Seu maxilar ficou tenso de raiva. — E a Rainha Morgrid.

Foi quando a aparência geralmente calma do capitão endureceu, lembrando a Friedrich o porquê de a Guarda de Sangue ser conhecida como a legião de mercenários mais letal do país.

— E por que você diria coisas tão desleais? — Ele tinha que ser cauteloso.

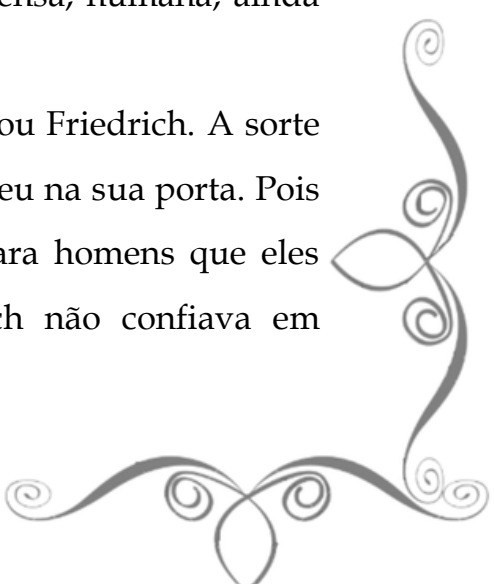
— Porque são reais. — Ele direcionou o olhar letal para fora da janela, em direção ao Rei desaparecendo na distância. — Minha mãe era de Kellswater.

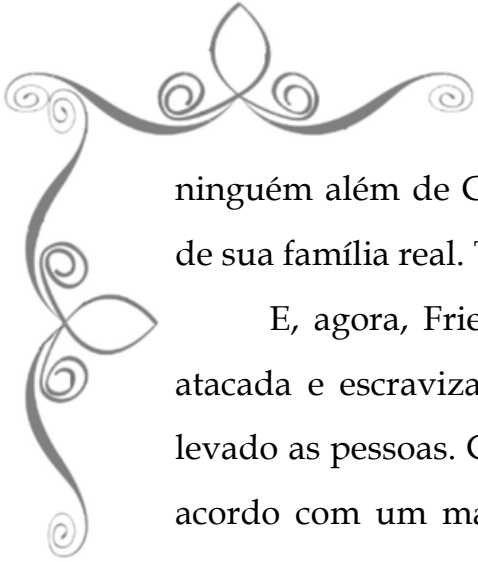
A revelação inundou Friedrich imediatamente. Quando ele contratou esse homem e seu bando de quarenta homens que trabalhavam como guardas independentes para um nobre em Korinth, o último empregador de Mikhail lhe disse que ele era meio-sangue. Seu pai havia sido um Legionário respeitado pelo Rei Stephanus, no Leste. Foi por isso que ele foi altamente recomendado. Sua mãe era uma humana do Norte.

— Eu entendo. — Os vampiros só podem nascer de dois vampiros, então sua mãe deve ter sido transformada antes do nascimento de Mikhail. — Você disse que sua mãe era humana?

— Sim. — ele respondeu rapidamente. — Ela conheceu e se apaixonou por meu pai quando sua família se mudou de Kellswater para Korinth. O Rei Stephanus a transformou em vampira como um presente, pela dedicação e lealdade de meu pai. Mas nós tínhamos uma família extensa, humana, ainda vivendo em Kellswater. Até recentemente.

O tom mortal da voz de Mikhail realmente confortou Friedrich. A sorte sorriu para ele no dia em que a Guarda de Sangue apareceu na sua porta. Pois eles não trabalhavam para qualquer homem. Apenas para homens que eles respeitassem. E confiassem. A ironia era que Friedrich não confiava em





ninguém além de Grant, já que ele essencialmente se transformou no traidor de sua família real. Todos, exceto Marius.

E, agora, Friedrich sabia que a mãe de Mikhail era da cidade que foi atacada e escravizada pelo Rei. Só que ninguém sabia para onde ele havia levado as pessoas. Centenas, até milhares de pessoas haviam desaparecido, de acordo com um mapa que ele tinha, onde marcava as aldeias que estavam desaparecendo de uma vez.

— Eu também notei, Sua Graça, que você geralmente se refere ao seu tio, Marius, como seu primo.

Ainda desconfiado, Friedrich franziu a testa.

— E daí?

— Isso implica que você tem um relacionamento íntimo com o Príncipe Marius. Ambos sendo da mesma idade, é bastante normal chamá-lo de primo, quando ele é, na verdade, seu tio. Igual ao Rei Dominik.

Com um aceno rápido de cabeça, ele respondeu.

— *Ele não é igual ao Rei Dominik.*

— Eu esperava que não fosse. — ele acrescentou, com seus olhos afiados - um azul e um verde, cintilando com um brilho sobrenatural. — Eu também estava esperando que o seu relacionamento com seu tio exilado, Marius, ainda pudesse estar intacto.

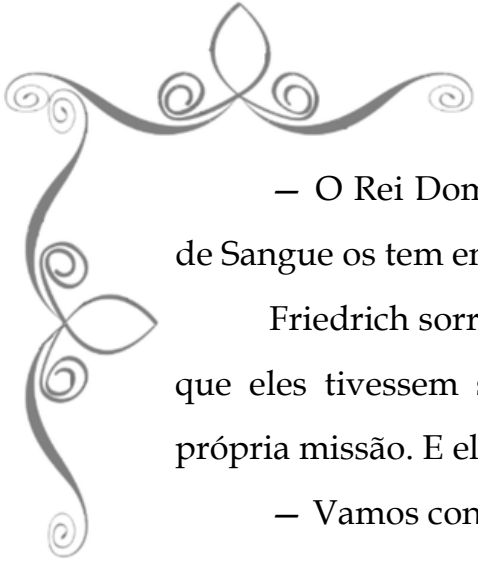
— Entendo. — continuou Friedrich, estudando-o por um longo momento. — Bem, então, capitão Mikhail. Parece que temos muito o que discutir.

Ele concordou com a cabeça, se curvando em uma reverência sutil.

— Eu tenho esperado para ter essa conversa por um longo tempo.

— Agora eu estou questionando uma coisa. — Friedrich cruzou os braços, franzindo a testa. — Você incitou seu antigo empregador a fazer uma recomendação para que viesse trabalhar aqui?

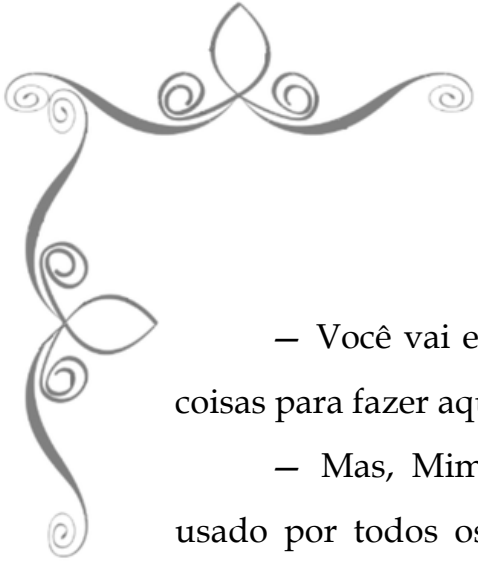
Mikhail o estudou por um piscar de olhos e deu um aceno reverente.



– O Rei Dominik pode ter espiões no Norte, Sua Graça, mas a Guarda de Sangue os tem em todos os lugares.

Friedrich sorriu. Não foi simplesmente um acaso do destino que fez com que eles tivessem sido enviados até aqui. A Guarda de Sangue tinha sua própria missão. E ela parecia se igualar a do Black Lily.

– Vamos conversar, Capitão.



CAPÍTULO 05

— Você vai embora junto com a Helena, Izzy. Eu ainda tenho algumas coisas para fazer aqui.

— Mas, Mimi. — ela protestou, a chamando pelo apelido carinhoso usado por todos os seus filhos órfãos. — Helena me obriga a fazer *muitas* tarefas. — Izzy choramingou, balançando seus cachos loiros enquanto batia o pé, o que só deixava seu rosto mais fofo. — E ela age como se fosse a minha dona.

Brennalyn sorriu e se ajoelhou diante de sua filha mais nova, levantando o queixo dela, para que ela pudesse ver seus olhos azuis claros, da cor do céu.

— Helena é a mais velha. Com isso, vem grandes responsabilidades. Estar no comando é um trabalho difícil, Izzy. Você precisa obedecer a ela quando eu não estiver em casa. Um dia, você terá sua própria casa e vai entender.

Com um pequeno suspiro, ela disse.

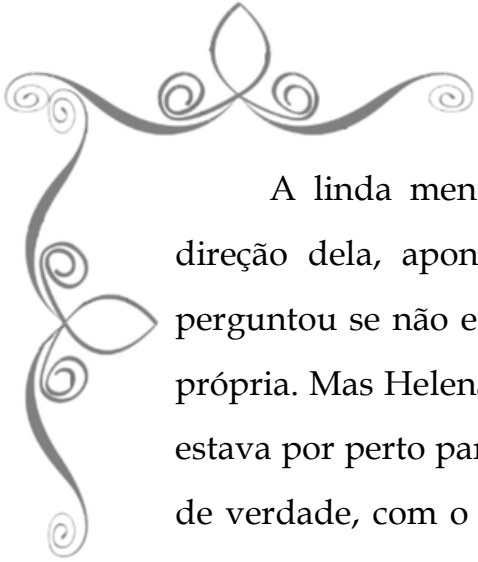
— Tudo bem. Mas, quando eu tiver a minha própria casa, eu não serei tão mandona quanto a Helena.

— Veremos. Agora corra.

— Vamos, Izzy! — A voz rigorosa de Helena veio do pátio da escola.

Os olhos de Izzy se estreitaram e, com um bufar de raiva, ela pegou sua mochila escolar e saiu para encontrá-la. Brennalyn a seguiu, observando que Helena, agora com dezoito anos, estava entre Caden e Emmett, separando-os e dando aos dois uma bronca por fazer algo errado. Provavelmente eles estavam lutando de novo. Aqueles dois não conseguiram passar cinco minutos sem brincar de esgrima ou brigar sobre um conflito imaginário de algum tipo.

— Helena! — Ela chamou.



A linda menina de cabelos escuros olhou para cima e caminhou na direção dela, apontando o dedo para Caden uma última vez. Brenna se perguntou se não estava arruinando a pobre garota, impedindo-a de ter vida própria. Mas Helena era tão natural administrando a casa quando Brenna não estava por perto para fazer isso, assumindo o trabalho como se fosse uma mãe de verdade, com o dobro da idade dela. Qualquer homem que ganhasse seu coração estaria ganhando uma jóia preciosa. Claro, Helena já havia dado seu coração a Reggie. Um fato que desanimava Brenna, pois talvez não houvesse nenhum futuro nessa relação.

— Sim, senhora.

— Eu não vou demorar, querida. Tem apenas mais alguns documentos que eu preciso ver antes de ir para casa. Há um pouco de carne de veado no armazenamento a frio. Beatrice pode ajudá-la a prepará-lo para o jantar. Ela sabe algumas coisas.

— Na verdade, sou eu quem vou ajudá-la. — ela disse, levemente. — Beatrice sabe mais do que eu quando o assunto é cozinha, e ela só tem doze anos. Como eu vou dar conta disso quando eu tiver minha própria casa?

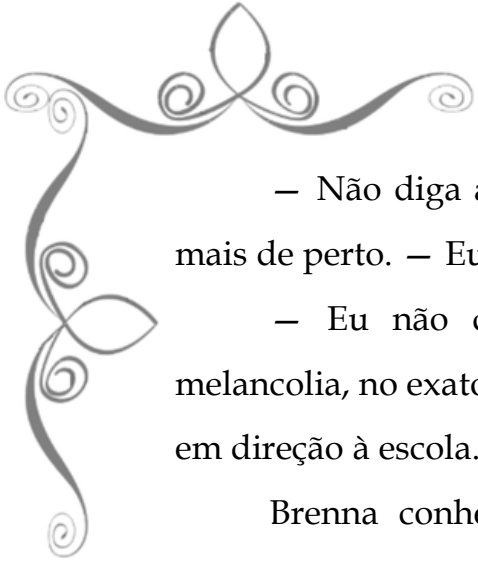
— Oh, você vai. — Brenna envolveu um braço ao redor de seu ombro e apertou gentilmente enquanto elas seguiam para o portão. — E, verdade seja dita, — ela sussurrou — Beatrice cozinha muito melhor do que eu também.

— Marjorie me disse que um homem não fica com uma mulher se ela não souber cozinhar uma boa refeição. Diz que o caminho para o coração deles é através do estômago.

Brenna se encolheu por dentro. Essas jovens não sabiam nada sobre o que mantinha um homem. Ou, o que o fazia partir. Ela engoliu a amargura em seu peito.

— Bem, querida, Marjorie é uma tola. O homem que te conquistar jamais a deixará partir.

Brenna pensou o mesmo de Elliott. Mas ela estava errada.



— Não diga a Marjorie que eu disse isso. — Brenna abraçou a menina mais de perto. — Eu não quero outro confronto com sua mãe dominadora.

— Eu não direi. — Helena riu, saindo um pouco de sua breve melancolia, no exato momento em que uma carruagem familiar surgiu na pista em direção à escola. — Oh, que adorável. Eu imagino de quem poderia ser.

Brenna conhecia a carruagem. Se não a carruagem, ela certamente conhecia o homem que a escoltava - o vampiro sombrio, que era o capitão da guarda pessoal do Duque. Ele se aproximou do portão ao mesmo tempo que ela.

— Boa tarde. — Ele assentiu, dirigindo o olhar para Brennalyn e Helena.

— Boa tarde, Capitão. — Brenna não pôde deixar de olhar para a porta da carruagem, esperando o Duque sair. Mas ele não saiu.

— Eu fui enviado para acompanhá-la até o Winter Hill, Senhorita Snow.

— Perdão?

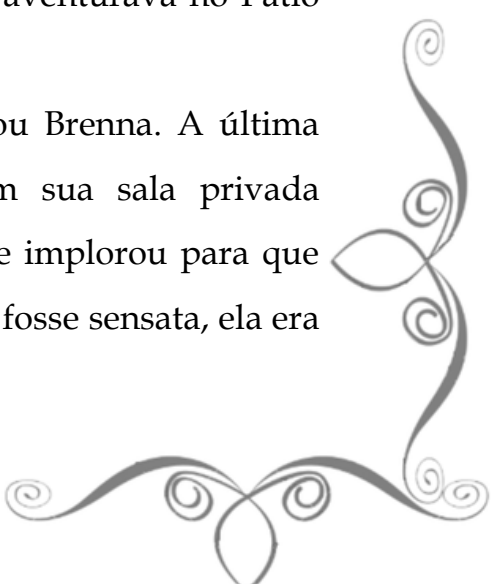
Ele apertou as rédeas, seu cavalo cinza balançando a cabeça.

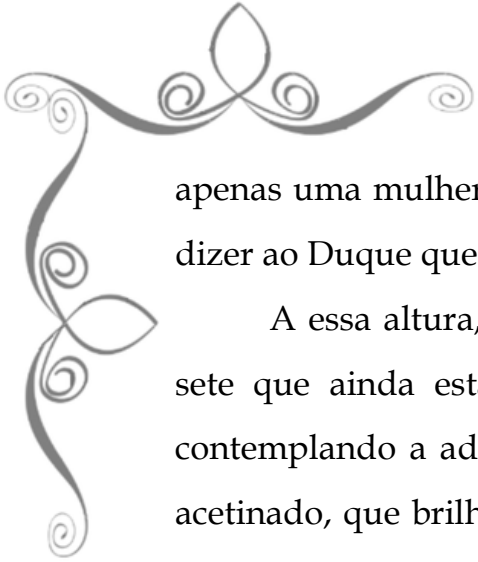
— Sua Graça, o Duque, me enviou para acompanhá-la até lá, para seu encontro.

— Você tem um encontro com o Duque, em Winter Hill? — Perguntou Helena, arregalando seus olhos castanhos. — No castelo?

As crianças nunca souberam que ela já esteve lá antes. O Duque era um pouco emblemático. A menos que você estivesse entregando mercadorias na porta dos fundos, ninguém jamais se aventurou no grande castelo no topo da colina. Ou seja, exceto por uma mulher adorável que se aventurava no Pátio das Rosas. Ou, uma espiã da resistência subterrânea.

— Eu... bem, ele deveria vir até aqui. — balbuciou Brenna. A última coisa no mundo que ela queria era ser trancada em sua sala privada novamente, onde quase perdeu a cabeça na outra noite e implorou para que ele a mordesse. Seu magnetismo era poderoso. E, embora fosse sensata, ela era





apenas uma mulher de carne e osso. — Desculpe, Capitão, mas você terá que dizer ao Duque que não poderei comparecer.

A essa altura, as outras crianças da escola já haviam ido para casa e as sete que ainda estavam no pátio haviam se encaminhado para o portão, contemplando a adorável carruagem com rodas prateadas e um acabamento acetinado, que brilhava com o reflexo do terreno nevado. Izzy se aconchegou mais ao lado de Brenna. O capitão desmontou do cavalo e avançou até ela, tirando uma carta do bolso interno do casaco e depois entregando-a pela cerca. Sua expressão permaneceu passiva enquanto ele esperava.

Brenna desdobrou a carta e leu o rabisco masculino e elegante.

Querida Senhorita Snow,

Tive a sensação de que você poderia rejeitar o meu pedido para acompanhar o Capitão Mikhail de volta ao castelo de Winter Hill, para a nosso encontro. Deixe-me ser bastante claro. Eu sei que você não tropeçou no Pátio das Rosas para chamar a minha atenção à necessidade de um aquecedor a lenha, embora eu tenha fornecido isso para você e as crianças, mesmo assim. Eu exijo a sua presença. Você entrará voluntariamente na carruagem e virá até mim agora, ou o Capitão a levantará à força e a colocará dentro dela. A escolha é sua.

Estou ansioso para vê-la em breve.

Carinhosamente,

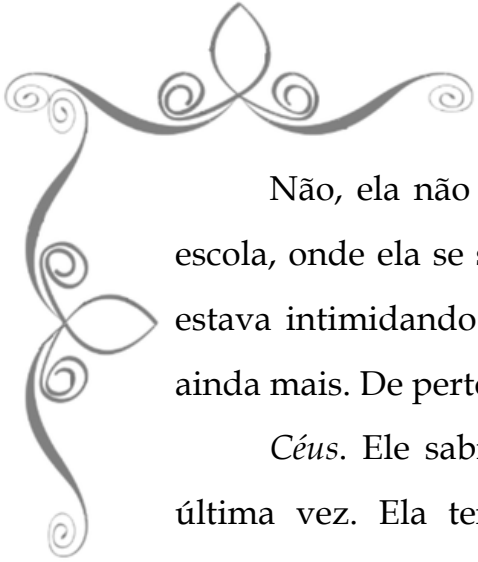
Friedrich.

O rubor corou suas bochechas na metade da leitura.

— Você está bem? — Perguntou Helena, sua voz cheia de preocupação.

— Eu estou bem, querida. — Ela forçou um sorriso e dobrou a carta, colocando-a no bolso da saia. — Você vá para casa e leve os outros. Eu tinha esquecido do meu encontro.

— Esquecido? — Perguntou Helena, com descrença.



Não, ela não tinha esquecido, mas tinha planejado o encontro aqui na escola, onde ela se sentia segura. E agora o homem arrogante e presunçoso a estava intimidando para voltar ao seu castelo, onde ele poderia interrogá-la ainda mais. De perto e pessoalmente.

Céus. Ele sabia que ela estava mentindo sobre a razão de estar lá, da última vez. Ela teria que pensar em outra coisa rapidamente. Se ela se recusasse a comparecer ao encontro, só a tornaria mais culpada do que já parecia.

— Sim. O Duque fez todas essas reformas e nós precisamos discutir as outras necessidades da escola.

Mentiras. Ela odiava mentir, especialmente para Helena, que confiava tanto nela.

— Senhorita Snow. — disse o Capitão, segurando o portão aberto e gesticulando para a carruagem.

— Vamos lá, todos vocês. — Helena gritou. — Caden, pare de puxar o cabelo de Emmett. — Ela atravessou o portão e fez uma reverência para o Capitão. — Obrigada, Capitão.

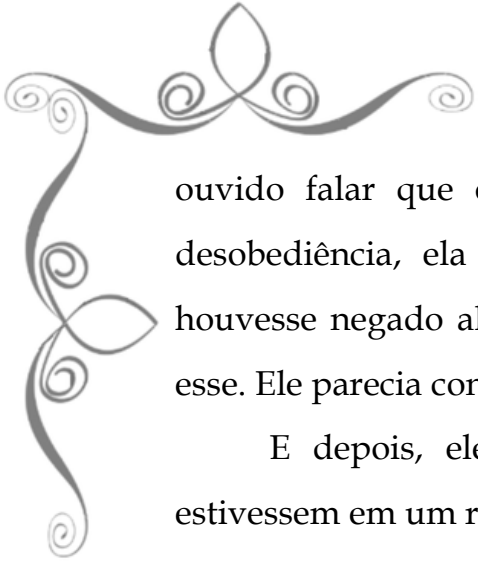
— De nada. — Ele sorriu e curvou a cabeça quando as crianças saíram, seguindo-a como patinhos. Seu olhar os seguiu e voltou para Brenna. — Eles vão ficar bem sozinhos?

— Sim. — Ela sorriu com sua preocupação. — Helena é bem experiente. E esse encontro não demorará muito. Vamos logo, Capitão.

Ela entrou na carruagem. Ele fechou a porta e bateu, então a carruagem começou a se mover. Quanto mais cedo chegasse, mais cedo ela poderia sair.

‘Entrará voluntariamente na carruagem e virá até mim’. Quem diabos ele pensa que é? Mandando nela como se fosse sua criada. O maldito Duque, isso que ele é.

Este era o problema com o sistema de castas. Se não houvesse separação por classe, ela poderia recusar sua intimação *condenável*, sem ameaças de retaliação. Mas, do jeito que era, ela tinha que obedecer. Embora nunca tivesse



ouvido falar que o Duque de Winter Hill tivesse prendido alguém por desobediência, ela também não conhecia ninguém em Terrington que já houvesse negado algo ao homem malditamente encantador. O problema era esse. Ele parecia conseguir tudo o que quisesse.

E depois, ele assinou sua carta com *carinhosamente*. Como se eles estivessem em um relacionamento mais íntimo.

— Pfft. — Ela revirou os olhos, mas não havia ninguém para se beneficiar de sua rejeição óbvia a essa noção. A carruagem sacudiu conforme começou a subir, seguindo a inclinação constante da grande colina.

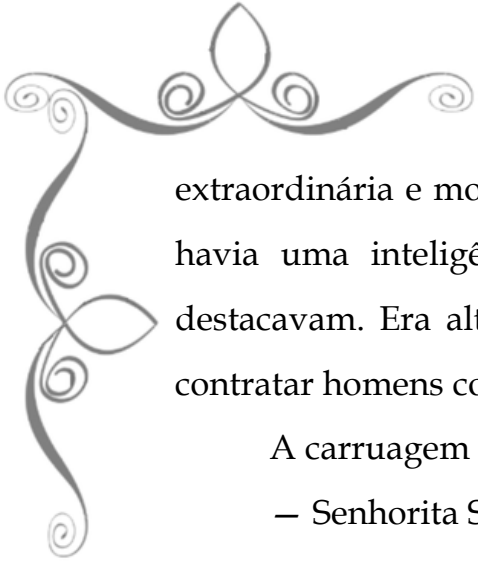
Então ela se lembrou do jeito que ele brincou com a mecha de cabelo dela. Ela só tinha usado o cabelo daquele jeito naquela tarde, pensando apenas em visitar Sylvia em seu dia de folga. Mas, a cada pequeno puxão em cabelo ligava algo que ela tinha desligado há muito tempo. Agitando um desejo esquecido.

Depois de Elliott, ela decidiu que não precisava de um homem para nada. *Nada*. Nos três anos desde que ela tinha feito esse voto para si mesma, enterrando-se na escola, criando os órfãos e, mais recentemente, em suas buscas pelo Black Lily, ela pensou ter matado esse instinto com uma precisão letal. Mas não. Em um interrogatório breve e de tirar o fôlego, um antigo anseio despertou e queimou em sua barriga. Mesmo agora, enquanto se aproximavam do castelo, suas mãos tremiam em seu colo.

Bom Deus, Brennalyn. Se recomponha.

Ela estava espionando o vampiro real, ou fazendo o seu melhor para conseguir isso, há mais de um mês. Desde que ele pegou Izzy pintando o lírio negro, um símbolo que ela tinha visto em casa, Brenna temia que ele enviasse os Legionários Reais até a escola e a prendesse.

Mas ele não fez isso. Não, na verdade, ele demitiu seus próprios Legionários e contratou uma guarda pessoal, que ele próprio nomeou. Os vampiros mercenários da Guarda de Sangue, uma seita secreta que diziam ser



extraordinária e mortal. Embora o Capitão tivesse sido mais do que educado, havia uma inteligência aguçada por trás daqueles olhos atentos, que se destacavam. Era altamente anticonvencional para um descendente de Varis, contratar homens como esses para sua guarda pessoal.

A carruagem parou e sacudiu, então, o laçao saiu e abriu a porta.

— Senhorita Snow.

Envolvendo o xale firmemente ao seu redor, ela desceu e atravessou os degraus de paralelepípedos. O mordomo mantinha a porta aberta.

— Por aqui, senhorita.

Em vez de levá-la ao andar de cima, para o salão privado, onde ela o encontrou da última vez, ele a levou pelo corredor da frente, alinhado com retratos de família e paisagens altas com moldura dourada, até a última sala à esquerda. O corredor se abria para uma sala surpreendentemente iluminada e acolhedora. Os tecidos de cores delicadas em tons pastéis e as grandes janelas banhavam alegremente a sala. Era muito diferente dos tons escuros e masculinos da sala do Duque.

— Boa tarde, Senhorita Snow.

Ela engasgou e girou para encontrá-lo de pé, logo atrás dela, perto da porta. O mordomo os deixou a sós.

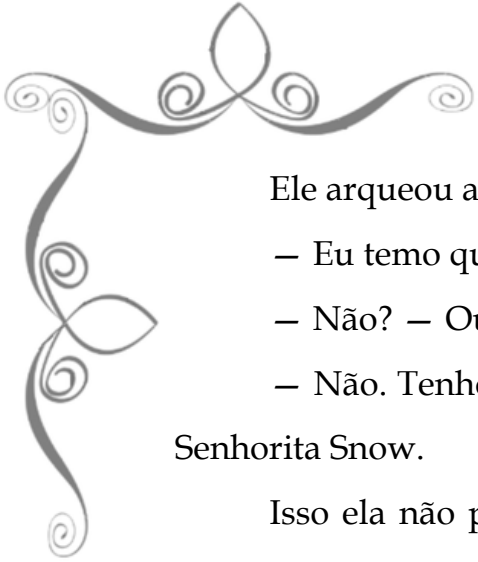
— Boa tarde, Sua Graça.

— Eu prefiro que me chame de Friedrich, se você não se importar.

Algo havia mudado desde o último encontro deles. O Duque sempre se comportava com equilíbrio e controle. Isso permanecia igual. Mas, havia uma vibração mais sombria em sua voz - menos sedução e mais perigo em seu timbre. No entanto, e embora ela desejasse o contrário, sua presença colocou seu corpo em alerta total, deleitando seus sentidos com a visão deslumbrante e o cheiro inebriante que emanava dele.

Ela deu um passo para trás.

— Eu... eu prefiro manter nosso relacionamento formal.



Ele arqueou a sobrancelha e sua boca se abriu em um sorriso de lado.

— Eu temo que isso não seja possível. — Ele deu um passo à frente.

— Não? — Outro passo para trás.

— Não. Tenho a sensação de que seremos o tipo mais íntimo de amigos, Senhorita Snow.

Isso ela não podia permitir. Não importava como seu corpo reagisse a ele.

Ela se virou e caminhou em direção à janela, notando uma bandeja de chá com duas xícaras e um prato de sanduíches na mesa. Este cenário foi criado para a singular domesticidade de uma dama, não para um vampiro que bebe sangue e é perturbadoramente sexy.

— Este quarto é muito... agradável.

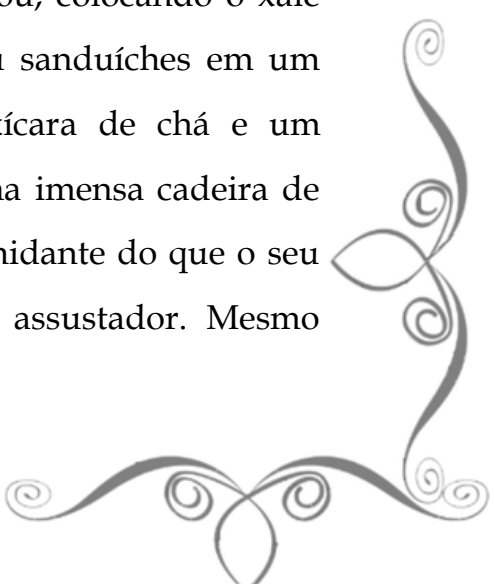
Ela notou as cortinas azul-claras que cobriam as janelas, que davam para um jardim em camadas ao redor de uma fonte. No momento, nada crescia e os arbustos estavam cobertos de neve. A fonte estava congelada, mas a simetria artística dos bancos de pedra e treliças, onde as rosas podiam subir na primavera, ainda era uma bela visão.

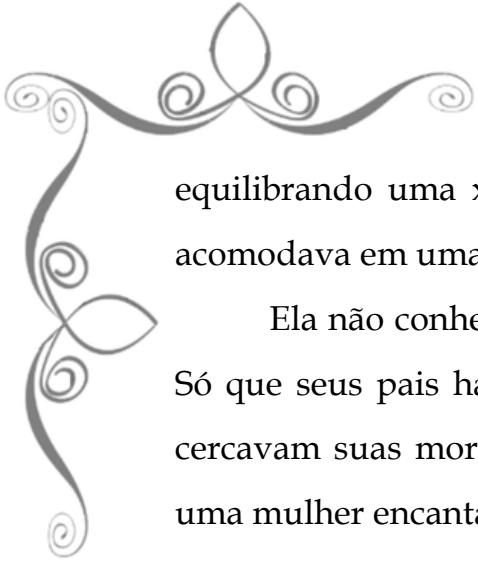
— Era da minha mãe. Eu achei que você ficaria mais confortável se nos encontrássemos aqui.

Ela não pôde evitar de olhar pra ele com surpresa. Seu sorriso aumentou.

— Venha sentar-se comigo, Senhorita Snow.

Confusa e aliviada, ela contornou o sofá e se sentou, colocando o xale sobre o braço. Ele serviu duas xícaras de chá e colocou sanduíches em um prato. Ele passou o prato pra ela, junto com uma xícara de chá e um guardanapo, então, se acomodou em frente a ela em uma imensa cadeira de cor rosa. Embora este quarto luminoso fosse menos intimidante do que o seu salão privado, o homem na frente dela ainda parecia assustador. Mesmo





equilibrando uma xícara de chá e um pires em um joelho, enquanto ele se acomodava em uma cadeira cor de rosa.

Ela não conhecia a história do Duque. Não muito, de qualquer maneira. Só que seus pais haviam falecido há muito tempo. E que algumas tragédias cercavam suas mortes. Pela aparência deste cômodo, sua mãe devia ter sido uma mulher encantadora.

— O que foi, Senhorita Snow? Posso ver as engrenagens girando nessa sua linda cabecinha.

Ele deu a ela um de seus sorrisos, mostrando-lhe que ela havia saído momentaneamente do ar. Isso foi o suficiente para lembrá-la de que ela estava zangada com ele.

— Primeiro, gostaria de lhe dizer que, embora você *seja* o Duque de Winter Hill, você não tem o direito de me intimidar a estar em sua presença.

Ele bateu o dedo indicador, usando o anel de sinete com o símbolo do leão em seu colo, com um ar de diversão dançando em todo o seu rosto ridiculamente lindo. Ela se sentou ainda mais ereta.

— Minha querida Senhorita Snow, eu certamente não quis intimidar você.

— Sim, você quis.

— Talvez, apenas um pouco.

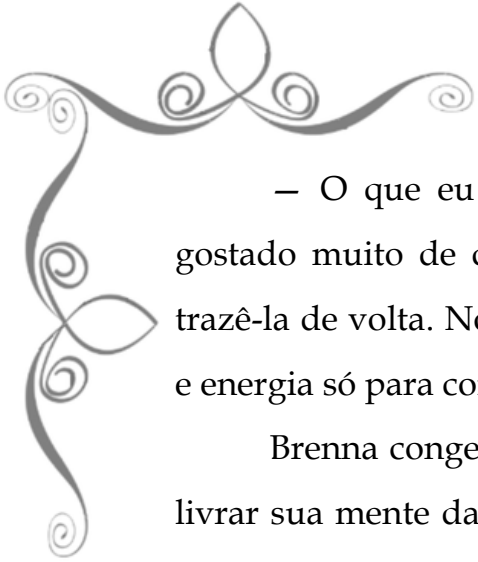
Ela bebericou um gole de chá antes de colocá-lo de volta em seu colo e respondeu com arrogância.

— Eu *não* acredito que o Capitão teria me levantado como um saco de trigo e me colocado em sua carruagem, se eu tivesse rejeitado seu *pedido* escrito.

— Não. O capitão não teria tocado em você.

Ela suspirou aliviada e colocou a xícara de chá e o pires de lado, para dar uma mordida em seu sanduíche.

— Fico feliz em saber que você não é tão bárbaro quanto eu pensava.



— O que eu quis dizer foi que *ele* não teria te tocado, mas eu teria gostado muito de cavalgar até a cidade e jogá-la sobre o meu cavalo, para trazê-la de volta. No entanto, isso teria sido um enorme desperdício de tempo e energia só para começar este encontro maravilhoso.

Brenna congelou, com o sanduíche a meio caminho da boca. Ela tentou livrar sua mente da imagem dele, jogando-a em seu corcel preto e galopando para longe com ela. Suas bochechas coraram e aqueceram, e ela sabia que elas estavam tão rosadas quanto a cadeira em que estava sentada. Enquanto isso, ele sorriu, como o diabo que ele era. Estreitando os olhos, ela se recusou a ser atraída para uma batalha verbal com ele.

Ela inspirou fundo e mordeu um pedaço do sanduíche antes de colocá-lo de volta no prato. Calmamente, ela bebeu seu chá, recitando na cabeça seu soneto favorito, para acalmar seus nervos. Se ele achava que podia jogar, ela também podia. Ela pensou em outro motivo, além do aquecedor a lenha, e estava pronta para dizer a ele.

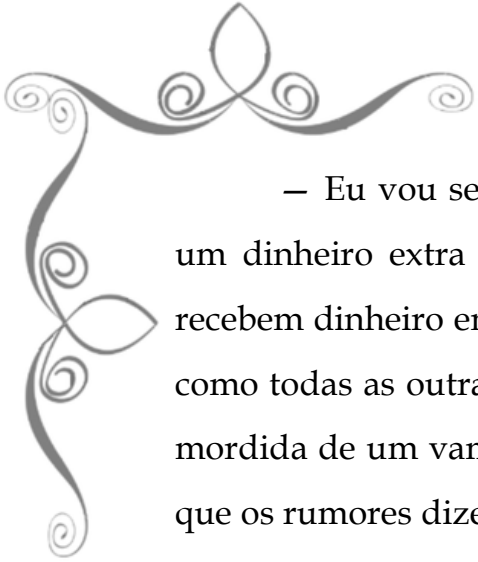
— Você mencionou na carta que você não acreditava que eu tivesse vindo ao seu castelo para solicitar reformas para a escola.

Ele colocou a xícara de chá ao lado, intacto, e ergueu seu queixo, dando-lhe toda a atenção.

— Bem, você estava certo. O aquecedor foi uma desculpa bem fraca, agora que eu pensei nisso.

Ela riu, um som automático e forçado. Ele não disse uma palavra. Ou moveu um músculo. Sua expressão se manteve naquela quietude, parecida com a de um leão, um predador, observando sua presa com calma e tranquilidade, mas com um olhar aguçado. Revelando sua capacidade de brincar com sua presa antes de atacar.

Alisando a saia sobre o colo com uma sobrancelha arqueada, ela disse com uma voz incrivelmente firme.



— Eu vou ser sincera com você, Sua Graça. Eu realmente precisava de um dinheiro extra para as crianças. Eu sei que suas bleeders muitas vezes recebem dinheiro em troca do sangue. E eu - eu tinha uma quedinha por você, como todas as outras jovens da cidade, e eu sempre tive curiosidade quanto a mordida de um vampiro. Em saber como ela realmente nos faz sentir, e não o que os rumores dizem. Curiosidade feminina, você sabe. Então pensei, por que não? Seja impulsiva uma vez na vida e vá para o Pátio das Rosas do Duque. E, em troca, eu me certificaria de que você me desse o dinheiro que eu precisava para as crianças.

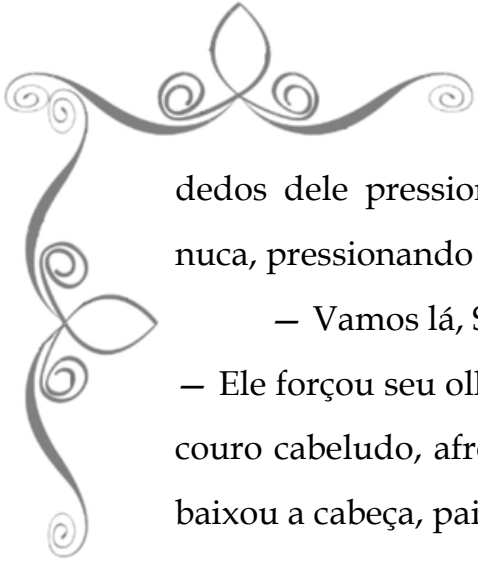
Ela tinha dado todo esse discurso olhando para o próprio colo e terminou com um leve sorriso. Quando ela não ouviu nenhum movimento ou som em resposta, ela finalmente olhou para o vampiro - muito quieto - sentado em frente a ela.

E desejou que não tivesse feito isso.

Seus olhos, semi-cerrados e escuros como o fundo do oceano, eram tão intensos e fixos nela, que ela ofegou. O olhar dele caiu para os lábios entreabertos dela. Ela nunca teve um homem olhando para ela com tanto desejo e luxúria. Ela tinha quase certeza de que se não corrigisse sua linha de pensamento rapidamente, ele a jogaria no sofá em cerca de dois segundos. E se isso já não tivesse feito seu coração disparar, o movimento ritimado de seu dedo anelar batendo levemente na mesa, certamente faria.

— Mas, veja bem, eu percebi assim que entrei em seu quarto... — Ela enxugou as palmas das mãos úmidas no colo, passando a língua pelos lábios ressecados — Que eu não poderia fazer uma coisa dessas. Como professora de Terrington, tenho uma certa reputação a zelar. — Ela se levantou e contornou o sofá, indo em direção à janela. — Não seria apropriado ceder a tais fantasias, e então eu mudei de ideia.

Uma rajada de vento e ela estava pressionada contra seu corpo alto e firme, sentindo o braço dele completamente envolvido em suas costas e os



dedos dele pressionando suas costelas. A outra mão estava agarrando sua nuca, pressionando o polegar abaixo da orelha. Ela arfou, surpresa.

— Vamos lá, Senhorita Snow. Nós dois sabemos que isso tudo é mentira.
— Ele forçou seu olhar para cima, enfiando os dedos em seu cabelo, contra seu couro cabeludo, afrouxando seu coque. Um grampo abriu e caiu no chão. Ele baixou a cabeça, pairando os lábios sobre os dela. — Você sabe que quer ceder.

Esta não era a reação que ela esperava, o que mandou toda sua inteligência para o espaço. Ela pensou em provocá-lo com algo que chegasse perto da verdade, para explicar sua atitude louca no Pátio das Rosas. Mas ela rapidamente percebeu que não havia como brincar com um homem como o Duque. Então, ele se aproximou ainda mais e passou a língua ao longo do lábio inferior dela, com suas garras a apertando ferozmente e sua ereção grande e óbvia pressionando contra sua barriga. Seus joelhos amoleceram feito gelatina. Se ele não a estivesse segurando, ela certamente cairia no chão.

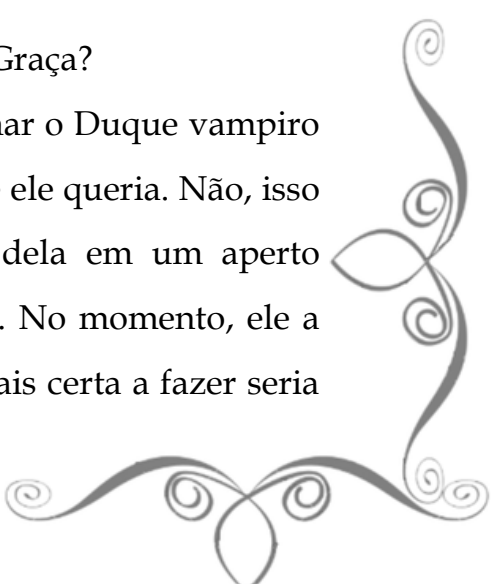
— Sua Graça. — ela sussurrou em uma respiração, tentando encontrar uma forma *elegante e segura* de sair disso. Ela realmente queria sair? Ela sabia que o olhar febril em seus olhos era muito perigoso, o que - involuntariamente - enviou uma onda de prazer pelo seu corpo. Ela pressionou as mãos nos ombros dele, cravando os dedos e segurando-o perto, em vez de afastá-lo para longe.

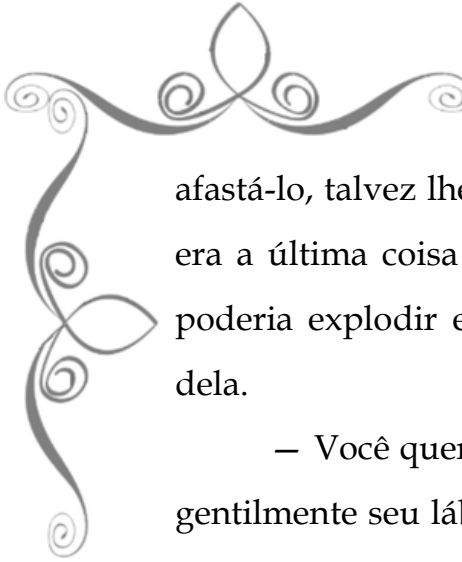
— Oh, pequena gatinha. — Ele lambeu os lábios dela novamente, com um movimento preguiçoso de sua língua. — Você sabe que quer me provar.

Ela olhou para ele.

— Você está muito seguro de si mesmo, não é, Sua Graça?

Isso não estava indo muito bem. Ao invés de enganar o Duque vampiro com sua recusa provocante, ela o instigou em tomar o que ele queria. Não, isso não era verdade. Ele tinha seu corpo preso contra o dela em um aperto inquebrável, mas ele não a estava forçando a fazer nada. No momento, ele a estava fazendo ceder, com um ataque sensual. A coisa mais certa a fazer seria





afastá-lo, talvez lhe dar uma boa bofetada, para impor algum limite. Mas essa era a última coisa em sua mente. Tudo o que ela sabia era que seu coração poderia explodir em seu peito se ele pressionasse aqueles lindos lábios nos dela.

— Você quer. Você quer que eu te beije. — ele murmurou, mordiscando gentilmente seu lábio inferior. — Te morda. — Ele moveu os lábios do queixo até a orelha dela. — Te lamba. — Ele lambeu o lóbulo da orelha com a língua, depois o sugou, com a boca quente, deixando-o escorregar entre os dentes sem machuca-la. Sua voz baixou para um sussurro, acariciando sua pele. — Te foda.

Um pulso de calor disparou diretamente entre suas pernas. Ela apertou as coxas juntas, tentando parar a sensação de derretimento que aumentava dentro dela.

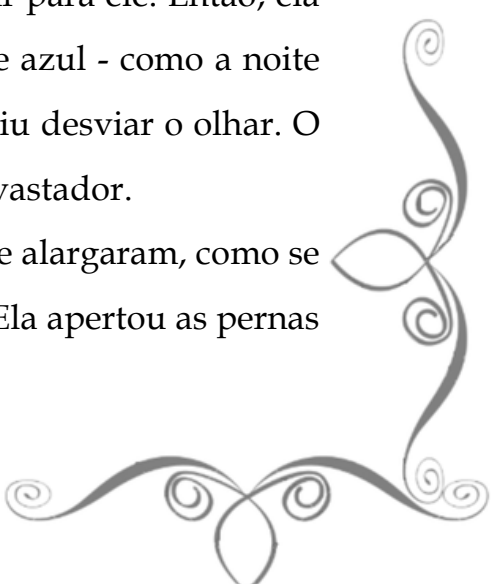
— Você é um idiota vulgar e arrogante, *Sua Graça*. — Ela inclinou o queixo para o lado, dando a ele uma visão do perfil de seu rosto, mostrando frieza. Pelo menos, ela esperava que suas feições parecessem indiferentes, pois seu corpo ameaçava entrar em combustão espontânea se esse encontro durasse muito mais tempo.

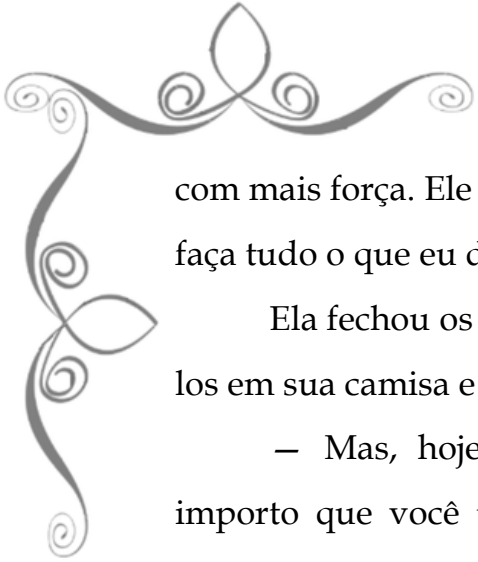
Ele riu.

— Olhe para mim, Brennalyn. — ele ordenou, com uma voz turva como a tempestade, sombria feito a meia-noite e cheia de coisas maravilhosas e desavergonhadas.

O som do nome dela em seus lábios atraiu seu olhar para ele. Então, ela se arrependeu. Presa pelo mais profundo e escuro tom de azul - como a noite escura se esquivando da sombra da lua - ela não conseguiu desviar o olhar. O sorriso dele se transformou em algo bonito, perverso e devastador.

— Eu posso sentir a sua excitação. — Suas narinas se alargaram, como se para provar que ele realmente podia sentir o cheiro dela. Ela apertou as pernas





com mais força. Ele sorriu ainda mais. — Portanto, eu sei que você quer que eu faça tudo o que eu disse.

Ela fechou os dedos em punhos em cima do peito dele, para não afundá-los em sua camisa e aproximá-lo ainda mais.

— Mas, hoje eu estou me sentindo muito misericordioso. Não me importo que você tenha mentido sobre o Pátio das Rosas. — Ele fez uma pausa, observando sua face como se pudesse ver a verdade apenas lendo a expressão no rosto dela. Ela realmente estava mentindo, mas porque a verdade iria expor o seu trabalho para o Black Lily.

— Misericordioso? — Ela perguntou, soltando uma respiração pesada.

— Sim, pequena gatinha. — Ele roçou o nariz dela com o dele. — Eu posso ver que você está sobrecarregada. Eu vou deixar você ir embora com apenas um beijo.

— Sobrecarregada, com certeza. — Ela disse, com um suspiro. Então ergueu o olhar para ele lentamente. — Só um beijo?

Ela disse, soando no meio do caminho entre uma pergunta e uma afirmação, ainda sem ter certeza se ela estava apenas perguntando ou dando permissão. Ele sorriu, mostrando suas longas e afiadas presas. Ela respirou fundo.

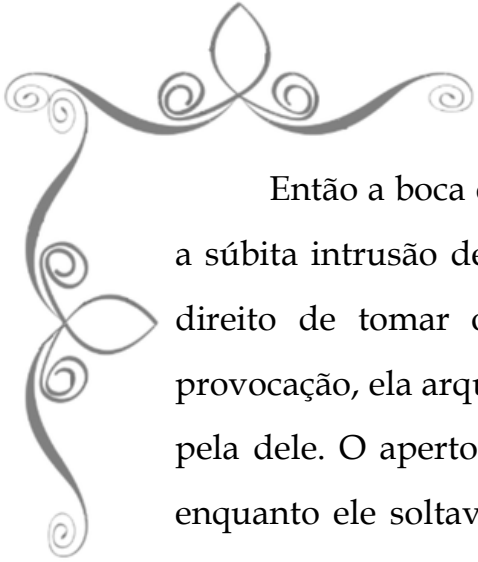
— Sim. Um beijo. Nosso primeiro de muitos. — Ele baixou a cabeça novamente. — Diga sim, pequena gatinha.

Ela se deteve, enquanto ele pairava muito perto, aguardando sua resposta. Havia apenas uma coisa que ela poderia dizer.

— Sim.

Antes que seus lábios tocassem os dela, ele falou com uma voz baixa e grave.

— Mas, da próxima vez que eu ficar sozinho com você, vou provar seu sangue e te dar prazer enquanto eu o faço. Sendo assim, se prepare.



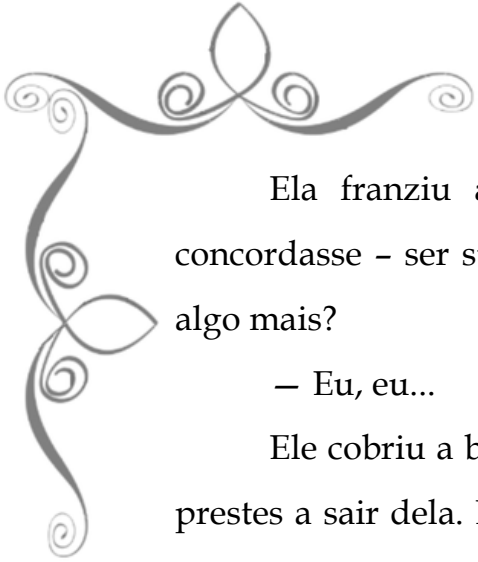
Então a boca dele estava sobre a dela, quente e exigente. Ela gemeu com a súbita intrusão de sua língua. Ele invadiu sua boca como se tivesse todo o direito de tomar o que quisesse. Ao invés de deixa-la rígida com essa provocação, ela arqueou o pescoço, abriu a boca ainda mais e deslizou a língua pela dele. O aperto dele aumentou, seus dedos estavam agarrando sua nuca enquanto ele soltava outro grampo de seus cabelos. Um grunhido profundo retumbou de seu peito contra o dela, e seus mamilos endureceram em resposta.

Ela sabia que ele era perigoso. Ela não era uma completa idiota. Mas ela nunca havia sentido a força de seu poder até agora. Ela sabia que ele era o Duque encantador que morava no alto de Winter Hill, que sorria amigavelmente para as pessoas da cidade, que tratavam bem seus inquilinos, que se divertia casualmente com os prazeres da carne. Ela até mesmo ouviu as histórias de outras jovens criadas na cidade, que estiveram em sua cama, sussurrando sobre seu toque brincalhão e sedutor. Um homem com a mão gentil e habilidosa, que sabia como deixar uma mulher satisfeita.

Ele não estava nem brincalhão, nem sedutor. Ou remotamente gentil. Isso era intenso, cru e exigente. Um beijo que servia para mostrá-la uma urgência que ele não podia expresar com palavras.

Quando ele finalmente se afastou, deslizando lentamente a língua ao longo da dela, ambos estavam ofegantes. Embora seus olhos tivessem o mesmo olhar fixo e intenso de um homem no controle, seu sussurro sem fôlego dizia que ele não estava.

— *Da próxima vez...* — Ela não tinha certeza se ele havia sussurrado essa promessa para si mesmo ou para a ela. Ele mordiscou seu lábio inferior, inchado por causa dos beijos, mais uma vez e selou a suave picada com uma lambida quente. — Diga que sim.



Ela franziu a testa, não tendo certeza do que ele exigia que ela concordasse – ser sua bleeder, deixando-o dar prazer a ela, deixando-o fazer algo mais?

– Eu, eu...

Ele cobriu a boca dela com a dele, interrompendo o protesto que estava prestes a sair dela. Ela não era uma mulher acostumada a obedecer ordens. E ela renunciou à necessidade de qualquer homem. Mas esse homem, este Duque vampiro, transformou seu cérebro em mingau e derreteu seu corpo, deixando-o ansioso por obedecer, ansioso para sentir mais do que ele oferecia.

Ele interrompeu o beijo e roçou os lábios contra os dela antes de sacudir a cabeça uma vez. Era um aviso.

– Na próxima vez, pequena gatinha.

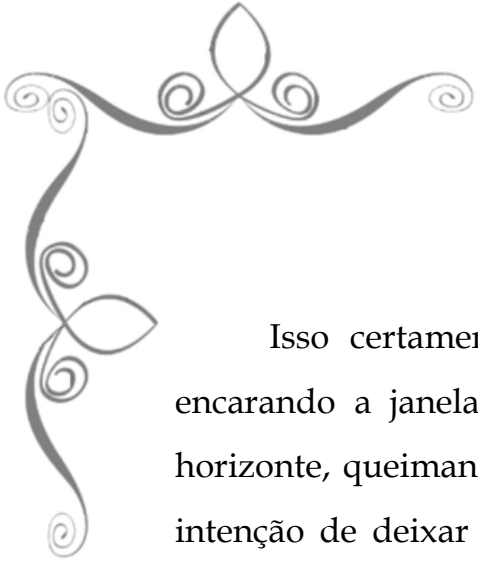
Ele arqueou uma sobrancelha, exigindo que ela se submetesse.

– Na próxima vez. – ela finalmente concordou, respirando irregularmente.

E ela sabia que, com aquela pequena admissão, tinha aberto uma porta. Talvez, apenas uma rachadura. Mas foi o suficiente para deixá-lo entrar. Ele sorriu, com aquela boca grande e bonita demais em um homem feito para o pecado.

Só então ele finalmente a soltou de seu abraço e a colocou gentilmente em pé, ainda a segurando pela cintura com as mãos enormes, esperando que ela conseguisse se equilibrar. Quando ela conseguiu, ele deu um passo para trás e se curvou, segurando a mão dela de uma maneira gentil, dando um beijo suave nos nós dos dedos. Ele olhou por baixo dos cílios escuros e dos olhos do diabo.

– Até mais, Senhorita Snow.



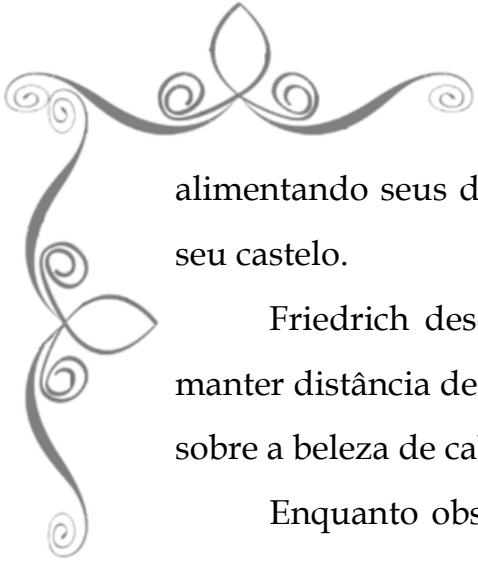
CAPÍTULO 06

Isso certamente não tinha saído como o planejado. Friedrich ficou encarando a janela da sala de estudo, enquanto o sol se punha além do horizonte, queimando a paisagem branca em uma névoa ardente. Ele tinha a intenção de deixar a Senhorita Snow à vontade quando decidiu encontrá-la para o chá no quarto privado que tinha pertencido à sua mãe. Ele pretendia atraí-la com refinamento e refeições agradáveis, para que ela pudesse confiar nele, para que ela pudesse contar a verdade sobre seu envolvimento com o Black Lily. Então ela foi e disse que queria sentir como era sua mordida, apenas pela *curiosidade feminina*. Se era mentira ou não, não importava. Ela evocou a imagem de seu corpo mole e satisfeito debaixo dele e isso foi o suficiente para chamar sua besta interior para fora.

Isso o chocou tanto quanto ela. Bem, talvez não tanto quanto ela. Mas o desejo incontrolável de reivindicá-la ali mesmo, pressioná-la contra a parede, levantar suas saias e se afundar dentro dela - pau e presas - era enlouquecedor e torturante.

Felizmente para ambos, ela o tirou de sua miséria e sucumbiu ao beijo dele. Se é que podiam chamar apenas disso. Seu corpo macio pressionando contra ele havia acalmado a besta de rasgar seu peito e tomar o que achava que era dele por direito.

Ele girou seu anel no dedo, um tic nervoso, temendo que a loucura brutal e a sede de sangue que controlaram seu avô tivessem finalmente chegado até ele e pudesse estar tomando conta de sua mente. Ele não podia expô-la à escuridão que fluía em seu sangue, a violência do vampiro que morava em sua linhagem. Como aquele ser desprezível que não passava de uma desculpa doentia, a qual ele chamava de tio. Ele afastou a imagem dele



alimentando seus dois caçadores com a compulsão por sangue, bem aqui em seu castelo.

Friedrich desejava Brennaly Snow. Mas, por enquanto, ele precisava manter distância dela, para controlar seus impulsos primitivos. Pois havia algo sobre a beleza de cabelos negros que agitava febrilmente seu sangue.

Enquanto observava a carruagem retornar, depois de tê-la deixado em casa, uma amargura fria floresceu em seu intestino, se ressentindo da natureza sombria que ele havia herdado. Mikhail veio trotando atrás com seu cavalo, depois manobrou para frente, conforme eles se aproximavam dos portões do palácio.

— Eu tenho uma carta para você.

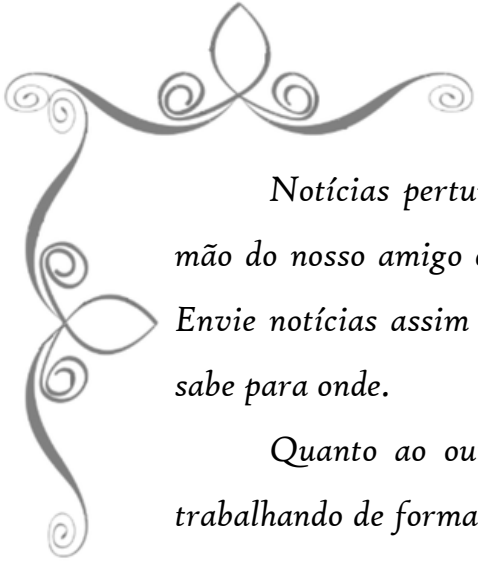
Ele se virou para encontrar Grant caminhando em sua direção, com uma expressão séria cravada em sua testa. Grant havia partido há três dias em missão para o extremo sul do ducado, para encontrar o mensageiro do Black Lily.

— De Marius?

Grant acenou rapidamente.

Friedrich observou a carta Marcada com o V imperial em cera preta. Eles não usavam mais seus nomes em suas correspondências, no caso delas serem interceptadas. O selo imperial era a única coisa que garantia que era verdadeiramente Marius. Além do fato de que ele conhecia sua escrita ousada. Ele não perdeu tempo em romper o selo e abrir a carta, que começou sem a saudação adequada, conforme o esperado.

Os esforços de recrutamento foram altamente bem sucedidos. O Black Lily cresce mais a cada dia. Obrigado por enviar o reabastecimento de suprimentos. Estamos tentando não usar nosso acervo de ouro para o comércio, pois nós precisamos dele para as armas. Sua contribuição não foi desprezada. Eu prometo. Preparações estão sendo feitas para que possamos retornar ao continente em breve.



Notícias perturbadoras essas sobre Kellswater e os outros. Ouvi de primeira mão do nosso amigo em comum que isso pode ser um mau presságio para todos nós. Envie notícias assim que você tiver a localização daqueles que desapareceram. Você sabe para onde.

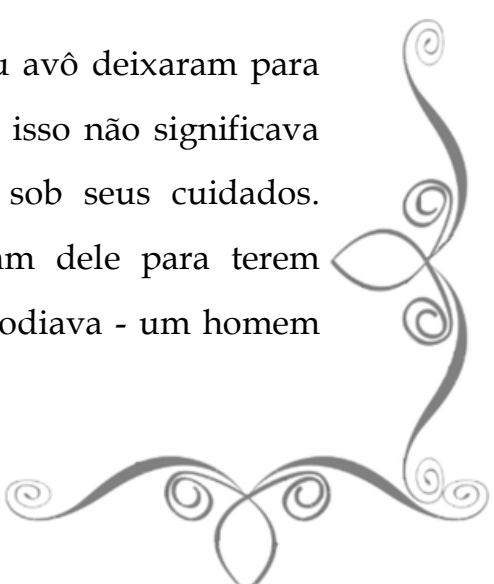
Quanto ao outro assunto, não ouvimos falar de nenhuma facção do Norte trabalhando de forma independente para nós, embora minha esposa esteja mais do que satisfeita em ouvir que outros estão aderindo à causa. Se você descobrir quem está por trás da distribuição desses folhetos, deste White Lily, peça-lhe para imprimir mais alguns para distribuição no Leste e no Oeste. Se quisermos derrotar a coroa e nos unirmos em um novo reino, precisamos de mais do que soldados e guerreiros. As palavras espalhadas por ele inspiram. A inspiração comove os corações. Corações corajosos ganham guerras.

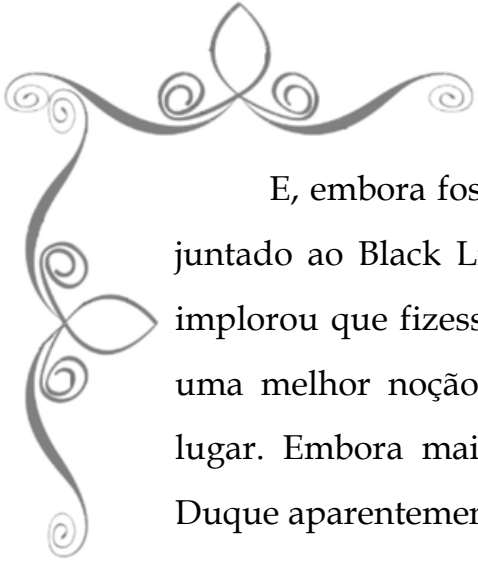
Até nos encontrarmos novamente, querido amigo. Sangue do Meu Sangue.

Havia um selo do símbolo florescente do Black Lily no final, em vez de uma assinatura de seu nome.

O coração de Friedrich havia ficado apertado com a intimidade que leu na carta, até o final. Ele e Marius sempre foram amigos, mais do que parentes. Mas, não tão intimamente. Não até o flagrante da mãe de Marius, a Rainha Morgrid, justamente quando Friedrich entendeu que ele tinha que fazer uma escolha: ficar ao lado da Coroa - a Rainha e seu tio Dominik, que o lembravam muito de seu pai e avô - ou cometer traição, se unindo ao tio exilado, o ex-Príncipe de Varis.

A trilha sangrenta da carnificina que seu pai e seu avô deixaram para trás ainda o assombrava. Sim, ele era um vampiro. Mas isso não significava que ele precisava ser um monstro. Seu povo estava sob seus cuidados. Brutalizar e escravizar os subordinados que dependiam dele para terem proteção e segurança o transformariam no que ele mais odiava - um homem como aqueles por quem ele havia sido criado.





E, embora fosse mais seguro se ele tivesse abandonado Winter Hill e se juntado ao Black Lily no campo de treino de Cutters Cove, como Marius o implorou que fizesse, eles podiam obter mais informações e poderia dar-lhes uma melhor noção em relação ao inimigo se ele permanecesse no mesmo lugar. Embora mais perigoso, ele ainda acreditava que seu papel como o Duque aparentemente leal de Winter Hill era vital para a causa. Por enquanto.

Ele releu a carta mais uma vez, em seguida foi até a lareira e a jogou em cima de um tronco ardente, observando como ela era consumida pela chama.

— Então, eles sabem do White Lily? — Perguntou Grant.

— Não. Eles nunca ouviram falar dele. Mas eles nos pediram para descobrir a identidade de quem está por trás disso. Seus talentos seriam mais úteis se chegassem além do Norte. — Ele esfregou o queixo, pensativo. — Mas não é só isso, meu tio tem seus malditos caçadores à solta. Nós precisamos encontrar o White Lily antes dele. O Capitão Mikhail tem seus homens explorando a área, no caso de algum desses caçadores aparecerem por aqui.

O som oco de passos firmes se aproximando fez com que ambos parassem abruptamente. Grant colocou uma distância formal entre eles, já que ninguém no castelo sabia, exceto talvez o mordomo que já trabalhava na casa há anos, que Grant era mais do que apenas um servo.

Mikhail entrou com uma reverência curta.

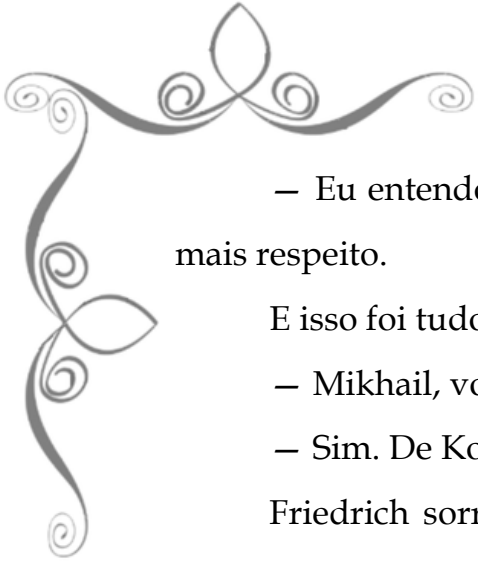
— Ela está segura em casa, Sua Graça. Há mais alguma coisa que você possa precisar esta noite?

Grant e Mikhail trocaram olhares cautelosos. Friedrich percebeu que não tinha dito a Grant que Mikhail agora desfrutava de sua inteira confiança.

— Mikhail, você conhece meu mordomo, Grant.

— Sim, Sua Graça.

— Grant, Mikhail é mais do que o capitão da minha guarda. Quando você havia partido, nós compartilhamos nossa *aversão* mútua com as atuais relações da coroa.



— Eu entendo. — disse Grant, balançando a cabeça para o homem com mais respeito.

E isso foi tudo o que precisava ser dito em voz alta.

— Mikhail, você disse que é originalmente do Leste, não disse?

— Sim. De Korinth. Como muitos outros da Guarda de Sangue.

Friedrich sorriu. Ele tinha feito tantas pesquisas quanto era possível a respeito de Brennalyne Snow. Após o relatório de Grant sobre sua vida local, ele investigou com seu gerente Henley, que foi quem a contratou, descobrindo apenas que ela era de Korinth, mas não tinha família, embora tivesse referências impecáveis para o cargo de professora.

— Eu me pergunto se você pode ter alguns contatos capazes de descobrir qual é a história da Senhorita Snow. Meu gerente parece não saber nada sobre ela, a não ser depois de sua mudança para Terrington. E pouco mais do que algumas coisas básicas.

— Claro, Sua Graça. Você suspeita de alguma coisa errada? — A testa do Capitão franziu, como se ele não pudesse acreditar em nada de ruim sobre a encantadora professora. Quem poderia? Mas ele precisava de mais informações do que ela, aparentemente, estava disposta a dar.

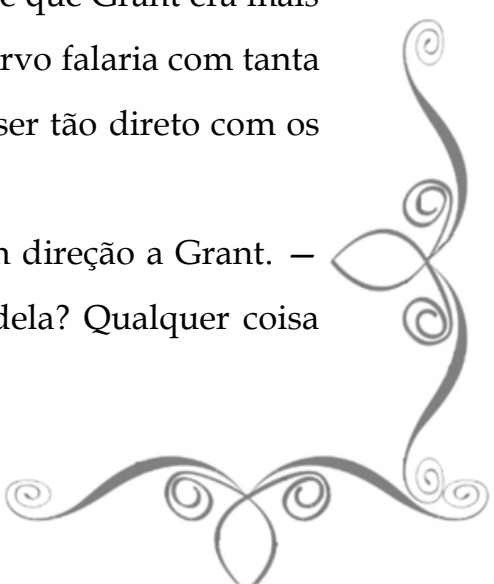
Grant bufou.

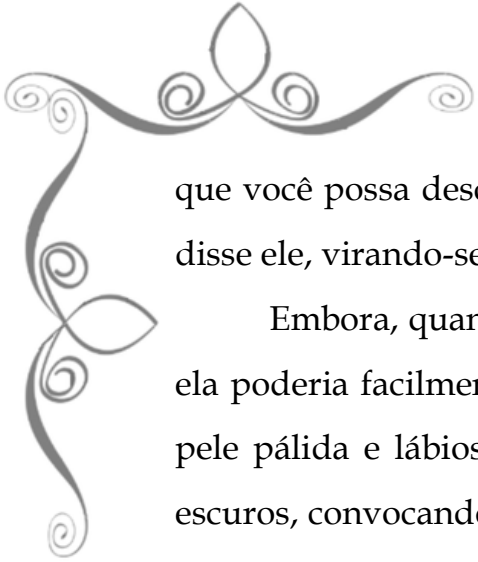
— Se tem alguma coisa errada, é com o interesse de Sua Graça pela bela mulher de cabelos escuros.

— Cale a boca, Grant.

O rosto de Mikhail empalideceu. Se ele não soubesse que Grant era mais do que seu mordomo antes, ele saberia agora. Nenhum servo falaria com tanta insolência ao Duque. E não era da natureza de Friedrich ser tão direto com os criados.

— Ignore-o. — disse Friedrich, acenando a mão em direção a Grant. — Mas eu quero saber de onde ela veio. E quanto ao pai dela? Qualquer coisa





que você possa descobrir. Ela não pode ter simplesmente brotado do chão. — disse ele, virando-se para a janela quando flocos de neve começavam a cair.

Embora, quando seu doce rosto e forma vieram à mente, ele pensou que ela poderia facilmente ter vindo de outro mundo. Como uma fada da lua, de pele pálida e lábios vermelhos, seduzindo-o com um lampejo de seus olhos escuros, convocando-o para a sua própria morte, se ela assim quisesse. Ele riu, pois a verdade era que se ela acenasse com apenas um dedo na beira de um penhasco, ele tinha certeza de que pularia de bom grado.

Será que ele estava com a compulsão por sangue? Não. *Furorem Sanguine* instigava os vampiros a mutilar e a matar por causa da doença fervendo em suas veias. Do mesmo jeito que aqueles caçadores mataram seu companheiro marinheiro, a atração que sentiam pelo sangue era mais do que eles podiam suportar. Friedrich não queria machucar nem um fio de cabelo de sua cabeça e muito menos deixar uma marca em sua pele. Talvez ele não estivesse sendo totalmente sincero consigo mesmo. Ele queria sim, marcar sua pele. Com as presas e com os dentes, ele queria deixar sua pele rosada e corada. Mas apenas de prazer.

Ele deveria ficar longe - bem longe - da Senhorita Brennalyn Snow. Ela era perigosa para sua sanidade e talvez até para seu bem-estar. Ele nunca havia sido chamado pelo corpo ou pelo sangue de uma mulher, como ele era pelo dela. Seria melhor voltar a delícias mais frívolas – talvez uma doce donzela da cidade, que não incendiava sua pele quando entrava na mesma sala.

Mas era tarde demais para isso.

O baile de Terrington não poderia chegar rápido o bastante.



CAPÍTULO 07

— Oh, Mimi. — murmurou Helena. — Você é a mais bela de todas!

Ela e Beatrice ficaram admirando de longe, enquanto Brennalyne verificava sua aparência mais uma vez, diante do espelho oval em seu quarto.

Izzy se sentou em um banquinho aos seus pés, vestindo sua camisola de mangas compridas, enrolando no dedo uma mecha de seu cabelo dourado.

— Você parece uma princesa².

— Uma princesa, eu? — Brenna sorriu, seu coração apertando de tanto amor por suas meninas. — Eu acho que uma princesa usa joias mais elegantes.

— Ela tocou a pequena e única pérola que estava amarrada com uma fita de seda vermelha em volta de seu pescoço. Era a única herança que ela tinha de sua mãe, morta há muito tempo. — Mas essa era da minha mãe, e raramente consigo usá-la.

— Eu acho que é encantadora. — disse Beatrice, seu rosto doce e redondo sorrindo. — Você vai dançar com o Sr. Dawson?

— Sr. Dawson? — Ela perguntou inocentemente.

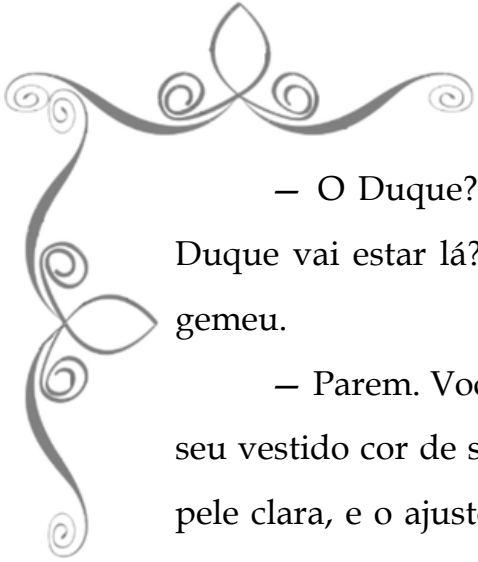
— Sim. Ele gosta de você. Eu vi a maneira como ele olhou para você quando ele parou na escola hoje.

— Sr. Dawson vai me dar uma carona para o baile, isso é tudo. Ele estava apenas sendo um cavalheiro, sabendo que eu não tenho uma carruagem.

— Pfft. — Beatrice sorriu para Helena.

— O que eu quero saber, — Melanie acrescentou com um sorriso — é se você vai dançar com o Duque.

² A menina é pequena, portanto a autora escreveu algumas palavras erradas propositalmente, para condizer com a idade e a educação dela.



— O Duque? — Exclamou Beatrice, arregalando os olhos cinzas. — O Duque vai estar lá? Oh, por que eu sou tão jovem para ir aos bailes? — Ela gemeu.

— Parem. Vocês duas. O Duque não vai estar lá. — Ela alisou as saias de seu vestido cor de safira. Embora não fosse um tecido caro, a cor realçava sua pele clara, e o ajuste da cintura acentuava suas curvas esbeltas e seu quadril. Ela franziu a testa para os quadris, que eram talvez um pouco curvilíneos demais. E seu peito. Ela precisava parar de comer todas as tortas de maçã que Beatrice assava tão bem. Os doces eram sua fraqueza. — Ele raramente aparece em eventos locais como este.

Enquanto as palavras saíam de sua boca, ela se perguntou se ele apareceria. Ele nunca mais havia participado de um baile público. Ainda assim, ela tomou muito cuidado ao enrolar seus cabelos em cachos suaves, fixando apenas os lados e deixando o resto cair solto em suas costas. Ela pensou nele enquanto enrolava os cabelos, lembrando-se de como ele continuava tentando soltá-los a cada vez que estavam sozinhos.

Seu peito se agarrou a sua promessa. *Na próxima vez.* Ela se perguntou quando seria. Ele não lhe disse quando a veria de novo. Ela também questionou sua sanidade pela centésima vez, desde que começou a brincar com a ideia de se tornar a amante do Duque vampiro.

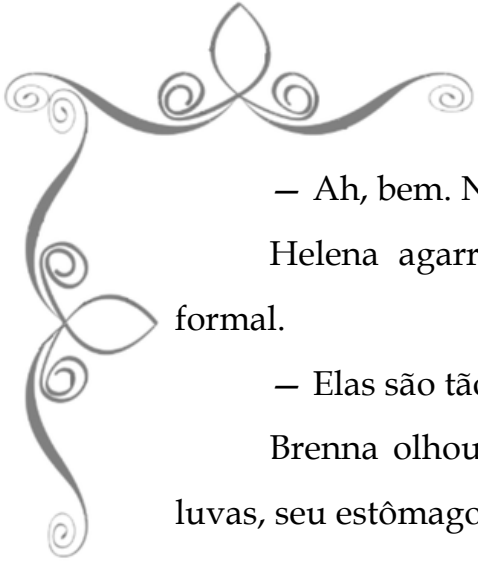
Ela não foi capaz de fazer nada durante o resto da noite, se esgueirando pela casa e no porão, não conseguindo fazer nada de importante. Ela olhou para as unhas, observando uma mancha de tinta sob a sua unha.

— Oh, Beatrice, você pode buscar a água com sabão?

Uma batida veio na porta da frente. Todos ofegaram. Exceto Izzy, é claro.

— Deixe-me atender! — Izzy saiu da sala, em direção a porta da frente.

— *Izzy!* — Beatrice se levantou e a seguiu. — Você está de camisola, pelo amor de Deus!



— Ah, bem. Não tenho mais tempo. Minhas luvas, Helena.

Helena agarrou suas longas luvas brancas, seu único par de luvas formal.

— Elas são tão lindas, Mimi. Elas também eram de sua mãe?

Brenna olhou para o cetim branco brilhante enquanto vestia uma das luvas, seu estômago apertando com a memória dolorosa.

— Não. — ela respondeu com um sorriso triste. — Estas são minhas. — Ela afastou os pensamentos lamentáveis. Por uma noite, ela queria simplesmente se divertir. — Agora, sim. Tudo pronto.

Helena a olhava com os olhos distantes, parecendo perdida.

— O que foi, querida? — Brenna ergueu o queixo dela, encontrando seus lindos olhos verdes marejando. — Oh, querida. É por causa do Reggie?

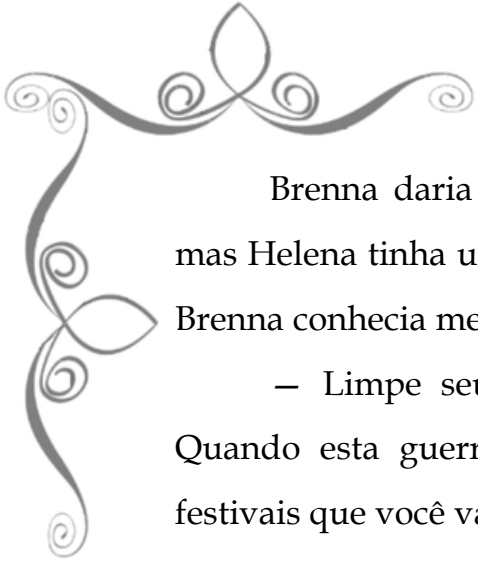
Ela assentiu, tremendo.

— Eu só me preocupo com o trabalho que ele está fazendo. O tempo todo, eu me preocupo. — Ela limpou uma lágrima antes que ela estivesse a meio caminho pela bochecha. — É tão perigoso. E então eu vejo o quanto você está adorável, indo para o baile, e eu me pergunto se Reggie e eu algum dia faremos essas coisas juntos?

— Oh, Helena. — Ela puxou seu corpo esbelto em seus braços. — Eu estava com medo de que isso acontecesse. Você, aparentemente, já se apaixonou.

Ela mal podia culpá-lo. Reggie tinha apenas vinte anos, apenas dois anos a mais que Helena. Ele pediu formalmente para cortejá-la no último aniversário dela. Brenna hesitou, simplesmente porque sua posição na resistência o tornaria um alvo e, portanto, poderia pôr Helena em perigo. Ela não podia suportar pensar em nenhum mal atingindo Helena ou qualquer um de seus filhos. No final, ela também não conseguiu negar isso a Helena.

— Eu me apaixonei, Mimi. — ela fungou. — Eu não sabia que o amor podia machucar tanto.



Brenna daria risada se fosse um fascínio de uma menina inconstante, mas Helena tinha uma alma amadurecida e sentia as coisas profundamente. E Brenna conhecia melhor do que ninguém a dor de ter um coração partido.

— Limpe seus olhos. — Ela a levantou e apertou seus ombros. — Quando esta guerra acabar, você e Reggie irão a tantos bailes, danças e festivais que você vai até enjoar deles.

Helena riu, com um suspiro.

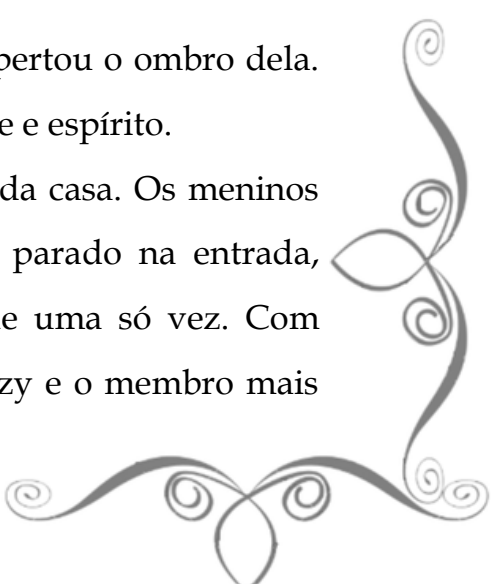
— Eu espero que sim.

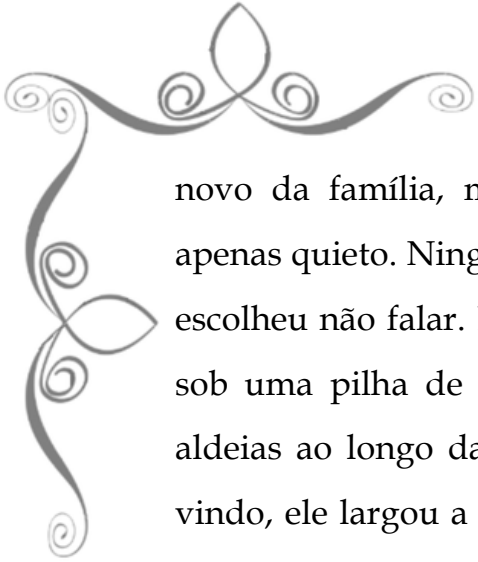
Elas compartilharam um olhar silencioso. Não havia garantia de que os humanos venceriam a guerra que se aproximava. Se não ganhassem, as chances eram de que eles ficariam vivendo em um estado de servidão mais sombrio do que agora. O Duke de Winter Hill era um bom mestre para o povo de Terrington e as outras aldeias em seu ducado. Mesmo assim, Reggie os manteve informados com notícias de todo o Império Varis, inclusive a de que os cadáveres estavam se acumulando, e que os mais próximos da Torre de Vidro foram os que sofreram mais. Houveram aparições da rainha Morgrid, que foi visitar o filho, o rei Dominik em seu palácio, Izeling Tower. O vampiro Rei do Norte era conhecido por sua crueldade selvagem, que ele mantinha perto de sua própria casa, sem se aventurar muito no território do Duque. E se ele mudasse de ideia e voltasse sua atenção para as pessoas de Terrington, Ferriday e o resto de sua região?

— Você precisa ir. — disse Helena, forçando um sorriso. — Me desculpe, eu estava sendo tão boba.

— Não se desculpe por suas emoções. — Brenna apertou o ombro dela. — Elas são tão importantes para o seu ser, como sua mente e espírito.

Elas caminharam juntas pelo corredor até a frente da casa. Os meninos conversavam um com o outro. George Dawson estava parado na entrada, sorrindo para eles enquanto tentavam impressioná-lo de uma só vez. Com exceção de Denny. Ele era um ano mais velho do que Izzy e o membro mais





novo da família, mas nunca havia falado. Ele não estava mal-humorado, apenas quieto. Ninguém sabia se ele era mudo de nascimento ou se ele apenas escolheu não falar. Ele foi encontrado em um caixote de nabo, escondendo-se sob uma pilha de sacos. Quando o fazendeiro que fez entregas em várias aldeias ao longo da estrada do norte disse que não sabia de onde ele havia vindo, ele largou a criança na escola. A sua generosidade com as crianças era conhecida nessas bandas. E, embora ele nunca tenha falado, ela tinha certeza de que seus pais tinham chegado a um fim trágico ou que ele havia sido abandonado. De qualquer forma, ele era dela agora.

— Mas você não acha que a minha é mais brilhante? — Perguntou Caden com um sorriso, empurrando sua espada de madeira no rosto do Sr. Dawson.

Emmett bufou.

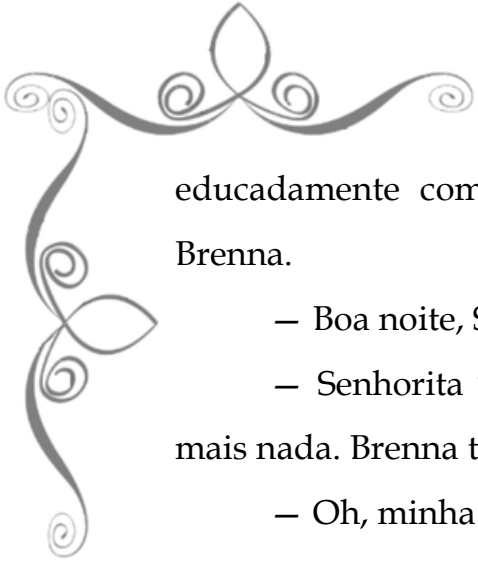
— Você nem tem um punho apropriado. Dê uma olhada no meu.

Jack sorriu para ambos os irmãos. Esses três eram, na verdade, irmãos de sangue legítimos, com dois anos de diferença. Caden sendo o mais velho, com 14 anos. Eles perderam a mãe para uma febre há dois anos, na fazenda fora de Ferriday, e seu pai desapareceu na última colheita, como muitos homens saudáveis e fortes que estão desaparecidos nos dias de hoje.

Brenna acolheu todos eles, não querendo enviá-los para a casa de caridade da cidade, em Izeling, como a que tinha visto em Korinth. Os meninos provavelmente seriam separados e passariam fome ou trabalhariam até a morte em uma daquelas casas de caridade, que eram pouco mais do que um albergue de escravos. Brenna nunca deixaria isso acontecer. E, uma a uma, no curto ano que ela estava morando em Terrington, ela se tornou a única responsável por essas sete crianças indisciplinadas e queridas.

— Caden. Emmett. Já chega. — disse ela, com firmeza.

Os meninos imediatamente recuaram e tiveram o bom senso de parecerem um pouco envergonhados por importunar o Sr. Dawson, que sorria



educadamente com o chapéu na mão. Então seus olhos pousaram sobre Brenna.

— Boa noite, Sr. Dawson.

— Senhorita Snow. — Ele engoliu visivelmente e não conseguiu dizer mais nada. Brenna tomou isso como um bom sinal.

— Oh, minha capa, Helena.

Helena pulou com o manto de lã preta na mão e a ajudou a amarrar no pescoço.

— Vamos? — Perguntou Brenna, vendo como o Sr. Dawson ainda estava sem palavras, boquiaberto para ela.

— Sim. Claro, sim. — Ele estendeu o braço para ela.

— Agora, Helena está no comando. Caden, vocês rapazes, a obedecem. Eu não vou demorar.

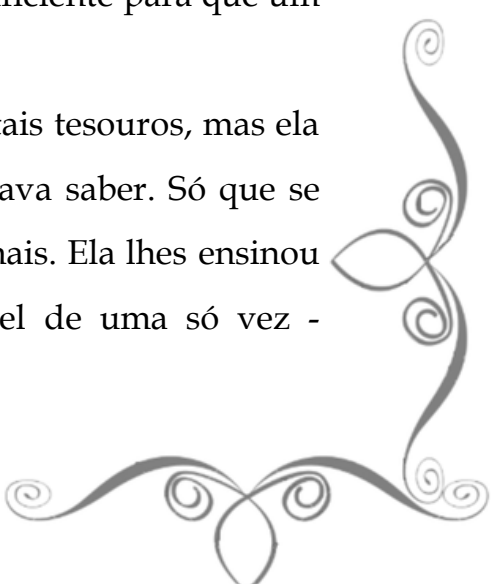
Ela deu um beijo nas cabeças de Izzy e Denny. Eles esperavam beijos de boa-noite todas as noites. Eles já vão estar dormindo profundamente na hora em que ela voltar.

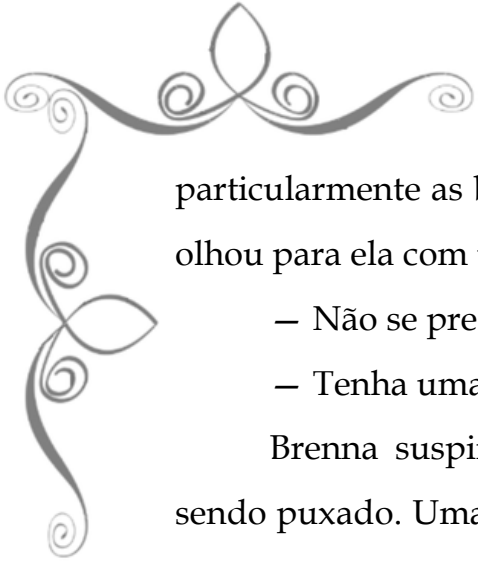
— Tranque bem a porta, Helena. — Ela lhe deu um olhar de advertência, o que Helena interpretou apropriadamente.

— Nós ficaremos bem.

Brenna havia treinado em particular, ela e Caden, sobre como usar corretamente as adagas embutidas em ouro, se tivessem algum problema quando ela não estivesse em casa. O elemento de ouro, venenoso para o sangue de um vampiro, poderia debilita-los por tempo suficiente para que um humano pudesse escapar.

Caden chegou a perguntar onde foi que ela achou tais tesouros, mas ela se recusou a dar-lhe mais informações do que ele precisava saber. Só que se alguém invadissem sua casa, eles deveriam usar esses punhais. Ela lhes ensinou sobre o melhor modo de fazer um homem ficar imóvel de uma só vez -





particularmente as bolas ou os olhos - assim como Reggie lhe ensinara. Caden olhou para ela com um novo respeito depois disso.

— Não se preocupe. — assegurou Caden, com uma piscadela.

— Tenha uma boa noite. — disse Beatrice.

Brenna suspirou aliviada quando ouviu o som do ferrolho do trinco sendo puxado. Uma leve camada de neve flutuava no ar. Ela puxou o capuz e deixou o Sr. Dawson acompanhá-la pelo caminho do portão de ferro forjado.

Ele olhou para ela enquanto a acompanhava até sua carruagem.

— Você está muito...

Ele não conseguiu encontrar as palavras. Brenna sentiu um pânico de simpatia por ele e deu um aperto no braço dele enquanto ele a ajudava.

— Obrigada, Sr. Dawson.

Sua carruagem tinha uma boa cobertura pendurada, embora uma carruagem fechada fosse mais quente. Mas ela não tinha uma, então, ela estava agradecida por sua oferta para leva-la para o baile da cidade. Infelizmente, a admiração do Sr. Dawson era maior do que ela tinha percebido.

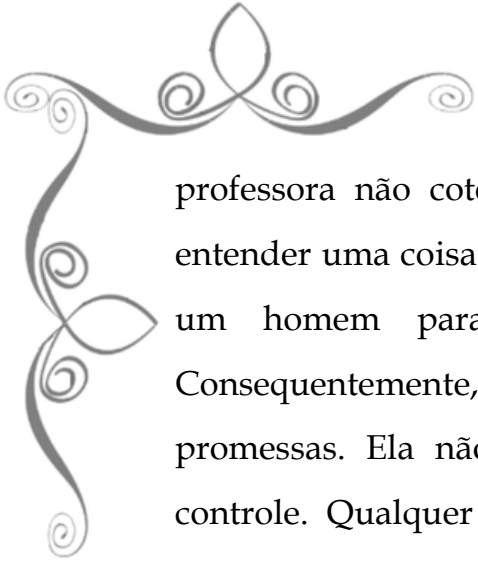
— Você está quente o suficiente? — Ele perguntou. — Eu posso te dar o meu casaco.

— Oh, não, Sr. Dawson. — Ela sorriu gentilmente. — Eu estou bem aquecida.

Ele assentiu com nervosismo e depois chicoteou seus cavalos com a ponta das rédeas. Eles avançaram e voltaram para a cidade.

Brenna não era uma garota inexperiente. Ela sabia quando um homem estava atraído por ela. Ela só tinha estado com o Sr. Dawson em círculos maiores e por curtos períodos de tempo. Mas os olhares que ele continuava lançando para ela eram de um homem bastante enfeitiçado. Talvez ela devesse ter recusado sua oferta para acompanhá-la.

Ela não cortejava um homem há muito tempo. Não desde Elliott. Não que ela tivesse planos de cortejar alguém, muito menos o Duque. Uma



professora não cotejava um duque. Suas promessas sensuais a levaram a entender uma coisa muito importante. Ela não precisava se comprometer com um homem para apreciar os prazeres que ele poderia oferecer. Consequentemente, não precisava ter medo em deixar o Duque cumprir suas promessas. Ela não corria o risco de deixar seus sentimentos saírem de controle. Qualquer tipo de relacionamento com o Duque seria puramente físico. Ela estava tão concentrada em ensinar e cuidar das crianças que raramente pensava em suas próprias necessidades femininas. Mas a excitação que sentiu na presença do Duque lhe disse que certamente ainda as possuía.

Ao contrário do doce George Dawson, que continuava a olhar para ela enquanto mantinha seus cavalos num bom trote em direção a Terrington. George era um homem bom e trabalhador, que poderia manter uma mulher feliz em um casamento estável. Ele tinha aquele brilho nos olhos de um homem que desejava um lar - uma casa, com bebês sentados sem seu joelho. Era por isso que ela não deveria continuar dando esperanças ao pobre. Ela não iria se casar. Nunca mais.

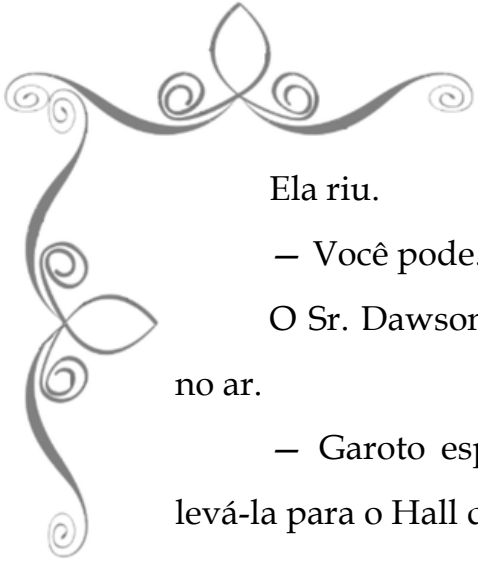
As luzes quentes brilharam à frente, enquanto eles se dirigiam para Terrington. A prefeitura no final estava iluminada com braseiros no caminho circular. As variedades de músicas animadas e uma multidão de murmúrios entraram no pátio.

— Parece que o baile está bastante animado. — disse Brenna, incapaz de evitar olhar ao redor, procurando pela carruagem de prata e de laca brilhante. Ela não a viu.

O Sr. Dawson desceu e a ajudou. Um dos meninos da aldeia, o filho do açougueiro, chamado Simon, tomou as rédeas, olhando boquiaberto para Brenna.

— Boa noite, Simon. É bom te ver pegando firme no trabalho.

— Obrigado, Senhorita Snow. Você está bonita, senhorita. Se é que eu posso dizer isso sobre minha professora.



Ela riu.

— Você pode. E, obrigada.

O Sr. Dawson lançou a ele uma moeda de cobre a Simon, que a pegou no ar.

— Garoto esperto. — disse o Sr. Dawson, sorrindo para ela antes de levá-la para o Hall de entrada. — Deixe-me pegar sua capa.

— Obrigada. — Ele carregou o casaco e a capa para o armário de casacos.

Brenna se adiantou. O salão era um redemoinho de cores brilhantes e sons animados. Os dançarinos giravam com suas parceiras em um ritmo alegre. As saias das senhoras pintavam o salão em um Caleidoscópio em tons pastéis. A banda de músicos formada por dois agricultores e o velho Sr. Sellers, do escritório de correios, tocava uma melodia jovial em um palanque ao lado. Os espectadores riam e conversavam, enquanto desfrutavam de um copo de ponche ou uma caneca de cerveja. Era uma cena feliz. Certamente, Brenna poderia esquecer do Duque por uma noite, aqui.

— Você gostaria de um ponche?

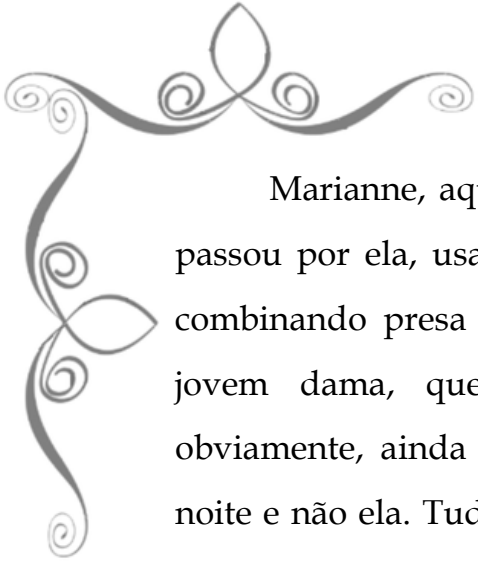
Ela se assustou, pois havia se esquecido momentaneamente do Sr. Dawson.

— Isso seria adorável.

Brenna se aproximou dele.

— Boa noite, Senhorita Snow. — O juiz curvou a cabeça brevemente, tentando conseguir um lampejo de seu decote.

Em pânico por apenas um segundo, ela se perguntou se deveria ter usado este vestido, seu único vestido, além de seus vestidos simples de professora. Mas, Helena disse que este era muito mais modesto do que o que a maioria das mulheres usava na Cidade. Brenna engoliu a ansiedade, mesmo diante dos olhares de homens sorridentes e mulheres não tão sorridentes assim.



Marianne, aquela com quem ela havia conversado no Pátio das Rosas, passou por ela, usando o vestido de cetim rosa mais lindo, com uma bolsa combinando presa em torno de seu pulso delicado. Ela captou o olhar da jovem dama, que simplesmente arqueou uma sobrancelha para ela, obviamente, ainda ressentida, porque Brenna havia sido escolhida naquela noite e não ela. Tudo o que acontecia no Pátio das Rosa era considerado livre de fofocas. Embora muitas pessoas da cidade soubessem quais eram as damas que se aventuravam por ali, sabia-se que ninguém compartilhava quem era escolhida. Pois havia muitas empregadas que ajudavam suas famílias, servindo de bleeder para o Duque. Esta regra de silêncio foi instituída pelo Duque, aparentemente. Regra estranha para um vampiro. Por que ele deveria se importar? Ainda assim, depois de ter sido apanhada no Pátio das Rosas, essa foi a única razão que a impediu de se isolar em sua escola e se esconder.

Aqui estava ela, pensando nele de novo. *Droga!*

— Brenna! — Sylvia acenou perto da tigela de ponche, de pé com seu homem, Grant.

Ela suspirou aliviada e empurrou através da multidão. Sylvia lhe deu um abraço engraçado, suas bochechas estavam coradas, ou de alegria ou do ponche. De qualquer forma, ela parecia feliz. O homem alto e de aparência fria ao seu lado olhou para ela e continuou observando multidão dançante.

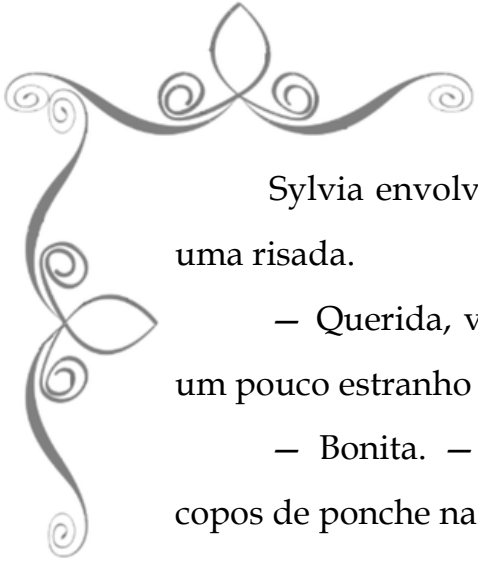
— Olhe para você! — Sylvia piscou, com um brilho nos olhos.

— Oh, céus! Eu estou tão ruim assim?

— Ruim? Oh não, bobinha. Está ótima. Onde você escondeu este vestido?

Brenna revirou os olhos.

— Eu não deveria estar usando isso. Eu sabia. Helena disse que era bonito. E não muito... — ela olhou para Grant, mas sua atenção parecia estar em outro lugar, então ela sussurrou a última palavra — *revelador*.



Sylvia envolveu os braços ao redor dela e jogou a cabeça para trás, em uma risada.

— Querida, você é tão controlada. Ele é muito, muito bonito. É apenas um pouco estranho ver você tão...

— Bonita. — terminou o Sr. Dawson, de pé no outro lado, com dois copos de ponche nas mãos. — Aqui está você, Senhorita Snow.

— Obrigada, Sr. Dawson.

Ela ignorou o sorriso infantil de Sylvia pela atenção de Dawson, mas ela mal podia fingir que não notou Grant arqueando a sobrancelha para o Sr. Dawson, quando ele se inclinou e colocou uma mão nas costas dela, antes de perguntar.

— Você gostaria de dançar?

— Oh! Obrigada, Sr. Dawson. Mas eu gostaria de beber meu ponche primeiro, já que você teve tanto trabalho em trazê-lo para mim. — Ela tomou um gole, que era ácido, mas tinha um sabor gostoso de licor de laranja.

Brenna sorriu docemente e pegou Grant revirando os olhos antes de se abaixar perto da orelha de Sylvia e sussurrar. O que ele estava fazendo? A boca dela formou um O perfeito em surpresa, em seguida, seus olhos voaram para suas costas, onde o Sr. Dawson estava mantendo uma das mãos possessivamente. Embora Brenna não soubesse como se esquivar casualmente de seu abraço parcial, ela não tinha certeza do que teria o homem de Sylvia a dizer sobre isso.

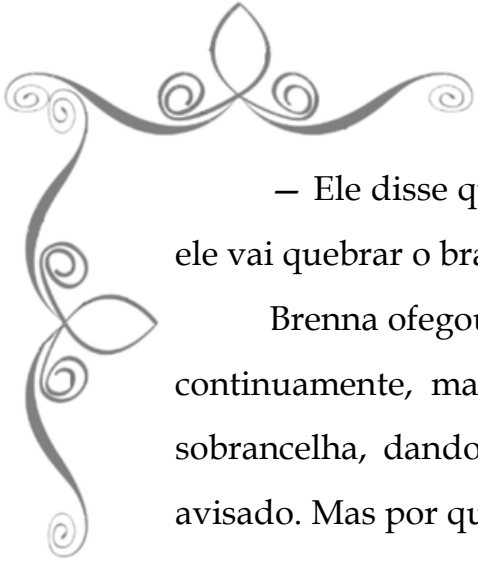
Ela se inclinou para Sylvia e perguntou baixinho.

— O que ele disse para você?

— Você realmente quer saber?

— Sim. Por que ele está de cara feia para o Sr. Dawson?

Ela cobriu a boca para ter certeza de que apenas Brenna ouviria sua resposta silenciosa.



— Ele disse que se o Duque pegar o Sr. Dawson tocando em você assim, ele vai quebrar o braço dele.

Brenna ofegou e olhou com firmeza para Grant. Ele escaneou a multidão continuamente, mas depois seu olhar caiu para Brenna e ele ergueu uma sobrancelha, dando-lhe um sorriso inclinado, como se dissesse que a tinha avisado. Mas por que ele a olharia como se...

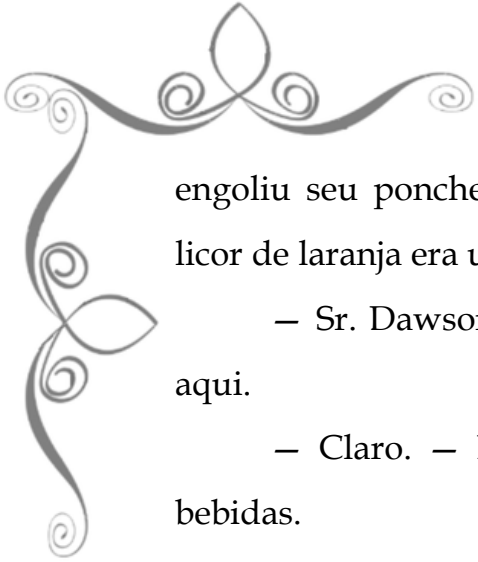
Os músicos pararam de tocar e os dançarinos pararam por um momento. A multidão se calou quando todos se viraram para a porta. Parado na entrada do salão, parecendo devastador demais para se descrever com palavras, estava o Duque de Winter Hill. Ao seu lado estavam seu capitão de guarda e um outro que ela viu ao redor do castelo, ambos em trajes mais formais do que o habitual. Embora os guardas parecessem estar simplesmente assistindo ao baile, Brenna sabia que não era o caso. Eles estavam claramente de serviço, a julgar pela maneira aguçada com que examinavam o salão.

O juiz da cidade correu para cumprimentá-los, sua esposa agitada ao seu lado. Outros funcionários da cidade se apressaram para receber o Duque real e apresentar suas esposas, bem como suas filhas não casadas. Brennalyne sufocou o ciúme crescente quando o Duque se inclinou sobre uma morena excepcionalmente linda. Enquanto a moça piscava os olhos docemente, ele parecia não notar, movendo-se rapidamente através das cordialidades.

— O Duque apareceu? Bem, esse é um acontecimento raro. — comentou o Sr. Dawson.

A música recomeçou e os dançarinos lentamente tomaram conta do salão.

Brenna não conseguia tirar os olhos dele. Ele havia acabado de cumprimentar educadamente uma loira bastante atraente quando seus olhos atravessaram a sala diretamente para ela, como se soubesse exatamente onde ela estava o tempo todo. Seu olhar sombrio ordenou que ela ficasse parada. Ela



engoliu seu ponche, sentindo uma onda de tontura no último gole. Aquele licor de laranja era um pouco forte, mas ela precisava de fortificação.

— Sr. Dawson? Você poderia me pegar outro copo? Está muito quente aqui.

— Claro. — Ele pegou seu copo rapidamente e correu em direção as bebidas.

— Muito quente. — sussurrou Sylvia. — Bom trabalho.

Uma pontada de culpa torceu seu interior. Até que ela pegou o Duque descendo o centro do salão, passando pelos dançarinos, vindo em sua direção a passos largos. Então, a ansiedade a consumiu. Ela agradeceu aos céus por estarem em um salão lotado, pois ela não tinha certeza de como lidaria com a promessa dele, sobre a próxima vez que estivessem sozinhos.

O olhar dele não vacilou por nenhum instante. Quando ele finalmente parou na frente dela, em uma sutil reverência, não hesitou em estender a mão.

— Eu acho que esta é a nossa valsa, Srta. Snow.

— É? — Ela finalmente sintonizou a melodia, reconhecendo a lenta reverência das notas sobre as cordas.

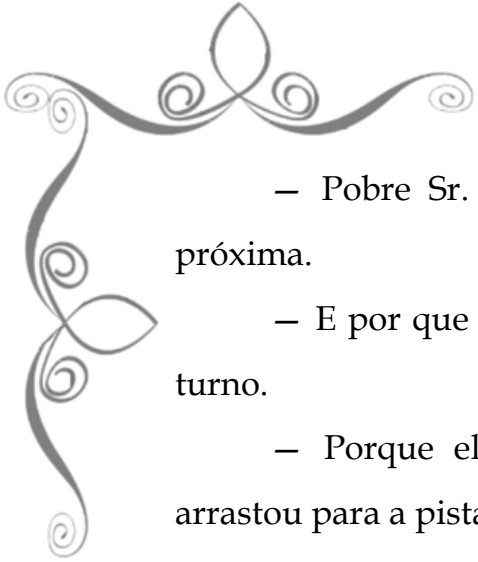
— É. — Ele invadiu seu espaço, como costumava fazer. — Me dê sua mão.

Ela estreitou o olhar e disse baixinho, apenas para os ouvidos dele, enquanto colocava a luva entre suas mãos. — Só porque não quero causar uma cena.

Sua linda boca se curvou em um sorriso de lado.

— O que quer que você queira acreditar. — Ele agarrou sua cintura com a outra mão e a girou na pista de dança. Ela estava apenas vagamente consciente de que o Sr. Dawson estava ao lado, segurando dois copos de ponche, com um olhar de surpresa e desapontamento em seu rosto. Ela estremeceu.

— Porque esse olhar? — ele perguntou.



— Pobre Sr. Dawson. Suponho que vou ter que dançar com ele na próxima.

— E por que você faria isso? — Ele a puxou mais apertado no próximo turno.

— Porque ele me pediu primeiro. E então você entrou aqui e me arrastou para a pista de dança, como se fosse meu dono.

— E eu não sou?

— Hmph. Não, *Sua Graça*. Você não é. Ninguém é. — Ela inclinou a cabeça para o lado, observando os dançarinos enquanto eles giravam, tentando fingir que não estavam todos olhando para ela.

— Oh, Srta. Snow. — O timbre da voz de barítono chamou sua atenção de volta para ele. Sem querer. — Eu amo que você realmente acredite nisso. Mas, logo você será minha. Não há dúvidas disso. — Ele sorriu caprichosamente. — Melhor não provocar o pobre Sr. Dawson, fazendo-o pensar que tem alguma chance.

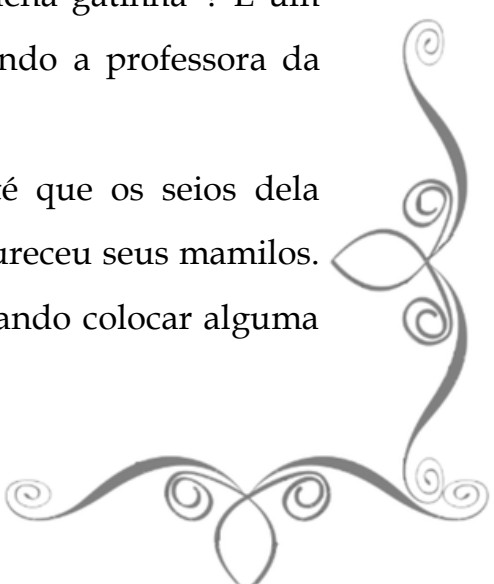
— Provocar? Você é quem o está provocando. Você fala de posse e propriedade como se eu fosse uma égua premiada. Eu não sou.

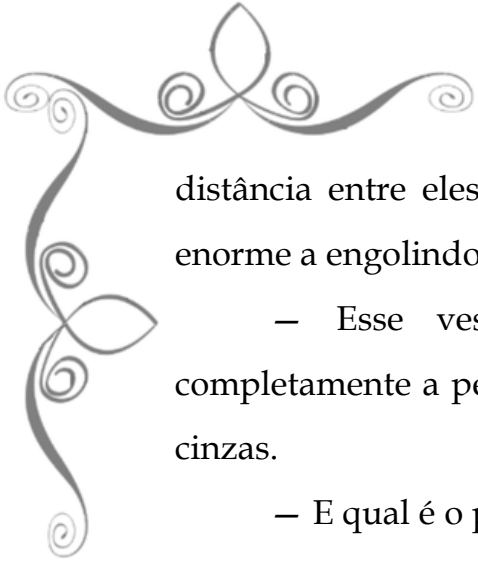
— Isso é verdade, pequena gatinha. Você não é. Você é muito mais preciosa. — Sua mão espremeu sua cintura, o calor queimando através do tecido de seu vestido, através de seu espartilho.

Determinada a não se deixar perturbar, ou, pelo menos ter a aparência de uma mulher ainda em perfeito juízo, ela perguntou.

— Por que você continua me chamando de “pequena gatinha”? É um apelido insultante. E o Duque não deveria estar chamando a professora da escola por apelidos.

No rodopio seguinte, ele a puxou para perto, até que os seios dela roçaram no peito dele. A fricção, tão breve como foi, endureceu seus mamilos. Ela ofegou, em seguida, rapidamente fechou a boca, tentando colocar alguma





distância entre eles. Mas, ele estava totalmente no controle, com seu corpo enorme a engolindo e sua presença intimidadora a prendendo a cada rodopio.

– Esse vestido fica muito bonito em você. – Ele ignorou completamente a pergunta dela. – Muito mais atraente do que seus vestidos cinzas.

– E qual é o problema dos meus vestidos?

– Eles são horríveis.

Ela ofegou.

– Meus vestidos são perfeitamente adequados para uma mulher do meu status social.

– E qual seria esse status? O de uma senhora idosa?

Ela pegou seu sorriso malicioso. Ele estava passando por ela. E estava funcionando.

– Uma mulher solteira. O de professora da cidade.

Ele bufou, diminuindo a velocidade com que valsavam.

– Você se acha uma solteirona aos vinte e três anos? Eu não acho. E eu vou queimar todos os seus vestidos, assim que eu tiver uma chance.

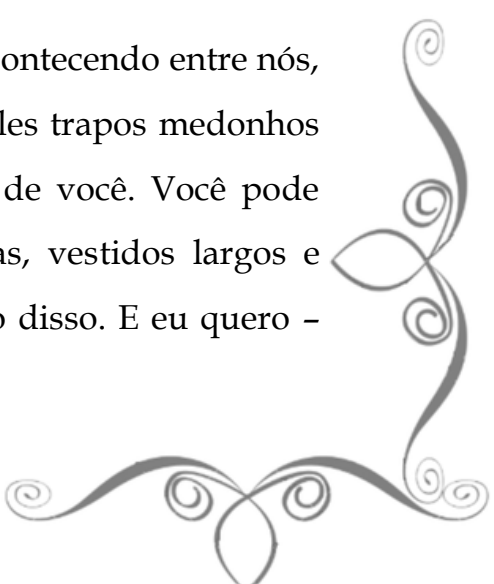
– Sua Graça! Você não fará tal coisa. Você não tem o direito de destruir nenhuma das minhas posses.

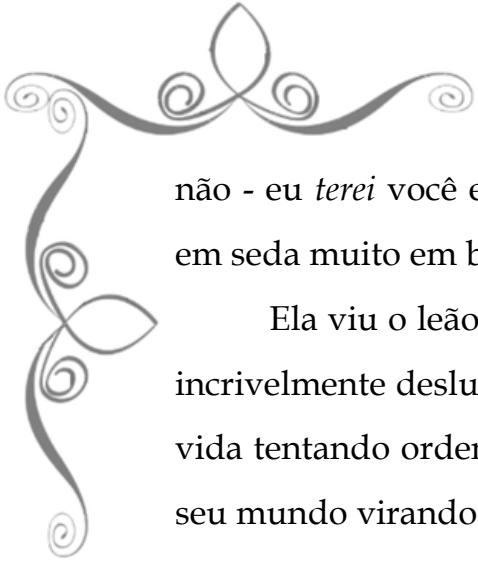
Ele sorriu e diminuiu o movimento para a frente, parando ainda mais perto.

Ela tentou sair do abraço dele, mas ele a manteve no lugar.

– Sua graça?

– Não tenho certeza de que você sabe o que está acontecendo entre nós, Srta. Snow. Mas, permita-me esclarecer uma coisa. Aqueles trapos medonhos não são dignos do seu corpo delicioso. Não são digno de você. Você pode tentar esconder sua beleza por trás de cores monótonas, vestidos largos e coques apertados. Mas eu vejo o que há por trás de tudo disso. E eu quero –





não - eu *terei* você em toda sua glória. Portanto, prepare-se para ser revestida em seda muito em breve.

Ela viu o leão no homem, olhando-a com firmeza e confiança. O que era incrivelmente deslumbrante e sedutor. Ela havia passado a maior parte de sua vida tentando ordenar e controlar as coisas a sua volta, apenas para encontrar seu mundo virando de cabeça para baixo, a cada passo. Ela se perguntou como o Duque se sentiria, caso perdesse o controle.

— Deve ser muito difícil. — disse ela.

— O que deve ser difícil? — Ele a arrastou para longe do desajeitado Sr. Powell, que quase se jogou neles com sua parceira de dança.

— Achar que você possui todo mundo que conhece.

— Assim você me magoa. Eu não acho nada disso.

— Sério? Você acabou de dizer - como se fosse um decreto - que eu serei revestida em seda. E se eu não gostar de seda?

Seu sorriso ardente fez seus joelhos vacilarem.

— Ah, vamos lá, Senhorita Snow. — Ele se aproximou de sua orelha, seu lábio roçando nela enquanto sussurrava. — Se não gosta de vestidos de seda, que tal lençóis de seda?

Ela riu, a provocação maliciosa aqueceu seu rosto com um rubor.

— Você é muito indecente para um Duque Real.

— Obrigado. — ele disse, com um sorriso malicioso. — Eu faço o meu melhor.

— Não foi um elogio.

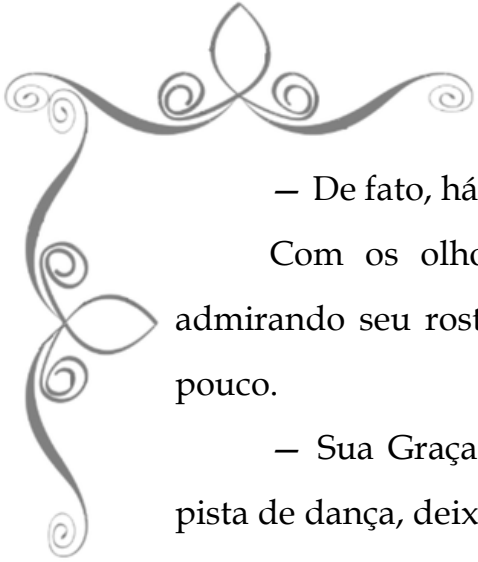
— Certamente foi.

Ela estreitou o olhar.

— Bem, independente do que você acredita, gostaria de esclarecer que você *não* é meu dono, Sua Graça.

— Eu não quero ser seu dono, pequena gatinha. Quero possuí-la.

— Não há diferença.



— De fato, há.

Com os olhos escurecidos e encobertos pela sombra, ela o pegou admirando seu rosto, antes deles pousarem em sua boca. Ele se afastou um pouco.

— Sua Graça, — ela advertiu — se você está planejando me beijar na pista de dança, deixe-me lhe dizer que eu não acho apropriado.

— Tudo bem. Seria apropriado na minha carruagem, no caminho de volta para casa?

Ela franziu a testa.

— Você é sempre tão atirado com as damas que planeja seduzir?

— Não. Na verdade, não. Normalmente, eu sou muito mais charmoso, mas parece que você traz à tona a minha pior versão, Srta. Snow. Eu prefiro pular todos os joguinhos e ir direto ao ponto.

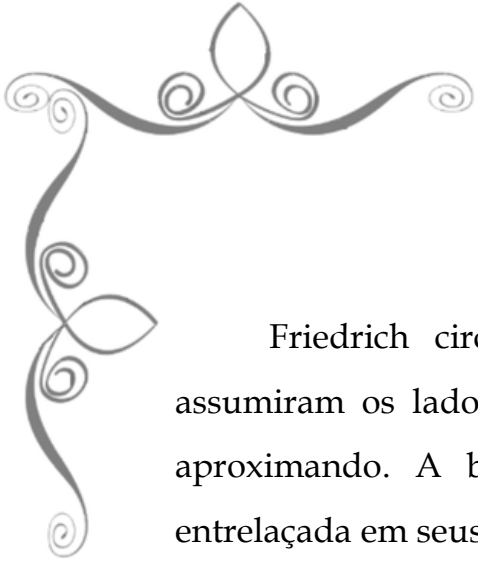
— Você é incorrigível...

Um rosando repentino e um barulho alto ecoaram por trás deles. Alguém gritou.

Ela foi erguida e carregada em seus braços fortes, tudo se movendo rapidamente, como um borrão. Quando foi colocada de pé, ela estava na parte de trás do salão, diante de Grant, com os joelhos tremendo.

— Proteja-a com a sua vida. — Então o Duque acelerou na direção dos sons animalescos.

O meio do salão havia esvaziado, as pessoas da cidade recuando em pânico, correndo para a única saída. Lá, na pista de dança, estava um homem que Brenna não reconheceu, curvado sobre o corpo desfalecido de Marianne. Ele havia rasgado sua garganta e estava bebendo seu sangue, enquanto ele pingava e se acumulava no chão de madeira, encharcando sua bolsa de cetim cor de rosa.



CAPÍTULO 08

Friedrich circulou o vampiro se banquetando. Mikhail e Dmitri assumiram os lados opostos dele e eles se moviam no sentido horário, se aproximando. A besta sugava alto e forte, de joelhos, com sua presa entrelaçada em seus braços. O cabelo loiro da moça balançava pelo movimento frenético da besta, e seus olhos estavam arregalados e vidrados, mortos.

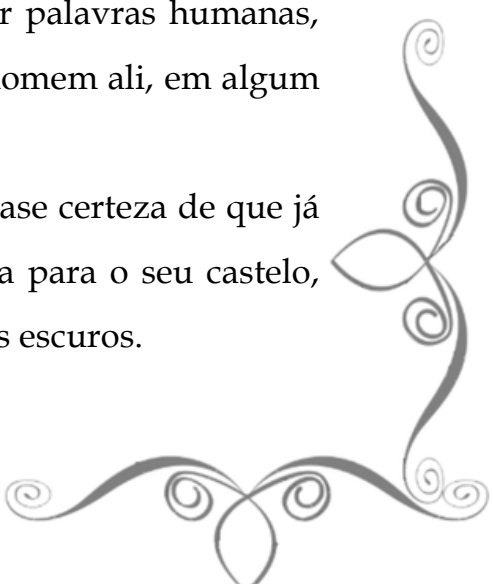
O sangue escorria no chão, espalhando-se. O estômago de Friedrich embrulhou diante dessa cena, onde um monstro nojento estava se alimentando de uma garota inocente, horrorizando as pessoas de Terrington. E, durante todo o tempo, a criatura nem sequer notou que sua própria morte se aproximava.

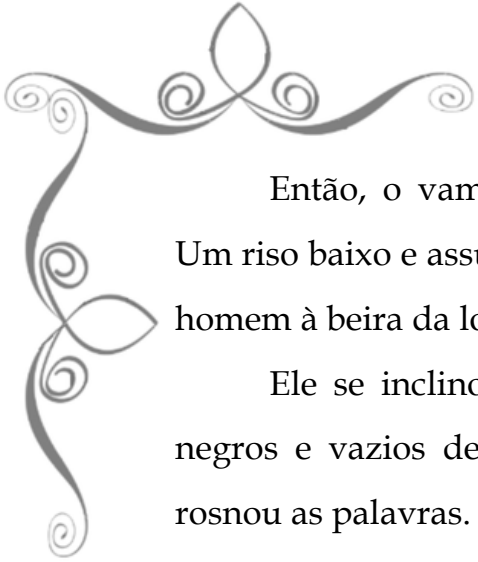
Friedrich olhou para Mikhail, depois para Dmitri, dando-lhes um rápido aceno para sinalizar o ataque. De uma vez, os três caíram sobre ele. Arrancando-o do corpo, tendo que quebrar seus dedos com garras em ambas as mãos, para abrir seu aperto. Eles o pressionaram de costas. Friedrich agarrou sua garganta, pressionando com um joelho no peito dele, enquanto Mikhail e Dmitri seguravam seus braços e corpo.

— Quem é você? — Friedrich rugiu.

Os olhos da besta estavam completamente negros. *A compulsão por sangue.* O animal abriu seus lábios finos, revelando uma fileira de dentes serrilhados e quatro caninos afiados, em cima e embaixo, manchado de sangue na boca e no queixo. O animal não conseguia reconhecer palavras humanas, grunhindo e rosando, mas o Duque sabia que havia um homem ali, em algum lugar.

— Quem te criou? — Ele exigiu, embora tivesse quase certeza de que já sabia. Ele não era um dos caçadores que seu tio trouxera para o seu castelo, mas ele tinha o mesmo olhar desequilibrado em seus olhos escuros.





Então, o vampiro enlouquecido fez algo que ninguém esperava. Riu. Um riso baixo e assustador, gargarejando o sangue em sua garganta, como um homem à beira da loucura. O que, provavelmente, ele era.

Ele se inclinou mais perto, tentando enxergar algo dentro dos poços negros e vazios de suas pupilas dilatadas. Mas, não havia nada. Friedrich rosnou as palavras.

— Se você acha que vai ter uma morte rápida, seu animal fodido, você está enganado. Você vai cantar feito uma cotovia sangrenta, antes de eu terminar com você.

Por uma fração de segundo, a expressão do vampiro vacilou. Uma centelha de medo piscou, mas desapareceu rapidamente. A criatura sorriu, inclinando a cabeça em direção a um grupo de senhoras que se encolhiam e choramingavam contra a parede.

— Sangue. — disse, com uma voz rouca. — Mais sangue.

Os murmúrios suaves dos homens e os gritos fúnebres de mulheres ainda no corredor lhe disseram que aquilo teria que esperar.

— Oh. Haverá bastante sangue. — assegurou Friedrich, inclinando-se para trás e levantando-o pela garganta.

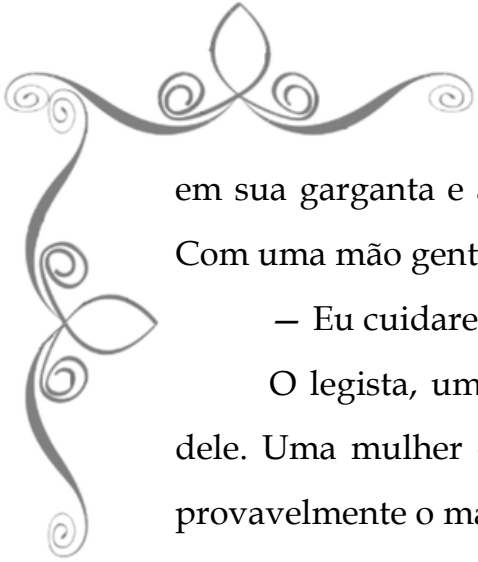
Mikhail e Dmitri ainda seguravam seus braços.

— Capitão, você e Dmitri o tranquem no calabouço, depois chamem o resto do guarda. Revirem a cidade e depois me informem. Eu não vou embora até ter uma escolta completa para levar a Srta. Snow para casa, em segurança. Ele deu um soco no peito do monstro. — Tirem essa coisa daqui, rápido.

— Sim, Sua Graça.

— E não demorem para voltar.

Sem muito esforço, Mikhail e seu irmão levaram a criatura pelos braços e correram na velocidade de vampiro pelo corredor. Ele se virou para a vítima, estremecendo ao ver a garganta ferida, queimando com o desejo de seguir seus homens e massacrar o vampiro que fez isso. Ele engoliu a bÍlis subindo



em sua garganta e afastou as memórias de seu avô. Ele *não* era esse homem. Com uma mão gentil, ele fechou os olhos dela.

— Eu cuidarei dela, Sua Graça.

O legista, um homem baixo e com braços fortes estava curvado acima dele. Uma mulher de meia idade chorou em seu lenço, um homem - muito provavelmente o marido - estava segurando-a e acariciando-a.

— A menina tem família?

— Sim, Sua Graça. O chapeleiro e sua esposa estão aqui, são seus tios.

Com um aceno firme, Friedrich ficou de pé, mas algo chamou sua atenção. Ali, na poça de seu sangue, encharcado, havia uma ponta de pergaminho saindo da bolsa de cetim. Ele reconheceu a cor do papel. Inclinando-se, ele abriu a bolsa e puxou o folheto de dentro, reconhecendo-o sem ler uma palavra. O tratado do White Lily. Dobrando-o, ele o enfiou dentro do paletó.

— Juiz Figgs. — ele chamou.

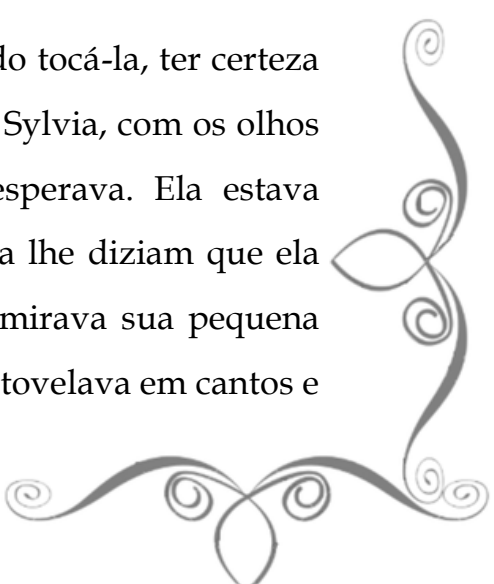
O homem de barba cinza que estava observando tudo com horror, tropeçou para a frente, mantendo um lenço na boca e no nariz.

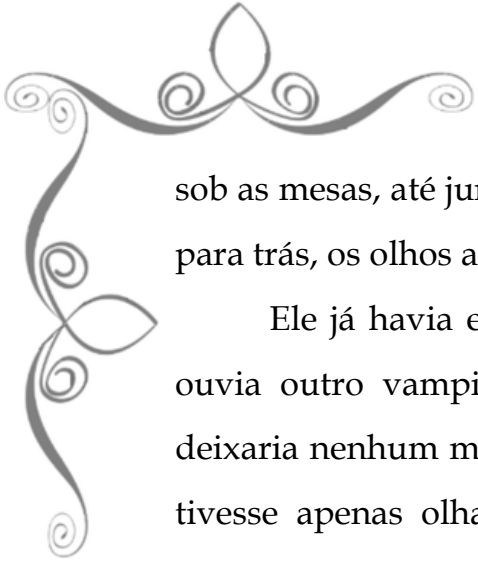
— Sim, Sua Graça?

— Certifique-se de que ninguém mais sai até que meus homens vasculhem a área. Apenas para ter certeza a cidade está segura. Ele parece ser um vampiro rebelde, agindo sozinho, mas eu quero ter certeza.

— Sim. Claro! — Ele se dirigiu para os outros funcionários amontoados em um canto, para dar as ordens.

Friedrich recuou em direção a Brennalyn, precisando tocá-la, ter certeza de que estava bem, segura. Ela estava ao lado de Grant e Sylvia, com os olhos arregalados, mas não tremendo de medo, como ele esperava. Ela estava assustada, com certeza, mas seus punhos e postura alerta lhe diziam que ela era uma lutadora. Como se ele esperasse menos. Ele admirava sua pequena guerreira. Enquanto a maioria das mulheres na sala se acotovelava em cantos e





sob as mesas, até junto a alguns homens, ela observava o lugar com os ombros para trás, os olhos alertas, pronta para encarar o perigo.

Ele já havia escaneado o ambiente com seus sentidos, não cheirava ou ouvia outro vampiro nas proximidades, exceto Mikhail e Dmitri. Ele não deixaria nenhum mal acontecer com sua pequena lutadora. Se aquela criatura tivesse apenas olhado na direção dela, ele o teria desmembrado no local, independentemente da informação que ele escondia em seu cérebro louco.

Finalmente chegando ao seu lado, ele agarrou os braços dela gentilmente, mas com firmeza.

— Você está bem?

Ela assentiu.

— Sim. Claro. — Seus olhos se dirigiram para o corpo sendo embrulhado em uma manta de linho e removido. — Quem era aquele... homem?

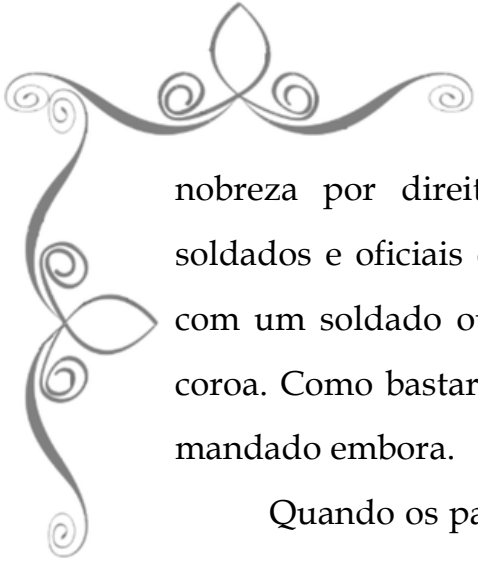
— Eu não sei. Não é de Terrington, isso é certo. — Ele olhou para Grant, que segurava Sylvia perto de seu peito. — O guarda irá voltar e acompanhá-la de volta ao palácio, depois de fazer uma varredura pela cidade.

A expressão habitual e cavalheiresca de Grant desapareceu, com a raiva sobrepondo sua expressão rígida.

— Nós precisamos conversar. — Seu tom grosseiro estava destoando do normal. Ninguém falava com um nobre desse jeito. Brennalyn e Sylvia notaram, olhando para Grant como se ele tivesse perdido a cabeça. Grant finalmente acrescentou — Sua Graça.

— Nós vamos. Depois.

Friedrich sabia que conversa que eles teriam depois, a mesma que eles tiveram nos últimos anos. Como seu meio irmão, Grant pediu para se tornar vampiro, buscando o dom da longevidade. Mas se Friedrich tivesse feito isso, Grant teria sido enviado para os Legionários. Vampiros *não* trabalharam em serviço para outros vampiros, como os humanos. Eles eram ou intitulados da



nobreza por direito de nascimento ou serviram nos Legionários como soldados e oficiais do Império Varis. As vampiras simplesmente se casavam com um soldado ou um aristocrata. Esta era uma lei rigorosa aplicada pela coroa. Como bastardo de um Duque, ele não receberia nenhum título e seria mandado embora.

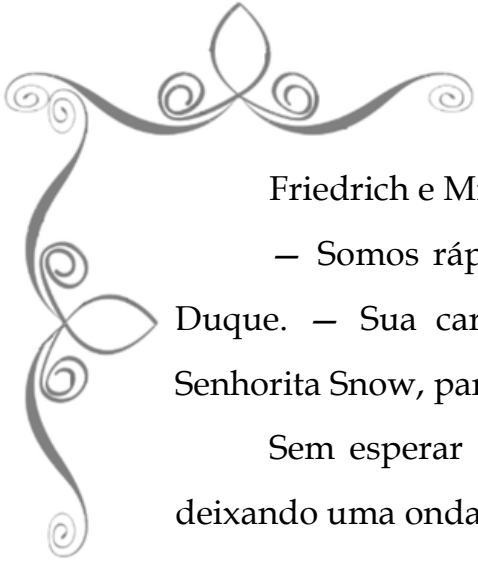
Quando os pais de Friedrich morreram quinze anos antes, ele descobriu que o adolescente que havia sido criado nos alojamentos dos empregados era, na verdade, seu meio-irmão, filho da concubina favorita de seu pai. Outro pecado secreto do grande Duque de Winter Hill. A mãe de Grant tirou a própria vida quando seu marido foi morto. Friedrich e Grant eram ambos órfãos. Deixados para trás. Friedrich se recusou a deixar o menino se virar por conta própria. Como um jovem vampiro de cinquenta anos, Friedrich percebeu, apesar de tudo, que esta era a única família que ele tinha. Ele contratou tutores particulares para educá-lo, desde que Grant herdou a mesma inteligência, assim como o pai que eles compartilhavam.

Grant finalmente pediu a ele para fazer dele um irmão de sangue no sentido de vampiro, exatamente no mesmo tempo em que as histórias sobre o Black Lily chegaram ao Norte. Foi também quando Friedrich começou a suspeitar que seu tio havia plantado espiões em seus Legionários, para vigiá-lo. Ele prometeu a Grant que um dia ele iria transformá-lo em vampiro, mas agora ele precisava que ele permanecesse um servo em sua casa, sendo seus verdadeiros olhos e ouvidos. Um criado poderia se mover sem ser percebido.

Mikhail, Dmitri e outros três dos soldados da Guarda de Sangue entraram no corredor, suas botas pisando em uníssono pelo chão de madeira. Os guardas se espalharam pela sala, exortando as pessoas restantes para a saída. Mikhail parou diante deles, com expressão calma, mas séria.

— Nós vasculhamos toda a cidade. Não há nenhum outro invasor.

— O quê? — Perguntou Brennalyn. — Como assim? Você saiu não tem nem dez minutos.



Friedrich e Mikhail trocaram um olhar antes de o capitão responder.

— Somos rápidos e eficientes, Senhorita Snow. — Ele se virou para o Duque. — Sua carruagem está esperando. Eu irei à frente até a casa da Senhorita Snow, para ter certeza de que está tudo bem com as crianças.

Sem esperar por uma resposta, o capitão desapareceu em um borrão, deixando uma onda de vento em seu rastro.

— Eu ficarei feliz em levar a Srta. Snow para casa. — veio uma voz por trás deles.

O Sr. Dawson estava parado lá o tempo todo e Friedrich nem sequer tinha notado. A boca de Brennalyne se abriu, como se ela procurasse alguma resposta, olhando entre ele e o pedreiro. Embora Friedrich pudesse parecer um bastardo insensível, ele simplesmente não se importava. Melhor que o homem entendesse a situação claramente agora, para o seu próprio bem. E era melhor que Brennalyne entendesse também.

— Não há necessidade, Sr. Dawson. — disse Friedrich, envolvendo o braço em sua cintura fina. — Obrigado pela sua preocupação, mas vou garantir a segurança da Srta. Snow. — Ela endureceu quando ele a puxou contra ele. — De agora em diante.

Com isso, ele a guiou até a porta, levando-a ao redor da piscina sangrenta no meio do chão.

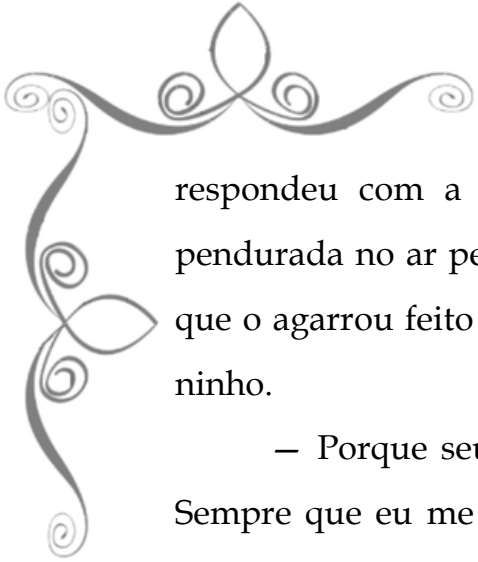
— Eu não lhe dei permissão para me levar para casa.

— Eu não pedi. — ele declarou, pegando sua capa da pilha de casacos em uma mesa na esquina.

Ele colocou-o sobre seus ombros e o prendeu na frente.

— Como você sabe se essa é mesmo a minha capa? — Ela pressionou os lábios juntos, um pequeno sinal de desafio.

Ele ergueu o capuz sobre o cabelo escuro dela, depois deslizou as mãos para o rosto dela, pressionando as palmas das mãos nas maçãs de seu rosto. Abaixando o rosto para encontrar seu olhar teimosamente evitado, ele



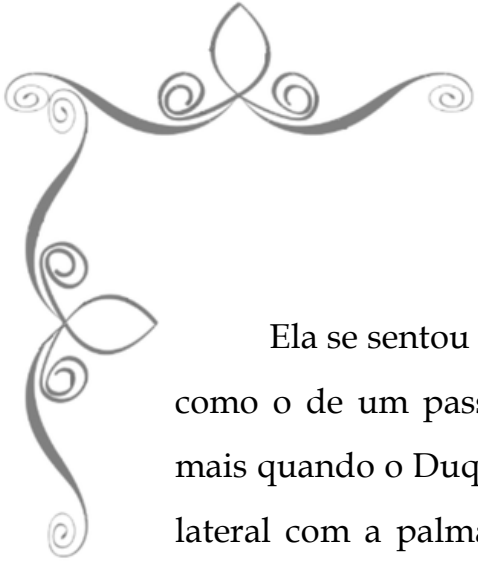
respondeu com a voz mais suave que conseguiu, considerando a morte pendurada no ar perfumado de sangue e sua necessidade de deixá-la segura, que o agarrou feito as garras de uma águia que segurava seu filhote caído do ninho.

— Porque seu perfume de flor da noite está enraizado na minha pele. Sempre que eu me aproximo de você, eu o sinto na minha língua, agitando minha boca, me fazendo ansiar dolorosamente por você. Desejando apenas te provar. Mas, não é apenas o seu sangue que eu quero. — Ele sorriu quando seus lábios se abriram em choque e seus olhos dilataram de desejo. — É por isso que eu sei que esta é a sua capa, pequena gatinha.

Ele passou o polegar pela bochecha dela até os lábios entreabertos. Ela os fechou imediatamente, antes que ele pudesse deslizar o polegar para dentro para sentir a umidade sua boca quente. Ele riu.

— Vamos levá-la para casa.

Breve, ele prometeu a si mesmo. Muito em breve.



CAPÍTULO 09

Ela se sentou e recostou contra a almofada, seu coração martelando forte como o de um passarinho engaiolado. Seu pulso acelerado aumentou ainda mais quando o Duque se sentou no banco em frente a ela, bateu duas vezes na lateral com a palma da mão, e a carruagem começou a andar. Esse homem fazia com que ela quisesse montar no colo dele e fugir, tudo ao mesmo tempo.

— O que foi que você tirou da bolsa?

— É algo que está sendo distribuído em torno de tarde. Um panfleto de alguém chamado White Lily. Já os viu antes?

Seus dedos tremiam quando ela segurou o papel, olhando para suas próprias palavras, manchadas com o sangue da menina.

— Sim.

— Você viu?

— Quero dizer, não, mas eu.... eu ouvi falar deles. E do White Lily.

O Duque se transformou, indo do sedutor e caçador para o protetor feroz, seu semblante sério e sombrio.

— Este White Lily vai acabar se matando.

A voz dela tremeu.

— Eu conhecia aquela garota.

Seu olhar mudou.

— Eu sinto muito. Vocês eram amigas?

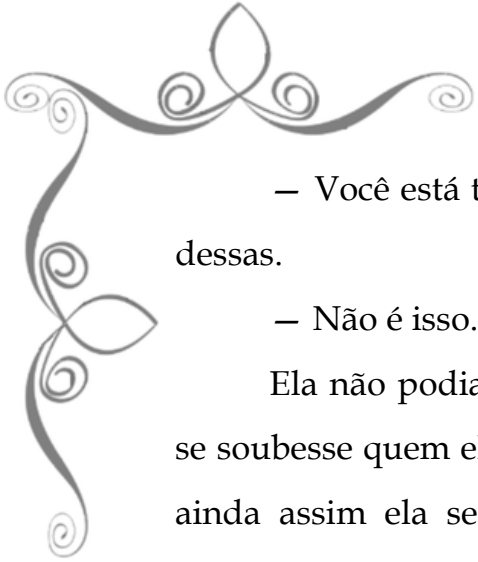
— Não. Mas eu a conhecia. Já a vi na cidade. Eu fui professora do irmãozinho dela, até que ele foi trabalhar nos campos.

Ele se sentou com as pernas separadas e olhou para a cabine escura.

— Você está muito longe, Srta. Snow.

— O que você quer dizer?

Em um instante, ela foi elevada de seu assento e colocada no colo dele.



— Você está tremendo. Eu sinto muito que você teve que ver uma coisa dessas.

— Não é isso. É, mas...

Ela não podia dizer o que ela realmente estava pensando. Ele a odiaria se soubesse quem ela realmente era, conspirando contra sua própria família, e ainda assim ela se desprezava pela atração que não podia negar. Mesmo agora, no pequeno espaço da cabine, com a respiração dele quente em seu pescoço. Ela só conseguia pensar em uma coisa.

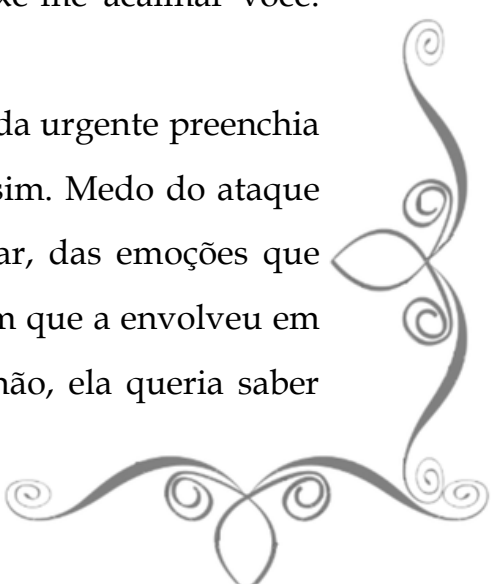
— O que foi, gatinha? — Sua voz sombria era como a seda com a qual ele havia ameaçado revesti-la. Sem pensar, ela envolveu a mão na nuca dele e beijou suavemente seus lábios.

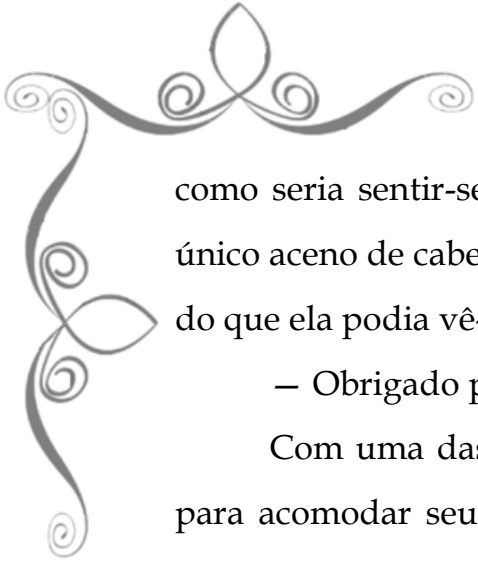
O gemido que ele deu mostrava que ele queria mais, mas ele não fez nenhum movimento para aprofundar o beijo, permitindo que ela assumisse o controle. Ela assumiu, de bom grado, enfiando a língua em sua boca, explorando lenta e persistentemente. Ela se afastou e pressionou a testa na dele.

— Puta merda. *Srta. Snow*. — Ele deslizou um dedo ao longo da costura de seu corpete, mergulhando um dedo em seu decote, em seguida, de volta sobre peito. Embora estivesse praticamente um breu na cabine, ela podia distinguir a silhueta do rosto dele, enquanto ele a encarava, o peso e a intensidade de seu olhar.

— Eu posso sentir a ansiedade vibrando na sua pele. — Ele deslizou uma mão gentil em seu braço e depois baixou. — Deixe-me acalmar você. Confortá-la. Te dar prazer.

Embora enquadrado como um pedido, uma demanda urgente preenchia o veludo de sua voz. Ela mentiu. Ela estava com medo, sim. Medo do ataque do vampiro cruel, das coisas que ela não podia controlar, das emoções que giravam em seu peito como uma tempestade, pelo homem que a envolveu em calor e a deixou com um desejo inebriante. Pecado ou não, ela queria saber





como seria sentir-se aliviada, consolada e satisfeita pelo Duque. Ela deu um único aceno de cabeça, sabendo que ele podia muito bem vê-la no escuro, mais do que ela podia vê-lo.

— Obrigado por usar o cabelo solto.

Com uma das mãos apoiadas na parte superior das costas, ele a guiou para acomodar seu peso em um ângulo contra ele. A bunda dela estava na coxa esquerda dele. Ele abriu as pernas, até os joelhos dela estarem sob a perna direita dele. Ele acariciou seu cabelo perto de sua orelha.

— Você fez isso por mim?

Ela agarrou seu ombro.

— Eu não sabia que você apareceria esta noite. — Ela não estava disposta a confessar que ela tinha soltado o cabelo, esperando vê-lo lá.

Suas saias farfalharam quando ele as levantou acima dos joelhos. O ar fresco atingiu suas pernas nuas. Por instinto, ela tentou fechá-las. Ele espalmou a mão enorme em sua coxa, segurando-a com firmeza.

— Você quer que eu pare? — Ele perguntou, conforme acariciou com ternura sua mandíbula.

— Não. Eu quero que você me beije.

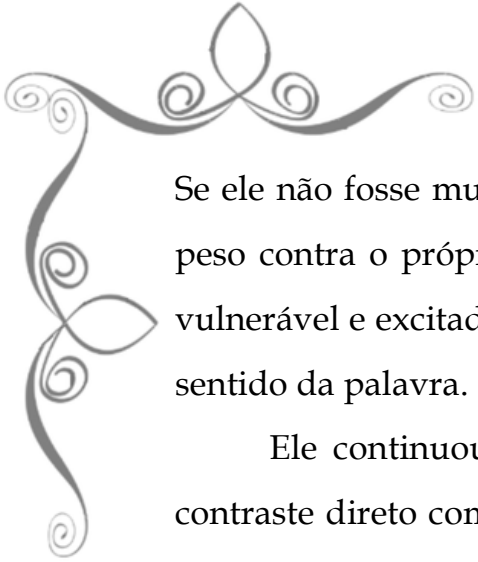
Ele beijou, angulando sua boca para que ele pudesse prová-la profundamente. Ele subiu a saia ainda mais, até o ar frio atingir seus quadris e abdômen.

Sua boca roçou a dela enquanto sussurrava.

— Eu vou cuidar de você.

Ela se agarrou a seus ombros enquanto ele beijava seus lábios suavemente, abrindo mais a boca a cada suave invasão. Quando ela se rendeu, inclinando a cabeça e abrindo a boca para ele, ele entrou, acariciando sua língua, penetrando profundamente.

Ele tirou a mão pesada da sua coxa e arrastou os dedos ao longo da coxa interna, cruzando o caminho entre as pernas dela e deslizando pelo outro lado.



Se ele não fosse muito maior do que ela e não suportasse completamente seu peso contra o próprio corpo, teria sido estranho. Em vez disso, ela se sentiu vulnerável e excitada... e deliciosamente perversa. Fora de controle, no melhor sentido da palavra.

Ele continuou a acariciar sua boca com uma determinação feroz, em contraste direto com seus dedos preguiçosos circulando seu sexo, explorando lentamente uma coxa, cruzando um pedaço de pele abaixo de seu espartilho, depois indo para o outro lado.

— Sua Graça?

— Sim?

— Você pode se mover um pouco mais rápido?

Ele riu.

— Essas são palavras inesperadas vindas de você, Srta. Snow.

— Há muitas coisas sobre mim que você acharia inesperado.

— Mesmo? Como o quê?

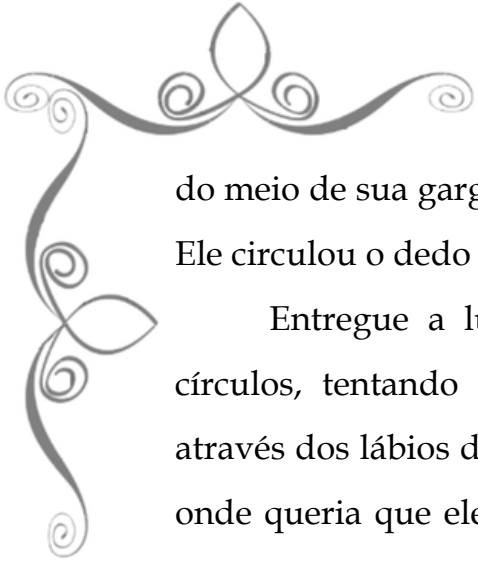
Por falta de paciência, ela deslizou a mão de sua nuca e agarrou em seus cabelos, beijando-o com mais vontade, sugando a língua dele, enquanto ele a acariciava.

O feroz estrondo em seu peito e o aperto súbito da mão dele em sua coxa, junto com o polegar pressionando na parte mais prazerosa, mostraram a ela que ela tinha provado um ponto. Ela gemeu quando o beijou novamente, com uma necessidade fervorosa.

Ele recuou, ofegante.

— Está mostrando as garras, gatinha? — Ele esmagou os lábios contra os dela, deslizando a mão entre suas pernas, onde ele deslizou um dedo dentro de sua boceta encharcada. Ele gemeu, murmurando. — Encharcada por mim.

Sua outra mão subiu na parte de trás de seu cabelo, onde ele puxou suavemente, inclinando o pescoço dela para trás. Ele beijou um rastro quente,



do meio de sua garganta até a cavidade na base, onde ele abriu a boca e sugou. Ele circulou o dedo em torno do clitóris dela, provocando prazer a cada volta.

Entregue a luxúria, ela gemeu e balançou os quadris em pequenos círculos, tentando obter mais dele, *precisando* de mais. Ele riu e deslizou através dos lábios de sua boceta, continuando em círculos tortuosos, evadindo onde queria que ele fosse. Ela puxou os cabelos dela e prendeu em torno do pulso, com um punho apertado. O desespero a estava deixando louca.

— Dentro de mim. — ela suspirou. — *Agora.*

Ela inclinou seu corpo em direção a ele, ele lambeu a base do pescoço dela e a capa se abriu.

— Sim, gatinha. É aí que eu pertenço.

Com um impulso, ele empurrou o dedo comprido para dentro dela. Ela ofegou intensamente, com o prazer. Ela não era virgem, mas fazia muito tempo, sua boceta apertava ansiosamente os dedos dele.

— Eu acho que você precisa de mais... — ele rosnou, deslizando um segundo dedo, esticando-a da maneira mais maravilhosa.

— Sim. — ela sussurrou.

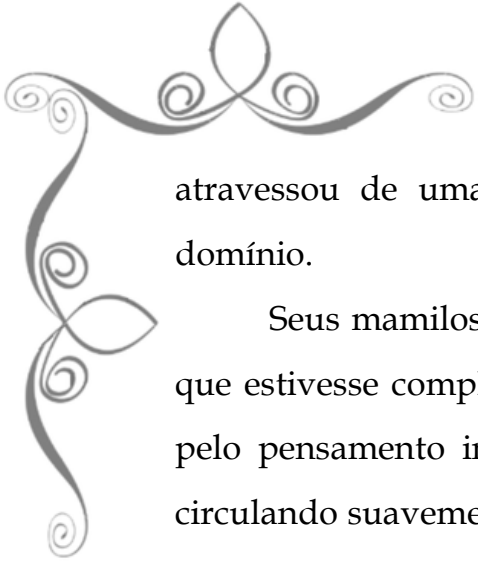
— Eu preciso te provar. — ele resmungou, implorando.

— Sim. — foi sua resposta rápida, a curiosidade estava agarrada em seu cérebro como se fossem garras. — Você pode me provar.

Então ela sentiu a picada das presas, apenas um segundo antes que ele mordesse e deslizesse os dentes dentro de sua carne. Ela cerrou os punhos no cabelo e no ombro dele, segurando firme, pois era tudo o que ela podia fazer. Ele gemeu, seus lábios zumbindo contra sua pele macia enquanto ele chupava com força, suas presas enterradas profundamente. Uma repentina onda de prazer erótico pulsou em suas veias. *O elixir.*

— Oh, meu Deus! — ela murmurou.

A excitação quente e lívida explodiu através de seu corpo, gritando através de seu sangue e correndo entre as pernas. Sua poção intoxicante a



atravessou de uma só vez, em uma mistura de força, poder, sedução e domínio.

Seus mamilos doíam por baixo dos cordões de seu corpete. Ela desejou que estivesse completamente nua no colo dele, sem sentir a menor vergonha pelo pensamento indecente. Ele pressionou o polegar sobre o clitóris dela, circulando suavemente, depois bombeando os dedos, alternando em um ritmo perfeito, empurrando-a em direção ao êxtase.

Ela quase não se reconheceu. A professora controlada e monótona tinha ido embora. Exposta no colo do Duque vampiro, com as pernas abertas, as costas e o pescoço arqueados, oferecendo-se como um banquete de carne, não era mais a mulher concentrada apenas nas necessidades dos outros, mas a mulher que ansiava por ter o que queria. Por saciar seus próprios desejos carnavais.

Ele chupava sua garganta, com suas presas ainda em sua carne, enquanto se saciava. Uma sensação deliciosa estava se aproximando, era seu orgasmo se construindo.

— Sim! — Ela choramingou e abaixou os quadris de forma selvagem, ambas as mãos apertadas no cabelo dele, segurando-o em sua própria garganta. — Eu vou gozar.

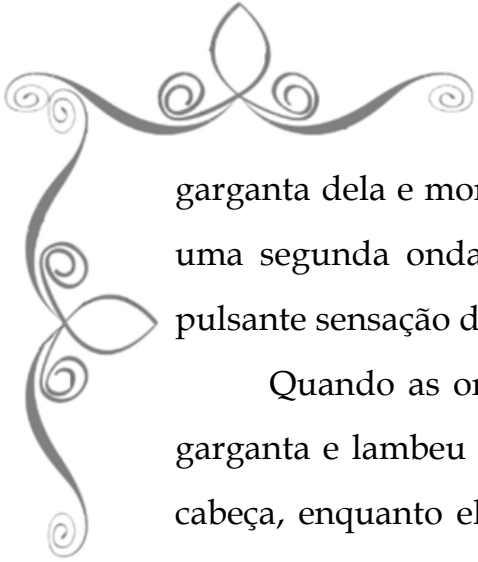
Ele rosnou contra a pele dela, não soltando o aperto primal que ele tinha em seu pescoço. Então, ele tirou os dedos de dentro dela.

— Não... por favor, não... por favor. — Ela estava tão perto de um orgasmo poderoso, quase levando seu corpo até o limite.

Ele empurrou de volta dentro dela com três dedos, esticando-a com uma pontada de dor, que rolou até um intenso prazer.

— *Friedrich.*

Aquele ponto de prazer e dor enviou seu corpo para um clímax intenso, fazendo sua boceta apertar e pulsar em torno dos dedos dele, enquanto ela empurrava seus quadris para cima e para baixo. Ele cravou os dentes na



garganta dela e mordeu novamente, justo no ápice de seu orgasmo, liberando uma segunda onda de seu elixir, estendendo o momento em uma longa e pulsante sensação de prazer, que retorcia todo o seu corpo.

Quando as ondas de prazer diminuíram, ele retirou os caninos de sua garganta e lambeu a ferida suavemente, segurando-a na parte de trás de sua cabeça, enquanto ela permanecia mole em seus braços. Com os dedos ainda dentro dela, ele segurou sua vagina e massageou-a em círculos suaves com a palma de sua mão, enquanto ela descia das nuvens. Ela virou a cabeça em seu peito, envergonhada por ter se perdido completamente. De alguma forma, ela ainda não conseguia se arrepender desse momento.

Com movimentos lentos e com todo o cuidado, ele tirou os dedos do corpo dela e endireitou suas saias. Em seguida, a envolveu em um abraço, aproximando-a dele. Seu corpo estava tão completamente relaxado, amolecido pela intensidade de seu orgasmo, que ela se aninhou ainda mais quando ele sussurrou perto de seu ouvido. Ela se assustou quando ele falou.

— Eu prometi que cuidaria de você.

— O quê? — A voz rouca nem parecia ser dela.

— Hora de te colocar na cama, doce gatinha. — Ele bateu três vezes com o punho no interior parede da carruagem.

Foi quando ela percebeu que a carruagem parou. E, provavelmente, já fazia algum tempo.

— *Oh, meu Deus!* O que seu cocheiro deve pensar de mim?

— Não tem a menor importância.

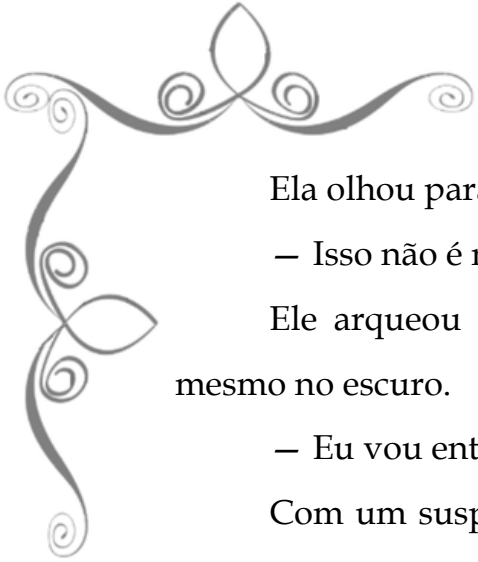
A porta se abriu. Ao invés de deixá-la ficar de pé, ele se inclinou com ela em seus braços e correu em um borrão para a porta da frente.

Ela sacudiu a onda de tontura, por ter se movido em tal velocidade.

— Você pode me colocar no chão agora.

Ele prontamente a colocou em pé.

— Eu vou entrar para verificar a segurança.



Ela olhou para ele, segurando-se em seu bíceps para mantê-la firme.

— Isso não é necessário. Nós podemos nos proteger.

Ele arqueou uma sobrancelha para ela e seus olhos azuis brilharam, mesmo no escuro.

— Eu vou entrar.

Com um suspiro silencioso, ela colocou a chave na fechadura e abriu a porta. Ela não tinha vontade ou força para argumentar.

Helena estava sentada na cadeira de balanço pelo fogo, com a adaga no colo. Caden estava esparramado na outra cadeira, completamente adormecido, suas longas pernas esticadas, o queixo dobrado contra o peito. Ele parecia tão jovem e doce enquanto dormia, nada parecido com o inferno selvagem que era quando estava acordado. Helena ficou de pé, seu olhar castanho arregalado na direção do Duque, que atravessava a porta de entrada.

— Helena. — sussurrou Brennalyn. — Houve um incidente no baile esta noite. O Duque gostaria de verificar a segurança da nossa casa.

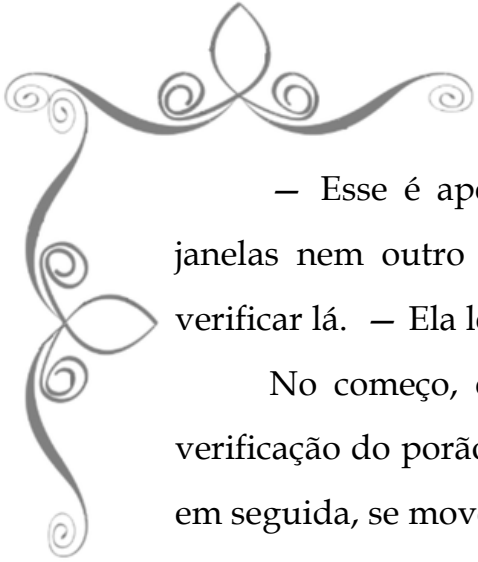
Helena simplesmente fez uma reverência, incapaz de formar palavras com o vampiro parado em sua pequena entrada.

— Perdoe minha intrusão. — Ele deu um aceno cordial para Helena. — Eu não vou demorar mais que um minuto.

Brennalyn o pegou olhando para a adaga que agora ela segurava no peito e na ponta dourada da lâmina. Mas, ele não fez nenhum comentário. Graças aos céus. Ela tocou o braço dele e apontou para uma escada contra a parede.

— Os meninos dormem no sótão. E seguindo por esse corredor fica o quarto de Helena e Beatrice. E o meu.

Ele assentiu e girou o olhar para a porta do outro lado da lareira. O pulso de Brennalyn acelerou.



— Esse é apenas o porão de armazenamento dos alimentos. Não há janelas nem outro meio para alguém entrar ou sair. Não se preocupe em verificar lá. — Ela levantou a mão em direção ao sótão.

No começo, ela pensou que ele iria ignorar seu argumento contra a verificação do porão. Ele deu a ela um olhar que ela não conseguiu distinguir, em seguida, se moveu a velocidade de vampiro até o sótão.

Helena ofegou.

— Oh, meu Deus!

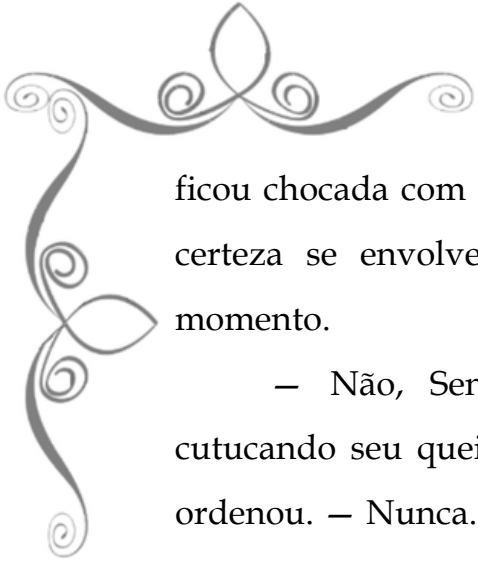
— Sim. — concordou Brenna. — Eu sei o que você quer dizer.

Em um minuto, ele retornou ao primeiro andar e seguiu pelo corredor até os quartos, em velocidade humana. Brenna pediu com uma mão para que Helena ficasse parada. Ela assentiu veementemente, ainda com os olhos arregalados.

Brenna o encontrou de pé em seu quarto, vasculhando na escuridão, de um lado para o outro. Ele verificou as fechaduras nas janelas. Brenna caminhou até a cama de solteiro de Izzy, contra a parede, onde ela pendurou todas as pinturas da escola, criando um papel de parede de flores e arcos-íris tortos. Ela colocou a perna da menina de volta sob as cobertas e as ajustou, puxando com força. Izzy costumava ter um sono inquieto. Daí a razão pela qual ela colocou uma cama mais baixa para ela. Brenna aprendeu a lição na primeira noite em que a trouxe para casa, encontrando um pé minúsculo em suas costelas a cada hora.

Quando ela se virou, encontrou o Duque a observando. Ela não conseguia se mover por algum motivo, sentindo o peso de seu olhar no escuro, então ele veio a - passos lentos - na direção dela. Alcançando o interior de seu casaco, ele retirou as luvas dela do bolso. Ela havia se esquecido completamente delas.

— Oh... — era tudo que ela podia dizer. Ela as pegou e olhou para baixo, como se fossem as luvas mais interessantes do mundo. Elas não eram. Ela



ficou chocada com a facilidade com que se perdeu com esse homem, sem ter certeza se envolver-se com o Duque era a decisão mais inteligente do momento.

— Não, Senhorita Snow. — Ele segurou seu rosto gentilmente, cutucando seu queixo com o polegar. — Você não vai fugir de mim. — ele ordenou. — Nunca.

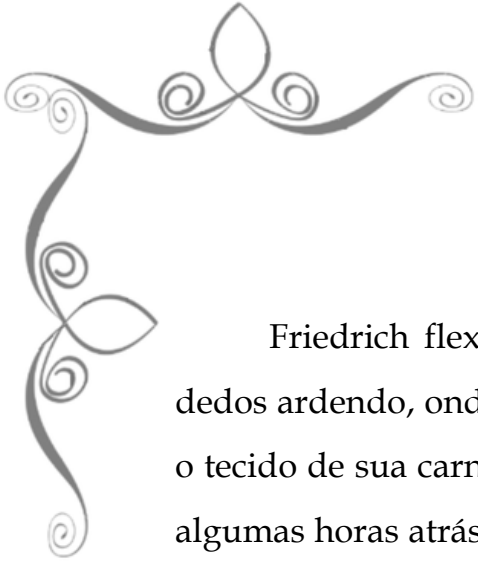
— Eu só... eu não posso acreditar que eu... — Ela não conseguiu dizer as palavras, deixando o olhar cair no peito dele.

— Oh, eu posso. — Então ele se aproximou mais. — Esta noite, eu vi a verdadeira Senhorita Snow. Aquela que você está escondendo atrás de seus vestidos cinza.

Ela não pôde deixar de sorrir.

— E eu mal posso esperar pra ver mais. — Ele se inclinou e roçou os lábios suavemente contra os dela, saboreando-a completamente, sem pressa, passando a língua ao longo dos lábios, antes de mordiscá-los. — Boa noite, gatinha. Durma bem.

Quando ela o ouviu caminhar de volta pela casa e se despedir de Helena - que provavelmente ainda estava paralisada na lareira - ela tinha certeza de que não dormiria bem.



CAPÍTULO 10

Friedrich flexionou a mão e fechou-a em um punho, com os nós dos dedos ardendo, onde ele havia cortado a pele. A auto-cura estava diminuindo, o tecido de sua carne e pele estavam demorando mais para se renovar, do que algumas horas atrás. Mesmo que ele praticamente tenha se empanturrado com a adorável Srta. Snow - um fato pelo qual ele quase se arrependeu, mas não exatamente - ele quebrou suas juntas várias vezes, desde que ele e Mikhail estavam interrogando o vampiro que tinha assassinado a empregada inocente no baile da cidade. Ele precisaria se alimentar novamente em breve, se continuasse assim, exigindo demais da auto-cura de seu corpo.

— Você poderia me matar de uma vez. — o desgraçado gaguejou de uma boca ensanguentada.

O vampiro monstruoso merecia a morte pelo que tinha feito. Sem contar quantos outros inocentes ele matou em sua missão para encontrar o White Lily.

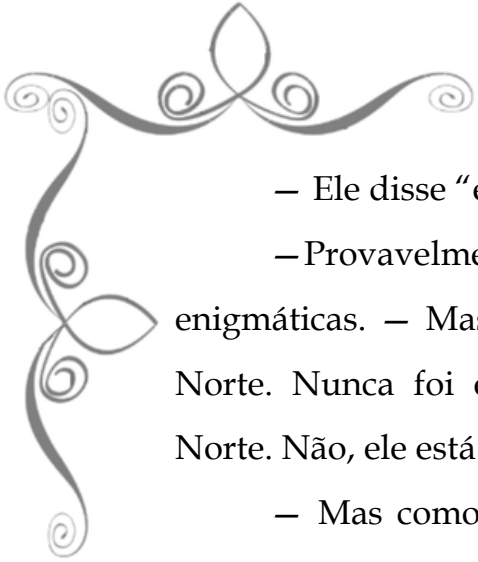
Friedrich acenou para Mikhail, que estava levantado o monstro do chão com uma das mãos, pronto para começar outra rodada.

— Estamos perdendo nosso tempo. Ele nunca nos contará nada. Está sob a compulsão do meu tio.

Mikhail jogou o demônio de volta para o chão coberto de feno, onde ele se encolheu, sacudindo suas grossas correntes de ferro no tornozelo. A fera gargalhou, olhando para cima, entre o cabelo grosso

— Mas, eu posso te dizer uma coisa... — sibilou ele — Até encontrá-la, os caçadores continuarão vindo para o Norte. — Ele rolou para encarar a parede de pedra, ainda rindo maliciosamente.

Mikhail e Friedrich trocaram um olhar, depois saíram da cela e fecharam a porta. Uma vez fora de alcance, Mikhail começou a falar.



– Ele disse “ela”. Ele se referiu a líder do Black Lily?

– Provavelmente. – Friedrich refletiu, mediante a essas palavras enigmáticas. – Mas não faz sentido. Ele disse que os caçadores virão para o Norte. Nunca foi especulado que Arabelle e Marius estão escondidos no Norte. Não, ele está falando sobre o White Lily.

– Mas como sabemos que o White Lily é uma mulher? Pode ser um homem por trás da propaganda. – Mikhail puxou o folheto encontrado na poça de sangue da garota do baile, examinando-o.

– Deixe-me ler novamente. – Ele o entregou a Friedrich. Eles examinaram o folheto várias vezes. Friedrich pressionou o nariz no pergaminho e inalou profundamente. No começo, tudo o que ele podia sentir era sangue. Ele moveu o nariz pelo papel, pegando o cheiro da menina morta. Ele se lembrava, pois ela cheirava a um perfume forte, doce. Ele fechou os olhos e inalou ao longo do verso do pergaminho, procurando um cheiro que poderia ter sido incorporado pela mão que distribuiu o panfleto. O aroma distinto de um homem estava lá - madeira e ferro - e então, sim, ele sentiu um leve cheiro de algo floral, que sumiu novamente, antes que ele pudesse memoriza-lo.

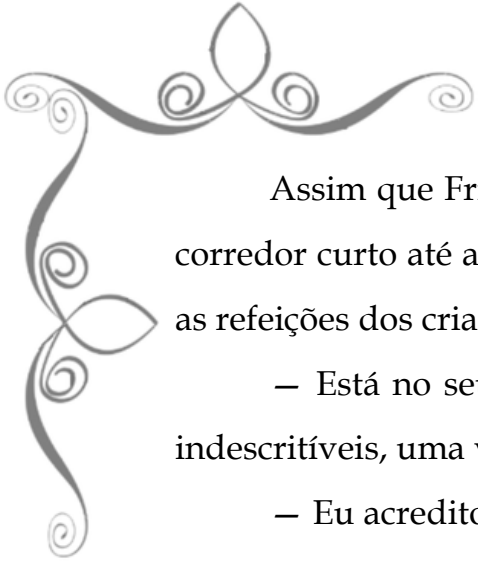
Ele suspirou em um encolher de ombros, colocando-o no bolso da calça enquanto andavam.

– Os aromas de homens e mulheres estão aqui. Talvez o cheiro do criador tenha sido mais forte, antes de passar entre tantas mãos.

– Ou, talvez o seu tio tenha vários folhetos e tenha comparado os aromas, limitando-se a um em particular. – disse Mikhail enquanto subiam as escadas de pedra até o primeiro andar do castelo. – É o que eu teria feito.

– Sim. Você está certo. Aquela criatura lá atrás não se recusa a nos responder simplesmente porque ele é teimoso ou por uma força de vontade excepcional. Ele está definitivamente sob a persuasão compulsiva do meu tio.

– Persuasão compulsiva?



Assim que Friedrich trancou a porta da masmorra, conduziu-os por um corredor curto até a segunda cozinha, usada para cortar carne e verduras para as refeições dos criados. Já passava da meia-noite e a cozinha estava vazia.

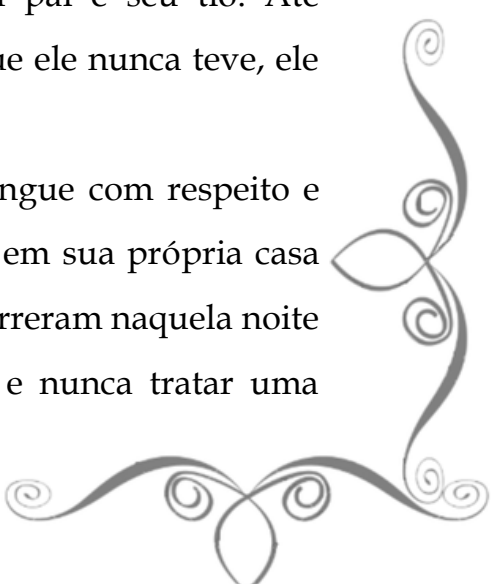
— Está no seu elixir. Eu o vi obrigar homens e mulheres a fazer coisas indescritíveis, uma vez que ele os havia mordido.

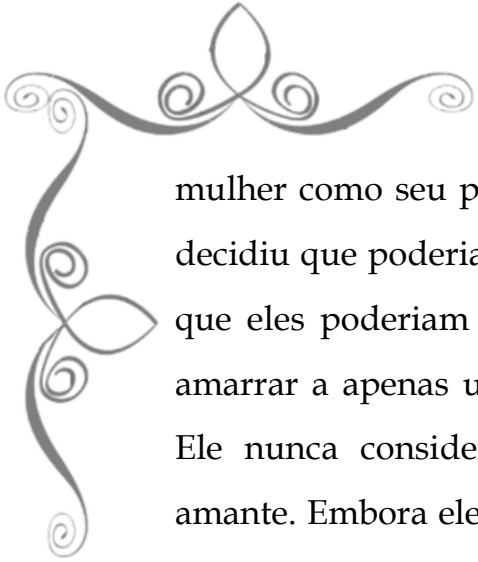
— Eu acredito, não preciso saber mais.

Friedrich deu uma sacudida brusca na cabeça enquanto despejava água de um jarro em uma tigela e limpava o sangue de suas mãos. Lembrou-se de que quando era jovem, mal tinha vinte anos, Dominik demonstrara seu poder e influência, como sempre fazia, para lembrar a outros que era o mais poderoso. Friedrich estava visitando a Torre Izeling, sob as ordens de seu pai, que queria que Friedrich se ligasse aos outros membros da família Varis. Dominik tinha encurralado uma ordenhadora assustada no celeiro, com cinco dos seus Legionários a reboque. Uma vez que ele a tinha mordido, ela estava à sua mercê. Ele ordenou que ela removesse suas roupas e servisse cada vampiro entre eles, de joelhos. Ela obedeceu sem protestos. Friedrich havia fugido do celeiro, notando a escuridão que se instalara em volta do rei, uma áurea negra, suja e perigosa. Quando ele confessou o incidente a seu pai e demonstrou o desagrado por seu tio, ele apenas desprezou Friedrich por não ser homem o suficiente para pegar o que ele queria - o direito soberano de todos os vampiros.

Friedrich não queria machucar e aproveitar de uma serva aterrorizada. Foi quando ele entendeu que ele era diferente de seu pai e seu tio. Até conhecer seu jovem tio, Marius, que se tornou o irmão que ele nunca teve, ele achava que havia algo errado em seu modo de pensar.

Então ele viu Marius tratar suas concubinas de sangue com respeito e carinho, muito diferente do que ele havia testemunhado em sua própria casa quando estava crescendo. E quando seu pai e sua mãe morreram naquela noite trágica, ele jurou nunca manter um Harém de Sangue e nunca tratar uma





mulher como seu pai havia tratado sua mãe. Esse foi o momento em que ele decidiu que poderia venerar e adorar muitas mulheres pelos prazeres eróticos que eles poderiam dar um ao outro, mas ele nunca cometeria o erro de se amarrar a apenas uma. O sangue daquela noite ainda manchava suas mãos. Ele nunca consideraria reivindicar apenas uma mulher, ter apenas uma amante. Embora ele soubesse que não era um homem violento, como seu avô, ou um homem desleal, como seu pai, ele ainda temia que seu sangue estivesse contaminado. Que sua maldição familiar se levantaria e arruinaria o caso de amor. Ou, que o seu passado iria manchar qualquer mulher que ele viesse a cuidar, a amar. Era mais fácil ter muitas mulheres como amantes do que se apegar a apenas uma.

Mikhail também mergulhou as mãos na tigela, para se lavar.

— Talvez eles tenham interceptado um lote do mensageiro, o que entrega os panfletos?! Se seu tio o tivesse capturado, poderia ter usado seu elixir para tirar a verdade dele.

— Hmm. Provavelmente. Mas, então, ele já saberia o nome do White Lily.

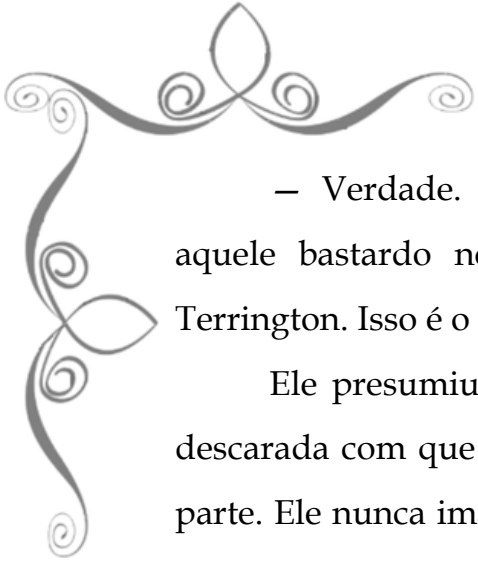
— Não se este White Lily for cuidadoso, usando muitas entregas antes que o mensageiro receba as cópias para distribuir. — Mikhail secou as mãos com um pano dobrado nos balcões e depois o jogou para Friedrich. — Mas, ele poderia saber que ela era mulher e confessou tudo o que sabia por causa do poderoso elixir do Rei Dominik.

— De fato.

— E quanto ao prisioneiro?

— Mantenha-o, por enquanto. Dependendo da dose de elixir que ele recebeu de meu tio, ele pode vir e nos dar informações mais tarde.

— Encontrar o White Lily será uma tarefa difícil para esses caçadores. O Norte é vasto. Cheio de terreno áspero e invernal.



— Verdade. — Ele jogou o pano no balcão com frustração. — Mas aquele bastardo no porão procurava o White Lily. E algo o levou até Terrington. Isso é o que me deixa mais incomodado.

Ele presumiu que o White Lily era um homem por conta da maneira descarada com que esses panfletos eram reproduzidos e circulavam por toda parte. Ele nunca imaginou que o radical que estava imprimindo e divulgando essa propaganda corajosa de anti-vampiros fosse uma mulher. E porque não seria? A líder do Black Lily era Arabelle, uma mulher impetuosa, corajosa e com uma espinha de aço.

— O que foi? — Perguntou Mikhail.

— Nada. Alguma notícia do soldado que foi a Korinth para obter a informação que eu precisava?

— Não. Dmitri ainda não voltou, mas espero que ele volte em breve. Ele foi a pé, não a cavalo.

Friedrich calculou a distância.

— Hmm. Mesmo para um vampiro, é uma viagem de dois dias para ir e dois dias para voltar. Isso, sem descansar.

Mikhail sorriu.

— Não para o meu irmão. Ele é o vampiro mais rápido que já conheci. Muito útil para a Guarda de Sangue.

Friedrich deu um aceno de respeito.

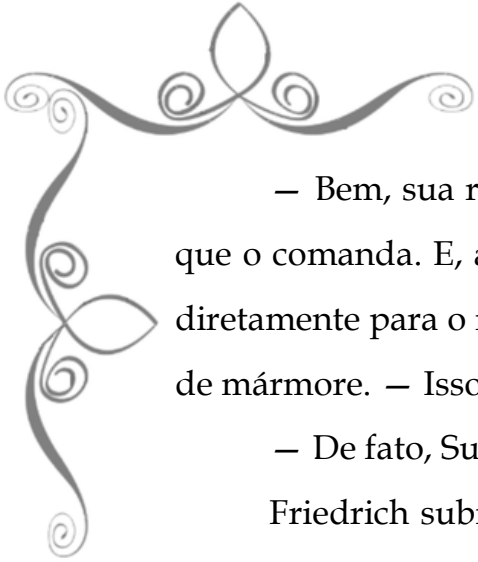
— Estou feliz por vocês trabalharem comigo.

Eles atravessaram a cozinha em direção ao corredor principal do castelo.

— Espero que ele chegue até amanhã à tarde com notícias sobre a história da Senhorita Snow.

— Bom. Descanse um pouco, Mikhail. E obrigado pelo seu trabalho, mesmo que não tenha servido de muita coisa.

— Pra nada, na verdade. — acrescentou ele, com decepção.



— Bem, sua relutância em nos dar qualquer informação nos diz quem é que o comanda. E, agora eu sei que meu tio enviou alguns de seus assassinos diretamente para o meu território. — Ele parou com um pé na ampla escadaria de mármore. — Isso já é alguma coisa.

— De fato, Sua Graça. Boa noite.

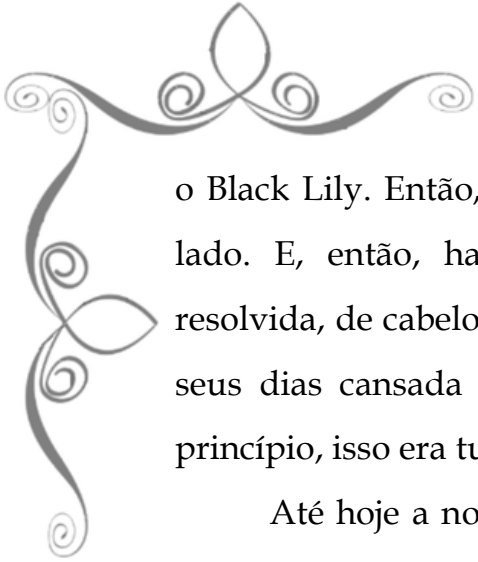
Friedrich subiu as escadas correndo e entrou no seu quarto, suspirando em um sorriso quando viu a banheira fumegante de água esperando por ele ao lado de um fogo crepitante.

Ele tirou as roupas e afundou na banheira, perfumada com folhas de hortelã e óleos. O vapor subiu de seus braços, e a cabeça descansou na borda da banheira, enquanto ele apoiava os braços nas bordas. Ele podia, finalmente, deixar sua mente vagar ate onde ele queria, a noite toda. De volta à Senhorita Snow.

Que surpresa encantadora e adorável. A mulher era um enigma. Originalmente, ele pensava que ela era uma espiã intrometida de seu tio, tentando conseguir informações de seus servos, sobre seu paradeiro. Ele chegou a essa conclusão porque foi mais ou menos na mesma época em que ele teve que dispensar seus Legionários, pelo mesmo motivo.

Então, naquele dia, ele fez uma visita à escola e encontrou a menina pintando um lírio preto. Quando ele perguntou por que ela havia pintado a flor de preto, ele nunca esqueceria sua resposta. *“Ela vem para nos salvar. Ela diz que há sempre escuridão antes da luz.”* Foi sua primeira descoberta de que havia uma discreta revolução entre os camponeses humanos. A Senhorita Snow mandou que a menina se calasse, naquele dia. Friedrich supunha que era porque ela queria protegê-la de admitir que ela sabia sobre a revolução que usava este símbolo como seu brasão de armas.

Mas não era nada disso. Ele soube, no momento em que entrou no quarto dela esta noite e a encontrou acomodando a mesma garotinha, que estava metida amorosamente em sua cama, que foi ela quem os ensinou sobre



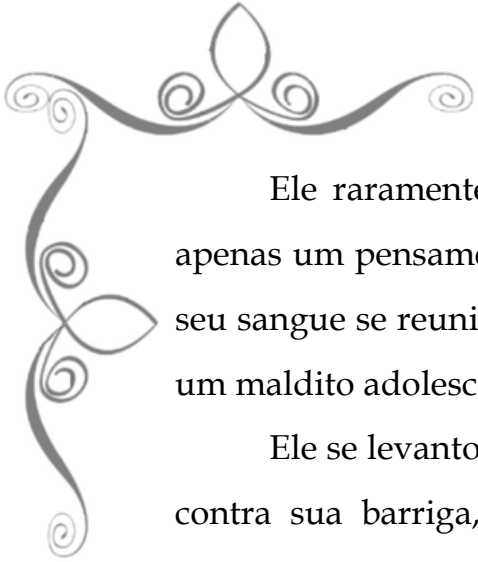
o Black Lily. Então, era finalmente seguro dizer que eles estavam do mesmo lado. E, então, havia essa mulher. Essa professora determinada e bem resolvida, de cabelo cor de ébano e uma boca feita para o pecado, que passava seus dias cansada de ler livros e suas noites cuidando de sete órfãos... A princípio, isso era tudo o que ela parecia ser.

Até hoje a noite. O fascínio dela o pegou na noite em que ela tropeçou no Pátio das Rosas, mas esta noite ela enfiou a mão no peito dele e tirou um pedaço de carne e osso e foi embora com as mãos delicadas, como se não fosse nada. Ele não conseguia entender. Ao longo das décadas que ele era um vampiro maduro, ele satisfez sua sede e prazer com centenas de parceiras agradáveis. E ninguém o afetou da maneira que a Srta. Snow fez, quando ela enfiou a pequena mão no cabelo dele, empurrando seus belos quadris e exigindo que ele colocasse os dedos dentro dela.

Ele deixou cair uma mão na água e agarrou seu pênis, já duro como pedra, só de pensar nela. Ele achou que ela poderia ficar tímida e relutante quando ele decidiu dar prazer a ela na carruagem, mas ela o deixou sem fôlego, desabrochando na escuridão, como a flor da noite que ela era. Como se as sombras lhe tivessem dado permissão para mostrar quem ela realmente era. E, porra, como ele queria ver mais da tigresa que se escondia em sua pele.

Mexendo lentamente em seu pau, ele a imaginou disposta para ele. O cheiro dela o levou perto da loucura. Ele a acariciou lentamente, pensando em amansá-la com seu toque, mas ela não queria nada disso. E quando ela exigiu mais, ele não conseguiu evitar de mordê-la profundamente, marcando-a selvagememente, reivindicando-a. Mesmo quando ela flutuou em direção ao seu próprio orgasmo, ele se recusou a tirar suas presas da garganta dela, querendo que ela se lembrasse da sensação de seus dentes em sua pele, pelos próximos dias. Em breve, ela saberia como seria sentir seu pênis profundamente dentro dela.

— Maldito inferno.



Ele raramente dava prazer a si mesmo. Não havia necessidade. Mas, apenas um pensamento sobre a doce Brennalyn - de cabelos negros - e todo o seu sangue se reunia em seu pênis, fazendo-o querer aliviar a si mesmo, como um maldito adolescente.

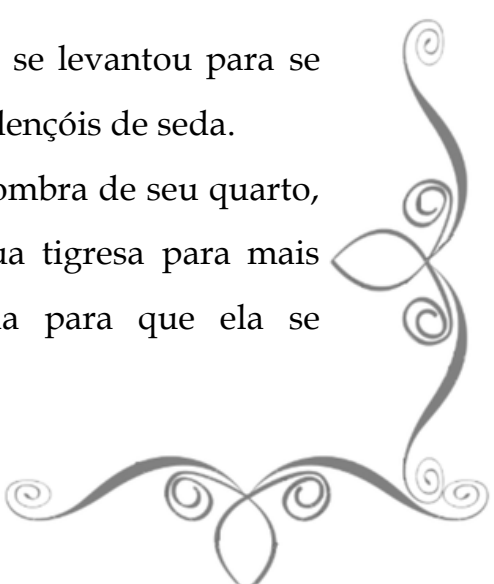
Ele se levantou e deixou a água escorrer pelo seu corpo, seu pênis rígido contra sua barriga, exigindo atenção. Com um grunhido frustrado, ele se enxugou e atravessou a sala até a cama gigante. Nunca pareceu tão grande e vazia antes.

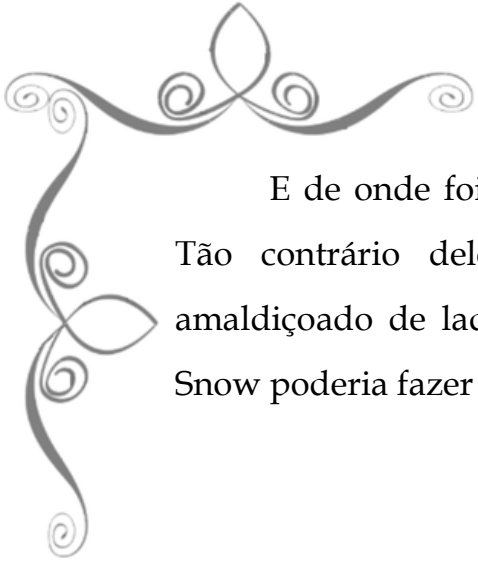
Subindo nu, como de costume, seus pensamentos vagaram para mais cedo, depois que ele vasculhou a casa dela, para ter certeza que tudo estava seguro. Uma versão diferente dela havia sido gravada na mente dele, de quando ele esteve em seu quarto. Uma mãe amorosa, com seus filhos dormindo em segurança em suas camas. E uma tigresa feroz, que os armou com lâminas de ponta de ouro, para lutar contra intrusos em casa – contra vampiros. Ele gostava de chamá-la de gatinha, mas ela não era nada disso. Ela era feroz, com dentes e garras escondidas sob um exterior extremamente suave e flexível.

Ele rolou de costas e alisou a mão sobre o lençol de seda, lembrando-se de sua pele acetinada, desejando poder enrolar seus dedos em sua massa de cabelos negros neste exato momento. Sua mão encontrou seu pênis dolorido novamente. Ele se acariciou mais rápido, ouvindo sua voz estrangulada, sussurrando seu nome no escuro. Ele ficou tenso, apertando-se com força, quando gozou em um gemido estremecido.

Balançando a cabeça para o que ela o reduziu, ele se levantou para se limpar na banheira, antes de cair na cama e se enrolar em lençóis de seda.

Ele ficou com a imagem dela na cabeça, de pé na sombra de seu quarto, recuando dentro de si. Ele estava pronto para atrair sua tigresa para mais perto, acariciá-la em uma doce submissão, amansá-la para que ela se alimentasse apenas por sua mão.





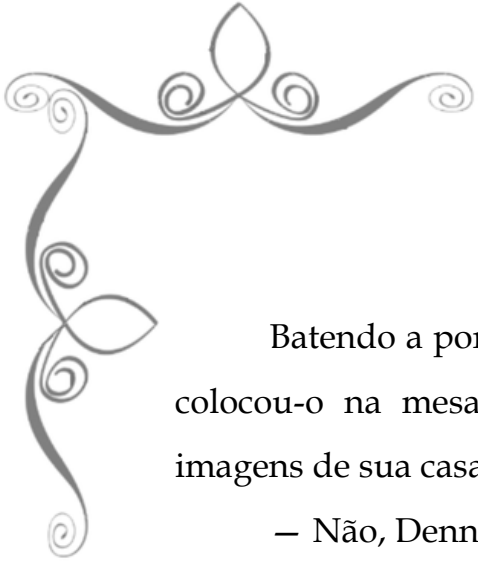
E de onde foi que isso veio? Essa obsessão genuína por uma mulher...
Tão contrário dele. Tão perigoso. Se ele pudesse deixar seu legado
amaldiçoado de lado e confiar em si mesmo, uma mulher como Brennaly
Snow poderia fazer todos os fantasmas irem embora.



Ele acordou ao som de um praguejar urgente na porta de seu quarto.
Uma lasca de luz da manhã escorregou pelas cortinas pesadas que cobriam
sua janela. A copeira ainda não tinha chegado para acender o fogo na lareira.
Ele vestiu um robe noturno e atravessou a sala fria, para abrir a porta.

Mikhail estava ali, parado, com a boca fechada em uma linha sombria.

— Dmitri acabou de voltar. — E ofereceu a ele um livro que havia sido
banido pelo império. Sua voz estava fria e dura. — Nós precisamos conversar.



CAPÍTULO 11

Batendo a porta do porão, Brenna desamarrou seu avental de trabalho e colocou-o na mesa da cozinha, onde Izzy e Denny estavam desenhando imagens de sua casa.

— Não, Denny. A janela é do lado dileito. Mas você fez um sol bunito.

— Lado *direito*. E se diz *bonito*. — Brenna enunciou claramente para ela.

Ela não corrigia Izzy o tempo todo, desde que ela não queria que a doce menina tivesse um complexo sobre seu impedimento de fala. Então ela a corrigia gentilmente quando todas as crianças não estavam por perto. Helena e Beatrice foram buscar o carneiro e os legumes para a semana. Os meninos foram junto, para ajudar a carregar o peso, mas também porque Brenna deu-lhes uma moeda extra para a loja de doces da Sra. Tinsel. Como de costume, Izzy e Denny optaram por ficar em casa, perto dela.

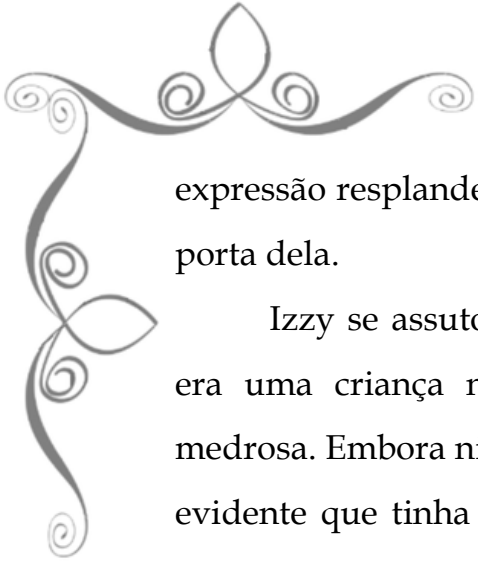
— Vocês dois gostariam de uma fatia de bolo de maçã? Parece que há apenas o suficiente para nós três.

Denny sorriu, balançando a cabeça para cima e para baixo. Ele tinha uma fraqueza por doces, assim como ela. Ela deu aos meninos uma lista de doces para comprar, incluindo seus favoritos, palitos de canela.

— Sim, por favor. — disse Izzy, ainda atenta ao desenho, balançando as pernas debaixo da mesa.

Brenna lavou as mãos, esfregando a nova mancha negra ainda em seu polegar, incapaz de limpá-la. Depois de cortar a última fatia de bolo em três pedaços, ela observou Izzy e Denny em silêncio enquanto eles terminavam seus desenhos. Brenna estava encostada no aparador, comendo seu bolo, quando um som de cascos na estrada atraiu sua atenção para a janela.

Mas ela mal teve tempo de registrar que era o grande e preto garanhão Ramiel, antes de seu cavaleiro desmontar e andar a passos largos, com a



expressão resplandecente de raiva. Um segundo depois, ele estava batendo na porta dela.

Izzy se assutou. Os olhos de Denny se arregalaram de medo. Izzy não era uma criança nervosa, mas ela era sensível. Denny era uma criança medrosa. Embora ninguém soubesse o que havia acontecido com seus pais, era evidente que tinha sido traumático. A raiva de Brenna explodiu quando ele bateu novamente. O que este homem quer, vindo aqui bater na porta, assustando a pequena Izzy e o pequeno Denny.

Ela abriu a porta e abriu a boca para dizer tudo o que estava em sua mente, mas ele a agarrou pela cintura e a colocou de lado. Ela quase engasgou quando ele marchou pela cozinha, sem nem cumprimentar a ela ou às crianças, abrindo a porta do porão e descendo os degraus.

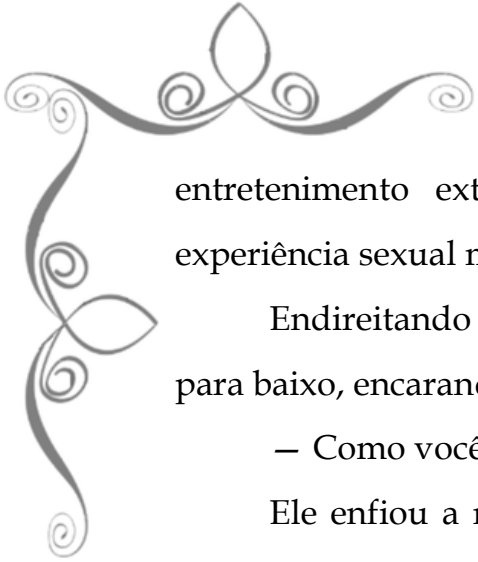
— *Oh, santo Deus.*

Ela correu atrás dele, sabendo que era tarde demais quando ela pôs os pés no último degrau. Ele estava de pé com as duas mãos nos quadris, olhando ameaçadoramente para a impressora, como se fosse uma víbora enrolada e prestes a atacar, e ele precisava encontrar uma maneira de mata-la sem ser mortalmente ferido. Ele examinou as pilhas de folhetos alinhados em sua prateleira na parede, embrulhados em fitas pretas por Helena. Quando ele se virou, seu semblante sombrio estava repleto de fúria. A respiração dela ficou presa na garganta.

— Mulher... — ele disse, tão baixo e frio, que um arrepio de pavor percorreu sua espinha. — Eu nem sei por onde começar.

Não havia sentido em negar sua traição. Ele seria capaz de jogá-la no calabouço, depois do que eles compartilharam em sua carruagem na noite anterior?

No que ela estava pensando? A ligação amorosa deles não era nada mais do que um Duque vampiro pegando o que ele queria, se alimentando pelo seu próprio prazer, enquanto brincava debaixo de suas saias, como uma forma de



entretenimento extra. Embora esse entretenimento extra tivesse sido a experiência sexual mais emocionante de sua vida.

Endireitando sua postura, ela limpou a garganta e deu o último passo para baixo, encarando-o com toda a confiança que conseguiu reunir em si.

— Como você me descobriu?

Ele enfiou a mão dentro do casaco, tirou um livro, depois o jogou em cima de sua nova impressão de folhetos, que estavam espalhados para secar. Ela não precisou se aproximar para ler o título, pois ela reconheceu facilmente o couro marrom do pai e a capa dourada em seu livro *Os Perigos da Sociedade de Classes*, de B. R. Snow.

— Só me responda uma coisa. — ele cerrou os dentes, sua raiva chicoteando no ar feito uma arma — Diz pra mim que você não é a autora deste livro infame, perigoso, traiçoeiro e *proibido*.

Com calma e equilíbrio, segurando o pulso com uma das mãos e com a outra na frente dela, ela respondeu.

— Eu não posso. Porque eu *sou* a autora deste livro.

Ele mexeu no bolso interno e tirou um panfleto sujo e em pedaços, fechou o espaço entre eles, e puxou a mão dela na sua, batendo o papel na palma da mão dela.

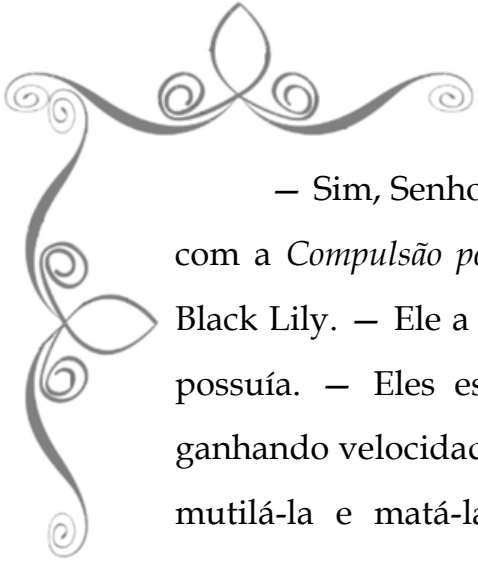
— Então eu posso presumir que você é a autora disso também.

Com as mãos trêmulas, ela segurou e reconheceu o folheto que distribuiu no mês passado. O canto inferior estava manchado de roxo escuro. Ela engoliu em seco, quase certa de que sabia o que era aquela mancha. Sangue.

— De onde veio isso?

— Foi da garota do baile, na noite passada, aquele cuja garganta foi arrancada por causa disso.

— O quê? — Ela estava realmente assustada agora.



— Sim, Senhorita Snow. O Rei enviou caçadores de vampiros infectados com a *Compulsão por Sangue* em busca do White Lilly do Norte, o servo do Black Lily. — Ele a agarrou pelos braços, exigindo toda a sua atenção. Ele já a possuía. — Eles estão atrás de você. — Sua voz subiu como uma onda, ganhando velocidade e volume enquanto trovejava em direção à costa. — Para mutilá-la e matá-la, com toda a crueldade sangrenta possível, incluindo qualquer um que possa estar perto de você.

— Oh, não! — *As crianças*. Ela deu uma olhada no andar de cima. — Por favor... — ela implorou com urgência. — Podemos conversar do lado de fora, longe das crianças? Izzy e Denny já estão apavorados demais.

Seu brilho mortífero suavizou e seu aperto duro afrouxou, mas apenas de uma fervura feroz para uma fervura tempestuosa.

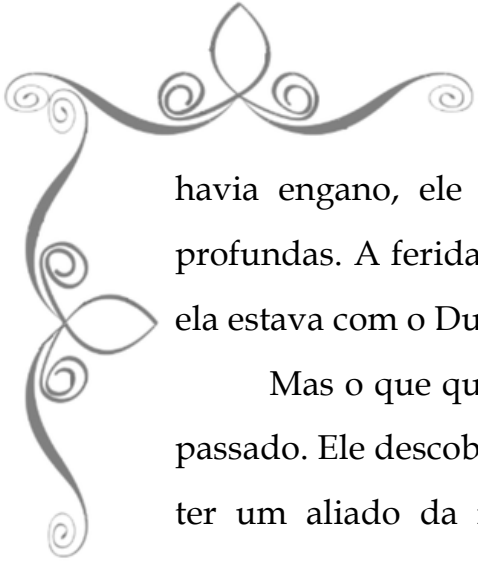
— Andar de cima. Pegue sua capa. Você tem um minuto.

Ela assentiu. Quando ele a soltou, ela correu para o andar de cima, com todo o seu corpo tremendo. Assim como ela pensou, Izzy e Denny estavam boquiabertos, com os olhos arregalados, enquanto ela passava como se seu mundo não estivesse desmoronando ao seu redor.

— Nada com que se preocupar, queridos. O Duque e eu temos apenas alguns assuntos em relação à escola para discutir.

Ela foi até seu quarto para pegar sua capa na cadeira, onde a jogou na noite passada. Ela ficou diante do espelho para apertar o laço do fecho sobre o botão, seus dedos tremendo incontrolavelmente. Ela avistou a única marca que Friedrich deixara para trás. Ela estava com o cabelo solto esta manhã, para escondê-lo das crianças, embora Helena tivesse passado a manhã a observando com curiosidade. Ela nunca usava o cabelo solto. A jovem menina sabia que algo estava errado.

O vampiro arrogante deixou a ferida sem cura de propósito, querendo que o mundo visse que ela tinha sido marcada. Ela se lembrou de como ele a lambeu completamente, liberando o soro de cura de sua saliva. Então não



havia engano, ele só tinha curado intencionalmente uma de suas marcas profundas. A ferida aberta era um lembrete, para qualquer um que visse, que ela estava com o Duque.

Mas o que quer que estivesse sendo construindo entre eles, já estava no passado. Ele descobriu o segredo dela, e estava claro que ele estava furioso por ter um aliado da resistência em seu meio, quanto mais uma amante em potencial. Talvez ele estivesse ainda mais irritado porque queria dormir com ela. *Até hoje.* Ela puxou o punhal leve debaixo do colchão e tirou-o da bainha. A linha fina de ouro incrustada na lâmina afiada brilhava na luz da manhã. Deslizando-a no bolso de sua saia, ela levantou a cabeça e se preparou para o encontro mais perigoso de sua vida com um Duque vampiro forte, poderoso e enfurecido.

Ela ouviu a voz de Izzy - doce e jovial - enquanto se dirigia para a frente da casa. O que ela encontrou quase a derrubou no chão.

Friedrich estava sentado à mesa, ladeado por Izzy e Denny.

— Isso é *folmildável*. — disse Izzy, usando uma de suas grandes palavras e piscando os cílios para ele. A menina de cinco anos estava afetada, pelo amor de Deus.

— É tudo sobre estudar bem os contornos e linhas, o suficiente para poder recriá-lo. — dizia ele.

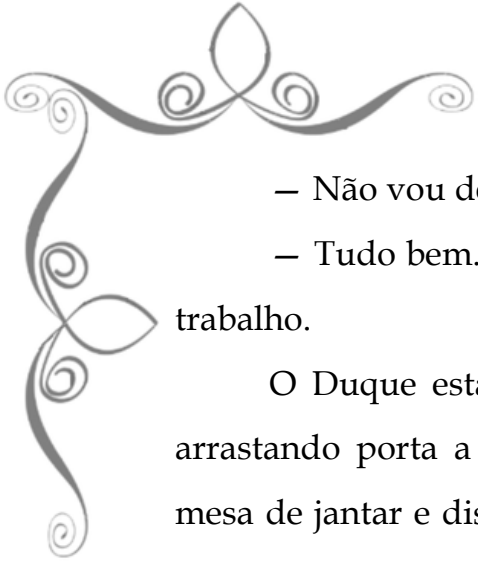
Ambos estavam hipnotizados. Irritava Brenna que, sem nenhum problema, ele tivesse conseguido a atenção dos dois, em questão de minutos. Logo ele, o homem que planejava aprisioná-la por traição em pouco tempo.

— Estou pronta para a nossa caminhada, Sua Graça.

Ele não olhou para cima, terminando uma última linha antes de colocar o utensílio de carvão para baixo e então, ficar de pé.

— Agora, é a vez de vocês tentarem.

Os dois imediatamente se puseram a trabalhar em um pergaminho limpo.



– Não vou demorar mais que alguns minutos.

– Tudo bem. – disse Izzy, com a cabeça loira inclinada sobre seu novo trabalho.

O Duque estava ao lado dela, enrolando os dedos no pulso dela e a arrastando porta a fora. Ele pode ter parecido mais calmo sentado em sua mesa de jantar e distraíndo amigavelmente as crianças, mas ela estava errada se achou que sua ira havia diminuído.

– Para o bosque. – ele ordenou.

Eles viraram uma esquina do lado de fora do portão da frente, indo em direção à linha das árvores atrás da casa, a beira de Quaking Wood.

– Eu espero que você não esteja planejando me assassinar na floresta.

– Seu tom era irreverente, mas seu coração não estava tão confiante.

Ele zombou.

– Não. Eu tenho outros planos para você.

Isso só fez seu pulso bater mais rápido, quando arriscou um olhar para ele. A carranca severa ainda estava fixa, mas ele afrouxou o aperto feroz, ergueu a mão dela e colocou-a através da dobra do braço como se estivessem apenas passeando.

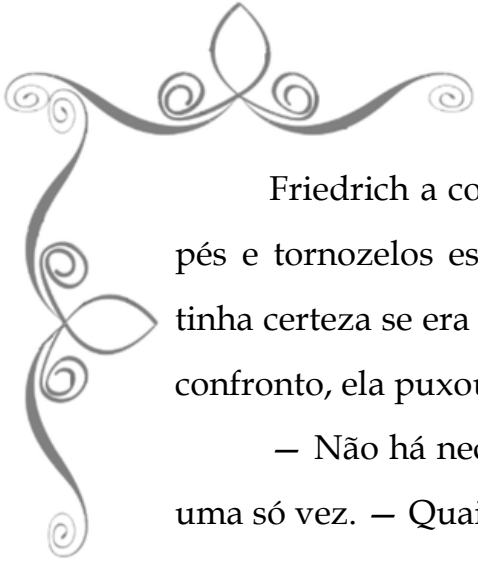
– Onde estão suas luvas?

– Eu as esqueci.

Sua visita surpresa a havia desconcentrado completamente. Luvas eram a menor de suas preocupações agora.

Ele envolveu a mão dela com a sua própria, seu calor irradiando para ela. Ela enfiou a outra no bolso da saia, segurando o punho da adaga, imaginando se precisaria usá-la.

Seus pés rangiam com a neve, o vento mal era um sussurro. Os álamos branco-prateados e ásperos erguiam-se em linhas esguias, criando uma visão sobrenatural para os viajantes dessa trilha, em Ferriday. O ranger das árvores soou como se elas falassem uma com a outra, na imensa quietude.



Friedrich a conduziu para o caminho onde a neve havia derretido. Seus pés e tornozelos estavam bem protegidos por suas botas altas, mas ela não tinha certeza se era a neve que ela precisava temer. Incapaz de retardar mais o confronto, ela puxou o braço do dele e se virou para encará-lo.

— Não há necessidade de manter o suspense, Sua Graça. — ela disse de uma só vez. — Quais são suas intenções?

Mantendo a expressão séria, sua sobrancelha arqueou como se ela tivesse feito uma pergunta bem-humorada, embora ele não estivesse sorrindo.

— Minhas intenções?

— Sim. Comigo. O que você pretende fazer comigo? Me levar para o seu tio? Ou para Torre de Vidro? É óbvio que você despreza qualquer um que esteja associado à revolução ou ao Black Lily. Eu quero saber o que você pretende fazer comigo.

— Você não sabe nada sobre o que ou quem desprezo.

Confusa, ela começou a fazer outra pergunta, mas ele a surpreendeu, pressionando seu peito contra o dela, envolvendo a mão em sua nuca e segurando o outro braço sob o manto, a outra mão dela ficou livre dentro do bolso, ainda agarrada em torno do punho da adaga.

— O que você planeja fazer com essa adaga, gatinha? — Sua respiração quente saía em baforadas brancas pelo ar frio.

Como sua voz ainda soava tão sedutora, quando ele estava tremendo de fúria?

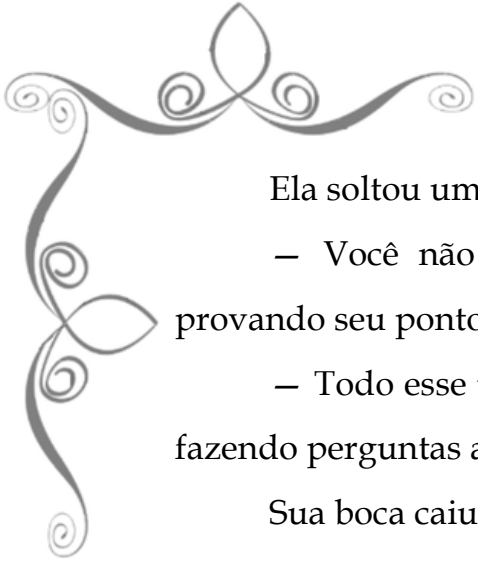
— Me defender. — ela respondeu com força, apesar do fato de ele tê-la em um aperto forte e impiedoso.

Ela era uma pequena mulher humana. Ele era um grande vampiro. Não havia como ela conseguir dominá-lo, mas ela nunca desistiria sem lutar.

— Se defender. De mim?

— Sim.

— Eu não sou seu inimigo, Srta. Snow.



Ela soltou uma risada amarga.

— Você não é? — Ela lutou brevemente para sair de seus braços, provando seu ponto quando ele a abraçou forte.

— Todo esse tempo em que você estava bisbilhotando pelo meu castelo, fazendo perguntas a Sylvia, nunca sequer chegou à conclusão correta.

Sua boca caiu entreaberta. Ele sabia. O tempo todo. Claro que sabia. Que idiota ela era.

— E que conclusão é essa?

— Que eu sou um aliado do Black Lily. Não um inimigo.

— *Ra!* Você espera que eu acredite nisso? O Duque de Winter Hill, sobrinho do vampiro mais notório e brutal em toda a terra, neto do Rei Grindal e da Rainha Morgrid, que nos escravizam sob as leis de sua tirania.

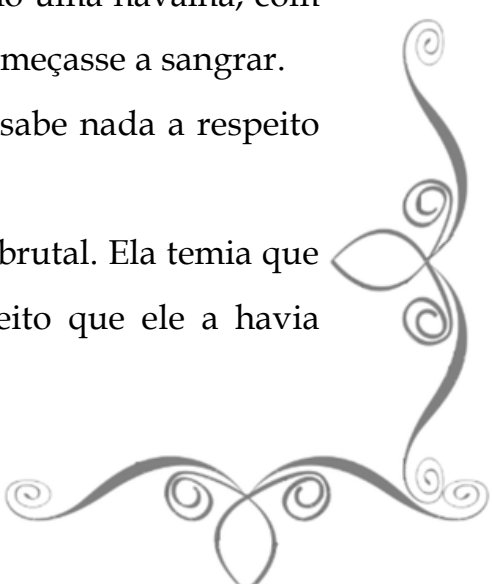
Os olhos azuis dele brilhavam com tanto fogo, que ela sabia, sem sombra de dúvida, que estava nos braços de uma criatura tocada com uma magia poderosa e terrível. Ele poderia esmagá-la facilmente. Apagar a vida dela em um piscar de olhos, se ele assim quisesse. E, pela maneira como seu rosto endureceu com suas palavras, ela estava com medo de que ele fizesse exatamente isso.

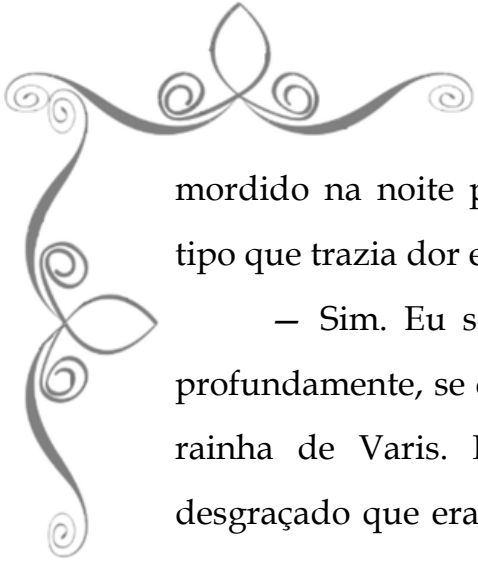
Ele a jogou no chão, prendendo seus pulsos acima de sua cabeça, suas costas pressionadas contra a neve fria, sua frente envolta pelo calor escaldante que emanava dele.

Quando ele falou, sua voz era profunda e suave, o mesmo tom que ele usava na sedução, mas com um toque mais amargo. Como uma navalha, com um corte tão afiado que você não sentiria a dor, até que começasse a sangrar.

— Preste bem atenção, Brennaly Snow. Você *não* sabe nada a respeito de onde eu venho. Ou, sobre quem eu sou. *Nada*.

Seus lábios pairaram perto dos dela, em uma linha brutal. Ela temia que ele pretendesse mordê-la e não beijá-la. Mas, não do jeito que ele a havia





mordido na noite passada, induzindo-a preguiçosamente ao êxtase. Não. O tipo que trazia dor e morte.

— Sim. Eu sou o sobrinho do cruel Rei Dominik, o que eu lamento profundamente, se quiser saber. Sim, minha mãe era a infeliz filha do rei e da rainha de Varis. Pior ainda, ela era casada com aquele filho da puta desgraçado que era meu pai. Não me culpe pela minha posição de nascença, Srta. Snow. Isso demonstra discriminação e preconceito, o que é um tanto impróprio vindo de você

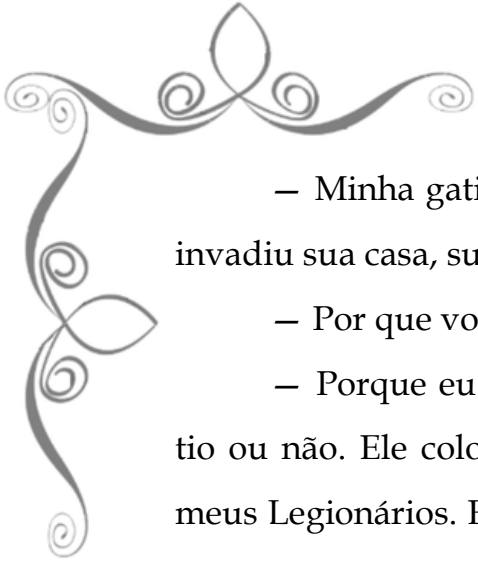
— Eu não... Eu não quis... Eu...

Então ele pressionou a boca na dela, em um beijo duro e implacável, punindo-a por todos os erros em sua cabeça. E, de alguma forma, ela acolheu seu ataque vicioso, sua língua invadindo sua boca com calor e uma violência sedutora. Ela gemeu e tentou mover as mãos, querendo agarrá-lo e puxá-lo para mais perto, para não fugir. Ele apertou mais seus pulsos e pressionou seu corpo com mais força, deixando-a saber que todas as partes dele estavam prontas para invadir seu corpo. Céus a ajudassem, ela estava pronta para arrancar as saias fora e deixar que ele a tomasse.

Ela choramingou quando uma das suas presas afiadas picou sua língua. Ele aliviou a pressão de sua boca, sugando sua língua mais suavemente. Interrompendo o beijo, com a respiração ofegante igual a dela, ele falou com uma calma inacreditável.

— Eu sou sobrinho do ex-Príncipe Marius, que fugiu com a camponesa e líder da resistência do Black Lily. Eles agora constroem seu exército para a guerra que está por vir. E eu os estou ajudando na causa. Sua causa. Minha causa.

Ela não conseguia encontrar as palavras enquanto cambaleava de seu beijo doloroso e esmagador, e da sincera confissão deste segredo que ameaçava sua vida.



— Minha gatinha está sem palavras. — Pela primeira vez desde que ele invadiu sua casa, sua boca se abriu em um meio sorriso. — Isso é novidade.

— Por que você não me disse antes?

— Porque eu não tinha certeza se você estava trabalhando para o meu tio ou não. Ele colocou espiões para me vigiar. É por isso que me livrei dos meus Legionários. Eles estavam andando com homens que ele pagou para me vigiar.

— Mas porque? Por que ele suspeitaria de você?

— Nós podemos conversar sobre isso mais tarde. — Ele deu um beijo gentil e fresco em seus lábios, lambendo suavemente com a língua. Então ele se levantou, puxando-a com ele. — Agora, temos outros problemas.

— Os caçadores. — ela sussurrou, olhando para trás na direção da casa.

— Sim, os caçadores. Eu vou enviar minha guarda à sua casa dentro de uma hora. Embale tudo o que você quiser levar e deixe na porta. As crianças também. Vou enviar a Guarda de Sangue para buscá-los em segredo. Vocês todos vão morar comigo em Winter Hill

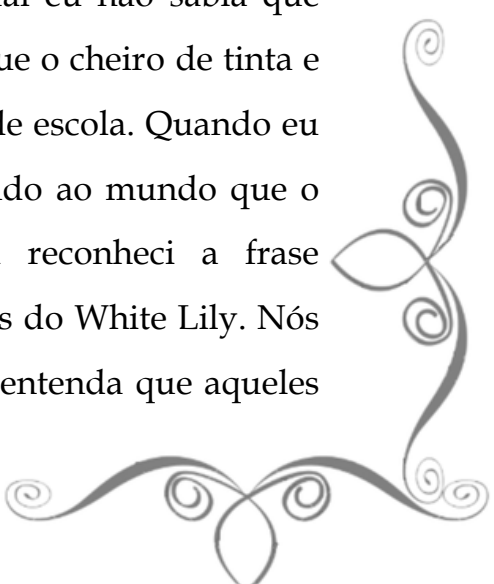
— O que?

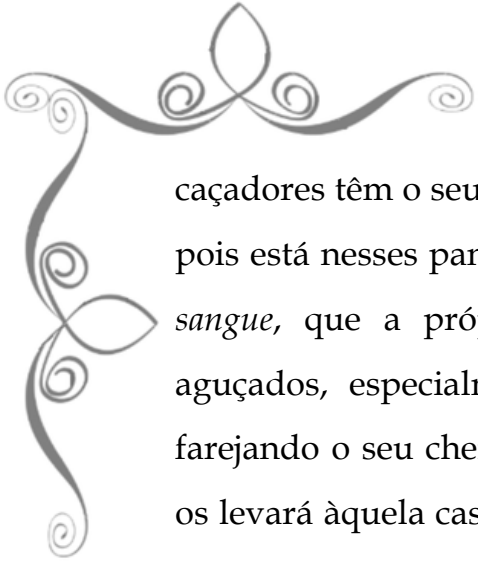
— Mas, primeiro, devemos queimar sua casa e fazer um show para as pessoas de Terrington.

— Queimar minha casa?! Você está maluco?

Ele segurou o rosto dela, trazendo-a para perto, falando bem baixinho como se ela fosse uma criança.

— Escute bem, Brennalyn. A única razão pela qual eu não sabia que você era a White Lily antes de hoje, é porque eu pensei que o cheiro de tinta e pergaminho em você era porque você é uma professora de escola. Quando eu li seu sublime manifesto naquele maldito livro, declarando ao mundo que o império vampírico era uma ditadura imperfeita, eu reconheci a frase semelhante e a escrita que você colocou em seus panfletos do White Lily. Nós temos muitas coisas para discutir. Por enquanto, apenas entenda que aqueles





caçadores têm o seu cheiro memorizado. Seu cheiro é persistente, porém fraco, pois está nesses panfletos. E eles são vampiros infectados com a *compulsão por sangue*, que a própria rainha infecta propositalmente. Eles têm sentidos aguçados, especialmente o olfato. Eles são, essencialmente, cães de caça, farejando o seu cheiro por toda a terra. Eles ainda vão encontrar a trilha, que os levará àquela casa com a impressora no porão. Você e seus órfãos estão em perigo extremo.

Ela fechou os olhos, as lágrimas que tinham transbordado durante seu longo discurso se espalharam por suas bochechas. Ela lutou pela causa, pensando que era apenas sua vida que arriscara. Se algo acontecesse com as crianças por causa dela, ela estaria perdida.

— Shhh. — Ele enxugou as lágrimas com os polegares e pressionou um beijo gentil na bochecha dela. — Você teve sorte que fui eu quem descobriu seu segredo primeiro. Eu vou proteger você. E suas crianças.

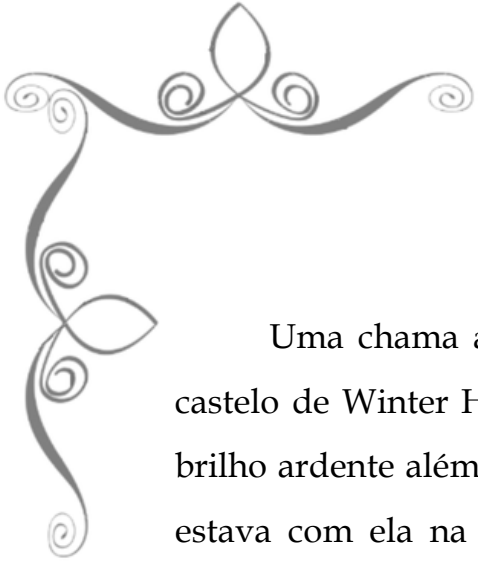
Ela abriu os olhos, vendo a sinceridade de sua promessa. Ela jurou nunca mais confiar em outro homem novamente. E, ainda assim, ela não pôde evitar assentir e suspirar aliviada por ele estar disposto a aceitá-la junto com sete crianças que não eram dele. Elliott nunca teria feito uma coisa dessas.

Com uma respiração profunda, ela disse.

— Primeiro, devemos queimar minha casa.

O sorriso dele era suave e um pouco triste.

— Essa é minha garota.



CAPÍTULO 12

Uma chama alaranjada e fraca podia ser vista da Torre de Pérolas do castelo de Winter Hill. Mesmo depois de horas do incêndio, ainda havia um brilho ardente além de Terrington, onde ficava a casa de Brennalyn. Friedrich estava com ela na sacada do quarto que ele havia designado para ela. As crianças estavam em suítes nesta mesma torre. Enquanto ele estava de costas para ela e ela assistia a casa que ela criou para si e para as crianças queimar, ele a deixou chorar em silêncio e lamentar a perda. A lua se ergueu atrás deles, pintando os pântanos nevados de um azul pálido, uma manta serena e suave sobre a terra.

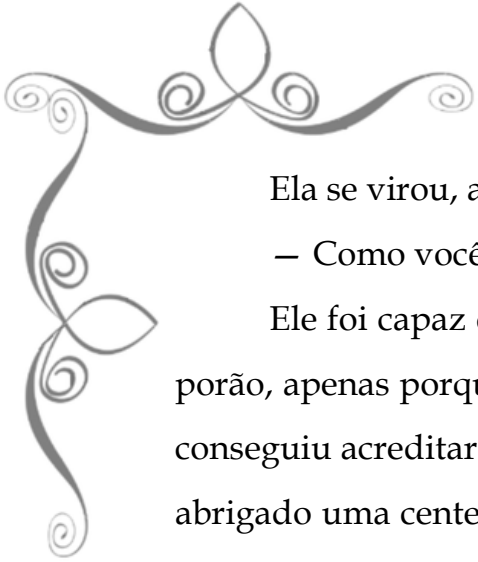
Seu plano correu bem. Depois que ele ajudou a arrumar os pertences das crianças e dela, ela saiu com Izzy e Denny a tira colo, de volta para Terrington. Ele convocou Mikhail e muitos dos guardas de volta para a cabana, para buscar suas coisas, então eles a incendiaram.

Quando voltaram para Winter Hill, selaram e montaram seus cavalos, e seguiram a névoa de fumaça negra subindo no céu da tarde, vendo que as pessoas da cidade se reuniram em volta da casa em plena combustão. Quando Brennalyn correu enlouquecidamente na direção da casa, com as crianças ao lado dela, ele obedientemente ofereceu-lhes abrigo, como era responsabilidade do Duque. Ele tinha que cuidar do povo de Terrington. *Convenientemente.*

— Sinto muito pela impressora. Eu sei o valor que ela tinha para você. Mas tinha que ser destruída. — Ele não podia permitir que seu cheiro misturado com a tinta de sua impressora permanecesse na área. Só o fogo o erradicaria.

— Era do meu pai — ela disse, com a voz firme, apesar do que via ao longe.

— Eu sei.



Ela se virou, as lágrimas escorrendo em suas bochechas.

– Como você sabia?

Ele foi capaz de conter sua raiva hoje, quando descobriu seu segredo no porão, apenas porque ela consentiu em se mudar para o castelo. Ela quase não conseguiu acreditar que ele também protegeria seus sete filhos órfãos. Ele teria abrigado uma centena de crianças, se isso a tivesse colocado perfeitamente em seu covil, onde ele poderia protegê-la.

Ela se enterrou profundamente no abraço dele, bem debaixo das costelas, muito perto do coração. Não havia como voltar atrás, agora. Ele pretendia reivindicá-la o mais rápido possível, embutir seu cheiro nela para impedir qualquer caçador de farejá-la. Então, ela estaria segura.

Então, ela seria dele.

Mais uma vez, ele ficou surpreso quando seus pensamentos o levaram a pensar em tê-la como sua.

Ele puxou um lenço de dentro do casaco e entregou a ela.

– Temos muito a discutir, mas você precisa de um pouco de tempo para se instalar. O jantar será servido em uma hora. Grant vai buscar você e as crianças e mostrar onde fica a sala de jantar. Depois disso, vamos conversar.

Ela enxugou as bochechas e olhou para o lenço com as iniciais costuradas em preto. Ela o dobrou cuidadosamente em suas delicadas mãos. Ele ergueu o queixo até que ela olhou para ele.

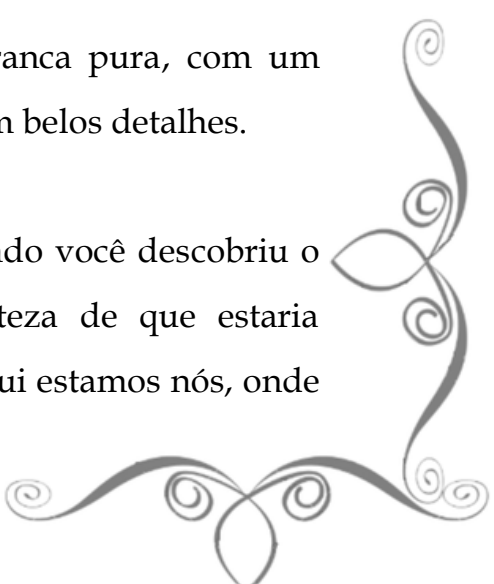
– Está tudo bem?

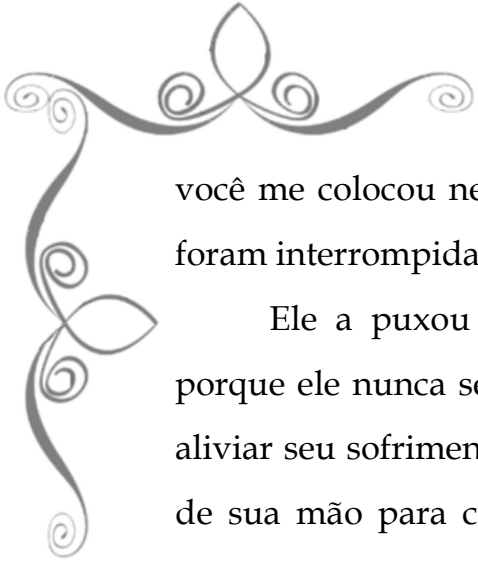
– Claro. Eu só...

Ela olhou ao redor da varanda feita de pedra branca pura, com um corrimão florescente em forma de trepadeira, esculpida em belos detalhes.

– O que foi? – Ele perguntou.

– Tenho vergonha do que pensei hoje cedo. Quando você descobriu o que eu estava fazendo no porão, eu tinha tanta certeza de que estaria dormindo em uma masmorra suja e fria hoje à noite, e aqui estamos nós, onde





você me colocou neste quarto lindo, com minhas crianças... — Suas palavras foram interrompidas por um soluço.

Ele a puxou em seus braços, querendo apenas consolá-la. Estranho, porque ele nunca segurou uma mulher assim, com o propósito de consolar e aliviar seu sofrimento. Ele estava genuinamente contente em esfregar a palma de sua mão para cima e para baixo em suas costas, enquanto a outra mão segurava a cabeça dela contra seu peito.

— Calma, gatinha. Eu nunca quis prejudicá-la. E eu nunca deixaria nada acontecer com você. Nunca. — E ele quis mesmo dizer aquelas palavras, mesmo antes delas saírem de sua boca, sem saber.

— Você poderia ter me dito isso antes. — ela disse, colocando as mãos sobre a cintura dele. — Eu poderia ter esfaqueado você.

Ele riu.

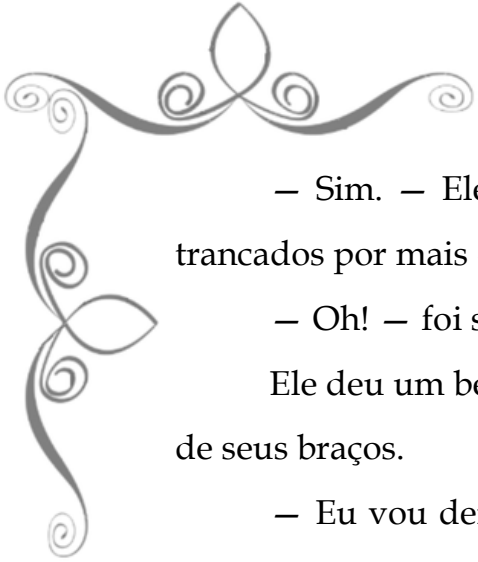
— Não, você não teria conseguido. Mas, eu admiro seu espírito em pensar assim.

— Muito arrogante?!

Ele continuou a acariciá-la e acalmá-la. A sensação impulsionou seu espírito de alguma forma, para ter essa mulher pequena, bonita e feroz agarrada a ele por conforto. Ele nunca sentiu isso antes. Um calor se espalhou dentro de seu peito, como uma pequena bola de fogo, que ele sabia que iria crescer e consumi-lo por inteiro. No entanto, ele acolheu a chama ardente.

— A Torre da Pérola está vazia há muito tempo. E estou mais do que feliz por você e suas crianças residirem aqui, pelo tempo que você precisar. Os outros quartos podem precisar de alguma limpeza, já que eles estavam fechados há mais tempo. E você terá privacidade aqui. Esta é a torre mais distante dos bairros centrais do castelo.

— Mas este quarto em que você me colocou está bem preservado. Como se alguém se importasse, mesmo que ninguém morasse aqui.



— Sim. — Ele se viu abrindo a porta onde ele manteve seus fantasmas trancados por mais de quinze anos. — Eram os aposentos da minha mãe.

— Oh! — foi sua resposta suave.

Ele deu um beijo no topo da cabeça dela e se afastou, deixando-a escapar de seus braços.

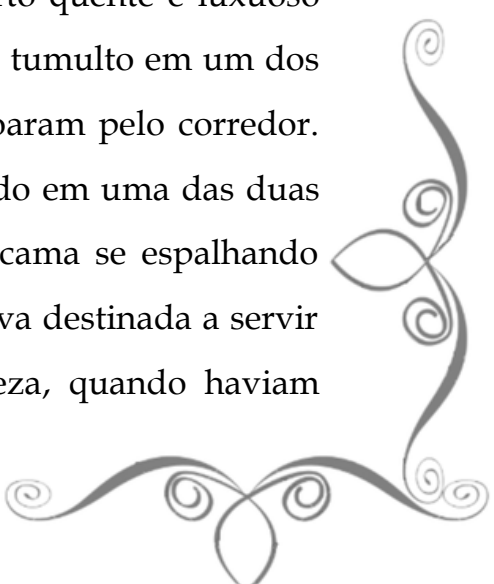
— Eu vou deixar você se preparar para o jantar. Uma hora. Espero que as crianças estejam com fome. Meu cozinheiro, Olog, está planejando uma festa.

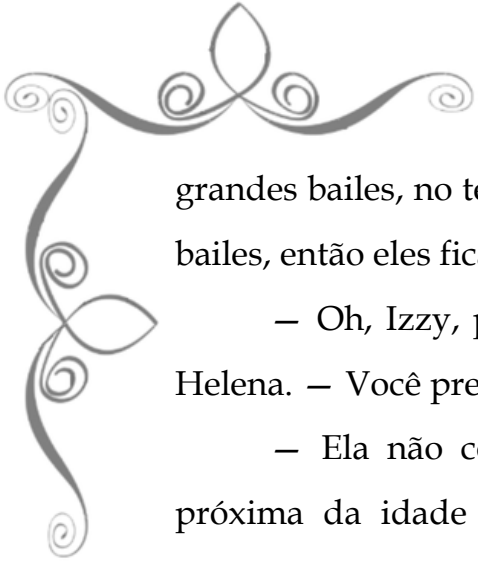
— Minhas crianças? Elas estão sempre com fome.

Ele devolveu seu sorriso caloroso e recuou pelo quarto de dormir que fora o oásis pessoal de sua mãe, longe de seu pai e do resto do mundo. Sim, ele tinha certeza de que os servos mantinham este quarto limpo e bonito. Ele costumava se encontrar caminhando em direção a essa torre ocidental, subindo até a varanda em que estava, para ver o mundo como a mãe um dia havia visto. Ela era a pessoa com quem ele tinha ligações quando criança, não seu pai sem coração. Ou, seu tio cruel.

Este castelo fora construído pelo pai de seu pai e se tornara seu lar quando seu pai se casara com a linda, mas tímida Princesa Katerina, única filha nascida do casal real imperial, o Rei Grindal e a Rainha Morgrid. Mal sabia o pai de Friedrich que o dia do casamento selou sua morte. Seus dias como uma imortal haviam se tornado cada vez mais curtos. Até o tempo acabar. E a mãe de Friedrich tivesse o suficiente.

Satisfeito que Brennalyne estaria dormindo no quarto quente e luxuoso de sua amada mãe, ele saiu para o corredor, ouvindo um tumulto em um dos quartos das crianças. Risos de menina irromperam e ecoaram pelo corredor. Ele parou e espiou para encontrar a pequena Izzy pulando em uma das duas camas gigantescas na parede da direita, as cortinas da cama se espalhando cada vez que ela batia no colchão. A Torre da Pérola estava destinada a servir como aposentos de hóspedes para a realeza e a nobreza, quando haviam





grandes bailes, no tempo do seu avô. Friedrich nunca teve vontade de presidir bailes, então eles ficaram vazios todos esses anos.

— Oh, Izzy, pare de saltar. — disse a mais velha das órfãs de Brenna, Helena. — Você precisa se acalmar.

— Ela não consegue. — disse outra das crianças de Brenna, a mais próxima da idade para a mais velha. — Esta são circunstâncias bastante excitantes.

— Estamos morando em um castelo, Helena! — gritou Izzy. — *Nunta* em toda a minha vida eu...

Izzy ofegou quando o viu parado na porta. A garota mais velha girou e fez uma reverência.

— Eu sinto muito, Sua Graça. Isabelle está um pouco animada, é tudo.

A segunda garota largou a saia que estava dobrando, pegou-a rapidamente e depois fez uma rápida reverência.

Ele sorriu com um aceno da cabeça.

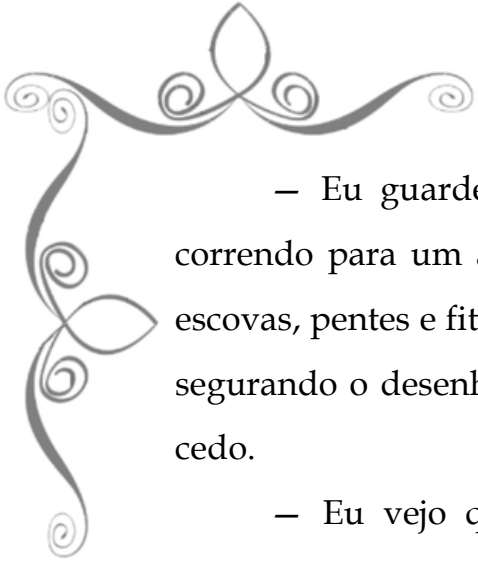
— Eu não me importo, Helena. Me desculpem, mas eu não cheguei a conhecer sua irmã.

— Eu... eu sou Beatrice.

Ela era uma garota de rosto doce, com cabelo loiro brilhante, não escuro como o de Helena. Ela não era tinha a beleza jovem de Helena, mas ela tinha uma força em seus olhos cinzas e seu queixo erguido, o que ele atribuía a Brennalyne. Sua pele era um tom de oliva, como as pessoas do reino ocidental de Pyros. Ele se viu pensando sobre os pais dessas crianças, sentindo simpatia por sua perda.

— Prazer em conhecê-la, Beatrice. Espero que todas estejam com fome. Meu cozinheiro está encantado por ter mais bocas para alimentar, acreditem ou não.

As garotas sorriram com a menção de comida. Todas as crianças estavam tão ansiosas para comer? A pequena jogou seu traseiro na cama.



— Eu guardei o seu desenho! — Exclamou ela, saltando da cama e correndo para um aparador repleto de bugigangas de menina: uma boneca, escovas, pentes e fitas. Ela puxou um pedaço de pergaminho e correu para ele, segurando o desenho que ele havia feito para ela e para o garoto quieto hoje cedo.

— Eu vejo que você guardou mesmo. — Ele olhou para o retrato, pensando que ele realmente havia capturado sua essência. Como ele a via. — E você praticou o que eu te ensinei?

Sua boquinha ficou triste.

— Um pouco. Mas então tivemos que embalar tudo.

— Claro. Que tolo que eu sou. — Ele se agachou até o nível dos olhos dela e entregou a imagem de volta. — Bem, você pode ficar com isso. É seu.

Seus olhos azul-celeste se iluminaram com um sorriso que poderia iluminar a caverna mais escura.

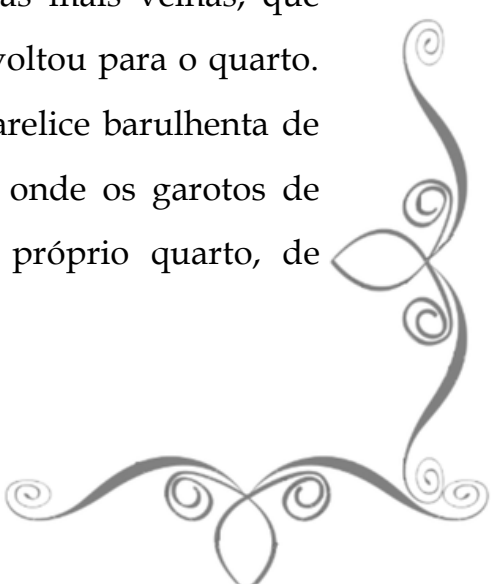
— *Veidade?*

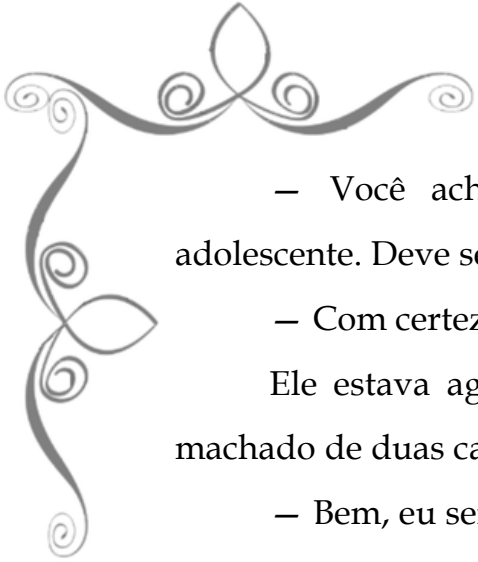
— Sim. E eu vou te dizer outra coisa. — Ele bateu levemente no nariz dela. — Amanhã eu vou fazer uma surpresa para você e seu irmão, Denny. Eu tenho um estúdio aqui no castelo, com tanto pergaminho, carvão e tinta quanto vocês poderiam querer.

Sua pequena boca se abriu em um O.

— Amanhã eu te mostro. Mas, agora, todas vocês devem se preparar para o jantar. Eu as verei mais tarde.

Ele mergulhou em uma reverência para as garotas mais velhas, que retribuíram o gesto. Izzy simplesmente deu um tchau e voltou para o quarto. Ele andou um pouco mais pelo corredor, ouvindo a tagarelice barulhenta de jovens vozes masculinas vindas das suítes de conexão, onde os garotos de Brenna estavam instalados. Um deles estava em seu próprio quarto, de quando ele era bem mais jovem.





— Você acha que é real? — Perguntou um jovem garoto pré-adolescente. Deve ser o que se chamava Emmett.

— Com certeza. É muito real. — Definitivamente o mais velho, Caden.

Ele estava agora nivelado com a porta e os observou encarando um machado de duas cabeças, preso na parede.

— Bem, eu sei que é real. Mas talvez seja apenas para exibição. Pode não ter visto nenhuma batalha. — disse Emmett.

O mais novo, Jack, ouvia seus irmãos discutirem. O quieto, Denny, estava na sacada, olhando para a lua nascente.

— Na verdade... — disse Friedrich, entrando no quarto. — Esse machado viu muitas batalhas.

Todos giraram surpresos. Mas Caden não estava com medo dele, como os outros pareciam estar.

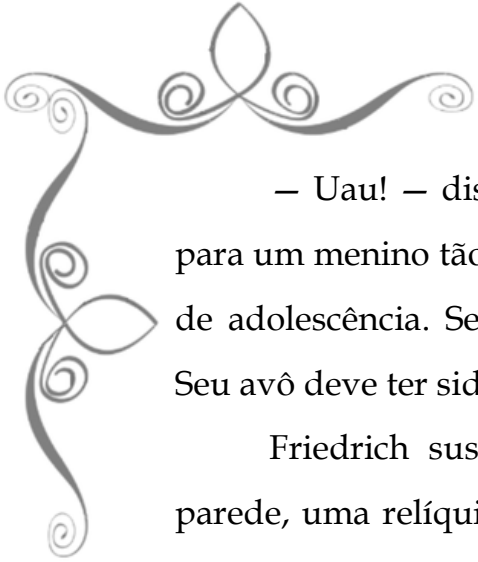
— Você pode nos mostrar, Sua Graça?

Friedrich atravessou a sala e o puxou da prateleira da parede, segurando a lâmina contra a palma da mão e abaixando-a para que eles pudessem dar uma boa olhada. Nós entrelaçados marcavam a peça de ferro, no cabo. As bordas afiadas piscavam à luz das velas.

— Esta aqui é chamada de Cortador de Caminho. Já viu muitas guerras, mas a mais famosa foi a Guerra dos Espinhos. Meu avô sempre liderou suas próprias tropas na batalha. — Friedrich levantou o machado e fingiu - em câmera - lenta cortar um inimigo invisível. — Para cortar o caminho para seus homens, como vocês podem ver.

Os garotos sorriram e assentiram, prestando atenção em cada palavra dele. Friedrich se lembrava daquela idade quando menino, cativado por toda e qualquer história de combate e guerra.

— A batalha mais famosa de todas foi a Batalha de Doreen, uma vasta planície no oeste do reino dos Pyros. Meu avô alegou ter matado noventa e nove homens naquele dia, no maldito campo de Doreen.



— Uau! — disse Caden, com os olhos castanhos arregalados. Ele era alto para um menino tão jovem, e sua voz estava começando a rachar em seus anos de adolescência. Seu cabelo castanho caía continuamente em seus olhos. — Seu avô deve ter sido um grande guerreiro. Um grande homem, Sua Graça.

Friedrich suspirou e colocou o machado de volta em seu lugar na parede, uma relíquia de sua ancestralidade sangrenta, que o assombrava. Ele colocou uma mão pesada no ombro de Caden, mas ele dirigiu o olhar para cada um deles.

— Entendam uma coisa, garotos. Um homem pode ser poderoso e forte e manejar um machado poderoso. Mas não é o número de inimigos mortos que o torna grande. É a intenção do seu coração. — Ele colocou um punho no peito. — Entenderam?

— Sim, Sua Graça! — eles responderam quase em uníssono, embora a luz do reconhecimento fosse mais forte nos olhos escuros de Caden.

Com um tapinha viril nas costas de Caden, ele disse

— Ótimo. Agora é melhor vocês se limparem para o jantar.

Então, ele foi embora. Ele estava fora da porta, mas sua audição aguçada permitiu que ele pegasse a conversa restante enquanto saía.

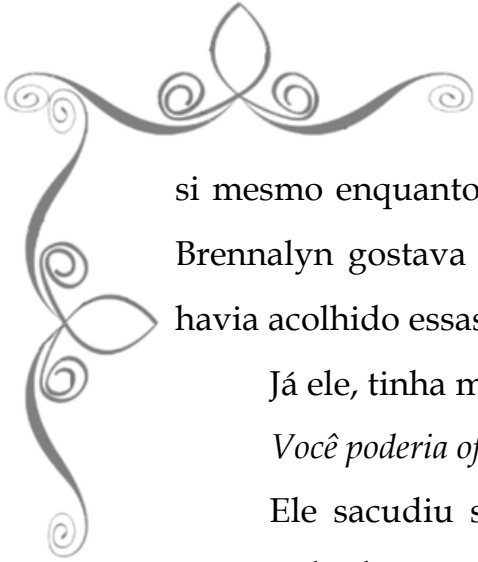
— Ele não é nada do que eu pensava que o Duque vampiro seria. — disse Emmett.

— Eu também não achei. — disse Jack.

— Eu também não. — concordou Caden. — Ele é muito melhor.

Friedrich nunca passara tempo com crianças em toda a sua longa vida. Como filho único, Marius era seu parente mais próximo em idade, e eles se tornaram companheiros quando Friedrich era um jovem adolescente. Grant estava beirando a masculinidade quando eles finalmente se conectaram como irmãos.

Ele ficou surpreso com o quanto ele realmente gostava dessas crianças. Algo sobre o olhar inocente e honesto do mundo fez com que ele sorrisse para



si mesmo enquanto descia a escadaria da torre. Agora ele entendia o porquê Brennalyne gostava de ser professora de escola e o porquê ela ansiosamente havia acolhido essas crianças, mesmo quando tendo tão pouco para lhes dar.

Já ele, tinha muito a dar.

Você poderia oferecer muito mais a ela, faça desse castelo seu lar permanente.

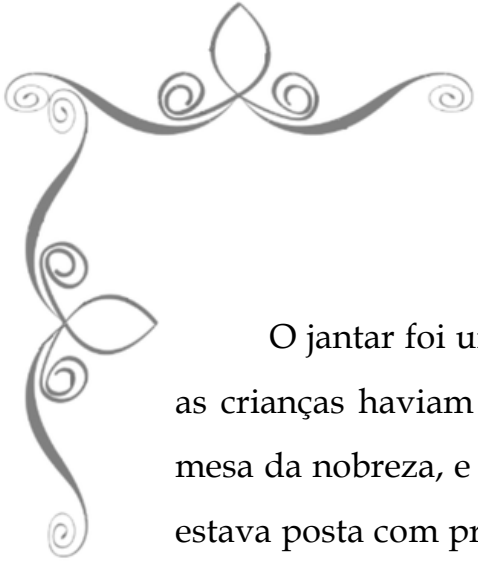
Ele sacudiu seu cérebro confuso. *Que ideia ridícula.* Ele experimentou uma tarde da simples alegria de dar consolo e abrigo aos necessitados e, de repente, estava pensando em coisas domésticas. Território perigoso para um homem que prometeu evitar o casamento ou algo próximo a ele, depois de testemunhar a queda do coração da união arruinada de seus pais, terminando em morte trágica.

— Concentre-se no prêmio, Friedrich.

Embora nada disso fizesse parte do seu plano original para a seduzir a Srta. Snow, ele agora tinha sua tigresa em seu covil. Um grunhido satisfeito roncou baixo em sua barriga, quando ele desceu da escada e cruzou o corredor que levava a sua ala particular. Esta noite, ele não mostraria misericórdia. Ele precisava estar dentro dela, de todas as maneiras possíveis.

Ele entrou em seu quarto, encontrando sua banheira pronta e à espera, com a água borbulhando. Ele saciaria seus desejos no corpo macio da Srta. Snow, e ouviria seus doces gemidos em seu ouvido, quando gozasse quente e duramente dentro dela. Ele tirou a camisa.

— Esta noite.



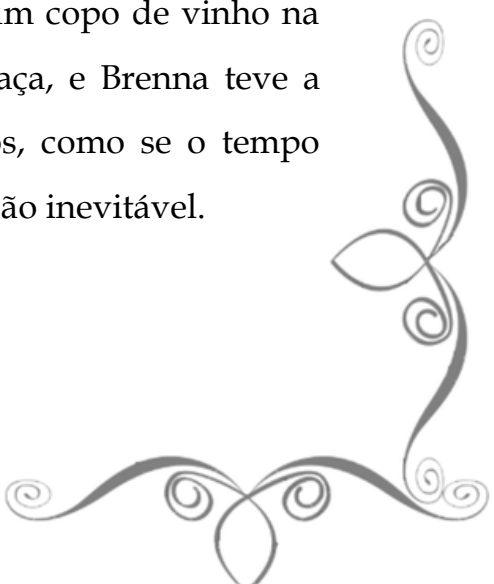
CAPÍTULO 13

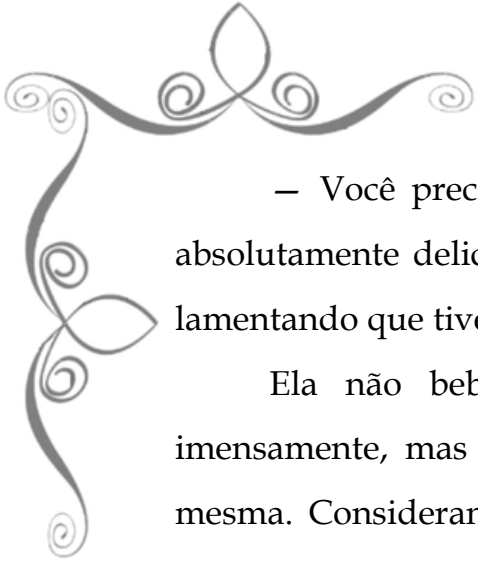
O jantar foi um banquete diferente de qualquer outro que Brennalyne ou as crianças haviam comido, durante toda a vida. Claro, ela nunca esteve na mesa da nobreza, e certamente nunca na mesa de um duque vampiro. A mesa estava posta com prata e cristal, cintilando à luz das velas dos candelabros. Os pratos finos e brancos como ossos, orlados em prata, eram bem diferentes do que o estanho e os objetos de vidro que eles usavam em sua antiga casa.

Ela também nunca tinha experimentado o silêncio contínuo de seus queridos meninos na mesa de jantar, enquanto se enchiam com avidez a cada novo prato que estava diante deles: um caldo de pato chique, cordeiro fatiado com geleia, pudim com especiarias, feijão verde amanteigado e batatas, e uma sobremesa de amêndoas e passas, com fatias de laranja cristalizada e massa folhada cremosa.

Ela particularmente gostava da sobremesa. Quando ela viu um pouco de creme em seu dedo, ela não pôde deixar de lamber a ponta. A sensação de ser atentamente observada por seu anfitrião chamou sua atenção para o lado. O brilho latente de seus olhos azuis de meia-noite a fez empurrar a mão em seu colo e limpar o dedo em seu guardanapo.

Ele também foi servido a cada prato, embora tenha comido muito pouco. Enquanto a refeição prosseguia, sua postura felina na cadeira inclinou-se mais e mais, até que o peito largo e os ombros quadrados a encararam. Sua mão com o anel de sinete estava enrolada em torno de um copo de vinho na mesa, seu dedo indicador preguiçosamente batendo a taça, e Brenna teve a nítida sensação de que ele estava contando os segundos, como se o tempo estivesse passando e ele estivesse aguardando uma explosão inevitável.





— Você precisa agradecer ao seu cozinheiro por nós. A refeição está absolutamente deliciosa. — ela disse, tomando o último gole de seu vinho e lamentando que tivesse bebido o copo inteiro.

Ela não bebia com frequência, e essa forte mistura a aqueceu imensamente, mas também afrouxou o controle que ela mantinha sobre si mesma. Considerando que ela deveria estar pensando em levar as crianças para a cama, ela só conseguia pensar em ficar sozinha com o Duque, que descansava como um leão ao seu lado. Ela queria pressionar os lábios na base de sua garganta, logo acima de onde cachos desapareciam em sua camisa. Ele não estava de gravata e deixou a camisa desabotoada, um V tentador na gola aberta no topo. Quando Beatrice falou, ela quase pulou da cadeira.

— Eu nunca provei uma comida tão maravilhosa, Sua Graça. Eu me pergunto se eu poderia falar com o seu cozinheiro algum dia, já que eu adoro aprender novas receitas.

Sua boca larga inclinou-se para um lado, seu olhar pesado ainda em Brenna por mais alguns segundos, antes de se virar para Beatrice.

— Vou apresentá-la a Olog amanhã. Embora a maioria dos cozinheiros sejam possessivos e reservados com suas receitas, tenho certeza de que ele apreciaria uma jovem aprendiz tão encantadora quanto você.

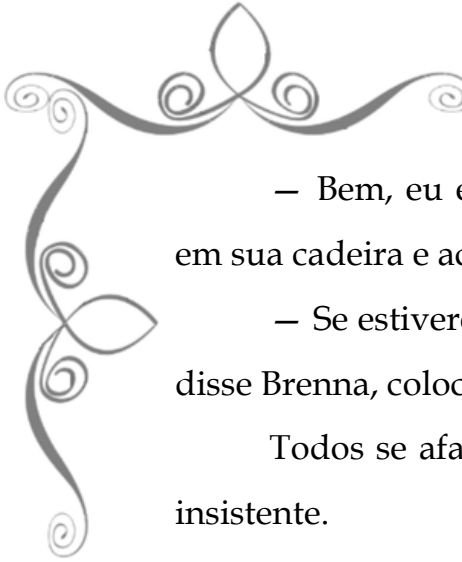
Beatrice corou e mergulhou de volta em sua sobremesa.

— Me diga uma coisa, Senhorita Snow. — Ele manteve a voz baixa e íntima. — Como, por todas as estrelas, você conseguiu enfiar aquele maquinário todo em seu porão, sozinha?

— Não foi sozinha. Um jovem, que eu já havia ensinado, me ajudou na mudança de Korinth. Foi preciso uma carroça grande e dois cavalos muito fortes.

— De fato.

Brenna olhou para Helena, que dobrou o guardanapo e colocou em seu prato, seu olhar caindo abandonado em seu colo.



— Bem, eu estou satisfeito. — anunciou Caden, se recostando de volta em sua cadeira e acariciando seu estômago.

— Se estiverem todos prontos, vou levá-los de volta aos seus quartos. — disse Brenna, colocando o guardanapo no prato e levantando lentamente.

Todos se afastaram da longa mesa, a voz de Friedrich soou suave, mas insistente.

— Esta noite, eu pretendia conversar com você sobre alguns assuntos que não podem mais esperar.

— Oh, eu...

— Está tudo bem. — disse Helena na frente dela, tomando a mão de Izzy à sua esquerda. Izzy esfregou um olho e bocejou. — Vou colocá-los na cama. — Helena fez uma reverência para Friedrich. — Obrigada, Sua Graça.

— Boa noite. — ele disse, com um sorriso gentil enquanto eles seguiam depois de Helena, deixando-o sozinho com Brenna.

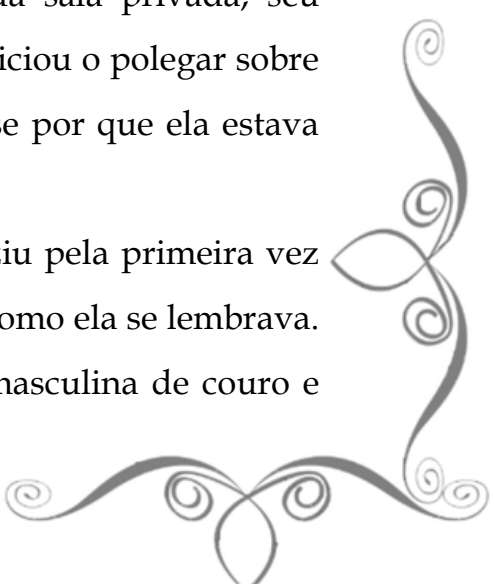
Ela esperou, parada ali, nunca tendo se sentindo tão desajeitada na frente dele. Ou, era outra coisa que a fazia segurar a respiração?

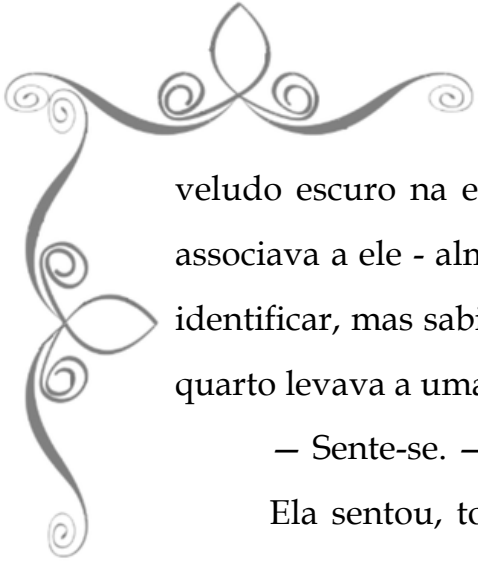
— Sobre o que você queria falar comigo?

— Venha.

Ele estendeu a mão para ela. Um gesto estranho. Mas ela pegou, deixando-o envolver sua pequena mão e guiá-la em direção à escadaria principal. Ele a puxou suavemente pelas escadas acarpetadas e por um longo corredor, que ela reconheceu imediatamente o local. Lembrando-se da última vez em que andou por este corredor, que levava à sua sala privada, seu coração batia irregularmente dentro de seu peito. Ele acariciou o polegar sobre o pulso dela, uma carícia reconfortante, como se soubesse por que ela estava subitamente nervosa.

Abrindo a porta para seus aposentos, ele a conduziu pela primeira vez com uma mão das mãos nas costas dela. Era exatamente como ela se lembrava. A lareira acesa, candelabros espalhados, a combinação masculina de couro e





veludo escuro na espreguiçadeira e nas cadeiras. O cheiro do que ela agora associava a ele - almíscar e um outro aroma inebriante, que ela não conseguia identificar, mas sabia que era distintamente ele. Uma porta aberta no canto do quarto levava a uma sala escura.

— Sente-se. — ele disse, gentilmente.

Ela sentou, tomando seu lugar na espreguiçadeira, encontrando-se tão nervosa quanto da primeira vez. Ele estava planejando algo desde que ele chegou em sua casa no meio da manhã e descobriu que ela era a White Lily. Mas, o que quer que ele estivesse querendo discutir com ela, não parecia ter a ver com o envolvimento dela na resistência. Ela não tinha certeza de como ela sabia, mas o instinto lhe dizia que outra surpresa estava chegando. Uma que ela talvez não fosse apreciar muito bem.

Ele encheu dois copos com um licor âmbar, em seguida, sentou-se ao lado dela, entregando-lhe um.

— Eu honestamente não bebo muito.

— Beba. — disse ele com seriedade. — Você pode precisar.

Ela segurou o copo frio em suas mãos, engolindo um pequeno gole com um estremecimento. Mas a queimadura parecia estranhamente boa.

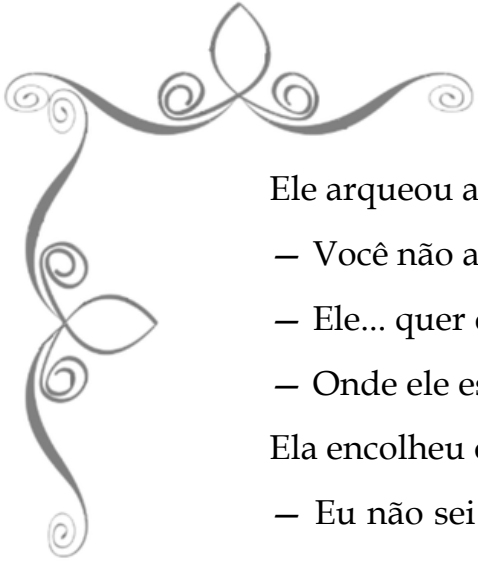
— Você mencionou... — ela começou, mas tomou outro gole fortificante, em seguida, olhou para ele, sua expressão séria, sem charme ou um sorriso arrogante à vista. — Você mencionou hoje cedo que nós tínhamos outras coisas para discutir.

Ele não perdeu tempo.

— Por que você não me disse que é casada?

Seus dedos se apertaram ao redor do copo enquanto ela o colocava no colo. Ela umedeceu o lábio inferior, mas descobriu que não tinha saliva em sua boca. O olhar dele seguiu seu movimento, antes de se encontrar novamente com o dela.

— Eu não achei relevante.



Ele arqueou a sobancelha.

— Você não achou relevante?

— Ele... quer dizer, estamos separados.

— Onde ele está agora? Ainda morando em Korinth?

Ela encolheu os ombros.

— Eu não sei onde ele está. — Outro gole bem-vindo de fogo líquido, o licor estava lhe dando coragem. — Ele me deixou.

Silêncio. O Duque ficou imóvel. Ela não tinha certeza se ele estava respirando, sua expressão ficou mais severa.

— Que tipo de homem te deixaria? Que tolo abandonaria sua linda esposa?

Ela não conseguia lidar com o peso de seu olhar. De pé abruptamente, ela andou até a janela, ainda segurando o copo com as duas mãos.

— Ele tinha suas razões.

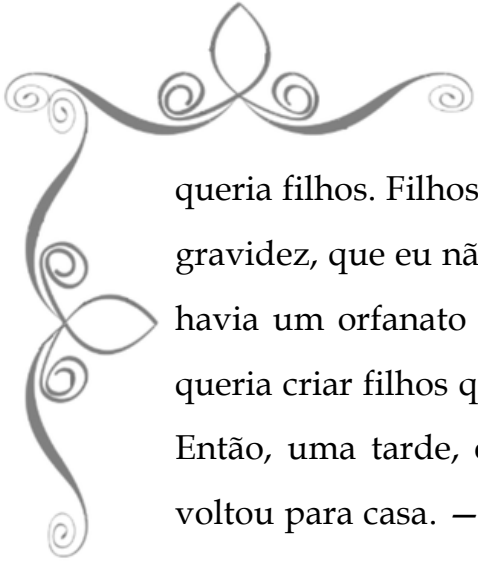
Ela não o ouviu se mover em pés silenciosos, mas sentiu o calor dele em suas costas. Ele a virou para encará-lo e gentilmente removeu o copo, colocando-o no parapeito da janela. Mas ela não podia olhar para ele, vergonha queimando seu pescoço e em suas bochechas. Ele segurou seu rosto, suas mãos grandes a inclinando para cima.

— Que razões, Brennalyn?

Quando ele disse o nome dela daquele jeito, seu estômago se agitou. Ela ansiava por ouvi-lo dizer o nome dela novamente, mas naquele barítono profundo e sonoro.

Apesar de Elliott a ter abandonado como mulher e a forçado a encontrar sua própria força interior e vontade de continuar, ela não estava mais disposta a deixar a velha mágoa dominá-la. Ela respondeu honestamente, com o autocontrole que a guiara para fora do lugar escuro onde Elliott a abandonara.

— Eu sou estéril, Sua Graça. — Ela esperou por alguma reação forte, um olhar de pena ou desgosto. Nada aconteceu, então ela continuou. — Elliott



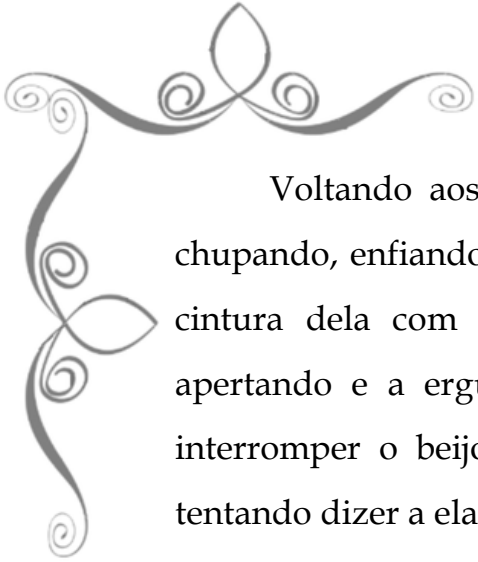
queria filhos. Filhos dele. Quando ficou óbvio, depois de dois anos e nenhuma gravidez, que eu não consegui conceber, sugeri que adotássemos. Em Korinth, havia um orfanato onde poderíamos conseguir uma criança. Mas Elliott não queria criar filhos que não fossem do seu sangue, segundo o que ele me disse. Então, uma tarde, ele saiu do tribunal onde atuava como advogado e não voltou para casa. — Ela se lembrou do dia em que uma pedra fria de pavor se alojou em seu peito, quando lhe disseram que ele tinha saído naquela manhã depois de limpar sua mesa e entregando sua renúncia imediata do cargo em vigor. — Ele foi embora naquele dia. Se demitiu e foi embora, sem me dizer nada. Eu pensei que talvez ele voltasse para casa depois de um tempo. Mas, eventualmente... — ela soltou uma risada amarga. — Percebi que ele não me queria. Uma esposa que não podia carregar seus filhos. Apenas metade de uma mulher.

Friedrich levou as mãos ao pescoço dela, envolvendo-o, com os polegares pressionando suavemente sua mandíbula, forçando a cabeça dela para cima. Ele se aproximou.

— Olhe para mim, Brennalyn. — Sua voz tremeu de raiva, não muito diferente de como ela o ouvira hoje, quando ele a encurralou na neve. — Você é uma mulher completa. — Sua boca pressionou contra a dela, exigindo que ela prestasse atenção. Ela prestou. Ele aprofundou o beijo, enfiando a língua, quente e com força, muito masculino. Ele interrompeu o beijo para beijar a lateral do pescoço dela, beliscando com os dentes, mas sem romper a pele. — Uma mulher de verdade.

Um gemido ofegante escapou de seus lábios, pelas belas coisas que ele disse e fez com sua boca adorável. Ela enfiou os dedos em seu cabelo, segurando-o mais perto, seu sangue zumbindo quente e rápido através de suas veias. Ele se aproximou de seu ouvido e lambeu o lóbulo, sussurrando.

— *Minha mulher.*



Voltando aos lábios dela, ele fez amor com a boca dela. Beliscando, chupando, enfiando a língua dentro da umidade quente dela. Ele envolveu a cintura dela com um braço, enquanto outra mão acariciava sua bunda, apertando e a erguendo contra ele. Ela engasgou, mas ele não a deixou interromper o beijo, exigindo que ela prestasse atenção ao que ele estava tentando dizer a ela, com sua boca gloriosa.

Mantendo-a moldada a ele, a outra mão dele vagou até o quadril dela, apertando, deslizando mais alto até o seio, livre de espartilho. Ele parou o beijo de repente, seu polegar raspando sobre o mamilo duro, evidente, mesmo através de sua camisa e vestido.

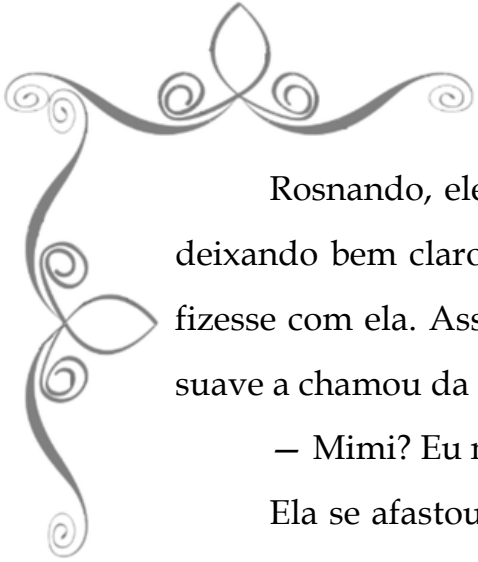
— Sem espartilho. — ele murmurou.

Ela balançou a cabeça. Ela não se incomodou de vestir um depois do banho. Só havia o jantar, depois ela voltaria a se despir para dormir. Ou, foi o que ela pensou.

Seu olhar desceu, observando enquanto ele trabalhava o mamilo através do tecido, beliscando suavemente, provocando o bico tenso. Ela mordeu o lábio inferior, mal escondendo seu gemido. Seus olhos iluminaram os dela, então ele devorou sua boca, enchendo a mão em seu peito, enquanto ele a apertava. Ele beijou um rastro quente em sua garganta, deslizando a mão para o alto do pescoço, com os dedos se curvando como se ele fosse arrancar as roupas dela, mas depois desistiu.

— Eu odeio essa porra de vestido. — ele rosnou em sua garganta. No momento, ela também odiava.

Ele abaixou a cabeça e abriu a boca sobre o mamilo visivelmente endurecido, mordiscando com os dentes. A sensação aqueceu seu sangue, juntando-se ao ápice entre suas pernas. Ela enroscou os dedos em seu cabelo, segurando-o ali enquanto suas atenções ásperas puxavam um gemido gutural de seus lábios entreabertos.



Rosnando, ele encontrou sua boca novamente, sua língua empurrando, deixando bem claro o que ele queria fazer com ela. O que ela queria que ele fizesse com ela. Assim que ela sentiu a bainha de seu vestido subir, uma voz suave a chamou da porta.

— Mimi? Eu não consigo dormir.

Ela se afastou. O Duque olhou para baixo, com os olhos brilhando com uma necessidade carnal. Ele fechou os olhos com uma expiração irregular e se virou. Brenna se escondeu atrás dele com um braço sobre o peito para esconder a mancha úmida e quente que ele havia feito com a língua.

— Izzy, querida. Você deveria estar na cama.

Ela de alguma forma saiu da Torre da Pérola e encontrou a sala de visitas. Deixe Izzy sozinha que ela vai encontrá-la como uma abelha perdida vai para sua rainha. Com os olhos sonolentos, ela estava de camisola branca e pés descalços, cachos loiros um halo bagunçado em volta da cabeça.

— Eu estou assustada. Posso dormir com você, na sua cama?

— Eu ia pedir a mesma coisa. — murmurou Friedrich em voz baixa.

Ela arqueou um olhar para ele, em seguida, marchou para a porta. Ele a seguiu. Erguendo Izzy em seus braços, ela percebeu que as pobres crianças deviam estar passando por seu próprio trauma, com a queima da casa que compartilhavam juntas e depois empurradas neste grande castelo.

— Claro! — ela assegurou.

Izzy avistou Friedrich, seus olhos azuis brilhando quando ela estendeu um pequeno braço e uma mão gorducha.

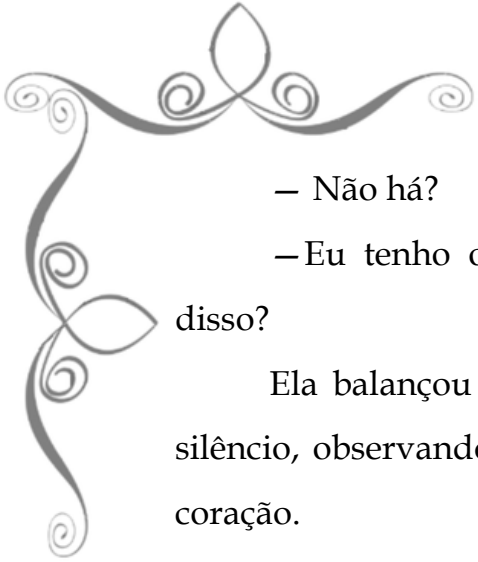
— Você pode me carregar para a cama?

— Oh, querida! O Duque não...

Izzy foi arrancada dos braços dela, depois o Duque a levou pelo quadril para fora da porta.

— Você sabe, querida, não há nada a temer no meu castelo.

Ela enrolou seus pequenos braços em volta do pescoço dele.



– Não há?

– Eu tenho os mais ferozes guardas em todos os reinos, você sabia disso?

Ela balançou a cabeça, os cachos saltando. Brenna seguiu ao lado em silêncio, observando os dois. Um calor terno se estabeleceu em torno de seu coração.

– Eles vigiam a noite toda. Se qualquer perigo se aproximar, eles feririam o inimigo tão rápido que o intruso jamais saberia o que aconteceu. Eles são os mais rápidos e mais fortes vampiros que eu já conheci.

– *Veidade?*

Eles subiram a escada para a Torre de Pérola.

– Oh, sim. E sabe o que mais? Eles têm uma fraqueza.

– Qual?

Ele sussurrou conspirativamente.

– Eles amam garotinhas, acima de tudo. Especialmente as pequenas e loiras que transformam seus corações de vampiros duros em um mingau.

Ela riu, com o sorriso mais brilhante.

– Você está mentindo para mim.

– Absolutamente que não! Juro pela minha vida.

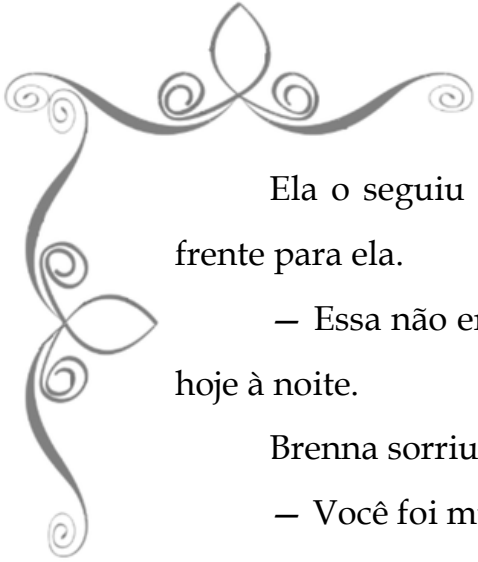
Brenna abriu a porta do seu quarto. Uma empregada já havia baixado a colcha. Friedrich levou Izzy para a cama e acomodou sua doce cabeça no travesseiro. Ele puxou a colcha e enfiou debaixo dos braços dela.

– Então, veja bem, querida. Não há nada com que se preocupar. A Guarda de Sangue nunca deixaria que nenhum mal chegasse até você. – Ele arrastou o dedo indicador através de sua bochecha rechonchuda e colocou um cacho solto atrás de sua orelha. – Nem eu. Eu prometo.

O interior de Brenna se desfez. Izzy olhou para ela, por cima dele.

– Mimi, você está indo para a cama também?

– Sim, querida. Eu vou apenas me despedir de Sua Graça.



Ela o seguiu até a porta. Ele apoiou um braço no batente da porta, de frente para ela.

— Essa não era exatamente a mulher com quem eu imaginava me deitar hoje à noite.

Brenna sorriu, mas uma pontada de medo torceu em seu peito.

— Você foi muito gentil com ela.

— Foi fácil. Ela é uma menina doce.

— Ainda assim. Obrigada.

Ele segurou sua bochecha, deslizando seus longos dedos em seu cabelo.

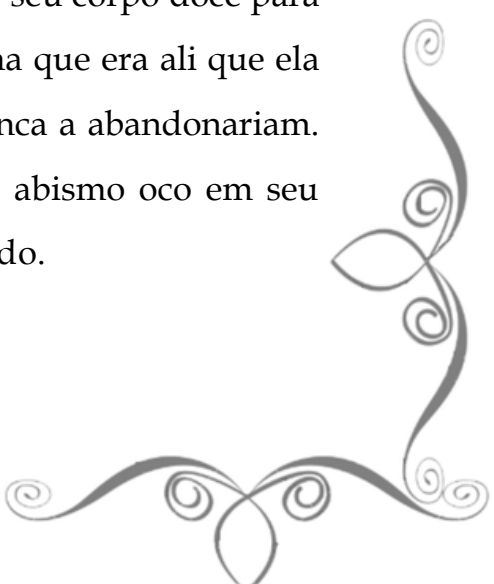
— Eu te disse. Eu vou cuidar de você e das crianças. Você só tem que confiar em mim.

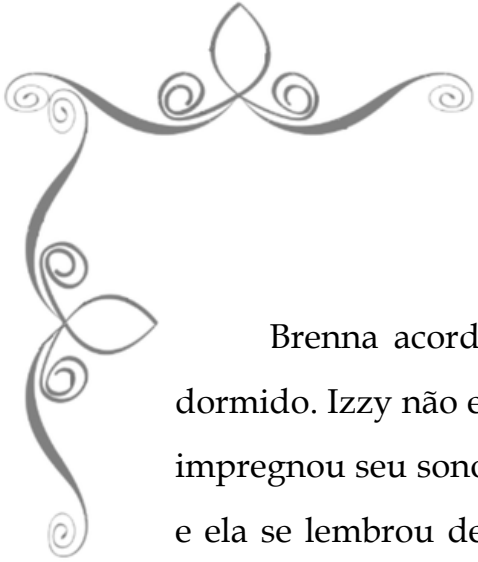
Ela não tinha palavras para responder.

— Foi um longo dia. E uma longa noite — acrescentou ele. Ele se inclinou e deu um beijo lento e sensual em seus lábios, incitando-a até que aquela centelha familiar reacendeu em seu sangue. Então, ele se afastou, largando a mão dela. Ele apontou para a cama. — Vá para sua garota. Eu te vejo pela manhã. — Então ele se afastou pelo corredor.

Brenna revisitou o medo que havia surgido no momento anterior. Com a paixão esmagadora, ela poderia lidar. Mas com a ternura genuína e a afeição por seus filhos, não. Isso a fez desejar algo que ela não podia ter. *Um felizes para sempre.* Ela não podia aceitá-lo, não podia confiar em homem nenhum.

Com um desejo amargo girando em seu peito, ela fechou a porta, vestiu a camisola e subiu na cama com a pequena Izzy. Puxando seu corpo doce para perto, ela saboreou seu peso suave, lembrando a si mesma que era ali que ela deveria concentrar sua ternura. Seu amor. Seus filhos nunca a abandonariam. Ela finalmente caiu em um sono profundo, ignorando o abismo vazio em seu coração, que ela tinha certeza de que nunca seria preenchido.





CAPÍTULO 14

Brenna acordou do sono mais profundo que ela já se lembrou de ter dormido. Izzy não estava ao lado dela. Uma sensação estranha de comodidade impregnou seu sono e seus sonhos, até que a luz da manhã atravessou a janela e ela se lembrou de seus pensamentos lamentáveis, pouco antes de ir para a cama.

Ela se empurrou para fora da cama, tendo dormido de camisola. Um fogo crepitava e já aquecia o quarto. Ela olhou ao redor, para o roupão de musselina que ela deixou de lado, depois de seu banho. Ela se despiu e colocou seu vestido na poltrona ao lado de sua penteadeira. Mas ele não estava lá. Tinha outra coisa no lugar.

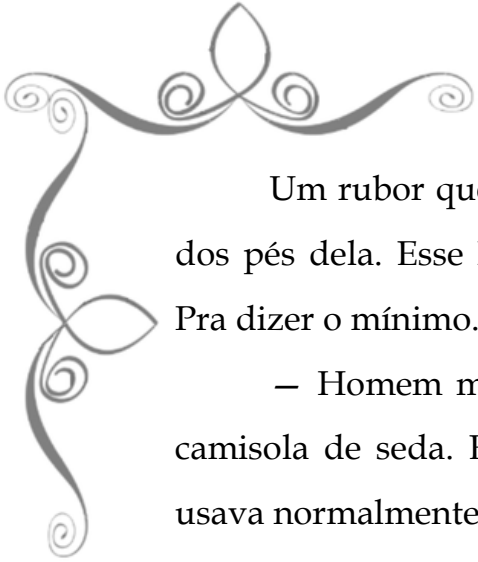
— Puta merda!

Lá, espalhado nas costas da cadeira, estava um adorável vestido de seda azul-safira. Ela se aproximou com os pés descalços, encontrando uma nova camisola de seda, meias e corpetes dobrados ordenadamente ao lado deles no banquinho da penteadeira. Uma nota em pergaminho branco sobre a camisola. Ela pegou e leu os rabiscos ousados e desenhados.

Bom dia, linda.

Sim, eu queimei aquele vestido cinza horrível. Todos eles, na verdade. Aqui está um dos muitos novos vestidos para você. Algo mais merecedor para estar em contato com sua pele perfeita de alabastro. Estou com inveja desta roupa de seda azul, verdade seja dita.

*Até que seja eu em contato com a sua pele nua,
Friedrich.*



Um rubor quente rastejou das raízes do cabelo até as pontas dos dedos dos pés dela. Esse homem dizia as coisas mais inapropriadas. *Inapropriadas?* Pra dizer o mínimo.

— Homem mau. — ela murmurou com um sorriso e levantou a linda camisola de seda. Era muito mais delicada e transparente do que a que ela usava normalmente. — Homem muito, muito mau.

Ela estaria teria uma conversa com ele sobre ele assumir seu guarda-roupa sem a permissão dela, tomando decisões por ela que ele não tinha o direito de tomar. Ele não era seu marido. Deus a ajudasse, ele nem era seu amante. *Ainda não*. Mas, por enquanto, ela precisava de roupas para usar. Feliz pela camisola e espartilho, ela percebeu que ela não podia apertar as amarras sozinha, justo quando Sylvia entrou com uma bandeja de café da manhã.

— Ora, ora, ora... — disse Sylvia com um sorriso acusador. — Olha quem finalmente decidiu acordar.

— Já é tão tarde?

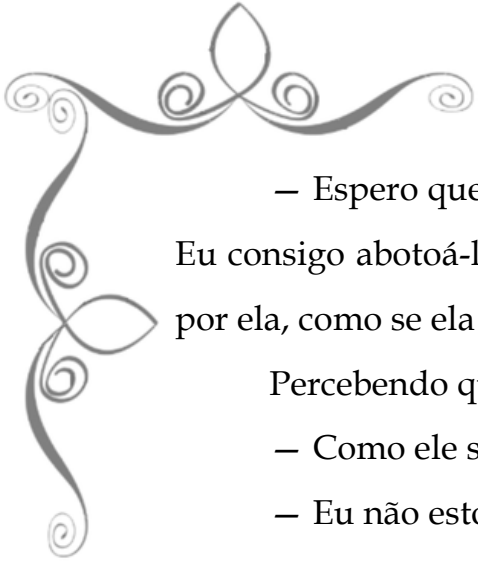
Sylvia riu e largou a bandeja.

— Sim. São quase dez horas. Aqui, deixe-me ajudá-la. — Ela caminhou até ela e começou a apertar os cadarços.

— Como eu pude dormir até tão tarde? — Mesmo que ela tenha mandado uma mensagem para o magistrado da cidade de que não haveria aula hoje porque a casa dela tinha sido incendiada, ela não queria dormir o dia todo.

— Eu suponho que foi porque você teve muitas preocupações e problemas. Você precisava disso. — Ela apertou o último laço. — Pronto. Vamos colocar você nesse vestido novo.

Enquanto Sylvia soltava a fileira de botões perolados que revestiam a parte de trás do vestido, Brenna vestiu as meias novas e apertou a renda superior na liga do espartilho.



— Espero que caiba. — disse Brenna, entrando nele. — Obrigada, Sylvia. Eu consigo abotoá-lo sozinha. — Ela não gostou da ideia de Sylvia esperando por ela, como se ela fosse a dona da casa.

Percebendo que encaixava perfeitamente, Brenna balançou a cabeça.

— Como ele sabia do meu tamanho?

— Eu não estou surpresa. O Duque sabe tudo.

Brenna beliscou o rosto.

— Claro. — Ela se virou e abriu os braços para a inspeção. — Então?

Os olhos de Sylvia brilharam.

— Eu preciso admitir. Ele sabe o que fica bem em você. Está parecendo até uma princesa, se é que posso dizer isso.

— Talvez você não deva. Isso é demais para uma professora da aldeia. No que ele estava pensando?

Sylvia sorriu maliciosamente, mas não respondeu.

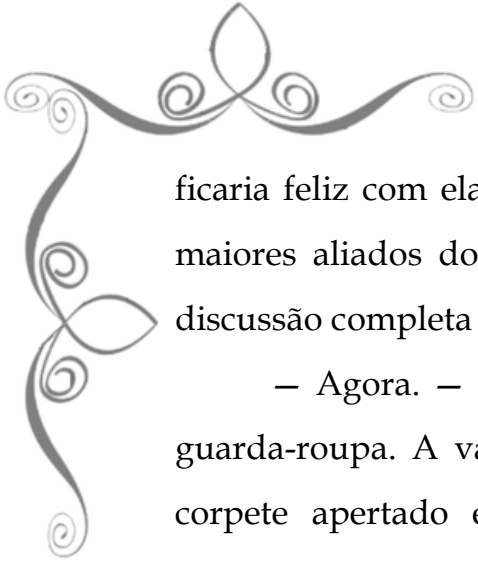
Brenna se sentou na penteadeira, pegou uma escova e desembaraçou o cabelo, em seguida, começou a trançar, enquanto sua mente pensava demais, como de costume. Ela se perguntou o que a noite passada significava, se deveriam deixar sua paixão levá-los onde queriam estar, enroscados em sua cama. O que as crianças pensariam se suspeitassem? Ela não queria confundí-los com qualquer ideia de que este seja um lar permanente. Ela precisava falar com ele sobre como eles iriam continuar agindo, enquanto eles permanecessem em Winter Hill.

— Então, o Duque sabe do seu envolvimento com o Black Lily, não é? — Perguntou Sylvia, lançando outra tora no fogo.

— Sim. — Ela usou os grampos de cabelo que colocara na gaveta da penteadeira para enrolar a trança em uma coroa no alto da cabeça.

— E ele não vai te entregar para a coroa, obviamente.

— Não agora. — Brenna ficou em silêncio. Ela não gostava de enganar Sylvia, que era sua única amiga de verdade, mas não tinha certeza se Friedrich



ficaria feliz com ela por revelar seu segredo de que ele era, de fato, um dos maiores aliados do Black Lily. Ainda mais do que ela. Brenna queria uma discussão completa com ele sobre o assunto, assim que ela o localizasse.

— Agora. — Ela saiu da penteadeira e olhou em um longo espelho no guarda-roupa. A varredura de seda azul com rendas delicadas aparando o corpete apertado estava muito longe de seu vestido cinza. Ela mal se reconheceu. Ela sempre se vestiu por conveniência. Não, isso não era verdade também. Ela se vestiu para se esconder. Depois de Elliott, ela não queria mais atrair atenção indesejada. Era melhor manter a cabeça baixa no trabalho e cuidar das crianças. E estava funcionando... até que Friedrich a notou.

— É melhor eu me mexer e ir checar as crianças.

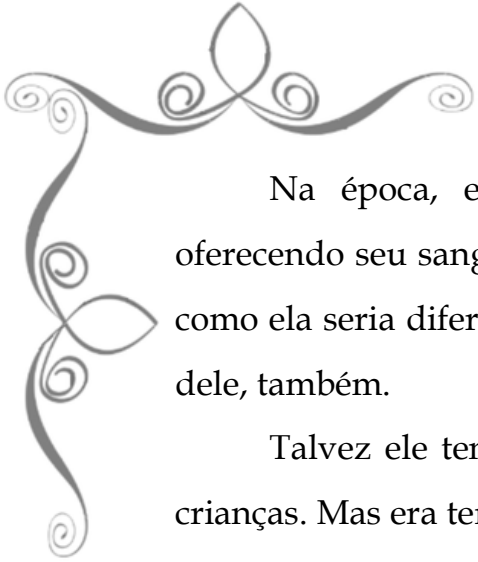
— Não antes de você comer alguma coisa. — Sylvia acenou para a bandeja. — E é melhor eu voltar ao meu trabalho. — disse ela, agitada.

Brenna fez pegou uma fatia de pão amanteigado, um ovo escalfado, queijo fatiado, presunto e algumas fatias de laranja. Ela comeu tudo acompanhada de uma xícara de chá quente e depois se levantou e respirou fundo, com a mão em seu abdômen. O espartilho a impedia de inspirar muito profundamente. Sua refeição normal no café da manhã era apenas uma torrada e chá.

Uma empregada fez uma reverência quando ela passou por ela no corredor.

— Oh, bom dia! — disse Brenna com surpresa, acenando para ela. Ela estava sendo tratada como uma dama, o que a deixava extremamente desconfortável.

Essa noção de que ela estava acima de alguém, de alguma forma, simplesmente, porque o Duque a estimava e lhe comprara um guarda-roupa de uma dama, lhe dava nos nervos. As outras mulheres ficaram em Winter Hill e ela as ouviu se gabar de seus encontros noturnos com o Duque, ousadamente.

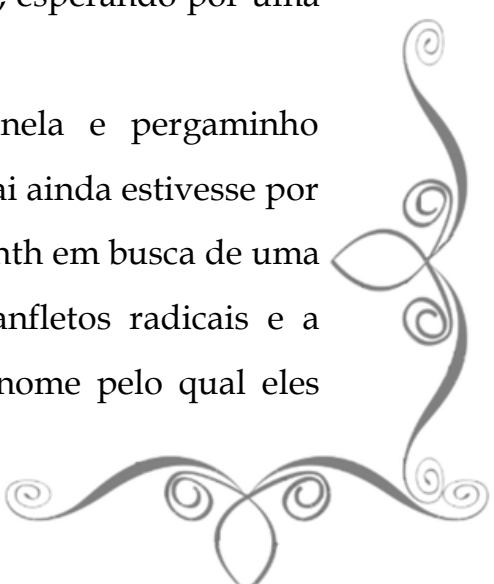


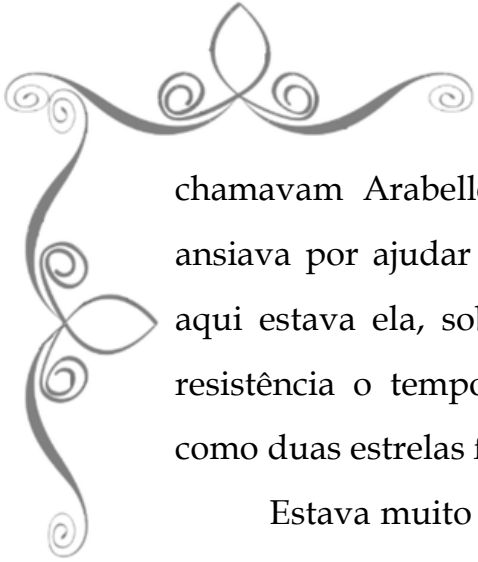
Na época, ela zombou e torceu o nariz para aquelas mulheres, oferecendo seu sangue por uma noite de prazer e alguns favores do Duque. E como ela seria diferente, se desse a ele o que ele queria dela? O que ela queria dele, também.

Talvez ele tenha mostrado um tratamento especial ao receber todas as crianças. Mas era temporário. E isso só foi necessário, porque ele exigiu que ela queimasse sua casa. Ele não podia arriscar que ela fosse encontrada bem debaixo do nariz dele, tão perto de seu castelo, que poderia voltar a suspeita de seu tio em sua direção, mais uma vez. Especialmente depois que toda a cidade o viu se interessar por ela. Ele tinha que protegê-la e a sua família, para evitar ser associado ao White Lily.

Ela caminhou em direção ao quarto das meninas, imaginando se ela tinha feito algum bem com suas mensagens para as pessoas. O poder das palavras era como mágica, persuadindo as pessoas para o bem ou para o mal, dependendo de quem entregaria a mensagem. Ela aprendeu isso há muito tempo, quando seu pai a colocava sentada em seus joelhos à noite, perto do fogo, com uma xícara de sua bebida especial de chá de canela e lia para ela sobre grandes homens e mulheres do passado. Brenna se apaixonara pela história, pelas pessoas e pela palavra escrita. E mais tarde, naqueles últimos anos, quando sua doença o enfraqueceu, ela se sentava em frente a ele junto ao fogo, uma colcha sobre o colo dele e lia aquelas histórias antigas de volta para ele, amando o sorriso gentil de sua face grisalha. Era disso que ela mais sentia falta quando ele morreu. Quando ela se casou com Elliott, esperando por uma felicidade que nunca veio.

Até hoje, o cheiro de fumaça de madeira, canela e pergaminho empoeirado ainda a animava, como se o espírito de seu pai ainda estivesse por perto. Talvez seja por isso que, quando se afastou de Korinth em busca de uma nova vida em Terrington, começou a escrever seus panfletos radicais e a assiná-los com White Lily. Ela não queria substituir o nome pelo qual eles





chamavam Arabelle, que liderava a resistência. Muito pelo contrário. Ela ansiava por ajudar sua irmã da revolução. De qualquer maneira possível. E aqui estava ela, sob a proteção do Duque vampiro que estava ajudando a resistência o tempo todo. Talvez a sorte houvesse intervindo, reunindo-as como duas estrelas fatídicas.

Estava muito quieto a esta hora da manhã. Uma parte das crianças eram madrugadores. Ela ouviu o farfalhar dos quartos das garotas. Entrando, ela encontrou Helena cavando o baú das roupas.

— O que você perdeu, querida? — Perguntou Brenna.

— Eu não consigo encontrar meu manto — ela disse em um gemido frustrado, meio curvada para dentro do baú. — Eu não sei onde eu o deixei. — Ela soltou um suspiro e se levantou. — E agora vou congelar até a morte.

Ela se levantou para encarar Brenna, arregalando os olhos ao vê-la.

— Oh meu...

Brenna se lembrou de seu vestido, olhando para baixo.

— Não é nada demais. Eu estava apenas cansada do cinza e o Duque tinha esse aqui.

Ela era tão mentirosa.

— Você está tão linda, Mimi.

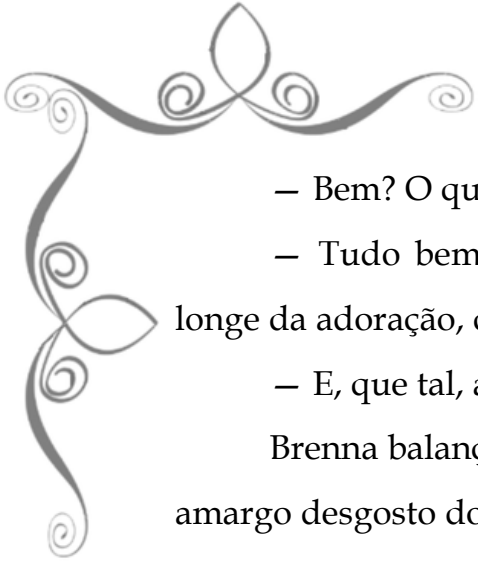
— Eu estou?

Helena sorriu, encontrando-a na porta e tocando a saia de seda.

— Sim. Ele deve realmente adorar você.

— Helena. — ela começou em um tom grave. — Você é a mais velha e está em uma idade em que você precisa entender que um homem dando presentes a uma mulher, não significa exatamente que há afeição no gesto de dar um presente. Significa apenas... bem, significa apenas que...

Ela franziu a testa. Ela não podia dizer que um homem, especialmente um homem como o Duque, gostava de presentear a sua possível amante. Ela se encolheu, sentindo-se como uma mulher comprada.



— Bem? O que significa?

— Tudo bem. Pode significar que ele gosta dela. Mas isso está muito longe da adoração, como você disse.

— E, que tal, amor? — Perguntou Helena.

Brenna balançou a cabeça, com pena de Helena, ainda tão preservada do amargo desgosto dos homens.

— Não, minha querida. Um homem que dá um vestido a uma mulher não demonstra nada parecido com amor. Não mencione essa palavra novamente em relação ao Duque. Isso nunca vai acontecer.

— Mas, e se fosse?

Brenna soltou uma risada dura.

— Não é. — E ainda uma vibração em sua barriga agitou seus nervos em um redemoinho. — Venha comigo. — Ela caminhou de volta para seu quarto de dormir.

— Mas, e se fosse?

— Helena. — ela repreendeu. — O Duque não é o tipo de homem que se apaixona por qualquer mulher. E, certamente, não uma mulher de classe inferior. Você leu meu livro?

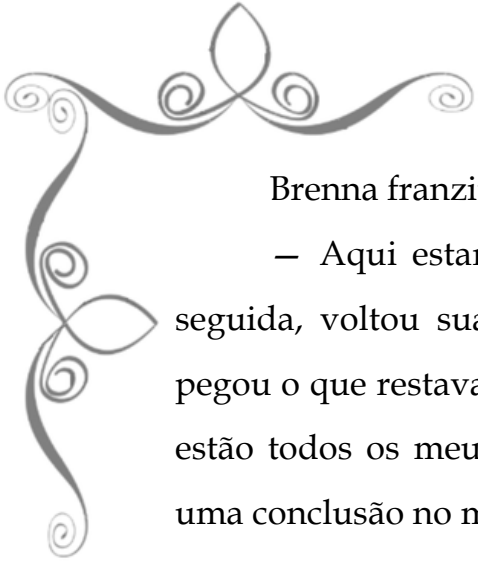
— Claro que sim.

— E você se lembra do capítulo sobre os nascidos elevados sendo criados para associar um afeto profundo e duradouro apenas por sua própria espécie, aqueles que eles consideram dignos de tal sentimento? Os iguais a eles?

— Sim.

— Então, aí está. — Brenna abriu o próprio baú e começou a procurar por seu manto extra. — Agora, você sabe.

— Mas o Príncipe Marius fugiu com a camponesa Arabelle, que lidera o Black Lily. Todos dizem que estão verdadeiramente e profundamente apaixonados.



Brenna franziu a testa, sentindo uma súbita dor de cabeça chegando.

— Aqui estamos nós. — Ela tirou seu manto e o entregou a ela, em seguida, voltou sua atenção para a arca quase vazia. — Mas que... — Ela pegou o que restava; algumas roupas de baixo, meias e seu xale azul. — Onde estão todos os meus vestidos? — Ela perguntou freneticamente, chegando a uma conclusão no momento em que fez a pergunta.

Ela se levantou e bateu o pé.

— Mas que homem maldito! Ele não tinha o direito...

— O que foi? O Duque fez alguma coisa com seus vestidos?

Ele certamente fez, esse idiota arrogante. Foi ele. Ela achou que o bilhete era uma simples ameaça, que ele jamais teria coragem. Um fogo ardente chamuscou seu peito e esquentou as pontas de suas orelhas. Ela girou para Helena.

— Quem ele pensa que é?

Helena olhou de olhos arregalados com um encolher de ombros.

— Ah, mas que filho da puta!

Helena engasgou, então riu.

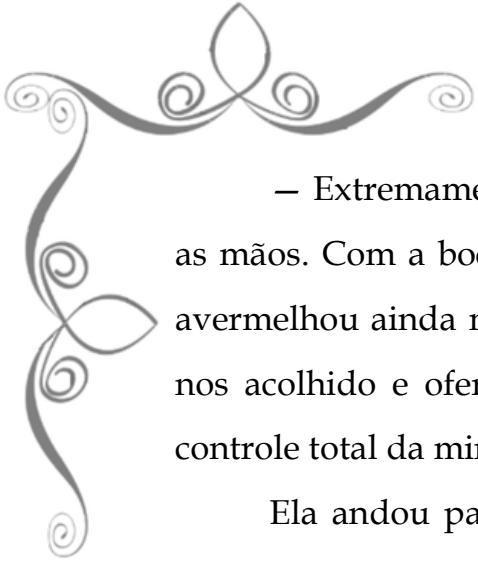
— Mimi, eu nunca ouvi você xingando antes.

Brenna foi em direção à cama, caminhando para tentar se libertar da raiva que cantava através de seu sangue. Brenna invadiu a cama onde a colcha de ouro estava bastante enrugada e torta.

— É ele. — admitiu Brenna, em um suspiro exasperado, endireitando a colcha. — Ele me faz fazer e dizer coisas que eu certamente não faria se eu pudesse simplesmente controlar... — Ela mordeu o lábio inferior e segurou seu temperamento, tentando manter o controle para não dizer mais nada, sacudindo as extremidades da cama, para alisar a superfície do lençol.

— O que você quer dizer? — Perguntou Helena. — Ele é cruel com você?

Brenna bufou deselegantemente.



— Extremamente. — Ela se lembrou das coisas tortuosas que ele fez com as mãos. Com a boca. Com a língua. O rubor de raiva em suas bochechas se avermelhou ainda mais, com uma emoção diferente. — Mesmo que ele tenha nos acolhido e oferecido alguma gentileza, isso não significa que ele tenha controle total da minha vida. Incluindo as roupas que eu uso.

Ela andou para o outro lado da cama, um pedaço de pergaminho em branco chamou sua atenção no chão. Inclinando-se, ela levantou e o virou, sua respiração ficou presa na garganta. Ela olhou para um retrato a carvão de si mesma. As linhas esfumaçadas endureceram ao longo do maxilar e suavizaram-se em torno de seus olhos escuros. Seu cabelo estava desenhado em ondas longas, emoldurando seu rosto de uma maneira que só poderia ser descrita como sedutora. E muito bonita.

Ela sabia, sem perguntar a Helena, que esse era o esboço que Friedrich estava desenhando com Izzy e Denny, em sua antiga mesa de jantar. O traço limpo do lápis e a varredura do carvão borrado para escurecer os lábios... era o desenho mais adorável que ela já tinha visto. E ele o criou em poucos minutos.

Maldito homem.

— Ele é bom em tudo? — Ela perguntou ao vento.

— O que foi? — Helena havia redobrado algumas coisas no peito e fechou a tampa. — Oh, Izzy deve ter deixado isso cair. Ela tem andado por aí.

Brenna reconheceu as bordas enrugadas do aperto firme de Izzy.

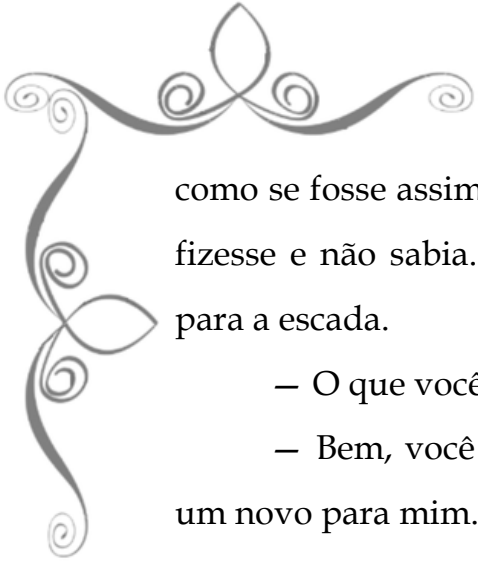
— Onde ela está? E todos os outros?

— Sua Graça veio e levou Izzy e Denny para o seu estúdio esta manhã.

— Seu estúdio?

— Sim. Mimi, você acha que eu poderia entrar em Terrington e comprar algum tecido para um novo manto? Eu não posso simplesmente pegar o seu o tempo todo.

Brenna desviou o olhar do desenho e o colocou de lado, tentando ao máximo não ler a maneira como ele suavizava o intenso olhar de seu rosto,



como se fosse assim que ele queria que ela olhasse para ele. Ou, talvez ela já o fizesse e não sabia. Limpando a garganta, ela avançou com Helena de volta para a escada.

— O que você disse?

— Bem, você tem apenas um manto grosso e seu xale. Vou precisar de um novo para mim.

— Helena, é muito perigoso ir andando sozinha. — Ela ergueu o xale de lã onde estava no final da cama e o envolveu em volta dos ombros.

— Mas eu poderia ir com o Caden.

— Não. — disse Brenna com firmeza. — Não é seguro. Deixe-me falar com o Duque. Se a guarda dele puder escoltar você, então você pode ir. Mas nós simplesmente não podemos nos arriscar agora.

Helena parecia que ia protestar, mas concordou obedientemente, olhando para o chão.

— Venha. — Ela passou o braço por Helena. — Vamos encontrar os outros. Estou surpresa que Beatrice não esteja com você.

— Ela procurou Olog logo depois que um café da manhã farto e elegante foi levado para nossos quartos. Ela ficará na cozinha durante a nossa estadia, imagino.

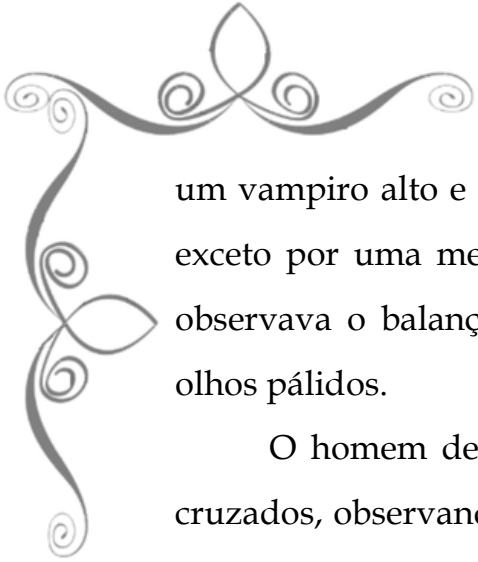
Brennalyn sorriu quando eles saíram para o andar principal perto do corredor dos empregados.

— E onde é esse estúdio que você falou?

— Não tenho certeza.

Risadas estridentes ecoaram do corredor dos criados. Um familiar grito de guerra de "yah, yah" entrou em erupção.

Brenna e Helena sorriram uma para a outra e seguiram os sons através de um longo corredor sinuoso e saíram para um pátio ao lado do castelo. Lá, ela encontrou as crianças, exceto Denny, com alguns guardas do Duque cercando Emmett em uma batalha feroz, onde Dmitri estava envolvido. Ele era



um vampiro alto e magro - como todos eram - com cabelos castanhos curtos, exceto por uma mecha que caía em seus olhos enquanto ele se esquivava e observava o balanço da espada de Emmett, com um brilho afiado em seus olhos pálidos.

O homem de Sylvia, Grant, estava encostado em um poste, de braços cruzados, observando a tudo com um sorriso torto. Brenna sabia que ele era o mordomo de Friedrich, mas ele era, na verdade, muito mais do que isso. Ele estava tão confortavelmente parado no quintal, em roupas casuais, que parecia mais um dos guardas do que um mordomo. Pensando mais sobre isso, ele nunca parecia adequadamente vestido como um mordomo ou como um cavalheiro deveria ser.

Ela examinou o grupo, mas não havia nem sinal de Friedrich ou de seu capitão.

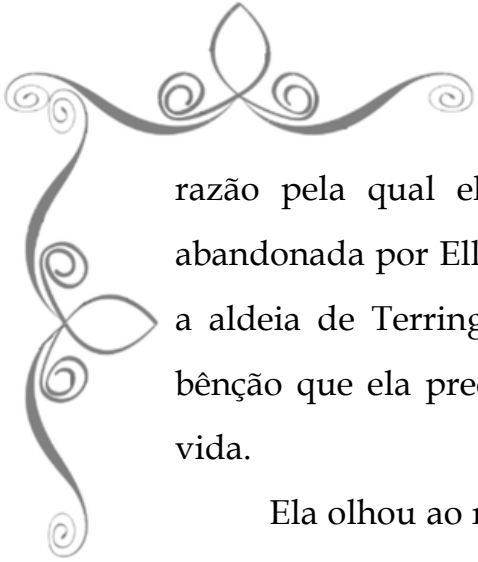
Caden se virou quando elas se aproximaram, sorrindo de orelha a orelha.

— Mimi, venha e assista! A guarda do Duque está nos ensinando os golpes adequados para uma batalha.

— Eu não acho que isso seja muito sensato. — ela respondeu, embora a alegria vazou em seu tom. Esses três irmãos eram muito ativos e sempre precisavam de exercícios para liberar toda aquela energia de menino.

— Oh, é absolutamente brilhante. — disse Caden, animadamente.

A guarda pessoal do Duque deve chegar perto dos quarenta soldados, com cerca de metade deles os cercando para a esgrima, agora. Brenna achou estranho que, embora todos eles fossem ferozes e sérios na aparência, nenhum deles a deixava com medo como os vampiros que encontrara na cidade de Korinth. Talvez porque esses vampiros não a intimidavam para ser uma bleeder, como muitos faziam em Korinth. Mesmo sendo uma mulher casada, talvez especialmente por isso, ela era frequentemente proposta pelos Legionários e soldados mercenários que inundaram a cidade. Essa foi outra



razão pela qual ela decidiu fazer as malas e sair. Com o pai morto e abandonada por Elliott, não havia motivo para ficar. Ao ver o anúncio de que a aldeia de Terrington, no Norte, precisava de uma nova professora, foi a bênção que ela precisava. Sua passagem para um novo mundo e uma nova vida.

Ela olhou ao redor do quintal, ainda sem sinal de Friedrich, imaginando se ele ainda poderia estar com Izzy e Denny.

— Senhorita Snow, no que posso servi-la?

Ela se assustou. Grant se moveu silenciosamente até ela.

— Oh, hum, não. Quer dizer...

— O Duque partiu esta manhã com o capitão Mikhail e outros guardas. Mas ele deve voltar em breve.

— Obrigada, senhor, hum, qual é mesmo o seu nome?

— Nenhum título é necessário. — ele disse gentilmente, embora a amargura parecesse apertar as linhas de seu rosto. — Você pode me chamar de Grant. — Ele apontou para os estábulos de pedra cinzenta que se estendiam em direção aos jardins. As sebes estavam cobertas de neve. — Você gostaria que eu te mostrasse o estúdio onde Izzy e Denny estão?

— Sim. Obrigada.

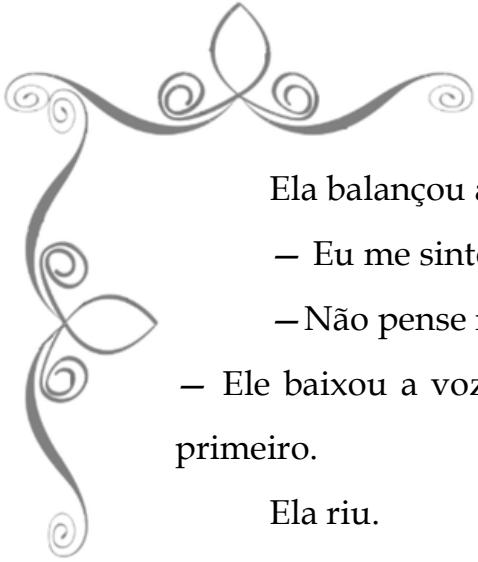
Ela e Grant caminharam enquanto Helena ficou para trás, observando os meninos com os braços cruzados. Sem dúvida, desaprovando a guarda de vampiros dando-lhes incentivo no esporte de espadas e batalhas.

Puxando as pontas do xale ao redor dela, ela se aventurou a questionar o homem pensativo ao seu lado.

— Senhor, pelo que entendi, você sabia o tempo todo que eu estava tentando descobrir informações sobre o relacionamento do Duque com o Black Lily, nos últimos meses.

Seu semblante reservado abriu um sorriso.

— Temo que sim.



Ela balançou a cabeça.

— Eu me sinto tão tola agora.

— Não pense nisso. O Duque é um homem muito inteligente e perspicaz.

— Ele baixou a voz um pouco. — Embora, fui eu que vi você bisbilhotando primeiro.

Ela riu.

— Ele tem sorte de ter um servo que guarda seus segredos, como você faz.

Ele não disse nada, mas deu um aceno educado.

— Posso perguntar há quanto tempo você conhece o Duque?

Ele enfiou as mãos mais fundo nos bolsos do casaco.

— Minha mãe serviu aos pais dele. Eu nasci e cresci aqui.

— Então você e o Duque se tornaram amigos quando crianças?

Ele riu e deu a ela um sorriso de lado.

— Você sabe quantos anos o Duque tem?

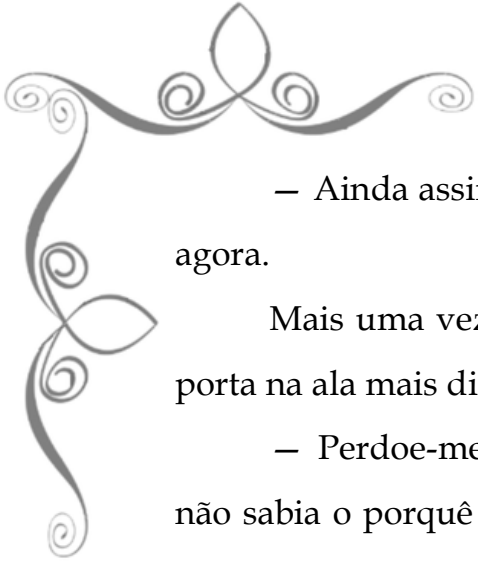
Ela percebeu que não sabia e negou com a cabeça.

— Ele tem setenta e oito.

— Oh! — Ela respondeu surpresa e observou um cavaleiro passar, levando um cavalo cinza em um cabresto. — Eu deveria saber. Mas eu sempre esqueço que eles envelhecem de maneira diferente de nós.

Não é que ela tenha realmente esquecido. Só que a aparência de Friedrich sugeria que ele talvez fosse dez ou quinze anos mais velho que ela. Não cinquenta e três. Ela nunca conheceu um vampiro tão... intimamente. Saber sobre a sua diferença de idade a deixou desconfortável de repente, embora um vampiro na casa dos setenta anos fosse considerado um vampiro que estava no auge de sua disposição.

— É fácil esquecer, às vezes. — disse Grant. — Então, você vê, nós não éramos amigos de infância.



— Ainda assim... — ela o desafiou — vocês parecem ser grandes amigos agora.

Mais uma vez, ele ficou em silêncio enquanto se aproximavam de uma porta na ala mais distante dos estábulos.

— Perdoe-me, Grant. Mas, vocês são amigos íntimos, não são? — Ela não sabia o porquê a resposta dele era importante. O homem era obviamente dedicado a Friedrich, mas havia uma sugestão de dor escondida atrás de seus olhos escuros.

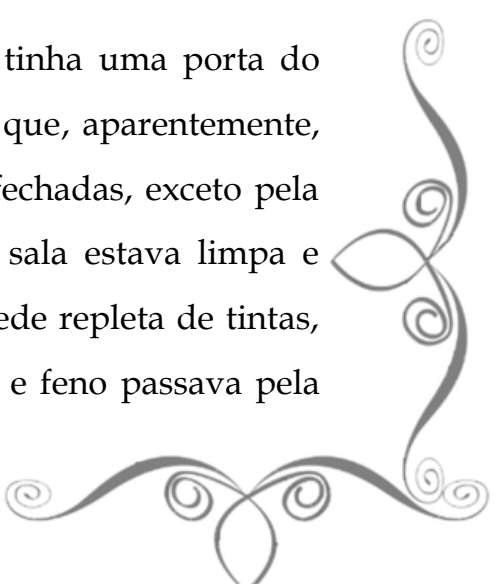
Ele parou na porta e deu a ela um olhar penetrante.

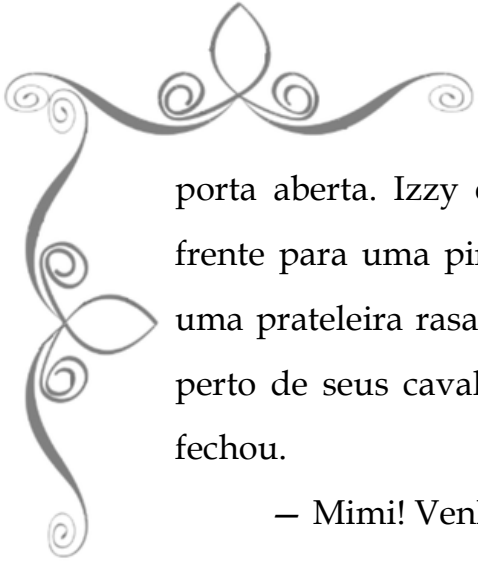
— Eu morreria por ele.

Seu pulso acelerou. Ele abriu a porta, mas ela permaneceu congelada por um momento, contemplando essa lealdade servicial incomum. Ele não falava como os outros de Terrington. Mesmo tendo nascido no castelo, ele não teria tido acesso a uma boa educação, para falar tão bem. Brenna tomou conhecimento de tais coisas, pois ela mesma era considerada uma ignorante. Mas seu pai adorava literatura e educação, e assim implantou esse amor em sua única filha. Brenna sempre conseguiu identificar aqueles entre sua classe que tiveram mais acesso a educação. A fala deles sempre foi mais correta do que aqueles que trabalhavam nos campos.

Brenna nunca desprezou ninguém, é claro. Mas ela ficou satisfeita em encontrar afinidade entre os eruditos da classe trabalhadora. Grant se vestia como um homem campo, mas falava como um cavalheiro. Ele era um quebra-cabeças que ela não conseguia entender.

Ela o seguiu até uma grande sala quadrada, que tinha uma porta do outro lado. Com um rápido olhar ao redor ela percebeu que, aparentemente, havia pelo menos duas baias largas, mas tinha paredes fechadas, exceto pela porta que levava ao corredor interno dos estábulos. A sala estava limpa e caiada de branco, com prateleiras alinhadas em uma parede repleta de tintas, pincéis, esponjas e panos. Os sons e cheiros dos cavalos e feno passava pela





porta aberta. Izzy e Denny estavam sentados em bancos em um canto, de frente para uma pintura grande e sem moldura de Winter Hill, apoiada em uma prateleira rasa alinhada à parede. Ambas as cabeças estavam inclinadas perto de seus cavaletes, desenhando com o lápis na tela, até que a porta se fechou.

– Mimi! Venha e veja o que estamos fazendo.

– Desenhando? – Ela se aproximou para ficar atrás deles. – Eu pensei que vocês estariam pintando.

– Ainda não. *Fwiedwich* diz que precisamos esboçar antes de pintarmos. Ele olhou para Grant, sorrindo pelo uso familiar de seu primeiro nome.

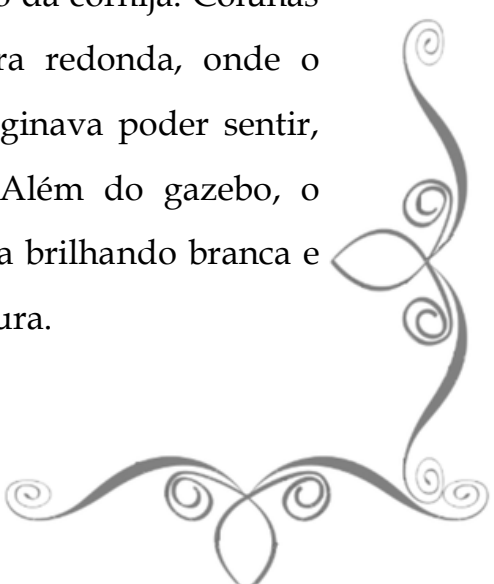
– Eu não sabia que o Duque era um fã das artes.

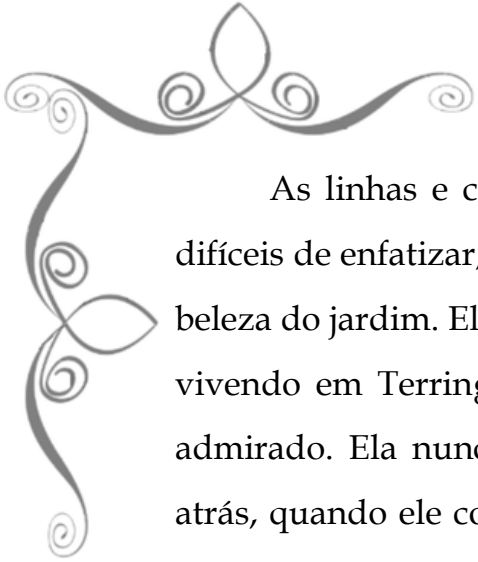
Grant sorriu maliciosamente.

– Ele é realmente muito talentoso. – Ele apontou para a pintura a óleo na prateleira, que Izzy e Denny estavam usando como inspiração. – Ele pintou aquele ali. E muitos outros no castelo.

– Ele pintou?

Brenna deu um passo mais perto, surpresa por encontrar outro talento que o homem bonito possuía. A pintura era de Winter Hill no auge do verão, quando a neve finalmente havia derretido. Uma fonte ficava em primeiro plano à direita, com água espalhando-se pela escultura do cisne no centro, brilhando à luz do sol. Além, haviam arbustos verdes e sebes bem cuidadas, encapsulando um belo mirante no centro da pintura. Um teto abobadado de pedra protegia o gazebo, ninfas e fadas gravadas ao longo da cornija. Colunas grossas e esburacadas encapsulavam a bonita estrutura redonda, onde o interior estava aberto à brisa do verão, que Brenna imaginava poder sentir, mesmo no auge do inverno em que estavam agora. Além do gazebo, o magnífico castelo da Colina de Inverno se erguia, a pedra brilhando branca e brilhante à luz do sol que pairava no canto direito da pintura.





As linhas e cores não eram simplesmente lindas. Elas eram poéticas - difíceis de enfatizar, pela força das estruturas e suaves para harmonizar, com a beleza do jardim. Ela nunca esteve em Winter Hill, no verão. Em seus três anos vivendo em Terrington, o castelo era um objeto distante de beleza para ser admirado. Ela nunca pensou em pisar naquele chão. Não até alguns meses atrás, quando ele condescendeu em visitar a escola um dia. O dia em que ele viu Izzy pintando um lírio negro, despertando suas suspeitas. Esse foi o começo de sua espionagem em cima do Duque, temendo pela segurança de suas crianças e de si mesma.

— Vocês dois estão fazendo um trabalho maravilhoso. — Ela apertou os ombros de Denny.

Ele lançou um olhar carinhoso para ela, então suspirou e colocou seu utensílio de desenho para baixo. Ele se levantou e apontou um polegar por cima do ombro em direção à porta com uma inclinação de cabeça e um olhar questionador.

— Sim, claro que você pode ir. — disse Brenna.

Grant estudou o menino, sua expressão ilegível, sua voz mais suave do que o timbre áspero normal quando ele falou com ele.

— Você gostaria de ir para o pátio de treinamento? Os guardas estão ensinando novas habilidades de combate aos seus irmãos.

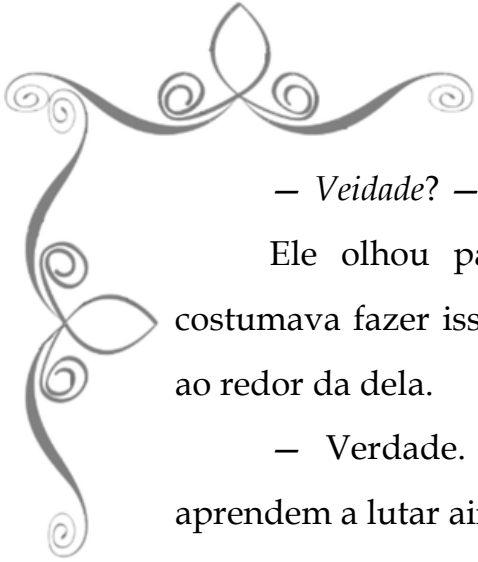
Brenna pensou que Denny fugiria, como ele costumava fazer com estranhos. Em vez disso, ele sorriu abertamente com um mudo aceno de cabeça. Grant acariciou seu cabelo escuro.

— Vamos lá, então.

— Eu também quero ir! — Gritou Izzy, levantando-se e derrubando seu banquinho com muita pressa em persegui-los.

Grant sorriu.

— Claro que quer, senhoritas também precisam aprender como usar uma espada.



— *Veidade?* — ela perguntou, pegando a mão dele.

Ele olhou para as mãos, talvez surpreso com o afeto dela. Izzy costumava fazer isso com uma pessoa. Então, ele envolveu sua grande mãos ao redor da dela.

— Verdade. — ele sussurrou. — Às vezes, acho que as meninas aprendem a lutar ainda melhor que os meninos.

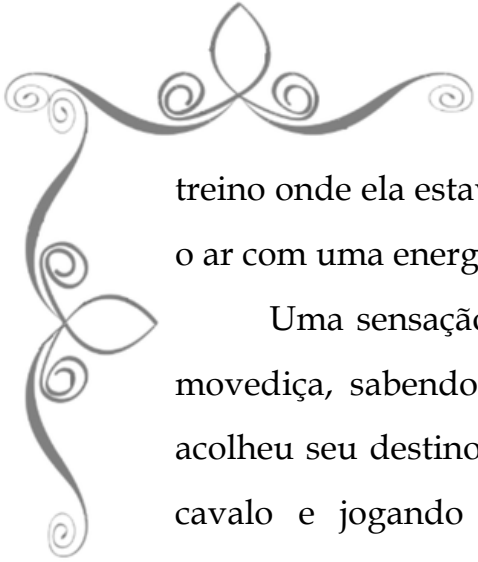
Izzy riu quando saiu correndo com eles. Brenna os seguiu devagar, fechando a porta do estúdio atrás dela. Ela tinha uma infinidade de perguntas sobre Friedrich fluando em sua mente, enquanto ela se esgueirava para o pátio de treinamento, onde o jovem Jack estava agora no centro, empunhando uma espada de madeira com metade do seu tamanho. O guarda que lhe oferecia instruções tinha um rosto gentil, para um vampiro. Especialmente para um que era maior e mais forte que os outros, com cabelos negros e olhos azuis escuros. Ela se perguntou como todos os vampiros tinham olhos azuis, mas a miríade de tons era tão variada quanto os tons de um pôr-do-sol no fim do céu ao horizonte.

— Reposicione os cotovelos, Gregorovich. — disse Dmitri, ao lado.

O guarda de cabelos negros se inclinou sobre Jack com cuidado, murmurando instruções enquanto ele endireitava os ombros e pressionava os cotovelos mais perto de seu corpo. Jack assentiu ansiosamente, olhando para seu professor com admiração.

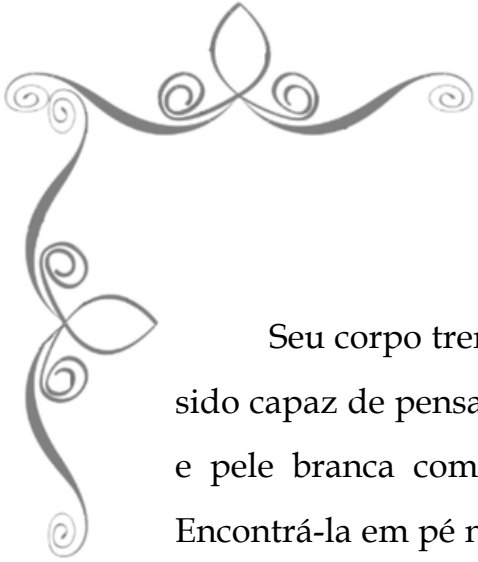
Ela olhou ao redor do grupo, vendo que Helena deveria ter voltado para o castelo, quando o bater dos cascos dos cavalos soou atrás deles. Subindo a colina coberta de neve que se estendia em direção a Terrington, estava Friedrich em seu magnífico garanhão preto, junto com seu capitão e colegas guardas. Sua figura sombria galopando pelo aterro nevado sugou a respiração de seus pulmões.

Ela ficava imaginando se seu ardor e intensidade diminuiriam algum dia. Mas a expressão poderosa que ele usava enquanto trotava até o pátio de



treino onde ela estava, com seus olhos azuis sobrenaturais brilhando, carregou o ar com uma energia mais forte do que nunca.

Uma sensação de naufrágio a subjugou, como se ela estivesse em areia movediça, sabendo que não haveria escapatória. Ainda assim, ela sorriu e acolheu seu destino – que se elevava imponente e sombrio – descendo de seu cavalo e jogando as rédeas para um garoto do estábulo, caminhando diretamente em sua direção.



CAPÍTULO 15

Seu corpo tremia de necessidade ao vê-la. A manhã inteira, ele não tinha sido capaz de pensar em nada além de cabelos negros sedosos, lábios sensuais e pele branca como leite, ansiando por voltar para Winter Hill. Para ela. Encontrá-la em pé no quintal, observando-o se aproximar, com uma expressão terna de boas-vindas em seu rosto em forma de coração, constringiu seus pulmões em uma armadilha, de um jeito doce.

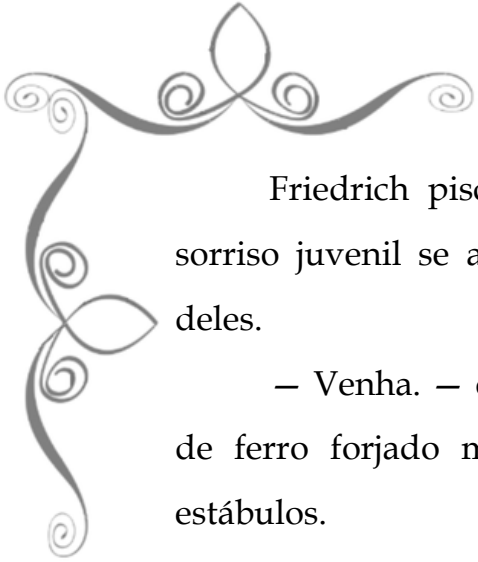
Ele não conseguia raciocinar, se movendo por instinto, enquanto saltava para o chão, jogava as rédeas de lado, diminuía a distância entre eles e a envolvia em um abraço apertado, pressionando a boca sobre a dela em um beijo que lhe roubou a respiração. Ele engoliu seu grito de surpresa e gemeu quando ela abriu a boca, provocando sua língua ao longo da dele. Ele não seria capaz de soltá-la, mesmo que alguém o acertasse com a espada na cabeça. Ele estava fora de si, sua necessidade por ela estava beirando a insanidade. Depois que ele acariciou sua língua o suficiente para lembrá-la do que ele queria, para aplacar a fera dentro de si, ele se afastou.

Ela baixou os olhos, mas tinha um sorriso persistente. Ela empurrou as palmas das mãos contra o peito dele.

— Por favor, Sua Graça. — Sua voz em um som frágil.

Ele a soltou, observando as risadinhas adolescentes no quintal. Os guardas tinham bom senso para se dispersar e ocupar-se em outro lugar. Grant permaneceu ao lado, de braços cruzados. Com um aceno de cabeça, ele chamou as crianças.

— Vamos lá, pessoal. Vamos ver o que Olog pode ter para nós na cozinha.



Friedrich piscou sobre cabeça de Brenna, em direção a Caden, cujo sorriso juvenil se alargou enquanto eles fugiam com a pequena Izzy atrás deles.

— Venha. — disse ele, pegando sua mão e levando-a em direção ao arco de ferro forjado marcando a entrada para os jardins formais, além dos estábulos.

Ela não protestou, um rubor rosado manchava suas bochechas e seios fartos mais do que exposto, no vestido que ele tinha feito para ela há uma semana. Ela se aproximou dele em passos rápidos. Assim que passaram pelo arco e entraram no labirinto, mais branco do que verde, ela afastou a mão e se virou para ele.

— Friedrich. Nunca mais me beije assim novamente.

— Eu pediria desculpas, mas não consegui me controlar ao vê-la. — Ele afastou uma mecha de seu cabelo de ébano do rosto. — Vou tentar ser mais gentil da próxima vez.

Ela golpeou a mão dele provocativamente.

— Não foi isso que eu quis dizer e você sabe. Você não pode me beijar assim na frente das crianças. Sem contar a sua guarda pessoal inteira.

Imperturbável, ele deslizou as duas mãos ao longo de sua cintura até as costas dela, apertando os dedos para trancá-la contra ele.

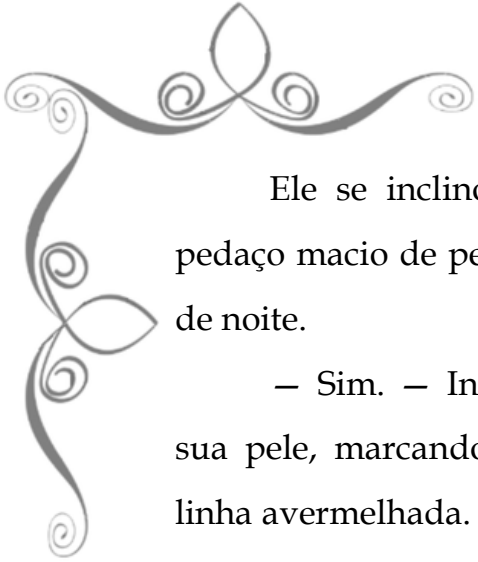
— Por que não? Estamos escondendo nossa afinidade um pelo outro do mundo?

— Afinidade? — Ela arqueou uma sobrancelha. — Sua Graça, permita-me...

— *Sua Graça?* O que foi que aconteceu com Friedrich?

Ela zombou, gesticulando as mãos como se fosse empurrá-lo, embora ela não o tenha feito.

— Eu não sei! Me diga você. Será que ele perdeu a droga da cabeça?



Ele se inclinou para mais perto dela, arrastando os lábios contra o pedaço macio de pele abaixo de sua orelha, inalando seu cheiro limpo de flor de noite.

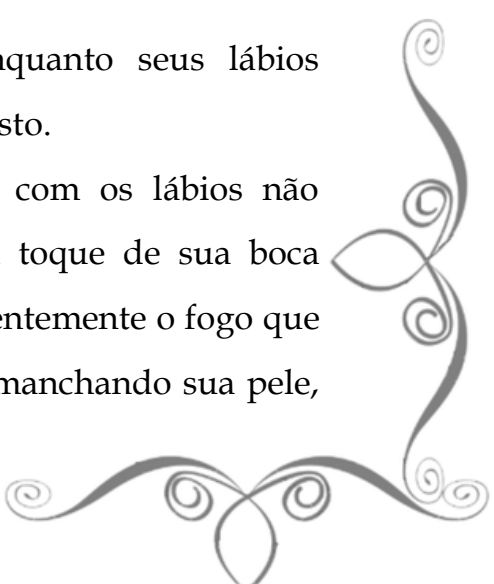
— Sim. — Incapaz de se conter, ele raspou suas presas afiadas contra sua pele, marcando levemente, apenas o suficiente para ver uma pequena linha avermelhada. — Ele perdeu a droga da cabeça. — ele sussurrou, fazendo uma careta. Seus dedos se curvaram em seus ombros. Ela suspirou quando ele lambeu a tira de sangue. — Ele perdeu o corpo e a alma também. — Ele chupou o lóbulo da orelha dela, com a respiração ofegante. — Você cravou suas garras profundamente em mim, gatinha. — Ele arrastou a boca até o queixo dela, deslizando os dedos até a nuca e segurando a cabeça dela, para mantê-la onde ele a queria. — E eu estou sangrando por dentro. — Gentilmente, ele beliscou seu lábio inferior, sugando-o entre os lábios e deixando-o deslizar para fora lentamente. — Eu estou pronto para morrer a seus pés, se você estiver disposta a se entregar a mim. — Ele continuou mordiscando seus lábios, nunca aprofundando o beijo. Provocando a boca dela com mordidas tenras.

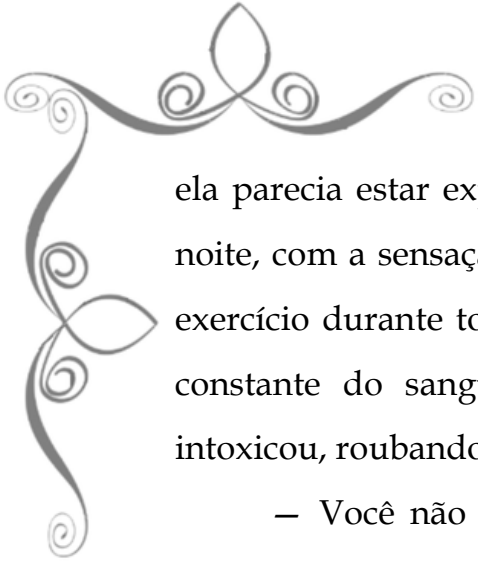
— Eu não tenho certeza se é uma boa ideia. — ela disse, deslizando uma mão em seu cabelo.

— Sim. É a melhor. — Ele firmou seus lábios contra os dela, deslizando sua língua profundamente, então ele puxou de volta e foi para o outro lado de seu rosto. Um grunhido retumbou em seu peito. — Eu quero você. Completamente.

— Eu não entendo. — ela disse, ofegante, enquanto seus lábios percorriam a maçã de sua bochecha e ele acariciava seu rosto.

A exploração sem pressa de seu rosto adorável com os lábios não acalmava seus nervos. Pelo contrário, o incitava. Cada toque de sua boca acendia uma faísca que aquecia sua pele, queimando ardentemente o fogo que ele tinha por ela, beijo a beijo. A julgar pelo tom rosado manchando sua pele,





ela parecia estar experimentando as mesmas emoções. Ele sonhou com ela a noite, com a sensação de estar entre suas coxas. Ele achou que a patrulha e o exercício durante toda a manhã aliviarão seu tormento, diminuindo o calor constante do sangue dele. Mas não. Como uma droga hipnótica, ela o intoxicou, roubando-lhe a razão, tentando-o à beira da sanidade.

— Você não entende? — Ele perguntou, arrastando os lábios em sua têmpora, acariciando um cacho solto.

— Não. — Sua voz caiu.

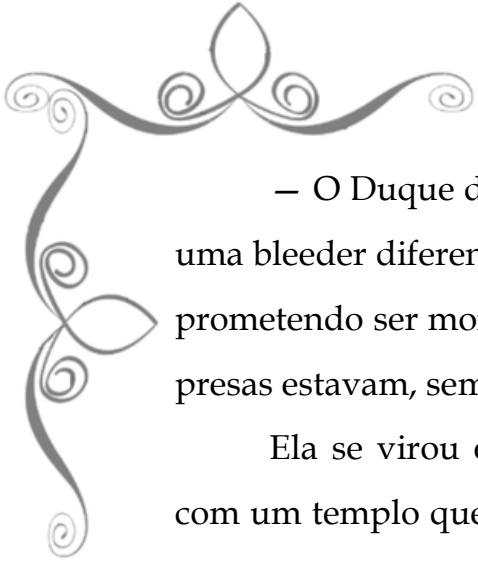
— Então, deixe-me ser bem claro. — Ele voltou para seus lábios deliciosos. — Eu quero lambe e chupar você, até que tudo que eu possa cheirar ou provar seja o doce sabor salgado da sua pele, seus lábios, suas coxas, sua...

— Não termine essa frase. — ela estalou sem fôlego, arqueando uma sobrancelha em alerta.

Ele sorriu para ela. O marrom aveludado de seus olhos alcançou sua própria alma. Se ela tivesse alguma ideia do poder que tinha sobre ele... ela poderia destruí-lo em apenas um segundo, se ela o recusasse, se ela se negasse ele. Porque de uma coisa ele tinha certeza, se ela o fizesse, ele cairia de joelhos e imploraria. *Deus, o que estava acontecendo com ele?* Todos esses anos bloqueando friamente qualquer mulher de conquistar seu coração, e aqui estava ele, lançando seu voto de celibatário eterno ao vento. Apesar de seu passado assombrado, ele se viu querendo abrir a porta que ele havia trancado na noite em que seus pais morreram. Armado com determinação, ele atravessou a porta, deixando seu coração guiá-lo - pela primeira vez - em sua vida esquecida por Deus.

— Eu quero você, Brennalyne. Só você e nenhuma outra.

Seu olhar permaneceu quente enquanto suas palavras soavam como um desafio.



— O Duque de Winter Hill, conhecido sedutor de mulheres, que escolhe uma bleeder diferente a cada semana, para saciar sua sede e aquecer sua cama, prometendo ser monogâmico? — Seu olhar caiu para os lábios dele, onde suas presas estavam, sem dúvida, à vista. — Acho um pouco difícil de acreditar.

Ela se virou e caminhou rapidamente em direção ao gazebo, parecido com um templo que ficava no centro de uma praça de sebes, sob o céu branco e o jardim coberto de neve, criando um travesseiro em torno da forte arquitetura de pedra. Ele rondou lentamente atrás dela. Sua observação deveria tê-lo parado, pois era verdade que ele era famoso por ser um sedutor. Mas, isso não era novidade. No entanto, as costas rígidas, o andar rápido e os braços agitados o diziam que ela se irritava com esse assunto. Se ele fosse um homem de apostas, apostaria que sua irritação era resultado do ciúme.

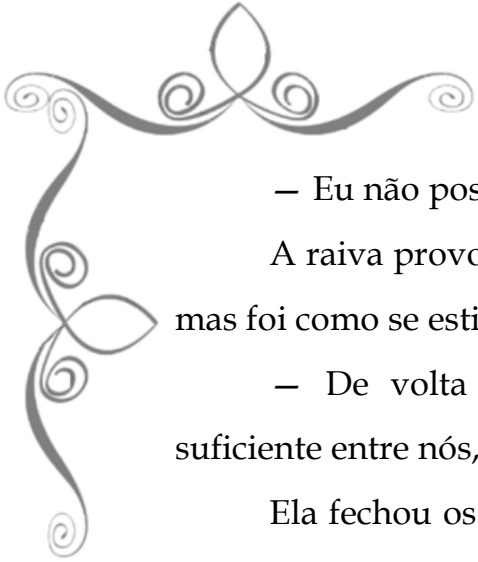
Ele conhecia esse sentimento muito bem. O pensamento de outro homem olhando para ela ou a tocando, empurrava seus instintos primitivos ao limite. Ele queria mutilar e ferir qualquer homem que pensasse em pegar o que era dele. Mas ela não era dele. Ainda não.

Ele se aproximou por trás dela, conforme ela entrava no deserto sob a cúpula de pedra e se movia pelas sombras. Enquanto ela arrastava os dedos ao longo da borda esculpida de videiras intrincadas, ele se perguntava se ela percebia que estava caminhando de bom grado para este espaço isolado, como a corça escolhendo o prado iluminado pelo sol até a linha escura das árvores, sem saber que o leão esperava por ela, lá.

Enquanto seu sangue bombeava mais rápido, incitando-o a atacar com rapidez, ele se manteve no controle e, finalmente, respondeu com frieza.

— Acredite, Brennalyn. É isso que *eu* desejo.

Ela girou ao lado de uma coluna canelada do outro lado, a sombra da Torre de Pérola lançando uma névoa indefinida sobre o jardim. Ela apertou a mandíbula com força, seu olhar insondável ficando distante, enquanto ela própria se afastava ainda mais dele. *Merda.*



– Eu não posso, Sua Graça.

A raiva provocou um incêndio em seu sangue. Ele tentou conter sua ira, mas foi como se estivesse lutando contra uma tempestade de vento.

– De volta à Sua Graça? Usar meu título não colocará distância suficiente entre nós, gatinha. Eu sei o gosto que você tem.

Ela fechou os olhos, seus cílios escuros roçando sua pele branca como a neve em um contraste obsceno de beleza, que o fez sentir como se fosse um soco no estômago.

– Só porque você provou meu sangue, minha pele, não significa que...

– Eu vou provar muito mais, em breve.

Ela olhou para ele, pressionando os lábios juntos.

– Não se eu não quiser que você prove.

Seu coração afundou. Ele vacilou, incapaz de falar por um momento. Então, ele finalmente conseguiu controlar a respiração para falar.

– Você está dizendo que não me quer? Você não quer o que nós começamos?

– Eu não estou dizendo nada disso. Você não está me escutando. Estou dizendo que não posso me prometer a você.

– E por que diabos não? Vai me dizer que está pensando em se divertir por aí com o pedreiro?

– George? – Ela arqueou as sobrancelhas e seu olhar escureceu de surpresa. – Oh, céus, não!

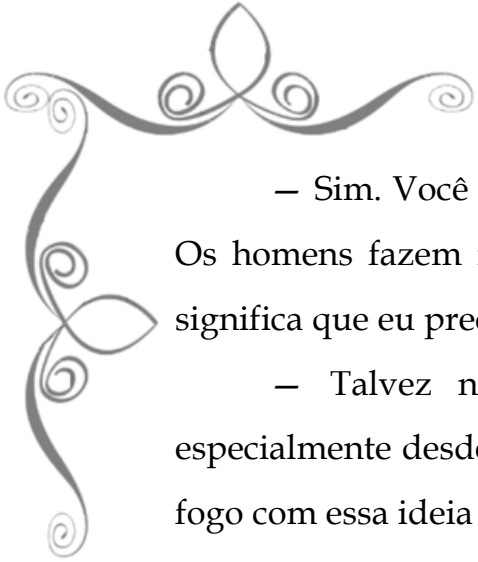
– Bem...

– Eu não posso ficar com ninguém. Não desse jeito.

Frustrado, ele passou a mão pelo cabelo.

– E por que não? Antes de sermos interrompidos ontem à noite, você estava muito ansiosa para ficar comigo... desse jeito.

Ela fechou a boca enquanto erguia o queixo.



— Sim. Você está certo. Eu teria consentido uma noite de prazer. E daí? Os homens fazem isso o tempo todo. *Você* faz isso o tempo todo. Isso não significa que eu preciso de um homem para cuidar de mim. Para me possuir.

— Talvez não. Mas um pouco de proteção extra não faz mal, especialmente desde que você parece tão determinada a se colocar na linha de fogo com essa ideia de se tornar a White Lily.

As bochechas dela assumiram um tom de rosa escarlate, seus olhos escuros refletiram o gelo.

— Não se atreva a usar isso contra mim. Muitos do meu povo estão colocando suas vidas e as vidas de suas famílias em perigo, por causa da vaidosa monarquia dos vampiros tentando nos esmagar sob seus pés. *Sua monarquia.*

Ele dobrou uma perna vagorosamente e enfiou as mãos nos bolsos como se estivessem discutindo se nevaria hoje ou não. Seu comportamento casual desmentia suas emoções, pois ele queria agarrá-la e sacudi-la.

— Você sabe tão bem quanto eu que não estou, nem mesmo remotamente, compartilhando do mesmo espírito que meus parentes reais.

Ela andou de um lado para o outro, levantando os braços.

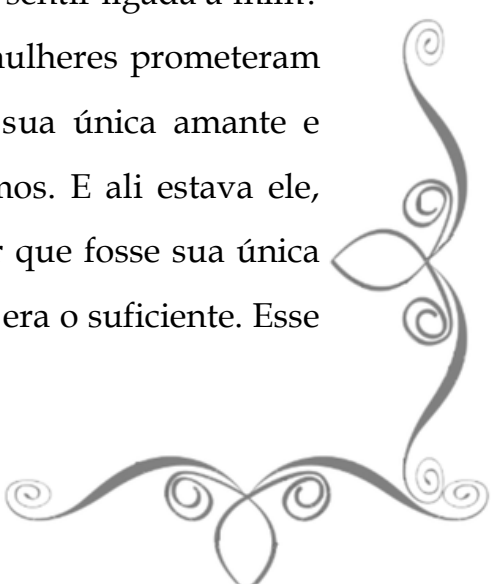
— Eu sei disso.

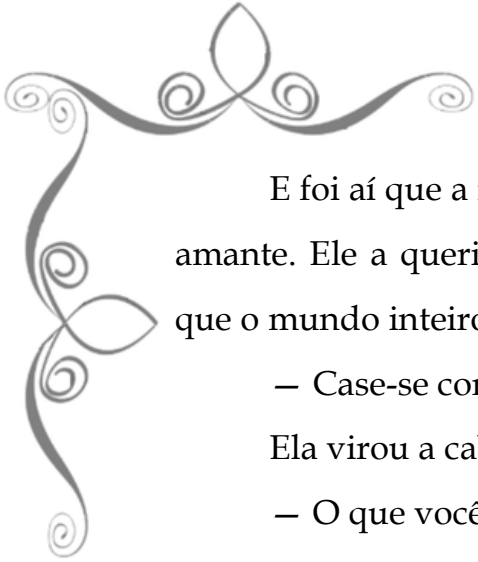
— Então, por que está jogando isso na minha cara?

— Eu só... só estou com raiva porque... — Ela parou de andar e olhou para ele.

— Porque? Por que é tão desagradável para você se sentir ligada a mim?

— Ele não podia contar o número de vezes em que as mulheres prometeram amor eterno em sua cama, implorando para se tornar sua única amante e bleeder. Ele nunca considerou concordar com esses termos. E ali estava ele, suplicando a essa professora baixinha e de classe inferior que fosse sua única amante. No entanto, ela o rejeitou de todo o coração. Não era o suficiente. Esse era o problema. Os amantes podem ir embora.





E foi aí que a realização deu um tapa na cara dele. Ele não a queria como amante. Ele a queria completamente. Integralmente. Em todos os sentidos. E que o mundo inteiro soubesse disso.

— Case-se comigo. — ele deixou escapar.

Ela virou a cabeça para ele, como se tivesse sido atingida por um raio.

— O que você disse?

Ele se aproximou, mas manteve as mãos nos bolsos, apesar de ansiar por tocá-la.

— Case-se comigo. — ele repetiu mais suavemente. — Por favor.

— Ok, agora eu temo que você tenha enlouquecido de vez. Você sabe que não posso. Eu já sou casada.

Essa realidade tinha azedado as coisas dentro dele, desde o momento em que ela admitiu que era verdade. Outro homem a tomou como esposa, jurou amá-la e protegê-la, até que a morte os separasse. Então, ele a abandonou por causa da ideia ridícula de que ela era imperfeita, por ser estéril. Ele queria estrangular o idiota bem ali, por fazer Brennalyne acreditar em algo diferente da verdade. Ela era perfeita. Em todos os sentidos.

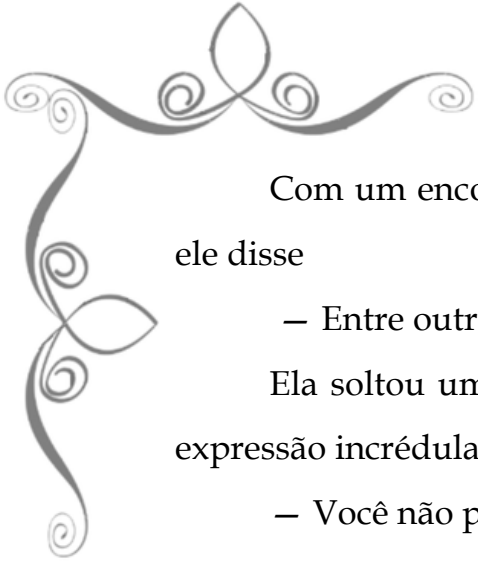
— Eu vou anulá-lo.

— Baseado em quê?

— Isso importa? Eu encontrarei um motivo. O simples abandono parece ser o suficiente para mim.

Ela ficou boquiaberta diante da lembrança, mas ele não estava com disposição para florear as coisas. A ideia de que ela pensava em parar o que estava acontecendo entre eles, antes mesmo de começar, o incomodava. Uma sensação trêmula - que parecia muito com pânico - se retorceu em seu estômago. Ele estava oscilando na beira de um penhasco.

— Por que você quer se casar comigo? Pra você poder, finalmente, me dizer que roupas usar?



Com um encolher de ombros casual, desmentindo seu tumulto interno, ele disse

— Entre outras coisas.

Ela soltou uma respiração quente no ar invernal, enquanto fixava uma expressão incrédula sobre ele. Ela estreitou os olhos.

— Você não pode se casar comigo. A lei proíbe.

— Foda-se a lei.

— Deve ser bom desrespeitar a lei e poder fazer o que quiser.

— Na verdade, é muito bom. — Ele se aproximou mais.

— Tenho certeza que seu tio adoraria esse sentimento, ao descobrir que você quer se casar com uma professora humilde. Especialmente eu, que tenho como hobby distribuir propagandas revolucionárias, fato que ele descobriria assim que ficasse a menos de uma fungada de mim.

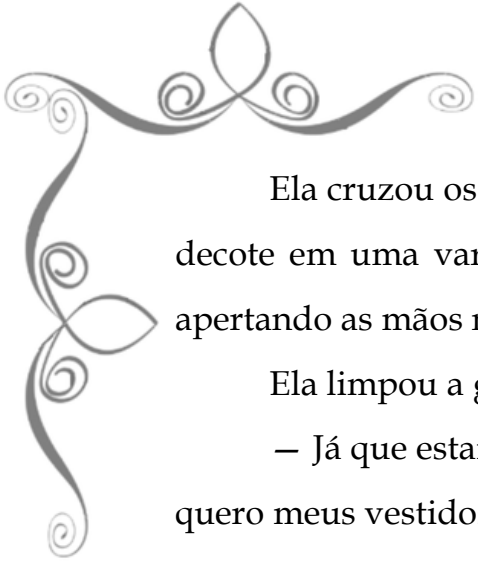
— Eu nunca deixaria o filho da puta do meu tio na mesma sala que você. Não sem mim ao seu lado, para protegê-la. — Ele reconheceu sua fera interior rosnando as palavras.

— Não importa. Esta conversa é inútil. Um pedaço de papel anulando meu casamento com Elliott não mudará o fato de que eu não desejo mais me casar novamente. Nem com você, nem com ninguém.

Foi a vez de Friedrich sentir a dor de uma bofetada invisível.

— Você não pode estar falando sério sobre isso. Você prefere gastar sua vida na escola e criar as crianças completamente sozinha, do que receber a proteção e o cuidado de um Duque Real? — Ele fez um som frustrado, que soou um pouco arrogante. — Eu não acredito nisso.

— Bem, acredite. Tenho certeza de que é difícil para o todo-poderoso Friedrich Volya, Duque de Winter Hill, compreender que ele não pode ter tudo o que ele quer. Mas esse, Sua Graça, é o *meu* desejo.



Ela cruzou os braços, empinando seus lindos seios. Seu olhar acariciou o decote em uma varredura demorada. Ela descruzou os braços rapidamente, apertando as mãos na saia.

Ela limpou a garganta e tentou falar em um tom mais civilizado.

— Já que estamos falando sobre coisas que nos pertencem, Sua Graça, eu quero meus vestidos de volta.

A picada dolorosa da negação se fundiu com a superioridade afiada, aumentando sua hostilidade. Ele queria jogá-la sobre o joelho e espancá-la por desafiá-lo, em seguida, apagar a expressão calma de seu rosto com beijos. Ela pode estar certa. Ele pode muito bem estar perdendo a cabeça pois, de repente, ele sentiu uma emoção sombria ao pegar as roupas dela e pedir novas roupas à costureira, sem sua permissão.

Ele riu, soando sinistro e sedutor.

— Bem, eu não quero devolvê-los.

Ela zombou, uma mão no quadril.

— Por que não?

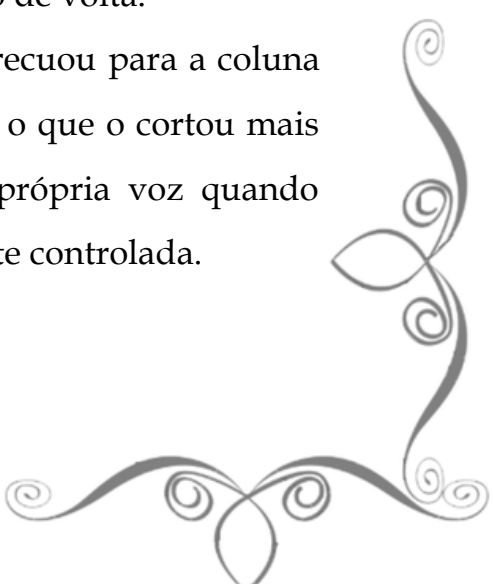
— Porque eu odeio a maneira como eles te aprisionam em uma concha horrível e cinzenta. Por que você usa esses vestidos tão medonhos?

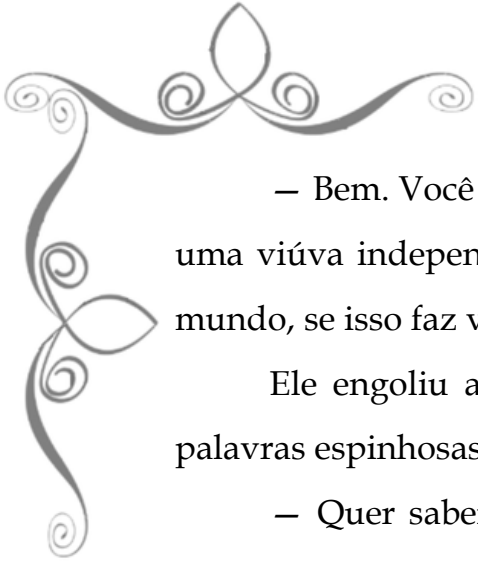
— Eles não são medonhos. Eles são apropriados E modestos.

— Essa é uma maneira de descrevê-los. — Atrás de suas palavras irreverentes estava a constante pontada de dor que tinha se estabelecido em seu peito, um sentimento novo e desconhecido, chamado rejeição.

— O que você pensa deles é irrelevante. Eu os quero de volta.

Ela estreitou os olhos. Ele se aproximou mais. Ela recuou para a coluna do gazebo, sua raiva formando uma parede à sua frente, o que o cortou mais fundo do que suas palavras. Ele mal reconheceu sua própria voz quando falou, o timbre suave em uma onda de emoção rigidamente controlada.





— Bem. Você pode se esconder atrás de vestidos sem graça e fingir que é uma viúva independente e solitária, que não precisa de mais ninguém neste mundo, se isso faz você se sentir melhor.

Ele engoliu a dor e deu a ela a honestidade que ela merecia, não as palavras espinhosas de um pretendente irritado e rejeitado.

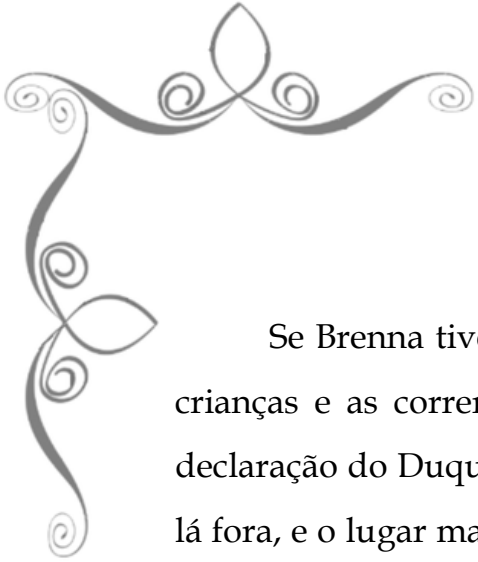
— Quer saber, eu aprendi algo naquela noite da carruagem, enquanto eu estava me afogando no cheiro do seu sangue e do seu sexo. Você quer saber o que é?

Ela não respondeu no início, sua respiração ficando ofegante de repente.

— O que?

Seus sentidos de vampiro queimavam como uma fogueira, vibrando na superfície, arranhando para serem liberados. Mas ele manteve tudo envolto por trás de uma máscara calma, deixando-a ver sua sinceridade, mas não a dor que ela causou a ele.

— Eu quero você, Brennalyn. — ele sussurrou, suavemente. — Não por uma noite. Não por uma semana. Mas enquanto eu respirar. — Com um último olhar demorado naqueles olhos redondos e escuros que o tinham escravizado, ele marchou em direção ao castelo.



CAPÍTULO 16

Se Brenna tivesse algum bom senso, ela teria arrumado suas coisas e as crianças e as correria até a pousada em Terrington. Embora irritada com a declaração do Duque, ela não era uma tola. Os caçadores do rei ainda estavam lá fora, e o lugar mais seguro para ela e as crianças ficava dentro das muralhas do castelo.

Ainda assim, ela odiava precisar da proteção dele. Ele poderia usá-la como uma espécie de chantagem emocional, apenas para levá-la para a cama.

Não. Ele não faria isso, também. Ele pode ser o diabo em roupas de nobres, mas ele não usaria esse tipo de coação. Ele a queria disposta e ansiosa. Ela notou o olhar de dor em seus olhos, quando ela se afastou dele no jardim. Ela tinha odiado aquele olhar.

Este caso estava acontecendo tão rápido. Se tem uma coisa que ela aprendeu com os poetas, é que a chama de uma paixão que queima muito, pode queimar rápido demais e acabar se extinguindo. Mas, o que é que os poetas sabem, afinal? Cheios de noções românticas e ideais.

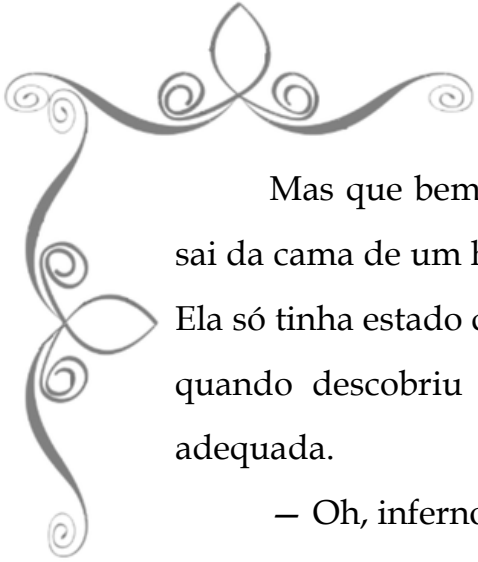
— Tolos. — ela murmurou.

Ela olhou para seus vestidos cinza alinhados em sua cama. Eles reapareceram misteriosamente quando ela estava cuidando do banho de Izzy.

Droga de homem perfeito.

Quando ele era arrogante e orgulhoso, ela sabia como lidar com ele.

A parte assustadora era que ela sabia que seus protestos eram frágeis. Ela queria estar de volta em seus braços, onde ela se sentia segura e querida. Ela queria estar em sua cama. Ela queria as mãos e a boca dele em sua pele, ansiava tanto por ele, que sua vontade era fraca e estava quase a ponto de se quebrar.



Mas que bem isso faria a ela? Ela não era o tipo de mulher que entra e sai da cama de um homem, sem que seu coração amarre suas emoções em nós. Ela só tinha estado com um homem. O marido dela, que a deixou prontamente quando descobriu que ela não podia dar a ele filhos, como uma esposa adequada.

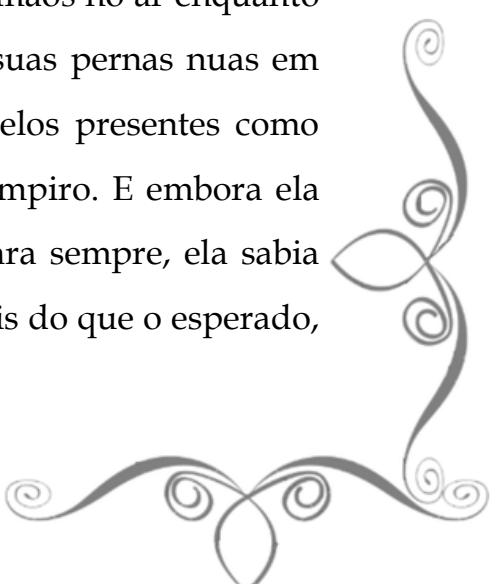
— Oh, inferno!

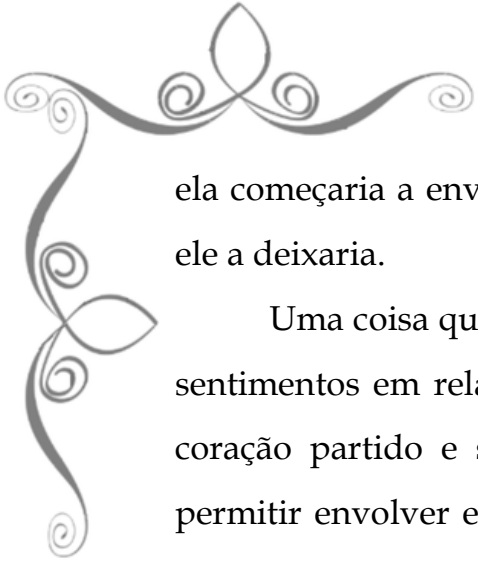
Ela andou em frente ao fogo, notando o vento gelado vindo da porta aberta para a varanda. Marchando, ela fechou a porta com força. Helena a ajudou a se despir, antes de as crianças descerem para jantar. Sylvia entregara outro vestido novo, assim como todas as novas roupas de baixo, incluindo uma camisola de seda macia e uma capa adornada com botões de pérola e fitas de cetim cor de creme.

A chegada das novas roupas só alimentou o fogo que ainda ardia nela, a respeito da discussão que eles tiveram no jardim, naquela manhã. Mas, ele foi e compensou tudo, devolvendo os vestidos a ela. Sua rendição a fez feliz. Então, a deixou triste. Suas emoções estavam tão irregulares, ela se recusou a descer para jantar, pedindo a Helena que levasse as crianças, sem ela. Claro, ela só estava se punindo. Seu estômago vazio roncou, como se concordasse.

Ela colocou a mão na barriga, desejando não ter sido tão obstinada. Sua determinação em se recusar a descer para o jantar tinha mais a ver com seus próprios medos, com os sentimentos que ela tinha por ele e menos com o fato de tentar ensinar a ele uma lição.

E do que ela tinha tanto medo, afinal? Ela jogou as mãos no ar enquanto continuava a andar, as dobras de seda da saia roçando suas pernas nuas em ondas luxuosas. Verdade seja dita, ela nunca recebeu belos presentes como esses. Claro, ela nunca foi perseguida por um duque vampiro. E embora ela acreditasse que ele realmente acreditava que a queria para sempre, ela sabia que isso era mentira. Mesmo que o caso deles durasse mais do que o esperado,





ela começaria a envelhecer e ele ansiaria por uma amante mais jovem. Então, ele a deixaria.

Uma coisa que ela sabia, sem dúvida, é que se ela se deixasse levar pelos sentimentos em relação ao Friedrich, do jeito que ela queria, acabaria com o coração partido e seria ainda mais difícil do que antes. Ela não podia se permitir envolver em tal bagunça. Seus filhos precisavam dela agora. Eles já tiveram instabilidade suficiente em suas vidas, sendo tão jovens. Ela precisa ser forte e resistir... por eles. E para impedir seu coração pobre e romântico de sonhar com um felizes para sempre que nunca se tornariam realidade.

Uma batida suave veio da porta. Helena disse que traria uma bandeja para ela. Brenna correu para a porta e a abriu, sua respiração falhou ao ver Friedrich parado na porta.

Segurando uma bandeja de prata coberta em uma mão e uma jarra de cristal com um líquido vermelho na outra, ele estava vestido com roupas de gala, exceto que ele tirou o casaco, o colete e a gravata, deixando sua camisa desabotoada no topo. Seu olhar aquecido passeou por seu corpo, em seguida, ele fechou os olhos.

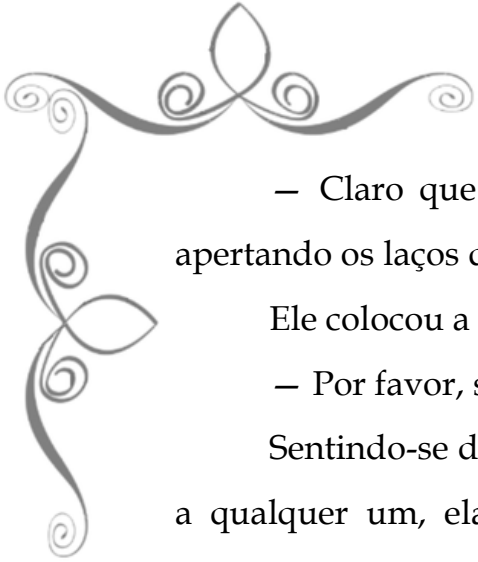
— Sua Graça?

Quando os abriu, eles brilharam em um azul intenso, como uma safira erguida ao sol. Ela viu o efeito de seus sentidos de vampiro vindo à tona quando ele estava perturbado, antes. Ela o viu assim naquela noite em sua carruagem, no dia em que ele descobriu seu segredo e ontem à noite em seu salão privado. Ela queria dar um passo para trás. Ou, para frente. Ela não conseguiu se decidir, então, não se moveu.

— Eu trouxe o seu jantar. Já que você não desceu.

Em vez de injetar acusação em seu tom para fazê-la se sentir culpada por evitá-lo, sua voz era apaziguadora e gentil.

— Posso entrar?



— Claro que sim. — Ela se afastou para ele entrar e fechou a porta, apertando os laços de seda do roupão antes de segui-lo.

Ele colocou a bandeja no aparador perto da janela.

— Por favor, sente-se e eu vou servi-la.

Sentindo-se desajeitada, pois era muito impróprio para um Duque servir a qualquer um, ela se sentou na espreguiçadeira de frente para o fogo e esperou. Em poucos instantes, ele voltou para o lado dela e ofereceu um grande guardanapo. Ela o colocou no colo, depois pegou o prato que ele a ofereceu.

— Eu poderia ter servido a mim mesma.

— Eu sei. — Ele caminhou de volta para o aparador. A garrafa de vinho tilintou contra o vidro enquanto ele servia.

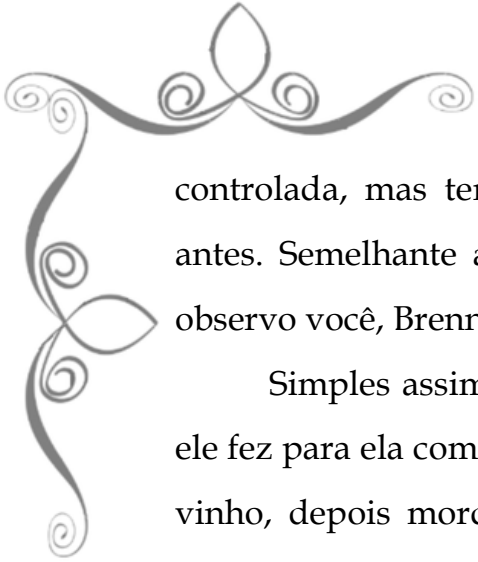
Ela olhou para um prato de aspargos enrolados em carne com um monte de mostarda, pão doce dourado, uvas, queijo, doces recheados com creme de leite, amêndoas cristalizadas e três pedaços de chocolate amargo em forma de pombas. Os doces se igualavam às porções de salgados. Sua boca se encheu de água.

Ele voltou e se sentou ao lado dela.

— Você não vai comer? — Ele perguntou gentilmente. Ele se inclinou sobre o corpo dela e colocou o copo de vinho em uma mesa redonda de mármore à sua direita. Instantaneamente, seu pulso acelerou. No entanto, pela primeira vez, ele não se impôs em seu espaço pessoal. Embora ele estivesse com o braço relaxado ao longo da parte de trás da espreguiçadeira e com as pernas esticadas de uma maneira que a fazia lembrar que homem grande e intimidador ele era.

— Sim. — Ela encarou o prato. Então, começou a comer um pedaço de carne. — Parece que alguém lhe contou sobre o meu vício em doces.

— Ninguém precisava me dizer nada. — Ele tomou um gole de vinho, atraindo o olhar dela para sua boca sedutora. Sua voz era uniforme, firme,



controlada, mas temperada com uma suavidade que ela não tinha ouvido antes. Semelhante ao tom que ele usou antes de deixá-la no jardim. — Eu observo você, Brennalyn. Eu sei do que você gosta.

Simples assim, a conversa casual virou a mente dela para as coisas que ele fez para ela com aquela boca maravilhosa. Ela se virou e tomou um gole de vinho, depois mordeu um pão doce com um succulento recheio de carne e ervas.

— Você certamente tem um ótimo cozinheiro. — ela acrescentou levemente. — Acredito que Beatrice tenha gostado dele.

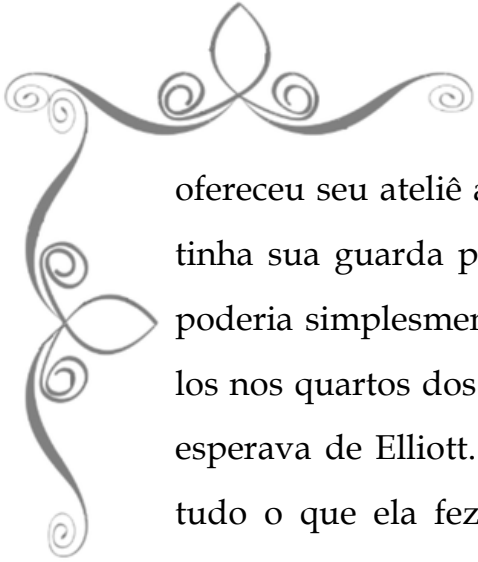
— O sentimento é mútuo. Olog é um urso em sua cozinha, mas ele se transforma em um pequeno filhote quando Beatrice está por perto, pelo o que eu observei.

Mais uma vez, ela se surpreendeu por ele ter se interessado por essas crianças que ele nem conhecia. Ele, aparentemente, garantiu que Beatrice estivesse se dando bem com o cozinheiro.

Brenna relaxou, sorrindo.

— Ela não conseguia parar de falar sobre todas as coisas que aprendeu hoje. Ela me informou que estava sovando a massa de pastel do jeito mais errado. — disse ela, em uma risada. — É maravilhoso vê-la tão feliz. — Ela colocou o bolo meio comido no prato e enxugou a mão no guardanapo. — Pra ser honesta, eles são todos muito felizes aqui. Eu devo... — Ela sentiu os dedos dele puxando gentilmente uma mecha de seu cabelo, semelhante à maneira como ele fez na primeira noite em que ela se sentou em sua sala de estar, assustada. — Eu devo agradecer a você por nos aceitar aqui. Por ser tão gentil com as crianças. Se eu alguma vez pareci ingrata, quero que você saiba que eu não sou. Muito pelo contrário.

A generosidade dele a dominou. Ele não forneceu simplesmente um abrigo para eles, mas mostrou-lhes gentileza e cuidado não naturais. A maneira como ele abriu sua cozinha para Beatrice, a maneira como ele



ofereceu seu ateliê a Izzy e Denny, que gostavam de arte, e o modo como ele tinha sua guarda pessoal oferecendo aulas de espada para os meninos... Ele poderia simplesmente ignorá-los. Deixá-los com suas próprias coisas. Colocá-los nos quartos dos criados e mantê-los fora do seu caminho. Era isso que ela esperava de Elliott. Era isso que ele faria com crianças que não eram dele. E tudo o que ela fez até agora foi se agarrar ao fato de que ele jogou seus vestidos fora sem permissão e lhe comprou alguns novos.

Ela tirou o olhar do prato e olhou para ele. Ele a estava observando silenciosamente, com a expressão mais suave, uma que ela nunca tinha visto em seu rosto.

Não havia como comparar Elliott a esse homem, tão imensamente diferente, de todas as maneiras possíveis. Este homem era mais bonito, mais inteligente, mais compassivo, mais... tudo. O que significava que, se ele partisse seu coração, não haveria recuperação para ela. É por isso que ela precisava manter distância. Emocionalmente

— Suas crianças são órfãos de Terrington. — disse ele, sua voz como uma melodia sonora no escuro. — É meu dever ter certeza de que eles estão cuidados.

Seu peito se apertou.

— Claro. — Dever, foi isso que o motivou.

— Mas, porque eles agora são seus filhos, eu cuidaria deles como se fossem meus.

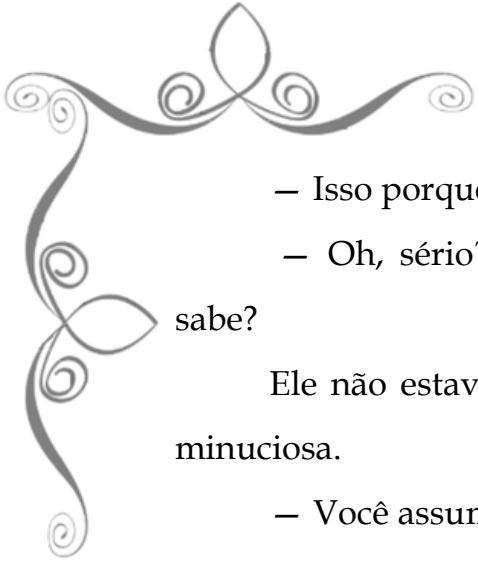
Ela tinha certeza que não estava mais respirando.

Ele se inclinou e trocou o copo de vinho de mão, para a que não estava mais mexendo em seu cabelo. Ele estava dando espaço para ela.

— Por favor. Termine seu jantar.

Ela tomou um gole de vinho e mordiscou o queijo.

— Você nunca me perguntou sobre ser a White Lily. — ela murmurou, olhando para seu prato meio comido. — O porquê de eu ter feito tudo isso.



— Isso porque eu já sei.

— Oh, sério?! — Ela sorriu ironicamente. — E o que você acha que sabe?

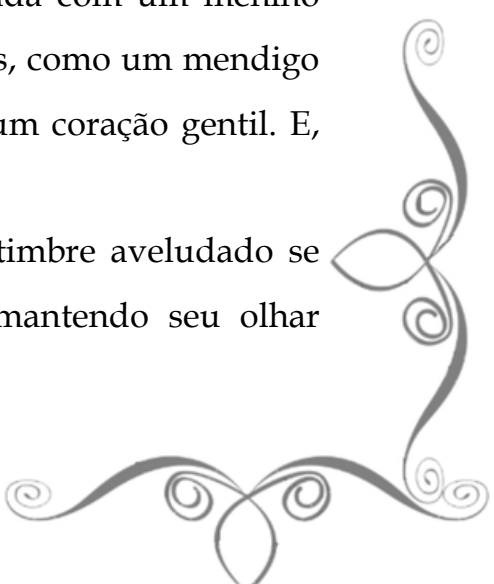
Ele não estava sorrindo agora, olhando para ela com uma intensidade minuciosa.

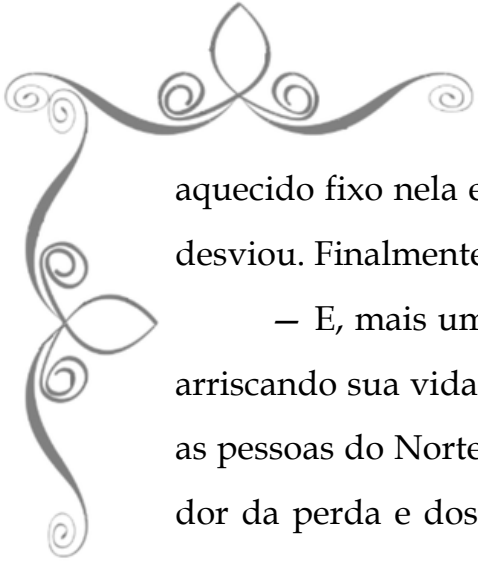
— Você assumiu o papel de White Lily, porque tem muita coragem, mas tem um coração ainda maior.

Ele inclinou a cabeça, deixando o olhar percorrer o rosto dela, como se fosse capaz de descobrir seus segredos apenas por observação, como se pudesse enxergar seu interior e adivinhar seus desejos mais íntimos, quase como se ela mesma quisesse dar isso a ele.

— Você vê alguém necessitado e seu primeiro instinto é sacrificar suas próprias necessidades para ajudá-lo. Você vê três irmãos órfãos, que podem ficar separados em uma casa mais pobre, então você os acolhe e lhes dá um lar. Você vê uma adolescente que pode facilmente se tornar uma empregada na casa de um homem rico, uma jovem bela, que possivelmente acabaria atraindo o tipo lascivo de patrão, então você a considera sua filha mais velha, colocando-a sob sua orientação e proteção. Você vê outra garota, simples, mas habilidosa, que poderia ser abusada, trabalhando na cozinha de um mestre indelicado, então você a leva para sua casa também. Então, uma menininha preciosa e talentosa, mas curiosa demais para ser obediente, chega à sua porta. E você a acolhe também, sabendo que ela seria um fardo para alguém menos compreensivo que você. E, finalmente, você é presenteada com um menino assustado que não fala e que pode ter se perdido nas ruas, como um mendigo mudo, que não tem nada a oferecer ao mundo, apenas um coração gentil. E, *novamente...*

Sua voz embargou com o peso de sua paixão, o timbre aveludado se quebrando. Ele engoliu em seco antes de continuar, mantendo seu olhar





aquecido fixo nela e exigindo que ela não desviasse os olhos dos dele. Ela não desviou. Finalmente, ele continuou. Num tom mais suave. Hesitante.

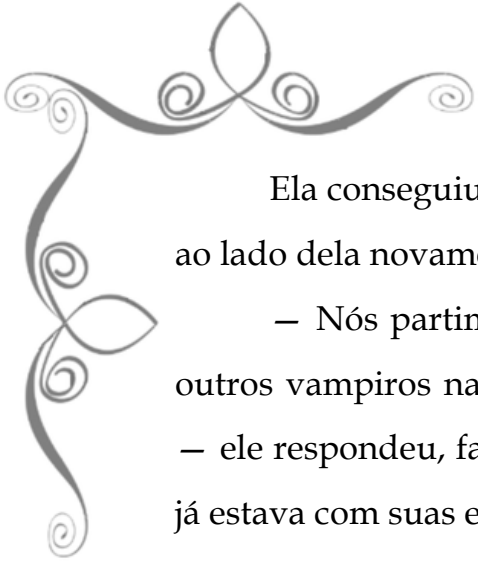
— E, mais uma vez, você o acolhe. Por que você se tornou a White Lily, arriscando sua vida para imprimir palavras rebeldes e inspirar esperança para as pessoas do Norte? Porque você é Brennaly Snow. A mulher que conhece a dor da perda e dos ventos frios do infortúnio sombrio. A mulher que anseia por algo melhor. Não só para si mesma, mas para aqueles que ela ama, e para aqueles que ela nem mesmo conhece. — Ele balançou a cabeça suavemente, franzindo a testa em descrença. — A mulher que eu...

Ele parou de repente e ficou de pé, com o peito arfando. Muito parecido com o dela. Ele deu um passo em direção à lareira, onde colocou o copo meio cheio de vinho e apoiou ambas as mãos no mármore branco. Abaixando a cabeça e curvando os ombros. Ele não disse mais nada.

Brenna ficou ali, absorvendo aquilo tudo. Deixando que ele e suas palavras penetrassem através de sua pele, em sua carne, até a medula de seus ossos, penetrando nas células que compunham seu corpo, onde ela sabia que ele permaneceria para sempre. Naquele único momento, ele deixou sua fachada de charme e beleza desaparecer, revelando a terna alma tinha por baixo. Seu coração martelava dentro de seu peito, enquanto nenhum dos dois falava nada. Ela engoliu o último gole de seu vinho, à medida que o tempo transformou a tensão palpável em um fio fino que retorcia diretamente do peito dela para as costas largas e inflexíveis dele, envolvendo-o em um abraço apertado. Um vínculo frágil e delicado que os mantinha conectados e, ainda assim, separados. Muito longe um do outro.

Quando ele finalmente pegou o ferro ao lado do fogo e revirou os troncos, aparentemente sem vontade de falar do que acabara de acontecer, ela colocou seu prato de lado e limpou a garganta.

— Então, onde você e seu capitão foram hoje? — Ela perguntou gentilmente, esperando atraí-lo de volta para o seu lado.



Ela conseguiu. Ele colocou o ferro de volta no suporte e tomou seu lugar ao lado dela novamente.

— Nós partimos a caminho de Ferriday para ver se poderíamos farejar outros vampiros na área. Nós vasculhamos os caminhos da floresta também.

— ele respondeu, falando em seu tom despreocupado, que significava que ele já estava com suas emoções sob controle, outra vez.

Ela não tinha certeza de como se sentia sobre isso. Era, provavelmente, o melhor a se fazer, não remexer demais nos sentimentos um do outro. Era mais fácil de manter as coisas leves se ficassem longe daqueles lugares escuros, onde almas foram desvendadas e corações foram quebrados.

— E você achou algum?

— Não. — ele respondeu friamente. — Nós vamos caçar pela estrada oriental amanhã. Queremos ter certeza de que não há outros.

— O que aconteceu com o do baile?

— Ele está aqui. Na masmorra.

Ela deixou o guardanapo de lado.

— Aqui? Aquele monstro?

Sua boca se transformou em um sorriso ardente, recapturando seu carisma hipnótico, que ela conhecia muito bem.

— Somos todos monstros aqui em Winter Hill.

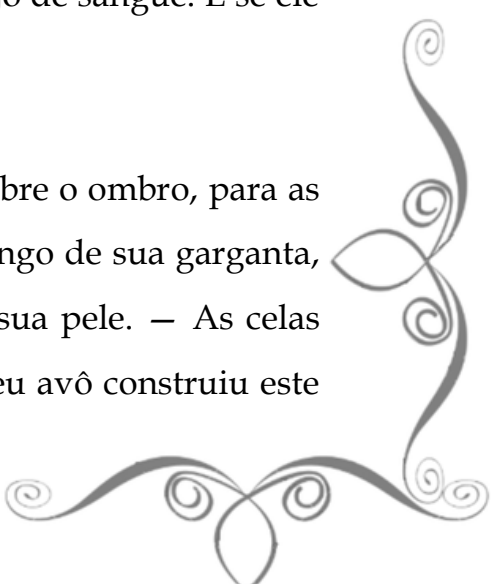
— Não me provoque.

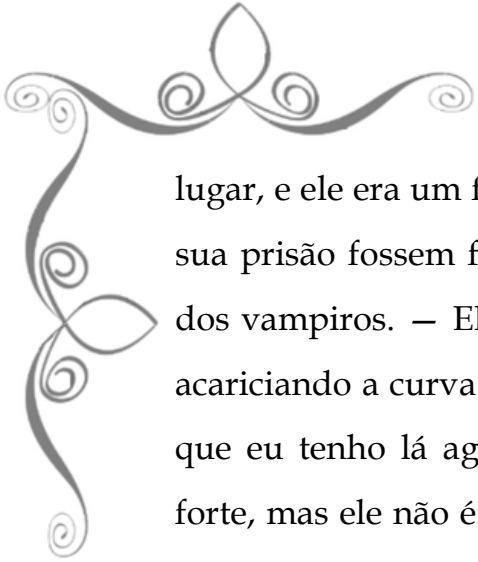
— Eu não ousaria.

— Friedrich, esse vampiro era um animal com desejo de sangue. E se ele sair? E se ele encontrar as crianças? E se...

Ele se aproximou mais.

— Shhh. — Ele afastou o cabelo dela, que estava sobre o ombro, para as costas, arrastando levemente a ponta de seus dedos ao longo de sua garganta, o leve toque enviando um formigamento sensível sobre sua pele. — As celas das masmorra aqui são inescapáveis. Confie em mim. Meu avô construiu este





lugar, e ele era um filho da puta teimoso, que se certificou de que as grades de sua prisão fossem fortes o suficiente para suportar a força do mais poderoso dos vampiros. — Ele deslizou as pontas de seus dedos ao longo de sua nuca, acariciando a curva de seu pescoço com o polegar, até o ombro. — O vampiro que eu tenho lá agora é recém transformado. Sua sede de sangue pode ser forte, mas ele não é. E quanto mais ele fica sem se alimentar, mais fraco ele se torna.

— Por que você não... sabe, se livra dele?

— Você quer dizer matá-lo? — Ele perguntou, arqueando uma sobrancelha, sorrindo mais, mostrando suas presas. — Eu deveria saber que minha Brennalyn não seria escrupulosa sobre execuções.

Ela não deixou de perceber o uso do pronome possessivo, mas seus sentidos estavam lentamente sendo embalados em um estado sonhador, com as carícias gentis de seus dedos.

— Eu não sou como a maioria das mulheres. Se eu tenho um problema, quero encará-lo e resolvê-lo. Se eu vejo um crime, não me importo que a justiça seja feita através de uma lâmina.

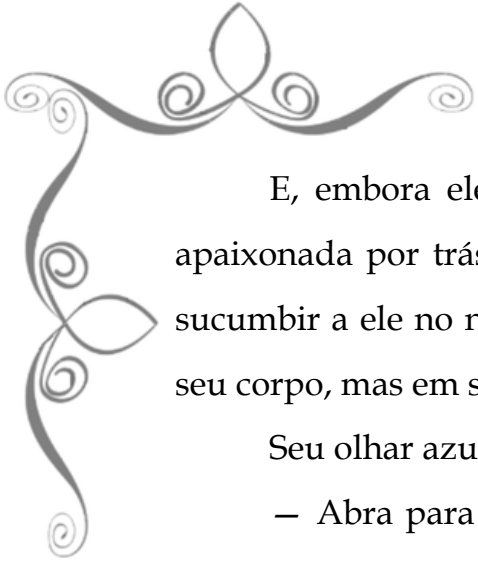
— Não, gatinha. — Sua voz caiu para um som forte, mas aveludado, como o trovão suave que vem antes de uma chuva de verão. — Você não é como a maioria das mulheres. Você não é como nenhuma mulher que conheço.

Ele roçou o polegar ao longo da borda de sua mandíbula, em seguida, virou seu rosto para o dele. Ela tinha certeza de que ele iria beijá-la, mas então seu braço se esticou, roçando seus seios em direção ao prato na mesa ao lado.

— Eu sei que você gosta de chocolates. Eu os escolhi especialmente para você.

Ele levou um pedaço aos lábios dela e esperou que ela abrisse a boca, olhando intensamente para ela.

— Abra para mim.



E, embora ele estivesse se referindo à boca dela, havia uma intenção apaixonada por trás de sua proposta suave. Ele queria que ela cedesse, para sucumbir a ele no nível mais elementar. Ela sentiu um puxão, não apenas em seu corpo, mas em sua alma também. Ela não podia fazer isso. Podia?

Seu olhar azul sobrenatural passou da boca para os olhos dela.

— Abra para mim, Brennalyne. — Foi um comando gentil, revestido de aço e força. Ele passou o chocolate ao longo de seu lábio inferior.

Ela separou os lábios e deslizou a língua para fora. Um gemido gutural cantarolou no peito do Duque.

— Abra mais, gatinha.

Incapaz de suportar sua voz sedutora e ronronante por mais tempo, ela abriu a boca e deixou que ele a alimentasse. Ele colocou o dedo indicador, sujo de chocolate derretido na ponta, nos lábios dela e ela o chupou, limpando-o. Então, ele afastou o dedo de sua boca. O chocolate era decadente, mas o homem que a alimentava era pura intoxicação.

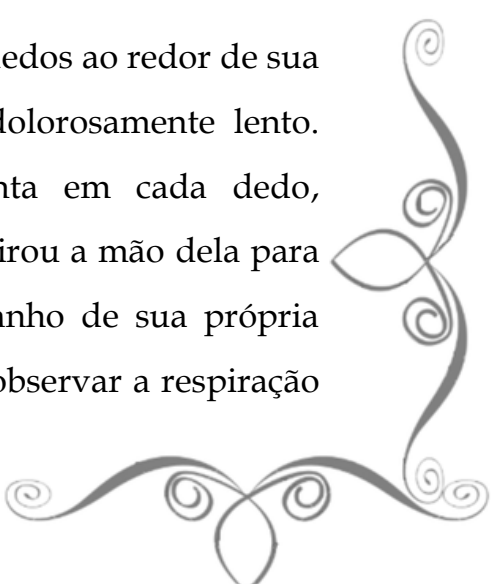
Ele se inclinou para frente. Ela mastigou e engoliu, e então fechou os olhos, se preparando para o beijo dele.

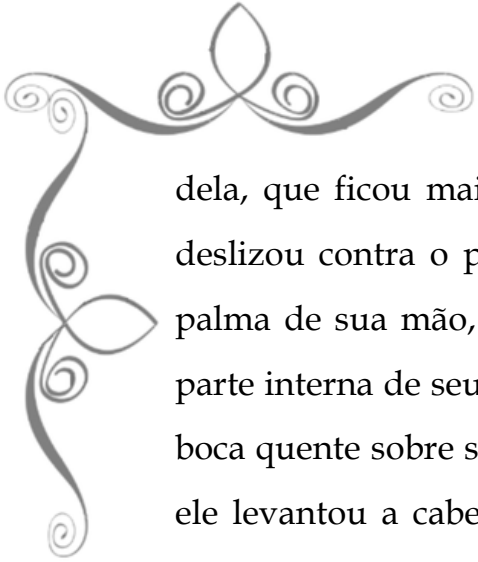
Nada.

Nenhuma mão a tocou. Nenhuma boca encontrou a dela.

Abrindo os olhos, seu estômago se agitou pela proximidade de seu rosto e a intensidade de sua expressão inconstante, que foi de predador voraz a amante ardente, até chegar no protetor feroz que a encarava agora, tudo em um piscar de olhos.

Ele estendeu a mão para o colo dela e envolveu os dedos ao redor de sua mão, levantando-a até os lábios, em um movimento dolorosamente lento. Arrastando seus lábios sensuais em uma carícia lenta em cada dedo, individualmente, até que chegar ao mindinho, onde ele virou a mão dela para cima, olhando para sua pequenez, destacada pelo tamanho de sua própria mão. Por um longo momento, ele não fez nada além de observar a respiração

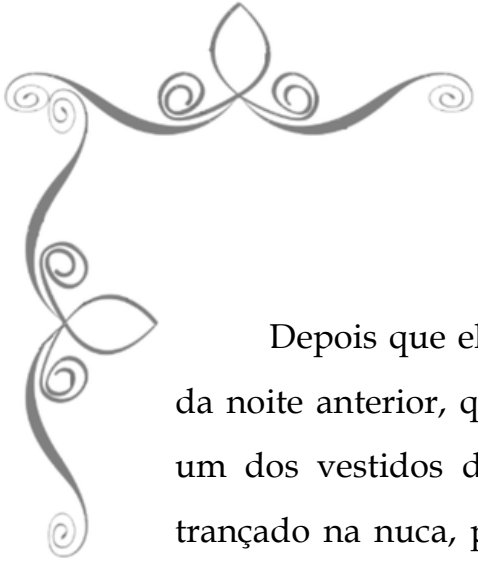




dela, que ficou mais difícil quando ele inclinou a cabeça. Seu cabelo escuro deslizou contra o pulso dela, enquanto ele pressionava a boca no centro da palma de sua mão, roçando um beijo, depois outro, antes de deslizar para a parte interna de seu pulso. Fungando e inalando seu perfume, antes de abrir a boca quente sobre seu pulso, ele deu um beijo suave e úmido. Rápido demais, ele levantou a cabeça novamente e olhou para ela de um jeito agonizante e faminto.

— Boa noite, gatinha.

Ele se levantou e, com uma reverência profunda e nobre, se virou, marchou para fora e fechou a porta atrás dele com um leve estalo, deixando Brenna estupefata, sem fôlego, excitada... e mais apaixonada por ele do que nunca.



CAPÍTULO 17

Depois que ela acordou ao lado de um prato vazio, com poucas sobras da noite anterior, quando Friedrich a deixara vulnerável, ela se vestiu - com um dos vestidos dele, não um dos dela - e enrolou o cabelo num coque trançado na nuca, pegou o xale e depois desceu as escadas. As crianças não estavam - mais uma vez - em nenhum lugar visível. Ela não sabia se ficava irritada ou agradavelmente surpresa.

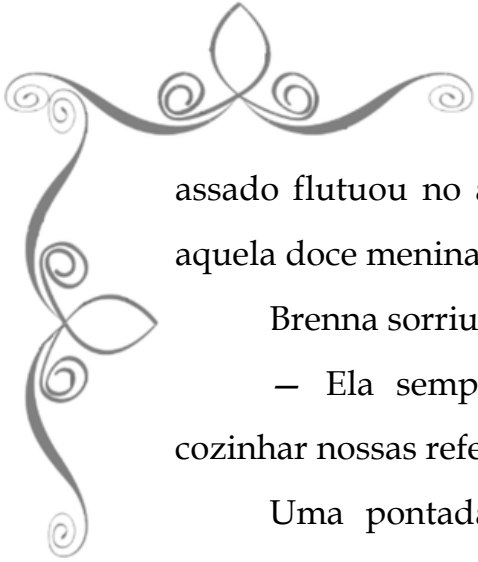
Quando ela saiu para o corredor abaixo da Torre de Pérolas, olhou para fora da janela, percebendo que a primeira neve pesada caiu na noite passada. Eles estavam entrando no inverno profundo, agora. Ela suspirou, pensando no momento oportuno. Isto é, se é que se podia chamar a queima da casa de alguém coincidindo com as férias de inverno da escola, de sorte.

O magistrado da cidade, o Sr. Figgs, espalhou a notícia de que as aulas estariam suspensas até que ela se recuperasse do incêndio, mas agora que a primeira neve pesada havia chegado, haveria motivo suficiente para manter a escola fechada pelas as próximas semanas. Além disso, ela não tinha sequer conversado sobre voltar a ensinar, mas sabia que seria outro assunto difícil de argumentar com o Duque. Ele insistiu que nenhum deles deixasse as muralhas do castelo por enquanto. E Brenna concordou.

— Oh, aí está você. — disse Sylvia, saindo do corredor que levava à cozinha. — Você quer tomar café da manhã? O cozinheiro já começou os preparativos para o jantar com Beatrice.

— Ah, não. Eu não estou com muita fome. Mas, um pouco de chá, talvez? Eu realmente gostaria de ver Beatrice.

— Oh, bem, vamos lá. — Sylvia as conduziu pelo corredor estreito e desceu um pequeno lance de escadas. O aroma de ervas salgadas e cordeiro



assado flutuou no ar, junto com uma onda de calor dos fornos. — Eu juro, aquela doce menina ama ajudar na cozinha.

Brenna sorriu.

— Ela sempre teve afinidade com culinária. Ela nem me deixava cozinhar nossas refeições em nossa casa.

Uma pontada de melancolia atingiu Brenna, pensando em seu lar acolhedor, que sempre parecia superlotado, mas cheio de alegria. Desde que chegara, passara pouco tempo com as crianças, pois elas viviam espalhadas por todo o terreno do castelo, saltando de um lugar para outro.

Quando entraram na cozinha fumegante, Beatrice estava ao lado do cozinheiro musculoso que, de fato, parecia um urso com sua largura e tamanho. Ele estava dobrando pequenos triângulos de massa ao redor de algum tipo de recheio enquanto Beatrice o observava cuidadosamente e repetia o que ele estava fazendo, mais devagar.

— Não menina. A parte de baixo se dobra primeiro ou o recheio de carne transborda e cai no forno.

— Oh, entendi. — disse Beatrice, parecendo estar bem com a sua correção não tão gentil.

Olog assentiu com satisfação em sua próxima tentativa enquanto se aproximavam.

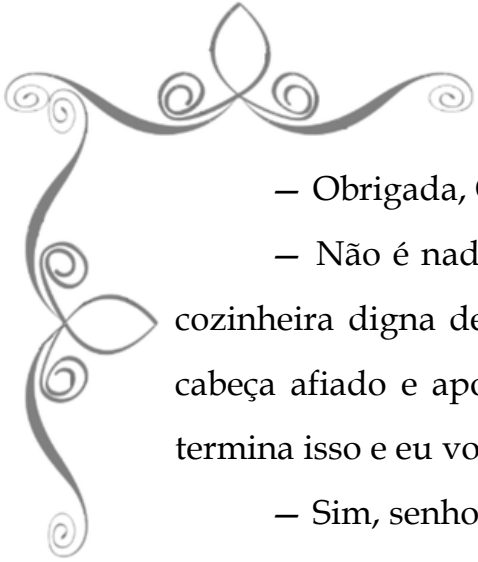
— Bom dia. — disse Brenna.

Os brilhantes olhos de Beatrice apareceram com um largo sorriso.

— Bom dia, Mimi! Estou aprendendo a fazer bolachas com três dobras. Você sabe, como as que ficam em exposição na janela do Sr. Carol.

— Isso é maravilhoso, querida.

Beatrice passou muitas horas encarando ansiosamente a janela do padeiro em Terrington. Não porque ela necessariamente queria provar seus doces, e sim porque ela queria saber como fazê-las e deixa-las tão lindas quanto as dele.



— Obrigada, Olog, pela sua paciência.

— Não é nada. — ele rugiu. — Quando você for embora, ela será uma cozinheira digna de qualquer casa em toda Izeling. — Ele deu um aceno de cabeça afiado e apontou uma mão coberta de farinha para a mesa. — Você termina isso e eu vou fazer preparar a cobertura de ovos e manteiga.

— Sim, senhor. — disse Beatrice, profundamente concentrada.

Sylvia puxou o xale de Brenna, acenando para a porta externa, e então elas saíram juntas. Um longo trecho já havia sido escavado para limpar o pátio do castelo e o caminho em direção aos estábulos, a neve recém caída se acumulava nas laterais, já encobertas com uma grossa camada.

— E onde estão os meninos? Brincando com espadas no quintal de novo, imagino.

— Não, Dmitri e alguns dos guardas levaram Caden e Emmett para cavalgar no terreno.

— Cavalgar? Eles nunca montaram em um cavalo antes. — Ela examinou o campo distante em busca de cavaleiros, especificamente uma figura sombria e marcante, em um grande garanhão preto. Mas, não havia nenhum em vista.

— Bem, agora eles montam.

— E Jack? Ele não foi?

— Não, ele e Izzy estavam brincando no jardim do labirinto.

— E Helena?

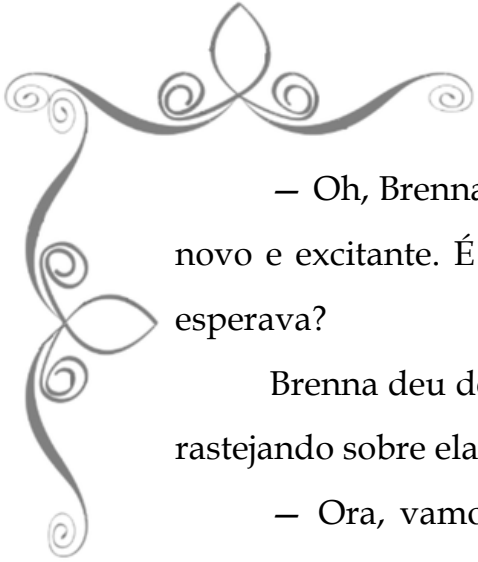
— Ela estava vagando por aí, explorando os estábulos. Denny estava seguindo atrás dela.

— Sim. Ele faz isso, às vezes.

Brenna balançou a cabeça, puxando o xale mais apertado em torno de si.

— Todo mundo sabe onde estão meus filhos, menos eu.

Sylvia abraçou-a pelos ombros.



— Oh, Brenna. Eles estão apenas sendo crianças. Eles estão em um lugar novo e excitante. É o castelo de um Duque, pelo amor de Deus. O que você esperava?

Brenna deu de ombros, sem saber o motivo pelo qual a frustração estava rastejando sobre ela.

— Ora, vamos lá. — disse Sylvia, provocativamente. — Por que você não volta para dentro e encontra Sua Graça, o Duque?

— Sylvia! — ela a advertiu, arqueando uma sobrancelha. — Tenho coisas mais importantes a fazer.

Sylvia jogou a cabeça para trás e riu.

— Sim. Claro que sim. — Ela deu-lhe uma piscadela brincalhona e depois voltou para a entrada da cozinha.

Isso foi estranho. Ela estava correndo como se outra pessoa...

— Que coisas importantes você tem que fazer? — Perguntou Friedrich perto de seu ouvido.

Brenna gritou e se virou.

— Sua Graça! Você me assustou.

— Eu percebi. — Ele olhou para seus ombros e suas mãos nuas. — Por que você está aqui fora apenas nesse xale?

Ela estremeceu, segurando-o em seus ombros.

— Eu emprestei meu manto para Helena.

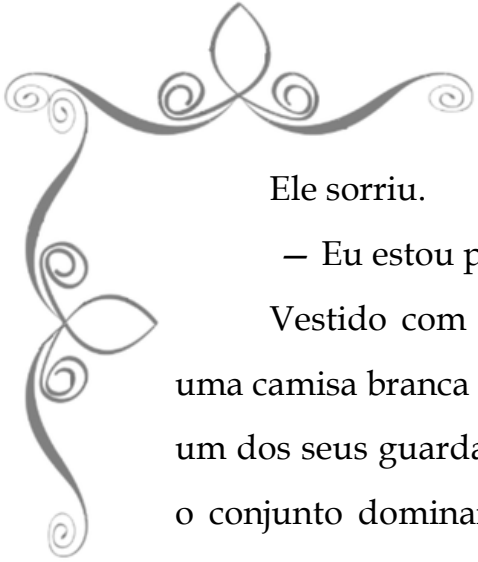
— Aqui. — Ele tirou o longo casaco e colocou sobre os ombros dela. — Enfie os braços aqui.

— Mas as mangas são muito longas.

Ele suspirou.

— Apenas faça o que eu pedi. — Ele apertou a mandíbula.

— Tudo bem. — Ela deslizou os braços. Ela estava completamente envolta no calor e no cheiro almiscarado dele. Seus tremores diminuíram quase que imediatamente. — Mas, agora você está com frio.



Ele sorriu.

— Eu estou perfeitamente bem.

Vestido com botas de couro na altura do joelho, calças de lã pretas e uma camisa branca simples, desabotoada casualmente no alto, ele parecia mais um dos seus guardas do que o Duque. Exceto pelas linhas régias de seu rosto, o conjunto dominante de sua mandíbula, a boca extremamente sensual e o brilho em seu olhar, que dizia a ela que ele era dono de suas próprias vontades. Quaisquer que fossem. Não, ele nunca poderia se parecer com um dos guardas. Ou, com qualquer outra pessoa, para começo de conversa. Exceto com ele mesmo, o nobre Duque de Winter Hill.

— O que foi? — Ele perguntou, com uma ruga de preocupação apertando sua testa, enquanto colocava ambas as mãos em seus ombros e se aproximava.

— Nada. — Ela encolheu os ombros, fingindo estar interessada em uma de suas botas agora chutando a neve.

— Levante seu braço.

— Por que? — Ela olhou para cima.

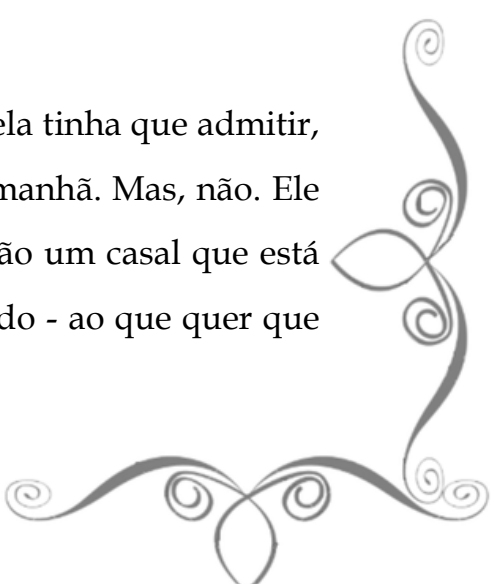
— Porque eu quero você faça.

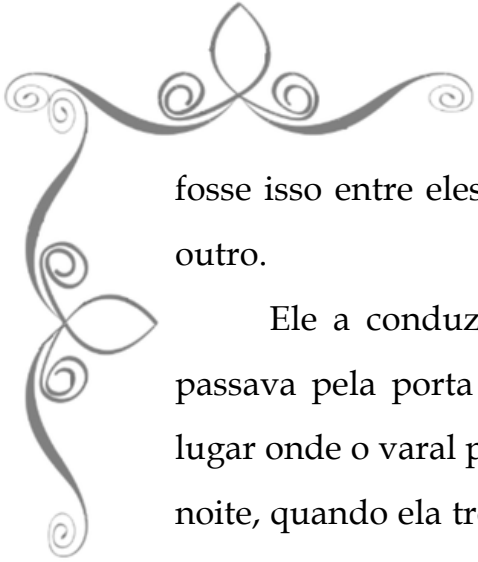
— Mas, por que?

Ele inclinou a cabeça, exigindo que ela obedecesse sem uma palavra. Ela soltou um suspiro exasperado e levantou o braço. Ele enrolou a manga, depois rolou mais uma e outra vez, de modo que a mão dela ficou aparecendo no final. Ele envolveu a mão ao redor da dela.

— Venha comigo. Eu tenho algo para te mostrar.

A noite de ontem a deixou se sentindo tensa e sim, ela tinha que admitir, desejosa. Ela esperava algum comentário sobre isso esta manhã. Mas, não. Ele agarrou a mão dela como se fossem antigos amantes, e não um casal que está constantemente lutando ou tentando resistir - e fracassando - ao que quer que





fosse isso entre eles, a cada momento em que estavam na companhia um do outro.

Ele a conduziu de volta ao castelo, seguindo o caminho estreito que passava pela porta da cozinha, em direção ao pátio dos criados. Este era o lugar onde o varal pendia e onde ela havia questionado Sylvia naquela fatídica noite, quando ela tropeçou no Pátio das Rosas e aterrissou na toca do leão. Ela pensou que ele poderia levá-la aos estábulos do sul, mas em vez de continuar em um caminho bifurcado na neve, pois havia grandes distâncias no meio, ele a puxou em direção a uma porta imperceptível na parte de trás do castelo. A enorme e grossa porta de carvalho se misturava com a pedra das paredes, já que estava pintada no mesmo tom.

Brenna olhou para cima.

— Isso leva às ameias³? — Eles estavam logo abaixo de uma das quatro ameias do castelo.

— Sim. — Ele pegou uma chave intrincada do bolso da calça. — Mas também leva para baixo.

— Espero que você não tenha, finalmente, decidido me jogar em sua masmorra.

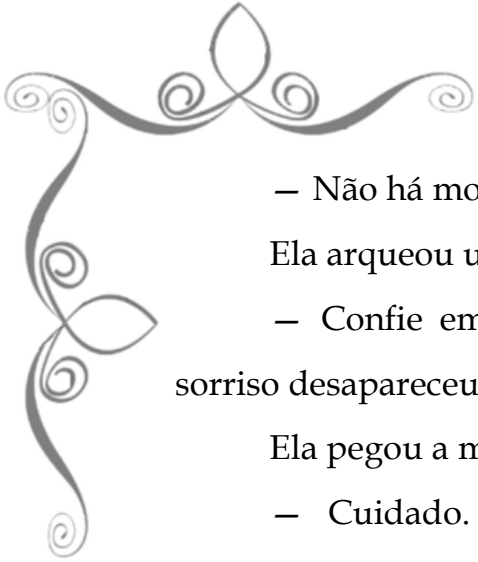
Ele deu um sorriso daqueles que roubam corações por cima do ombro.

— Tentador, mas não.

A porta se abriu facilmente, embora suas dobradiças de ferro rangessem. Ela o seguiu para dentro, onde uma tocha estava em seu suporte de arandela em um patamar. Uma escada de pedra circulava o lugar, obviamente levando à torre do vigia. Uma segunda descia em espiral no escuro. Friedrich pegou a tocha e foi em direção a segunda escada. Brenna permaneceu onde estava, olhando para o escuro. Ele girou e estendeu a mão.

Com uma risada, ele disse.

³ É a abertura, no parapeito das muralhas de um castelo ou fortaleza, por onde os defensores visavam o inimigo.



— Não há monstros esperando por nós, lá embaixo.

Ela arqueou uma sobrancelha, ainda insegura sobre isso.

— Confie em mim. — Sua voz se aprofundou com sinceridade, seu sorriso desapareceu.

Ela pegou a mão dele, e ele segurou-a com força, guiando-a para baixo.

— Cuidado. Este porão não é usado há anos. As escadas estão empoeiradas. Eu ainda não tive tempo para limpá-lo.

Ela seguiu enquanto eles desciam, o ar estava mofado, mas não sujo. Apenas obsoleto, dos óbvios anos de negligência. A verdade era que ela não poderia ter se afastado por nada, sua curiosidade sempre levava a melhor sobre ela.

— Para que foi usado antes? — Suas palavras ecoaram nas paredes de pedra.

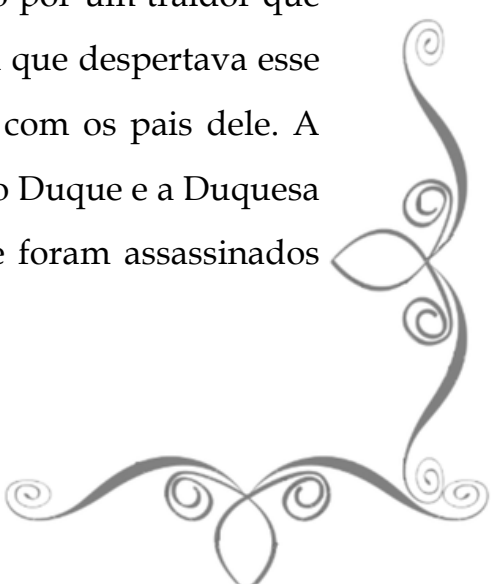
— Meu avô tinha um boticário nos terrenos do castelo.

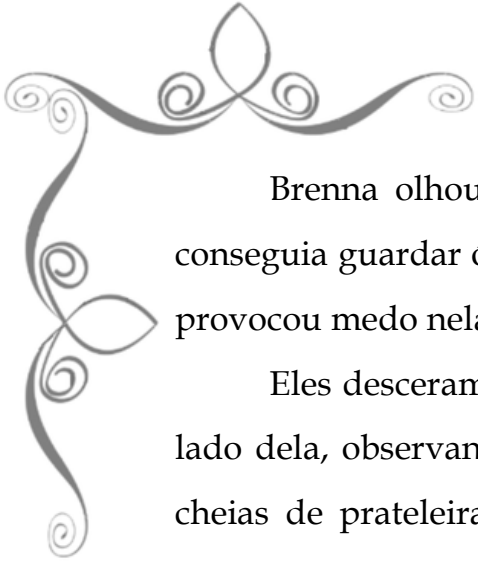
— Porque que um vampiro precisaria de um boticário? Vampiros se auto-curam.

Ele bufou uma risada.

— Meu avô era um idiota sádico. Ele gostava de usar poções e venenos alucinógenos em seus prisioneiros humanos. — Ele olhou para trás com um sorriso amargo, seu rosto meio na sombra. — E, às vezes, ele deixava o boticário fabricar remédios para o povo. Mas isso era raro.

Ela ouviu tanta dor em sua voz, que não fez nenhuma outra pergunta, embora ela tivesse muitas. Sabia-se que seu avô foi morto por um traidor que vivia em seu castelo. Parecia que ele era o tipo de homem que despertava esse ódio nos outros. Mas, ela nunca soube o que aconteceu com os pais dele. A única coisa que as pessoas de Terrington sabiam, era que o Duque e a Duquesa haviam sido encontrados mortos, com a suspeita de que foram assassinados durante o sono.





Brenna olhou para o perfil de seu único filho, esse homem que não conseguia guardar ódio de ninguém. Exceto, talvez, por seu próprio tio. E isso provocou medo nela.

Eles desceram para uma sala já bem iluminada com tochas. Ele ficou ao lado dela, observando-a enquanto ela examinava a sala. As paredes estavam cheias de prateleiras cobertas de poeira e potes de vidro, garrafas e jarros cheios de teias. E lá, à direita, em uma grande mesa de trabalho, havia uma impressora.

— Oh! — Ela correu pela sala, seu coração acelerando em seu peito. Ela colocou as duas mãos sobre ele, não acreditando em seus olhos.

Friedrich andou para ficar atrás dela.

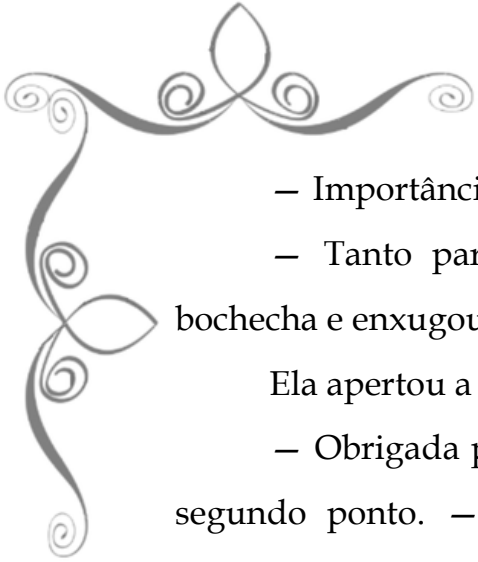
— Eu fiz algumas escavações em Terrington. O velho Sr. Sellers, dos correios, tinha esta aos pedaços no depósito. Felizmente, vários dos homens de Mikhail são habilidosos com máquinas. Eles se reuniram aqui. Precisa de alguns cuidados, mas acho que podemos fazê-la funcionar de novo.

Ela não conseguia acreditar. Mais do que o fato de ter sido um presente de seu pai, para ela, tornou-se um símbolo de que ela tinha um poder, em um mundo cruel e implacável. O poder de influenciar os outros com esperança e coragem. Ela tentou conter a emoção, mas não conseguiu. Lágrimas irromperam quentes e repentinas. Então, ela girou abruptamente e colocou os braços ao redor da cintura dele, pressionando a bochecha úmida contra seu peito.

Ele abaixou os braços lentamente, depois, os firmou em torno dela, pressionando os lábios suavemente no topo de sua cabeça.

— Eu não posso acreditar que você fez isso. — ela murmurou, ouvindo o coração dele martelando rápido sob sua orelha. Obrigada.

— Eu gostaria que pudéssemos ter preservado a do seu pai, mas eu não podia arriscar sua vida. — ele murmurou em seu cabelo, balançando-a suavemente. — Eu percebi a importância.



– Importância? – Ela levantou a cabeça para ele.

– Tanto para você, quanto para o Black Lily. – Ele segurou sua bochecha e enxugou o rastro de lágrimas com o polegar.

Ela apertou a mão sobre a dele com um sorriso fraco.

– Obrigada por isso. – Mas então sua linha de pensamento chegou ao segundo ponto. – Como isso pode ajudar o Black Lily? Eu pensei que imprimir os folhetos era muito perigoso.

– É muito perigoso. Mas agora você está aqui sob minha proteção. Ninguém pode entrar ou sair sem minha aprovação. E... – Sua boca se firmou em uma linha fina, aquela ruga de preocupação aparecendo no meio de sua testa. – Talvez, nós precisemos nos arriscar.

– Por quê? O que aconteceu?

– É hora de eu te contar mais sobre o atual status da resistência. – Ele soltou um suspiro, como se estivesse lutado contra seu melhor julgamento, antes de continuar a dar informações.

– Me diga. – disse ela, segurando a frente de sua camisa e puxando. – Por favor, me diga.

Um meio sorriso curvou um lado de sua boca.

– Sempre tão curiosa, não é?

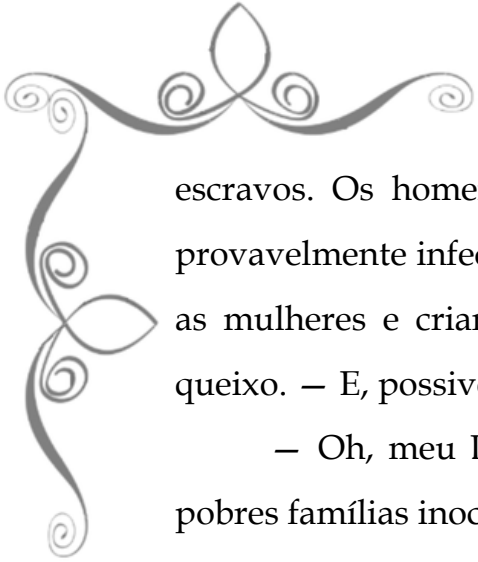
– Isso não deveria ser uma surpresa, já que essa foi a razão pela qual eu me peguei em seu Pátio das Rosas. – brincou ela.

Ele sorriu mais.

– Agora, me diga. O que foi que aconteceu?

Ele deslizou as mãos para a cintura dela, espalmando os dedos e ancorando-a perto dele. Parecia tão certo, tão natural, que ela não conseguiria se afastar, mesmo que quisesse. Ela estava aprendendo rapidamente que precisava estar perto dele, mesmo que sua mente a alertasse contra tal tolice.

– Já faz algum tempo que sabemos que meu tio, o Rei Dominik, junto com a Rainha, estão invadindo e tomando aldeias inteiras como... bem, como



escravos. Os homens certamente estão sendo transformados em vampiros, provavelmente infectados com a compulsão por sangue pela própria Rainha, e as mulheres e crianças estão sendo usadas como bleeders. — Ele cerrou o queixo. — E, possivelmente, para outras coisas hediondas.

— Oh, meu Deus! — Ela engoliu em seco contra o medo por aquelas pobres famílias inocentes. — Então, a Rainha está quebrando suas próprias leis entre os vampiros e os humanos? Ela nem está fingindo manter a paz? E o que o Rei diz sobre isso?

— Interessante que você tenha dito isso. Eu tenho pensado a mesma coisa e pedi informações para o meu primo Marius sobre isso. Não temos mais pessoas do lado de dentro da Torre de Vidro, então, não temos certeza do que aconteceu com seu pai, o Rei. — Suas palavras terminaram como se fosse uma ameaça.

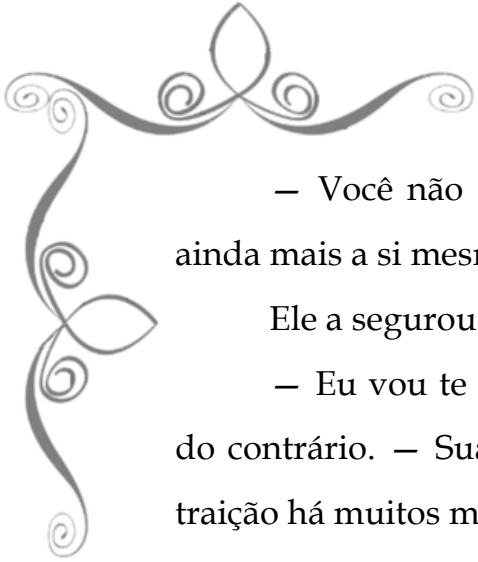
— O que aconteceu com aqueles que tínhamos lá dentro? — Ela perguntou, com o medo gelando seu estômago.

— Nós tínhamos apenas um. O primo de Nikolai, o ex-tenente de Marius. O nome dele é Riker. Eles o torturaram e o mutilaram para descobrir o paradeiro de Nikolai e sua mulher, Sienna, que estavam recrutando pelas aldeias ao nordeste. Então, meu tio aparentemente usou seu próprio elixir para forçá-lo a desistir de esconder seu paradeiro, o que teve consequências trágicas. Felizmente, Nikolai foi capaz de salvar Sienna, mas não antes de ela se machucar. — Uma sombra escura encheu suas feições enquanto ele a apertava com mais força contra ele.

— Que coisa terrível. Mas, o que há de tão poderoso no elixir do seu tio?

— O elixir de Dominik tem o poder da persuasão. É quase impossível resistir. Aqueles que tentam, caem sob uma dor excruciante.

Ela o agarrou com mais força, temendo por ele, sabendo que seu tio iria torturá-lo, ou coisa pior, se descobrissem que ele a estava abrigando.



— Você não deveria ter me trazido pra cá. Você só está incriminando ainda mais a si mesmo e ao seu pessoal.

Ele a segurou pelo queixo e pressionou o polegar nos lábios dela.

— Eu vou te proteger até a morte, Brennalyn. Nem tente me convencer do contrário. — Sua carranca se aprofundou. — Além disso, tenho cometido traição há muitos meses.

Ela olhou para a nova impressora e saiu de seus braços. Ele a soltou. Mais uma vez, colocou ambas as mãos na máquina que tanto amava, um objeto que a impediu de se afogar na tristeza da perda do pai, no desespero do abandono do marido e das noites brutais de solidão, antes de se mudar para Terrington e adotar uma família.

— Então, o que foi que você planejou? De qualquer jeito, não acho que seja nada parecido com imprimir folhetos de esperança e inspiração.

Ele se moveu para tão perto dela, que o calor de sua ampla estrutura penetrou em suas costas.

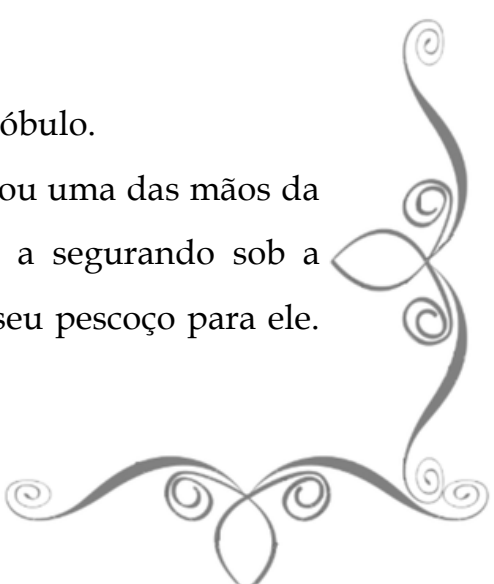
— Na verdade, não é nada muito diferente do que a White Lily estava fazendo antes. Mas, gostaria de enviar uma mensagem mais urgente às massas. Nikolai e Sienna fizeram um bom trabalho de recrutamento boca a boca. Mas com isso... — Ele cobriu as mãos dela com as dele, enlaçando os dedos entre os dela e enrolando-os sob a palma da mão. — E com isso... — Ele beijou sua têmpora, acariciando sedutoramente seus cabelos. — Com essa sua mente, podemos alcançar muito mais pessoas.

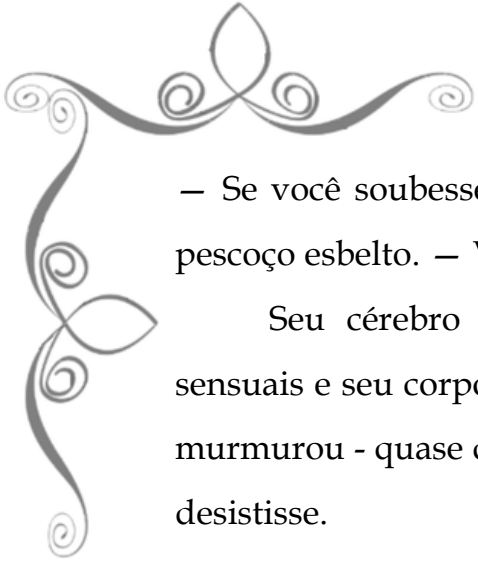
Sua respiração engatou.

— Foi isso que te atraiu em mim? Minha mente?

Ele riu, baixando até a orelha dela e mordendo seu lóbulo.

— Oh, gatinha. Tudo sobre você me atrai. — Ele tirou uma das mãos da dela e envolveu suavemente a frente de sua garganta, a segurando sob a mandíbula, inclinando a cabeça para a direita, trazendo seu pescoço para ele.





— Se você soubesse o quanto eu sofro. — Ele sugou uma trilha quente pelo pescoço esbelto. — Você teria pena de mim e me daria o que eu quero.

Seu cérebro enevoado com a intoxicação inebriante de seus beijos sensuais e seu corpo duro atrás dela, suas palavras ardentes e suplicantes. Ela murmurou - quase que em um sussurro - confessando a verdade, antes que ela desistisse.

— Eu estou com medo.

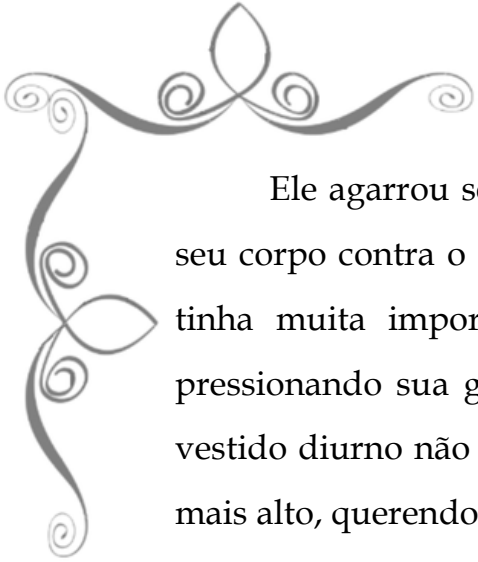
Os dedos dele a apertaram um pouco mais.

— Não tenha medo. — Ele arrastou a mão de sua garganta para baixo, para segurar seu seio. Ele o apertou, lambendo-a, gemendo. Ela soltou um gemido ofegante. — Confie em mim. — ele rosnou. — Seja minha, Brennalyn. — disse ele, o tom agudo de desespero vazando em sua voz.

Ela se agarrou à imprensa como se sua vida dependesse daquilo, precisando de algo para ampará-la enquanto Friedrich tecia sua magia erótica, seduzindo-a ainda mais sob seu feitiço. Se ele tivesse perguntado alguma coisa sobre ela. Qualquer coisa. Ela teria respondido a ele, bem ali, apenas para sentir o prazer contínuo de suas atenções. Este desejo enlouquecedor a envolveu de fora para dentro. Ela se perdia cada vez mais, toda vez que esse homem a tocava.

Ele a agarrou pela cintura e a girou, segurando seu rosto em um aperto rápido e feroz. Ele esmagou sua boca sobre a dela, não mais se movendo com gestos lentos e tenros, mas invadindo, como o sedutor que ele era. Ele pode ter nascido na realeza e no ducado, mas esse homem não era um nobre de mãos suaves. Ele era um líder, um caçador, um conquistador. E ele caçava com uma abordagem tão discreta e silenciosa, que a presa não tinha chance de escapar. Assim como Brenna, que não tinha nenhuma chance agora.

Suas mãos deslizaram para cima, uma agarrando em seu ombro, a outra agarrando o cabelo sedoso em sua nuca. Ela gemeu em sua boca enquanto ele aprofundava o beijo.



Ele agarrou seu traseiro sob a cauda do casaco que ela usava, puxando seu corpo contra o dele, até que ela estivesse na ponta dos pés. Mas isso não tinha muita importância, já que ele estava segurando todo o seu peso, pressionando sua grossa ereção contra a boceta dela. A fina camada de seu vestido diurno não era páreo para esse momento. Deus a ajudasse, ela gemeu mais alto, querendo ainda mais, balançando sua pélvis para frente.

Ele apertou os quadris contra ela, ainda atormentando-a com sua língua maravilhosa e perversa, essa sensação a deixando mais flexível, mais ansiosa para sucumbir a ele. Não importa o quanto isso custe ao seu coração.

Então, de repente, ele parou e interrompeu o beijo, olhando para a escada. Ela também, mas não havia ninguém ali. Nenhum som de passos na pedra. Apenas a respiração dela, ofegante no ar frio.

— O que foi? — Ela perguntou, reconhecendo o tom apaixonado em sua voz.

— Tem alguma coisa errada. — Ao invés de colocá-la no chão, ele a inclinou e passou um braço atrás de seus joelhos, até que ela estivesse embalada contra ele.

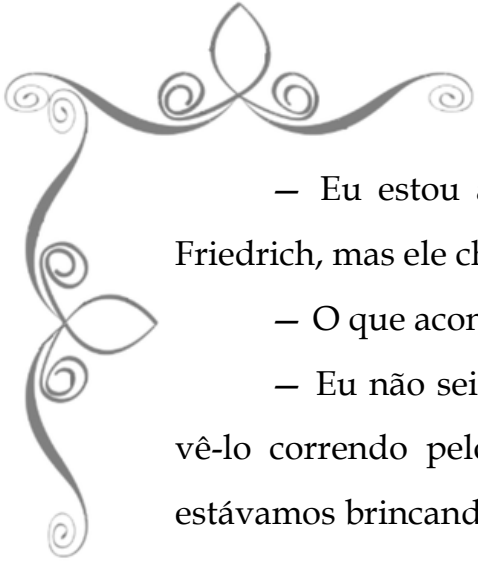
— Eu posso andar, Friedrich.

— Assim é mais rápido.

E foi. Ele subiu as escadas para o patamar em um borrão, então ele a colocou no chão e pegou a mão dela, puxando-a para fora da porta. Com um som veloz, ele trancou a porta e a conduziu de volta ao castelo, em direção ao pátio de treino. Foi quando Brenna finalmente ouviu Caden chamando o nome dela. E ele estava em perigo.

— Mimi!

Eles se aproximaram do pátio de treino onde Caden segurava a mão de Denny. Denny estava chorando, com os olhos arregalados. Emmett estava bem atrás deles, gritando por Brenna também.



— Eu estou aqui, meninos! — Ela agora estava correndo ao lado de Friedrich, mas ele chegou primeiro, pegando Caden pelos ombros.

— O que aconteceu, filho?

— Eu não sei. — disse Caden, sua voz alta e preocupada. — Acabei de vê-lo correndo pelo campo. — Ele apontou para Denny. — Emmett e eu estávamos brincando com as espadas depois do nosso passeio. E Denny estava gritando enquanto corria.

Mikhail e Dmitri apareceram ao lado deles. Em seguida, Grant estava fechando o círculo.

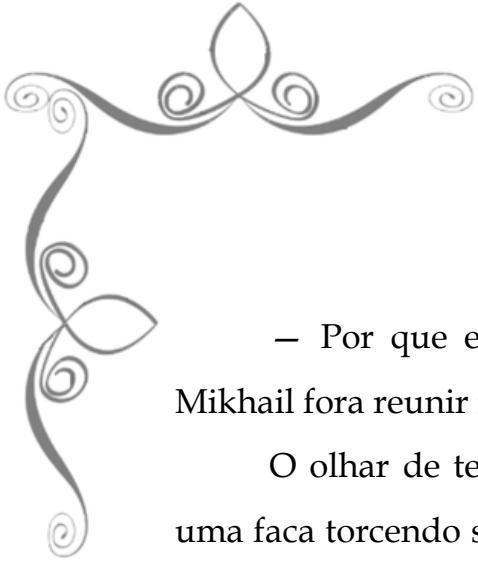
Brenna se ajoelhou na frente de Denny.

— Querido. — ela tirou o cabelo de sua testa suada, percebendo os olhos escuros e arregalados de medo. — Por favor, se você puder me dizer qualquer coisa. O que há de errado? Por favor, Denny. Por mim. Eu preciso que você fale.

O problema foi que ele nunca tinha falado antes. Nem uma vez, desde que ele entrou em sua casa. Ele chorava com pesadelos, mas nunca falou uma palavra de verdade. Talvez tenha sido o medo que, finalmente, fez com que ele falasse. Talvez tenha sido Brenna, com preocupação trazendo lágrimas ardentes aos seus olhos. Alguma coisa fez seus lábios trêmulos se abrirem.

Ele sussurrou.

— Helena. — Então ele apontou para trás por cima do ombro e através do campo, na direção da casa que havia sido queimada. Uma lágrima deslizou pelo rosto dele. — Vampiros.



CAPÍTULO 18

— Por que ela voltaria para sua casa? — exigiu Friedrich, enquanto Mikhail fora reunir mais homens da guarda para acompanhá-los.

O olhar de terror no rosto manchado de lágrimas de Brenna era como uma faca torcendo sob suas costelas. Ele queria agarrá-la, puxá-la para perto e dizer-lhe que tudo ficaria bem. Mas a verdade era que ele acreditava exatamente no oposto.

— Ela foi por causa de Reggie. O mensageiro que me ajudou a entregar os panfletos. Esta noite seria o dia em que ele passaria pela casa. Se ele estiver vivo, ele vai aparecer por lá.

Mikhail apareceu com vinte dos homens mais furtivos de sua guarda, todos armados com armas letais nas bainhas.

— Pronto, Sua Graça. — Ele entregou um arreio com sua espada curta.

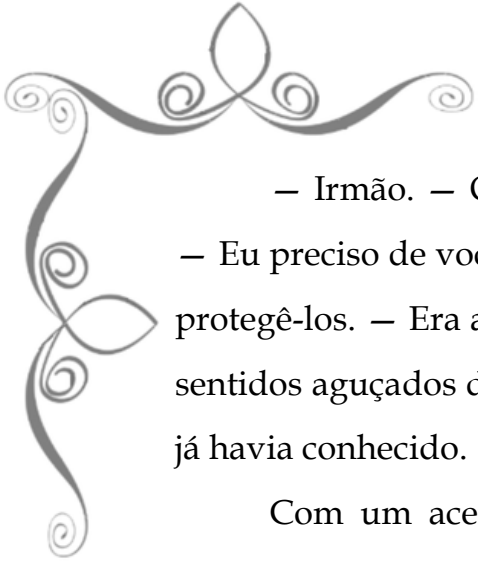
Friedrich amarrou-a por cima do ombro, apertando a fivela no peito, a lâmina caindo num ângulo ao longo das costas.

— Grant!

Grant olhou de onde estava com os meninos e correu. Puxando-o ligeiramente para o lado com a mão em seu ombro, Friedrich disse baixinho

— Leve Brenna e as crianças lá para dentro. Depois, encaminhe o resto da guarda para barricar o castelo, ocupe cada torre e faça uma varredura de perímetro do terreno.

Grant assentiu, cerrando a mandíbula, olhando para Mikhail e os outros que estavam se preparando para ir. Grant não podia ir com eles, embora o conjunto feroz e duro de seus olhos dissesse que ele queria. Ele não conseguiria acompanhá-los. Não como humano. Uma pontada de culpa se instalou no peito de Friedrich. Grant tinha criado um carinho especial pelas crianças e queria ir com eles, para tentar salvar Helena.



— Irmão. — Os olhos de Grant se moveram nitidamente para Friedrich.

— Eu preciso de você aqui. Não confio em mais ninguém para protegê-la. Para protegê-los. — Era a verdade. Enquanto Grant pode não ter a velocidade ou os sentidos aguçados de um vampiro, ele era o homem mais mortal que Friedrich já havia conhecido.

Com um aceno firme, Grant caminhou até Brenna e deu um aperto firme, mas gentil, em seu cotovelo.

— Venha comigo Senhorita Snow. Precisamos levar você e as crianças para dentro.

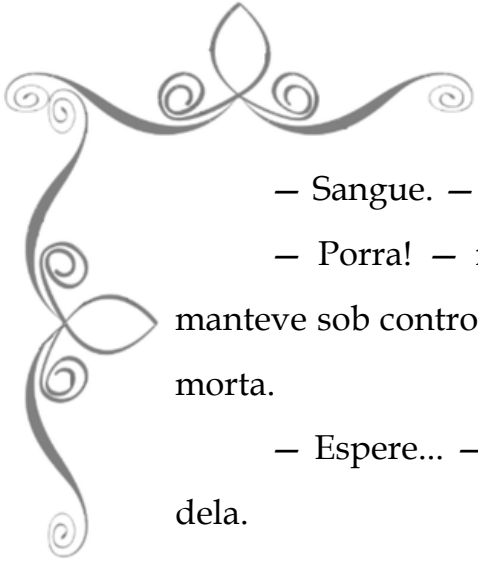
Ela seguiu com ele, olhando por cima do ombro para Friedrich. Ele não conseguia sorrir, então, se virou e encontrou o semblante feroz de Mikhail.

— Vamos lá.

Imediatamente, eles se moveram, passando rapidamente pelos estábulos e descendo a primeira colina, em seguida, em um campo aberto através dos campos cobertos de neve. A queda de temperatura combinada com a velocidade de cortar o vento trouxe lágrimas aos olhos dele, mas ele não cedeu. Não até que eles cruzaram a borda ocidental de Terrington e estavam na pista solitária, onde o cheiro de fumaça e cinzas ainda permanecia no ar.

Eles mudaram para um ritmo humano, em seguida, diminuiu a velocidade para se espalhar, em silêncio. Mikhail se aliou a Friedrich, indo direto para a pilha de madeira e pedra enegrecida onde a casa ficava. A neve branca imaculada espanando os restos carbonizados da casa de Brenna o fez estremecer de tristeza, como se a natureza estivesse tentando limpar os restos da dor. Ele desviou o olhar e se concentrou em encontrar sinais de Helena. De vampiros.

Dmitri já havia verificado o perímetro e estava do lado de fora da cerca, parcialmente caída próxima à floresta. Ele deu um assobio alto com um aceno. Silenciosamente e rapidamente, eles o encontraram onde ele estava se abaixando e tocando o dedo em uma gota escura na neve.



— Sangue. — ele sussurrou.

— Porra! — xingou Friedrich, suas emoções estavam fervendo. Ele se manteve sob controle pelo amor de Brenna, mas temia que Helena já estivesse morta.

— Espere... — disse Dmitri, cheirando a mancha em seu dedo. — Não é dela.

Friedrich se agachou.

— Como você sabe?

Ele limpou a garganta, nervosamente.

— Eu conheço o cheiro dela.

Friedrich olhou pra ele com um olhar mortal.

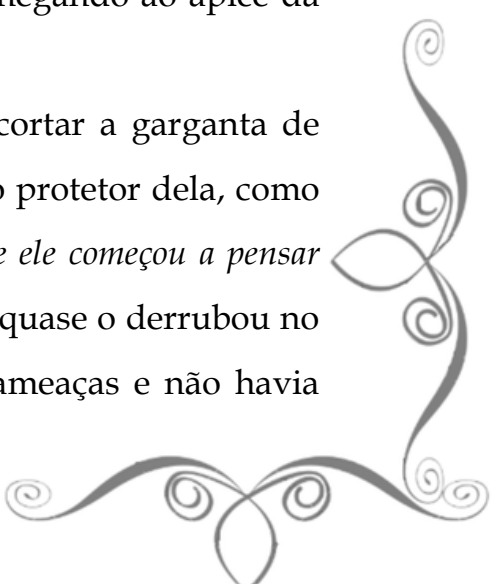
— Desculpe, como é que é?

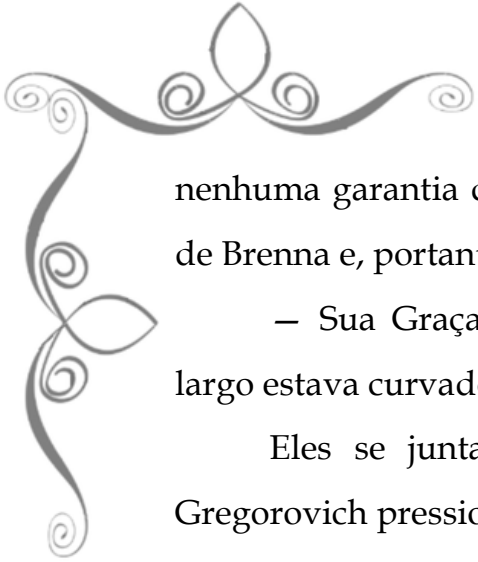
— Sua Graça. Ela tem dezoito anos. É bonita. E ela tem um... — ele engoliu em seco e falou rapidamente. — Ela tem um aroma distinto. Muito forte. — Dmitri dirigiu o olhar para o chão, envergonhado pelo pecado de luxúria - por carne ou sangue - que estava explícito nas linhas culpadas de seu rosto. Da equipe de Mikhail, Dmitri era o vampiro mais jovem, sua honestidade era refrescante, apesar do fato de que Friedrich queria mesmo era dar um soco na cara dele.

Friedrich sentiu o sangue pulsando mais rápido, um estranho tumulto o desequilibrando.

— Sua Graça. — disse Mikhail, baixinho. — Nenhum de nós jamais tocaria nela. Ela é uma menina inocente, embora esteja chegando ao ápice da feminilidade.

— Eu realmente espero que não. Porque eu vou cortar a garganta de qualquer homem que o faça. — Ele estava agindo como o protetor dela, como se fosse seu... bem, como se fosse seu pai. *Quando foi que ele começou a pensar nessas crianças como suas?* Ele não tinha certeza. O choque quase o derrubou no chão. Ele balançou sua cabeça. Ele estava distribuindo ameaças e não havia





nenhuma garantia de que eles a encontrariam. Viva. Isso quebraria o coração de Brenna e, portanto, o dele próprio.

— Sua Graça! — Gritou Gregorovich, com sua voz grave. Seu corpo largo estava curvado sobre a neve, enquanto apontava algo para outro guarda.

Eles se juntaram a ele. Friedrich estudou as impressões na neve. Gregorovich pressionou a mão larga no espaço oco e fechou os olhos, tentando se concentrar. Mikhail estava ao lado do Duque, sussurrando.

— Ele pode ver flashes de certos momentos, quando toca as pegadas onde alguém pisou recentemente.

Friedrich não sabia que ele tinha um soldado com dons especiais em sua tropa. Era uma grande vantagem para um vampiro, em uma caçada.

— Ou, neste caso, — disse Dmitri ao seu lado — onde alguém esteve deitado recentemente.

Friedrich cerrou a mandíbula, jurando eviscerar os sequestradores que a machucassem. Pois, era bastante claro que essas marcas profundas na neve alta eram o resultado de uma luta corporal.

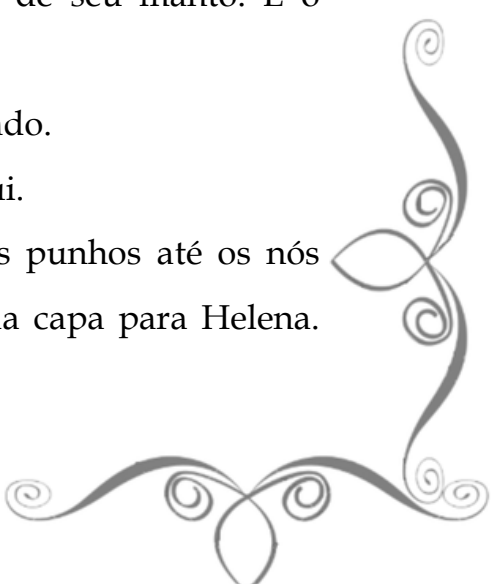
Finalmente, Gregorovich abriu os olhos, o azul da meia-noite faiscando com manchas douradas. Como se visse o medo no rosto do Duque, ele disse.

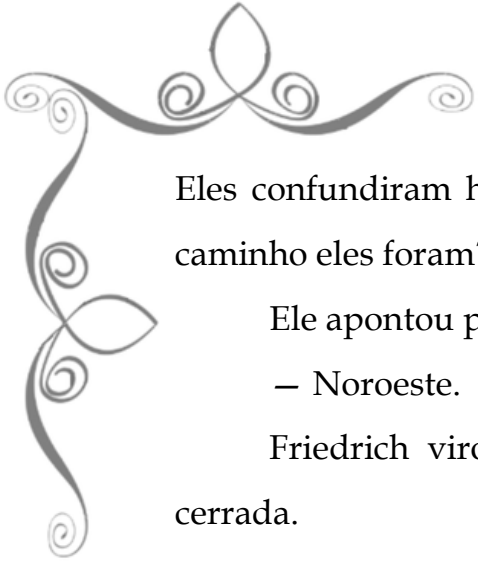
— Eles não a machucaram. Pelo menos, não aqui. Três vampiros. Um todo de preto, como o caçador que pegamos na cidade. Os outros dois na vestimenta da guarda real do Rei Dominik. — Ele ficou de pé em toda a sua altura. — Eles a amarraram e a amordaçaram. Ela lutou contra eles. Agarrou o caçador quando ele se aproximou para sentir o aroma de seu manto. É o sangue dele aqui.

Mikhail havia tocado seus dedos na neve e os cheirado.

— Eu consigo sentir o cheiro da Senhorita Snow aqui.

— Caralho! — resmungou Friedrich, apertando os punhos até os nós dos dedos estalarem. — Brenna disse que emprestou sua capa para Helena.





Eles confundiram helena com ela. Acham que ela é a White Lily. Para qual caminho eles foram?

Ele apontou para o ombro de Friedrich.

— Noroeste.

Friedrich virou naquela direção, um estalo vindo de sua mandíbula cerrada.

— Em direção a Izeling Tower.



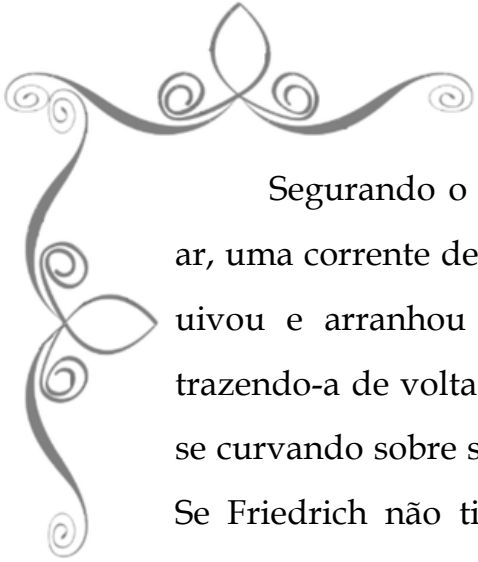
Mikhail pendurou um cordeiro recém-morto fora do alcance do prisioneiro, com o sangue escorrendo do pescoço do abate para o chão da cela. O vampiro faminto estava de joelhos, lutando contra suas restrições, as correntes tinindo enquanto ele rosnava e se retorcia para se libertar.

— Assim que você estiver pronto para me fornecer as informações necessárias, você terá sua carne. — disse Friedrich.

A criatura dirigiu seus olhos negros para Friedrich, a malícia vazando de cada poro do corpo do vampiro.

— Eu não posso! E você sabe disso, porra! — Seus cabelos esguios cresciam de seu crânio, suas bochechas estavam afundando por falta de sustento. Novos vampiros precisavam de sangue com mais frequência. E novos vampiros infectados com a *compulsão por sangue* precisavam se alimentar quase constantemente ou ficavam a beira da loucura.

— A dor de desafiar o elixir do meu tio é passageira. — Friedrich recostou-se contra as barras, de braços cruzados. — Responda-me uma pergunta. Apenas uma. E nós vamos te dar o cordeiro.



Segurando o cordeiro pelas patas traseiras, Mikhail balançou a isca no ar, uma corrente de sangue respingando em um arco perto do prisioneiro. Ele uivou e arranhou os dedos incrustados de sujeira, tocando uma gota e trazendo-a de volta à boca com um gemido animal, antes de cair ao seu lado, se curvando sobre si mesmo, com o corpo sacudindo em soluços deploráveis. Se Friedrich não tivesse visto a criatura rasgar a garganta daquela garota inocente na cidade, ele até poderia sentir pena dele. Mas ele não sentiu.

Friedrich se abaixou, bem fora de alcance, caso a fera se jogasse, mas se colocando em um nível mais íntimo.

— Uma pergunta. — Ele o compeliu, usando o tom que fazia os homens maiores e mais fortes se encolherem, sabendo que ele empunhava o poder do sangue de Varis em suas veias.

A besta chorona levantou a cabeça, olhos negros vazios de loucura enquanto ele procurava o olhar do Duque.

— Só uma?

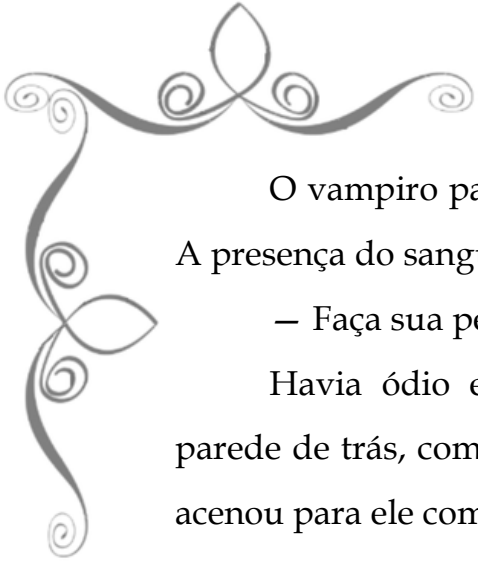
— Apenas uma.

Baba escorria de sua boca para o chão sujo, seus caninos amarelados eram tão compridos pelo cheiro de sangue fresco, que eles estavam cortando seu lábio inferior. Ele apertou os olhos e sussurrou em desespero.

— Pergunte.

— Responda-me rapidamente e a dor será aguda, mas, mais fugaz. — ordenou Friedrich. Embora ele nunca tenha sido uma vítima do poderoso elixir de seu tio, ele sabia muito bem - por aqueles que tinham sido - que o elixir que se desgastava ao longo do tempo. Era mais forte na primeira mordida. E já faziam dias, possivelmente até semanas, desde que essa criatura havia sido marcada pelo Rei Dominik. Friedrich também sabia que a dor ainda seria severa, mas se ele limitasse a pergunta a apenas uma, ele poderia responder rapidamente, então o tormento se dissiparia com a mesma rapidez.

— Você entendeu? — Perguntou Friedrich.



O vampiro patético se levantou, apoiando-se em um cotovelo, ofegante. A presença do sangue e a falta de alimentação aceleraram seu pulso.

— Faça sua pergunta, Duque.

Havia ódio em seus olhos e em suas palavras. Dmitri empurrou a parede de trás, com o objetivo de corrigir o monstro com um golpe. Friedrich acenou para ele com um movimento da mão e sacudiu a cabeça.

— As instruções dadas a você pelo Rei foram para procurar a mulher cujo perfume você farejou nos folhetos do White Lily.

Ele afastou os lábios, mostrando os caninos afiados e os dentes serrilhados. Muito mais besta do que o homem. A dor já começara a percorrer seu corpo antes que Friedrich falasse a pergunta.

— Faça sua maldita pergunta! — Ele gritou, com a saliva voando de sua boca conforme ele puxou suas correntes, com os olhos vazios e vidrados no cordeiro.

— Quais foram as ordens para quando você encontrasse a garota ou a mulher com o cheiro da White Lily? O cheiro desses panfletos?

— Amarre-a... — Ele assobiou e se contorceu. — Traga-a para o Olho do Dragão... intocada.

— Onde fica o Olho de Dragão? — Perguntou Friedrich.

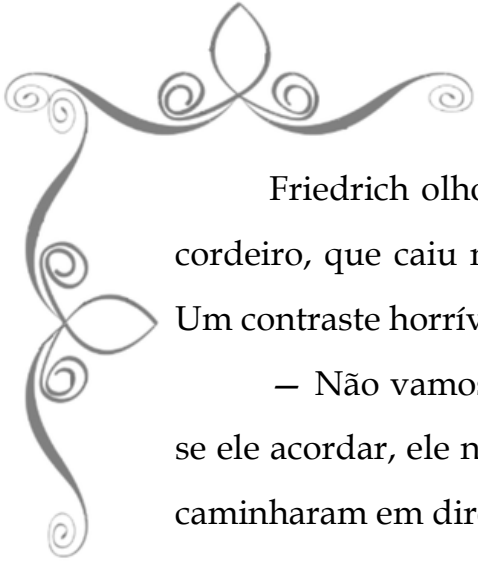
— Não! — Ele berrou como um demônio. — Você disse uma pergunta!

— A criatura gritou antes de curvar sua espinha e desmoronar, choramingando aos gritos. — Não, chega... não, nãoooo. — A besta uivou de dor, em seguida, caiu inconsciente.

Dmitri entrou no alcance da besta e o amparou. Empurrou seu ombro com uma bota. Nenhum movimento. O vampiro estava realmente desmaiado. Dmitri se agachou e sentiu o pulso dele na garganta.

— Ele ainda está vivo? — Perguntou Friedrich.

— Superficialmente. — Dmitri balançou a cabeça. — Deve ter desmaiado de dor. Ele pode não acordar nunca mais.



Friedrich olhou para Mikhail e acenou para a criatura. Mikhail jogou o cordeiro, que caiu na dobra de seu corpo, onde ele se enrolou em si mesmo. Um contraste horrível de inocência e monstro, envolvidos em morte e silêncio.

— Não vamos conseguir mais dele. — Friedrich saiu da cela. — Mesmo se ele acordar, ele não responderá a outra pergunta. Não depois disso. — Eles caminharam em direção às escadas, Dmitri trancando a cela atrás deles.

Mikhail deu um passo em frente com ele.

— Esses caçadores foram proibidos de prejudicar as mulheres cujo cheiro reconhecem como o White Lily.

— Sim. — concordou Friedrich, uma faísca de esperança enchendo seu peito. — Essa é a sorte de Helena, mas o azar de qualquer mulher que tenha tocado nesses panfletos e cujo cheiro tenha circulado de volta para o Rei Dominik. O Rei sabe que nem todo mundo que os tocou é a White Lily, mas ele está contando que, em algum momento, uma das mulheres que seus caçadores sequestrem seja a traidora que ele procura.

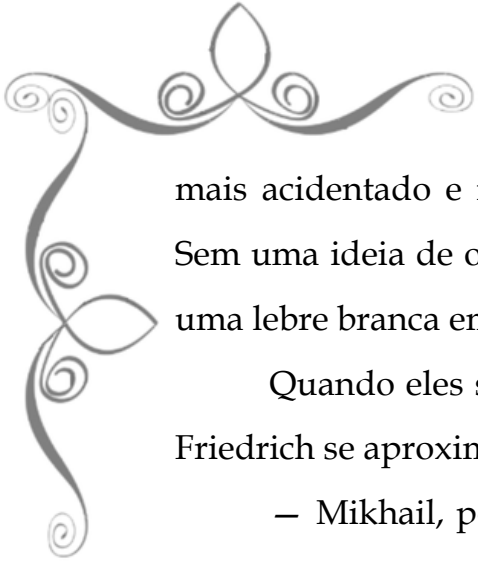
Seu estômago se agitou, como uma pedra que caía de um penhasco, considerando que todos esses vampiros estavam procurando por Brennaly. Sua linda e doce Brennaly.

— Então o *Olho de Dragão* é a fortaleza do Rei — acrescentou Mikhail. — E é lá que vamos encontrar Helena.

— Definitivamente — concordou Friedrich. — E eu garanto que é o núcleo do seu exército também. Onde todo o povo dessas aldeias está sendo mantido em cativeiro.

— Mas a questão é, onde fica esse lugar? — Perguntou Dmitri. — Se tivéssemos pelo menos uma ideia de onde fica esse lugar, eu poderia vasculhar a área e tentar descobrir a localização com precisão, sem que ninguém chegue a saber que eu estive lá.

A velocidade de Dmitri certamente poderia fazer isso. O problema era que, de todos os reinos, o Norte era o maior, com o terreno mais selvagem,



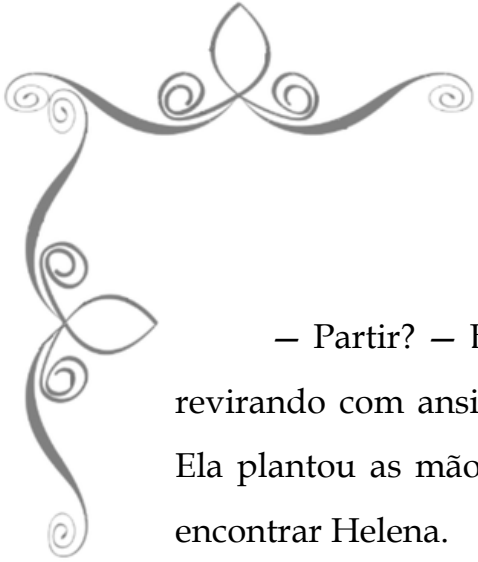
mais acidentado e montanhoso. E eles precisavam encontrar Helena rápido. Sem uma ideia de onde este Olho do Dragão possa estar, seria como procurar uma lebre branca em um campo de neve.

Quando eles saíram da masmorra e fecharam a porta, Dmitri a trancou, Friedrich se aproximou.

— Mikhail, pode ser que eu tenha um plano. Junte-se a mim na minha sala. Dmitri, por favor, vá buscar o Grant e a Srta Snow. Deixo você no comando da guarda noturna. Precisamos fazer varreduras de perímetro contínuas. Entendido?

— Sim, Sua Graça. — Dmitri se despediu com uma reverência curta e se afastou, desaparecendo em um borrão.

Ele e Mikhail foram até a sala de estar em silêncio. Friedrich reforçou sua determinação para o passo número um; convencer sua tigresa de seu plano, sem que ela o arranhasse até a morte. De alguma forma, ele não achava que sairia ileso dessa próxima batalha.



CAPÍTULO 19

— Partir? — Brenna sentiu o sangue escorrer de seu rosto, seu estômago revirando com ansiedade. — Eu não vou embora. Você perdeu a cabeça? — Ela plantou as mãos nos quadris, se colocando na frente dele. — Eu preciso encontrar Helena.

Ela ignorou Grant, sorrindo de lado, encostado na estante de livros. Mikhail permaneceu como uma pedra, silencioso perto da porta. E Friedrich estava com as mãos casualmente nos bolsos, olhando para ela com uma expressão estranha de perplexidade.

— Brennaly, eu vou encontrar Helena. Mas, para fazer isso, vou precisar partir. E vou precisar dos meus homens. Metade da guarda levará você e as crianças para o campo de treinamento secreto do Black Lily, bem a sudeste. É o único lugar onde você estará segura desses caçadores que navegam pelos territórios do Norte. Eu simplesmente não posso deixar você aqui no castelo. É muito perigoso. Esses últimos caçadores chegaram muito perto.

Lágrimas picaram seus olhos, mas ela se recusou a deixá-las cair.

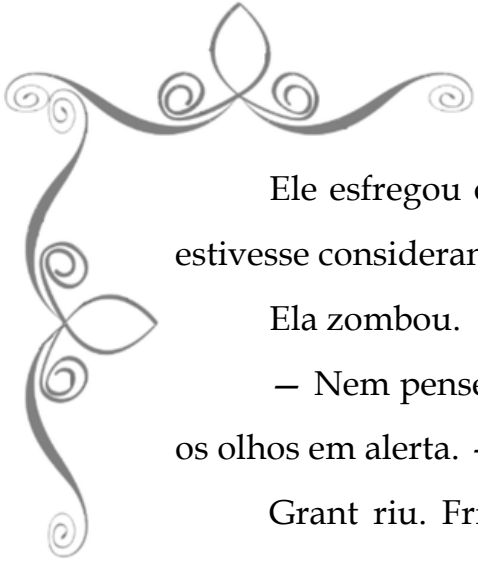
— Mas, e quanto a Helena. E se ela *precisar* de mim quando você a encontrar? Eu sou a mãe dela.

Friedrich leu o desespero em seus olhos. Ela podia dizer pelo modo como seus olhos suavizaram por suas palavras e pela linha apertada que sua boca formou, quando ele olhou para ela.

— Sinto muito. — ele sussurrou. — Esta é a maneira mais segura de proteger você e as outras crianças.

Ela se afastou dele, depois voltou, cruzando os braços.

— Então, qual é o plano? Me conte.



Ele esfregou o dedo indicador com o anel de sinete no queixo como se estivesse considerando.

Ela zombou.

— Nem pense em reter informações de mim, Sua Graça. — Ela estreitou os olhos em alerta. — Ela é minha filha. Eu quero saber qual é o plano.

Grant riu. Friedrich lançou-lhe um olhar, depois dirigiu-se a ela com passos longos e poderosos.

Ela recuou, batendo com o traseiro em sua mesa. Ele parou a poucos centímetros dela, engolindo seu espaço pessoal, do jeito que ele gostava de fazer, se inclinou para perto, alcançando o braço atrás dela, onde ele pegou um pedaço de pergaminho e recuou, estendendo o papel para ela. Sua frequência cardíaca triplicou com aquele pequeno episódio. Ela pegou o pergaminho, reconhecendo-o imediatamente.

— É um convite para um baile em Izeling Tower. O castelo do meu tio.

— Um baile? — Perguntou ela, baixando o olhar para o papel grosso, com filigrana perfeitamente feito nos cantos e tinta prateada, que brilhava à luz das velas.

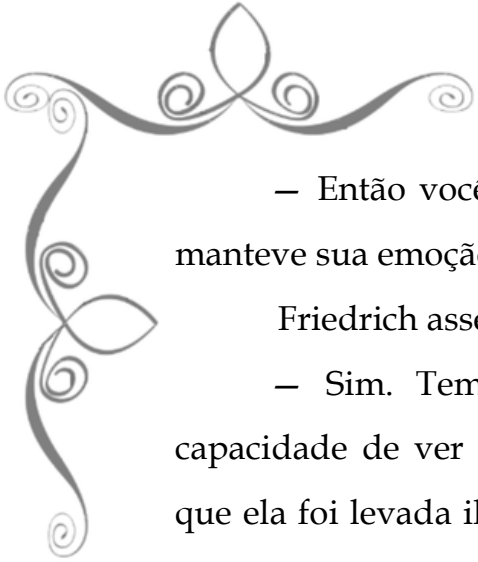
— Sim. Quando meu tio esteve aqui pela última vez, ele o mencionou, então eu estava esperando o convite. Aparentemente, minha avó, a Rainha, planeja fazer algum tipo de anúncio real. O que me deixa ainda mais preocupado.

Brenna inclinou a cabeça, refletindo. Nunca era bom quando uma mulher fazia uma proclamação secreta, como um peixinho para um crocodilo. Especialmente uma mulher como a Rainha Morgrid.

— Então, você planeja ir para o baile. E depois?

— Conseguimos que o prisioneiro na masmorra nos dissesse que Helena foi levada para a fortaleza de meu tio.

Brenna deu um passo à frente com ansiedade, apertando as mãos nas saias, como costumava fazer quando estava nervosa ou agitada.



— Então você acredita que ela está viva. — Sua voz quebrou, mas ela manteve sua emoção sob controle.

Friedrich assentiu.

— Sim. Temos certeza disso. Um dos Guardas de Sangue tem a capacidade de ver flashes de fatos ocorridos, como uma lembrança. Ele viu que ela foi levada ilesa. E, nosso prisioneiro no andar de baixo confessou que qualquer mulher com o cheiro que eles estavam procurando deveria ser trazida de volta para a fortaleza do meu tio, ilesa.

Ela se moveu para o sofá e se afundou, sussurrando em um suspiro pesado.

— *Graças a Deus.* — Seu olhar se voltou para cima. — Então, por que ele matou Marianne no baile da cidade?

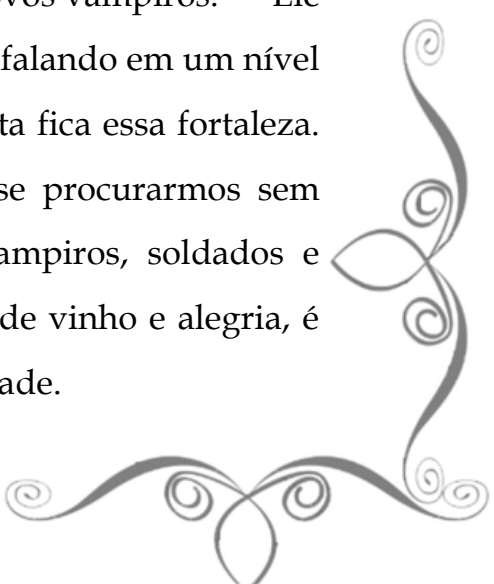
— Esse foi um erro da parte dele. A compulsão por sangue o venceu.

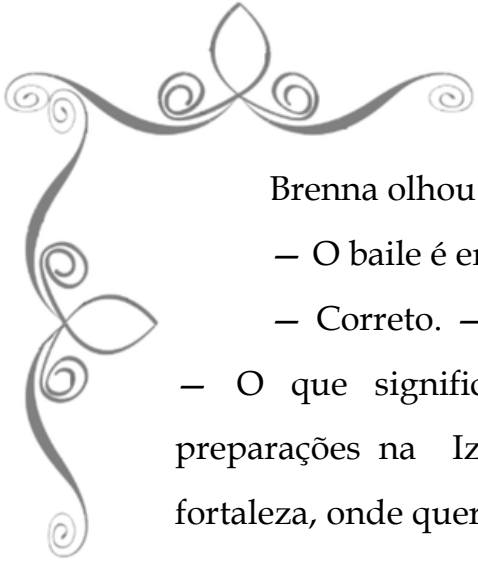
Brenna estremeceu com a lembrança da pobre garota na pista de dança, a poça vermelha em volta de seu lindo vestido e de seus cabelos dourados. Afastando a visão, recusando-se a acreditar que Helena terminaria do mesmo jeito, ela perguntou.

— Então você acredita que ela está sendo mantida em Izeling Tower?

Ele se moveu para sentar na cadeira em frente a ela, mantendo distância.

— Não. Acreditamos que ela está sendo mantida em uma fortaleza, onde outros moradores também estão sendo mantidos em cativeiro. As pessoas que eles escravizaram para alimentar seu exército crescente. Provavelmente, também é onde ele está treinando seus novos vampiros. — Ele se inclinou para frente, segurando as mãos casualmente e falando em um nível íntimo. — Mas, nós precisamos ter uma ideia de onde esta fica essa fortaleza. O Norte é muito vasto e vamos perder muito tempo se procurarmos sem pistas. Mas, um baile estará repleto da realeza dos vampiros, soldados e aristocracia humana, todos leais à coroa. Com o excesso de vinho e alegria, é provável que consigamos as informações com mais facilidade.





Brenna olhou para o convite.

– O baile é em apenas três dias.

– Correto. – interveio Grant, de sua posição agora ao lado da lareira.

– O que significa que o Rei Dominik certamente supervisionará as preparações na Izeling Tower, em vez de interrogar prisioneiros em sua fortaleza, onde quer que ela seja.

– O Rei Dominik supervisiona seus bailes? Desde quando os homens se importam com essas coisas?

Friedrich acenou com a cabeça para o convite ainda na mão.

– Porque a mãe dele, a Rainha, estará lá para fazer algum tipo de anúncio. Eu preciso estar lá também, ou eles suspeitarão.

Ela dobrou o convite no colo e endireitou sua postura.

– Certo. Então você, o sobrinho rebelde que se transformou em suspeito, planeja, de alguma forma, adivinhar onde esta fortaleza secreta bem debaixo do nariz do seu tio. Esse é o seu plano.

Uma carranca caiu sobre seu rosto quando ele se moveu de volta no sofá, colocando um braço ao longo das costas dela, como ele estava acostumado a fazer.

– Sim. Você tem outro plano?

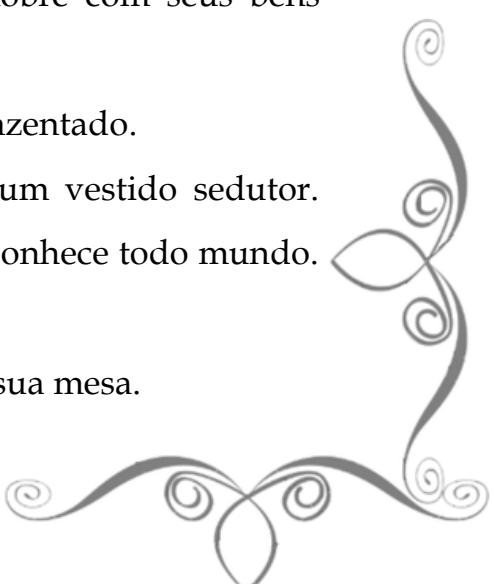
Ela alternou seu olhar entre Grant e Mikhail, que ainda mantinha silêncio, mas que certamente absorvia cada palavra.

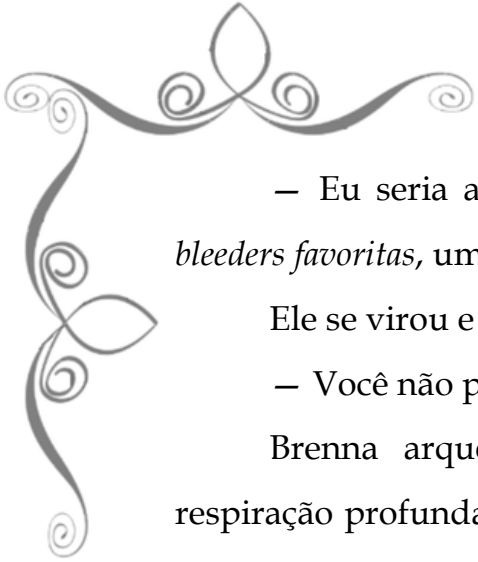
– O que você precisa é de alguém que seja desconhecido do seu tio e da realeza dos vampiros, alguém que possa distrair um nobre com seus bens femininos e obter as informações...

– Não! – Seus olhos azuis assumiram um tom acinzentado.

– Pense sobre isso, Friedrich. Eu poderia usar um vestido sedutor. Você poderia me dizer qual é o melhor alvo, já que você conhece todo mundo. Eu poderia...

– Não! – Ele se levantou e caminhou em direção à sua mesa.





— Eu seria a isca perfeita. Eu poderia fazer o papel de uma de suas *bleeders favoritas*, uma nobre fútil, interessada apenas em bailes e festas.

Ele se virou e zombou, colocando as mãos nos quadris.

— Você não poderia bancar uma dama fútil, nem que você tentasse.

Brenna arqueou uma sobrancelha para ele, antes de inalar uma respiração profunda, limpando a ansiedade de sua expressão. Ela relaxou sua postura e caminhou em direção a ele, balançando os quadris sedutoramente, sorrindo, cintilando sexo em seus olhos.

— *Oh, querido!* — ela arrastou as palavras. — *Eu simplesmente adoro seu castelo.* — Ela chegou até ele e colocou as duas mãos em seu peito, moldando seu corpo ao seu lado, acariciando seu peitoral, arrastando as mãos até seu abdômen, com um sorriso constante no lugar. — *É tão firme e forte. Assim como seu dono. Eu faria qualquer coisa para ficar dentro de sua proteção, Sua Graça.*

Friedrich olhou para ela, sem palavras, com uma expressão ilegível endurecendo seu rosto real.

Grant soltou uma gargalhada.

— Ela é boa.

— Muito boa. — acrescentou Mikhail, limpando a garganta.

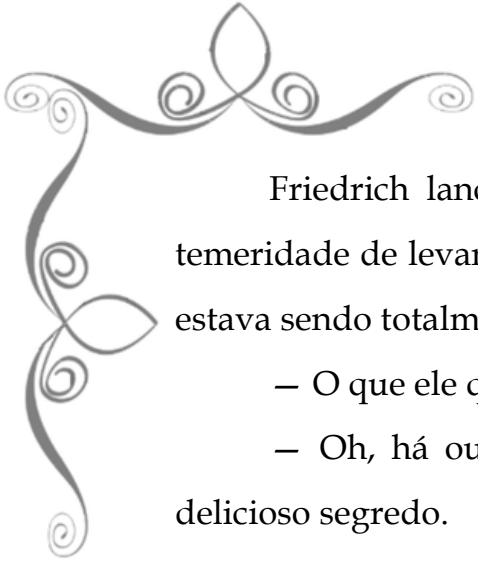
Isso pareceu quebrar o feitiço. Friedrich a agarrou pela cintura e a afastou de seu corpo.

— Independentemente de quão bem você pode usar seus encantos, você esqueceu o fator mais importante. — Fúria fervendo irradiava da linha tensa de seu corpo e os ângulos afiados de seu rosto. — Seu perfume, Senhorita Snow.

Seu estômago apertou. Ela havia esquecido.

— No segundo em que você pisar no salão de baile, meu tio reconhecerá o cheiro do White Lily em sua presença.

— Bem... — interveio Mikhail, se aproximando. — Não necessariamente.



Friedrich lançou-lhe um olhar letal. Mikhail não vacilou, mas teve a temeridade de levantar a sobancelha, de um jeito que dizia que Friedrich não estava sendo totalmente sincero.

— O que ele quer dizer com isso, Friedrich? Há outro jeito, não há?

— Oh, há outro jeito. — disse Grant, soando como o diabo com um delicioso segredo.

— Não há tempo suficiente para isso. — Friedrich estalou para eles, voltando sua atenção para longe dela. Se fosse possível esticar ainda mais sua coluna, ele poderia quebrar ao meio. — O baile começa daqui a três noites, a partir de hoje, e gastaremos metade de um dia na viagem até lá.

— Você é um Varis. — disse Grant, se desencostando da prateleira e indo em direção a porta, com a expressão sombria e séria. — Há tempo. — Ele fez uma pausa quando abriu a porta. — Eu vou preparar as crianças. Eles precisam sair hoje à noite. Não podemos nos atrasar.

— Hoje à noite? — O pânico tomou conta de Brenna. Tudo estava acontecendo tão rápido.

Mikhail deu um passo à frente, de frente para Friedrich.

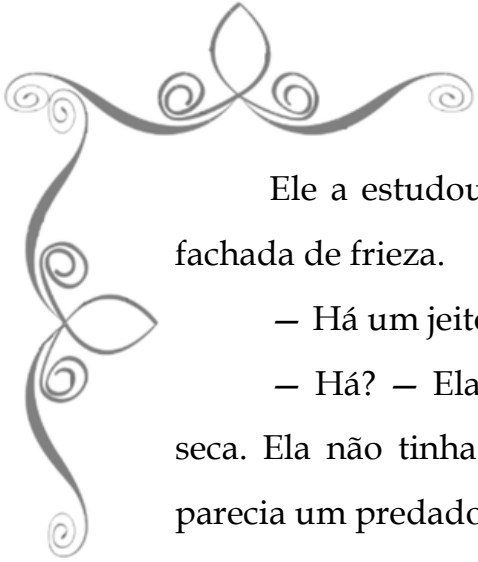
— Eu vou montar a equipe que irá escoltá-los, Sua Graça.

— Obrigado, Mikhail. Eu preciso de você e Dmitri comigo. Gregorovich vai liderar os acompanhantes das crianças.

— Sim, Sua Graça. — Ele fez uma reverência e saiu, fechando a porta atrás dele.

Brennalyn olhou para ele, com as mãos cruzadas nas costas. A tensão elétrica ondulava entre eles, embora sua expressão permanecesse dura e inflexível. Mesmo temendo a resposta, ela acabou perguntando, de qualquer maneira.

— O que eles quiseram dizer? Como eu poderia ir com você? — Ela engoliu em seco, mas não havia saliva em sua boca.



Ele a estudou com aqueles olhos frios, mas o calor fervia atrás de sua fachada de frieza.

– Há um jeito de mascarar seu perfume.

– Há? – Ela engoliu novamente. Ainda sem saliva, sua garganta ficou seca. Ela não tinha certeza se queria saber a resposta. Ele estava tão tenso, parecia um predador esperando o momento certo para atacar.

– Se eu te marcar como minha, nenhum vampiro sentiria nada além do meu cheiro em sua pele e sob ela.

Ela lambeu os lábios.

– Entendo. – O olhar dele seguia os movimentos dela. – E como você pode fazer isso?

Ele riu sombriamente.

– Oh, não, não é apenas eu. Você também precisa fazer a sua parte.

– Você está falando sobre fazer sexo.

Seu sorriso se alargou, e ela sentiu como se fosse uma carícia contra sua pele.

– Não, gatinha. Não é apenas sexo. É uma submissão completa e absoluta. Sem restrições. Sem nenhuma barreira emocional. Ou física. Nenhuma barreira entre nós. – Ele se aproximou de onde ela ainda estava congelada no lugar. Ele colocou uma mecha solta de cabelo atrás da orelha. – E isso não é tudo.

Ela piscou com força e perguntou.

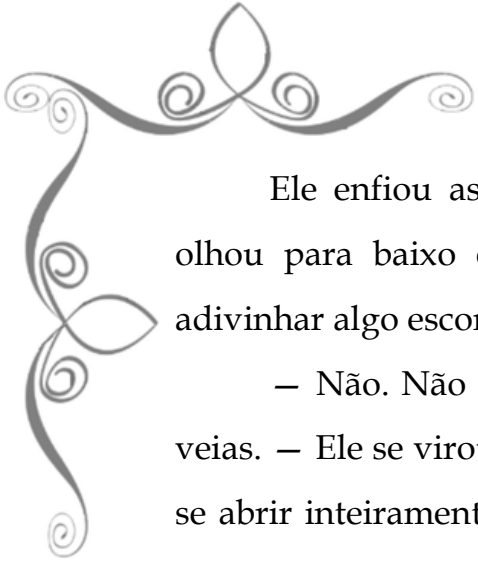
– O que mais?

– Normalmente, esse tipo de marcação ocorre naturalmente entre um vampiro e sua amante. Pode acontecer em algumas semanas ou meses, às vezes, até em alguns anos de ambos sendo amantes.

– Mas... mas nós só temos alguns dias. – ela falou.

– Correto.

– É impossível.



Ele enfiou as mãos nos bolsos e caminhou em direção à lareira. Ele olhou para baixo em profunda concentração, como se estivesse tentando adivinhar algo escondido nas chamas.

— Não. Não é. Grant estava certo. O sangue de Varis corre em minhas veias. — Ele se virou, olhando fixamente para ela, com intensidade. — Se você se abrir inteiramente para o meu corpo e para minha mordida, isso pode ser feito. Muito provavelmente levaria os próximos dois dias, exatamente até a hora em que devemos sair.

— Dois dias!

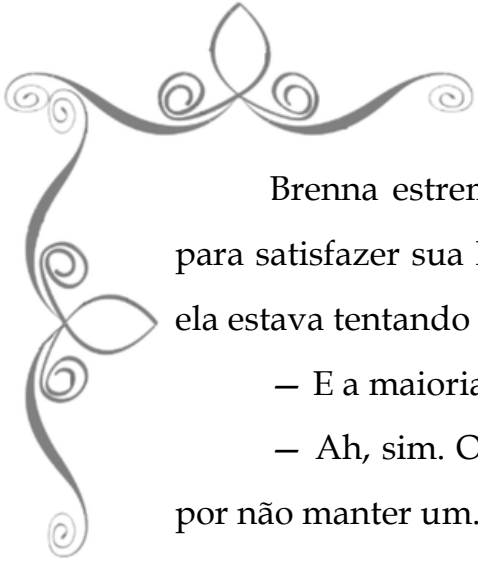
Ele a encarou, seu sorriso ardente substituindo a frieza.

— Oh, sim. Dois dias inteiros. E noites. Na minha cama.

Ela tentou absorver tudo aquilo. Dois dias inteiros - e noites - das mãos, do corpo, da boca e dos dentes de Friedrich. E sem barreiras de qualquer tipo. Seu pulso acelerou com ansiedade. Ela estava fazendo seu melhor para manter o Duque a distância, para mantê-lo longe do órgão frágil e macio sob suas costelas. A dor esmagadora que ela sentiu quando Elliott a abandonou não seria nada comparado ao que ela sentiria se se abrisse para Friedrich e ele fizesse o mesmo. O medo percorreu sua espinha, molhando sua testa, fazendo-a suar frio.

Ele se aproximou, capturando o olhar dela, mas mantendo as mãos nos bolsos.

— Eu preferiria mandar você com Gregorovich e as crianças para o campo do Black Lily. — Ele a estudou, com os ombros tensos mais uma vez, antes de respirar fundo e expirar pesadamente. — Mas, você está certa. O Rei provavelmente estará me observando. Você seria capaz de se mover no baile e falar com seus aliados mais livremente. Mais facilmente. Meu tio me conhece. Eu nunca mantenho as mesmas bleeders por muito tempo. Ele recentemente me repreendeu por não ter meu próprio harém.



Brenna estremeceu. A ideia de ele ter várias mulheres em Winter Hill para satisfazer sua luxúria por carne e sangue a deixava enjoada. Parecia que ela estava tentando engolir um cacto que estava preso em sua garganta.

— E a maioria dos nobres da realeza tem um harém?

— Ah, sim. O do meu tio é bem grande. Ele sempre me achou estranho por não manter um.

— E por que você não tem um?

— Porque eu acho essa prática repugnante. — Havia raiva por trás de suas palavras. *Ódio.*

— Se você vai exigir que eu derrube todas as barreiras, então eu exijo que você faça o mesmo. — ela disse suavemente enquanto pisava para dentro do espaço pessoal dele, colocando uma mão gentil em seu peito. — Por que você acha isso tão repugnante, quando é uma prática comum para a realeza?

A onda de raiva e dor cintilou em seu rosto. Ele cerrou o maxilar antes de ranger os dentes.

— Porque meu pai tinha um harém. Um grande, que ele continuamente aumentava, variando entre diversos tipos de mulheres. — Ele exalou um suspiro pesado. — E eu vi o que isso fez com a minha mãe.

Ela deslizou a mão até o pescoço dele.

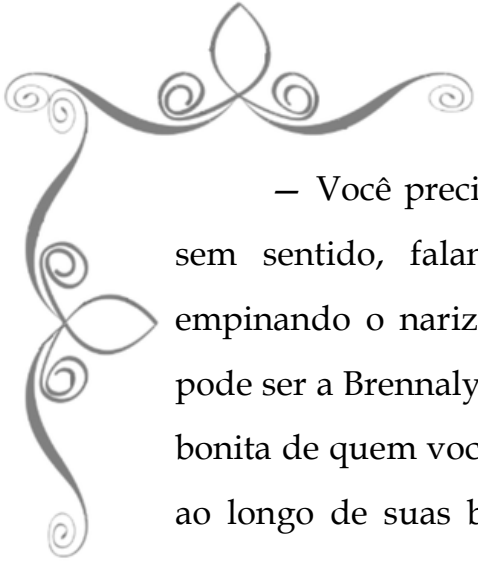
— E seu tio vai achar estranho você ter marcado alguém? Como... como sua? — Ela mal conseguia pronunciar as palavras, muito menos absorver o significado delas.

— Meu tio sempre me achou estranho, então isso pouco importa. Você simplesmente tem que fazer o seu melhor, em termos de atuação, pois você não será nada além outra aristocrata seduzindo um Duque vampiro, apenas por riquezas e poder.

Ela estremeceu com isso, mas continuou perto.

— Isso parece horrível.

Ele segurou seu rosto, enfiando os dedos em seus cabelos.



— Você precisa se misturar com os outros nobres, falando sobre coisas sem sentido, falando sobre você mesma, condescendendo com servos, empinando o nariz e esnobando qualquer pessoa menos titulada. Você não pode ser a Brennalyn. Você não pode revelar a pessoa carinhosa, compassiva e bonita de quem você é. Ou eles saberão. *Ele* saberá. — Seus polegares roçaram ao longo de suas bochechas, acariciando ternamente, mas seu aperto firme exigia seu foco. — Você pode fazer isso? Você pode deixar de lado tudo o que você é?

— Pela Helena, sim. Eu posso fazer qualquer coisa.

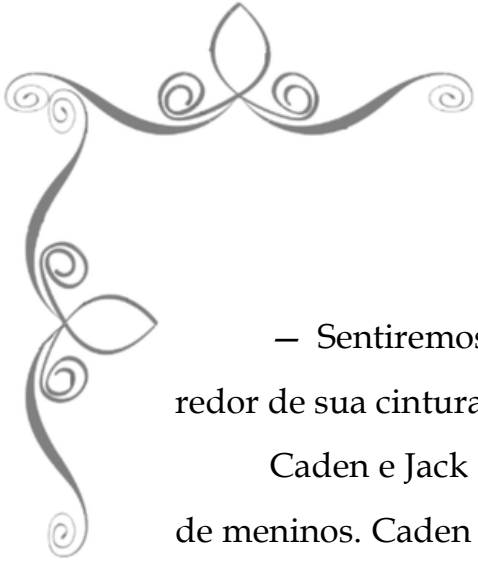
Ele se inclinou para frente e pressionou os lábios contra a testa dela, liberando uma respiração irregular.

— Fazer as coisas dessa forma, neste curto espaço de tempo... pode ser cansativo. Até esmagador, para você. Mas, prometo que vou tornar a experiência o mais agradável possível. Serei tão gentil quanto puder.

Ela queria rir, sabendo de alguma forma que essa marcação seria tudo, menos gentil. Ele iria despi-la até a alma, deixando-a nua - física e emocionalmente. E ela sabia que haveria prazer. Disso, ela não tinha dúvidas. A antecipação fez sua pulsação acelerar. Ela deixou a sensação da promessa de Friedrich envolvê-la como um manto, conforme ela colocava os braços ao redor da cintura dele e pressionava sua bochecha contra o peito dele, ouvindo seu próprio batimento cardíaco acelerado. Talvez ele também estivesse um pouco nervoso.

— Eu confio em você, Friedrich.

E ela realmente confiava.



CAPÍTULO 20

— Sentiremos sua falta, Mimi. — disse Emmett, jogando os braços ao redor de sua cintura em uma demonstração incomum de afeto.

Caden e Jack se juntaram a seu irmão, os três a engolindo em um abraço de meninos. Caden recuou primeiro, limpando duramente as lágrimas de suas bochechas.

Eles estavam em um círculo de sempre-vivas bem altas, um pouco além da saída de uma passagem secreta do lado de fora do castelo. Quando Friedrich os conduziu pelo túnel cavernoso de uma porta escondida na cozinha, os garotos estavam animados em embarcar em uma missão clandestina. Mas agora, no momento da despedida, eles estavam mal-humorados e quietos.

Era uma noite estrelada e brilhante, a lua quase cheia pairando sobre a linha das árvores, como uma intrusa, bisbilhotando. O ar estava parado, mas fresco.

Beatrice ficou de lado, usando uma máscara de coragem sobre o rosto. Brenna foi até ela e segurou sua bochecha.

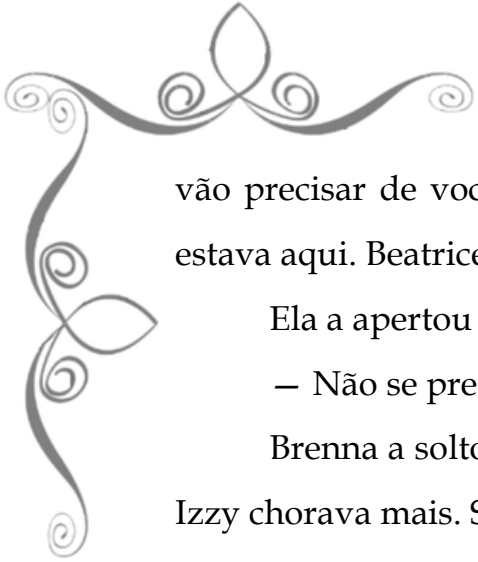
— Você vai cuidar dos meninos, não vai, Beatrice?

Seus olhos estavam vermelhos, mas ela não deixou as lágrimas se derramarem.

— Sim, Mimi. — Sua voz estava rouca. — Olog e eu fizemos bastante bolos de carne e tortas, para durar a viagem inteira. — Ela mordeu o lábio inferior.

Brenna a puxou para um abraço e sussurrou em seu ouvido.

— Sinto muito, minha querida. — Ela cheirava a farinha, fumaça de madeira e erva doce, um aroma distinto que era particular de Beatrice. — Eu estou contando com você para manter os meninos e os pequenos na linha. Eles



vão precisar de você. — Ela não precisava dizer que era porque Helena não estava aqui. Beatrice entendeu.

Ela a apertou com mais força.

— Não se preocupe, Mimi. Eu vou cuidar deles.

Brenna a soltou e se ajoelhou para Izzy e Denny, que estavam chorando. Izzy chorava mais. Seus olhos azul-celeste brilhavam com lágrimas.

— Venham aqui, vocês dois. — Ela os puxou para um abraço. Denny praticamente a sufocou, apertando-a ao redor do pescoço.

— Denny, eu não te agradeci antes, mas eu quero agradecer agora. Você foi tão corajoso quando nos disse que Helena estava com problemas. Eu quero que você trabalhe em falar um pouco mais, até que eu possa vê-lo novamente. Não deixe seu medo te impedir de se tornar o jovem que você deveria ser. — Ela se afastou e encontrou seu doce olhar de olhos escuros. — Você entende?

Ele assentiu, não mais fungando. Ele enxugou o rosto com a manga.

— Sim, Mimi. — ele sussurrou.

Ela engoliu o nó na garganta.

— Esse é o meu menino. Ficarei ansiosa para ver quanto de progresso você fez quando voltarmos a nos ver.

Izzy sibilou.

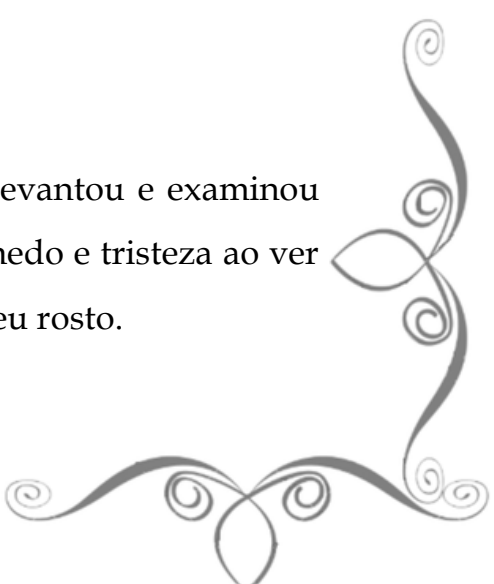
— Então, você irá nos encontrar em breve?

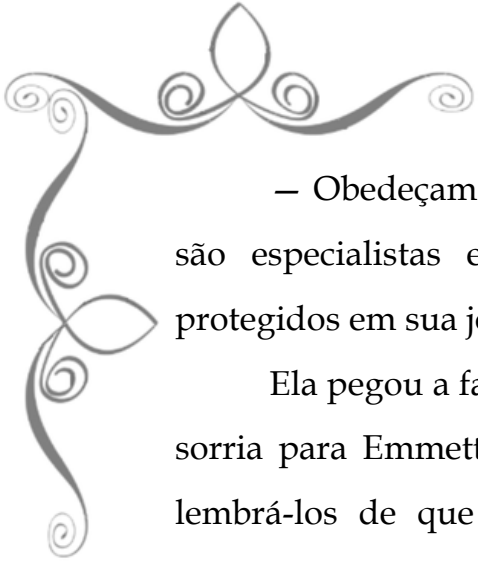
— Oh, sim, querida. — Ela beijou Izzy na bochecha. — Muito em breve. O Duque e eu vamos pegar Helena, e depois estaremos juntos novamente. Então, chega de lágrimas. Certo?

Izzy soltou um suspiro e assentiu.

— Essa é a minha menina grande e corajosa.

Brenna deu-lhes mais um abraço, em seguida, se levantou e examinou seus filhos. Faltava Helena. Sufocando a tempestade de medo e tristeza ao ver seus filhos irem embora sem ela, ela forçou um sorriso a seu rosto.





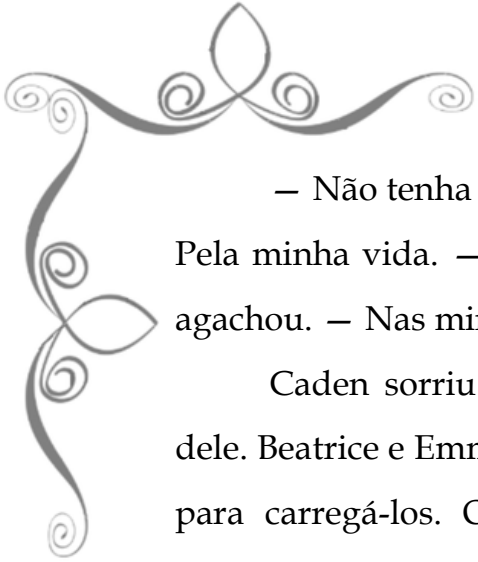
– Obedeçam aos soldados da Guarda de Sangue e tudo ficará bem. Eles são especialistas em batalhas e operações secretas. Vocês estarão bem protegidos em sua jornada.

Ela pegou a faísca de brilho de emoção nos olhos de Caden enquanto ele sorria para Emmett. Ela sabia que suas palavras iriam tirá-los da tristeza e lembrá-los de que estavam indo em uma aventura. Grant se inclinou e sussurrou algo para os meninos também, o que os fez sorrir ainda mais. Parecia que todos haviam, de certa forma, se apegado a seus filhos. Mas quem poderia culpá-los?

O círculo de doze guardas avançou. Mikhail e Dmitri também vieram para vê-los. Mikhail parecia estar dando algumas últimas palavras de instrução aos seus homens. Eles concordaram em uníssono com suas palavras silenciosas. Esse grupo de homens era uma máquina bem afiada. Eles pareciam ainda mais afinados do que os Legionários. Embora, para ser justa, sua única interação com os Legionários foi quando ainda morava em Korinth, onde eles pareciam não passar de patrulheiros noturnos, vagando pelas ruas. Ela nunca confiou neles, pois eles sempre pareciam estar recrutando mulheres bonitas para se tornarem suas bleeders.

Mas esses homens da Guarda de Sangue eram diferentes. Ela não tinha certeza se eles se alimentavam de sangue. Eram sempre tão discretos e reservados, seguindo seu próprio código de etiqueta vampírica. E, embora eles fossem a tripulação mais feroz que ela já havia visto - especialmente agora, completamente vestidos de preto, com os olhos brilhando sob o luar - ela confiava neles seus mais preciosos tesouros. Ela ainda sentia uma pontada de perda. Mas ela também suspirava aliviada, sabendo que eles não poderiam estar mais seguros entre esses homens.

Gregorovich, o soldado robusto que Friedrich havia encarregado de leva-los, se dirigiu a Brenna.



— Não tenha medo, Senhorita Snow. Eu os levarei para lá em segurança. Pela minha vida. — Ele se inclinou e deu um passo em direção a Caden e se agachou. — Nas minhas costas, garoto.

Caden sorriu como se fosse o Feriado da Colheita e subiu nas costas dele. Beatrice e Emmett também pegaram de surpresa os vampiros designados para carregá-los. Os menores foram levados no colo de seus protetores. Friedrich já havia explicado a ela que cada criança teria um protetor, e estes, um guarda para defende-los, caso eles estivessem sob ataque enquanto estavam em movimento. Eles se moveriam em velocidade de vampiro pelo tempo que fosse possível, embora a experiência possa deixar uma ou mais crianças enjoadas. Nessa velocidade, eles chegariam mais rápido a Hiddleston, uma aldeia portuária ao sudeste onde haviam contatos do Black Lily.

Izzy olhou para o rosto anguloso de seu protetor.

— Qual é o seu nome? — Ela perguntou, corajosa como sempre.

— Eu sou Aleksei. — veio o som barítono melodioso do homem embalando-a contra o peito.

— Esse é um nome *bunito*. Para um menino. Você sabia que temos a mesma cor de cabelo?

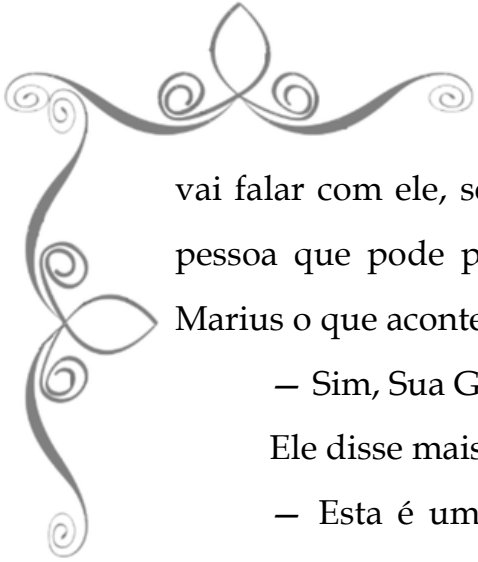
O vampiro sorriu quando ela apontou para uma longa mecha de seu cabelo loiro caindo por cima do ombro.

— De fato. Nós temos. — Ele sorriu e se juntou aos outros na fila, esperando por Gregorovich.

Brenna sacudiu a cabeça. Izzy já havia envolvido o feroz guardião em torno do seu mindinho.

Friedrich deu um passo atrás de Brenna, colocando uma mão reconfortante ao redor de sua cintura.

— Gregorovich, como eu disse antes, tenho motivos para acreditar que Marius e alguns dos soldados da Black Lily podem estar acampados perto de Hiddleston. Reporte-se ao Bull's Head quando chegar a Hiddleston. O barman



vai falar com ele, se ele estiver por lá. Ou, se não, ele vai te direcionar até a pessoa que pode providenciar a passagem de vocês. Eu já mandei dizer a Marius o que aconteceu, para que ele saiba que você estão chegando.

— Sim, Sua Graça.

Ele disse mais baixo.

— Esta é uma missão muito importante. Mais do que qualquer outra que eu já te dei.

O coração de Brenna se apertou. Friedrich estava lhe dizendo que a vida de seus filhos era mais importante do que a dele, pois a única outra missão da Guarda Sangue era proteger a vida do Duque.

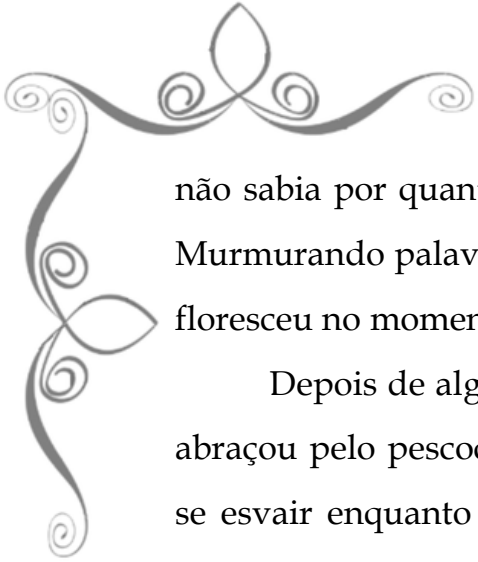
— Eu não vou permitir que nenhum mal chegue até eles. — disse ele, com uma determinação feroz iluminando todo o seu rosto sombreado, o luar brilhando no fundo escuro de seus olhos.

Então ele se moveu, se movendo tão rápido que Brenna respirou fundo. Uma fração de segundo depois, todos foram embora, deixando Brenna sozinha com Friedrich, Grant, Mikhail e Dmitri. Grant observou onde eles haviam desaparecido e deu a eles um sorriso reconfortante, antes de reentrar na longa caverna de volta ao castelo. Dmitri e Mikhail seguiram o exemplo dele, sem dizer uma palavra. Friedrich permaneceu imóvel e quieto atrás dela.

Tão silencioso. A neve imaculada brilhava como pó de fada nas árvores e no chão. A cascata de estrelas do outro lado da noite escura tremeluzia em alegre harmonia, tão incongruente com seu coração, que parecia encolher, até sumir por trás de sua caixa torácica. Batendo um lamento que só ela podia ouvir.

— É tão bonito. — Suas palavras soaram altas demais diante da serenidade da beleza do momento.

As lágrimas finalmente caíram. Friedrich a virou em seus braços, puxando-a contra a extensão de seu peito largo e a balançou suavemente, esfregando a palma da mão em círculos lentos em suas costas. Ela soluçou. Ela



não sabia por quanto tempos ele havia ficado ali. Pacientemente. Docemente. Murmurando palavras suaves e reconfortantes, acalmando a dor da perda que floresceu no momento em que seus filhos desapareceram.

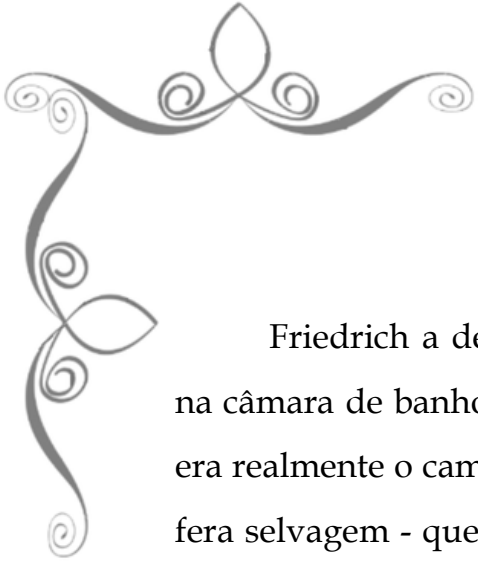
Depois de algum tempo, ele se inclinou e a pegou em seus braços. Ela o abraçou pelo pescoço e encostou a cabeça no ombro dele, deixando a tristeza se esvair enquanto ele a carregava pela caverna escura e saía pela porta de ferro dentro de uma das despensas da cozinha. Sem soltá-la, ele fechou a prateleira de painéis que ocultava a porta, ouvindo as engrenagens mecânicas girar e entalhar, travando e selando a entrada escondida.

Enquanto ele a levava pela cozinha fria e escura, tão diferente do dia em que viu a sorridente Beatrice polvilhada com farinha cozinhando ao lado de Olog, ela perguntou

— Nós já vamos começar a... — *O quê? A marcação?*

— Calma, gatinha. Eu vou cuidar de você.

Ela se afundou ainda mais contra o peito dele. A batida rítmica e forte de seu coração e seu domínio de comando a lembraram de que ela estava nos braços de um poderoso vampiro Varis, que a tratava como um tesouro. Não uma mulher quebrada para ser jogada de lado. Ela se apegou a sua promessa e deixou que ele cuidasse dela.



CAPÍTULO 21

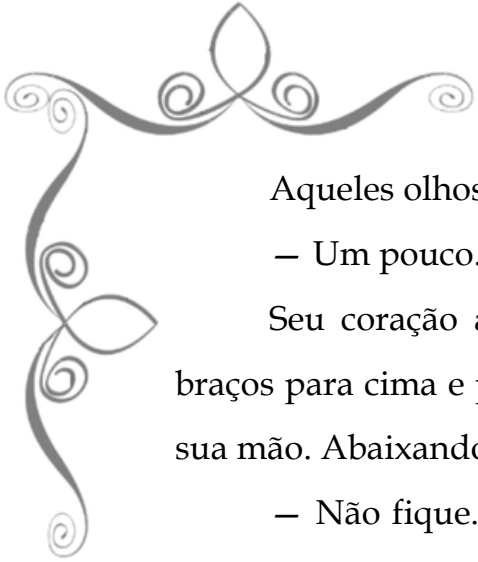
Friedrich a deixou imersa na banheira quente durante quase uma hora na câmara de banho ligada ao seu quarto. Enquanto ele se perguntava se esse era realmente o caminho certo a seguir, marcá-la sob circunstâncias forçadas, a fera selvagem - que era seu desejo por Brennalyn - andava de um lado para o outro em sua jaula. O desejo adquiriu um novo significado quando ele pensou nela; ela era como um enigma. Um mistério que confundiu seu cérebro e roubou sua alma. Que se enterrou dentro do peito dele e se recusava a ir embora. Não até que ele a possuísse... E, talvez, nem mesmo depois.

Incapaz de resistir por mais tempo, ele caminhou pelo quarto com os pés descalços, vestindo apenas as calças. Quando ele alcançou a maçaneta, a porta se abriu. Vestindo a camisola e o roupão de seda que ele lhe dera - pois foi só o que ele deixou no quarto para ela vestir - ela levantou os olhos de cílios escuros, embaçados pelo banho fumegante. Nenhum sinal de lágrimas, mas alguns de ansiedade. E por uma boa causa.

O olhar dela percorreu seu peito, até seu abdômen e desceu ainda mais, obviamente notando a extensão de sua excitação, apesar da escuridão da sala. O brilho tranquilo da lareira cintilava ao fundo, junto com a luz do candelabro ao lado de sua cama, lançando-o em uma silhueta escura. O que quer que ela pudesse ver no canto sombrio onde eles estavam, a agradava. Suas pupilas se dilataram e seu pulso acelerou ritmicamente, conforme seu olhar fez percorreu o ambiente.

Satisfeito com sua admiração, ele pegou a mão dela e a guiou até o pé da cama. Sem uma palavra, ele desamarrou a faixa do roupão e o tirou dos ombros, deixando-o cair no chão. Ela permaneceu em nada além de sua camisola transparente, tremendo.

— Você está com medo? — Ele perguntou.



Aqueles olhos escuros e arregalados o encararam.

— Um pouco. — ela admitiu.

Seu coração apertou. Tão honesta. Tão vulnerável. Ele acariciou seus braços para cima e para baixo, aquecendo a superfície sedosa com a palma de sua mão. Abaixando a cabeça, ele sussurrou contra seus lábios.

— Não fique. — Depois de um beijo íntimo, onde ele invadiu os lábios dela e acariciou sua língua com a dele até que ela gemeu, ele se afastou. — Vire-se.

Ela obedeceu, de frente para sua cama enorme, envolta em cortinas prateadas e cobertas com uma colcha de veludo cor azul-da-meia-noite.

Ela se apoiou no espesso pilar da cama, e a visão de seus dedos delicados e pálidos envolvendo a madeira dura o fez gemer quando ele puxou as fitas de sua camisola dos ombros e a observou deslizar suavemente para o chão, expondo a linda curva de sua coluna e sua bunda perfeita, suas mechas negras onduladas perto de seu quadril e as duas covinhas na parte baixa de suas costas. Ele fantasiou sobre isso por tanto tempo, ele queria mergulhar em cada centímetro dela, antes de cobrir seu corpo com o dele.

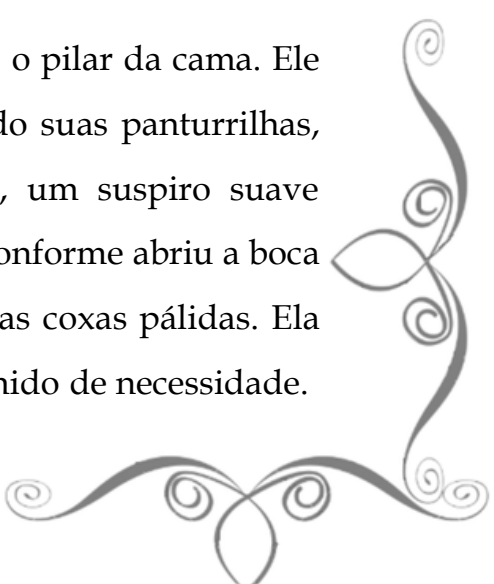
Ele se agachou atrás dela.

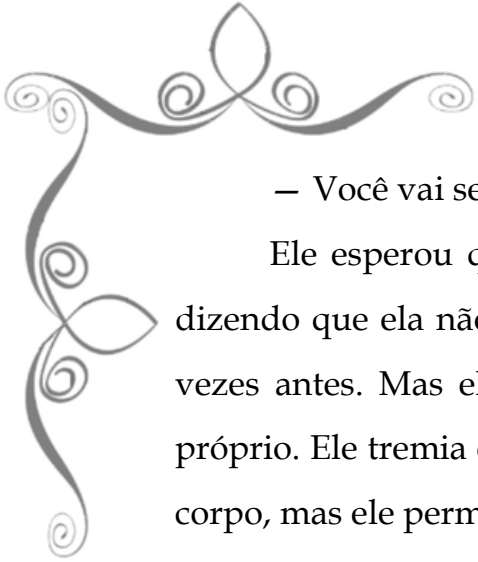
— Levante a perna.

Ela o fez, permitindo que ele tirasse a camisola de seus tornozelos.

— Agora a outra. — Ele a jogou em algum lugar nas sombras, mas permaneceu atrás dela de joelhos, suas mãos acariciando de seus tornozelos até suas panturrilhas, sem pressa alguma.

Ela olhou por cima do ombro, apertando com força o pilar da cama. Ele arrastou as pontas dos dedos pela perna dela, acariciando suas panturrilhas, bem na parte de trás de seus joelhos. Ela estremeceu, um suspiro suave escapou de seus lábios. Ele ergueu os olhos para os dela conforme abriu a boca e deu um beijo de sucção na parte de trás de uma de suas coxas pálidas. Ela mordeu o lábio inferior, suprimindo parcialmente um gemido de necessidade.





— Você vai ser minha mulher, Brennaly Snow. Depois desta noite.

Ele esperou que ela protestasse, recusasse sua reivindicação sobre ela, dizendo que ela não pertencia a homem nenhum, como ela havia feito várias vezes antes. Mas ela não o fez. E isso selou seu destino. Bem como o dele próprio. Ele tremia com a luxúria quente e a súbita necessidade de invadir seu corpo, mas ele permaneceu de joelhos, venerando e adorando sua beleza.

— Solte o pilar da cama. — ele ordenou, com a voz grossa e as presas salientes.

Hesitante, ela soltou. Com as mãos gentis, ele agarrou seus quadris e a virou, em seguida, a empurrou para cima da cama.

— Incline-se para trás e coloque as palmas das mãos na cama. — Movendo-se muito mais devagar, ela o obedeceu.

Ele colocou as mãos ao longo de seu corpo, mergulhando os dedos em sua cintura fina e subindo até os ossos de suas costelas, passando pelos seus seios e depois voltando para baixo, permitindo que suas mãos e olhos se banquetearassem com a beleza extraordinária desta mulher. Seus cabelos pretos e ondulados caíam sobre os seios, formando um forte contraste contra sua pele pálida de lua. Ele deslizou as mãos sobre sua pele sedosa, seus quadris e coxas. Ela soltou um som abafado, a respiração se tornando irregular.

Ele beijou a parte da frente de uma das coxas, arrastando a boca lentamente. As pernas dela tremiam.

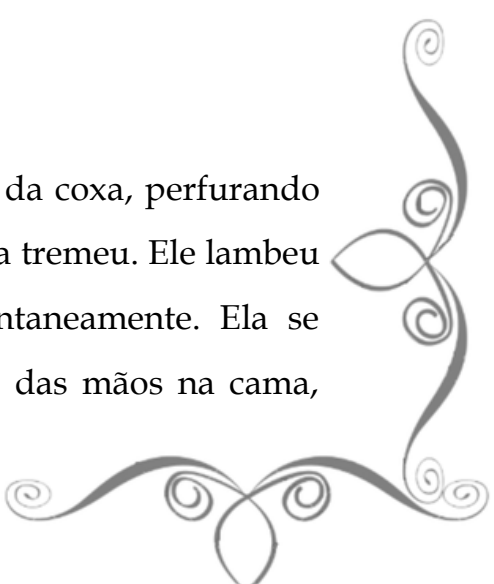
Ela tentou se levantar.

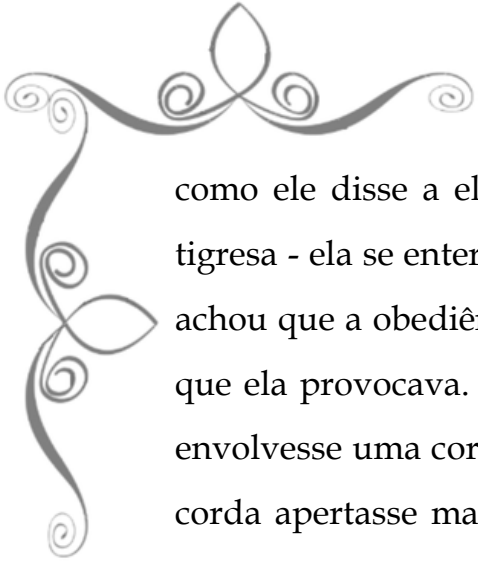
— Friedrich. — ela protestou em um sussurro.

Ele agarrou seus quadris com mais força.

— Mãos na cama, gatinha.

Ele cortou sua pele com uma das presas, na altura da coxa, perfurando apenas o suficiente para lhe dar um gosto de seu elixir. Ela tremeu. Ele lambeu a pequena gota de sangue, curando o arranhão instantaneamente. Ela se inclinou para trás com um suspiro e achatou as palmas das mãos na cama,





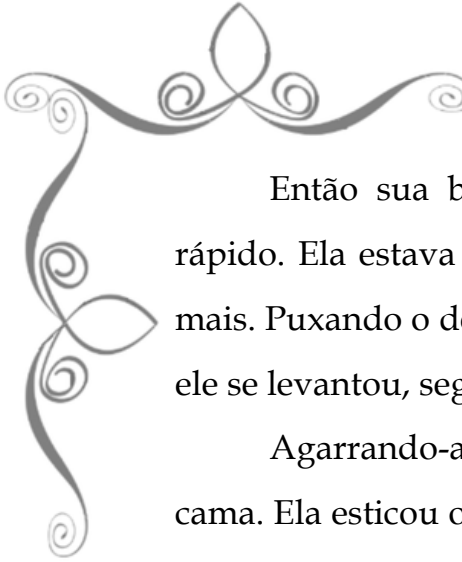
como ele disse a ela. Toda vez que ela lhe obedecia - sua selvagem e feroz tigresa - ela se enterrava mais profundamente dentro dele. *Era tão estranho.* Ele achou que a obediência dela lhe daria mais controle sobre ela e essas emoções que ela provocava. Mas, ao invés disso, teve o efeito oposto. Era como se ela envolvesse uma corda em torno de suas costelas e a cada doce submissão essa corda apertasse mais, prendendo-o completamente. Ele desejou que pudesse apenas jogá-la na cama, fodê-la com força, então deixá-la ir, como ele fazia com todas as outras. Mas ele soube - antes de sequer tocar seu corpo, no mais profundo de sua alma - que, uma vez dentro dela, estaria perdido para sempre. E ele não poderia se importar menos. Nada poderia detê-lo agora. E sabendo que esse seria um ritual de marcação - uma longa e erótica viagem de prazer, onde ela deveria se render a ele, em todos os sentidos, e ele a ela - fez seu pau engrossar e endurecer ainda mais.

O aroma de sua excitação ardeu em seus pulmões, fazendo-o flexionar cada músculo de seu corpo com moderação. Ele deslizou as mãos até o meio de suas pernas e abriu os lábios de sua boceta com os polegares. Ela se encolheu quando sentiu seu beijo íntimo, sua respiração falhando em cada exalação. Ele arrastou a língua em traços longos, antes de se aprofundar em sua boceta encharcada, fechando os lábios e chupando com sucções suaves. Ela cerrou os punhos no cabelo dele e balançou a pélvis para frente, dando-lhe mais acesso a seu clitóris sensível. Ele precisava de seu corpo mole e relaxado. Pois ela era pequena e ele era um homem grande.

— Friedrich ... por favor.

Ela aumentou ainda mais o aperto em seus cabelos, machucando levemente seu couro cabeludo. Ele riu, mas não parou. Ele manteve a boca onde estava, deslizando um dedo comprido dentro dela e bombeando em movimentos suaves.

— Você vai acabar me matando com a sua boca. — ela disse, em um suspiro ofegante.



Então sua boceta contraiu de uma só vez, pulsando em um clímax rápido. Ela estava tão apertada. Seu pau estava latejando. Ele não aguentava mais. Puxando o dedo para fora e lambendo uma última vez, a fazendo gemer, ele se levantou, segurando suas coxas macias e abrindo suas pernas.

Agarrando-a pelos quadris, ele puxou a bunda dela para a beira da cama. Ela esticou os braços e cerrou os punhos no veludo, quando ele deslizou seu pau para cima e para baixo em sua boceta molhada, se preparando. Plantando uma mão acima do ombro dela, ele se inclinou. Imediatamente, suas mãos foram para o peito dele, deslizando os dedos delicados sobre os músculos definidos de seu abdômen e sobre seu peitoral. Ela arrastou a palma da mão sobre os mamilos endurecidos dele e ele gemeu. Ela sorriu, depois fez de novo.

— Como você pode ser tão musculoso sendo um Duque?

Ele diminuiu seus movimentos baixos, ficando fascinado com a exploração suave que ela fazia por seu peito e abdômen.

— Eu não sou tão musculoso. — ele disse entre respirações pesadas.

— Você é forte como um ferreiro ou algo assim.

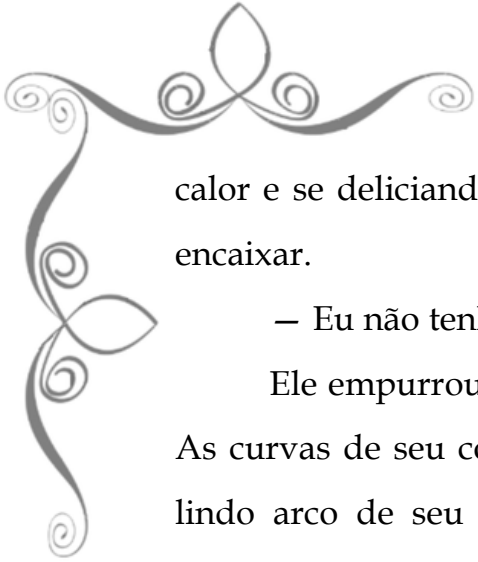
— Você está de olho no ferreiro, Senhorita Snow?

— Não, Sua Graça. — Seus dedos se arrastaram para baixo em direção a seus quadris. — Eu só tenho olhos para você. — Ela arregalou os olhos e abriu a boca, surpresa por sua própria confissão.

— Você... — ela começou a falar, mas parou, respirando com dificuldade.

Mantendo os pés firmemente plantados no chão acarpetado, ele cutucou sua boceta com a cabeça de seu pênis e apertou seus quadris, amando suas curvas suaves.

— Não se preocupe, gatinha. — Inclinando-se sobre ela e apoiando seu peso em um braço, ele a penetrou apenas alguns centímetros, absorvendo seu



calor e se deliciando com seu aperto, sua boceta se esticando. — Eu vou me encaixar.

— Eu não tenho tanta certeza. — ela murmurou.

Ele empurrou mais um pouco, então ela parou de falar completamente. As curvas de seu corpo roubaram sua atenção, sufocando sua respiração - O lindo arco de seu pescoço, seus lábios carnudos e entreabertos, os braços estendidos, os punhos cerrados, os seios fartos e os mamilos rosados, o movimento de respiração afundando seu abdomen, suas pernas brancas dobradas e espalhadas. Ele mal podia imaginar a beleza dela sob o êxtase total, até que ele a viu ali, exposta para ele. E tão inacreditavelmente bonita.

— Pelo amor de Deus, Friedrich. — Ela agarrou seus ombros e cravou as unhas nele. — Se mexa. — Ele avançou em um longo deslize, até que sua pélvis atingiu sua parte interna das coxas dela, seu corpo enterrado dentro dela, num aperto delicioso. Demorando um momento a mais até que ela se acostumasse com o tamanho dele, enquanto o suor se acumulava em sua testa, ele deslizou o polegar através de seus pelos, encontrando seu clitóris inchado.

— Oh, meu Deus! — Ela sorriu de novo, como uma raposa astuta.

Ele reprimiu palavrão e se abaixou até estar esmagar os seios dela contra seu peito.

— Exatamente o que eu diria, querida.

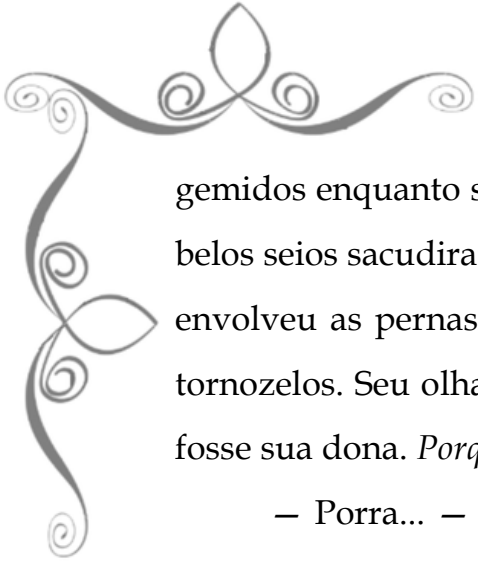
Deslizando os lábios contra os dela, ele bombeou de volta, amando o gemido que o movimento evocou de sua garganta.

— Menos conversa, mais ação. — ela exigiu.

— Foi você que...

Ela segurou seu rosto e o beijou profundamente, sacudindo a língua docemente, um de seus calcanhares deslizando pela parte de trás de sua coxa.

Ele endireitou a coluna e deu à tigresa o que ela queria, entrando e saindo de seu doce corpo como se fossem feitos um para o outro, encontrando um ritmo escorregadio que era unicamente deles. Ela ofegou pequenos



gemidos enquanto se balançava para encontrar seus impulsos poderosos. Seus belos seios sacudiram com cada mergulho profundo de seus quadris. Então ela envolveu as pernas ao redor da parte inferior das costas dele, travando seus tornozelos. Seu olhar tímido mudou, se concentrando nos olhos dele, como se fosse sua dona. *Porque ela fodidamente era.*

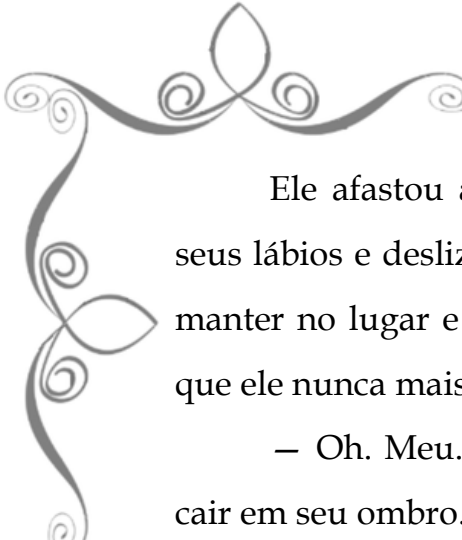
— Porra... — ele murmurou. Com uma necessidade urgente, ele passou os braços atrás das costas dela e a levantou pelo tronco, esmagando-a mais contra o ele. Suas coxas estavam apoiadas contra a cama, mas ele aguentou seu peso facilmente. Levantando-a em seus braços, ela assumiu o ritmo e rebolou em círculos em cima dele. Segurando-a pela bunda, ele mostrou a ela o que significava ser amante de um vampiro. Ser amante dele. Seus seios inchados pressionaram contra seu peito duro, seus mamilos tensos deslizando contra ele enquanto ele ficava ali, parado, fodendo-a até a exaustão, usando cada músculo de seu corpo.

Ela jogou a cabeça para trás e sorriu, cravando as unhas nele, arranhando-o ombro acima. Ele gemeu e bombeou com mais força, enchendo-a completamente. Ela fechou o punho em seu cabelo novamente, puxando o rosto dele em direção ao seu pescoço arqueado. Ele não precisava de mais instruções.

Com uma lambida de sua pele salgada, ele mergulhou suas presas profundamente, bebendo na ambrosia que era Brennalyne. Escura e doce, o gosto de sua flor da noite saturava seus sentidos.

— Friedrich! — ela gritou seu nome quando gozou, sua vagina pulsando em vibrações selvagens, apertando-o com força.

Ele gemeu, sugando seu sangue profundamente, bebendo dela, se saciando e bombeando ainda mais forte, até seu pênis engrossar e gozar fortemente. Ela gritou de novo, chegando novamente ao orgasmo enquanto ele mesmo se desfazia dentro dela.



Ele afastou a cabeça para trás, sentindo um fio de sangue escapar de seus lábios e deslizar pelo queixo, incapaz de fazer qualquer coisa além de se manter no lugar e continuar com seu pênis enterrado tão fundo dentro dela, que ele nunca mais seria capaz de deixá-la ir.

— Oh. Meu. Deus. — ela sussurrou em seu ouvido, deixando a cabeça cair em seu ombro.

Mantendo um aperto firme sobre ela, não querendo se separar de seu corpo, ele rastejou de joelhos na cama e foi até os travesseiros, caindo com ela, em seguida, rolando de costas com ela em cima dele. Ambos ofegando, ela começou a sair de cima dele.

— Não. — Ele a pegou pelos quadris. — Ainda não.

Ela se apoiou uma das mãos no colchão.

— Você é mesmo muito forte.

Ele sorriu.

— Você percebeu?

Isso fez com que ela sorrisse genuinamente. Seu peito inchou ao ouvir esse som adorável.

— Você é mesmo muito linda.

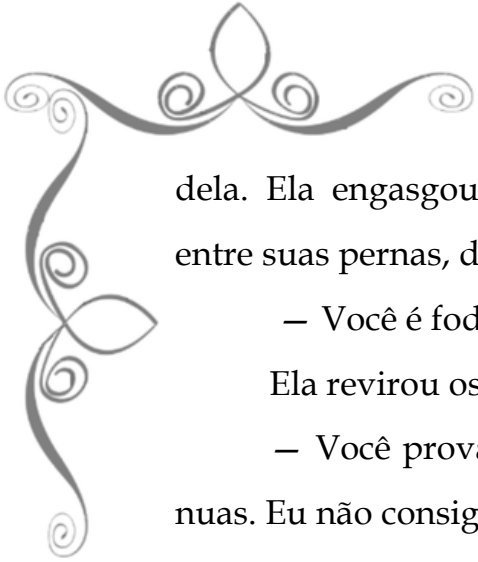
Seu sorriso diminuiu. Ela encolheu os ombros pálidos.

— Eu estou um pouco acima do peso.

Ele franziu a testa.

— Você está completamente louca! — Suas mãos percorreram as curvas redondas de seus quadris e ele apertou levemente, antes de arrastar as mãos até a parte inferior de suas costas e ao longo da curva de sua espinha. — Eu adoro seu corpo.

Ela abriu a boca para dizer alguma coisa, talvez até protestar. Seus dedos delicados estavam desenhando pequenos círculos no peito dele. Ela era capaz de coloca-lo em transe com aqueles dedos minúsculos, mas ele precisava que ela entendesse algo, alto e claro. Ele a rolou, retirando seu pau de dentro



dela. Ela engasgou quando ele pairou acima, plantando uma coxa pesada entre suas pernas, de braços esticados para que ele pudesse vê-la melhor.

— Você é fodidamente a mulher mais linda que eu já vi.

Ela revirou os olhos.

— Você provavelmente já viu dezenas, talvez até centenas de mulheres nuas. Eu não consigo acreditar que você esteja me dizendo a verdade.

— Eu posso ser um nobre convencido e um idiota arrogante, de vez em quando, mas eu não sou um mentiroso.

— Friedrich. — ela disse, docemente. — Eu já aceitei dormir com você. Você não precisa mais me elogiar. Eu sou pequena, robusta e estou bem com isso.

Ele deslizou entre suas pernas, até que ela pudesse sentir que ele estava pronto para ela novamente.

— Você é delicada. E é perfeita.

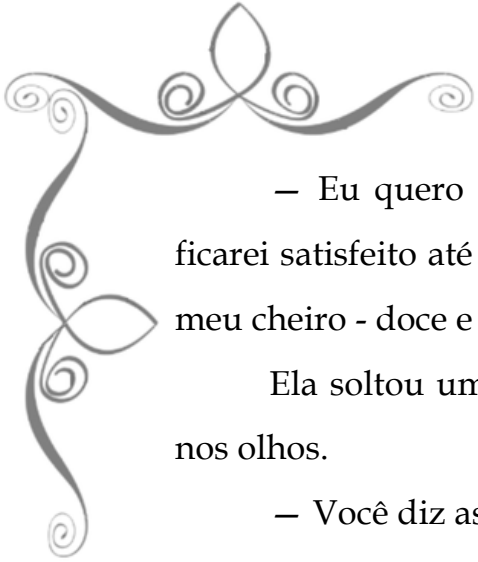
— Oh... — foi tudo o que ela conseguiu dizer, porque ele rapidamente empurrou dentro dela novamente. — Eu não sabia que...

— Sim. Eu sei que você não sabia. Porque você nunca esteve com um homem de verdade. Agora você está comigo. E eu vou te dar muito prazer, venerando seu belo corpo, até que você se sinta como a deusa que você é.

Ele bombeava devagar agora, dando a ela um longo e doce deslizar de seu pênis grosso, esfregando com força quando sua pélvis encontrava com a dela. Ela emaranhou os dedos em seus cabelos, com os olhos meio fechados.

— Quer saber uma coisa sobre a qual eu venho fantasiando há algum tempo? — Ele sussurrou contra os lábios dela, sugando e mordiscando suavemente, sem romper a pele.

— O que? — Ela perguntou, plantando os pés na parte de trás de suas coxas fortes e balançando os quadris para cima, para encontrá-lo.



— Eu quero lambar cada centímetro do seu delicado corpo. E eu não ficarei satisfeito até que tudo que eu possa cheirar ou provar em você tenha o meu cheiro - doce e forte - uma mistura perfeita de almíscar e mel.

Ela soltou uma risada nervosa contra os lábios dele, incapaz de olhá-lo nos olhos.

— Você diz as coisas impertinentes demais para um Duque.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Quantos Duques você conheceu?

Ela olhou para cima como se estivesse tentando lembrar.

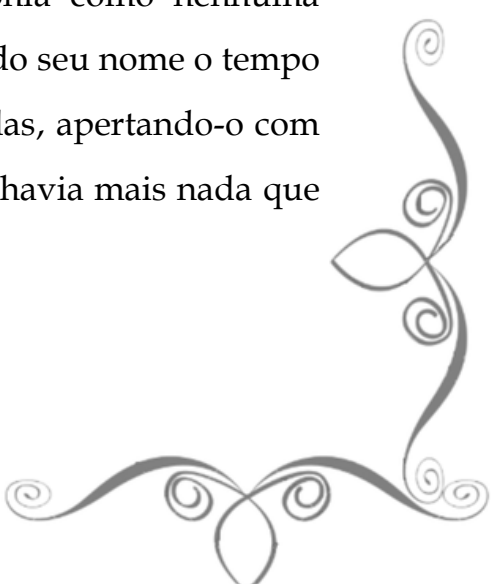
— Nenhum, além de você.

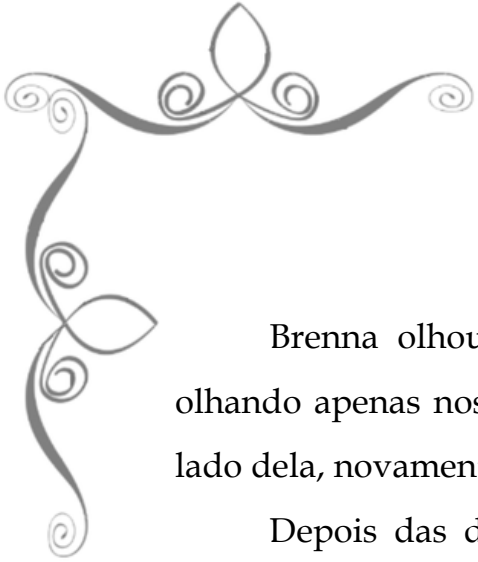
Ele sorriu, ondulando o corpo em um ritmo lento.

— Talvez todos os Duques digam coisas impertinentes.

— Não. — Seu tom caiu, ficando sombrio e extremamente honesto. Seus olhos escuros - como belos poços castanhos e profundos - poderiam tê-lo puxado para o inferno... e ele teria ido, com prazer. Ela sussurrou hesitante, como se não tivesse certeza de que deveria dizer em alto e bom som suas próximas palavras. Pois eram o tipo de palavras que poderiam suavizar os corações mais endurecidos. — Não há ninguém como você.

Ele fechou os olhos e se aninhou em seu cabelo negro, penetrando mais fundo dentro dela, até que ele estava perdido em suas próprias sensações, flutuando em um lugar onde ele nunca esteve e de um lugar que ele nunca quis voltar. Ele empurrou e pressionou enquanto ela balançava para cima e para baixo, encontrando o ritmo perfeito, uma harmonia como nenhuma outra. Ele se perdeu ainda mais sob seu feitiço, sussurrando seu nome o tempo todo, e sentindo a corda invisível em torno de suas costelas, apertando-o com tanta força que já não havia mais necessidade de ar. Não havia mais nada que ele não compartilhasse com Brennalyne.





CAPÍTULO 22

Brenna olhou para o homem deitado ao lado dela, que não estava olhando apenas nos olhos dela, mas para ela inteira. Ele alcançou o prato ao lado dela, novamente.

Depois das duas primeiras vezes em que fizeram sexo, ele a deixou dormir por um curto período de tempo. Ela acordou e foi levada a câmara de banho, onde ele a colocou em um segundo banho quente. Desta vez, ele mesmo se ocupou em lavar seu corpo - gentil e completamente. Ele saiu por um tempo e depois voltou para ajudá-la a se vestir e ir para a cama. Ele trouxe para ela um copo de água e um prato com frios, carne, pão e cerejas de inverno adocicadas, nos tons mais profundos de vermelho e roxo.

E ele insistiu em alimentá-la. Em vez de lutar contra esse homem teimoso, ela deixou que ele o fizesse, porque ele parecia estar aproveitando um pouco demais esse cuidado todo. Quando ele colocou outra cereja em sua boca, ela saboreou a doçura fria, antes de mastigar e engolir. Ele parecia fascinado pelo movimento de seus lábios, mandíbula e garganta.

— De onde será que Olog consegue colher essas cerejas? Mesmo os frutos de inverno não crescem quando a neve está tão forte.

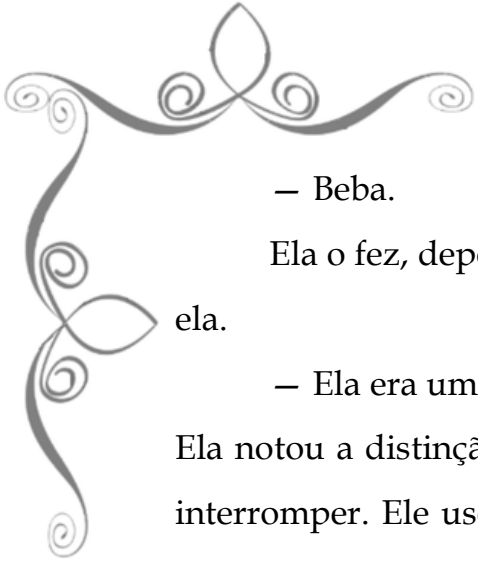
— Ele tem um pequeno jardim em uma estufa, ao lado dos estábulos do sul.

— Outro segredo de Winter Hill.

Emoções sombrias rodavam nas profundezas azuis daquele olhar. Ela deve ter tocado em um assunto delicado ao falar sobre os segredos guardados ali. A intimidade que eles compartilharam na suave luz das velas a encorajou.

— Você vai me falar sobre sua mãe?

Ele pegou a taça de vinho na mesa de cabeceira atrás dele e entregou a ela.



— Beba.

Ela o fez, depois devolveu. Esperando. Desejando que ele se abrisse para ela.

— Ela era uma mãe gentil e compassiva comigo quando eu era jovem. — Ela notou a distinção ‘quando ele era jovem’, mas não disse nada, para não o interromper. Ele usou o fundo de apoio da taça de vinho para abrir a aba do roupão de seda dela, depois apoiou o fundo redondo em sua barriga. O copo frio proporcionou uma sensação íntima e maravilhosamente fria em sua pele nua. — Quando eu tinha dez anos, meu pai não deixava que eu passasse muito tempo com ela.

Brenna franziu a testa.

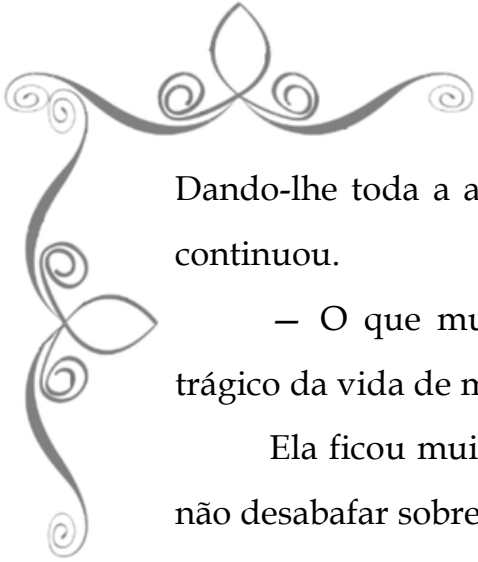
— O que você quer dizer? Como assim você não podia passar muito tempo com ela? Ela era sua mãe.

Ele encontrou seu olhar com um sorriso um tanto sarcástico surgindo em sua boca.

— Naquela idade, ele queria que eu aprendesse as habilidades de um homem. Para me tornar um homem. Ele achava que o amor dela estava me deixando mole. Então, eu fui transferido do meu quarto de dormir na Torre de Pérola, perto do dela, para o lado mais distante do castelo. Meus dias foram preenchidos com esgrima, lutas e com aulas de arte e ensinamentos sobre as políticas do Reino. E, no meu tempo livre, eu podia ler, mas nunca praticar minha arte. — Ele deslizou a ponta do vidro até o vão entre suas costelas e seios, abrindo ainda mais as abas do roupão. Ela ofegou e prendeu a respiração. — Como você pode ver, desenho e arte eram um hobby para meninos. Não para os homens.

— Oh, Friedrich. — Ela segurou sua mandíbula, a barba curta de um dia espetando as pontas de seus dedos.

Ele se inclinou para trás, para a mesa de cabeceira, afastando-se para colocar o copo de vinho ali, antes de rolar de volta e pegá-la pela cintura.



Dando-lhe toda a atenção, revelando a tristeza que muitas vezes pesava, ele continuou.

– O que muitas pessoas não sabem é como tudo isso levou ao fim trágico da vida de meus pais.

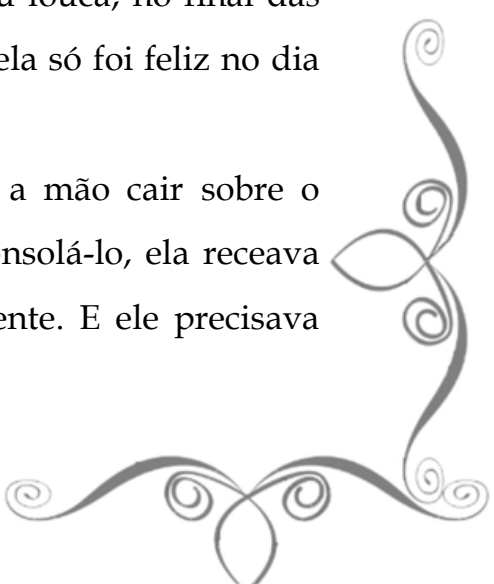
Ela ficou muito quieta, com medo de que ele pudesse mudar de ideia e não desabafar sobre a tragédia que tão obviamente ainda o assombrava.

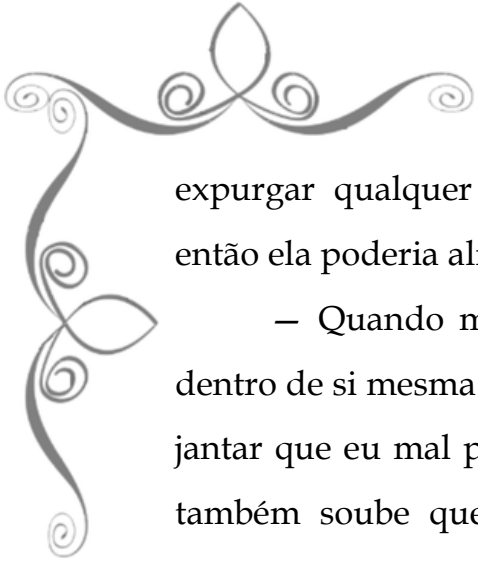
– Meu pai mantinha um Harém de Sangue bem abastecido, como eu já disse antes. Ele não fez nenhum esforço para esconder quantas vezes ele as visitava, levando uma nova mulher para sua cama todas as noites, mas só depois de termos tido uma refeição familiar respeitosa, em torno da mesa, juntos. Ele dava um beijo casto de boa noite em minha mãe, a mandava para o quarto na Torre de Pérola, depois passeava pelo corredor onde ele mantinha suas mulheres. Eu era jovem, mas não idiota. Nossa "família feliz" era uma farsa.

Ele puxou uma longa mecha de seu cabelo que caiu sobre um ombro, entrelaçando-o em torno de um dedo. Tão gentilmente. Ela permaneceu quieta enquanto ele passeava pelos corredores frios de seu passado sombrio.

– Eu notei que minha mãe ficava mais e mais retraída. Você tem que entender que o casamento deles não foi por amor. Embora meu pai parecesse bastante devoto a ela, ele continuou aumentando seu harém pelas aldeias vizinhas. Minha mãe não podia entrar em Terrington sem que as pessoas sussurrassem sobre a pobre Duquesa de Winter Hill. Mas eu acho que foi a farsa que ele forçou todos nós a interpretar que a deixou louca, no final das contas. Mais tarde, depois da morte deles, eu soube que ela só foi feliz no dia em que eu nasci.

Ele fez uma pausa, fechando os olhos, deixando a mão cair sobre o ombro dela. Embora Brenna ansiasse por acalmá-lo e consolá-lo, ela receava que qualquer toque lhe trouxesse de volta para o presente. E ele precisava





expurgar qualquer pecado que tão frequentemente nublava seu olhar. Só então ela poderia aliviar sua dor.

— Quando meu pai levou essa felicidade para longe dela, ela recuou dentro de si mesma. Ela ficou deprimida, seus olhos eram tão vazios durante o jantar que eu mal podia esperar que todas as refeições acabassem. Depois eu também soube que ela o havia impedido de visitar sua cama, nos raros momentos em que ele sentia desejo por ela.

Ele passou o polegar pela curva do ombro dela.

— Então, uma noite, ela foi até ele depois de ter bebido um frasco de ouro derretido, o seduziu e o mordeu. Ambos foram encontrados mortos na manhã seguinte. Os travesseiros estavam encharcados de sangue e os lençóis brilhavam com manchas de ouro.

— Oh, meu Deus, Friedrich. — Ela apertou a mão de leve contra o peito dele, alisando carinhosamente. — Eu sinto muito pelo que você sofreu.

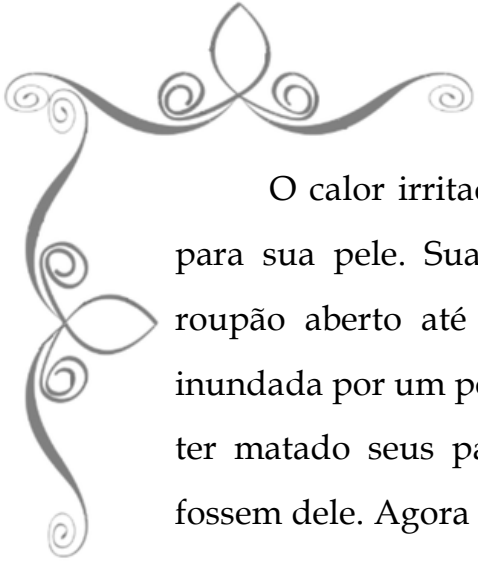
— Eu não apenas sofri, Brenna. Eu também causei o sofrimento.

— Como você pode pensar uma coisa dessas?

— Você não vê? Eu a negligenciei. Eu ignorei o fato de que ela precisava de mim. Eu poderia ter desafiado meu pai. Mas não... Eu estava enclausurado no meu próprio mundinho, sem me preocupar com qualquer outra pessoa além de mim mesmo.

Brenna de alguma forma conseguiu se levantar e empurrá-lo de costas. Montada sobre ele, ela segurou o rosto dele em suas mãos.

— Preste bem atenção, Friedrich. — Sua mandíbula cerrada parecia uma pedra entre as palmas das mãos dela. — Se há uma coisa que eu entendo, são crianças. Você era uma *criança*. O filho único de um pai dominador e exigente. Todos os filhos querem agradar a seus pais, quer os odeiem ou não. Então, você só fez como lhe foi dito. Você não teve nenhuma influência na morte de sua mãe ou de seu pai. Foi uma tragédia fadada além do seu controle. Você me entendeu?



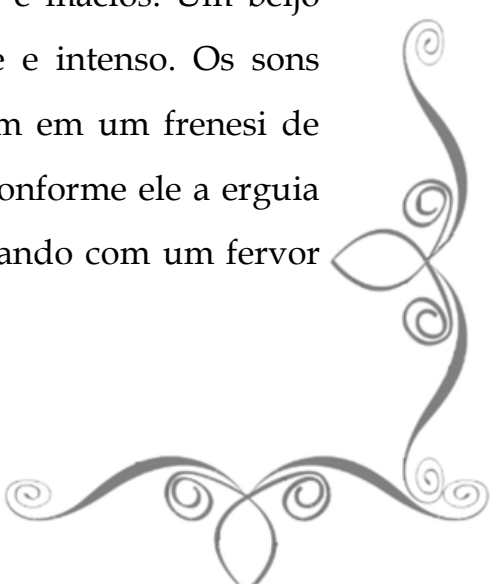
O calor irritado corou suas bochechas e pescoço, atraindo o olhar dele para sua pele. Suas mãos deslizaram por baixo da seda brilhante de seu roupão aberto até os quadris, os dedos se contraindo com força. Ela foi inundada por um poço de simpatia, afeição e adoração pelo garoto que pensou ter matado seus pais e pelo homem que carregava seus pecados como se fossem dele. Agora ela sabia porquê ele não tinha um Harém de Sangue, como todos os outros da realeza que ela já ouviu falar ao longo da história. Ele não repetiria os erros do pai. O Duque vampiro charmoso e libertino era ainda mais nobre do que ela pensava.

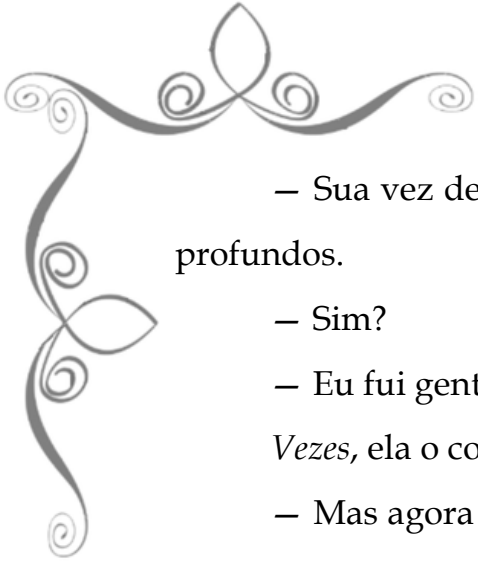
Um pensamento invadiu sua mente. Se ele estava evitando essa prática real, isso significava que ele planejava um dia ter uma esposa. Uma esposa a quem ele se dedicaria. Uma esposa que não se perguntaria se era o suficiente para ele. Uma esposa - mesmo que destinada a ser estéril - que saberia que ela era amada e apreciada dentro de seus braços.

A realização a atingiu com força. Antes que ela pudesse se permitir ficar tímida sobre seu comportamento descarado, ela pressionou o corpo em seu peito largo, chegando o mais perto possível dele.

— Eu vejo quem você é, Friedrich. Se você tivesse o poder de ajudar sua mãe, para impedir o fim trágico de sua vida e de seu pai, você teria. Mas você não podia. Você era um menino. Um filho obediente. Pare de carregar o peso da morte deles em seus ombros.

Ele não disse nada enquanto ela se aproximava para persuadi-lo a abrir os lábios e receber o beijo sincero de seus lábios firmes e macios. Um beijo lento e doce, que se transformou em um beijo urgente e intenso. Os sons desesperados e estimulantes que saiam deles os aticaram em um frenesi de necessidade. O aperto dele em seus quadris aumentou, conforme ele a erguia para encaixar o pau em sua boceta. Ela o ajudou, balançando com um fervor renovado, pronta para ele.





— Sua vez de me ouvir, Brennalyn. — disse ele, entre beijos molhados e profundos.

— Sim?

— Eu fui gentil na nossa primeira vez.

Vezes, ela o corrigiu em sua cabeça.

— Mas agora eu preciso cobrir você com o meu cheiro. Encher você com tudo de mim. — Ele encaixou a cabeça de seu pênis na entrada da boceta dela.

— Eu vou te foder e te morder até que não haja mais dúvidas – para ninguém – a respeito de quem você pertence. Incluindo você mesma.

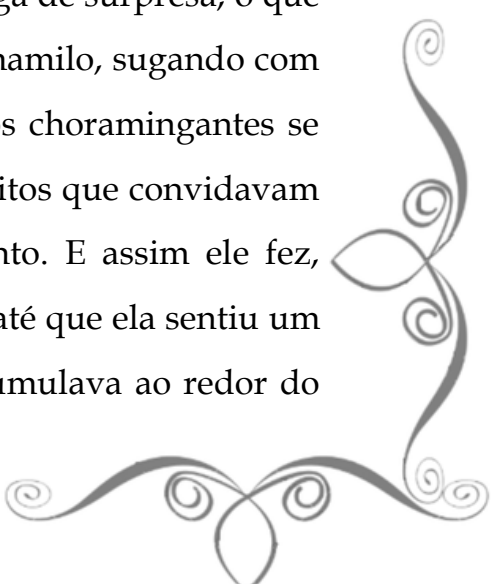
Ela choramingou, agarrando seus ombros, unindo seus corpos de uma forma que esmagava seus seios.

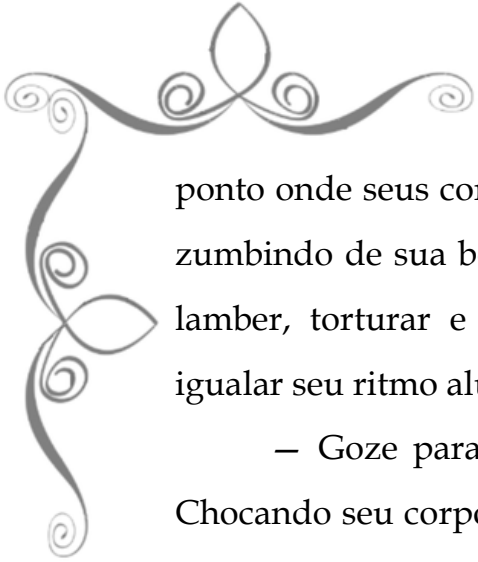
Ele deu a ela um olhar faminto.

— Caralho, mulher.

Então ele empurrou dentro dela, até que seus quadris estavam nivelados contra seu traseiro. Plantando os pés no colchão, ele levantou a pélvis e se moveu em círculos. A força de seu impulso a lançou para frente. Ela se segurou, agarrando a parte superior da cabeceira da cama, seus longos cabelos os sombreando em uma fina cortina preta. Ela fechou os olhos, sentindo a intensidade dele a preenchendo, a esticando, suas mãos fortes segurando seu corpo com força, empurrando poderosamente dentro dela, tão profundo que ela não conseguia se concentrar, sua mente estava vagando em uma névoa de erotismo.

A língua dele umedeceu seu mamilo. Ela saltou, pega de surpresa, o que só o fez levantar ainda mais e fechar a boca ao redor do mamilo, sugando com força enquanto ele investia contra seu corpo. Os gemidos choramingantes se tornaram mais altos, formando um lamento rítmico de gritos que convidavam sua boca quente e úmida a torturá-la até o esquecimento. E assim ele fez, beliscando o mamilo enrugado com os dentes e sugando até que ela sentiu um ardor na parte baixa de sua barriga, um calor que se acumulava ao redor do





ponto onde seus corpos deslizavam juntos. Ele gemeu longo e alto, a vibração zumbindo de sua boca diretamente para seu clitóris sensível. Ele continuou a lambar, torturar e sugar. Ela balançou e se esfregou contra ele, tentando igualar seu ritmo alucinante. Mas sem sucesso.

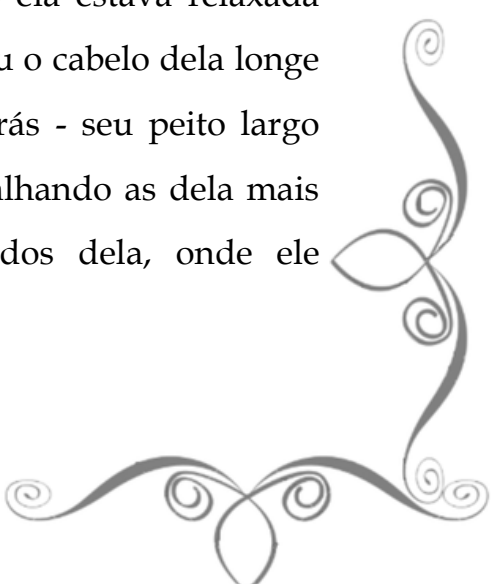
— Goze para mim, gatinha. — Ele bombeou mais rápido. Mais forte. Chocando seu corpo de um jeito que fazia seus seios balançarem. — Eu quero ouvir você gozar.

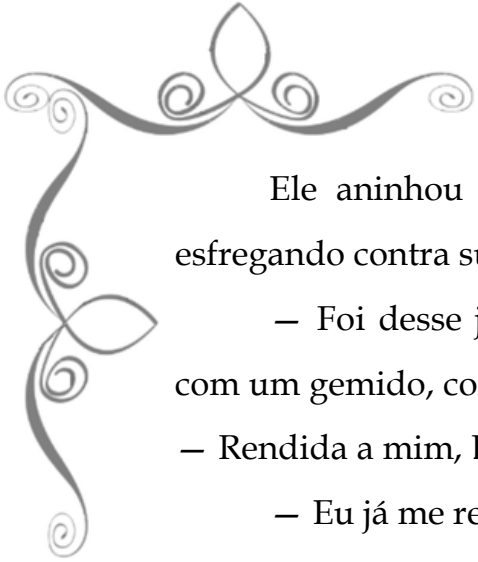
O peso de suas palavras em forma de comando a dominou, fazendo-a flutuar em uma onda gigante, que crescia e ganhava força, indo diretamente ao encontro da arrebentação. Uma força pulsante ondulou de sua barriga, rolando para fora e subindo através de sua espinha. Foi quando ela obedeceu e gritou de prazer. Ele se segurou, enterrado profundamente dentro dela, sussurrando palavras incoerentes, apesar de seu pau continuar rígido e grosso, exatamente do mesmo jeito que estava quando ele a penetrou pela primeira vez.

Quando ela caiu para frente, ele a ergueu, fazendo-a suspirar de surpresa pela súbita retirada de seu corpo. Ele a colocou no colchão. Ela se apoiou nas mãos, ofegando e observando, enquanto ele juntava dois travesseiros macios e os colocava no centro da cama.

— Venha. Deite de bruços, apoie os quadris nos travesseiros.

Ainda tentando recuperar o fôlego, ela começou a rolar seu corpo, mas ele teve que ajudá-la a se posicionar. Ela deveria ter ficado envergonhada por se expor dessa maneira, com a bunda para o alto, mas ela estava relaxada demais, graças ao seu orgasmo, para se importar. Ele tirou o cabelo dela longe do pescoço. Então ele encaixou o corpo sobre ela por trás - seu peito largo pressionando contra suas costas, suas coxas grossas espalhando as dela mais abertas, seus braços longos se estendendo ao lado dos dela, onde ele entrelaçou os dedos com os dela, prendendo-a na cama.





Ele aninhou em seu pescoço, lambendo seu pulso, seu pau pesado esfregando contra sua fenda entre as pernas entreabertas.

— Foi desse jeito que eu te desejei esse tempo todo. — ele murmurou com um gemido, conforme empurrava um centímetro dentro dela, lentamente.

— Rendida a mim, Brennalyln.

— Eu já me rendi. — ela respirou.

— Não. Ainda não. Você me deu seu corpo. — Ele raspou suas presas afiadas ao longo de seu ombro, abrindo a pele de modo que um pouco de seu elixir se infiltrasse em seu sangue. Tudo aquilo era resultado de seu Duque bombeado uma onda quente e erótica através de seu corpo. Ela arqueou as costas, o que o empurrou mais alguns centímetros para dentro. Ele ofegou e gemeu roucamente.

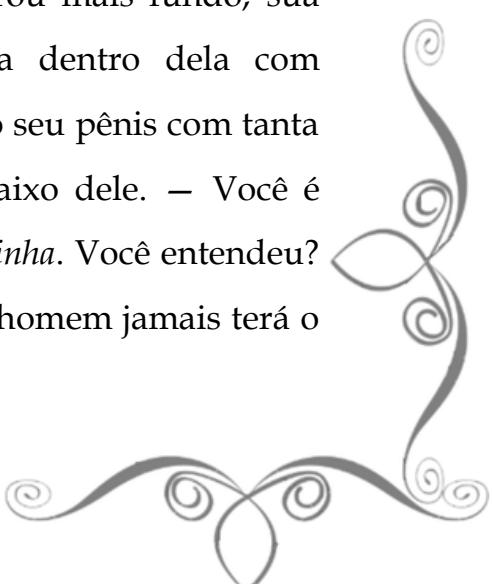
Ela o desejava há tanto tempo e ela o rejeitara por causa de uma velha mágoa, precisando proteger seu coração, com medo de nunca mais se recompor caso ela se apaixonasse por ele. Essa era a razão de tudo, pois ceder a ele - de todas as formas - equivalia a desistir de proteger seu coração, abrir mão do que mantinha inteira.

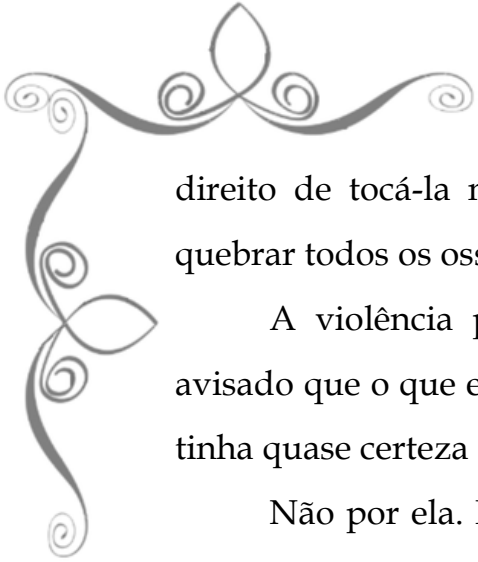
— Renda-se a mim, Brenna. — Ele a perfurou com suas presas, arrastando-as em uma linha fina e indolor até a base de seu pescoço vulnerável, liberando pequenas doses de elixir em seu corpo. Doses de puro prazer, se espalhando pelo seu sangue.

— Isso não é justo. — ela gritou, cravando os dedos em sua palma.

— Eu sei. Apenas confie em mim. — Ele empurrou mais fundo, sua boceta estava tão molhada que ele escorregava para dentro dela com facilidade. — Entregue-se a mim. — ele ordenou, batendo seu pênis com tanta força que ele sacudiu seu corpo, que estava preso embaixo dele. — Você é minha, Brennalyln. De hoje em diante você é minha. *Só minha*. Você entendeu?

— Ele saiu e entrou novamente dentro dela. — Nenhum homem jamais terá o





direito de tocá-la novamente. E se alguém chegar a tocá-la assim, eu vou quebrar todos os ossos do corpo dele.

A violência possessiva em sua voz deveria assustá-la. Deveria tê-la avisado que o que ele queria era demais. Elliott nunca dissera essas coisas. Ela tinha quase certeza de que ele, na verdade, nunca sentiu essas coisas.

Não por ela. Mas, Friedrich? Ele a enjaulou em uma parede de poder e força masculina, moldando seu corpo sobre o dela em uma barricada de domínio, posse e proteção. A sedução, o desejo, a urgência desse anseio era mais do que ela podia suportar. Mais do que ela podia resistir.

— Pelo amor de Deus, *renda-se* a mim, Brennaly. — ele rosnou, sua voz soando escura e feroz, de um jeito que ela nunca tinha ouvido antes.

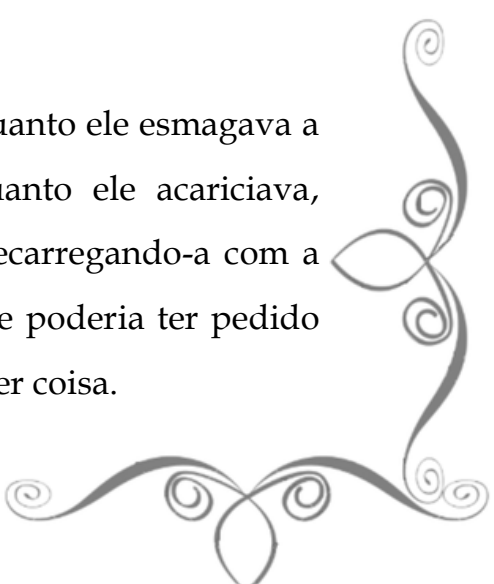
— Sim. — ela sussurrou, fechando os olhos enquanto uma lágrima escorria de seus olhos. Não por tristeza, mas pela emoção esmagadora que ameaçava partir seu coração em dois.

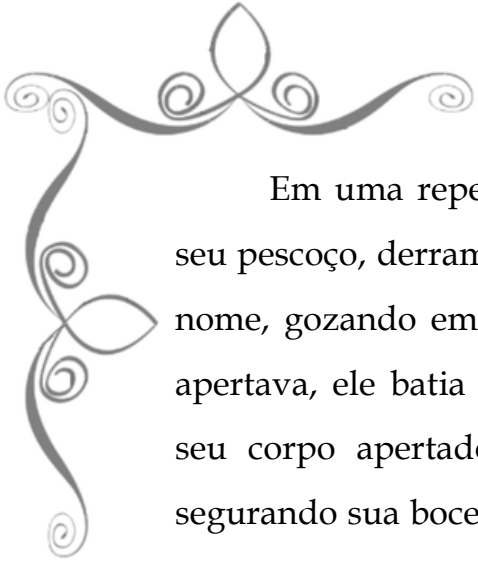
— Sim? — ele ecoou em um sussurro, penetrando dentro dela com estocadas longas e profundas, começando devagar e depois bombeando mais rápido. — Sim.

Em um movimento selvagem, ele passou o braço em volta da cintura dela e levantou sobre os joelhos, levando-a com ele, ainda enterrado profundamente dentro dela. Ele moldou uma mão sobre o peito dela, esfregando o mamilo duro. A outra mão desceu até sua boceta, onde ele esfregou seu clitóris inchado com o dedo indicador. Ela gozou de novo, enquanto ele a segurava pelo quadril.

— Me beije. — ele rosnou.

Ela arqueou o pescoço para trás e abriu a boca enquanto ele esmagava a boca dele contra a dela, batendo em seu corpo enquanto ele acariciava, beliscava e mordida seu corpo em todos os lugares, sobrecarregando-a com a força de seu corpo, suas mãos, sua boca e sua língua. Ele poderia ter pedido qualquer coisa naquele momento e ela teria feito . Qualquer coisa.





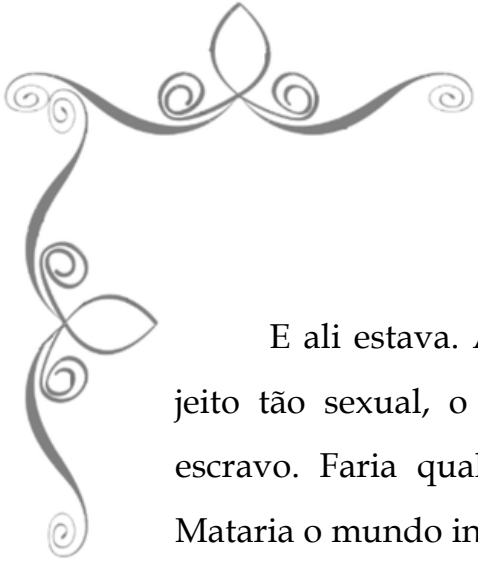
Em uma repentina liberação de sua boca, ele afundou suas presas em seu pescoço, derramando um rio quente de elixir em seu corpo. Ela gritou seu nome, gozando em uma torrente violenta de luxúria. Enquanto seu corpo o apertava, ele batia dentro dela com força, profundamente, ainda segurando seu corpo apertado – com uma mão agarrando seu seio, a outra ainda segurando sua boceta. Ele investiu contra ela até que ela não era nada além de um corpo mole e saciado. Ele a transformou em uma criatura ferosa e flexível, querendo que seu prazer correspondesse ao dele. Ela arqueou as costas ainda mais, permitindo que ele deslizasse mais profundamente. Ele puxou suas presas de sua carne e arqueou seu próprio corpo contra o dela, liberando um grito que ecoou no telhado e paredes, derramando seu líquido quente dentro dela, em pulsações latejantes. Ele grunhiu e gemeu, circulando sua pélvis contra seu traseiro, apertando-a com força.

Quando seu pênis parou de pulsar, ambos estavam tremendo, mas ele não a tinha soltado, ainda lambendo seu pescoço, machucado de sua mordida feroz, com a macia suave e quente. Ele baixou a cabeça nos cabelos dela, respirando pesadamente, soprando os fios suados que haviam grudado em sua pele úmida.

– Sim. – ele sussurrou, suavizando seu toque e derretendo-a em uma mulher que *queria* se entregar a ele. Se render. Que *queria ser* dele.

Ela estendeu a mão e enfiou os dedos em seu cabelo, a cabeça dele curvada enquanto ele espalhava beijos doces em sua pele macia.

– Sim. – ela sussurrou novamente. – Só sua.



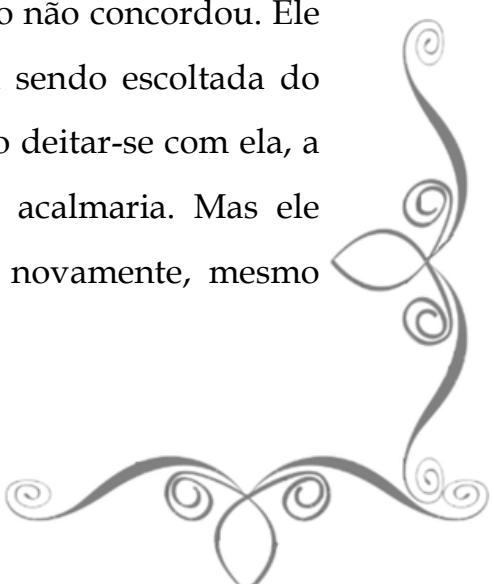
CAPÍTULO 23

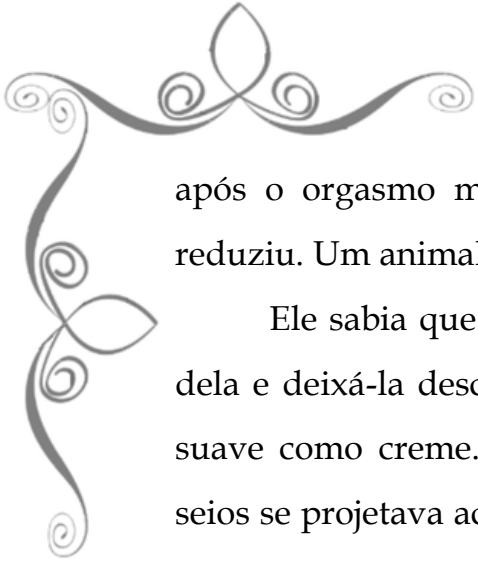
E ali estava. Aquelas duas palavras suaves que ela falou no ar, de um jeito tão sexual, o prenderam total e irrevogavelmente. Ele agora era seu escravo. Faria qualquer coisa por ela. Mataria por ela. Morreria por ela. Mataria o mundo inteiro para ela, se ela pedisse.

Ele a colocou contra seu corpo, sabendo que ela precisava de um breve descanso antes de tomá-la novamente. Ele ordenou a todos - servos, guardas e ao Grant - que ficassem fora do segundo andar, onde a ala de seus aposentos particulares se estendia. Ele não queria ninguém perto deles. Muito menos Grant ou a Guarda de Sangue, que tinham seus próprios apetites luxuriosos. Não que algum deles fosse uma ameaça para Brennalyne, mas a fera dentro dele precisava de um reinado territorial completo e absoluto. Era um desejo primitivo, reduzindo-o a uma criatura menos civilizada. Mas ele não se importou.

Ele passou os dedos pelos cabelos dela, o corpo dela encostado nele. Dentro de alguns minutos, sua respiração se estabilizou quando ela caiu em um sono profundo. O ato de marcá-la em tão pouco tempo exigiu que ele fosse mais brutal do que gostaria. Ele estremeceu ao pensar em causar-lhe algum dano, imediatamente selando suas marcas de mordida, para que ela se curasse rapidamente. Mas, mesmo assim, ela ainda teria alguns hematomas do ato em si.

E, embora ele quisesse ser gentil, seu corpo vigoroso não concordou. Ele estava com o pau duro desde o segundo em que a viu sendo escoltada do Pátio das Rosas até a sua sala privada. Ele pensou que, ao deitar-se com ela, a fera enlouquecida de desejo dentro dele finalmente se acalmaria. Mas ele estava errado. Fodidamente errado. Ele já estava duro novamente, mesmo





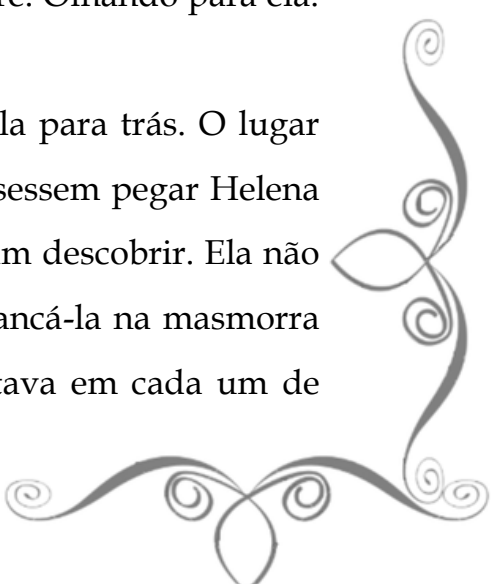
após o orgasmo mais intenso de sua vida. *Insaciável*. Foi nisso que ela o reduziu. Um animal enlouquecido.

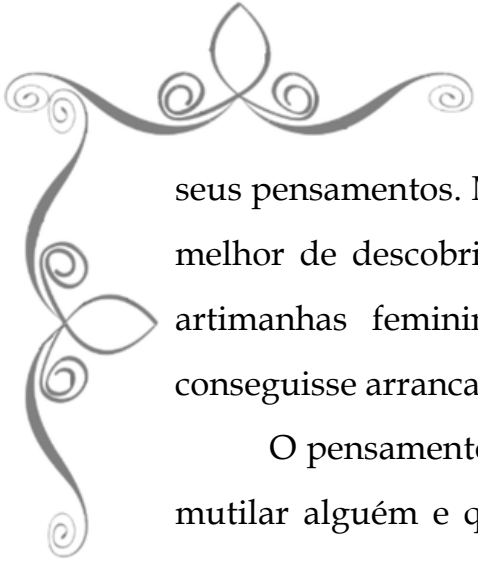
Ele sabia que não iria dormir, mas se forçou a colocar a cabeça ao lado dela e deixá-la descansar. Ele aliviou a fera, permitindo-se acariciar sua pele suave como creme. Ele arrastou os dedos pelo seu braço delgado. Um dos seios se projetava acima do cobertor. Enquanto ele roçava carinhos lentos para cima e para baixo sobre a curva de seu ombro, sua pele se arrepiava. Seu mamilo rosado endureceu. Doce e sensível. O efeito foi imediato. Suas presas se estenderam e a boca dele se encheu de água. Seu pênis latejou, desejando estar dentro de seu calor úmido mais uma vez.

Por Deus, ele ia perder a cabeça. Seu marido era um filho da puta idiota. Que tipo de homem a tomaria como esposa e depois iria embora? *Um imbecil*. Só porque ela era estéril? Veja que mãe incrível ela era para os sete filhos que ela acolheu em sua casa e em seu coração – gentil, amorosa, compreensiva, mas firme. Friedrich estava estranhamente grato pela idiotice do marido. Ele a mandou para Terrington. E para ele.

Ele enfiou a mão na massa espessa de seus cabelos escuros, admirando o contraste gritante lançado sobre sua pele de porcelana, que era tão boa que deixaria um escultor com inveja de sua perfeição. *Sua flor da noite*. Deus havia forjado uma deusa na forma de uma pequena e deliciosa mulher, com lindos lábios rosados, um rosto doce em forma de coração e olhos negros insondáveis, que poderiam roubar sua alma. Quem ele estava enganando? Eles já roubaram. Ele poderia ficar nessa cama para sempre. Olhando para ela. Tocando nela. Adorando seu corpo.

Ele temia levá-la a Izeling Tower. Ele temia deixá-la para trás. O lugar mais seguro para ela agora era ao seu lado. E se eles quisessem pegar Helena de volta, eles teriam que ir ao baile e ver o que conseguiam descobrir. Ela não ficaria para trás, mesmo que ele pedisse. Ele teria que trancá-la na masmorra para fazer isso. Era tentador. Merda, essa mulher o tentava em cada um de





seus pensamentos. Mas, em uma coisa ela tinha razão. Eles teriam uma chance melhor de descobrir a localização da fortaleza de seu tio se ela usasse suas artimanhas femininas para seduzi-los. Talvez eles tivessem sorte e ela conseguisse arrancar a informação de algum vampiro bêbado no baile.

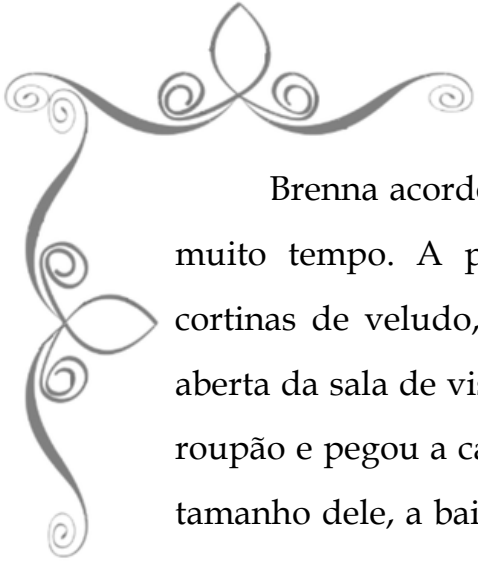
O pensamento de outro homem tocá-la fez seu sangue ferver. Ele queria mutilar alguém e quebrar alguns ossos, simplesmente pelo pensamento das mãos ou - Deus ajude o maldito demônio - lábios de outro homem em sua pele. Pela primeira vez em sua vida, ele sentiu a agonia das garras de sua besta ansiando para se libertar. Apenas um vampiro em seu estado mais primitivo sentia a ansiedade das garras do monstro interior querendo se libertar e a sede de sangue que estendia suas presas frente a um inimigo invisível.

De repente, seu pênis era uma vara de aço. Ele ansiava por pegá-la e reivindicá-la de novo. E de novo. Nos próximos dois dias, ele faria exatamente isso. Talvez então, ele pudesse formar um pensamento coerente, sem a constante necessidade de estar dentro dela. Algo lhe dizia que nunca seria o suficiente. Agora que ele a provou e se afundou em seu corpo delicioso, ele a desejava ainda mais. Ela era seu novo vício, sua obsessão, uma fraqueza que o consumia.

Com um gemido pesado, ele levantou a colcha de veludo até o pescoço, precisando esconder cada parte delicada dela para não enlouquecer. Ele a deixaria dormir.

Só por um tempinho.





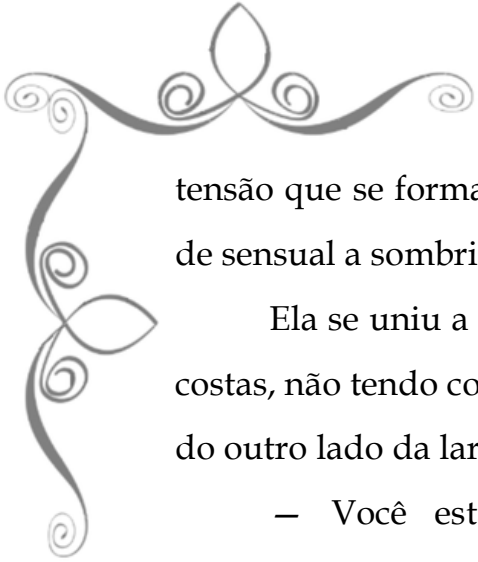
Brenna acordou em uma cama vazia. As velas já haviam se apagado há muito tempo. A primeira luz cinzenta da manhã penetrava através das cortinas de veludo, que estavam abertas. A luz dourada irradiava da porta aberta da sala de visitas. Deslizando por baixo da manta quente, ela não viu o roupão e pegou a camisa de linho dele, que tinha sido jogada no chão. Com o tamanho dele, a bainha de sua camisa batia quase nos joelhos dela. Cruzando os braços com frio, ela entrou na sala na ponta dos pés, encontrando um Friedrich nu, de pé diante do fogo.

Ela congelou. Ele estava com o braço apoiado na prateleira superior da lareira, o corpo em um ângulo que revelava os músculos firmes de seu abdome esculpido e a extensão de seu peito musculoso. Esticando uma perna, ele trocou o peso para a outra, enrijecendo as nádegas musculosas. Sua masculinidade era grande e grossa, mesmo em amolecida. A expressão pensativa que ele usava não fazia nada para estragar a beleza real de seu rosto - as linhas fortes de sua mandíbula, o nariz reto, o conjunto sedutor de seus olhos azuis e a boca cheia. Uma boca que tinha feito coisas muito más para o corpo dela. E ainda faria mais. Ela tinha sido cativada por sua beleza desde o primeiro dia, em que ela o viu passeando casualmente em sua sala de aula, para uma inspeção informal. No mesmo dia ele pegou Izzy pintando um lírio negro. Mas, mesmo assim, ela olhou para ele agora como se fosse a primeira vez, vendo a maravilha gritante de sua forma masculina. Seu coração falhou e acelerou o pulso em sua garganta.

— Você vai ficar parada aí e me comer com os olhos ou vai vir e se juntar a mim? — Ele ergueu o olhar, o sorriso sempre presente naquela boca linda.

Limpando a garganta, ela se aproximou com uma falsa confiança.

— Eu não estava te comendo com os olhos. Eu estava te... admirando. — A confissão saiu provocantemente de seus lábios, acrescentando leveza à



tensão que se formava constantemente em seu peito. Uma tensão que variava de sensual a sombria, sempre que ela se aproximava dele.

Ela se uniu a ele, mas decidiu por ficar perto da espreguiçadeira às suas costas, não tendo coragem o suficiente para ocupar a cadeira de couro estofada do outro lado da lareira, em frente a ele.

— Você estava me comendo com os olhos, sim. — ele disse, definitivamente, antes de se virar para ela, sem vergonha de sua nudez. — Mas eu não me importo. Eu também tive minha cota de admiração enquanto você estava dormindo. — Ele estendeu a mão.

Com um sorriso tímido, ela se levantou e colocou a mão na dele, deixando-o puxá-la para um abraço suave. Ele a abraçou, estudando-a com preocupação, enrugando levemente a testa.

— Como você está se sentindo?

Ela riu, tentando soar engraçada, mas falhando miseravelmente.

— Eu me sinto... leve. Saciada. Mas também, com fome... de novo. — Ela olhou para baixo, se concentrando na linha de pelos escuros que descia pelo peito dele. Ela disse mais suavemente. — Eu também estou com medo, desesperada e furiosa.

Ele pressionou a bochecha dela contra seu peito e sussurrou em seu cabelo.

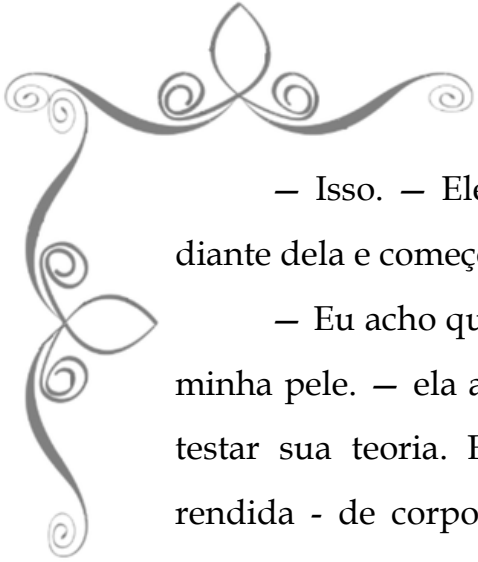
— Nós vamos encontrar Helena. Nós vamos pegá-la de volta. Eu prometo.

Ela se agarrou a ele, enrolando as unhas nos músculos tensos de suas costas.

— E se chegarmos tarde demais? — Ela sussurrou.

— Não vai ser tarde demais. E é por isso que precisamos nos esforçar para fazer isso funcionar.

— Fazer o que funcionar?



— Isso. — Ele a soltou e a guiou até a cadeira estofada. Ele se ajoelhou diante dela e começou a abrir a fileira de botões.

— Eu acho que seu perfume esta definitivamente encrustado debaixo da minha pele. — ela admitiu, apesar de não ter nenhum senso de vampiro para testar sua teoria. Ela só sabia que estava definitivamente entregue a ele, rendida - de corpo, alma e coração. Mesmo desejando sua mordida e seus beijos, igualmente, o medo ainda a deixava frágil e com medo de ser abandonada.

Seu olhar de safira escuro deixou o movimento lento de suas mãos, e sua respiração ficando pesada.

— Eu não vou me arriscar com sua vida, gatinha. — Ele abriu a camisa, mas não a tirou, deixando-a exposta e bebendo da visão que estava a sua frente.

— Quem é que está admirando agora? — Ela brincou.

Ele ficou de joelhos, sua silhueta foi engolida pela sombra do fogo crepitante atrás dele.

— Querida, eu te admirei a cada segundo que você esteve na minha presença.

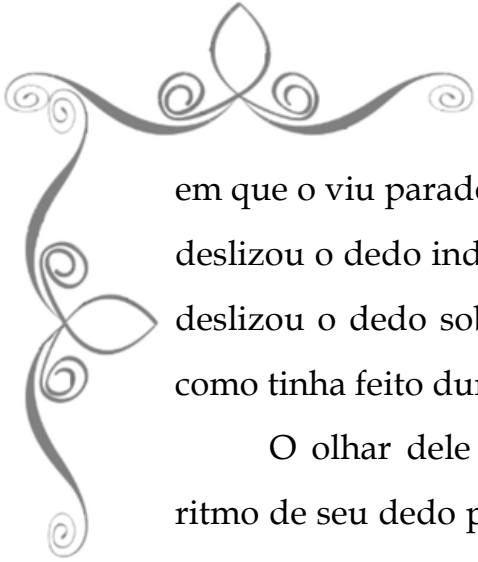
Ela riu.

— Isso não é muito nobre para um Duque.

— Como você mesma já disse.... — ele deslizou as mãos sob os joelhos dela, puxando-a para frente e, em seguida, abrindo suas pernas — Eu sou um Duque impertinente. Agora, incline-se para trás, gatinha. E segure firme.

Ela se recostou e cravou as unhas nos braços da poltrona, preparando-se para o próximo ataque. Ela não sabia se o corpo de uma mulher era capaz de entrar em combustão espontânea por excesso de prazer, mas ela tinha certeza de que logo descobriria.

Ele ficou admirando suas partes íntimas, que ela tinha certeza que estavam úmidas, com as pálpebras pesadas. Ela sentiu a umidade no segundo



em que o viu parado diante do fogo, como um deus do sexo. Ele abriu a boca e deslizou o dedo indicador para dentro, molhando-o completamente. Então ele deslizou o dedo sobre o clitóris dela, que já estava sensível. Ela se encolheu, como tinha feito durante toda a noite.

O olhar dele subiu até o dela, observando-a enquanto ele diminuía o ritmo de seu dedo perverso em um movimento lento e provocante. Ela abriu a boca. Sua respiração acelerou. Mas a expressão no rosto dele era magnífica e mostrava a face de um homem verdadeiramente arrebatado. E ela se viu questionando, incapaz de controlar a pergunta.

— Você é meu?

Seu olhar surpreso aguçou o dela, suas presas aparecendo no canto de sua boca entreaberta.

— Se eu sou sua... — ela disse, perguntando novamente. — Então, isso significa que você é meu?

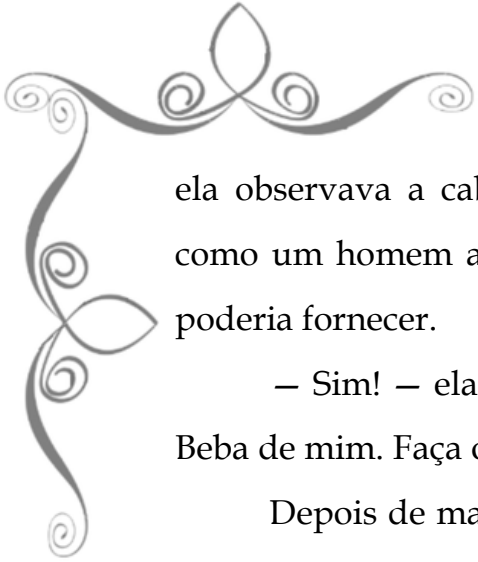
Ele deixou seus olhos fecharem lentamente, antes de fixá-la com um olhar surpreendentemente vulnerável.

— Eu tenho sido seu desde o início. — Então ele rapidamente levantou as coxas dela sobre os ombros largos, se inclinou para frente e abriu a boca quente em seu sexo, arrancando um grito desesperado de sua garganta.

Então, ambos foram pegos em uma teia de paixão e sedução e total devastação de saudade e pertença. Ela não podia fazer nada além de balançar e se contorcer contra ele, enquanto ele lambia e chupava, enviando-a em direção a uma explosão de prazer, que trouxe lágrimas aos seus olhos. Ele a beijou com lambidas lentas enquanto as lágrimas continuavam a cair. Ele acariciou sua coxa cremosa com a boca e o nariz. Ela enfiou os dedos em seu cabelo sedoso e o apertou em um punho.

— Beba. — ela ordenou.

Em um gemido pesado, ele abriu a boca e afundou suas presas na coxa dela. O orgasmo que ela pensou ter terminado explodiu novamente, enquanto



ela observava a cabeça dele inclinada sobre ela como em súplica, bebendo como um homem agonizante que precisava do sustento que só o corpo dela poderia fornecer.

— Sim! — ela sussurrou, apertando e abrindo o punho em seu cabelo. — Beba de mim. Faça o que você quiser comigo. Eu te dou tudo.

Depois de mais um minuto, ele a soltou e limpou as marcas de punção, virando-se para ela com tanta ferocidade que a chocou. Mas ela não estava com medo.

Ele ficou de joelhos, puxando o corpo dela de encontro ao dele e empurrando dentro dela tão rápido, que ela respirou fundo, agarrando a poltrona. Ela se segurou - como ele disse a ela para fazer - perdendo-se na sensação de ter Friedrich dentro dela.

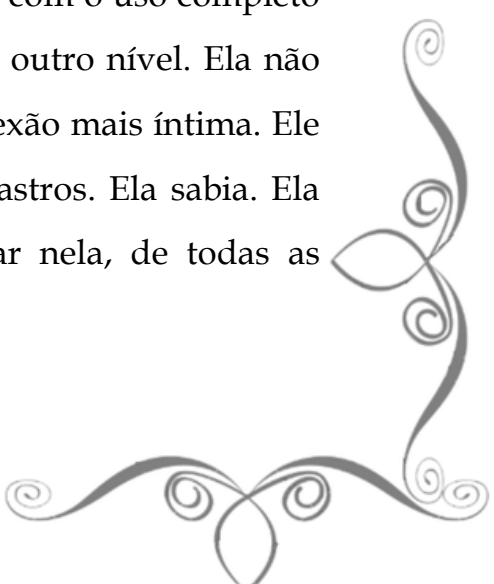
Ela sussurrou o nome dele. Ele caiu para frente, empurrando mais devagar, com impulsos longos e firmes. Ele enterrou o rosto em seu cabelo escuro e deu um grito estrangulado.

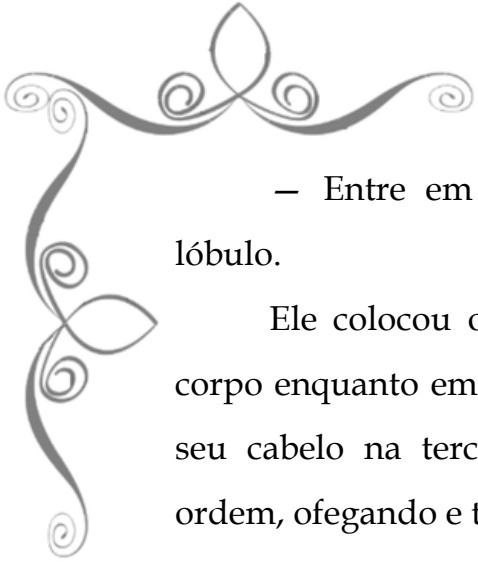
— Brenna, Brenna, Brenna. — Seu timbre cru era de um homem que já teve o coração partido e mal podia esperar para sentir aquela dor de novo. — O que você está fazendo comigo?

— Shhhh... — Ela segurou a parte de trás da cabeça dele, embalando-o perto enquanto ele continuava a empurrar lenta e profundamente dentro dela.

— Entre em mim, meu Duque.

Era uma coisa estranha de se dizer, já que ele já havia estado dentro dela várias vezes. Ela já havia se acostumado com a marcação, com o uso completo de seu corpo. E, no entanto, suas palavras ressoaram em outro nível. Ela não estava falando apenas do contato físico, mas de uma conexão mais íntima. Ele colidiu contra suas paredes e as derrubou, sem deixar rastros. Ela sabia. Ela deu permissão a ele, o convidou para avançar e entrar nela, de todas as maneiras possíveis.





— Entre em mim. — ela repetiu contra sua orelha, beliscando seu lóbulo.

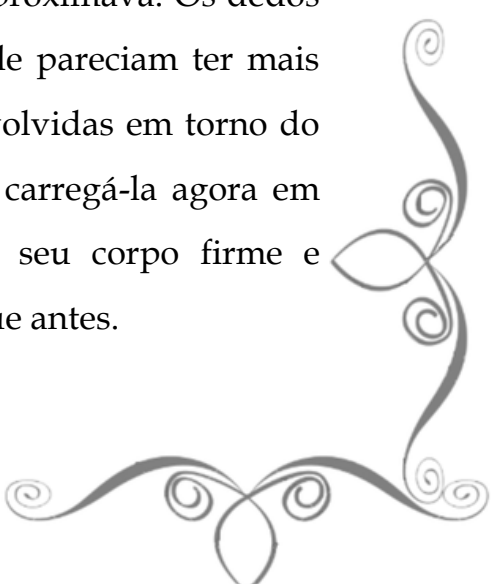
Ele colocou os braços ao redor das costas dela, ainda segurando seu corpo enquanto empurrava com força, uma e outra vez, até que ele rugiu em seu cabelo na terceira vez, esvaziando-se dentro dela, obedecendo a sua ordem, ofegando e tremendo.

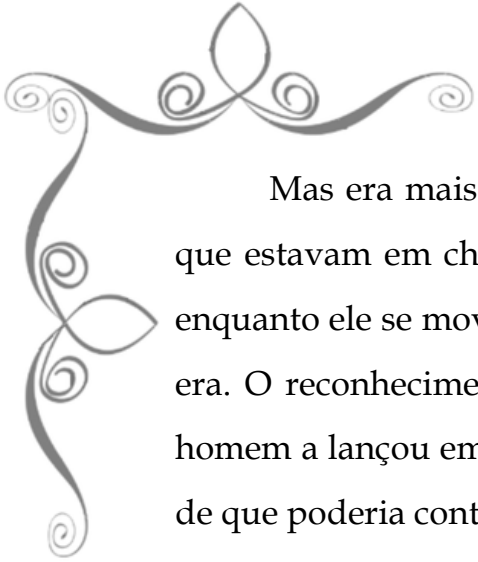
— Obrigado, meu amor. — ele sussurrou, com a respiração irregular.

Ela fechou os olhos, incapaz de dizer a palavra “amor”, mas sabendo muito bem que era exatamente o que ela sentia no fundo do seu pobre e ferido coração. Ela não podia dizer isso. *Ainda não*. Mas ela o abraçou, virando-se para beijar sua mandíbula quadrada e esperando que ele fosse capaz de esperar até que ela pudesse reunir a coragem necessária para assumir seus sentimentos, como ele tinha feito.



O dia e a noite seguintes levaram Brennalyne a um redemoinho erótico e emocional, até que ela teve certeza de ter sido transformada em uma nova mulher. A sensação de toque adquiriu um novo significado, seu corpo estava primitivamente consciente de Friedrich, sempre que se aproximava. Os dedos que haviam acariciado cada linha adorável do corpo dele pareciam ter mais força, agora. As pernas que haviam sido enroladas e envolvidas em torno do corpo dele, de todas as maneiras concebíveis, pareciam carregá-la agora em um passo mais confiante. Lábios que haviam beijado seu corpo firme e esculpido soltavam palavras mais ousadas. Ainda mais que antes.





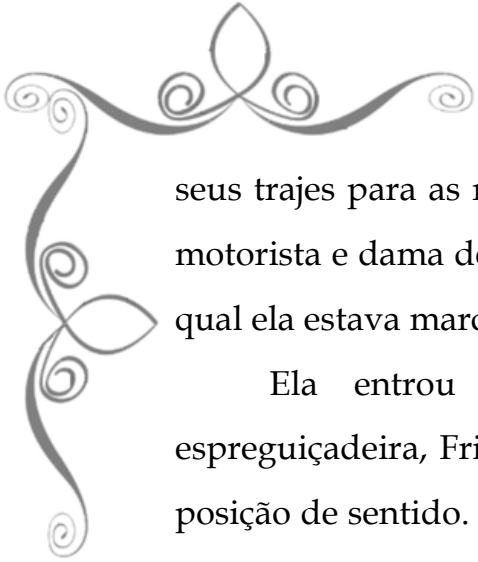
Mas era mais do que isso. Não eram apenas suas terminações nervosas que estavam em chamas ou seu corpo se preparando para receber seu toque enquanto ele se movia em direção a ela, rondando a presa, como o leão que ele era. O reconhecimento de que ele a conhecia melhor do que qualquer outro homem a lançou em uma tempestade de sentimentos que ela não tinha certeza de que poderia conter.

No meio do constante namoro, ele pegava pratos de comida e bebida da cozinha, preparava outro banho ou trazia uma tigela e um pano e a limpava com ternura. Ela caiu em um transe intoxicante, um momento perdurava e se borrava em outro, onde ela não tinha certeza se era dia ou noite. Ou nem mesmo se importava.

Até o início dessa manhã, depois que ele a deitou em sua escrivaninha de mogno escuro em seu estúdio e a beijou e lambeu, com uma lentidão sensual, de seus tornozelos até os joelhos, demorando-se em suas coxas e entre suas pernas, antes de deslizar para cima, até as costelas e em ambos os seios. Ele foi descendo pelos dois braços, até as pontas dos dedos, depois até a cavidade entre a clavícula e a garganta, até a mandíbula, bochechas, olhos e, finalmente, aterrissando em sua boca, onde ele sugou seus lábios inchados por uma eternidade. Depois disso, ele falou, com a voz rouca.

— Está na hora, meu amor.

E foi assim que ela acordou de seu estupor induzido pelo Duque, se banhou mais uma vez, colocou o vestido novo que ele escolheu, confortável o suficiente para o passeio de quatro horas de carruagem em direção a Izeling Tower, e se moveu rapidamente para a sala de baixo, a linda sala que tinha tom pastel, e havia sido de sua mãe. Suas novas botas faziam barulhos rápidos no chão. Ela não recusou nenhum de seus generosos presentes, porque ela precisava parecer com uma dama. Ele mandou Sylvia arrumar seu baú com o vestido de baile, sapatos e joias, além de roupas mais práticas, mais fáceis de manusear para a fuga deles logo depois. Uma vez em Izeling, eles mudariam



seus trajes para as roupas de gala. Grant e Sylvia iriam acompanhá-los como motorista e dama de companhia. Mas, somente se ela passasse no teste, para o qual ela estava marchando em direção.

Ela entrou na sala para encontrar Grant sentado em uma espreguiçadeira, Friedrich andando pela janela e Mikhail e Dmitri em pé, em posição de sentido. Ao som de sua entrada, todos a encararam na porta. Grant se levantou e assobiou. Ela olhou para baixo, para o simples, mas ajustado corpete preto sob medida que cobria a seda azul meia-noite que caía no chão.

— Agora, isso sim é um vestido. Se é que você não se importa que eu diga. — ele disse com uma piscadela.

— Eu me importo. — Friedrich rosnou.

Grant riu.

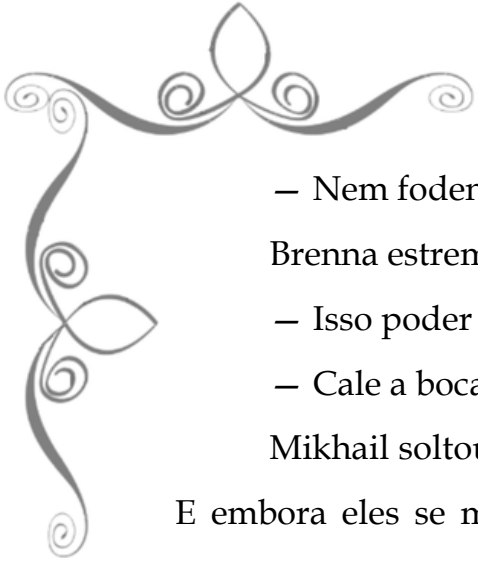
— Eu não estava falando com você.

Pela centésima vez, Brenna notou que esse homem não era o criado de Friedrich. Nenhum criado ou homem a seu serviço falava com o Duque de Winter Hill com tanta impertinência. Ela planejava descobrir mais sobre isso em sua viagem para Izeling.

— Chega. — cortou Friedrich, com sua impaciência e ansiedade, uma energia tempestuosa enchendo a sala. — Venha e fique parada aqui, Brennalyn.

Enquanto ela se movia em direção à janela onde ele gesticulou, ele também se moveu a contraponto, mas, na direção oposta a ela, passando ao redor da cadeira e indo em direção à porta. Ela parou e viu quando Friedrich também parou próximo ao batente da porta, cruzando os braços e encarando o capitão e o segundo em comando da Guarda de Sangue. Ela não tinha certeza do que eles fizeram para merecer sua ira, ou o que ela havia perdido e que era o motivo do mau humor de Friedrich.

— Pode ser mais preciso, Sua Graça, se você sair da sala. — disse Mikhail.



— Nem fodendo. Não vai acontecer.

Brenna estremeceu com a explosão repentina de raiva.

— Isso poder ser interessante. — Grant sorriu.

— Cale a boca, Grant. — retrucou Friedrich. — Siga em frente, capitão.

Mikhail soltou um suspiro quando se aproximou, com Dmitri atrás dele.

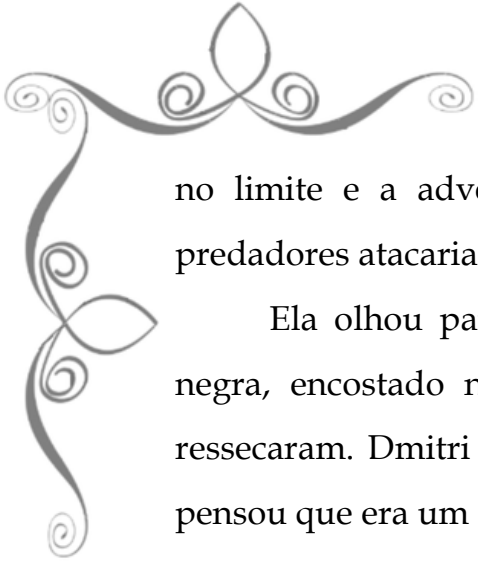
E embora eles se movessem com graça e agilidade, em passos suaves, seus instintos lhe mandavam recuar. Eles nunca fariam mal a ela, ela tinha certeza disso. No entanto, o olhar feroz nos olhos de ambos os homens a diziam para virar as costas e correr. Rápido. Ela cerrou as mãos e se manteve firme.

— Tudo bem. O que eu preciso fazer, senhores? — ela perguntou, não muito certa de como o teste funcionava. Friedrich não lhe dissera nada, apenas que ela precisava tomar banho da cabeça aos pés, colocar o novo vestido e as roupas recém lavadas, para que não houvesse perfume persistente em seu traje, e se reportar ao salão do andar de baixo. O que tinha sido de sua mãe e não foi preenchido com o cheiro do homem que possuiu e dominou este castelo.

Mikhail parou diante dela, mais perto do que ela já esteve antes. Ela já havia notado suas feições bonitas antes, ela nunca havia olhado pra ele tão de perto, com a pálida luz do sol brilhando através do caixilho atrás dela. Os ângulos de seu rosto eram mais penetrantes do que a maioria dos vampiros, quase como se seu criador tivesse levado uma lâmina e cortado o maxilar, o queixo, o nariz e as maçãs do rosto com cortes rápidos demais, deixando um toque de brutalidade para combinar com sua beleza.

— Fique onde você está, Senhorita Snow.

Ele falou suavemente, mas havia um fio perigoso zumbindo no tenor profundo de sua voz. E nos olhos dele. Ela não tinha notado antes, mas uma íris era azul e a outra era verde. No momento, eles estavam dilatados, assim como os de Dmitri. Mais uma vez, ela sentiu um estado de alerta que a colocou



no limite e a advertiu a fazer movimentos curtos e lentos, ou então os predadores atacariam.

Ela olhou para Friedrich, que permaneceu no lugar sob uma nuvem negra, encostado no batente da porta. Ela lambeu os lábios, porque eles ressecaram. Dmitri fez um som em sua garganta, ela não tinha certeza, mas pensou que era um grunhido. Mikhail lançou a ela um olhar penetrante.

— Se algum de vocês, cavalheiros, a aterrorizar mais, eu vou parti-los ao meio, bem aqui. — disse Friedrich, baixo e letal.

Grant riu de novo, observando tudo de sua posição na cadeira, uma das mãos jogada na parte de trás, como Friedrich costumava fazer.

— Vampiros. — disse ele, com um aceno de cabeça.

— Alguém poderia, por favor, explicar este teste antes de começarmos?

— Perguntou Brenna, com o coração martelando mais rápido.

Ela não entendia por que a energia elétrica chiava no ar. Ela esperava ver faíscas surgindo de Mikhail e Dmitri a qualquer momento.

— Peço desculpas. — ofereceu Mikhail, de pé diante dela com as mãos nas costas. — Você não precisa fazer nada, Senhorita Snow, exceto ficar muito quieta. Por favor, não faça movimentos bruscos. Mas, devo informá-la que precisamos de permissão para nos aproximarmos de você.

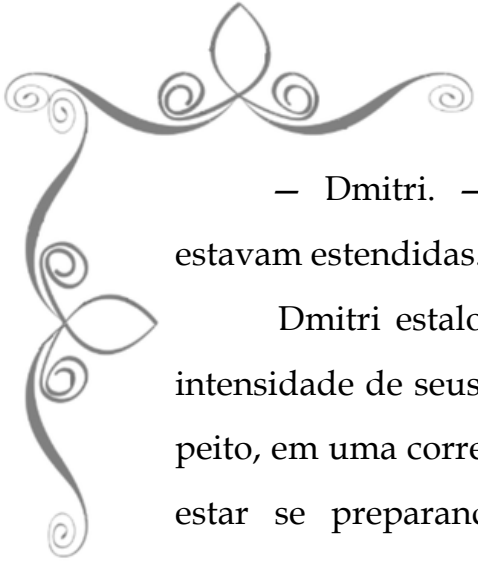
— Quão perto? — Ela perguntou, sua garganta ficou seca. Ela sentiu o perigo como o rato no campo, que sente o falcão olhando para ela, mas não consegue vê-lo.

— Muito perto. — disse Mikhail, seus olhos sobrenaturais dilatando mais.

Ela olhou para Friedrich, cuja carranca tinha aumentado.

— Está tudo bem, Brennalyn. Eles não vão te prejudicar — disse ele. Era um aviso para eles, mais que um consolo para ela. — Receio que eles devam se aproximar mais intimamente, para testar a marcação. Não vai demorar muito.

Mikhail se inclinou para o lado e fez um gesto de comando com a mão.



— Dmitri. — Foi quando Brenna notou que as presas de Mikhail estavam estendidas.

Dmitri estalou o pescoço para o lado e soltou um suspiro audível, a intensidade de seus olhos azul-acinzentados rodando em seu rosto, pescoço e peito, em uma corrente elétrica palpável que girava em torno dela. Ele parecia estar se preparando para um feito monumental, a situação estava se transformando em um momento de alta tensão. Ela ofegou, seu peito subindo e descendo rapidamente. Seu olhar cinzento voou do decote de seus seios para os olhos e ela engoliu em seco. O desejo quente e cru estava marcando sua expressão, geralmente calma e leve. Não havia nada leve ou calmo nele agora. Ela estava olhando para a besta dentro dele, quando ele se aproximou.

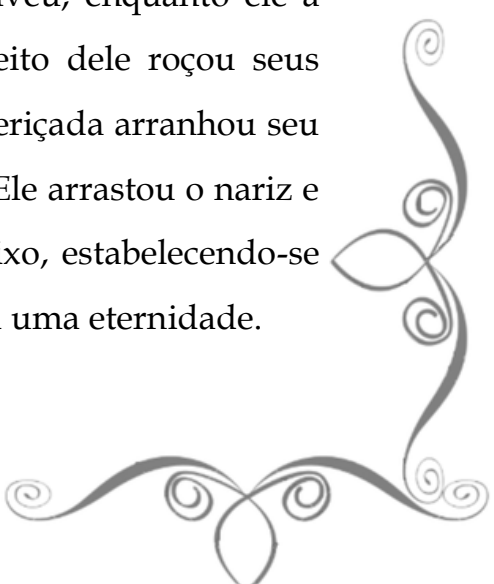
Ela ansiava por recuar e seus pés pareciam trocar de peso por vontade própria.

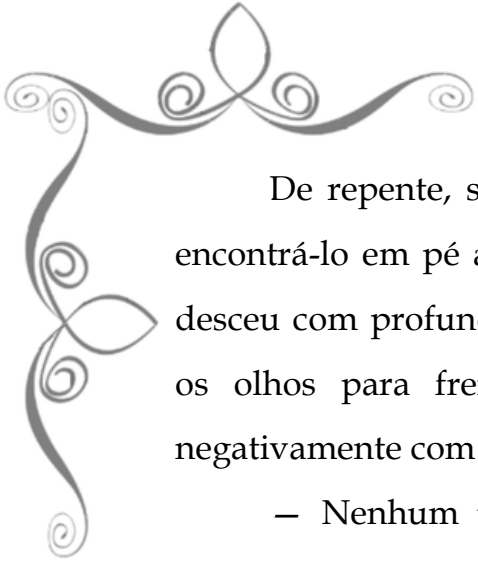
Dmitri parou.

Mikhail sibilou em uma respiração.

— Senhorita Snow. — ele disse. — *Não se mexa.* Para testar a marcação de Sua Graça, tivemos que evocar nossos sentidos predatórios. Nenhum de nós jamais machucaria você, mas é mais fácil para nós se você não se mexer. Se é que você me entende.

Ela entendia. O predador ansiava por atacar, especialmente quando as presas tentavam fugir. Ela deu um aceno de cabeça firme. Incapaz de ver o vampiro avançando em seu espaço pessoal um segundo a mais, ela fechou os olhos com força, cerrando os punhos. Seu calor a envolveu, enquanto ele a segurava pelo ombro, mantendo-a imóvel quando o peito dele roçou seus seios. Quando ele se inclinou para perto, sua mandíbula eriçada arranhou seu pescoço. Ela ofegou, soltando um grunhido do vampiro. Ele arrastou o nariz e a boca até o pescoço dela, em seguida, de volta para baixo, estabelecendo-se contra a sua pulsação, acariciando a pele pelo que pareceu uma eternidade.





De repente, seu calor e toque desapareceram. Ela abriu os olhos para encontrá-lo em pé atrás da cadeira, do outro lado da sala. Seu peito subiu e desceu com profundas correntes de ar. Apertando a mandíbula, ele manteve os olhos para frente, sem olhar para ninguém, então acenou firme e negativamente com a cabeça.

— Nenhum traço de seu próprio perfume. Apenas o aroma de Sua Graça e... sangue.

Mikhail assentiu.

— Você está dispensado, Dmitri.

O vampiro simplesmente desapareceu, tendo acelerado tão rápido que ela não viu movimento algum, nem mesmo um borrão. Ele estava parado lá, mas depois, não estava mais.

Ela ofegou.

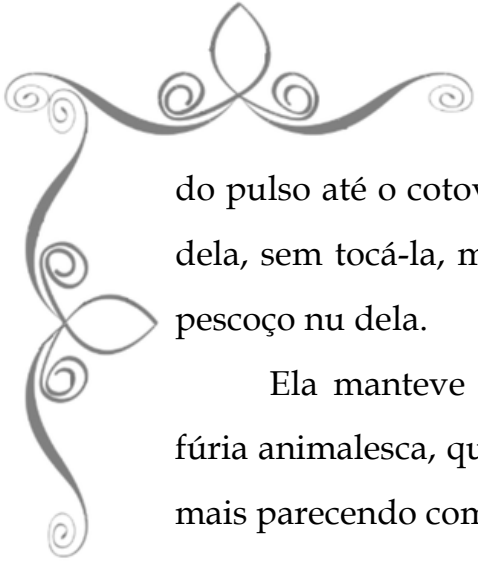
— Ele é muito... rápido.

— Sim. — disse Mikhail com um sorriso, que não apagou o olhar faminto em seus olhos. — Só mais uma vez, senhorita Snow. Então vamos deixar você em paz.

— Tudo bem. — disse ela, lançando um olhar para Friedrich, cujo semblante assassino a fez vacilar. Ela girou de volta para Mikhail, que ainda estava com as mãos nas costas. — Eu confio em você, capitão.

Mikhail sempre se comportou de maneira profissional, nunca dando a ela um indício do homem sob o véu que ele usava para o mundo. Mas, naquele momento, com a cabeça inclinada, uma sobrancelha se ergueu de surpresa, mas também de pena, quando ele revelou o poderoso e mortal predador em um piscar de olhos de parar o coração, revelando seu olhar de caçador.

Por algum motivo, ela não conseguia desviar o olhar ou fechar os olhos dessa vez, observando-o se aproximar. Seu olhar caiu quando ele levantou a mão dela antes de virá-la, com a palma para cima, e inspirou profundamente



do pulso até o cotovelo interno. Ele soltou a mão dela, então circulou por trás dela, sem tocá-la, mas seu calor a acariciou quando ele baixou a cabeça até o pescoço nu dela.

Ela manteve os olhos em Friedrich, que observava Mikhail com uma fúria animal, que revestia cada faceta de seu corpo. Mas ele não se mexeu, mais parecendo como uma estátua feita da pedra mais impenetrável.

Mikhail completou o círculo. Ela não podia mais olhar em seus olhos, deixando seu olhar instável sobre a pele exposta por sua camisa de linho desabotoada.

— Não me tema, senhorita Snow. — Sua voz era um sussurro letal, como o assassino prometendo a sua vítima que tudo ficaria bem.

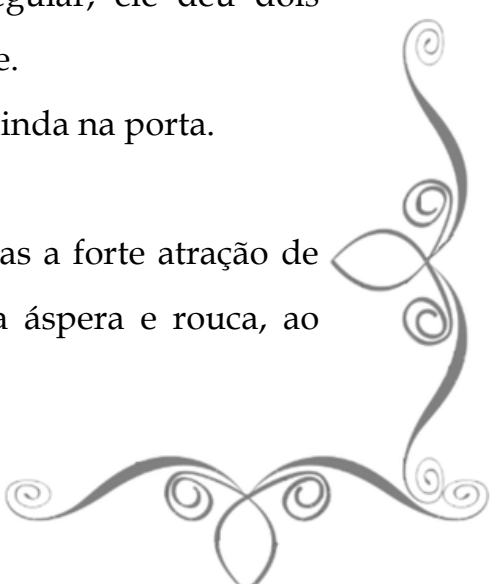
Ela deu um aceno quase imperceptível. Ele se inclinou, pairando em seu ombro enquanto deslizava a curva de seu pescoço até logo abaixo da orelha, onde ele roçou os lábios firmes em uma varredura áspera. Brenna apertou os punhos com tanta força que cortou a palma da mão com as unhas. Embora o corpo dela não tivesse reagido a ele da maneira visceral que ela reagia a Friedrich, não havia como negar sua atração sombria, e a realização de que qualquer mulher sentiria prazer se ele soltasse a feroz paixão que segurava com tanta força dentro de si. Ao mesmo tempo, ela queria se ver livre dessa proximidade e deste teste.

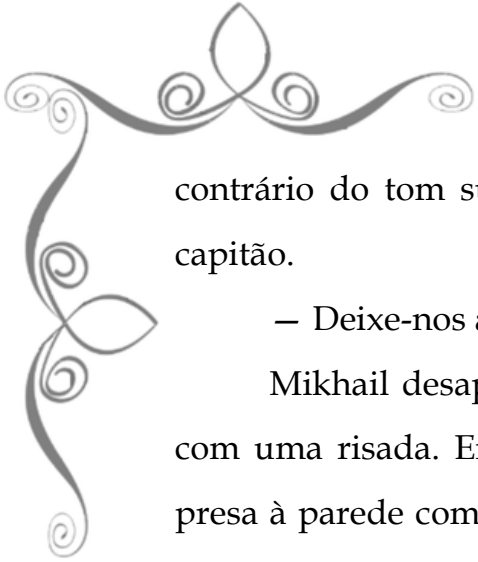
Ele se afastou cuidadosamente, cautelosamente, como se estivesse colocando de lado uma figura frágil que poderia quebrar se ele usasse a potência de sua força total. Sua respiração estava irregular, ele deu dois grandes passos para longe, mas não se virou para o Duque.

— Então? — Friedrich retumbou como um trovão, ainda na porta.

Mikhail pigarreou, seu olhar no chão.

— Não há traço de seu verdadeiro perfume. Apenas a forte atração de seu doce sangue. E você, Sua Graça. — Sua voz estava áspera e rouca, ao





contrário do tom suave e melodioso que ela estava acostumada a ouvir do capitão.

— Deixe-nos a sós. — ordenou Friedrich.

Mikhail desapareceu em um borrão e uma rajada de vento. Grant saiu com uma risada. Então Brenna foi apanhada no aperto feroz de Friedrich e presa à parede com uma velocidade ofuscante. Ele esmagou sua boca sobre a dela com um beijo consistente, de roubar o fôlego. Ela choramingou com a intensidade súbita. Tendo sido farejada e tocada por dois vampiros que obviamente queriam afundar suas presas em seu pescoço - e que exploraram sua pele de uma forma assustadoramente lenta - pra depois ser arrebatada por Friedrich e sua velocidade de vampiro a assustou.

Ela gritou quando ele mordeu o lábio inferior com uma ponta de sua resa. Ele aprofundou o beijo novamente, com a língua acariciando impiedosamente sua boca. Ela agarrou seus ombros, tentando se afastar para recuperar o fôlego, mas não adiantou. Ele estava decidido a engolir cada pequeno som que ela fazia.

Ele se afastou para sugar beijos quentes e de boca aberta no pescoço dela.

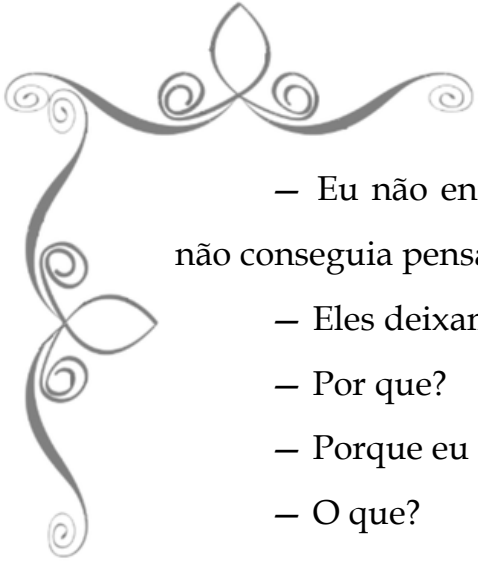
— Puta que pariu, mulher. Eu preciso estar dentro de você. Ou eu vou perder a porra da minha mente.

Ela ainda estava dolorida por causa dos dois dias de sexo e marcação, onde eles testaram todas as posições imagináveis e em todas as superfícies possíveis. Mas, sua necessidade fervorosa a fez querer obedecê-lo, de qualquer maneira.

Ele pressionou a testa na dela e fechou os olhos.

— Mas eu não pediria isso a você. Eu só preciso... te abraçar.

Ela colocou os braços ao redor do pescoço dele. Ele abaixou o rosto para acariciar seu pescoço.



— Eu não entendo o que aconteceu. Por que eles estavam tão... — Ela não conseguia pensar na palavra certa, sem parecer vulgar.

— Eles deixam o lado primitivo de sua natureza vir à tona.

— Por que?

— Porque eu pedi.

— O que?

Ele soltou um suspiro pesado, apertando sua cintura com força. Não era como se ela pudesse escapar, já que o corpo dele ainda a estava prendendo contra a parede.

— Para realmente testar o quão profundamente eu te marquei, eles precisavam invocar seus sentidos de vampiro.

— Vocês podem mesmo fazer isso?

Ele acenou com a cabeça.

— O homem e a fera estão sempre em disputa, dentro do vampiro. Mas nós temos a capacidade de suprimir a fera e deixar o homem governar. Ou podemos fazer o oposto. Eu pedi que fizessem o contrário. Eu precisava ter certeza de que qualquer vampiro, incluindo meu tio, não poderia detectar o cheiro que está flutuando nos folhetos da White Lily.

Ela agarrou as lapelas do casaco dele.

— Eu entendo.

Ele tomou sua boca novamente. Gentilmente, desta vez. Preguiçosamente lambendo e beliscando sua boca. Saboreando-a de uma maneira que dizia que ele sabia que ela era dele.

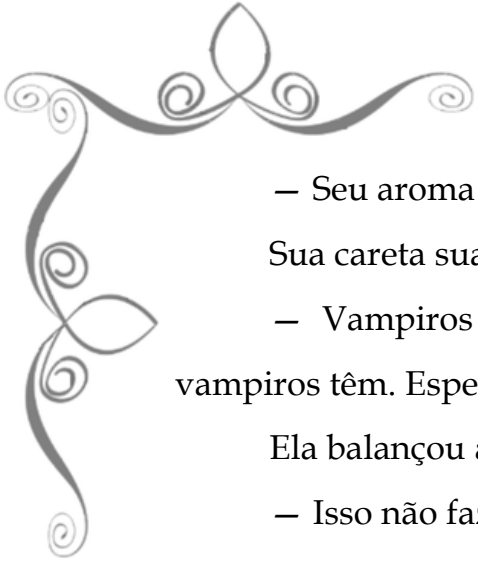
— Por que essa cara? — Ele perguntou.

— Eu só pensei em uma coisa.

— O que foi?

— Se o seu perfume está mascarando o meu, então como eu vou atrair um vampiro, para que ele confie em mim, no baile?

Ele olhou em confusão, obviamente, não fazendo a conexão.



– Seu aroma não vai assustá-los?

Sua careta suavizou e a boca se curvou de um lado.

– Vampiros são criaturas ambiciosas. Eles querem o que os outros vampiros têm. Especialmente uma mulher bonita, que é amante de um nobre.

Ela balançou a cabeça.

– Isso não faz sentido algum.

– Isso é porque você é humana.

Ela zombou.

– O que isto quer dizer?

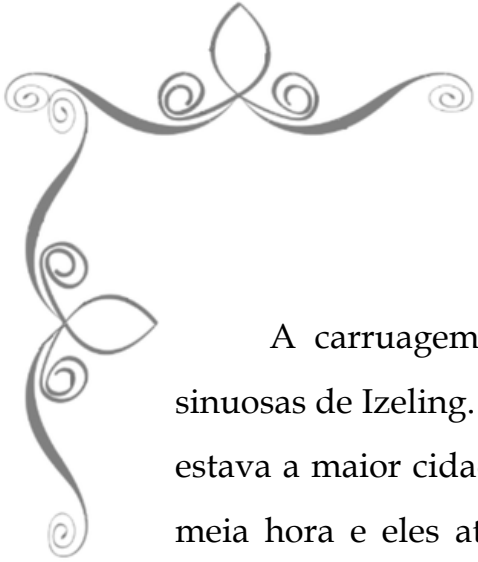
– Calma, gatinha. – ele brincou. – Vampiros são caçadores. Primitivos e carnívoros. E eles atacam a presa de outro vampiro, quando a vítima é tão deliciosa quanto você. – Seu tom perdeu o humor, ficando sombrio. – Eu não vou deixar você ir muito longe, Brennalyne. Você vai ficar à minha vista a todo momento. Você me entendeu?

Ele fez uma pergunta, mas na verdade era um comando.

– Eu entendi. – ela respondeu, segurando sua mandíbula com uma carícia suave. Ela olhou para a janela, o sol já estava no alto céu. - Agora, vamos. Helena está contando com a gente.

Ele sorriu, mas seus olhos endureceram.

– Hora de conhecer a família, meu amor.



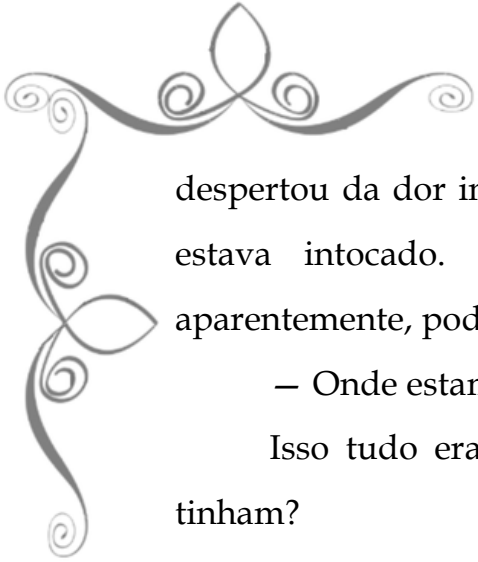
CAPÍTULO 24

A carruagem andou mais devagar conforme eles entraram nas ruas sinuosas de Izeling. Friedrich abriu a cortina apenas o suficiente para ver como estava a maior cidade do norte. Brennalyne ainda dormia em seu ombro. Mais meia hora e eles atravessariam a cidade e subiriam a colina em direção ao palácio.

Grant e Sylvia estavam em uma carruagem separada atrás deles, como a maioria dos criados faria. Ele notou o olhar desdenhoso de Grant antes de partirem. Ele não precisa dizer uma palavra. Grant merecia ter seu desejo de ser transformado em vampiro atendido. E Friedrich o concederia, quando essa maldita guerra acabasse. Mas, do jeito que as coisas eram agora, ele servia mais enquanto humano, pois era o espião perfeito. Friedrich não podia dar essa chance a seu tio, pois se ele olhasse de perto o suficiente, perceberia a semelhança entre eles. Depois desta noite, no entanto, ele poderia conceder-lhe o seu desejo. Porque todos estariam fugindo. E a coroa sabia que Friedrich se tornara um traidor como Marius.

As ruas da cidade fervilhavam de vida noturna. Bloco após bloco de tavernas, salões de jogos e bordéis ladeavam a rua principal. Um grupo de Legionários do Rei Dominik estava à porta de um bordel onde duas mulheres indecentes exibiam suas “mercadorias”. Friedrich sabia que era o tipo de lugar onde as prostitutas recebiam mais por seu sangue, do que pela cama. Havia muitos desses em Izeling. Mesmo assim, não havia prostitutas suficientes em todo o Norte para alimentar o exército que seu tio estava acumulando ao sequestrar aldeias inteiras.

Mais uma vez, seus pensamentos se voltaram para o paradeiro da fortaleza secreta, o Olho de Dragão. Ele e Mikhail tinham visitado o prisioneiro uma última vez antes da partida. A monstro patético jamais



despertou da dor incapacitante que o levou à inconsciência, o cordeiro ainda estava intocado. O elixir de seu tio era poderosamente eficaz. E, aparentemente, poderia ser fatal quando resistido.

— Onde estamos? — Brennalyn despertou. Seu coração se apertou.

Isso tudo era muito perigoso. Muito arriscado. Mas que escolha eles tinham?

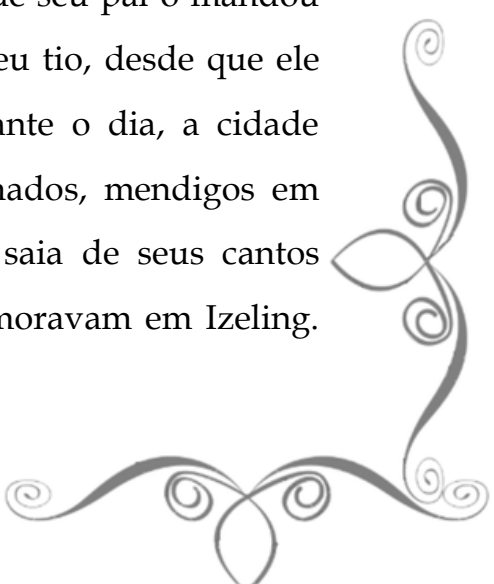
Pelo menos até agora, as crianças deveriam estar seguras nos braços do Black Lily. A última comunicação de Marius, duas semanas antes, indicava que logo enviariam grupos de revolucionários treinados de volta ao continente. Eles precisariam avaliar onde a Coroa era mais forte e onde poderiam recrutar mais pessoas para a próxima batalha.

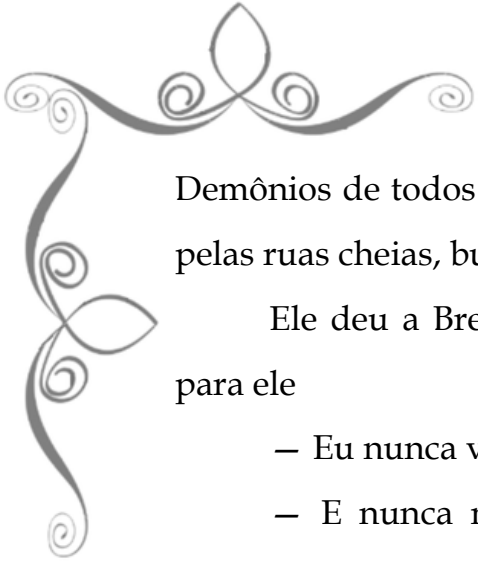
Porque a guerra estava chegando. Sem dúvida.

— Em Izeling, gatinha. — ele disse tão casualmente quanto pôde, escondendo o fio de medo que serpenteava em seu peito. — Nós estaremos no palácio em breve.

Brenna se sentou e foi em direção à janela, para olhar para fora. Ele não precisava perguntar para saber o que ela estava pensando. Ela era de Korinth, mas Korinth não era uma cidade de prazer hedonista como Izeling. No frio do Norte, o sangue quente que procurava satisfazer os desejos carnis dos vampiros, se reunia em Izeling. E o Rei, em sua torre escura acima deles, se deleitava com o excesso de humanos e vampiros, enquanto eles se debatiam e se aninhavam sob seu olhar de aprovação.

Friedrich odiara este lugar desde a primeira vez que seu pai o mandou para cá para aprender *a ser um homem*, sob a tutela de seu tio, desde que ele passara muito tempo na companhia de sua mãe. Durante o dia, a cidade cheirava a pobreza dos edifícios superlotados e empilhados, mendigos em todas as esquinas. Durante a noite, o verdadeiro mal saía de seus cantos sombrios. Vampiros não eram os únicos monstros que moravam em Izeling.





Demônios de todos os tipos de formas humanas tomaram forma e deslizaram pelas ruas cheias, buscando novas vítimas.

Ele deu a Brenna um aperto reconfortante. Ela girou o olhar da janela para ele

– Eu nunca vim a Izeling.

– E nunca mais voltará depois desta noite. – Ele fechou a cortina enquanto um bêbado tropeçava, chegando muito perto da carruagem.

– Em quanto tempo vamos sair depois do baile?

– Assim que você obtiver as informações necessárias, faremos uma saída tranquila e imediata.

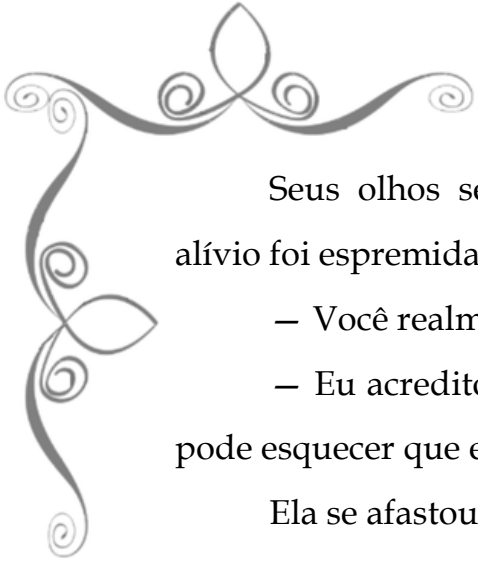
Ela endureceu, colocando a mão em seu peito enquanto ela olhava para ele.

– E se eu não obtiver as informações? E se não encontrarmos alguém que saiba onde fica o Olho do Dragão? E se...

Ele a parou com um beijo repentino. No começo, pretendia apenas deter os medos que saíam de sua boca, mas depois ele se abrandou e ela se abriu para ele. Incapaz de resistir, ele a lambeu, acariciando sua língua ao longo dela, saboreando sua doce essência, lentamente. Sua marcação cobria seu aroma único, mas não fazia nada para mascarar a doçura irresistível de seu sangue. Ele colocou a palma da mão no pescoço dela, os dedos se curvando em sua nuca enquanto explorava vagarosamente sua boca quente, saboreando a divindade dessa mulher. *Sua mulher.*

Quando ele interrompeu o beijo, ela olhou para ele com olhos atordoados, o marrom escuro tão suave que ele poderia se afogar e morrer, e ainda assim, seria a morte de um homem feliz. Ele acariciou ao longo do pescoço dela com o nariz.

– Eu vou encontrar o alvo certo. Você receberá as informações. Então, nós vamos pegar sua filha.



Seus olhos se fecharam brevemente quando uma suave exalação de alívio foi espremida de seus pulmões.

— Você realmente acredita nisso?

— Eu acredito. — Ele pressionou os lábios na testa dela. — Você só não pode esquecer que estará interpretando um papel. E tudo ficará bem.

Ela se afastou e se endireitou.

— Tudo bem. Me teste de novo.

— Quem é você, minha senhora?

— Lady Brennalyn Silverton, de Korinth. — Ela tocou os botões prateados de seu colete. — Você acha que foi muito arriscado usar meu primeiro nome? E se alguém que esteve em Terrington me reconhecer?

— Ninguém vai suspeitar que você é a professora de Terrington, gatinha. E se algum nobre no baile estiver lá ou visitar Winter Hill, então eles só saberão seu nome de professora, Senhorita Snow.

— Certo. — ela disse, com um tipo triste de sorriso.

Ela estava pensando em sua classe social novamente.

— Ninguém saberá que você é a professora que conquistou o notório libertino, o charmoso, mas de coração duro, Duque de Winter Hill, e o deixou de joelhos.

Ela riu, a alegria cintilando em seus olhos.

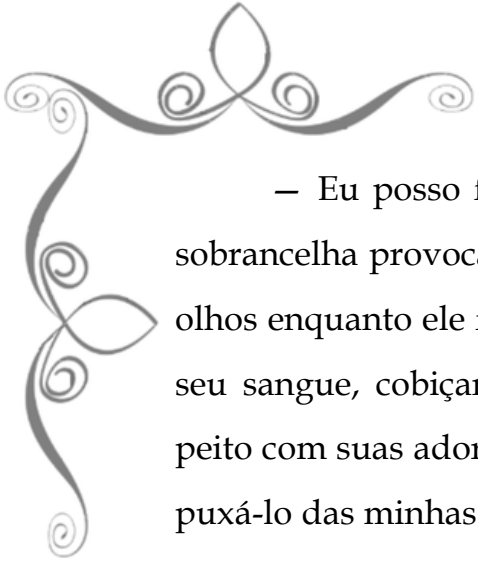
Ele sorriu e sussurrou mais suavemente.

— Ninguém vai saber que ela é mais do que uma simples amante em sua cama. Ela é a amante do coração dele.

Sua risada morreu e seus olhos se arredondaram.

— Você precisa parar de dizer essas coisas. Eu não deveria estar fazendo o papel da sua concubina favorita? Apenas um brinquedo, sua diversão do momento?

Sua voz retumbou baixa e suave.



— Eu posso fingir tão bem quanto você, gatinha. — Ela arqueou uma sobrancelha provocadora. Mas ela não poderia ignorar a honestidade em seus olhos enquanto ele falava. — Eu posso fingir que estou apenas enfeitiçado por seu sangue, cobiçando sua carne. Eu posso fingir que você não tocou meu peito com suas adoráveis mãos de porcelana e capturou meu coração, antes de puxá-lo das minhas costelas, mantendo-o para si. Eu posso fingir que você não olhou para mim com aqueles olhos... — Sua mão se moveu para suavizar um cacho rebelde em sua têmpora, para que ele pudesse olhar para ela sem obstáculos. — Estes olhos... — ele continuou, em um sussurro desesperado. — Que enxergaram dentro de mim e capturaram minha pobre e perdida alma, me ligando a você para sempre, fazendo com que eu a siga para qualquer lugar. Para *todos* os lugares. — Ele passou a ponta do polegar sobre os lábios dela, que estavam entreabertos. — Eu posso fingir, igualzinho a você.

Ela envolveu uma daquelas mãos delicadas em torno de seu pulso, com os olhos brilhando de emoção, antes de pressionar um beijo na palma da sua mão.

— Friedrich.

A carruagem cambaleou mais depressa. Ele beijou a mão dela, em seguida, abriu a cortina ao passar pelos portões de ferro forjado na parte inferior da trilha que levava até a torre. Estava quase na hora do show.

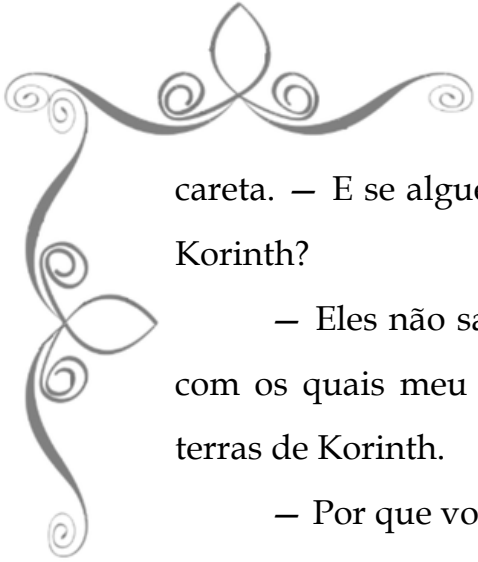
— Vamos praticar mais uma vez. — disse ele.

— Vá em frente.

— É um prazer conhecê-la, Lady Brennalyn. — disse ele, retornando ao seu discurso formal, falando do jeito que qualquer um da aristocracia vampiresca que ela encontraria no baile falaria. — Você é de qual família?

Endireitando a postura, ela respondeu em um tom mais arrogante.

— Meu pai, Robert Silverton, é o Barão de Dover. Vivemos em Pennington House, em Korinth. — Suas sobrancelhas se juntaram em uma



careta. — E se alguém souber que não existe nenhuma Pennington House em Korinth?

— Eles não saberão. — ele assegurou ela. — Confie em mim, os nobres com os quais meu tio se envolve não terão nenhum conhecimento sobre as terras de Korinth.

— Por que você diz isso?

— Ele e o irmão, o Rei Stephanus, se odeiam.

— Por quê?

— Porque seus egos são grandes demais para caber na mesma sala.

Ela riu, fazendo um som maravilhoso, que serviu para quebrar o peso sinistro que estava pressionando seu peito.

— Eu só vi o Rei Stephanus na parada das colheitas que meu pai e eu assistimos quando eu era menina. — acrescentou.

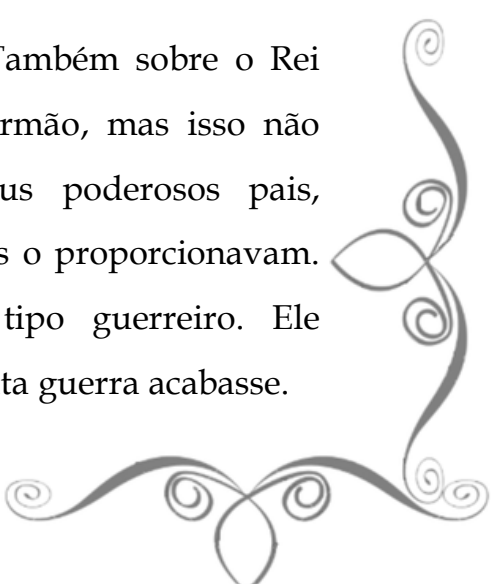
— E o que você achou do meu tio?

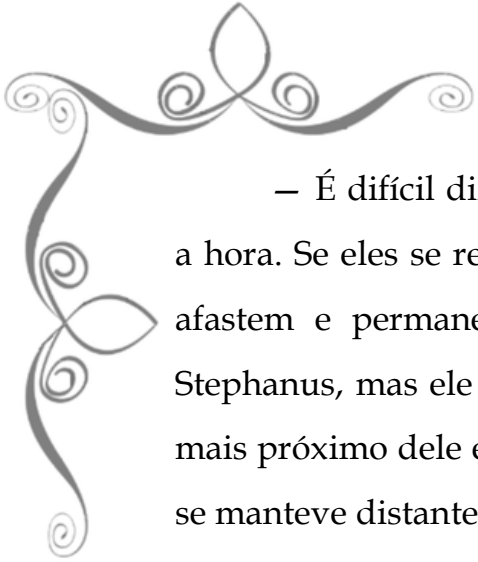
— Ele é um homem bonito. Mas não parecia tão imponente assim, para mim.

— Comparado com seus pais e com Dominik, ele não é. Stephanus só quer ser admirado. Ele insiste que as leis sejam seguidas em sua terra, no entanto.

— Sim, isso eu posso atestar. — ela concordou. — Ele era um governante justo em Korinth. Só um pouco distante. — Sua testa enrugou novamente. — O que você acha que vai acontecer quando a guerra começar? Ele vai se juntar ao exército da Rainha? E do Rei Dominik?

Friedrich já refletia sobre isso há muito tempo. Também sobre o Rei Agnar, no Oeste. Stephanus pode não gostar de seu irmão, mas isso não significava que ele estaria disposto a ir contra seus poderosos pais, especialmente porque ele parecia gostar do luxo que eles o proporcionavam. Stephanus simplesmente não era um vampiro do tipo guerreiro. Ele provavelmente se trancaria em seu castelo até que a maldita guerra acabasse.





— É difícil dizer. Marius vai conversar com seus irmãos quando chegar a hora. Se eles se recusarem a ficar ao nosso lado, ele pedirá para que eles se afastem e permaneçam distantes, no mínimo. Ele nunca esteve perto de Stephanus, mas ele era próximo de seu irmão Agnar, o Rei de Pyros, que é o mais próximo dele em idade. De todos os filhos da rainha, Agnar é o que mais se manteve distante da realeza.

— Por que você acha que ele fez isso?

— A verdade? Eu acho que ele os despreza. Mas ele sempre teve um coração mais mole para seu irmão mais novo, Marius. — Ele inclinou a cabeça para chegar mais perto dela. — Ainda há esperança, meu amor.

Ela sorriu. Ela baixou os olhos e ele notou o ritmo galopante de seu batimento cardíaco. Acontecia todas às vezes em que ele a chamava por seu novo apelido carinhoso. Ele não exigiria que ela retribuísse o sentimento e falasse de amor. Ainda não. Mas depois que eles recuperassem Helena e ele tiver Brennalyn a salvo e em segurança, ele planejava explicar a ela que ela se tornaria sua esposa imediatamente.

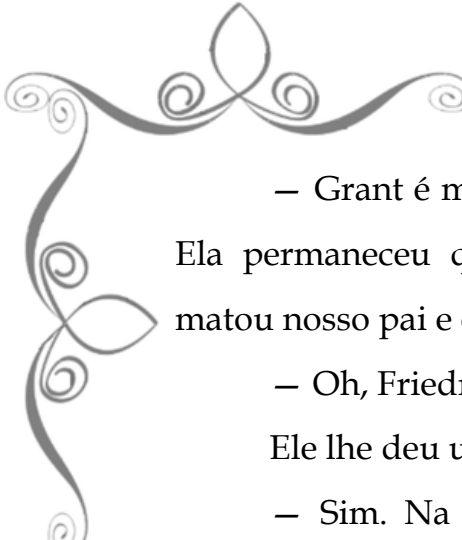
Ou, imploraria que ela assim o fizesse. Fosse do jeito que fosse, ele não suportava mais viver um só dia sem a certeza de que ela era realmente dele. Havia a questão de ir a Korinth e exigir que os tribunais lhe concedessem uma anulação. Ele lidaria com isso depois que ele conseguisse o consentimento dela. Uma coisa ele sabia com certeza; ele nunca deixaria essa mulher fora de seus braços. E ele não a deixaria pensar, nem por um segundo, que ela não era digna o suficiente para se tornar sua duquesa. Pois não havia mulher neste vasto mundo - nobre ou não - que pudesse se comparar a ela.

— Friedrich?

— Hmm?

— Quem o Grant é? Porque ele não é apenas seu mordomo.

Ele sorriu. Sempre observadora sua Brennalyn.



— Grant é meu meio-irmão. Filho da concubina favorita do meu pai. — Ela permaneceu quieta contra ele. Ele continuou. — Quando minha mãe matou nosso pai e ela mesma, a mãe dele também tirou a própria vida.

— Oh, Friedrich. Que terrível para vocês dois.

Ele lhe deu um aperto reconfortante.

— Sim. Na época, Grant era um adolescente barulhento. E zangado. Pronto para tacar fogo no mundo. Eu pedi a ele para ficar comigo. Consegui dar a ele uma boa educação, pois era o que ele merecia. Ele também era rápido com uma lâmina. Ele treinou com os Legionários nomeados para Winter Hill. E, mais tarde, ele se tornou meu melhor amigo.

Ela riu em sua jaqueta.

— Não me admira.

— Como assim?

— Apenas de conversar com ele, eu sabia que ele era dedicado a você, mas também gostava do seu desconforto. Como no "teste" na sala de estar.

— Ah, sim. Um idiota, é isso o que ele é. Ele gosta de me ver irritado.

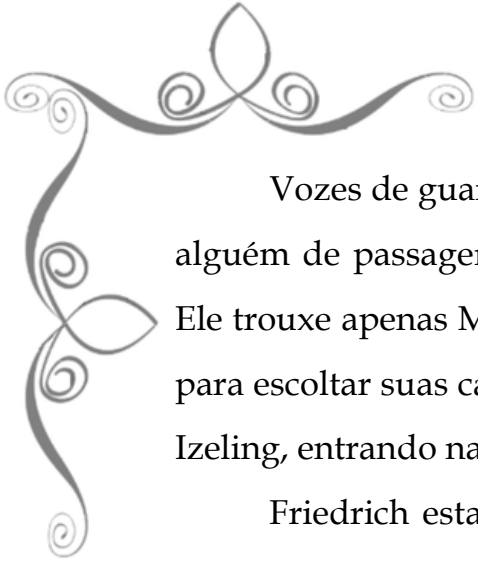
— Mas ele o ama.

Os dois nunca disseram essas palavras. Mas Brennalyne conseguiu enxergar facilmente o amor fraternal entre eles. Ele deu um beijo no topo da cabeça dela.

— E eu a ele.

Eles permaneceram em silêncio enquanto a carruagem sacudia pelo resto do caminho até a Izeling Tower. Friedrich puxou um relógio de bolso do colete. Eles chegaram com tempo suficiente para se instalarem em seus quartos, se refrescarem e se vestirem para o baile. Tudo estava indo como planejado.

Então, por que ele tinha essa sensação de aperto no fundo do intestino, uma escuridão nova, que agitava e arranhava dentro dele conforme eles iam se aproximando de seu destino?



Vozes de guardas podiam ser ouvidas. A voz forte de Mikhail falou com alguém de passagem. Friedrich ouviu a palavra “estável”, mas isso foi tudo. Ele trouxe apenas Mikhail, Dmitri e outros dois da Guarda de sangue consigo, para escoltar suas carruagens. Mas os outros estavam esperando na vizinha de Izeling, entrando na cidade até mais tarde.

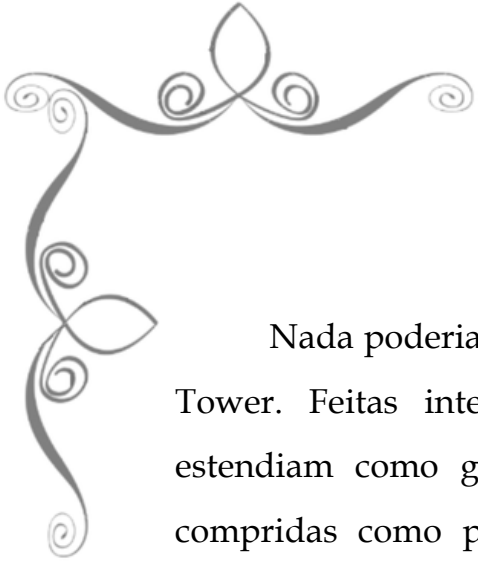
Friedrich estava preparado para voar com um guarda blindado, assim que Brennalyn descobrisse a localização do Olho do Dragão, através de um dos nobres vampiros narcisistas presentes no baile. Ele estava mais do que certo de que encontrariam alguém disposto a revelar seus segredos, apenas para provar sua Brennalyn. Ele cerrou a mandíbula. Ele nunca deixaria um deles chegar tão longe, mas a ideia ainda produzia ácido em seu estômago. Ele quase perdeu a porra da cabeça enquanto assistia Dmitri e Mikhail testá-la por seu cheiro.

A carruagem parou de repente. O cocheiro abriu a porta. Friedrich saiu primeiro, depois guiou Brennalyn para fora, diante da imponente entrada.

— Lady Brennalyn. Bem-vinda à Izeling Tower.

Ela ergueu os olhos, maravilhada, com admiração em todo o seu rosto adorável.

— Oh. meu. Deus.



CAPÍTULO 25

Nada poderia ter preparado Brenna para a opulência sombria da Izeling Tower. Feitas inteiramente de pedra escura, com arcobotantes que se estendiam como grandes asas de dragão, as espirais apontavam altas e compridas como punhais, perfurando o céu noturno. Horríficas gárgulas demoníacas se agachavam em todos os cantos, com a boca cheia de presas e olhos grandes e atentos. Uma lua redonda e amarela pairava sobre o gigante de um palácio, dando-lhe uma aparência medonha. Tanto que ela se perguntou se não estava prestes a adentrar nos portões do inferno.

Ela reprimiu um arrepio quando Friedrich a acompanhou pelos largos degraus da frente, feitos de mármore branco cintilante. O efeito da entrada branca que levava ao castelo negro era impressionante e inquietante. Ela nunca tinha visto o Rei Dominik, apenas conhecendo-o por boato, mas temia que ele combinasse muito bem com seu covil temeroso.

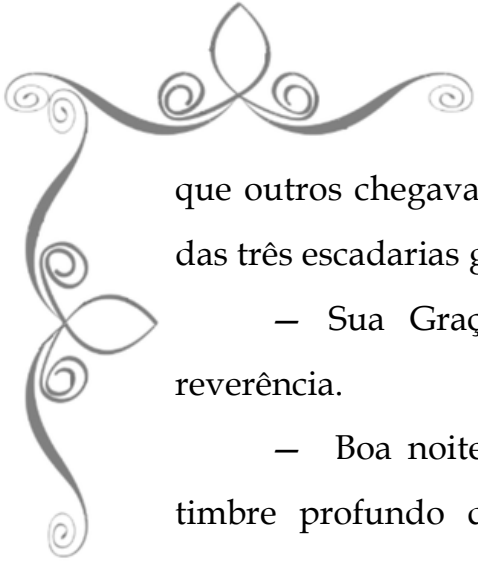
Friedrich colocou a mão sobre a dela e deu um aperto reconfortante.

— Coragem, amor.

Ela pensou em Helena, sua doce filha. Qualquer chance de salvá-la dependia do sucesso de Brenna em desempenhar bem seu papel. Ela fez uma rápida oração para que Helena ficasse segura onde quer que estivesse. Por um pouco mais. *Aguente firme, querida.*

Ela não tinha dúvidas de que, se alguém pudesse salvá-la, seria Friedrich e sua Guarda de Sangue. Mas, primeiro, ela precisava se tornar Lady Silverton e conseguir as informações de que precisavam.

Ela ergueu o queixo, enrijecendo o olhar, e assumiu uma máscara vaidosa. A escada e a entrada do vestíbulo eram iluminadas por braseiros de fogo em longos postes de ferro forjado. Enquanto atravessavam as portas duplas abertas, vozes murmurantes ecoavam na entrada abobadada à medida



que outros chegavam, conduzidas por criados em vermelho e preto por uma das três escadarias gigantes que conduziam ao foyer maciço.

— Sua Graça. — uma figura magra o cumprimentou com uma reverência.

— Boa noite, Carrow. — Brenna notou o tom arrogante inflado no timbre profundo de Friedrich. De fato, ele havia se revestido em total arrogância para a ocasião. — Nossos quartos estão prontos? Lady Brennalyn precisará descansar antes das festividades de hoje à noite.

O mordomo se comportou como um homem de plena autoridade. E embora parecesse que alguém havia removido todos os músculos de seu corpo e simplesmente colocado a pele sobre seus ossos, havia uma força queimando em seu olhar, refletindo em seu comportamento, que era ameaçador e poderoso.

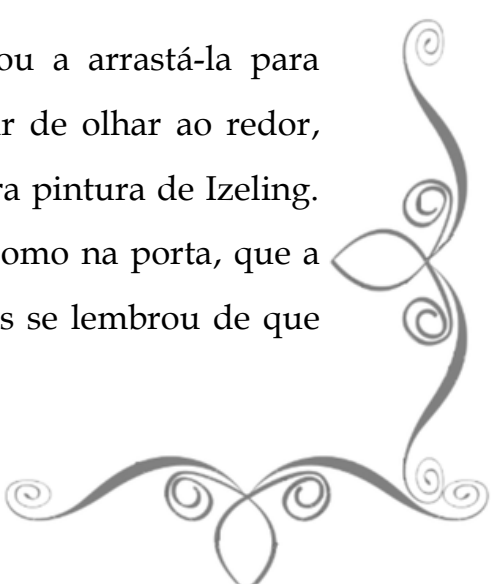
— Sim, Sua Graça. — ele disse, com todo respeito. — Para você e sua convidada foram nomeados quartos nas suítes reais, é claro.

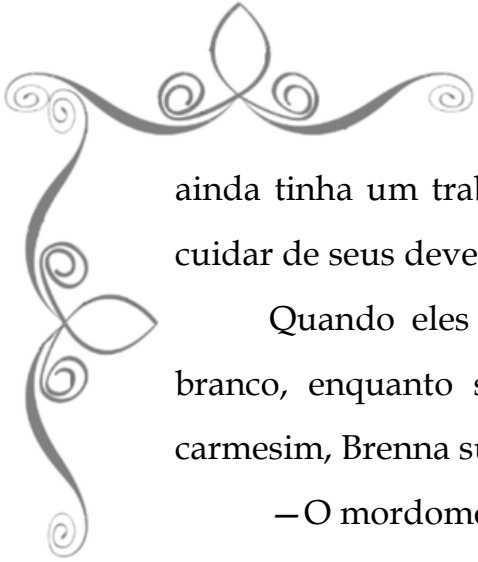
— Claro. Meu criado e a criada de Lady Brennalyn estarão acompanhando nossa bagagem.

— Eu vou me certificar de que eles encontrem o caminho, e então vou colocá-los nos quartos dos empregados. — O homem esquelético curvou um dedo ossudo para um empregado que estava alinhado em uma fila perfeitamente formada, ao longo do corredor.

— Harlon, acompanhe Sua Graça à Suíte Prateada. — O homem se curvou em outra profunda reverência.

Friedrich mal reconheceu o movimento e começou a arrastá-la para longe do lacaio de rosto bonito. Brenna não pôde deixar de olhar ao redor, para todos os lacaios e empregadas vestidas na reveladora pintura de Izeling. Todos eles eram jovens e bonitos. Exceto o terrível mordomo na porta, que a fez pensar que ele parecia alguém que foi enterrado, mas se lembrou de que





ainda tinha um trabalho a fazer, então se arrastou para fora da tumba, para cuidar de seus deveres.

Quando eles finalmente chegaram ao topo da escadaria de mármore branco, enquanto seguiam Harlon por um longo corredor acarpetado de carmesim, Brenna sussurrou.

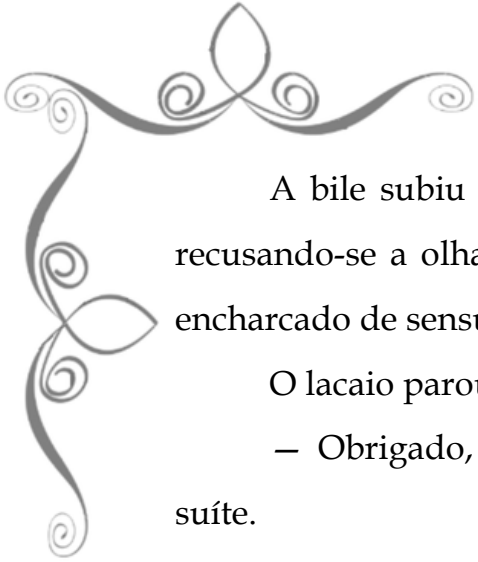
— O mordomo parece ter uns cem anos, mas é tão forte quanto um boi.

Friedrich baixou a boca ao ouvido dela.

— Espere até que estejamos a portas fechadas, gatinha. — Ele apontou para as portas abertas por onde passaram. Brenna repreendeu a si mesma. Se eles estivessem nas suítes reais, todas seriam ocupadas por vampiros que tinham uma audição extremamente boa.

Ela engoliu em seco, embora não houvesse saliva em sua boca e assentiu. Apenas o farfalhar de suas saias emitiu um som enquanto se aproximavam do final do corredor. Brenna notou as pinturas do chão ao teto decorando o salão, emolduradas em prata elaborada. Uma delas mostrava uma linda donzela, com o vestido caído de seu ombro, expondo um seio nu, enquanto ela corria com medo de um sátiro demoníaco. Outro quadro mostrava uma piscina de banhistas, todas amáveis, rindo de mulheres de pele clara, corpos voluptuosos à mostra. A cena teria sido bonita se não fosse por uma figura alta e escura os observando da sombra das árvores, com olhos azuis brilhantes - um vampiro. A próxima pintura era uma representação de um rei de cabelos negros em um trono - ambos assustadores e bonitos - com um grupo de mulheres voluptuosas envoltas a seus pés. Escravos adorando seu mestre.

— Meu tio. — disse Friedrich, acenando para a pintura que se estendia ao longo da parede de um quarto para o outro. A expressão de ódio de Friedrich era inconfundível.



A bile subiu na garganta de Brenna. Ela se virou e olhou para frente, recusando-se a olhar para mais uma cena sensual doentia. Este lugar estava encharcado de sensualidade e violência.

O laçao parou e se curvou diante de uma porta.

— Obrigado, Harlon. Certifique-se de que meu laçao encontre minha suíte.

— Sim, Sua Graça. — disse o laçao, que não poderia ter mais de dezesseis anos.

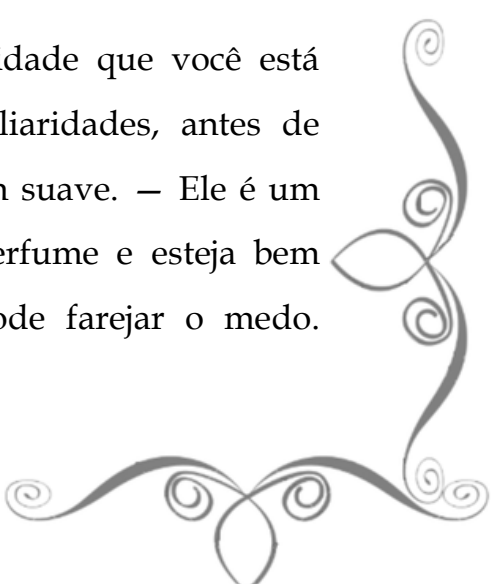
Brenna soltou um suspiro de alívio quando Friedrich fechou a porta atrás deles e ela examinou os dois quartos conjugados. A sala de estar que unia os dois quartos era decorada em branco e prata, de uma ponta à outra. As janelas estavam envoltas em pesadas cortinas de veludo branco, um tecido que Brenna nunca tinha visto antes. O damasco prateado cobria as espreguiçadeiras e a cadeira de chenille branco, que ficava no meio, perto da lareira, onde havia um luxuoso tapete branco, incrustado de flores prateadas.

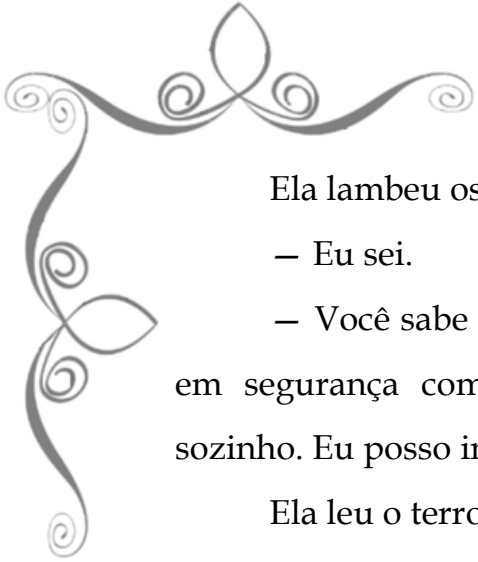
A cornija e os aparadores eram decorados com figuras delicadas - um pônei branco empinado, uma criada vestida de branco com um guarda-sol e um grupo de três cordeiros. Ela examinou as paredes e encontrou apenas belas pinturas de flores repletas de calor e luz solar. A sala era a antítese do resto do castelo.

— Graças a Deus ele nos colocou nesta sala. Você viu aquelas pinturas no corredor? — Ela perguntou.

Friedrich a envolveu em seus braços.

— Eu estou agradecendo aos céus pela oportunidade que você está tendo de se acostumar com o ambiente e suas peculiaridades, antes de conhecer meu tio. — Sua voz não era nem sombria, nem suave. — Ele é um monstro cruel, meu amor. Embora você use o meu perfume e esteja bem protegida desse problema em particular, ele ainda pode farejar o medo. Facilmente. E não há nada que o excite mais.





Ela lambeu os lábios e exalou uma respiração profunda.

— Eu sei.

— Você sabe que não precisa fazer isso, não sabe? Eu posso deixar você em segurança com meus homens da Guarda de Sangue, enquanto vou sozinho. Eu posso inventar uma desculpa para você.

Ela leu o terror brilhando em seus olhos e reforçou sua determinação.

— Não. Eu vou fazer isso. Se minha Helena pode sobreviver em uma cela infernal qualquer, seja lá onde ela esteja, então eu posso fazer isso por ela.

Ele olhou para ela com uma expressão ilegível, como se ponderasse uma decisão. Antes que ele pudesse responder, houve uma batida na porta. Ele foi até a porta e a abriu, encontrando Grant carregando seu baú e Harlon carregando as coisas de Brenna, com Sylvia atrás deles.

Harlon acenou com a cabeça na direção da porta mais distante.

— Essa será a câmara de Sua Graça. E essa aqui é de Lady Brennalyn.

Friedrich seguiu Grant para o quarto à esquerda, deixando-a com Sylvia, que parecia tão aterrorizada quanto Brenna. Ela deu a sua amiga um sorriso reconfortante.

Harlon marchou para o que seria seu quarto e então fez uma reverência rápida antes de sair de volta para o corredor.

— Feche a porta. — ela sussurrou para Sylvia, agora com medo de que alguém pudesse estar ouvindo em todos os cantos.

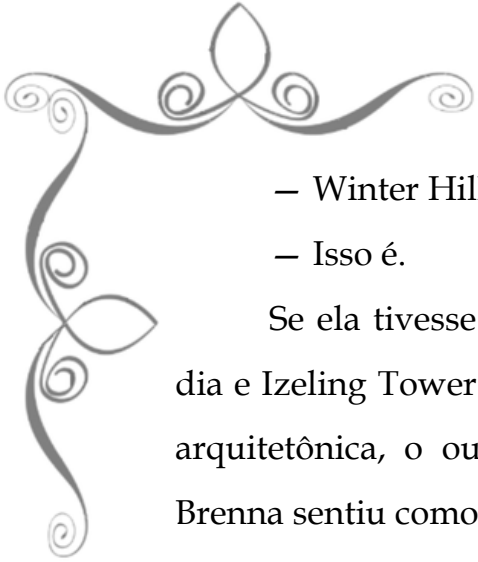
Ela fechou. Friedrich e Grant falaram em voz baixa na sala ao lado. Brenna se aproximou e pegou a mão de Sylvia, sabendo que a garota pálida precisava de conforto e algo para fazer, então a guiou em direção ao outro quarto da sala de estar.

— Venha me ajudar a sair deste vestido.

— Eu nunca fui a um lugar como este. — Sylvia sussurrou.

Ambas pareciam sentir a necessidade de falar em voz baixa.

— Nem eu.



– Winter Hill é muito diferente...

– Isso é.

Se ela tivesse que fazer uma comparação, ela diria que Winter Hill era dia e Izeling Tower era noite. Um era um monumento suave e limpo à beleza arquitetônica, o outro era uma ode ornamentada à ilusão fantasmagórica. Brenna sentiu como se estivesse flutuando em um sonho. Não do tipo bom.

Então ela parou, ofegante, maravilhada ao se dar conta da beleza do ambiente em que estavam.

– Oh! – a reação surpresa de Sylvia ecoou a dela própria.

A sala inteira tinha um brilho branco incandescente. A cama - construída de um suave álamo branco - estava envolta em mechas de seda e coberta com uma colcha de seda branca. A janela estava envolta em seda perolada. Como a sala, havia uma lareira de mármore branco e uma cornija, tapetes brancos prateados no lado da cama e na lareira. Como este era o quarto de uma dama, havia uma delicada penteadeira, da mesma cor de madeira que a cama. Um candelabro de cristal pendia do centro, projetando prismas de luz de velas douradas na parede e no teto. O efeito era nada menos que mágico.

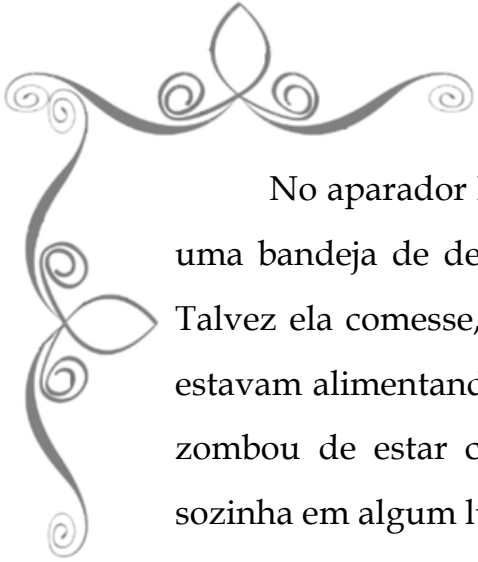
– É como um país das maravilhas. – disse Sylvia.

– Sim. É.

O quarto inteiro era realmente bonito. Mas o objeto mais magnífico de todos estava na parede oposta. Um espelho grande, quase o dobro de seu tamanho em altura e triplo na largura. Brenna foi puxada para ele como a flor sombreada ao sol.

A moldura estava pintada de pérola cintilante, com minúsculos querubins alados esculpidos ao redor do perímetro. Suas bocas estavam abertas em pequenos “O”, e Brenna não podia dizer se eles estavam cantando ou gritando. Sua beleza era adorável e assombrosa.

– Olhe, Brenna. Eles lhe trouxeram um pouco de chá.



No aparador havia um bule de prata reluzente com uma xícara de chá e uma bandeja de deliciosos doces, amêndoas cristalizadas e fatias de laranja. Talvez ela comesse, um pouco depois de se vestir para o baile. Será que eles estavam alimentando Helena, onde quer que ela estivesse sendo mantida? Ela zombou de estar cercada por tal luxo enquanto sua filha estava gelada e sozinha em algum lugar.

Com uma respiração profunda, tentando não perder a compostura, ela se virou para Sylvia.

— Venha, me ajude a me trocar, por favor.

Ela precisa focar em encontrá-la. Isso significava jogar esse maldito jogo, fazendo o papel de uma dama nobre.

Ela se aproximou do baú e o abriu, para encontrar o vestido que Friedrich havia comprado para ela usar no baile. Ela pegou a sedução escarlate em seda e colocou-a na cama, enquanto Sylvia puxava as cordas do corpete, finalmente a libertando para que pudesse sair das saias pesadas. Sylvia as guardou no baú.

— Os chinelos de cetim preto devem estar por aí, em algum lugar.

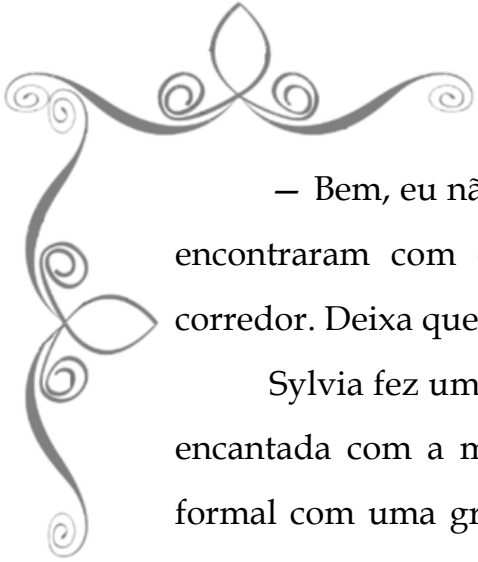
— Eu os encontrei.

— Você achou um espartilho preto também? — Brenna começou a afrouxar seus próprios cadarços. — O vestido de baile tem um decote bastante baixo e revela um pouco da borda do espartilho.

Sylvia tirou o espartilho preto do baú com um ar de choque e o jogou ao lado do vestido vermelho, observando as roupas indecentes esticadas em cima da cama.

— Esse vestido mostra suas roupas de baixo?

— É um novo estilo. Bem, é o que eles dizem. — Seu espartilho caiu no chão, deixando-a em sua camisola transparente. — Embora eu esteja começando a sentir falta dos meus vestidos cinza.



— Bem, eu não estou. — Friedrich estava parado na porta. Seus olhos se encontraram com os dela. — Sylvia, Grant está esperando por você no corredor. Deixa que eu termino de ajudar Lady Brennalyn a se vestir.

Sylvia fez uma reverência e saiu correndo, enquanto Brenna permanecia encantada com a maneira como Friedrich a olhava. Ele já usava sua roupa formal com uma gravata de seda preta e um casaco de cauda comprida. No entanto, ele rondou em direção a ela com uma graça felina, os prismas de luz capturando seus olhos sobrenaturais.

Mesmo tão nua quanto ela, observando-o aproximar-se, ela inclinou a cabeça e disse levemente.

— Sylvia sabe que não sou uma dama de verdade. Não há necessidade de usar o título na frente dela.

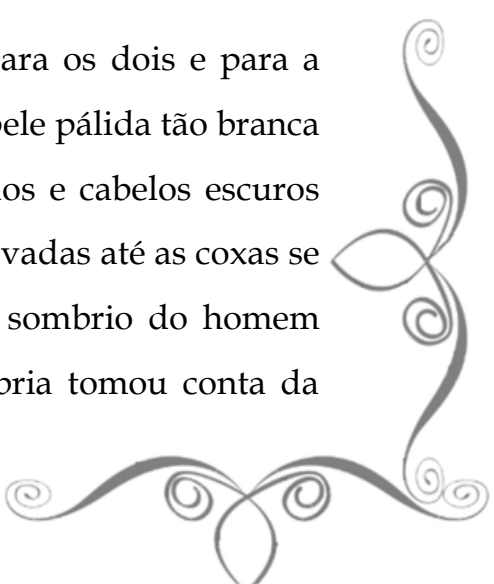
Ele parou no meio do caminho, seu olhar escurecendo com tal intensidade que o calor tocou sua pele. Ela baixou a atenção para o chão, percebendo pequenos pontos de luz brilhando no lustre. Ele caminhou lentamente até ela, agarrou seus antebraços e caminhou suavemente para trás com ela. Ela agarrou seus bíceps para se firmar, seus músculos firmes se destacando sob o casaco finamente costurado.

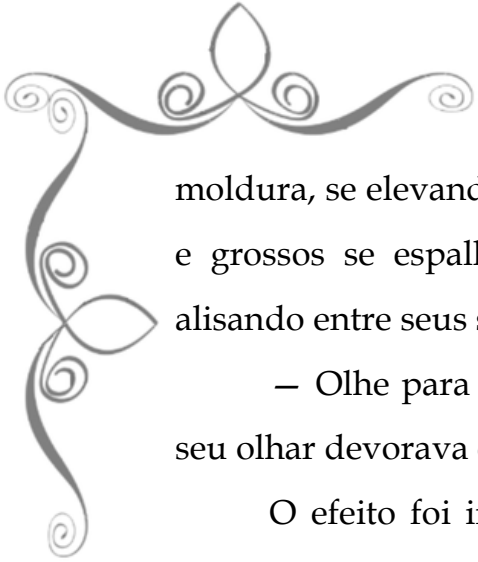
— Friedrich?

Uma carga elétrica palpável estalou ao redor de seu corpo. Ele não respondeu até que ele parou e a virou na frente do espelho gigante. Ela prendeu a respiração.

— Olhe para você. — ele disse.

E ela fez. Mas, em vez de obedecê-lo, ela olhou para os dois e para a imagem que eles formavam juntos. Seu corpo delicado – pele pálida tão branca quanto a camisa transparente que usava, mamilos rosados e cabelos escuros que balançavam na lateral de seus quadris. Suas meias elevadas até as coxas se misturavam com o tom de sua pele. Então, o contraste sombrio do homem atrás dela chamou sua atenção. Sua figura linda e sombria tomou conta da





moldura, se elevando sobre a imagem dela. Suas mãos grandes e dedos longos e grossos se espalharam ao redor de sua cintura, cobrindo sua barriga e alisando entre seus seios.

— Olhe para você. — ele sussurrou, parecendo estar perdido enquanto seu olhar devorava cada centímetro do corpo dela.

O efeito foi imediato. Seu olhar sensual e sua voz aveludada exigiam que seu corpo reagisse a ele. E isso fez o calor aumentar na parte baixa de sua barriga.

Quando ela se contorceu e tentou se virar, ele a apertou com força.

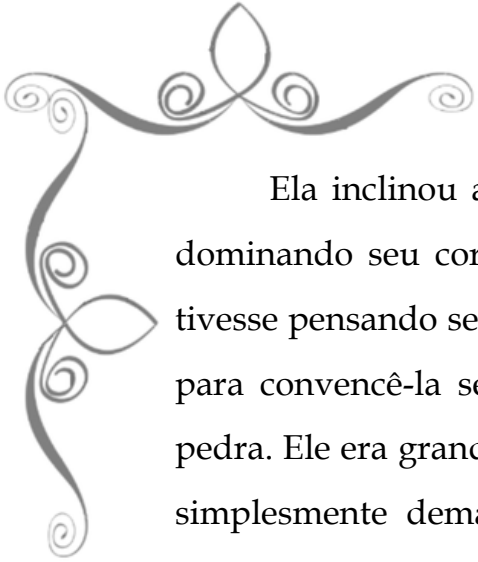
— Você é linda pra caralho. A *Lady* mais linda que conheço. — Suas grandes mãos se moviam em direções opostas. Brenna não podia fazer nada além de assistir – ansiosa e sem fôlego – enquanto uma das mãos se arredondava sobre um seio, apertando, e a outra escorregava para baixo de sua barriga, permitindo com que seu dedo do meio alisasse ao lábios de sua boceta.

Ela ofegou. Mesmo sob a fina camada do tecido da camisola, o toque dele era eletrizante. Ela agarrou seus antebraços, precisando de algo para se segurar. Seus dedos rolavam em sua pele enquanto ele a acariciava lentamente.

— Abra um pouco mais as pernas, gatinha. — ele ordenou, a intensidade sombria de sua voz retumbando contra suas costas, enquanto ele pressionava contra ela. A ereção era evidente logo acima de seu traseiro. Ela fez como lhe foi dito.

Ele baixou a cabeça para o ouvido dela, com o cabelo roçando seu pescoço, enquanto ele mordiscava sua orelha não muito gentilmente. Ela pulou mais uma vez, sentindo o calor rodopiante entre suas pernas.

— Caralho. — Ele a acariciou mais profundamente com os dedos. — Tão molhada para mim, gatinha. Eu posso sentir seu cheiro. Tão forte, que está me deixando louco.



Ela inclinou a cabeça para o ombro dele, sucumbindo à sensação dele dominando seu corpo, do jeito que só ele sabia fazer. Se ela alguma vez já tivesse pensando seriamente em se afastar dele, tudo o que ele precisaria fazer para convencê-la seria tocá-la, e sua decisão iria se quebrar, feito vidro na pedra. Ele era grande demais, sombrio demais, forte demais, sedutor demais... simplesmente demais para resistir. Mesmo agora, enquanto eles deveriam estar se preparando para uma missão perigosa entre os mais traiçoeiros de seus inimigos, tudo o que ela queria eram as mãos e a boca dele em seu corpo. Tudo o que ela queria era ele dentro dela.

Talvez tenha sido por causa do perigo, por causa do risco, por causa do desespero de não encontrar Helena... viva. Mas ela precisava dele. *Desesperadamente*. Ela cravou as unhas mais profundamente em seus braços e soltou uma respiração trêmula.

Ele cerrou o aperto nela.

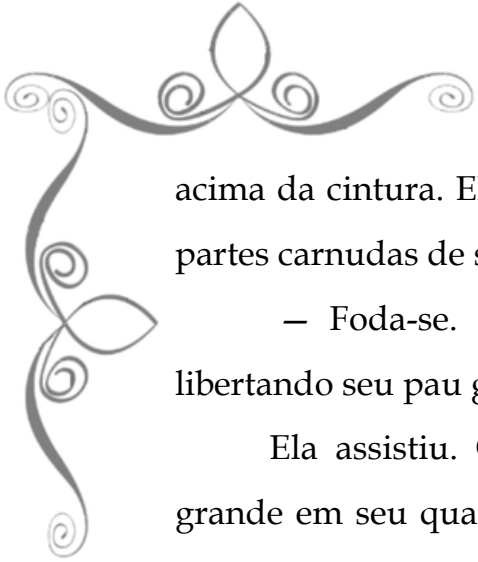
— Abra os olhos, Brennalyn. *Olhe*. — Ela nunca havia escutado uma necessidade tão voraz em seu tom antes, como se estivesse enviando comandos diretamente de sua alma.

Quando ela levantou a cabeça do peito dele, ela mal reconheceu o rosto da mulher diante dela. Olhos escuros nadando em paixão, lábios úmidos e entreabertos, e uma mancha de rubor espalhada em seu peito e bochechas. O reflexo perfeito de erotismo, conforme os dedos dele a provocavam com uma magia perversa.

Ele a esfregou a ereção na bunda dela.

— Coloque suas mãos no espelho. E não se atreva a desviar o olhar ou fechar os olhos.

Ela plantou as palmas das mãos contra o vidro frio. O olhar dele escureceu ainda mais, abrindo a boca e revelando as presas se projetando enquanto ele subia a bainha de sua camisola com dedos hábeis, enrolando-a



acima da cintura. Ela viu quando ele olhou para baixo, onde agarrou as duas partes carnudas de sua bunda, acariciando lentamente antes de apertá-la.

— Foda-se. — ele murmurou, desfazendo a queda de suas calças e libertando seu pau grosso.

Ela assistiu. Como ele disse a ela para fazer. Ele colocou uma mão grande em seu quadril, a outra segurando seu pau extremamente rígido. Ele pegou o olhar dela no espelho, segurando-a com ele enquanto empurrava dentro dela em um impulso longo e lento. Ela abriu mais a boca, soltando um gemido silencioso. Ele grunhiu em resposta, o que a deixou ainda mais excitada, fazendo com que seus mamilos endurecessem e pressionassem contra o tecido fino da camisola.

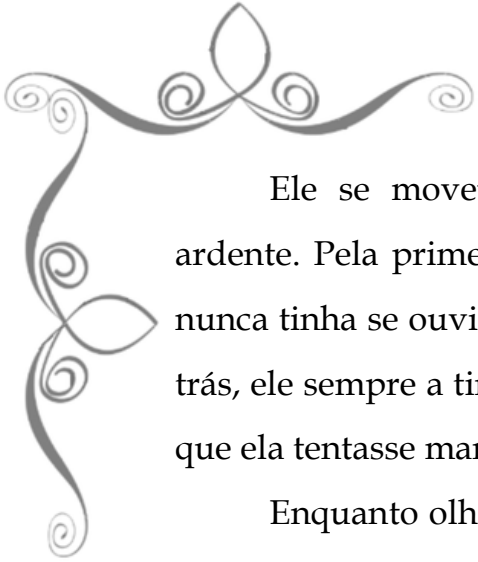
Ele gemeu com força, olhando para baixo, onde seus corpos se encontravam. Enterrado profundamente dentro dela, ele agarrou seus quadris com tanta força, que ela sabia que ficaria com hematomas. O pensamento evocou um grito rouco de seus lábios entreabertos. O olhar feroz de Friedrich disparou para o espelho novamente, e ela viu a possessão carnal expressa em cada linha de seu rosto tenso, seus ombros largos e seu peito arfante.

Então, ele começou a se mover.

— *Minha* dama. — A declaração áspera percorreu sua espinha. Ela se curvou em resposta à sua voz grave, puxando-o mais fundo. Ele bateu dentro dela com golpes duros e determinados, como se precisasse convencê-la a quem ela pertencia.

Ela sabia. Ela já sabia há algum tempo, muito antes dele a levar para a cama. E, ainda assim, ela ainda não conseguia admitir para si mesma que ele possuía muito mais que apenas seu corpo. Uma pontada realização atingiu o órgão rebelde sob suas costelas, que agora martelava com força pelo homem a acariciando tão profundamente que ela sabia que o sentiria por dias.

— *Minha* mulher.



Ele se moveu mais rápido, batendo mais forte com cada impulso ardente. Pela primeira vez, ela ouviu seus próprios gemidos lamuriosos. Ela nunca tinha se ouvido, sempre tão subjugada por ele - em cima, embaixo, por trás, ele sempre a tinha sob seu inconfundível domínio, sobre qualquer espaço que ela tentasse manter para si mesma.

Enquanto olhava para o espelho, um brilho fino de vapor emoldurou as mãos que ela apoiava no vidro, os seios balançavam contra a camisola e a visão do vampiro grande e feroz, investindo duramente contra seu corpo, a marcaram muito mais profundamente do que aqueles dias na caverna do sexo. A dor aguda em seu coração cresceu e se expandiu, abrindo um abismo enorme que só ele seria capaz de preencher.

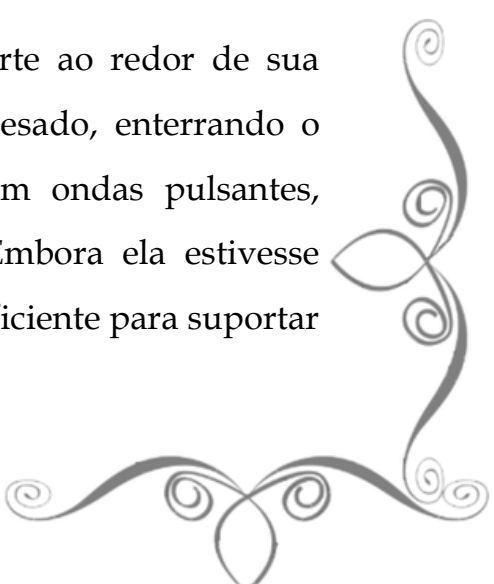
Ele soltou seus quadris e se inclinou para frente, espalmando uma mão no espelho, perto da dela. A parede dura de peito, ombros e abdômen pressionaram contra suas costas. Achatando a palma da mão na garganta dela, ele segurou sua mandíbula com firmeza, mas gentilmente, mantendo a cabeça para frente, observando, com a boca perto da orelha dela. Ele continuou dando impulsos mais profundos e mais intensos. O fogo em seus olhos de safira brilhava tão poderosamente, que ele seria capaz de incendiá-la.

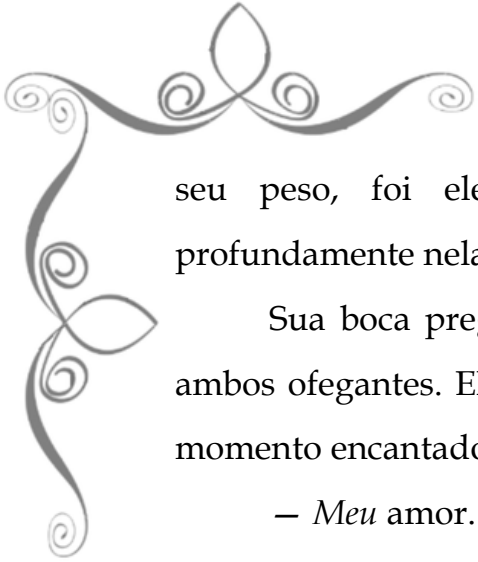
— *Minha Brennaly.*

Sem aviso, sua boceta contraiu em uma onda violenta. Ela abriu a boca e soltou um grito de êxtase.

— Sim. — ele grunhiu através de seu orgasmo esmagador, ainda empurrando nela, enquanto alcançava mais fundo.

Ele soltou sua garganta e envolveu um braço forte ao redor de sua cintura, empurrando mais uma vez com um gemido pesado, enterrando o rosto em seu pescoço. Ele liberou o sêmen quente em ondas pulsantes, enquanto espalhava beijos ao longo do ombro dela. Embora ela estivesse debaixo dele, seu corpo minúsculo dificilmente forte o suficiente para suportar





seu peso, foi ele quem a segurou enquanto permanecia enterrado profundamente nela.

Sua boca preguiçosa beijou uma linha sensível do pescoço ao ouvido, ambos ofegantes. Ele capturou seu olhar mais uma vez, segurando-a por um momento encantador e sedutor, antes de sussurrar em seu ouvido.

— *Meu amor.*

O abismo que ele abriu em seu coração rachou e se partiu, engolindo qualquer última dúvida ou resistência nas sombras, enquanto ele invadia o último espaço ela tentou manter fechado para ele. Sua dominação estava finalmente completa. Ela não resistiu mais, acolhendo seu amor, sem arrependimentos.

— Sim. — ela sussurrou, uma lágrima escorrendo em sua bochecha corada.

Ele se endireitou, puxando seu corpo com ele, deslizando para fora dela. Virando-a rapidamente em seus braços, ele segurou o rosto dela com as duas mãos, descendo com os lábios para beijar a lágrima antes de retornar aos lábios.

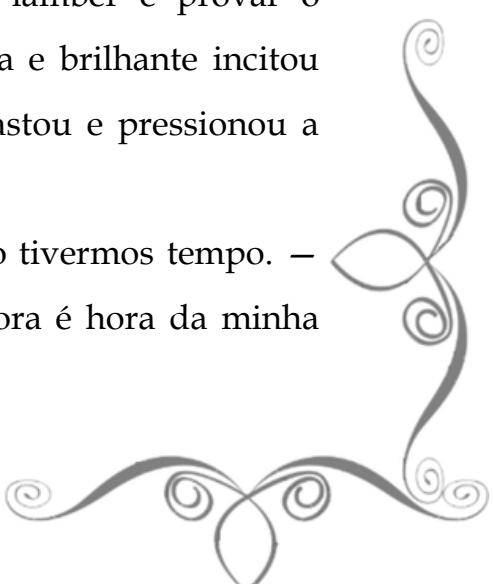
— *Sim?! —* ele murmurou, com uma necessidade ardente.

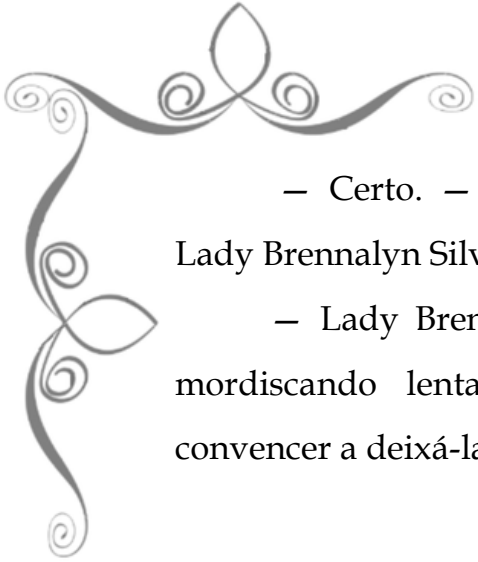
Ela colocou os braços ao redor do pescoço dele, apertando-o com força.

— Sim.

Ele inclinou a cabeça para trás, apoiando um braço em volta da cintura dela, deixando-a na ponta dos pés. E a beijou. O beijo foi um violento choque de lábios, dentes e línguas. Nenhum deles capaz de lambe e provar o suficiente. A sensualidade inebriante dessa emoção nova e brilhante incitou outra onda de calor em sua barriga. Inquieto, ele se afastou e pressionou a testa na dela.

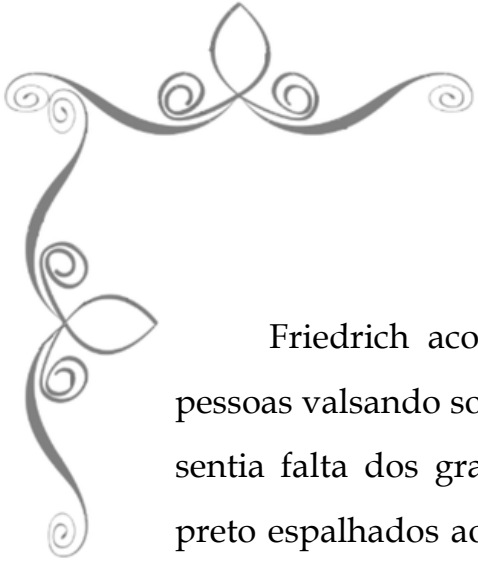
— Vamos conversar sobre isso mais tarde. Quando tivermos tempo. — Ele pressionou um beijo suave em sua testa. — Mas agora é hora da minha Lady colocar seu vestido e fazer sua parte.





— Certo. — ela respirou pesadamente com um aceno de cabeça. — Lady Brennalyn Silverton.

— Lady Brennalyn Silverton — ele murmurou contra os lábios dela, mordiscando lentamente, sedutoramente, como se não conseguisse se convencer a deixá-la ir. — Dona do meu coração.



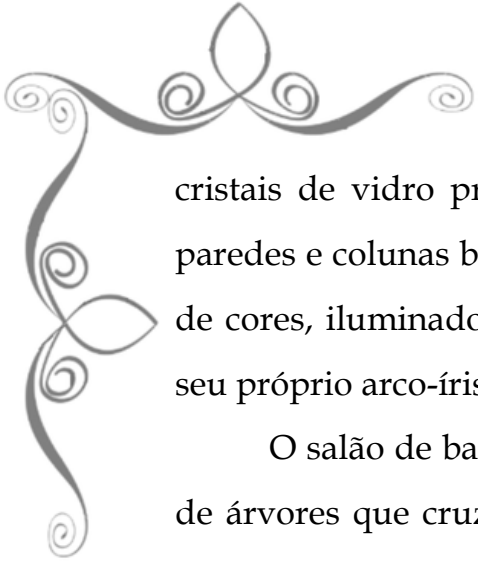
CAPÍTULO 26

Friedrich acompanhou Brennalyn até o baile, a sala já girando com pessoas valsando sob a atmosfera ainda leve e jovial no início da noite. Ele não sentia falta dos grandes sofás de veludo vermelho e dos divãs de brocado preto espalhados ao longo da parede. Em qualquer outro salão de baile, teria sido uma um exagero oferecer assentos extras a uma sala tão luxuosa - com mesas decorativas de um lado perto das mesas compridas e pretas que trazem bandeja após bandeja de carnes assadas e alimentos ricamente perfumados. Mas Friedrich, que já havia participado muitas vezes das festas e bailes de seu tio quando mais jovem, sabia que o assento de veludo era para depois, quando o vinho diminuísse as inibições e a nobreza humana presente oferecesse seus corpos e seu sangue a qualquer vampiro real ou nobre que eles desejassem.

As recepções festivas do Rei Dominik tendiam a se transformar à medida que a noite avançava. Começava como um baile comum, ao som de melodias e danças alegres, mas lentamente se transformavam em uma festa obscena, puramente em busca dos prazeres da carne. Ao contrário da Torre de Vidro, o Rei Dominik não formava uma fila de recepção para todos os membros da realeza, para saudar seus convidados. Em vez disso, ele se sentava em seu trono negro no estrado do outro lado do gigantesco salão de baile, aguardando que os convidados se curvassem a seus pés. E era exatamente isso que eles faziam.

Friedrich avançou pela pista de dança, cruzando entre eles e a orquestra completa de cordas em um segundo tablado, à esquerda. A batida acelerada do pulso de Brennalyn atraiu seu olhar para ele, enquanto ela bebia a vista do lugar. Ele sabia o que ela estava admirando.

A grandiosidade do salão de baile, com seu piso de mármore de ébano brilhando como uma folha de água do lago e os lustres gigantes, balançando



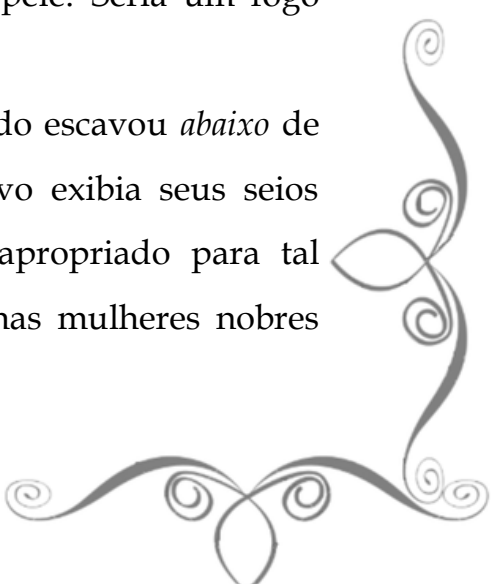
cristais de vidro preto e rubis, intercalados para criar um efeito etéreo nas paredes e colunas brancas. Da mesma forma, haviam vitrais com uma miríade de cores, iluminados por braseiros do lado de fora do castelo, acrescentando seu próprio arco-íris de cor ao lugar.

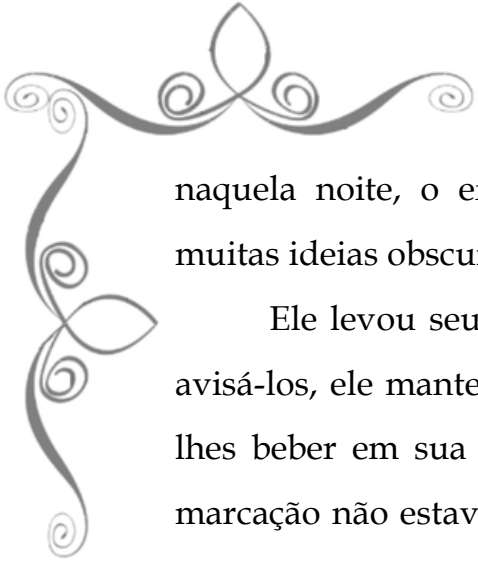
O salão de baile era único, porque havia colunas do tamanho de troncos de árvores que cruzavam o quarto inteiro, com exceção do espaço diante do trono. Dançarinos rodopiavam para dentro, para fora e ao redor das colunas coroadas com gárgulas agachadas de maneira assustadora, agarradas e até mesmo fornicando com belas donzelas nuas. Seu tio era mais do que excêntrico em seus desejos arquitetônicos. Ele era perverso, entrelaçando diabos com anjos em cada oportunidade.

Ele olhou para a sacada onde o Harém de Sangue de Dominik descansava, tomava vinho e assistia às festividades. Usavam vestidos obscuros de tecido leve e delicado em vermelho, preto e branco, Dominik gostava de exibi-las, exercendo sua destreza e poder, balançando os belos e frescos sangradores que possuía. E Friedrich não duvidava que ele possuía - corpos e almas - as pobre mulheres.

Friedrich puxou Brennalyn para mais perto dele. Com um olhar furtivo, ele ainda achava melhor colocá-la nas cores reais de seu tio, especialmente porque eram suas próprias cores. Era um costume bastante comum. No entanto, ele não sabia o efeito poderoso que este vestido teria em sua beleza. O vermelho profundo deu a sua pele uma qualidade luminescente, como se ela precisasse de ajuda, revelando o luxo radiante de sua pele. Seria um fogo ardente atrair o mais indiferente dos vampiros.

Se isso não bastasse, o corpete incrustado do vestido escavou *abaixo* de seus seios, de modo que seu espartilho preto decorativo exibia seus seios perfeitos e macios. Embora o vestido fosse bastante apropriado para tal ocasião e ela revelasse ainda menos pele do que algumas mulheres nobres





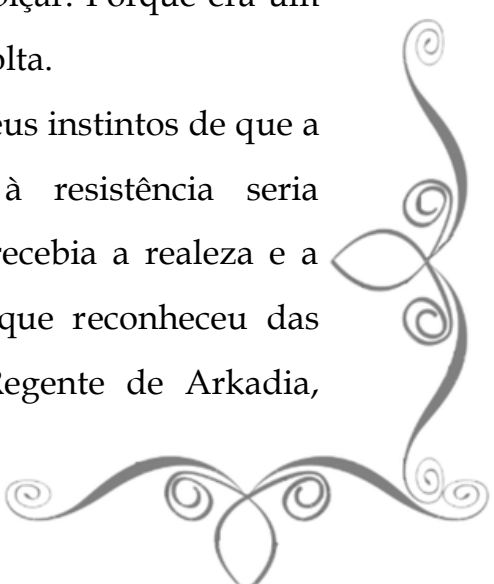
naquela noite, o efeito do corpete acentuando sua perfeição abaixo daria muitas ideias obscuras a um homem.

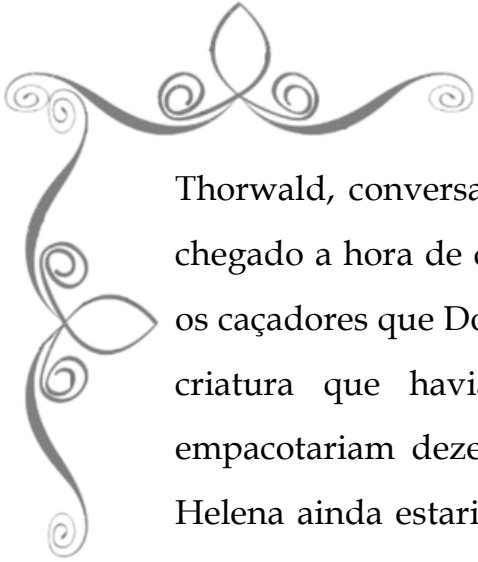
Ele levou seus olhos nela agora. E enquanto seu instinto era grunhir e avisá-los, ele manteve seu foco em frente em direção ao estrado, permitindo-lhes beber em sua beleza e imaginar como seria beber em seu sangue. Sua marcação não estava perdida nela, mesmo assim, ele quis ter relações sexuais há menos de uma hora do evento, para marca-la com seu cheiro, deixando-o fresco em sua pele. E em outros lugares. Para os vampiros, isso era como um farol, não um impedimento. Claro, essa não era sua intenção original. Ele simplesmente não conseguia manter as mãos longe dela.

Na natureza, alfas marcariam suas companheiras e manteriam outros machos predadores à distância. Mas não era assim para vampiros. Muito pelo contrário. Uma vítima de ser mais monstro que homem. Uma perversão de seu DNA, fazendo-os querer reivindicar e pegar o que os outros têm, o que não era deles. É claro que os vampiros tinham plena capacidade de dominar seus impulsos sombrios, para suprimir o que era considerado incivil. Mas em um lugar como este, na atmosfera inebriante do salão de baile sinistro de Dominik, as paixões se intensificavam. E as bestas saíam para brincar.

Estavam quase à frente do estrado quando um flash de memória o atingiu, lembrando-o das cenas de uma hora antes, de seu suspiro sincero e aquilo quase o enfraqueceu. Ele amava essa mulher tão completamente que lhe tirou o ar dos pulmões. Ele faria qualquer coisa por ela. Até mesmo balançá-la na frente de homens lascivos, para olhar e cobiçar. Porque era um meio para um fim, o único jeito de conseguir Helena de volta.

Ele se preocupava com a jovem, mas confiava em seus instintos de que a manteriam viva. Qualquer prisioneiro relacionado à resistência seria totalmente interrogado pelo próprio rei. E como o rei recebia a realeza e a nobreza do Norte e até mesmo da pequena nobreza que reconheceu das províncias do sul de Arkadia - pois notara que o Regente de Arkadia,





Thorwald, conversando com um grupo de outros nobres do sul - não havia chegado a hora de questionar Helena ainda. Além disso, ele apostaria que, se os caçadores que Dominik empregou fossem tão densos e impulsivos quanto a criatura que havia morrido em seu calabouço em Winter Hill, eles empacotariam dezenas de garotas para serem interrogadas pelo rei, então, Helena ainda estaria viva. E essa era a chance de encontrá-la antes que o rei pudesse chegar até ela.

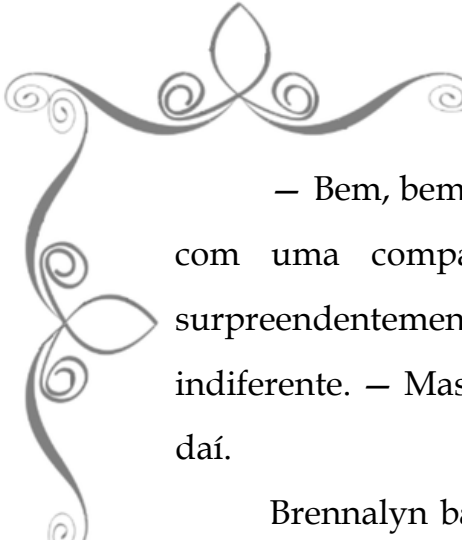
Friedrich foi em direção ao estrado, notando que a Rainha estava sentada no trono da esposa do Rei Dominik. A etiqueta social apropriada seria cobri-lo em pano de luto e adicionar outro assento adequado para a Rainha Morgrid cumprimentar os convidados com seu filho. O perverso lembrete de que, se a Rainha estava aqui para revelar e celebrar uma declaração real, então algo realmente nefasto estava acontecendo. O que será que ela iria anunciar? Mais uma vez, ele se perguntou onde estaria o Rei Grindal. Por que, de uma hora pra outra, ele se retirou para a Torre de Vidro e nem sequer foi mencionado ou visto de novo. Friedrich sabia que seu avô era um ávido caçador. Marius observou em avisos recentes que ele não era visto há algum tempo. Todos eles temiam o pior, embora ninguém falasse sobre isso. Marius ainda não tinha certeza de quanto seu pai estava a par da disseminação da *Furorem Sanguine* e de sua guerra declarada contra os camponeses, violando suas próprias leis de proteção à humanidade.

Friedrich parou diante de seu tio e soltou o braço de Brennalyne, embora a perda tenha provocado sua ansiedade.

— Sua Majestade. — Ele se curvou regamente. — Posso apresentar minha companheira, Lady Brennalyne Silverton. Filha de Robert Silverton, Barão de Dover em Korinth.

Ela fez uma reverência perfeita.

— Sua Majestade.



— Bem, bem, bem, sobrinho. E eu que pensei que você não se importava com uma companhia íntima. — Ele deu a ela um olhar pesado, surpreendentemente brilhante e ameaçador que era, ao mesmo tempo, civil e indiferente. — Mas eu posso ver porquê você colocou escolheu reivindicar esta daí.

Brennalyn baixou o queixo, olhou para baixo, enquanto um rubor rosa familiar manchava seu peito. Esta era a primeira vez que ela conhecia seu tio e, sem dúvida, o efeito foi palpável. Como uma picada eletrizante, muito parecida com a que se sente quando se corta a pele entre o polegar e o dedo com um pedaço de pergaminho. A ferida arde, mesmo antes que você consiga ver a fina linha de sangue se desenhando.

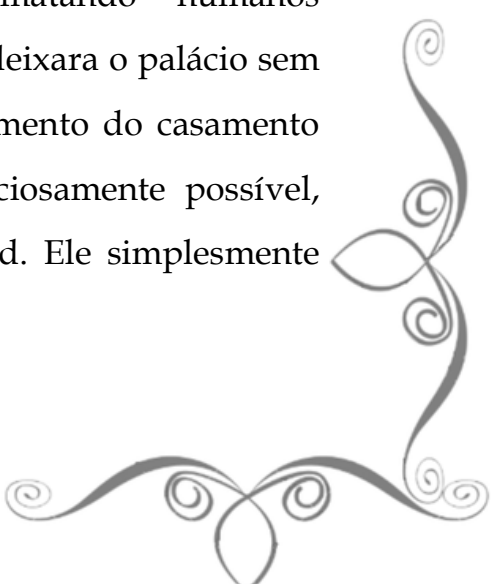
— Sim. O pai dela está organizando o comércio de importações e exportações com seu administrador e meu gerente. Ele me permitiu a companhia dela para o seu evento ilustre.

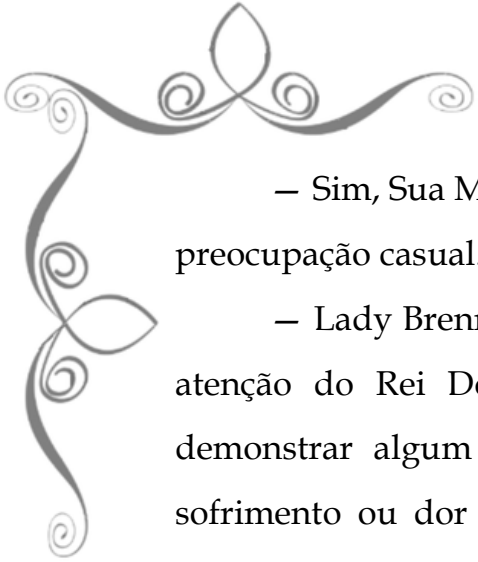
Ele girou sua atenção para a Rainha, seu olhar condescendente afiado e observador.

— Sua Majestade. É maravilhoso ver você. — Ele se curvou diante de sua avó, sem sentir nenhum afeto familiar.

— Friedrich. Que agradável te ver de novo, tão cedo.

Ele não deixou de perceber o lembrete de que eles tinham se visto pela última vez no centésimo aniversário de Marius, o dia em que seu tio deveria ter casado com Mina. Mesmo dia em que Friedrich foi informado por Nikolai, o tenente de Marius, que a Rainha estava matando humanos indiscriminadamente para seu próprio prazer. Friedrich deixara o palácio sem despedidas, mas não foi o único. Com o súbito cancelamento do casamento real, a nobreza vampira saiu do palácio o mais silenciosamente possível, conhecendo o notório temperamento da Rainha Morgrid. Ele simplesmente fingiu estar escapando de sua ira, como todos os outros.





— Sim, Sua Majestade. Foi um episódio infeliz. — Ele usava seu olhar de preocupação casual.

— Lady Brennalyne, está gostando da sua visita a Izeling até agora? — A atenção do Rei Dominik nunca se afastou dela. Friedrich absteve-se de demonstrar algum desconforto. Seu tio adorava causar qualquer tipo de sofrimento ou dor aos outros. Sádico assumiu um novo significado com o bastardo.

Brenna elevou os olhos para cima e ao redor da sala, antes de retornar seu olhar a ele, com uma verdadeira expressão de admiração.

— É absolutamente magnífico, Sua Majestade. Eu não sabia que esse esplendor existia em todos os reinos. — Ela disse como uma bajuladora.

Sua boca larga cresceu em uma expressão brutal, que deveria ter sido um sorriso, mas parecia mais um tigre de olho no jantar.

— Fico feliz que você pense assim. Você é bem-vinda aqui por quanto tempo quiser. — Ele arqueou uma sobrancelha sugestivamente.

— Obrigada, Sua Majestade. — Ela mergulhou uma reverência e, felizmente, outro casal apareceu ali para cumprimentar o Rei.

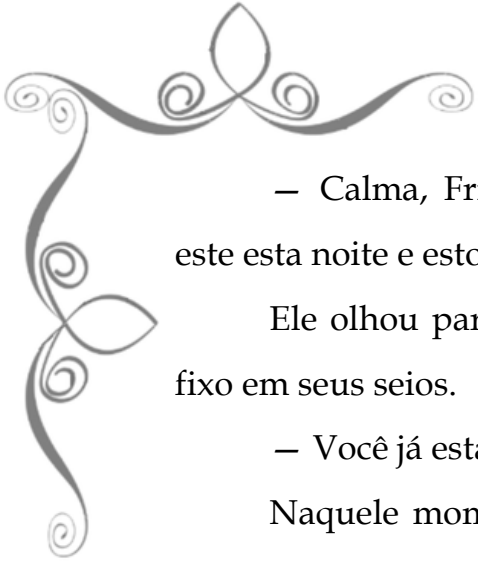
Friedrich pegou o braço dela, formando um arco suave e a levou para as mesas de festa. Assim que ele a encurralou para o outro lado, tirou duas taças de vinho de um lacão que passava e empurrou uma taça para ela.

— Beba.

— Bom Deus! — Ela inclinou a taça para trás e engoliu metade do seu conteúdo em uma só vez.

— Eu nunca estive tão apavorada em toda a minha vida. Ambos são tão... tão...

— Sim. Eu sei, gatinha. Mas você se saiu bem. Eu detestei o jeito que ele olhou para você, como se você fosse o pedaço de carne mais suculento que ele já viu.



— Calma, Friedrich. Neste vestido, vou receber muitos olhares como este esta noite e estou com medo.

Ele olhou para um vampiro de cabelos cor de areia passeando o olhar fixo em seus seios.

— Você já está.

Naquele momento, Mikhail apareceu ao lado de Friedrich, vestido em seu traje formal completo. Embora ele parecesse um vampiro à paisana, ele estava concentrado, com a postura tensa e seu olhar observador escaneava a sala enquanto ele falava.

— Eu encontrei algumas perspectivas prováveis. — Ele mudou de posição para encará-los completamente. — Se você seguir uma linha diretamente atrás de mim, verá uma reunião de homens ao lado do Regente Thorwald de Arkadia.

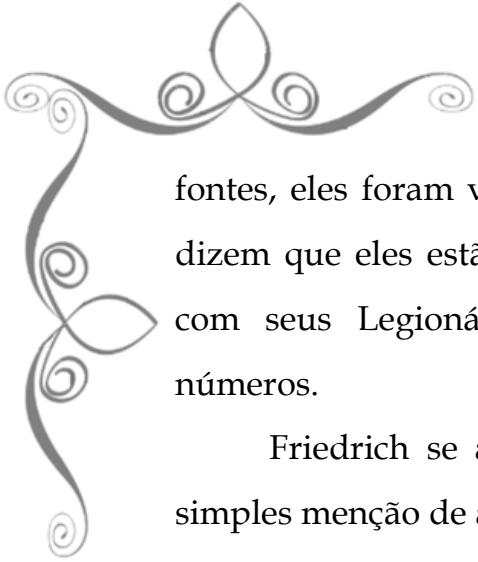
Friedrich drenou seu copo, observando-os por cima do ombro de Mikhail. Ele os reconheceu imediatamente, ouvindo atentamente Lorde Hamley, um Conde humano, que vivia em sua própria região do ducado, e que estava com suas três filhas bonitas e frívolas ao seu lado, usando vestidos em tons vibrantes de vermelho e branco. Lorde Hamley havia tentado jogar as filhas dele em Friedrich várias vezes, buscando um título superior e uma aliança mais forte. Agora ele parecia estar fazendo o mesmo, buscando favor dos aristocratas do sul.

Mikhail continuou.

— Está vendo os dois mais altos do grupo, um de cada lado de Thorwald? Aqueles são Lorde Maxim, Marquês da Saxônia, e Lorde Rathbone, Conde de Devonshire.

— Sim. Eu os conheço. — disse Friedrich, tendo-os encontrado ocasionalmente na Torre de Vidro.

— Então, você deve saber que eles são os dois homens mais ricos e influentes do reino do sul, ao lado de Thorwald. De acordo com as minhas



fontes, eles foram vistos fazendo visitas frequentes a Izeling Tower. E ainda dizem que eles estão realizando treinamentos de armas mais intensos, junto com seus Legionários. Também sabemos que eles estão crescendo em números.

Friedrich se aproximou de Brennaly, uma resposta automática pela simples menção de armas e batalhas em potencial.

— Então agora nós sabemos que a Coroa se aliou ao reino do sul de Arkadia.

— E... — acrescentou Mikhail. — Agora você sabe de quem Lady Brennaly pode atrair informações. — Ele lhe deu um aceno educado.

— Muito bem, Capitão. Posso perguntar quem são suas fontes? — Mikhail nunca havia mencionado ter aliados no sul.

Ele parou, um vinco pensativo enrugando sua testa.

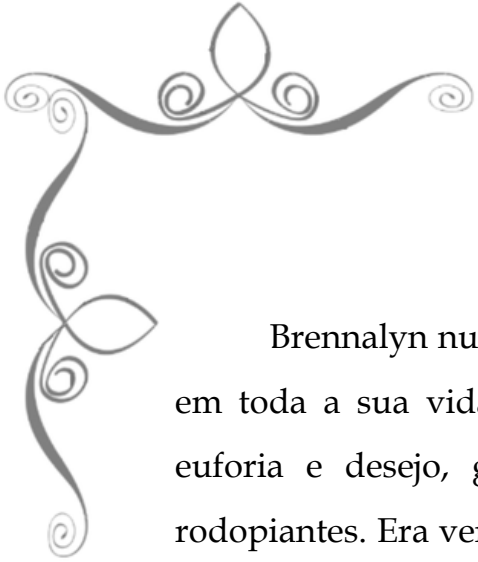
— A Guarda de Sangue é maior e vai mais além do que as pessoas pensam. — A sua resposta foi enigmática.

Mikhail e seus homens eram totalmente leais a Friedrich, mas mantinham seus próprios segredos. Enquanto haviam mercenários para contratar, a Guarda de Sangue trabalhava com seu próprio código e a seu próprio tempo. Ele estava feliz por terem se aliado a ele, e sendo assim, ao Black Lily. Suas chances de sucesso aumentaram exponencialmente com a Guarda de Sangue do seu lado, especialmente agora que ele sabia que o Sul havia escolhido se aliar à Coroa.

— Mas, neste momento, eu acredito que seja hora de você e eu dançarmos, Lady Brennaly. — Ele tirou o copo vazio da mão dela e colocou os dois de lado, em uma mesa.

— Dançar? Tem certeza de que temos tempo para essas cortesias? Você não deveria me apresentar aos cavalheiros do sul?

— Não, gatinha. Eu vou exibir você primeiro. — Ele ofereceu-lhe o braço. — Então, eles virão até nós.



CAPÍTULO 27

Brennalyn nunca tinha estado em uma sala cheia de homens tão bonitos em toda a sua vida. Ou, tão mortais. Uma mistura inebriante de luxúria , euforia e desejo, girando pela sala, muito parecidos com as dançarinas rodopiantes. Era vertiginoso e inquietante, mas ela conseguiu manter o queixo erguido e sorrir para Friedrich quando ele a pegou nos braços para a valsa.

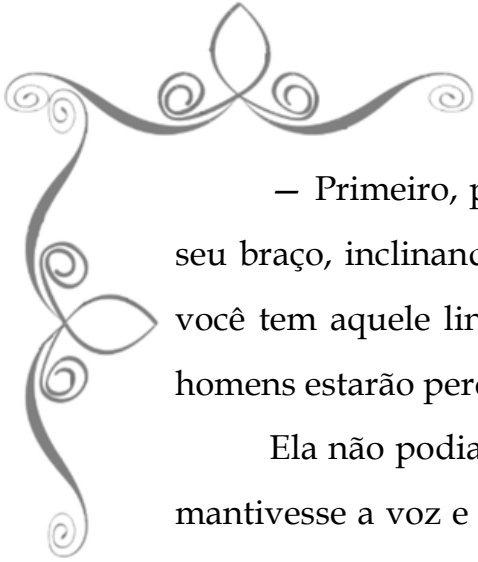
Seus nervos se acalmaram de uma só vez. Seu abraço a envolveu em seu calor e proteção. Ela se blindou contra o que estava por vir, quando chegasse a hora de flertar e seduzir para descobrir o que precisava. Com cada giro em seus braços, ela sentiu seu escudo ficar mais forte, sua coragem endurecer. Friedrich não disse nada, simplesmente a segurou firme contra ele e a conduziu numa valsa ao redor dos dançarinos, focado em seu olhar - que dizia o suficiente - com inúmeras emoções esvoaçando através de sua expressão, dura como pedra. Adoração, saudade, proteção, medo.

Enquanto a orquestra levava a sombria melodia ao fim, Brennalyn percebeu que tinha conseguido atrair diretamente a atenção dos cavalheiros do sul. A música parou, mas ele a manteve em seus braços, com a mão em sua cintura deslizando para a parte baixa de suas costas, enquanto sua cabeça se inclinava para baixo, levando a boca perto de sua orelha.

— Esses homens podem olhar tudo o que quiserem, mas uma coisa é certa. Eles jamais conhecerão o prazer inebriante de estar enterrado dentro do seu corpo doce.

Ela sufocou um gemido quando ele finalmente aliviou o seu aperto.

— Por que você diz essas coisas em um momento como este? — O desejo correu através de seu sangue, cantarolando um farol de necessidade ao longo de sua pele.



— Primeiro, porque é verdade. — Ele a soltou de seu abraço e ofereceu seu braço, inclinando a cabeça em direção a ela. — E segundo, porque agora você tem aquele lindo rubor cor-de-rosa no seu peito e nas bochechas. Estes homens estarão perdidos, desejando apenas provar você.

Ela não podia ignorar o modo como sua mandíbula cerrava, embora ele mantivesse a voz e o olhar relaxados. Ele a puxou para perto, com a mão que lhe cobria a cintura, enquanto levantava o queixo dela com o dedo indicador. Ela colocou as mãos levemente em seu peito. Ele não disse nada, segurando o olhar dela e oferecendo um sorriso encorajador. Sua reação foi imediata, espelhando o sorriso dele em seus próprios lábios.

— Sua Graça. — veio uma voz suave e profunda por trás deles.

Ambos olharam para o homem que acabou de chamá-lo. Um dos altos vampiros que Mikhail havia apontado.

— Você não vai se juntar a nós e nos apresentar sua dama adorável?

Friedrich levantou o braço e colocou-o na curva da cintura dela.

— Lord Rathbone. — Friedrich cumprimentou, quando o círculo se abriu para eles. — Eu devo admitir que eu considere mantê-la só para mim.

— Uma risada pesada ondulou entre os homens do grupo.

— Lady Brennalyn Silverton, este é Lord Rathbone, Lord Maxim e Steward Thorwald, de Arkadia. E este é o Lord Hamley e suas filhas, Lady Ashlyn, Lady Augusta e Lady Annika.

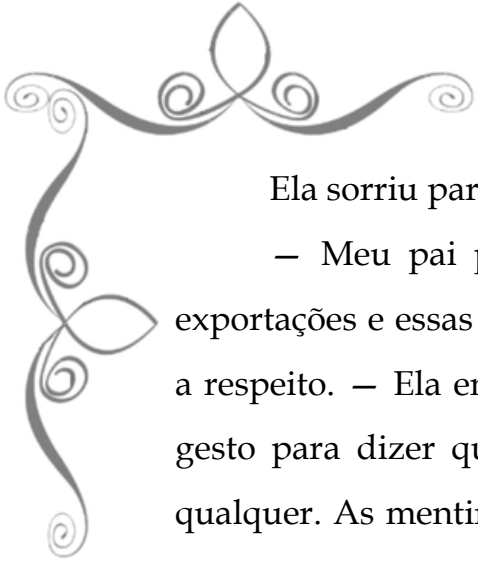
Brenna fez uma reverência, assim como as outras damas, enquanto os cavalheiros acenavam levemente com a cabeça.

Lorde Hamley apertou os olhos para Brenna, porque a atenção dos nobres havia saído de suas filhas para ela.

— Prazer em conhecê-la, Lady Brennalyn. Sua casa é aqui em Izeling?

— Não, meu Senhor. Esta é minha primeira visita a Izeling Tower. Minha casa está em Korinth com meu pai, Barão de Dover.

— Sei. E como você teve a sorte de conhecer Sua Graça?



Ela sorriu para Friedrich, que manteve sua fachada banal no lugar.

— Meu pai possui negócios com Sua Graça, tratam de importações, exportações e essas coisas. Todos os tipos de coisas que eu conheço tão pouco a respeito. — Ela encolheu os ombros e acenou com a mão enluvada, em um gesto para dizer que estava além de seu conhecimento, como uma mulher qualquer. As mentiras deslizaram de sua língua tão facilmente quanto a água sobre a rocha.

— Oh, nosso pai também faz muitos negócios com muitos nobres e realeza através do império. — disse uma de suas filhas loiras, pois Brenna não tinha certeza de qual era qual.

— Absolutamente. — acrescentou a filha do meio, que tinha o decote mais amplo, derramando os seios por seu corpete. — Nosso pai é um homem muito importante.

A terceira riu por trás de seu leque, acenando furiosamente para que suas mechas douradas girassem em uma pequena tempestade sobre seu rosto redondo.

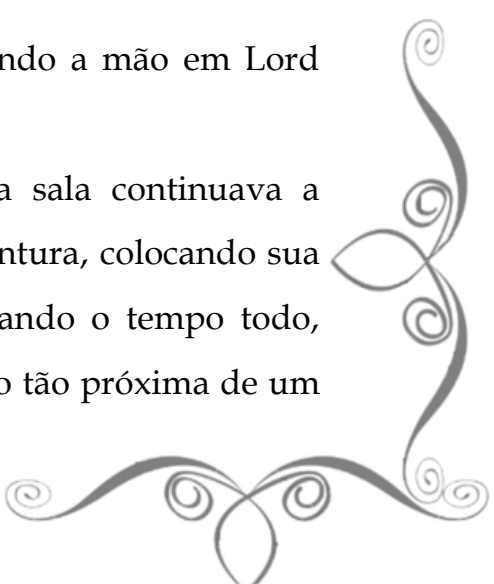
A música leve da orquestra terminou, então eles começaram a tocar algo com o ritmo mais sombrio.

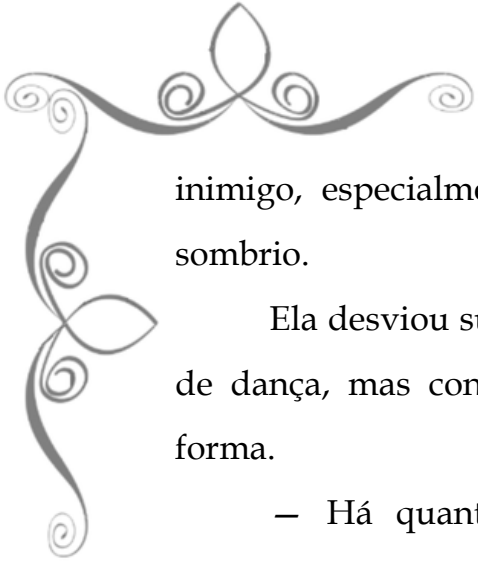
— Lady Brennalyn. — Lord Rathbone se adiantou, oferecendo sua mão. — Posso ter essa dança?

Ela olhou para Friedrich como se pedisse permissão. Ele olhou para o Lord, como se estivesse pensando em soltá-la, depois se afastou com um aceno permissivo.

— Obrigado, meu Senhor. — disse Brenna, aceitando a mão em Lord Rathbone.

Ele a conduziu através da multidão, enquanto a sala continuava a encher e gentilmente a girou, apertando com força sua cintura, colocando sua pequena mão na pele dele. Embora este fosse o planejando o tempo todo, Brenna não podia evitar que seu pulso acelerasse, estando tão próxima de um





inimigo, especialmente com a óbvia expressão faminta em seu semblante sombrio.

Ela desviou sua atenção do rosto dele, com a desculpa de assistir a pista de dança, mas continuou sentindo a intensidade de seu olhar, da mesma forma.

— Há quanto tempo você é uma conhecida de Sua graça, Lady Brennaly?

Voltando sua atenção para ele, enquanto ele habilmente os movia ao redor de outra coluna, ela disse.

— Alguns meses, meu Senhor. Meu pai me levou para visitar Winter Hill perto do Dia da Colheita.

— O Norte sabe como celebrar a Colheita.

— Eles certamente sabem. — Ela concordou com sinceridade, pois era uma festa de uma semana. — Eu gosto muito das celebrações do Norte.

— E eu aposto que Sua Graça também gosta de você. — Ele rosnou sugestivamente.

Arregalando os olhos, ela engasgou com choque genuíno, despreparada para uma acusação tão honesta.

— Meu *Senhor*!

Ela tentou empurrar o seu aperto, mas ele a segurou ainda mais apertado, sua mão deslizando mais para baixo pelas costas, enquanto ele a pressionava mais perto de seu corpo com a próxima volta da valsa.

— Solte-me! — Ela exigiu, sabendo que ele não iria. Ela estava certa.

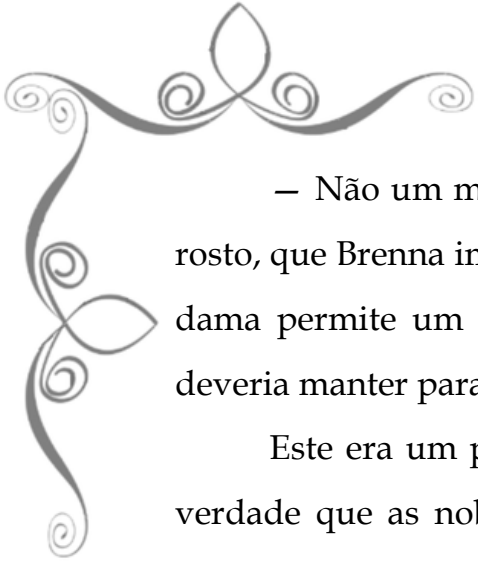
— Não se ofenda, minha Senhora.

— Como não poderia? Me insultar parece ser sua única intenção, então eu vou pedir para você me solte, agora.

Seu olhar pesado percorreu seu rosto, pousando em sua boca.

— Essa não é minha única intenção.

— Que tipo de cavalheiro fala com uma dama de tal maneira?



— Não um muito bom, eu imagino. — Ele sorriu, contorcendo seu belo rosto, que Brenna imaginou se assemelhar ao de um anjo caído. — Que tipo de dama permite um Duque em sua cama, desistindo de sua virtude, que ela deveria manter para o seu futuro marido?

Este era um ponto de interesse que ela e Friedrich não discutiram. Era verdade que as nobres damas eram obrigadas a manter sua virtude intacta para o leito conjugal. Apenas mulheres caídas permitiriam que um vampiro, mesmo um Rei, tomasse mais do que seu sangue. Ele estava obviamente admitindo que sentiu seu recente relacionamento sexual com Friedrich.

Ela segurou seu olhar quando ele sorriu para ela como um diabo encantado. Arqueando uma sobrancelha, ela respondeu com naturalidade.

— Não uma muito boa, imagino.

Um riso suave se abriu em seus lábios, o que era algo muito bonito. Ela teve que se sacudir para lembrar que este homem era um monstro e servo do inimigo. Quão verdadeiramente perigosos esses vampiros eram?

Ele abaixou a cabeça de forma íntima, girando-os mais devagar.

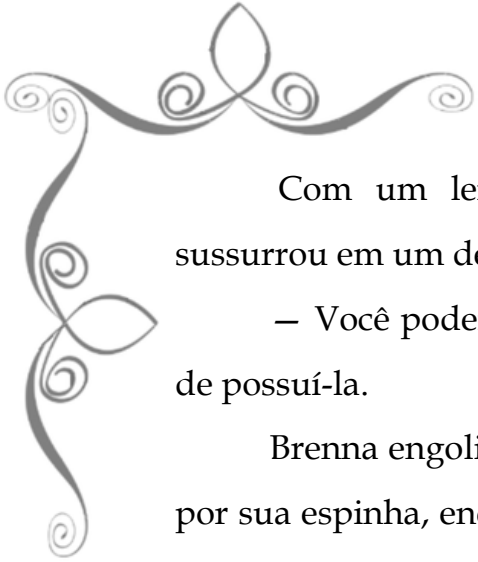
— Agora eu sei por que o Duque roubou você. — Ele disse, ainda rindo apesar de manter o olhar afiado sobre o dela, com suas presas salientes. — Perdoe-me, minha Senhora. Mas você é de longe a criatura mais impressionante neste salão de baile.

Ela revirou os olhos impertinentemente, recebendo outra risada do monstro bonito.

— Eu imagino que você diz isso para todas as mulheres. Você tinha um monte de belas loiras prontas para babar a seus pés, apenas um momento atrás.

Ela assentiu na direção que eles deixaram os outros, mas não ousou procurar o olhar de Friedrich, por medo de perder sua compostura.

— Elas são fisicamente bonitas, com certeza. Mas você é... — seu olhar intenso correu para baixo, antes de voltar ao seu rosto — Inebriante.



Com um lento aceno de cabeça e uma inspiração profunda, ele sussurrou em um deslizar sedoso de palavras famintas.

– Você poderia fazer um homem matar o mundo todo por uma chance de possuí-la.

Brenna engoliu em seco em sua declaração, sentindo seu desejo ondular por sua espinha, enquanto o aperto dele se tornava mais firme. Ele se fixou na garganta dela. Ela desviou o olhar, querendo fugir para os braços de Friedrich, seu coração martelando freneticamente em seu peito.

Ele aliviou o aperto, talvez entendendo que a estava assustando. Quando ele falou de novo, seu tom voltou à suave cadência de um suposto cavalheiro.

– Você tem um acordo com a Sua Graça? Ou, poderia considerar desfrutar da companhia de outro vampiro? Eu poderia mostrar as maravilhas da região sul, na minha casa, em Devonshire.

Ela voltou seu olhar para o dele e inclinou a cabeça em consideração.

– Conte-me sobre sua casa. Que delícias uma garota do leste pode encontrar em tal lugar?

– Muito mais do que você vai encontrar no norte congelado. – Disse ele, com um humor desprezível.

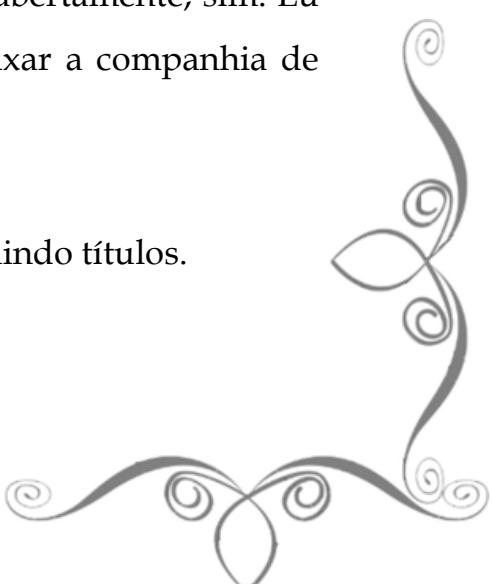
Ela arqueou uma sobrancelha novamente.

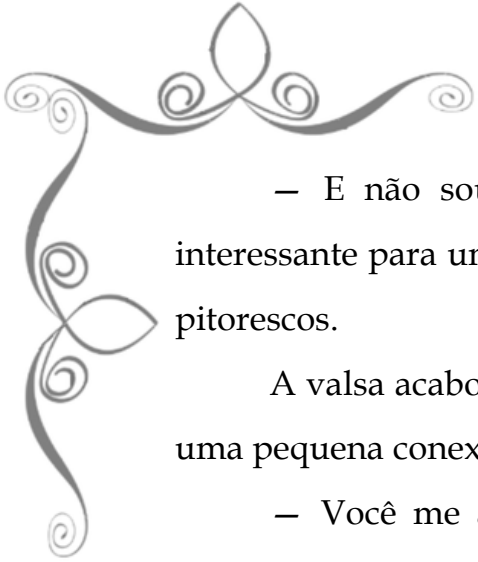
– Tudo bem! – disse ele – A dama gostaria de mais detalhes?

– Já que é evidente que você gostaria de dispensar as sutilezas e civilidades adequadas da nobreza, então eu vou te dizer abertamente, sim. Eu gostaria de razões específicas pelas quais eu deveria deixar a companhia de um Duque, no Norte por um Conde, no Sul.

Uma carranca franziu a testa dela.

– Eu não achei que você fosse uma mulher perseguindo títulos.





— E não sou, meu Senhor. Eu estou perseguindo a diversão mais interessante para uma dama, que detesta ficar sentada tomando chá em salões pitorescos.

A valsa acabou. Ela captou o lampejo de decepção em seu olhar e sentiu uma pequena conexão com o Conde. Ela olhou para as mesas de festa.

— Você me acompanharia em uma bebida, meu Senhor? Estou com muita sede.

— Claro.

Ele colocou a mão em seu braço. Ela ignorou o arrepio que sua resposta murmurada lhe deu.

Com um movimento da mão do Conde, um lacaios avançou segurando uma bandeja de taças de champanhe. Ele pegou uma e passou para ela.

— Eu acredito que estávamos falando sobre as delícias do Sul.

— Eu acredito que você ia me deslumbrar com a *possibilidade* de experimentar delícias do Sul. — Brincou ela, enfatizando a palavra “possibilidade” como se fosse um teste, antes que ela concordasse.

Sua risada sombria retumbou contra sua pele, levantando arrepios.

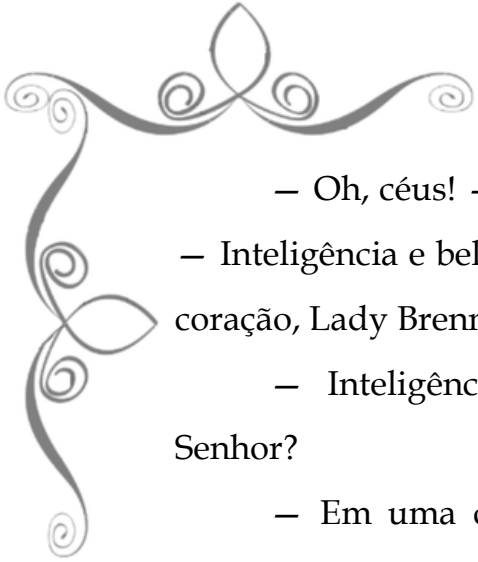
— Isso eu faria, com certeza. — Ele inclinou a cabeça, considerando. — Vamos ver. Não há festas de chá.

— Não há festas de chá. — Ela confirmou, tomando seu champanhe, mas devagar, para que não subisse à cabeça.

— No Sul, quando as primeiras flores da primavera se abrem, o ar fica suavemente perfumado, cheirando às mais maravilhosas fragrâncias. É como se o céu se abrisse e beijasse a terra, tocando o ar com os doces aromas do paraíso.

Ela sentiu um frio na barriga com o uso dessa expressão poética, mas percebeu que já tinha ouvido isso antes. Ela já havia lido a mesma coisa.

— Lord Rathbone. Você está citando o poeta Kalphus para me atrair? Ou está tentando usar as palavras dele como se fossem suas?



— Oh, céus! — Ele se aproximou, levantando o queixo dela com o dedo.
— Inteligência e beleza combinadas? Eu acho que você acabou de roubar meu coração, Lady Brennalyn.

— Inteligência e beleza em uma mulher surpreendem você, meu Senhor?

— Em uma dama humana, criada para participar de festas de chá e bolos? Sim e sim.

— Então você me julgou mal, com o que parece ser um preconceito contra o meu sexo.

— Parece que sim. — Ele sorriu. Seu dedo ainda segurava seu queixo, acariciando uma linha flamejante ao longo de sua mandíbula e ao lado de sua garganta, antes de soltá-la. — Eu não esperava encontrar alguém como você neste deserto congelado.

— Se você detesta tanto o Norte, meu Senhor, então por que você veio ao baile do Rei Dominik, que é tão longe da sua casa?

Ele estreitou o olhar sobre ela, como se estivesse considerando sua resposta e então finalmente respondeu:

— Tínhamos que falar sobre negócios com Sua Majestade.

Ela olhou para a multidão no salão de baile e tomou um gole de champanhe.

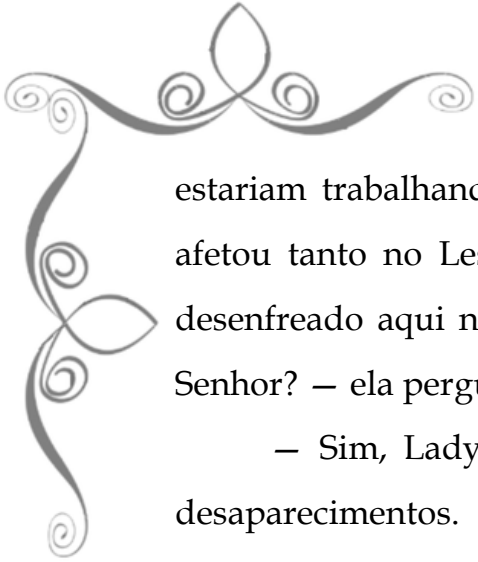
— Espero que não tenha nada a ver com essa bobagem sobre o Black Lily.

Ela o sentiu endurecer ao seu lado, enquanto continuava a observar os dançarinos girarem.

— O que você sabe do Black Lily? — Ele perguntou, com o timbre mais profundo do que antes.

Ela encontrou seu olhar.

— Só que isso está perturbando a aristocracia de forma abominável. Pessoas fugindo no meio da noite. Inquilinos desaparecendo. Se não fosse isso,



estariam trabalhando e pagando seus dízimos para seus senhores. Não nos afetou tanto no Leste, mas a palavra se espalha, isto parece estar bastante desenfreado aqui nas províncias do Norte. Você não ouviu falar disso, meu Senhor? — ela perguntou inocentemente.

— Sim, Lady Brennalyne. Eu estou intimamente familiarizado com os desaparecimentos.

Gaguejando para o que dizer em seguida, ela tomou outro gole, que gotejou. Ela lambeu o doce aroma do lábio inferior, observando o olhar dele cair para sua boca, dilatando instantaneamente suas pupilas.

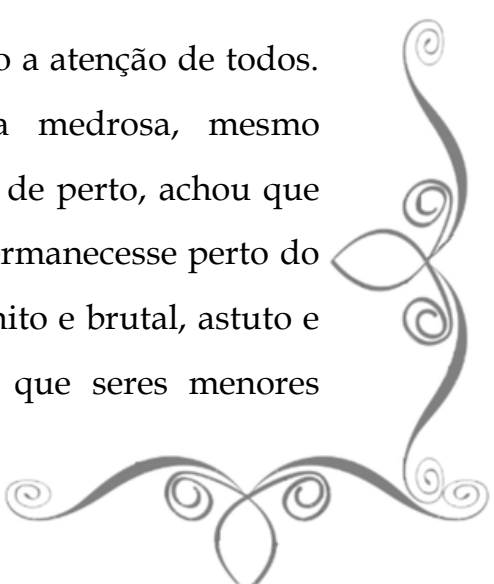
— Você deixou cair uma gota. — Ele se aproximou e levantou a mão, roçando a ponta de seu polegar em seu queixo, em seguida, seu lábio inferior, os ângulos de seu rosto parecendo tensos, enquanto ele olhava para sua boca com uma intensidade inabalável.

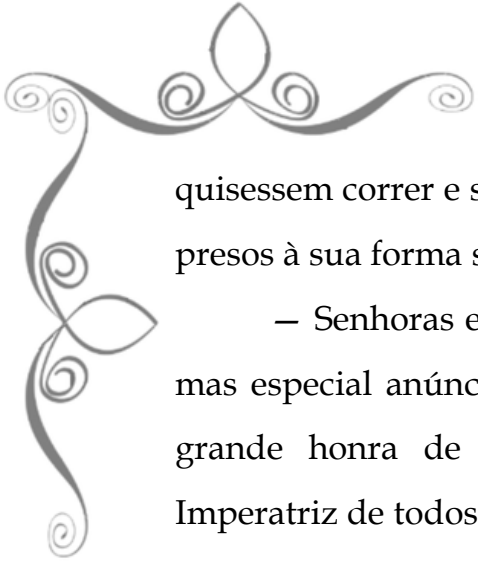
Por mais horripilante que a perspectiva fosse, ela percebeu que teria que encontrar um canto sossegado e permitir que Lorde Rathbone tivesse algumas liberdades para descobrir mais do que ele sabia, pois certamente estava envolvido nos planos do Rei.

— Meu Senhor... — ela sussurrou. — Gostaria...

Ela não conseguiu terminar seu pedido, uma vez que a orquestra morreu de uma só vez e o som de um gongo chamou a atenção de todos para o estrado. Lorde Rathbone soltou seu queixo, ficando bem atrás dela, quando ela se virou para a frente do salão de baile. Ele colocou uma mão firme no quadril dela.

O Rei Dominik estava diante de seu trono, exigindo a atenção de todos. Brenna estremeceu ao ver o homem, pois ela era medrosa, mesmo contemplando apenas de longe. Quando ela o encontrou de perto, achou que seu espírito poderia levantar e deixar seu corpo, se ela permanecesse perto do Rei por muito tempo. Ele foi desenhado em um pano bonito e brutal, astuto e cruel. E o estrondo de sua voz trovejante fazia com que seres menores





quisessem correr e se esconder. No momento, todos os pares de olhos estavam presos à sua forma sombria.

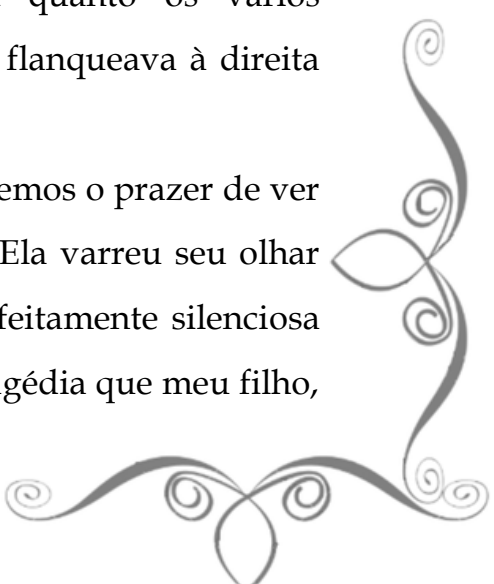
— Senhoras e senhores, eu gostaria de ter a sua atenção para um breve, mas especial anúncio, que é a causa de nossa celebração esta noite. Tenho a grande honra de apresentar a minha mãe, a grande Rainha Morgrid, Imperatriz de todos os Varis.

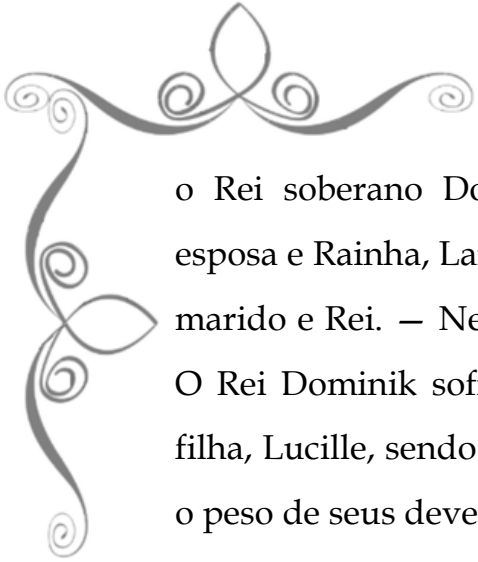
Um aplauso barulhento irrompeu o salão. Brenna deixou seu olhar deslizar para o fundo da sala, para Friedrich, mas ele se afastou de Steward Thorwald e Lorde Maxim que ainda conversavam com Lorde Hamley e suas filhas. Escaneando o salão, ela o encontrou no lado mais distante, com o capitão Mikhail, mas com uma visão direta dela e de Lorde Rathbone. Sua expressão estava séria, mas calma, e o olhar assassino que ele direcionava ao vampiro do lado dela, não deixava espaço para enganos. Ela voltou a sua atenção para frente quando a Rainha subiu ao palco.

A Rainha Morgrid era o epítome da realeza em todos os aspectos: seu vestido prateado, com pedras preciosas de diamantes caindo do colar em sua garganta, pulso e orelhas. A coroa que repousava em seu cabelo trançado em camadas, liso e escuro, também era cravejada de pedras preciosas. Ela era tanto linda quanto horivelmente intocável. Seus olhos azuis gelados eram poços sem alma. Ao encontrá-la quando chegaram, Brenna só conseguiu segurar seu olhar gelado por apenas um segundo, antes de se esconder em um canto.

No momento, ela permaneceu tão da realeza quanto os vários Legionários da Guarda Real, nas cores azul e prata, que flanqueava à direita do estrado.

— Saudações, senhoras e senhores. Meu filho e eu temos o prazer de ver tantas pessoas gentis e leais, aqui na Izeling Tower. — Ela varreu seu olhar glacial através da grande multidão que permaneceu perfeitamente silenciosa sob seu escrutínio. — Preciso falar primeiro sobre uma tragédia que meu filho,





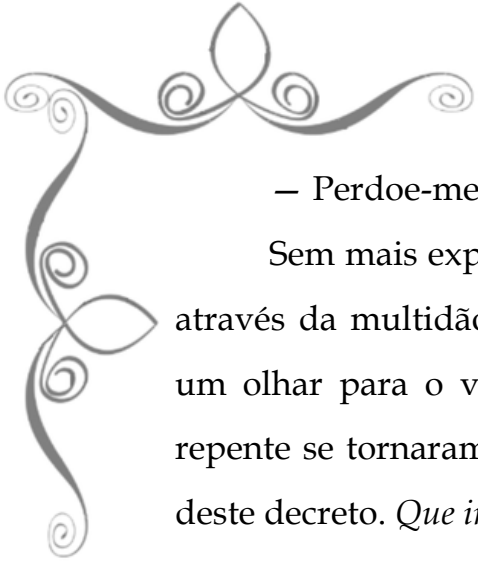
o Rei soberano Dominik, sofreu recentemente. Sabe-se que sua devotada esposa e Rainha, Lana, morreu no parto, cumprindo seu dever com seu amado marido e Rei. — Nenhum sussurro pôde ser ouvido no silêncio pensativo. — O Rei Dominik sofreu grande dor com a sua perda, a mãe de sua preciosa filha, Lucille, sendo sua companheira para consolá-lo, enquanto ele suportava o peso de seus deveres reais.

Brenna não pôde deixar de olhar em direção à varanda, onde quase cem jovens seminuas estavam sentadas em espreguiçadeiras e cadeiras. O Rei tinha acesso a mais *conforto* feminino do que um homem poderia suportar. Ela então examinou o Rei Dominik em sua postura dominadora, ao lado de sua mãe. O homem conjurava uma infinidade de emoções sombrias, mas solidão e necessidade de conforto não eram uma delas.

— Isso me leva ao anúncio real, que estou tão feliz em decretar. — Um sorriso se espalhou por seu rosto de porcelana, dando a Brenna a sensação de uma cobra deslizando em seu pé. — É com grande prazer que a Coroa de Varis decreta que a Princesa Vilhelmina Dragomir, de Arkadia, se casará com o Rei Dominik. — A mão de Lorde Rathbone se contraiu em seu quadril quando a rainha continuou em um tom triunfante. — Esse casamento unirá o reino do Sul com o Norte e fortalecerá a nobreza do império contra seus inimigos.

Ela levantou as mãos para um rugido de aplausos e gritos de louvor. A bile subiu em sua garganta e ela engoliu repetidamente a declaração horripilante. Essa pobre princesa. Reggie falou sobre os rumores do sul de que a princesa fora mantida em cativeiro em sua casa, em Briar Rose. Esse foi um dos muitos tópicos que ela queria discutir com Friedrich e não tinha conseguido. Certamente, a princesa não queria se casar com aquele monstro tirano.

Enquanto o clamor de homenagem subia e ecoava, Lorde Rathbone afundou a cabeça perto do ouvido dela.



— Perdoe-me, Lady Brennalyn, mas preciso devolvê-la a Sua Graça.

Sem mais explicações, ele a puxou pelo braço e a levou apressadamente através da multidão para Lorde Maxim e o Regente de Arkadia. Ela roubou um olhar para o vampiro que rasgava a multidão, suas feições bonitas de repente se tornaram sombreadas e mais afiadas do que antes. Ele não gostou deste decreto. *Que interessante.*

Ao chegar ao seu destino, Lorde Rathbone varreu a área, não encontrando Friedrich, que ela sabia que ainda estava do outro lado da sala. Aparentemente frustrado, pois não era adequado deixar uma dama sozinha, ele virou seu rosto feroz para ela.

— Eu peço desculpas, minha senhora, mas eu devo...

— Eu vou estar perfeitamente bem, meu Senhor. Obrigada pela companhia adorável, mas meu Duque já deve estar vindo ao meu encontro.

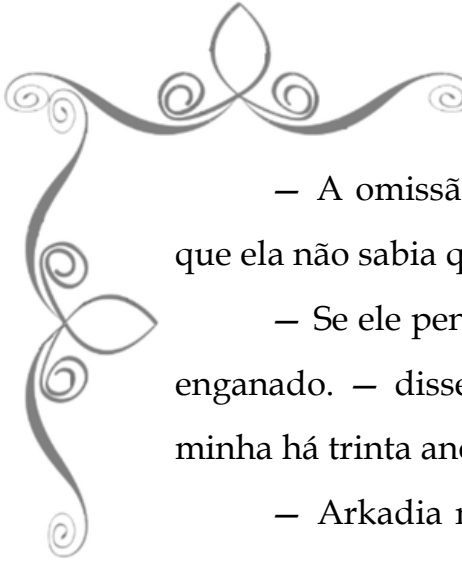
Um vislumbre de desapontamento percorreu sua expressão, antes dele abaixar a cabeça e dar um breve beijo em suas mãos enluvadas. Então, ele se juntou a festa nas proximidades e disse.

— Lorde Hamley, se você puder nos desculpar por um momento.

— Claro, Lorde Rathbone. Meninas, eu vejo o Conde de Renley ali. Vamos?

Aplausos alegres e murmúrios encheram a sala enquanto a orquestra tocava uma melodia animada para o decreto real. Brenna discretamente manobrou mais perto de Lorde Rathbone e os outros dois, com a pretensão de procurar por Friedrich no salão. Ela posicionou o corpo magro em frente à coluna, diretamente entre ela e onde eles se reuniam. Enquanto a multidão feliz continuava a aplaudir e a gritar, os cavalheiros falavam em voz baixa, provavelmente pensando que não seriam ouvidos, enquanto a sala se virava em clamor e alegria em direção ao estrado.

— Não faz parte do acordo. — Lorde Rathbone acabava de dizer.



— A omissão do Rei foi intencional. — Disse uma voz mais profunda que ela não sabia quem era. Devia ser o Lorde Maxim.

— Se ele pensa que vai tomar Arkadia com esta manobra, ele está muito enganado. — disse a voz que ela sabia ser do Lorde Rathbone. — Arkadia é minha há trinta anos. Eu não vou permitir isso.

— Arkadia nunca foi sua, Lorde Rathbone. Você é um servo dele, não seu rei. Minha preocupação é se pretende fazer com o Sul do mesmo jeito que ele fez com suas próprias aldeias do Norte.

— Ele não ousaria acabar com nossas aldeias por causa dessa maldita guerra contra o Black Lily. — retumbou Lorde Maxim.

— Eu acredito que ele pretende fazer exatamente isso. — Lorde Rathbone novamente. — Como Rei de Arkadia, ele terá o direito soberano de fazer o que quiser. E você está esquecendo que nós assinamos um contrato real. Embora a tinta ainda não esteja seca, ele fez questão de nos amarrar, antes que sua mãe anunciasse, com esse pequeno decreto, a transferência do poder para ele.

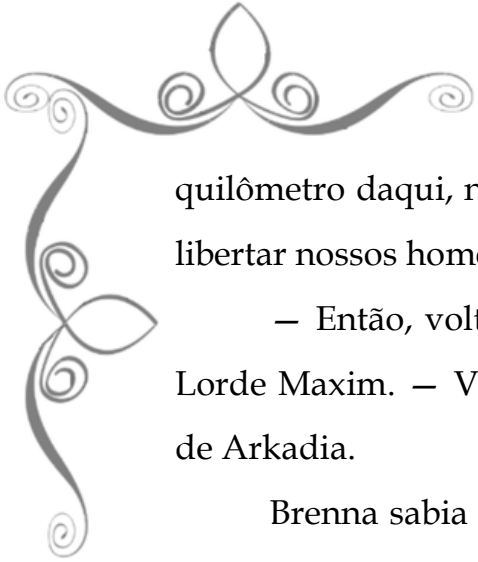
— Por que assinamos o maldito contrato se ele planejava assumir o controle com esse casamento forçado? — Perguntou o outro.

— Para solidificar o nosso apoio com um contrato vinculativo. — Rathbone novamente. — Ele já tem nosso habilidoso artesão, vinte cavalos arkadianos e a promessa de mais por vir.

— Eu digo para irmos ao *Olho do Dragão* hoje à noite e pegarmos de volta os nossos cavalos, nossos homens e braços oferecidos. — disse Lorde Maxim. — Nós também não podemos reter nossas forças.

Brenna avistou Friedrich e Mikhail passando pela horda, ambos com uma cara feia. Ela levantou um dedo e acenou no negativo. Ele desacelerou, notando sua proximidade com os cavaleiros do sul.

— Tarde demais para isso. — Disse Lord Rathbone. — Não há como penetrar no Olho do Dragão sem cobertura e, embora seja apenas um



quilômetro daqui, não temos o suficiente de nossos próprios Legionários para libertar nossos homens.

— Então, voltamos a Arkadia esta noite. — rolou a voz ameaçadora de Lorde Maxim. — Vamos esquecer nossas perdas e nos reagrupar com a Casa de Arkadia.

Brenna sabia que a Casa de Arkadia era uma assembleia governante da aristocracia do sul. Sem um monarca apropriado, pois a Princesa Vilhelmina nunca havia recebido autoridade sobre seu reino, a Câmara tomou decisões conjuntas de governo e lei para a região. O pai de Brenna muitas vezes explicou a ela o funcionamento da política nos quatro reinos, enfatizando que Arkadia era diferente de todo o resto.

— Concordo. — disse Lord Rathbone.

Então ela não pôde mais ouvi-los e Friedrich estava correndo em sua direção a toda velocidade. Ele e o capitão estavam ao seu lado, enquanto ela espiava ao redor da coluna, achando que todos os três vampiros haviam desaparecido.

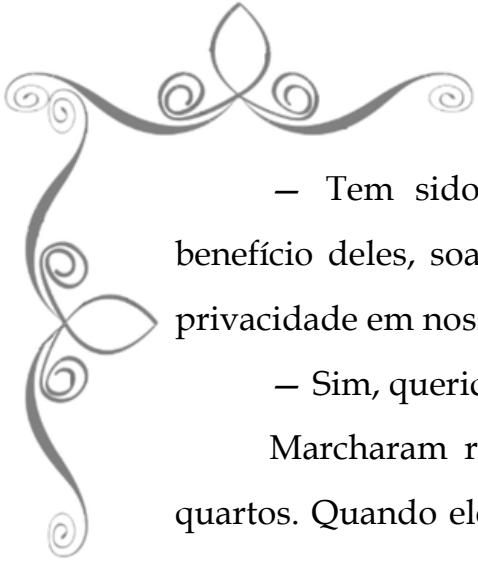
Friedrich tinha um braço ao redor de sua cintura, sua mão direita agarrando a dela.

— Querida, você parece um pouco abatida. Talvez um pouco de ar fresco seja bom para você.

— Sim, Sua Graça. Obrigada.

Ele praticamente a carregou para o corredor, com o capitão em seus calcanhares, a cacofonia da música e as vozes morrendo quando eles atravessaram a grande arcada. Ela sabia que não deveria se importar quando passavam por um laçao, perto da grande escadaria para sua suíte.

Eles passaram por um casal, uma dama encosta no ombro dele, e um o vampiro nobre ao seu lado, penteando o cabelo de volta no lugar.



— Tem sido uma jornada muito longa. — disse Friedrich para o benefício deles, soando como o perfeito amante atencioso. — Um pouco de privacidade em nossa suíte é tudo que você precisa.

— Sim, querido. — Ela ronronou para ele.

Marcharam rápida e silenciosamente o restante do caminho até seus quartos. Quando ele a colocou para dentro com Mikhail atrás deles, ela ficou chocada ao encontrar Grant e quatro outros guardas esperando por eles.

Friedrich soltou a cintura dela, mas a envolveu pela nuca com um aperto reconfortante, quando disse imediatamente aos homens na sala.

- O Rei Dominik vai se casar com a Princesa de Arkadia.

Grant zombou.

— Aquela que a Rainha tem mantido prisioneira em um sono sem sangue?

— Um *sono sem sangue*? — Brenna queria intervir, mas a conversa foi rápida demais.

— Sim. — retrucou Friedrich.

— Então, ele aliará o Norte com o Sul, o dobro de seu exército e recursos. — acrescentou Mikhail.

— Friedrich... — cortou Grant, sua expressão apertada com ansiedade.
— Lembre-se da premonição de Sienna.

Brenna quis perguntar mais sobre isso, e sua expressão apertou de ansiedade quando ele respondeu.

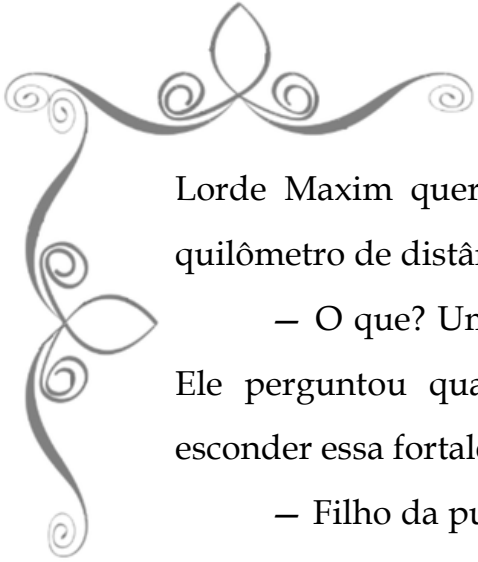
— Precisamos avisar Marius e Arabelle. Imediatamente.

— Espere! — Brenna levantou a mão, finalmente invadindo a conversa depois desse rápido turbilhão de discussão.

— Eu ouvi Lorde Rathbone falando sobre o Olho de Dragão.

Todos os olhares se voltaram para ela.

— Eles assinaram algum tipo de contrato com o Rei Dominik, oferecendo-lhe recursos. Eles estavam zangados com o decreto da Rainha.



Lorde Maxim queria recuperar seus homens e cavalos da fortaleza, a um quilômetro de distância.

— O que? Um quilômetro? — Dmitri franziu o cenho. — Tão perto? — Ele perguntou quase em desgosto. — Ele não está fazendo questão de esconder essa fortaleza.

— Filho da puta arrogante! — murmurou Mikhail, antes de se virar para Dmitri. — Vá. Agora. Faça uma varredura no perímetro para determinar a localização e nos encontre do lado de fora do portão sul, nos limites da floresta.

Dmitri saiu pela porta tão rápido que ela mal percebeu.

Friedrich a agarrou pelos ombros, seu calor penetrou em sua pele nua, mas ele falou por cima do ombro dela.

— Gavril e Yuri, vocês vão ficar do lado de fora da suíte e vão guardar Lady Brennalyn.

Não faltou a atenção dela de que ele ainda usava um título que ela não possuía, mas por algum motivo isso a aqueceu por dentro. Seu olhar caiu para Brenna, com a voz áspera e carregada de emoção.

— Eu confio que vocês vão protegê-la com suas vidas.

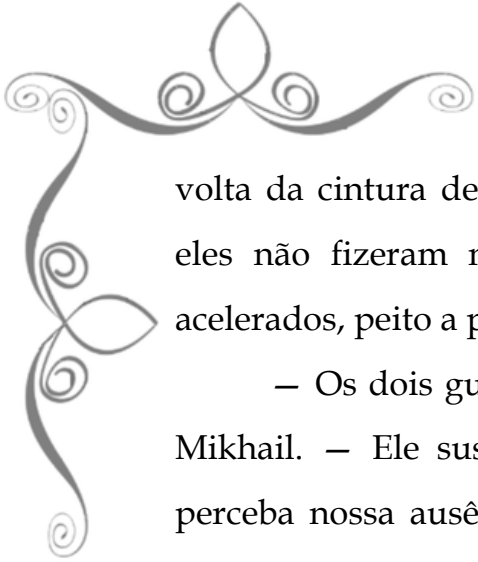
— Sim, Sua Graça. — disse o moreno Gavril, quando os dois guardas saíram da sala.

— Mikhail, você e Grant me encontrem com os outros no portão sul. Com o baile, os guardas estão relaxados esta noite, então deve ser fácil entrar e sair.

— Sim, Sua Graça. — disse Mikhail, antes dos dois saírem em silêncio.

Friedrich pegou a mão dela e a levou para o quarto, os candelabros ainda acesos e um fogo quente crepitando. A luz dourada projetou o mobiliário branco em um brilho etéreo.

De repente, Friedrich a virou nos braços e a abraçou com força, pressionando a boca contra a dobra do pescoço dela. Ela passou um braço em



volta da cintura dele e apertou uma mão no cabelo dele. Por um momento, eles não fizeram nada além de se abraçarem, seus batimentos cardíacos acelerados, peito a peito.

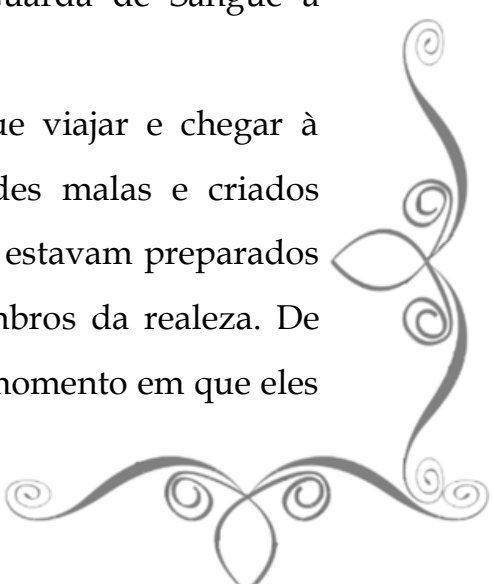
— Os dois guardas que eu deixei são os assassinos mais habilidosos de Mikhail. — Ele sussurrou em seu ouvido. — Não é provável que alguém perceba nossa ausência no baile. E se assim fizerem, eles pensarão que nós apenas escapamos para um encontro e não devem nos procurar. Mesmo assim, me sinto mais seguro sabendo que eles impedirão com suas próprias vidas que alguém cruze estas portas. — Ele se afastou para olhá-la. — Helena está a apenas um quarteirão de distância. Uma distância que podemos atravessar em poucos minutos. Eu vou buscá-la, depois vamos para Winter Hill e nos encontramos lá. Assim que Dmitri nos encontrar no local, vou mandá-lo de volta para pegar você. Como planejado, ele será encarregado de levá-la de volta ao meu castelo. Ele é o mais rápido. Tranque esta porta quando eu sair e não a abra até que você ouça Dmitri do outro lado.

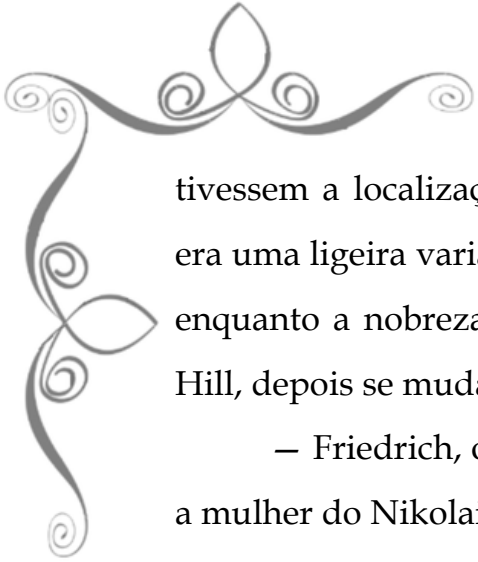
Ela assentiu, sabendo que deveria trocar suas roupas de viagem. Embora ela preferisse viajar em seus braços, ela notou que ele tinha designado Dmitri para ela, por sua necessidade de levá-la pelo meio mais rápido possível.

— Eu estarei pronta. — Ela assegurou ele. — Não se esqueça de Sylvia.

— Ela já está na metade do caminho de volta para o castelo. Assim que ela foi vista como a empregada da sua dama e fez o seu dever de se vestir para o baile, Mikhail fez com que um dos soldados da Guarda de Sangue a carregasse de volta imediatamente.

Ela balançou a cabeça em surpresa. Ela sabia que viajar e chegar à Izeling Tower em uma luxuosa carruagem com grandes malas e criados humanos fazia parte de um show, para mostrar que eles estavam preparados para ficar na torre por dias, como todos os outros membros da realeza. De outra forma, pareceria suspeito. Mas o plano era sair no momento em que eles





tivessem a localização do Olho do Dragão. Descobrir que estavam tão perto era uma ligeira variação no plano, mas eles ainda partiriam na calada da noite, enquanto a nobreza se divertia lá embaixo. Eles se reagrupariam em Winter Hill, depois se mudariam para Hiddleston e se esconderiam com o Black Lily.

— Friedrich, o que Grant quis dizer sobre a premonição de Sienna? Ela é a mulher do Nikolai, certo?

— Não há tempo suficiente pra explicar, mas basta dizer que Sienna tem um dom. E ela viu o que poderia ser uma profecia, que previu um futuro terrível. — Ele vacilou, o olhar flutuando sobre seu rosto.

— Conte-me. Por favor.

— Acreditamos que, se o Rei Dominik tiver um filho de uma vampira nobre - com o sangue puro da realeza - a Rainha planeja sacrificar a criança recém-nascida, usando da magia negra existente no sacrifício, para apagar o mundo na sombra. O tipo de mundo que a Rainha mais deseja.

— Oh, meu Deus, Friedrich. Nós precisamos salvá-la.

— Nós vamos. Mas primeiro, Helena.

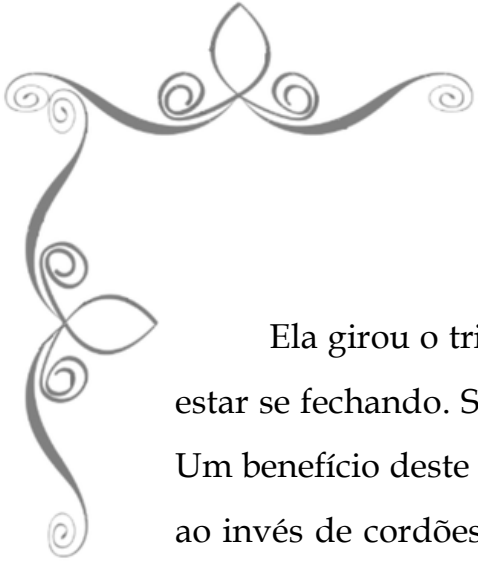
O desespero no rosto dele refletiu a tensão no rosto dela. Seus joelhos quase cederam, quando ele abaixou a cabeça e pressionou na boca dela o beijo mais doce e gentil que ela já tinha provado de seus lábios.

— Friedrich... — ela sussurrou, a voz quebrando. — *Por favor*, tenha cuidado. Se alguma coisa acontecer com você...

— Eu vou ficar bem. Não se preocupe. — ele murmurou suavemente contra seus lábios. — Você se troque. Dmitri vem te buscar dentro de meia hora. Eu quero você pronta para sair imediatamente.

Ele olhou para ela por mais alguns segundos, em seguida, saiu do quarto e fechou a porta. Agora ela precisava fazer a coisa mais difícil de todas.

Esperar.



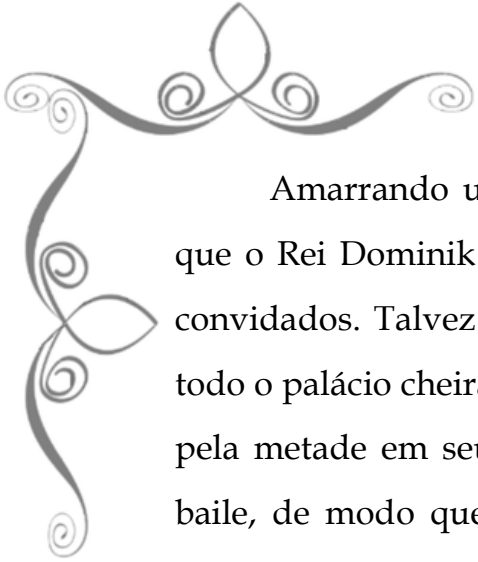
CAPÍTULO 28

Ela girou o trinco da fechadura quando ouviu a porta externa da sala de estar se fechando. Sem hesitar, ela tirou as luvas e começou a soltar o corpete. Um benefício deste vestido incomum era que tinha ganchos na parte da frente, ao invés de cordões e amarras na parte de trás. Friedrich sempre pensava em tudo.

Descartando o corpete com um sorriso, bem como todas as vestes, as meias e a camisola, ela tirou do baú as suas roupas para fugir, lembrando-se da conversa anterior.

- *Você quer que eu me vista com roupas masculinas?*
 - *Sim. Você estará mais aquecida e será mais fácil para viajar. Também será mais seguro, pois você montará em Dmitri, assim seus braços ficarão livres.*
 - *Eu vou ter que montar no Dmitri?*
 - *Se você disser as palavras “montar no Dmitri” assim de novo, eu vou perder a porra do controle.*
 - *Bem, foi você quem disse que eu deveria montá-lo, não eu..*
- Então ele a jogou na cama, onde ela tentou inutilmente escapar em um ataque de riso.*

Sorrindo, ela colocou a grossa camisa de musselina sobre a cabeça e depois vestiu as calças, com o coração explodindo ao pensar em ver e abraçar Helena em breve. Puxando as grossas meias de lã - meias masculinas - ela apertou bem as botas e se sentou na penteadeira. Ela tirou os alfinetes de seu sofisticado penteado e soltou o cabelo. Enquanto ela fazia uma trança simples, notou que os servos que tinham alimentado o fogo também removeram o prato de prata e o substituíram por outro.



Amarrando uma fita vermelha na parte de baixo de sua trança, notou que o Rei Dominik certamente sabia como dar festas luxuosas e mimar seus convidados. Talvez isso fizesse parte de ostentar a sua riqueza e poder, pois todo o palácio cheirava a decadência e excesso. Até mesmo as velas queimadas pela metade em seu lustre haviam sido substituídas enquanto ela estava no baile, de modo que a sala nunca perdesse a sua qualidade mística, com as luzes que pareciam pequenas fadas dançando ao redor da sala.

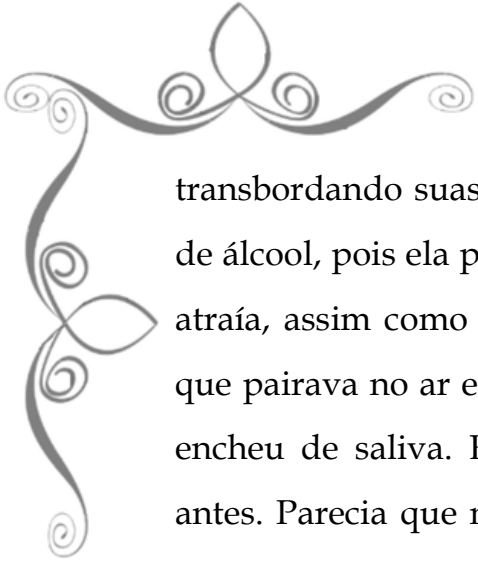
O relógio alto, branco e lustroso, no canto, soou. Brenna deu um pulo e reprimiu um grito. Então, riu de seu nervosismo.

Ela se levantou e caminhou até a adorável peça de mobília, os ponteiros prateados apontando para as doze horas, o pêndulo incrustado de pérolas balançando para frente e para trás. Enquanto o relógio tocava a hora, um carrossel se abriu dentro do mostrador do relógio, de onde um coelho prateado - do tamanho de um polegar - girou para fora e balançou, enquanto um lobo de boca aberta estava em seus calcanhares com um andar mecânico, rondando e circulando com cada batida do gongo. No último golpe da meia-noite, o coelho se adiantou e as garras do lobo o pegaram, empurrando a sua presa para dentro de sua caverna. As portas do carrossel se fecharam com um leve ruído. O último toque morreu e o crepitar do fogo tomou o ambiente novamente.

— Que estranho. — Brenna murmurou. E se ela fosse honesta, aquilo parecia bastante mórbido.

Fazia apenas dez minutos desde que Friedrich saíra. Ela andou perto da janela, a noite estava muito escura para ver qualquer coisa abaixo, o céu sem estrelas estava envolto em nuvens cinzentas. Um cheiro doce chamou a sua atenção, e ela se virou para a bandeja de prata no aparador.

Ela estava errada. Não estava amontoadada com uma variedade de refrescos, mas carregada apenas com uma garrafa de vinho tinto e um prato de porcelana com romãs vermelhas e brilhantes divididas ao meio,



transbordando suas sementes suculentas. Ela não ousaria tocar em outra gota de álcool, pois ela precisava de toda a sua inteligência, mas a suculenta fruta a atraía, assim como também o cheiro de canela, gengibre e de outro tempero que pairava no ar e que ela não conseguia identificar qual era. A boca dela se encheu de saliva. Ela nunca tinha provado sementes de romã cristalizadas antes. Parecia que não havia fim para as maravilhas proporcionadas por seu anfitrião enigmático e aterrorizante.

Ela levantou um punhado de seis sementes e colocou a primeira em sua boca. O doce cristalizado derreteu e um sabor picante estourou em sua língua.

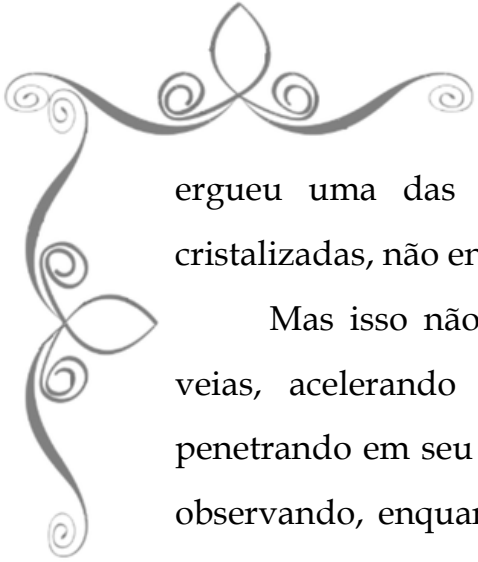
– Mmm...

Ela foi em direção ao fogo, mordiscando a sua pequena refeição. Ela não tinha comido nada no baile e o seu estômago estava retorcido em nós há muito tempo. Ela se perguntou novamente sobre Lord Rathbone e Lord Maxim. Eles eram aliados do rei, mas estavam obviamente descontentes com a ideia de o rei ganhar mais poder em sua região, firmando um compromisso com a Princesa Mina. Ela franziu a testa ao pensar na pobre princesa acordando de seu sono sem sangue para descobrir que estava prometida em casamento ao traiçoeiro Rei Dominik. Ela se perguntou se Lorde Rathbone e Lorde Maxim poderiam se aliar à resistência contra o rei, caso fosse necessário. Apostaria que eles seriam simpáticos à sua causa, não importando o quanto desprezassem o reino de um novo soberano faminto de poder.

Ela colocou a última semente em sua boca. Uma faísca do fogo chamou sua atenção. As chamas douradas piscaram mais devagar, quase como se balançando e dançando em uníssono, suas faíscas cintilantes eram de uma forma misteriosa. Ela recuou, balançando a cabeça em descrença.

– O que... – Ela bateu as costas no aparador.

Foi quando ela sentiu... uma sensação indefinível percorrendo seu sangue. O seu batimento cardíaco acelerou, batendo em seus ouvidos. Ela



ergueu uma das metades das romãs e inalou o cheiro das sementes cristalizadas, não encontrando nada ameaçador ali.

Mas isso não importava. O sangue corria como fogo através de suas veias, acelerando cada vez mais, tanto excitante quanto aterrorizante, penetrando em seu músculo e em sua medula, até seus ossos. Ela cambaleou, observando, enquanto o espelho perolado e cheio de querubins balançava e ondulava.

O que está acontecendo?

Ofegando, suas pernas cederam e ela desmoronou no chão, fazendo a romã rolar de sua mão, espalhando as sementes vermelho-escuras sobre o chão de mármore branco. Ela viu os rostos angelicais prateados, certamente gritando para ela agora, bem como o quadro se movendo. Uma névoa de terror pairou em sua mente e ela não conseguiu mais se mover.

— Espelho... espelho... — Ela ouviu sua voz trêmula, tentando demonstrar algum horror para o desconhecido se aproximando, mas foi como se a voz não estivesse saindo dela mesma.

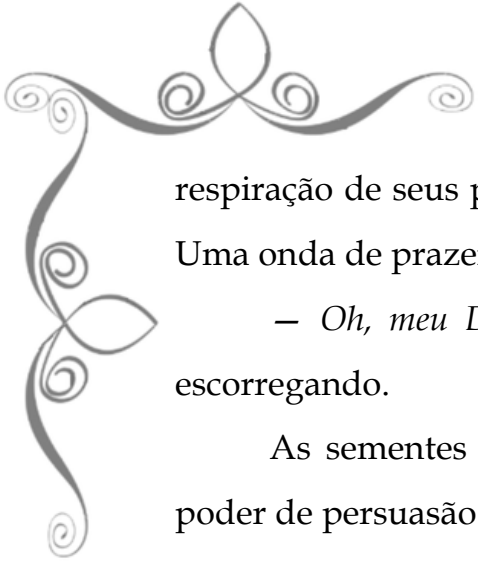
A parede se abriu. Não, não a parede. Apenas o espelho gigantesco se manteve, se balançando para revelar a boca do inferno. E, de suas profundezas infernais, saiu o próprio diabo. Rei Dominik.

Paralisada no chão, ela não podia fazer nada além de observar a figura aterrorizante que se aproximava dela. Sorridente.

— Não! — Ela murmurou, balançando a cabeça, o que fez o caleidoscópio de luzes girar rápido demais. Ela fechou os olhos, sentindo-o se aproximar, com um arrepio em sua pele. Um estrondoso riso vibrou do monstro na sala, atravessando a sua pele como um chicote de couro.

— Abra os olhos, coelhinha.

Ela tentou não abrir, mas uma dor esmagadora atravessou a sua espinha. Ela abriu a boca para gritar, mas nada saiu, pois a agonia sugou a



respiração de seus pulmões. Ela abriu os olhos e a dor recuou imediatamente. Uma onda de prazer insolente rolou em seu rastro.

— *Oh, meu Deus!* — Ela lamentou, tarde demais, com uma lágrima escorregando.

As sementes de romã. Elas foram impregnadas com seu elixir. O seu poder de persuasão. É isso que agora percorria no sangue dela. Ela reconheceu aquele calor, bem semelhante à mordida de Friedrich. Mas o efeito do elixir do rei era totalmente diferente. A mordida de Friedrich foi cheia de sedução e prazer, enquanto a do outro foi forjada sob um domínio esmagador, com uma dor paralisante.

Ela congelou em absoluto medo quando ele se agachou sobre ela. Ele passou as costas dos dedos pela maçã da bochecha dela. Como um amante.

— *Você é uma coelhinha linda, não é?* — Ele mostrou os dentes em um sorriso lascivo.

Uma figura sombria se moveu em sua visão periférica. Então outra.

— *Devo carregá-la, Sua Majestade?* — Perguntava friamente um Legionário.

— Não, Kostya. Eu vou levá-la.

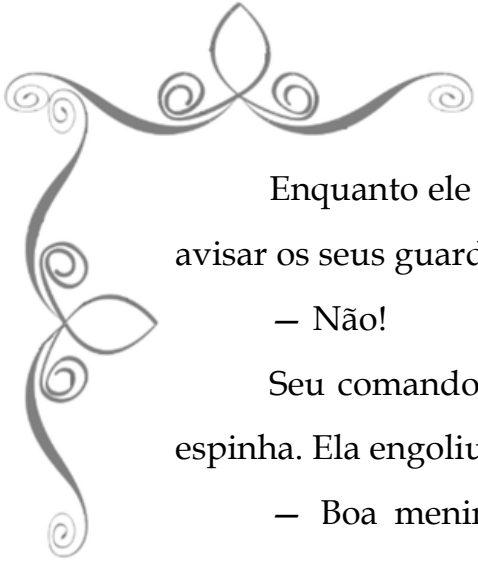
Ele a ergueu contra o peito largo. O tamanho dele era tão assustador quanto a sua presença imponente. Ele a levou de volta para a passagem atrás do espelho.

— *A coelhinha precisa se acostumar com o seu novo mestre.* — Ele sorriu para ela novamente, todos os dentes afiados à mostra. E seu olhar frio como a neve do inverno a perfurava.

— *Minha dama... minha mulher... minha Brennalyn.*

O coração dela despencou quando ele repetiu as palavras que Friedrich sussurrou em seu ouvido quando fizeram amor na frente do espelho. Ele os assistiu. Ele os ouviu.

Ele sabia de tudo.

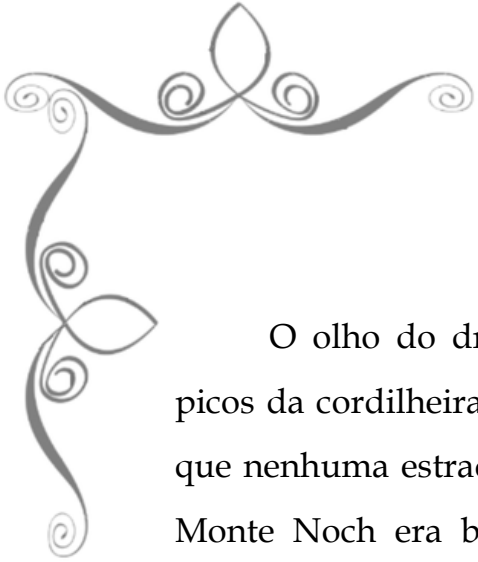


Enquanto ele a levava para o túnel frio, ela abriu a boca para gritar, para avisar os seus guardas.

— Não!

Seu comando de uma só palavra era como um martelo na base de sua espinha. Ela engoliu o choro para abafar a dor.

— Boa menina... — Ele sussurrou perto de seu ouvido, em seguida, levou-a para a escuridão profunda.



CAPÍTULO 29

O olho do dragão ficava no meio de um cânion delimitado por dois picos da cordilheira Belaya Noch e por florestas densas. Seria fácil ignorar, já que nenhuma estrada passava por aqui. O vento que cortava o lado norte do Monte Noch era brutalmente frio, tornando este lugar intransponível. Ou quase isso.

— Perfeitamente fora de alcance. — Disse Mikhail, agachado à esquerda de Friedrich, dentro da linha de árvores rasa na base do monte Noch.

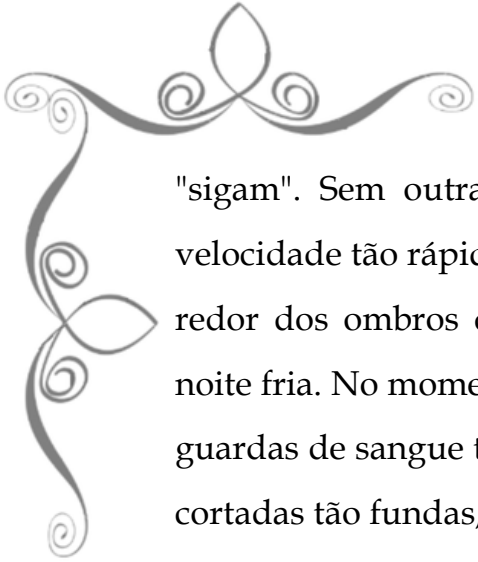
Friedrich examinou a linha de vinte vampiros da guarda de sangue, enquanto passavam a faixa de cabelo de Helena de um para o outro. Brenna trouxe para que eles pudessem encontra-la rapidamente quando chegasse a hora. Cada vampiro tinha amarrado arreios cruzados no peito e nas costas, as bainhas das adagas eram forradas por tiras de couro. Não menos que vinte por homem. Perfeito para jogar e acertar um adversário de longe. Isso não incluía a maior variedade de facas serrilhadas que carregavam nos quadris e nas botas, para um combate mais corpo a corpo. As armas maiores e mais fortes serviriam para cortar traqueias e esmagar as cavidades entre o peito e o coração de um vampiro.

— A muralha da fortaleza será fácil de escalar. — Friedrich observou que havia poucos guardas andando no perímetro no topo.

— Essas paredes não foram construídas para manter os vampiros fora, mas para manter os humanos dentro. — Acrescentou Grant.

— Verdade. — A própria ideia o atingiu duramente. O bastardo do seu tio prendia as espécies mais fracas, as que ele deveria proteger. Ele se virou para o seu irmão humano. — Vamos lá.

A fila à sua direita assentiu. Então, o mesmo fez a linha da esquerda. Mikhail levantou a mão e apontou em direção a fortaleza, fazendo um sinal de



"sigam". Sem outra palavra, os vampiros andavam na escuridão em uma velocidade tão rápida, que não seriam detectados. Friedrich jogou um braço ao redor dos ombros de Grant e fez o mesmo, então eles se correram naquela noite fria. No momento em que chegaram ao único portão de entrada, dois dos guardas de sangue tinham eliminado os vigias, as gargantas deles haviam sido cortadas tão profundas, que as cabeças deles mal se mantinham presas ao corpo.

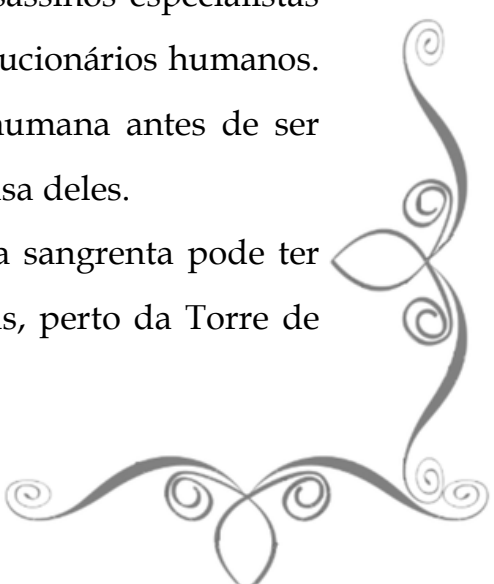
Mais uma vez, Friedrich ficou aliviado por ter a Guarda de Sangue do seu lado. Eles sabiam como matar a sua própria espécie com rapidez e silêncio. O plano era entrar por diferentes pontos.

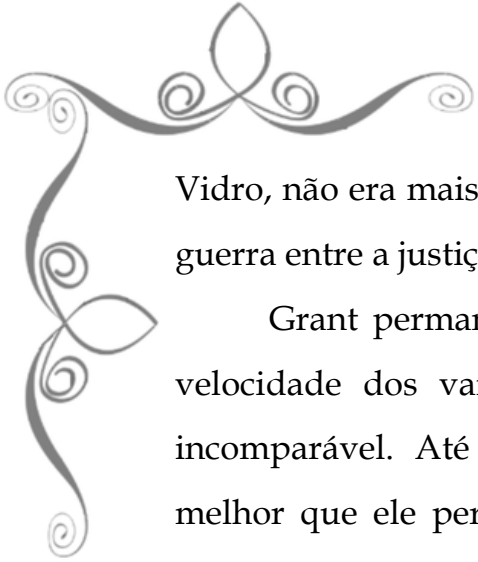
Aqueles que escalaram a parede eliminariam os guardas em cada ponto, para que o resto pudesse manobrar através do acampamento sem serem detectados. Eles esperaram na entrada, enquanto Mikhail olhava para a parede do perímetro.

Em cinco minutos, um de seus homens saltou da parede diretamente ao lado deles, silencioso como um fantasma. Com um sorriso torto, ele fez sinal para seguir em frente.

Foda-se se esses Guardas de Sangue não amam matar. Até demais, pra ser honesto. Uma vez que eles libertassem Helena e se juntassem a Brennalyne e Dmitri em Winter Hill, ele planejava oferecer a Mikhail um incentivo mais substancial para se juntar à resistência. Eles não falaram sobre o que aconteceria além dessa missão. Friedrich havia contratado a guarda de sangue para substituir os Legionários em Winter Hill. Mas, depois desta noite, eles se mudariam de Winter Hill. O Black Lily poderia usar assassinos especialistas como eles, se eles concordassem em se aliar com os revolucionários humanos. Mas algo lhe dizia que, como Mikhail teve uma mãe humana antes de ser transformada em vampiro, ele poderia ser simpático à causa deles.

Uma coisa Friedrich sabia com certeza, esta guerra sangrenta pode ter começado por Arabelle e seu exército camponês de Sylus, perto da Torre de





Vidro, não era mais uma guerra de humanos contra vampiros. Agora era uma guerra entre a justiça contra a tirania.

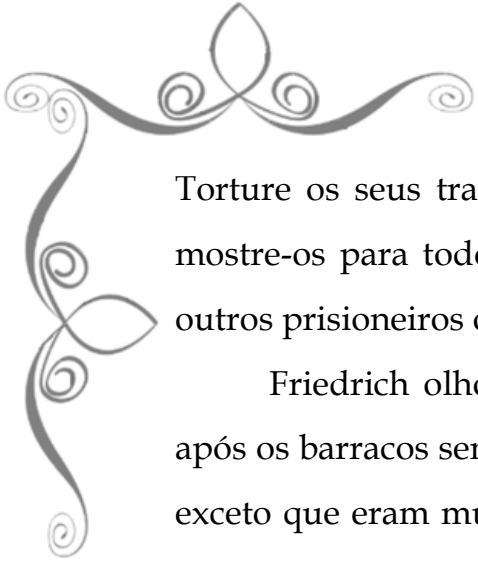
Grant permaneceu na entrada, vigiando nas sombras. Ele não tinha a velocidade dos vampiros, porém a sua habilidade com uma lâmina era incomparável. Até mesmo Mikhail havia comentado sobre isso. Mas era melhor que ele permanecesse em uma posição fixa e vigiasse a retaguarda deles, enquanto eles vasculhavam o acampamento.

Eles se separaram, Friedrich e Mikhail, contornaram atrás de construções rudimentares de madeira, com galhos de sapé, andando em direção à frente da fortaleza. Não havia janelas, mas as ripas estavam frouxamente alinhadas, construídas de forma grosseira e rápida, permitindo que observassem em certos pontos. Havia três Legionários vampiros que estavam jogando um jogo de dados e punhais no primeiro ponto. E no segundo, os gemidos de uma mulher e os grunhidos de um homem ecoavam pelas paredes finas. Apenas fazia silêncio no terceiro, mas os batimentos cardíacos lentos e rítmicos diziam que haviam muitos vampiros dormindo ali dentro.

Eles andaram mais rapidamente em direção à parte de trás do forte. Tochas queimavam em braseiros ao longo do caminho à frente. Quando atravessaram dois quartéis, o fedor da morte flutuou em sua direção. Espesso e pútrido. Ele agarrou Mikhail, que já havia congelado, enquanto espiavam através do estreito intervalo entre os edifícios.

Além da fileira de quartéis, havia uma linha de cinco estacas no chão. Empalando cinco homens. Todos eles estripados, com as roupas em frangalhos, a suas bocas e olhos arregalados com o medo da morte. No peito deles havia sido esculpida de forma distinta a palavra "traidor". Eles pareciam ser todos humanos.

Então foi isso que aconteceu com aqueles que foram pegos em serviço do Black Lily. Ele e Mikhail trocaram um olhar furioso. Era uma prática antiga.



Torture os seus traidores publicamente, dê-lhes uma morte horrível, depois mostre-os para todos verem, instigando um medo profundo para manter os outros prisioneiros obedientes.

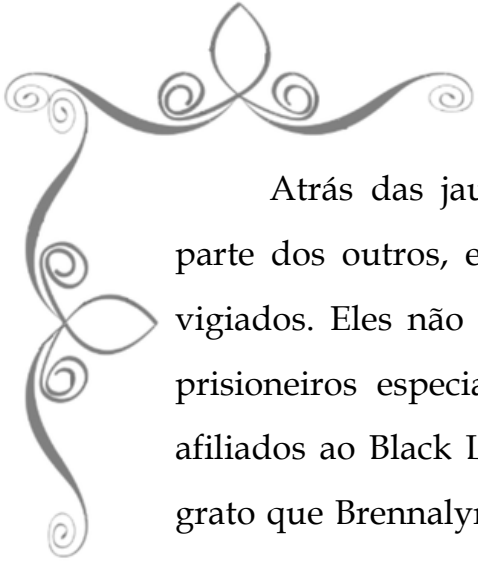
Friedrich olhou para além dos homens mortos, onde havia uma linha após os barracos sem janelas. Eles eram semelhantes em construção ao quartel, exceto que eram muito menores e a porta era feita de barras de madeira, que se estendia de volta para a fortaleza. Celas da prisão.

Sem uma palavra, eles andaram ao longo do perímetro. Havia pouco para ser ouvido dentro das paredes finas. Mulheres e crianças choramingando, tremendo, chorando. Alguns não emitiam som algum para evitar o aviso de qualquer transeunte. A fúria atingiu Friedrich como um chicote ardente. Eles não conseguiram libertar essas pessoas. Nenhum outro, além de Helena. Eles precisavam que o desaparecimento dela parecesse accidental. Eles não podiam aproveitar a chance para libertar os outros, sem uma equipe maior. Mas, agora que eles sabiam onde ficava esse buraco infernal, eles voltariam. Com todo o exército do Black Lily.

Deslizando pela lateral e se esquivando quando um vigia noturno chegou perto, eles se moveram com graça e agilidade, de uma gaiola rudimentar a outra. Até uma outra. Mas ele não sentiu o perfume de Helena em nenhum lugar.

Mikhail parou e agarrou seu antebraço, apontando com a outra mão para três fileiras de gaiolas. Friedrich pôde discernir a figura de um dos soldados da Guarda de Sangue fazendo um sinal atrás dele. Em um minuto, eles deslizaram pelas sombras para se juntar a ele, perto da muralha sul. Mais seis Guardas de Sangue apareceram de repente ao lado deles.

A maioria dos vampiros que se movia em hipervelocidade, fazia com que o ar e o vento tivessem um som particular, como de uma rajada de vento repentina. Não a Guarda de Sangue. Quando eles chegavam ao seu destino, era como se tivessem saído do nada.



Atrás das jaulas caindo aos pedaços, havia um segundo conjunto, à parte dos outros, encostados na parede de pedra. E estes eram fortemente vigiados. Eles não precisavam trocar palavras para saber que aqueles eram prisioneiros especiais. Era ali que eles mantinham os suspeitos de serem afiliados ao Black Lily. Ou, ao *White Lily*, pensou Friedrich com um arrepio, grato que Brennalyne provavelmente já estaria a dois quilômetros de distância dali, com Dmitri.

Mikhail fez gestos silenciosos para o vampiro que matou um dos guardas no portão, o guarda cujo nome Friedrich nunca aprendera. Mikhail apontou para ele e para outros três. Em menos de um minuto, Friedrich ouviu lâminas cortando carne, sangue jorrando e ossos quebrando. Logo após, viu os corpos dos Legionários sendo puxados para as sombras.

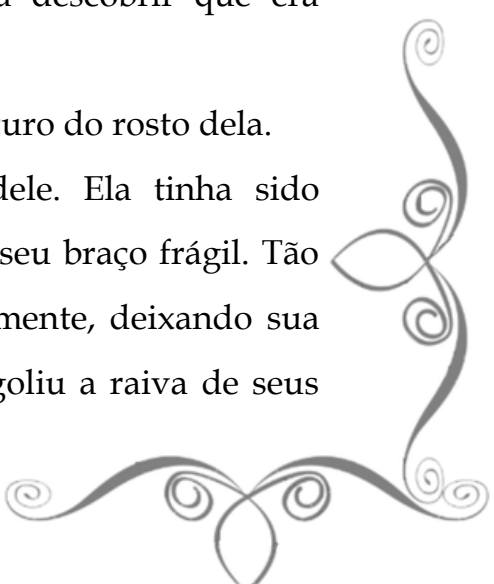
Sem mais guardas, Friedrich se moveu rapidamente, farejando as portas abertas da fileira. Ele ignorou os cheiros femininos suaves das mulheres sob os odores fétidos e úmidos dos corpos vivendo em quartos apertados. Lutando contra o desejo de gritar de ódio, por não ser capaz de libertar à todos deste lugar, ele continuou farejando até que finalmente sentiu o cheiro dela. Um cheiro de mel e orvalho da manhã. Fraco, mas estava lá.

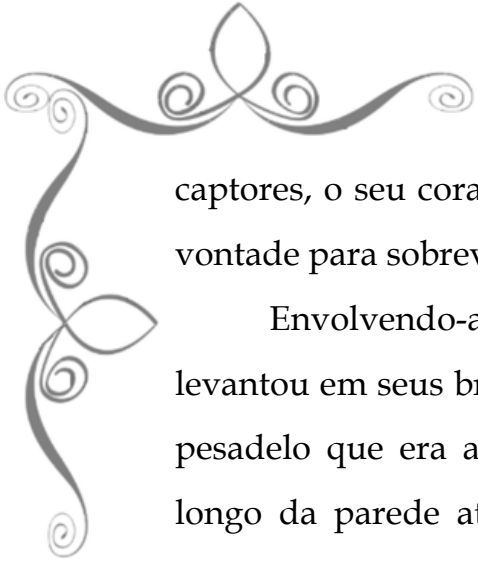
Olhando através das ripas de madeira da gaiola, ele viu um volume debaixo de um pedaço de pano irreconhecível no canto, coberto por uma pele de animal. Agarrando a porta, ele a arrancou de suas dobradiças. O volume debaixo do pano não se mexeu.

Ajoelhando-se, ele puxou a pele do animal para descobrir que era realmente ela.

— Helena... — Ele sussurrou, afastando o cabelo escuro do rosto dela.

Mikhail rosnou baixo em sua garganta, atrás dele. Ela tinha sido perfurada no pescoço. Severamente. E mais ao longo de seu braço frágil. Tão magro. As maçãs do rosto dela foram cortadas abruptamente, deixando sua pele marcada. Seu pulso estava lento, mas forte. Ele engoliu a raiva de seus





captores, o seu coração se encheu de orgulho por essa jovem e a sua força de vontade para sobreviver. Brenna ficaria tão aliviada.

Envolvendo-a novamente na pele do animal em que se escondia, a levantou em seus braços e, sem dizer uma palavra, abaixou a cabeça e saiu do pesadelo que era aquela cela de prisão. Então ele acelerou rapidamente ao longo da parede até o portão aberto. Ele parou por apenas um momento. Grant imediatamente saiu das sombras, uma pilha de três homens mortos estavam atrás dele. Mikhail andou até ele. Sabendo que o seu irmão estava sendo cuidadoso, ele fugiu pelo campo, movendo-se tão rápido que o vento gelado que soprava forte do Monte Noch cortou o seu rosto. Mas ele não diminuiu a velocidade. Nem mesmo para ver se a Guarda de Sangue estava com ele.

Logo sentiu a presença deles, como fantasmas negros se movendo ao redor dele. Ele parou apenas à vista das espirais negras de Izeling. Um por um, eles se materializaram ao seu lado. Mikhail e Grant tropeçaram até parar. Grant se aproximou e colocou o dedo na pulsação do pescoço de Helena, franzindo o cenho.

— O pulso dela é forte. — Ele finalmente sussurrou. — Mas nós vamos precisar...

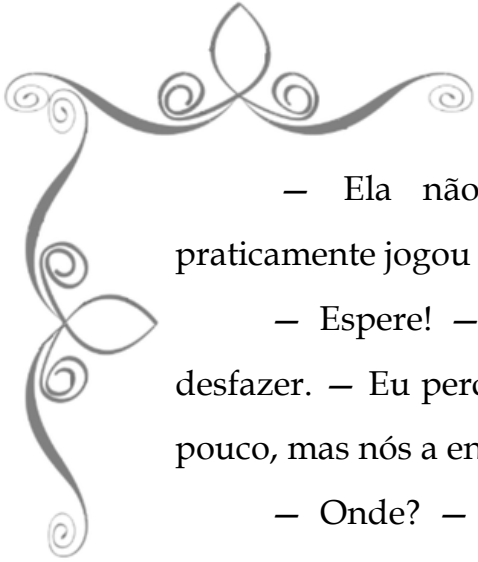
Mikhail e quatro homens da Guarda de Sangue chicotearam ao redor, empunhando suas espadas compridas em direção a segunda fenda, onde três vampiros apareceram entre eles. O estômago de Friedrich congelou.

— *Dmitri*. — Ele rosnou com veemência. Gavril e Yuri ao seu lado. — Onde diabos está Brennalyn?

A expressão pálida e horrorizada do homem o arranhou por dentro.

— Eu não sei. Nós olhamos em todos os lugares. O quarto dela estava vazio, e ela não estava no seu quarto e nem na sala de visitas. — Ele derramou suas palavras desesperadamente, seu pulso gesticulando no ar.

Um pavor violento perfurou seu peito.



— Ela não pode ter simplesmente desaparecido. — Friedrich praticamente jogou Helena nos braços de Grant e girou para voltar à Torre.

— Espere! — Dmitri agarrou seu antebraço antes que ele pudesse se desfazer. — Eu percebi uma coisa. Tinha que haver outra saída. Demorou um pouco, mas nós a encontramos.

— Onde? — Friedrich nem sequer reconheceu sua própria voz, um rosnado malévolo saía de algum lugar sombrio dentro dele.

— O espelho. No quarto de dormir onde ela estava hospedada. A passagem descia para um lance de escadas, que se abria em uma biblioteca por trás de uma pintura secreta do rei, um dragão negro. Mas não havia ninguém na sala.

Os punhos de Friedrich se fecharam, enquanto ele olhava para as torres que pareciam facas, apunhalando a noite sem estrelas.

— Dmitri. — disse ele uniformemente, as palavras fluindo em um fluxo monótono. — Você pega a Helena e mais dois, e vai para Winter Hill. Se eu não voltar dentro de um dia, leve-a para a Floresta de Silvane, perto de Hiddleston. Um vampiro chamado Nikolai mora lá com a sua mulher, Sienna. Ele vai te pagar generosamente por leva-la em segurança.

Com o rosto sério e tenso, ele prometeu.

— Vou garantir a segurança dela. Com ou sem pagamento.

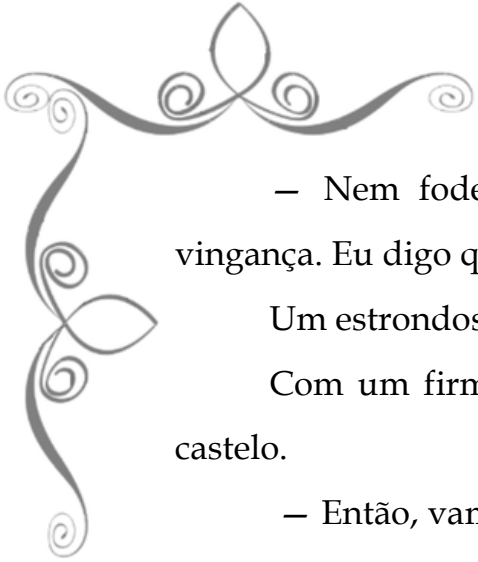
Mikhail apontou.

— Gavril e Yuri, vocês vão com ele. Pegue a estrada oeste. Não pare. — Suas ordens foram duras e pontuadas.

Friedrich girou para enfrentar a Guarda de Sangue.

— Sua missão não era essa. Eu não os contratei para ir contra o rei de Izeling ou a Coroa. Quem quiser sair, pode sair. Sem perguntas. Fiquem com as moedas que paguei a vocês.

Mikhail zombou, com um brilho sinistro nos olhos.

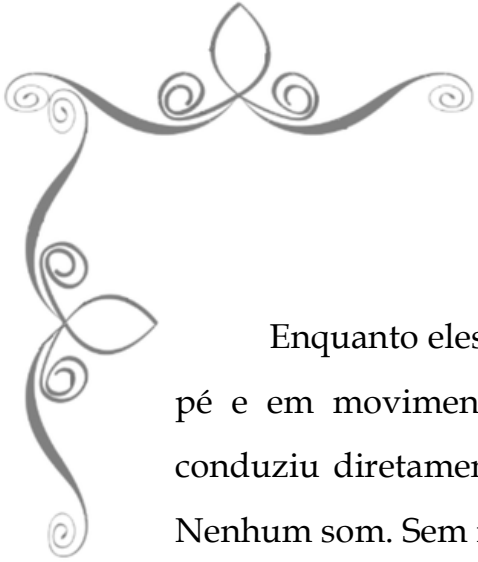


– Nem fodendo, Sua Graça. Todo homem aqui está em busca de vingança. Eu digo que vamos voltar lá esta noite. Certo, homens?

Um estrondoso "*sim*" ecoou de volta.

Com um firme e curto aceno de cabeça, Friedrich saiu em direção ao castelo.

– Então, vamos atrás de vingança. Juntos.



CAPÍTULO 30

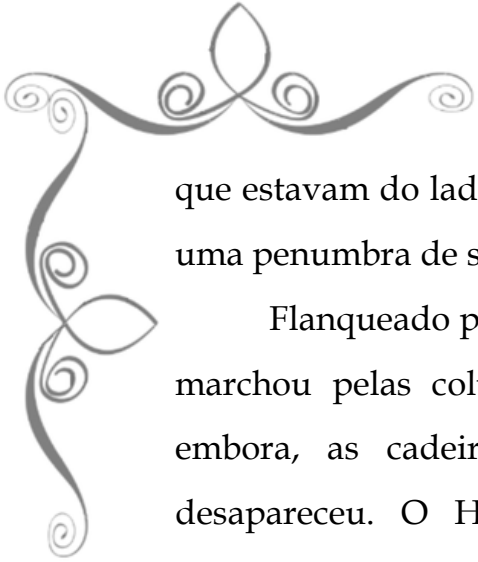
Enquanto eles voltavam pelos corredores dos servos, poucos estavam de pé e em movimento. Já passava das três da manhã quando Friedrich os conduziu diretamente ao corredor principal, perto do grande salão de baile. Nenhum som. Sem música. Nenhum ruído de hóspedes se divertindo.

Friedrich tinha assistido a bailes aqui em seus dias mais jovens, e muitos duravam a noite toda. Mas a sala do trono estava estranhamente quieta. E ainda assim, a sala tinha a energia elétrica dos vampiros. Ninguém precisava dizer uma palavra, enquanto marchavam em direção à entrada arqueada. Friedrich sabia que a tática de caminhar diretamente para a linha de visão de seu tio não era a mais inteligente, mas, a essa altura, ele fodidamente não se importava.

O Rei Dominik estava com Brennalyne. E o homem era tão sádico quanto poderoso. Friedrich tinha que tomar o caminho mais curto para libertá-la de suas garras. Não importava o custo. Pois ele tinha certeza de que isso não tinha nada a ver com ela e tudo a ver com ele. O maldito tirano sabia que Friedrich o odiava. Sabia que Friedrich detestava cada maldita coisa sobre ele. E por isso, ele iria puni-lo.

Friedrich só esperava que a punição dele fosse espancá-lo, torturá-lo e prendê-lo. Até mesmo mata-lo. Contanto que ele libertasse Brennalyne primeiro. Nada mais importava.

Ao entrar pelo arco do grande salão de baile, ele notou o lugar repleto de Legionários vestidos de vermelho e preto, por toda a sala. Cem deles e dos mais fortes. Eles estavam em posição de sentido, mas com as suas espadas empunhadas, como se fossem para um combate próximo. Os candelabros à luz de velas tinham queimado a quase nada. Os tripés de braseiros, até mesmo os



que estavam do lado de fora dos vitrais, tinham derretido, lançando a sala em uma penumbra de sombras.

Flanqueado por Mikhail, Grant e o resto da Guarda de Sangue, Friedrich marchou pelas colunas em direção à frente. Os convidados foram todos embora, as cadeiras e as mesas estavam em desordem. A orquestra desapareceu. O Harém de Sangue desapareceu. Até a Rainha e seus Legionários desapareceram. Todos, exceto o Rei, que estava sentado em seu trono negro, observando a sua aproximação. E de seus melhores lutadores.

Brennalyn estava de joelhos a seus pés, com a cabeça inclinada.

Um choque de alívio passou por ele, e que depois o enfureceu. Não vacilando, ele encontrou a expressão presunçosa do Rei Dominik. A tensão se esticou como uma corda. No momento em que ele alcançou a frente do salão de baile e se endireitou para encarar o Rei, ele cerrou a mandíbula com tanta força que algo estalou. A enorme mão do Rei repousava na nuca delgada de Brennalyn, a trança de seu longo cabelo sobre um dos ombros, e as garras negras estendidas. Ele havia invocado sua fera interior, embora estivesse relaxado em seu trono de ferro negro, como um soberano em seu lazer.

Ela estava vestida e pronta para a sua fuga. Uma fuga que nunca aconteceu. Cerrando os punhos, ele esperou que o Rei falasse primeiro, tentando diminuir a porra do medo que se agitava em seu estômago.

— Sobrinho. Que bom que você veio. — Berrou a voz dele farfalhante e zombeteira. — Você e a sua adorável dama deixaram a festa cedo demais.

— O que é que você quer? — Friedrich não reconheceu sua própria voz, tão cheia de ódio e tensão.

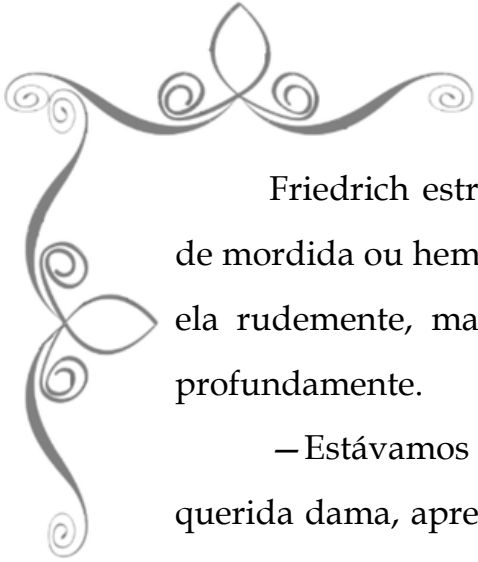
— O que eu sempre quero. A verdade.

Friedrich bufou de desgosto.

— Isso nunca foi o que você realmente quis. E nós dois sabemos disso.

Ele sorriu em resposta e se aproximou de Brennalyn.

— Olhos para cima, coelhinha. Hora da sua inquisição.



Friedrich estremeceu quando ele a olhou. Ele não viu nenhuma marca de mordida ou hematomas em sua pele exposta ou sinais de que ele lidou com ela rudemente, mas o terror gritante naqueles olhos castanhos o enterrou profundamente.

— Estávamos esperando por você, sobrinho. Enquanto isso, a *minha* querida dama, aprendeu a importância de responder à todas as perguntas e a obedecer à todas as ordens, com a máxima honestidade e submissão.

Lágrimas escorriam pelo rosto dela, embora ela não fizesse nenhum som. Friedrich tentou expressar com a postura que estava tudo bem.

Dominik puxou a longa trança pelas costas e envolveu-a duas vezes ao redor do antebraço e do pulso, apertando a mão dele na base do pescoço dela. Friedrich iria mata-lo.

— Qual é o seu nome verdadeiro, coelhinha?

— Brennaly Snow. — Sua voz tremeu, mas ela manteve o queixo erguido, mesmo tremendo.

— E qual é a sua ocupação, Senhorita Snow?

Ela fechou os olhos.

— Professora, em Terrington.

— Você sabe o paradeiro daquela que atende pelo nome de White Lily?

— Sim.

— Diga-me! — Ele ordenou, inclinando-se para frente em seu trono, segurando-a com força.

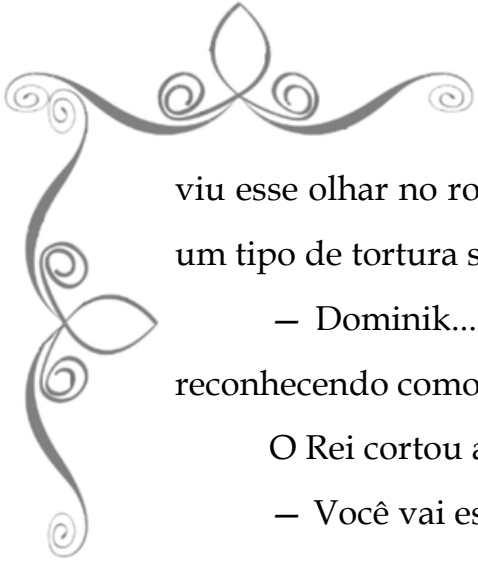
Uma ligeira hesitação. Sua sobrancelha se comprimiu de dor.

— Eu, eu sou a pessoa que atende por White Lily.

Ele sorriu, poupando um olhar para ela.

— Eu achei mesmo que poderia ser você, minha coelhinha. Você não tem ideia do quanto me agrada ouvi-la dizer isso.

Uma sensação angustiante de medo o arrepiou até os ossos, tomando Friedrich da cabeça aos pés. Um brilho de suor umedeceu sua pele. Pois ele já



viu esse olhar no rosto de seu tio antes. Inúmeras vezes, quando ele planejava um tipo de tortura sádica, que envolvia dor e prazer.

— Dominik... — Começou ele, não usando nem o título de tio e nem o reconhecendo como seu soberano.

O Rei cortou a mão no ar.

— Você vai esperar, sobrinho. — Ele apertou ainda mais os cabelos dela. Ela ofegou e estremeceu.

Friedrich ficou rígido, cada músculo apertado com tensão. Uma gota de suor escorria pelo seu rosto.

— Friedrich sabia que você é a White Lily?

E aqui está o que ele queria saber. Friedrich era realmente um traidor da Coroa de Varis?

Seus olhos se abriram, toda a sua estrutura tremia quando ela mordeu o lábio, recusando-se a responder. Suas costas se curvaram. Ela deu um grito estridente, que ecoou pelas paredes do salão de baile.

— Sim! — Gritou Friedrich. — Eu sou um traidor!

Ela continuou a se contorcer e a chorar, mas o Rei manteve o aperto em seus cabelos.

— Não é assim que funciona, sobrinho. — Ele disse, calmamente inclinado sobre ela. — *Ela* precisa responder.

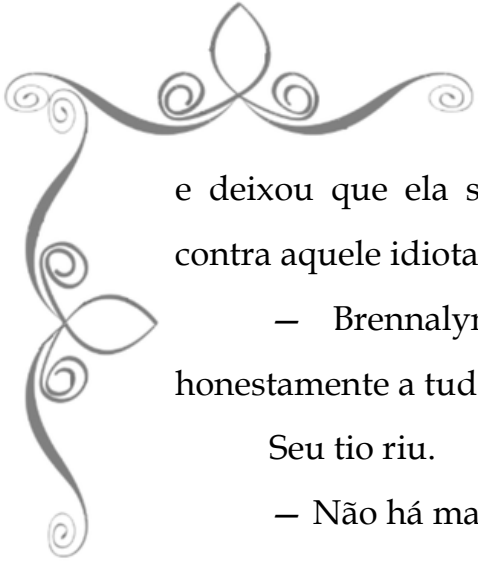
— Brennalyn!

O olhar dela foi para o dele, uma dor excruciante contorcia seu lindo rosto.

— Responda-o! — Ele ordenou. — *Agora*.

— Sim, sim, sim! — Ela murmurou, desmoronando contra o trono do Rei e soluçando, pois ele não iria libertá-la de seu aperto implacável. — Eu sinto muito. — Ela sussurrou.

Ela suportou o açoite da dor de Dominik, tudo para tentar protegê-lo. Para evitar que ele se machuque. Friedrich reuniu o seu amor por essa mulher



e deixou que ela se acomodasse em seu peito, fortalecendo sua armadura contra aquele idiota que segurava o seu destino em suas mãos.

— Brennaly... — Disse ele, com muita calma. — Responda honestamente a tudo o que ele perguntar.

Seu tio riu.

— Não há mais nada a perguntar.

Ele se levantou abruptamente, transparecendo o seu humor mórbido. Brenna engasgou e ficou de joelhos quando ele puxou a cabeça dela contra a sua coxa. Cada estremecimento, cada suspiro de dor arrancava outro pedaço do coração de Friedrich.

— Eu sabia que você era um filho da puta traidor. Desleal a sua própria espécie. Seu próprio sangue! — O Rei fungou de desgosto. — Assim como sua mãe.

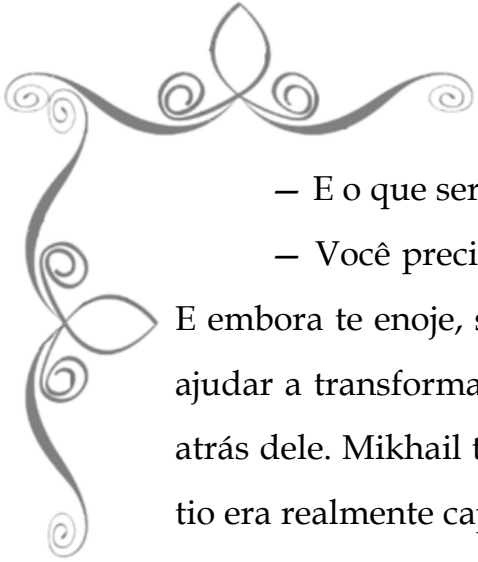
A sala crepitava com uma energia sinistra, agitando-se como ondas num mar violento. Os Legionários esperavam o sinal do Rei. A Guarda de Sangue e Grant pareciam à vontade, mas a sombria visualização dessa exibição repugnante havia carregado o ar. Toda vez que ele a puxava, a machucava, Friedrich sentia uma mudança cataclísmica dentro de si, como entalhes caindo no lugar escuro onde eles pertenciam. Seus caninos, de cima e de baixo, projetavam-se com uma nitidez perversa, prontos para sugar o sangue, para mastigar nervos e ossos. Garras afiadas saíam por baixo de suas unhas.

Ainda mais agora, quando ele mencionou a sua pobre mãe.

— Isso mesmo! — Ele finalmente disse, com uma voz gutural e grossa de ódio. — Eu sou como a minha mãe. Eu desprezei os gostos do meu pai. Mas não tanto quanto eu desprezo e odeio os seus, *tio*.

Os olhos de Dominik se estreitaram, mas Friedrich continuou rapidamente.

— Ainda assim... — Ele enfatizou, atraindo o olhar gelado de seu tio. — Eu sei o que você quer de mim.



— E o que seria isso? — Desdém pingou da língua do Rei.

— Você precisa de outro Varis para povoar o seu exército de vampiros.

E embora te enoje, sou descendente de sua linhagem. Eu vou ficar. Eu vou te ajudar a transformar todos os homens que você precisa... — Grant se mexeu atrás dele. Mikhail também. Eles não entenderam. Eles não sabiam do que seu tio era realmente capaz. — Desde que você a libere. Agora. Deixe a Guarda de Sangue levá-la em segurança.

Brennalyn tentou sacudir a cabeça, mas o punho no cabelo dela a manteve imóvel. Ela choramingou, em seguida, mordeu o lábio novamente, afundando em silêncio.

— Eu não preciso de você! — Zombou seu tio.

— Sim, você precisa. Você e a Rainha só podem usar um pouco de sangue de cada vez. Seus irmãos, obviamente, não estão ajudando você em sua aventura de acabar com aldeias inteiras. Talvez o Rei Grindal esteja ajudando, mas ninguém sabe, pois ele não é visto há algum tempo.

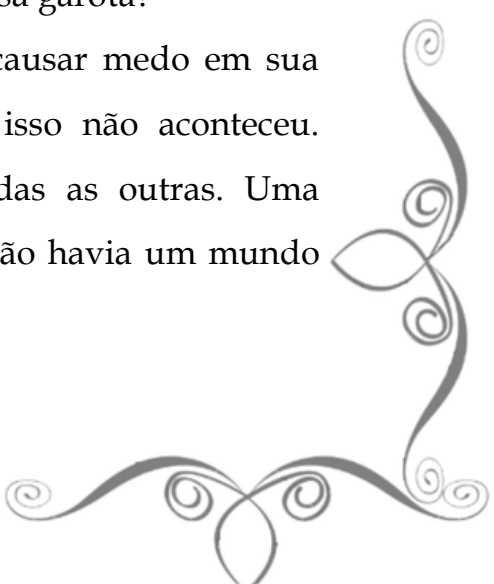
Dominik bufou, estreitando o olhar. Transformar um humano em vampiro só poderia ser feito através do sangue de um puro descendente de Varis. E haviam poucos com esse poder.

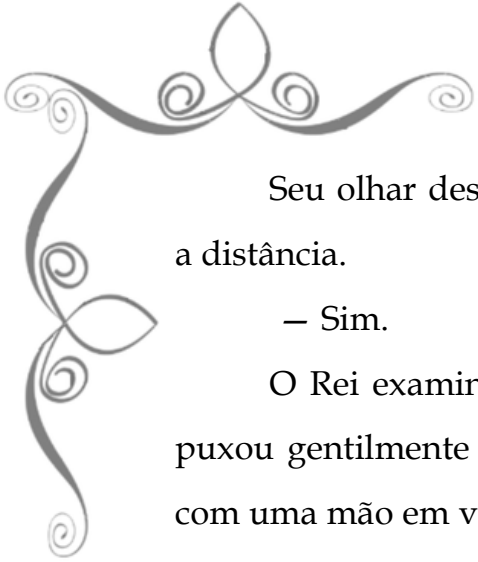
— Tudo o que te resta é o filho da irmã que você desprezou. E enquanto você acredita que já tem soldados suficientes, a verdade é que você não tem. O Black Lily cresce diariamente.

O Rei grunhiu com desdém.

— E você trairia Marius? A resistência? Tudo por essa garota?

Ele trairia o mundo inteiro por ela. Isso deveria causar medo em sua alma, marcá-lo com tristeza ou arrependimento, mas isso não aconteceu. Naquele momento, ele sabia uma coisa, acima de todas as outras. Uma verdade que brilhou mais que a estrela mais próxima. Não havia um mundo sem ela nele.





Seu olhar desceu para Brenna, olhando-a tão gentilmente quanto podia a distância.

— Sim.

O Rei examinou os homens às suas costas e então voltou para ele. Ele puxou gentilmente Brennalyne para se levantar. Ela ficou em pé, firmando-se com uma mão em volta de seu antebraço. Quando ela se levantou, ele a soltou. Dominik tirou a mão da trança dela, deslizou os dedos frouxamente em volta da nuca e massageou.

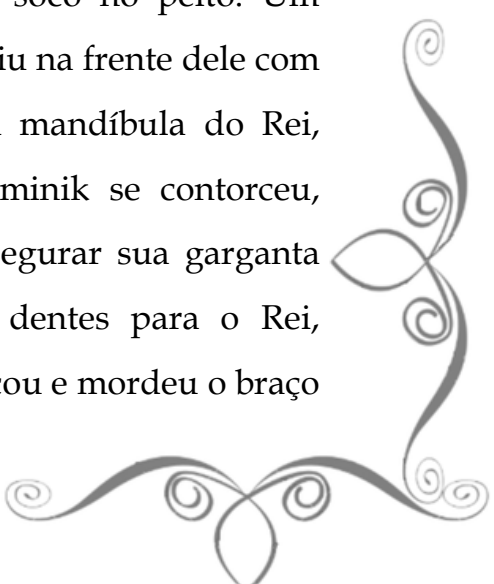
— Você é uma linda coelhinha. — Ele sussurrou para ela. Depois, a cabeça dele se virou para Friedrich, a raiva direcionada a ele. — Mas isso não vai acontecer. Traidores morrem.

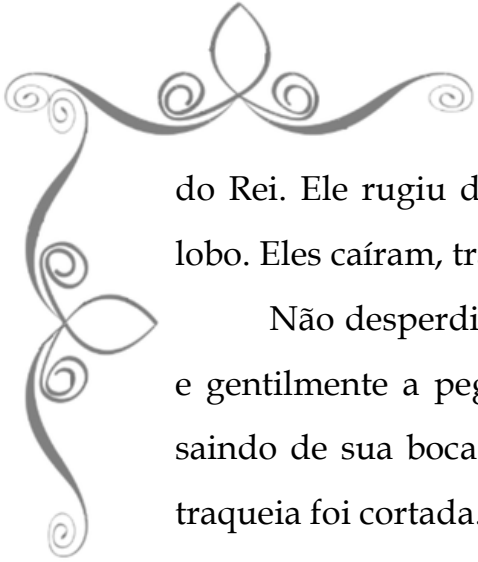
Como um chicote, ele ergueu a garra no ar, cortando a garganta de Brennalyne. O sangue vermelho jorrou feito um spray da linha fina de sua garganta, enquanto suas pernas cediam sob ela. Dominik a deixou cair com uma alegria sádica.

— Não!

Um vidro foi quebrado. Um gigante lobo marrom pulou no chão do salão de baile, firmando a mandíbula sobre a cabeça de um Legionário e a arrancou de seus ombros. O corpo sem cabeça caiu no chão, enquanto outros lutadores inundavam a sala. A Guarda de Sangue lutava. Soldados balançavam espadas. Mas Friedrich mergulhou em uma corrida ofuscante para o corpo sangrento de Brennalyne.

O Rei saltou do estrado, bloqueando-o com um soco no peito. Um demônio em forma de lobo saiu de trás de Friedrich. Surgiu na frente dele com força e velocidade brutais, arranhando a bochecha e a mandíbula do Rei, dilacerando a garganta dele. Sangue pulverizou e Dominik se contorceu, uivando de dor, inclinando-se para o lobo e tentando segurar sua garganta ensanguentada, incrédulo. O lobo girou e rangeu os dentes para o Rei, encurralando-o para longe de Friedrich. A besta feroz atacou e mordeu o braço





do Rei. Ele rugiu de raiva e dor, agarrando-se profundamente no ombro do lobo. Eles caíram, trancados em combate.

Não desperdiçando nem um segundo, Friedrich correu para o lado dela e gentilmente a pegou em seus braços. Ela engasgou e sufocou, seu sangue saindo de sua boca e borbulhando com a laceração em sua garganta, onde a traqueia foi cortada.

– *Deus não!* Por favor, Brennalyn.

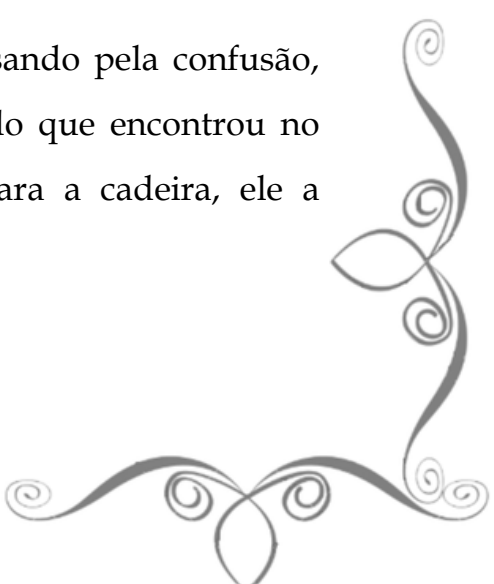
Dois homens em batalha, moveram-se em velocidade de vampiro, empunhados com lâminas que rangiam, movendo-se na direção do estrado onde eles estavam.

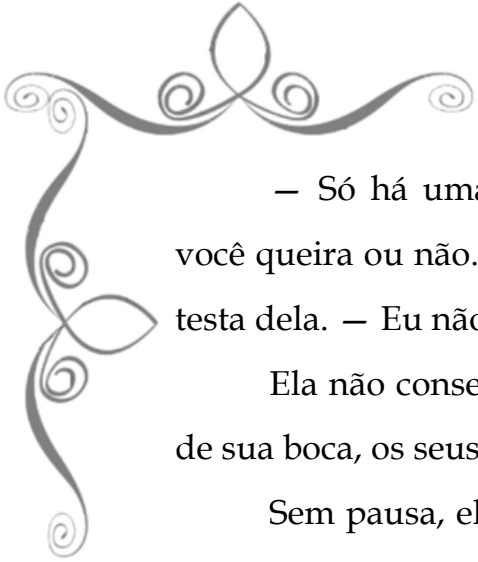
Empurrando-a contra o peito dele, ele murmurou contra a têmpora dela.

– Eu vou tirar a gente daqui e cuidar de você. Agente firme, meu amor.

Sair do salão de baile era mais difícil do que ele pensava. Manobrando através do caos, ele viu Marius balançando uma adaga, removendo um braço do Legionário com uma habilidade incrível. Perto dele estava a sua esposa, Arabelle, líder do Black Lily, empunhando um sabre longo e fino, a sua trança loira cortava ar, contrapondo-se à sua lâmina, a sua expressão era mortal. Outros homens musculosos, guerreiros humanos não vampiros, lutavam como ferozes soldados, ao lado dos poderosos guerreiros da Guarda de Sangue. O Black Lily tinha chegado. Lâminas se chocaram, aço contra aço. Grunhidos, gritos de fúria e dor ecoavam nas paredes da grande sala de prazer do Rei, enchendo-se de morte e sangue.

Mas Friedrich tinha um objetivo. Finalmente, passando pela confusão, ele se mexeu mais rápido, entrando no primeiro cômodo que encontrou no grande foyer. Uma sala de estar. Vazia. Levando-a para a cadeira, ele a aninhou perto, sussurrando em seu ouvido.





— Só há uma maneira de salvá-la, gatinha. E eu vou fazer isso, quer você queira ou não. Você se rendeu a mim, se lembra? — Ele deu um beijo na testa dela. — Eu não posso deixar você morrer assim.

Ela não conseguia formar palavras, uma corrente de sangue escorrendo de sua boca, os seus olhos escuros estavam se fechando.

Sem pausa, ele levantou o pulso para os dentes e abriu a veia com uma mordida selvagem. Sua vida fluiu diante deles. Ele enfiou a ferida do seu pulso na boca dela, deixando escorrer pela garganta.

— Beba, Brennalyne.

Com seus olhos fechados, ela não se moveu, aparentemente sem vida.

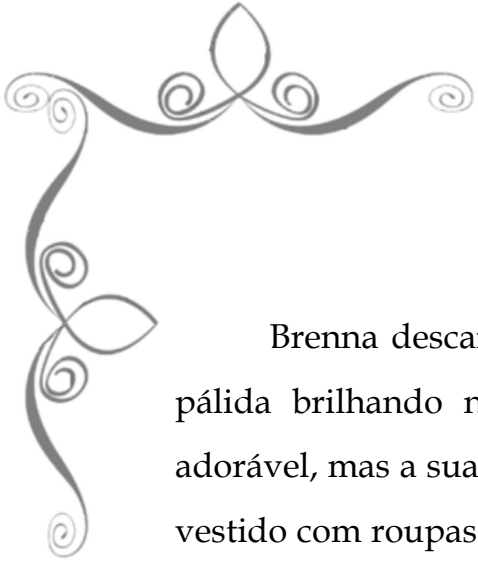
— Seus filhos precisam de você. — Ele murmurou. — *Eu* preciso de você.

Nenhum movimento. *Nada*. O sangue dele escorreu ao lado da boca dela, misturando-se com o dela.

— Pelo amor de Deus, beba, Brennalyne! — Ele ordenou na voz dominante de Duque.

As suas pálpebras tremeram, mas não abriram. Os seus lábios abriram mais e ela chupou, e os músculos da sua garganta começaram a se mover. Um soluço de alívio escapou da garganta de Friedrich. Ele assistiu com possessividade a mulher, uma humana - a primeira e única - que possuía seu coração e sua alma, beber seu sangue de vampiro.

E ela bebeu. Profundamente.



CAPÍTULO 31

Brenna descansava em uma praia ensolarada, totalmente nua, sua pele pálida brilhando no calor glorioso do sol. Ela se aqueceu naquele calor adorável, mas a sua garganta estava seca. Muito seca. Friedrich saiu das ondas vestido com roupas formais, intocado pelo mar. A sua linda boca se ergueu no sorriso encantador que a seduzira desde o início, o seu olhar admirando o corpo nu de Brenna. Mas então ele disse a coisa mais estranha para ela.

— *Pelo amor de Deus, beba, Brennaly.*

Ela despertou do maravilhoso sonho para encontrar seu corpo... inteiro, saudável e forte. E com sede. Um nó dolorido na boca do seu estômago. A sua garganta era um deserto seco e áspero.

A realidade a atingiu fortemente, enquanto ela tentava distinguir o ambiente. O Rei cortou a garganta dela. Uma batalha. Friedrich. A mão dela voou até o pescoço, a pele lisa e sem marcas.

— Como você está se sentindo? — Veio a voz familiar que ela adorava.

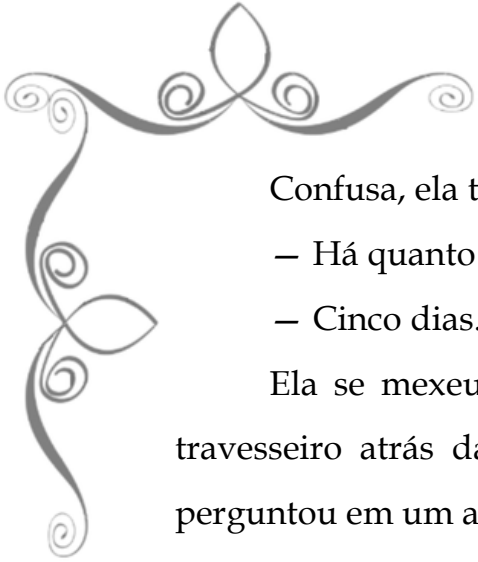
À sua esquerda, Friedrich segurava a mão dela na dele, sentando-se ao lado dela, onde estava deitada em uma cama quente, coberta por uma adorável colcha em tons de verde, azul e rosa.

— Onde eu estou? — Ela perguntou com a voz rouca.

— Você está na minha casa. — Brenna virou a cabeça para o lado, encontrando uma bela mulher ruiva sentada à sua direita. Ela sorriu. Anjos lamentariam ser tão amáveis quanto ela. — Meu nome é Sienna. E você está segura — assegurou ela.

— As crianças? — Ela perguntou a Sienna.

— Eles estão aqui. E estão seguros também. — Ela disse com uma risada. — Aqueles homens da Guarda de Sangue insistiram em construir uma casa de campo só para eles aqui nas proximidades.



Confusa, ela tentou se sentar.

– Há quanto tempo eu estou dormindo?

– Cinco dias. – Respondeu Sienna.

Ela se mexeu para se sentar mais. Friedrich a ajudou, colocando um travesseiro atrás das suas costas. O seu olhar voltou para ele quando ela perguntou em um apelo desamparado.

– Helena?

Ele sorriu e assentiu.

– Ela está bem. Ainda se recuperando, mas bem.

– Recuperando? O que eles fizeram com ela? – Brenna engoliu o pânico subindo em seu peito.

A expressão de Friedrich endureceu.

– Por favor, me diga! – Ela sussurrou.

Ele pegou a mão dela.

– Eles se alimentaram dela. E ela ficou um pouco desnutrida. Mas, por outro lado... ela não foi abusada.

Brenna reprimiu um soluço.

– Ela é forte. – Disse Sienna. – Ela parece melhor a cada dia. E o espírito dela está revigorado.

– Onde ela está?

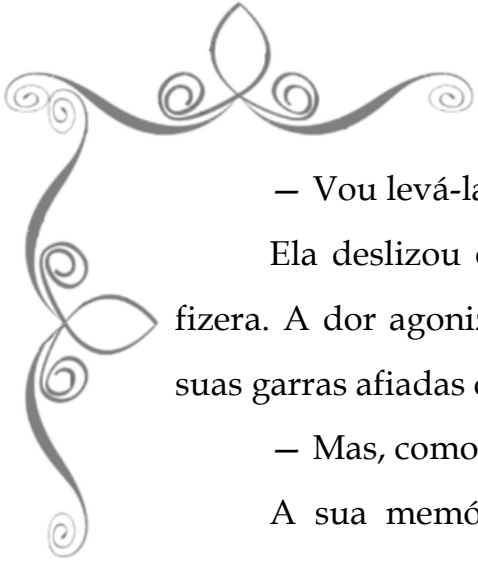
– Mikhail colocou os seus homens para trabalhar quando chegamos. – Disse Friedrich. – Eles construíram uma casa nova, com dois andares como a sua antiga casa, em questão de dias. Sienna ajudou a adquirir móveis em Hiddleston.

– E uma nova impressora. – Acrescentou Sienna com um sorriso gentil. – Embora, isso tenha sido o mais difícil de encontrar.

A coragem nasceu nela e Brenna perguntou.

– Nós estamos na Floresta de Silvane?

Ele assentiu com a expressão grave. Quase com medo.



— Vou levá-la para passear. Quando você conseguir.

Ela deslizou os dedos pela garganta quando se lembrou do que o Rei fizera. A dor agonizante. O seu elixir venenoso dilacerava a sua espinha. As suas garras afiadas cortaram a sua pele.

— Mas, como foi que você me curou?

A sua memória estava tão fraca e nebulosa. Ela só se lembrava de Friedrich segurando o corpo dela, enquanto entrava e saía da escuridão fria.

— Eu acho que vou dar a vocês alguns minutos sozinhos. — Sienna sorriu docemente, em seguida, deu um passo em torno do alto biombo que era usado para se vestir.

Um momento depois, Brenna ouviu uma porta se abrir - vozes masculinas do lado de fora, uma delas rindo - e então a porta se fechou, deixando-os em silêncio novamente.

Friedrich juntou as mãos, os nós dos dedos brancos, os lábios pressionados em uma linha reta.

— O que foi? — Ela perguntou, observando em seu olhar pensativo.

— Só havia uma maneira de te salvar... — Ele abriu a boca para continuar, mas não conseguiu.

Um lampejo de memória. A voz dele. *Beba.*

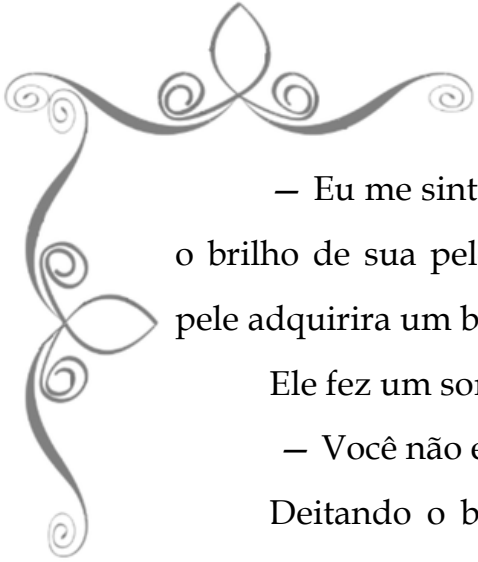
Ela sentiu o inconfundível baque surdo de seu coração batendo forte em seu peito, assim como também sentiu o forte perfume sedutor de almíscar e masculinidade que vinha de Friedrich, e a suavidade dos lençóis contra a sua pele sob as cobertas. Ela nunca sentiu o ambiente em sua volta desse jeito, antes.

— Eu sou... uma vampira.

Ele engoliu visivelmente.

— Sim. — Ele a observou. Esperando





— Eu me sinto diferente. Mais forte. — Ela levantou o braço, admirando o brilho de sua pele. Ela sempre foi comum, mas a cor de porcelana da sua pele adquirira um brilho luminoso. — Mas, também me sinto a mesma.

Ele fez um som de surpresa.

— Você não está com raiva de mim?

Deitando o braço de volta ao seu lado, ela se fez a mesma pergunta. Então sorriu.

— Eu teria morrido de outra forma, não teria?

— Sim.

— E deixaria os meus filhos sem mãe?

Ele acenou fortemente, com os olhos brilhando.

— Eu teria deixado você aqui? Sozinho?

A dor marcou a testa dele, conforme fechou os olhos. Então, ele assentiu.

Ela estendeu a mão e envolveu os seus dedos em torno de seu pulso grosso, os tendões tencionando sob o toque dela. Ela ouviu o batimento cardíaco dele, forte e claro, batendo em sua pele como um tambor estrondoso. Ela ofegou e afastou a mão, maravilhada com a intensidade da sensibilidade de seu tato. E de sua audição.

— Não, Friedrich. Eu não estou com raiva. Como eu poderia estar?

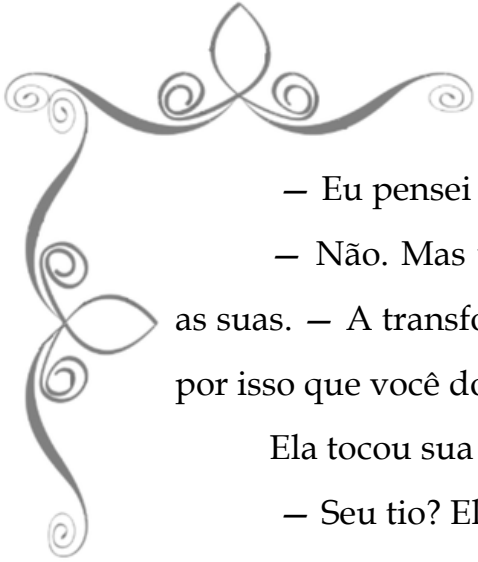
Ele baixou a cabeça em um suspiro pesado. Erguendo a mão, ela passou a mão pelos fios sedosos do cabelo dele, a sensação era além de prazerosa. Ele agarrou o pulso dela e apertou os lábios no centro da palma da mão dela, abrindo a boca e dando um beijo quente.

Ela respirou fundo. Uma espiral de necessidade puxou seu ventre. Seus olhos se dilataram com a resposta erótica que teve.

— É tão... — Ela observou a boca dele subir e morder cada ponta dos dedos dela, fazendo-a esquecer o que estava dizendo.

— Sim? — Ele terminou para ela, com um sorriso diabólico.

Ela riu.



— Eu pensei que uma transformação dessas iria doer e não dói nada.

— Não. Mas você se sentirá cansada. — Ele envolveu a mão dela entre as suas. — A transformação afeta o corpo. E o seu teve que se curar também. É por isso que você dormiu por tanto tempo.

Ela tocou sua garganta.

— Seu tio? Ele está...

— Ainda vivo, infelizmente. Ele fugiu com os seus homens. Então nós também, antes que ele pudesse voltar com mais soldados.

A porta externa abriu e fechou. Brenna cheirou o humano por trás do biombo de vestir – aço, couro e um cheiro amadeirado, masculino. Ela teria que se acostumar com esses sentidos avassaladores.

— Ora, ora... — Disse Grant, dobrando a esquina e de pé ao fim da cama. — É bom ver que você está bem.

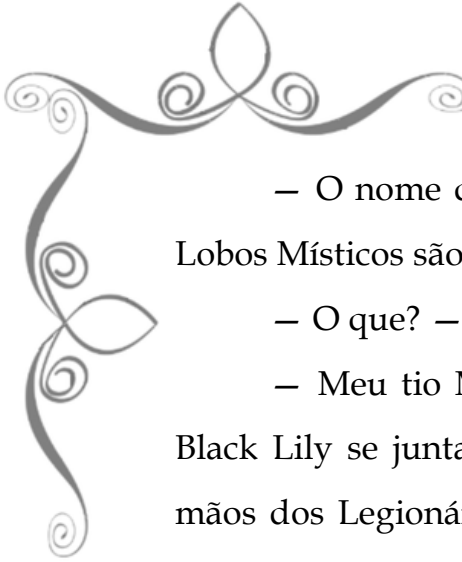
Brenna notou uma mudança brusca no humor de Friedrich, a ruga entre as sobrancelhas se transformou em uma carranca. Grant sorriu como um garoto que sabia um segredo. Ela lembrou que ele estava lá, naquela noite, em pé para lutar ao lado de Friedrich e da Guarda de Sangue. Para um homem mortal, ele exalava uma coragem infinita.

— Olá, Grant! — Ela sorriu. — Estou muito feliz em vê-lo bem, também. — Uma preocupação repentina a sacudiu. Ela se endireitou. — Friedrich, quantos homens perdemos na Izeling Tower? Eu lembro das coisas que aconteceram antes da luta começar. Mas então eu perdi a consciência. Eu... — Ela colocou o cabelo atrás da orelha, relembrando o som de rosnados animais e dentes rangendo, sons que ela tinha ouvido naquela noite. — Havia algum animal no salão de baile naquela noite? Ou foi um sonho?

Grant riu.

— Um lobo gigante, minha querida.

Friedrich apertou a mão dela.



— O nome dele é Dane Godric. Ele é um dos protetores dessa floresta. Lobos Místicos são humanos. Ou meio-humanos, devo dizer.

— O que? — Ela perguntou, incrédula.

— Meu tio Marius, sua esposa Arabelle e uma tropa de guerreiros do Black Lily se juntaram à luta naquela noite. Dane sofreu muitas perdas nas mãos dos Legionários da coroa e se juntou a nós. Então, os nossos números aumentaram. Podemos até encontrar aliados nos clãs dos lobos-reais, se as negociações forem bem.

— Mas como o Black Lily soube que devia ir a Izeling? — Perguntou Brenna.

— Aparentemente, eles já estavam a caminho de Winter Hill depois da minha última correspondência. Eles estavam em Hiddleston quando o meu soldado chegou, à frente da Guarda de Sangue e das crianças. Eles saíram imediatamente. Foi quando eles encontraram Gregorovich e as crianças. Marius, sabendo que o seu irmão é um filho da puta cruel, mudou seu curso para nos encontrar.

Brenna balançou a cabeça, aceitando aquela sorte. Talvez as estrelas estivessem verdadeiramente ao seu lado. Talvez eles ganhassem essa guerra depois de tudo.

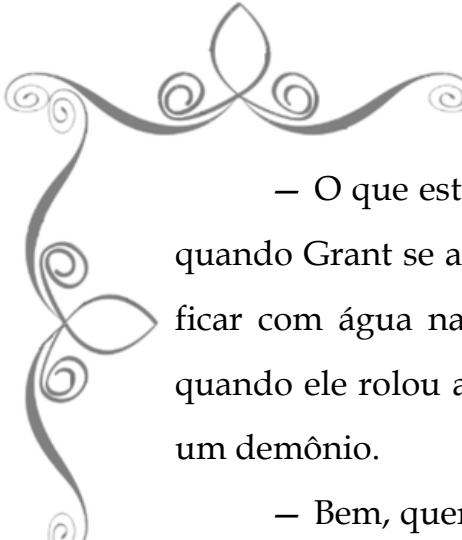
— Arabelle está aqui? — Ela perguntou maravilhada, tendo admirado a mulher que só viu de longe por tanto tempo.

— Sim. — Disse Grant. — E acredito que ela se apaixonou pelos seus filhos. Ela quer conhecer você, assim que estiver bem. O que me lembra do motivo pelo qual eu vim até aqui.

Ele contornou a cama ao lado de Friedrich.

— Irmão, precisarei usar a sua cadeira. A menos que você queira que eu me deite na cama com ela.

Friedrich soltou um som sinistro e raivoso, antes de se levantar e trocar de lugar com ele ao pé da cama.



— O que está acontecendo? — O coração de Brenna de repente galopou quando Grant se aproximou ao lado dela. O aroma forte de pele e metal a fez ficar com água na boca. Ela prestou atenção na batida forte do pulso dele, quando ele rolou a manga da camisa para cima, o que ele fez sorrindo como um demônio.

— Bem, querida. Eu vou ser seu bleeder. E, embora isso tenha sido ideia do meu irmão, acredito que ele está com um pouco de ciúmes.

Brenna olhou para o Duque que estava segurando o estribo da cama, com os nós dos dedos brancos.

— Neste momento, eu quero matar você. De verdade.

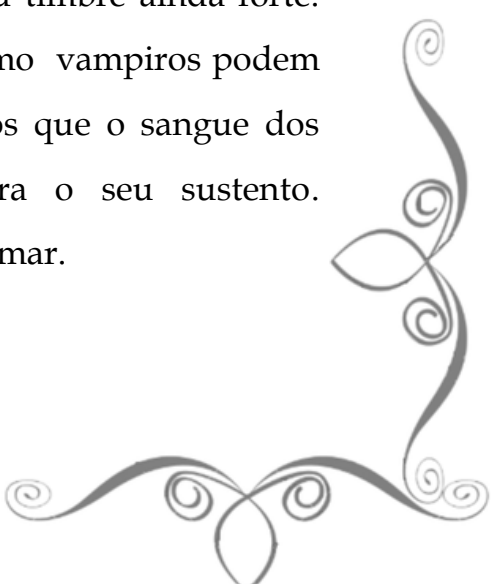
Grant jogou a cabeça para trás com uma risada rouca, balançando a cabeça, antes de se aproximar ainda mais da cama.

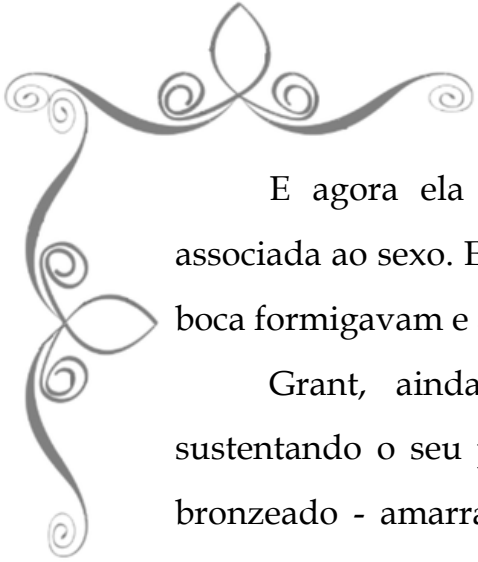
— Foi você quem quis me manter humano, irmão. Acontece que a culpa é sua culpa, e eu sou o melhor para este trabalho. — Ele girou um olhar malicioso, com aqueles olhos verdes para Brenna. — Mas estou muito feliz em ajudá-lo com isso.

O pulso de Brenna correu numa velocidade alucinante, as suas gengivas pulsavam, causando uma dor aguda. Ela levantou um dedo para a boca. *Suas presas!*

— Você quer dizer que você quer que eu beba de você? — Ela perguntou a Grant e uma onda de calor subiu pelo seu peito e para as suas bochechas.

— Você precisa. — Respondeu Friedrich, com seu timbre ainda forte. — Você pode beber de mim de vez em quando, bem como vampiros podem se alimentar de outros vampiros, também. Mas sabemos que o sangue dos seres humanos é rico em nutrientes, específico para o seu sustento. Especialmente para você, desde que acabou de se transformar.





E agora ela entendia o motivo dessa experiência estar geralmente associada ao sexo. Embora ela não estivesse excitada, seu pulso, sua pele e sua boca formigavam e ansiavam por afundar os dentes nele. *Literalmente*.

Grant, ainda sorrindo, apoiou o tronco na cama, um cotovelo sustentando o seu peso, enquanto oferecia o seu outro braço - musculoso e bronzeado - amarrado com uma tira, para ressaltar suas veias. E que veias bonitas e volumosas. Brenna internamente se sacudiu. Desde quando veias protuberantes são lindas? Ela gentilmente pegou o peso do braço dele em suas mãos, com a respiração acelerando.

— Seja gentil, querida! — Ele sussurrou — É a minha primeira vez.

— E a minha também... — Ela respondeu com uma risadinha.

— Ah, pelo amor de Deus! — Resmungou Friedrich.

— Ignore-o... — Disse Grant. — beba o quanto você precisar. — Ele acrescentou o último mais sinceramente.

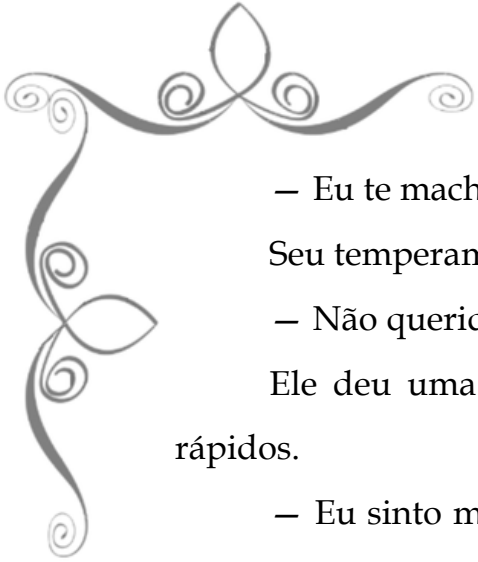
Ela abriu os lábios sobre a parte carnuda do antebraço dele, logo abaixo do cotovelo e afundou suas presas na tenra pele dele. O cheiro doce encheu sua boca d'água e ela começou a beber em longos goles. O prazer do sangue dele correu pela garganta dela e era tão delicioso quanto o chocolate mais escuro e saboroso. Ela fechou os olhos e chupou mais, intoxicando de prazer os seus músculos e membros, até os seus dedos formigarem.

Grant estremeceu e soltou um grunhido apertado, abrindo e fechando o punho. Depois de um momento, ela se afastou com um sobressalto e pressionou as pontas dos dedos nos lábios, limpando a mancha de sangue.

— Eu sinto muito. Isso foi muito difícil?

Os olhos de Grant se dilataram com uma excitação mal escondida. Ele baixou a manga e ficou de pé rapidamente, lançando um olhar furtivo para Friedrich.

— Irmão, acredito que eu deva encher uma xícara para ela, da próxima vez.



– Eu te machuquei? – Ela perguntou.

Seu temperamento havia escurecido.

– Não querida. Nem um pouco.

Ele deu uma piscada para ela, contornou Friedrich e saiu em passos rápidos.

– Eu sinto muito. – Brenna passou as costas da mão sobre os lábios, o zumbido da pele quente de Grant ainda crepitava nela.

Friedrich voltou a seu lado, sentando-se na beira da cama de frente para ela dessa vez.

– Por que você está se desculpando?

– Eu não sei. Isso só pareceu... mais ou menos...

– Eu sei! – Ele assegurou a ela em um suspiro pesado, escovando uma longa mecha de cabelo escuro atrás de sua orelha. – Você precisa descansar. Deitar.

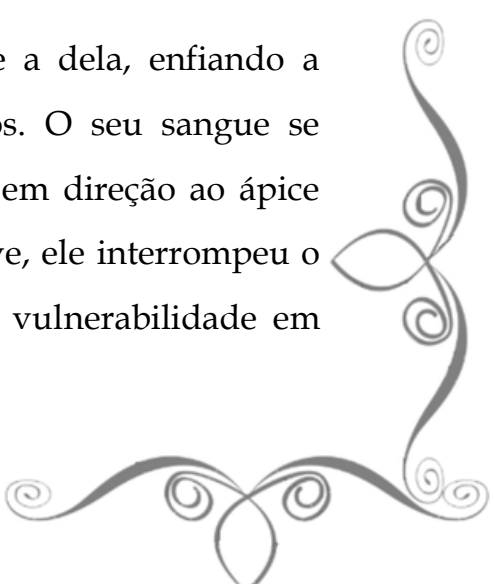
– Mas eu não quero. – ela protestou, enquanto deslizava mais fundo nas cobertas.

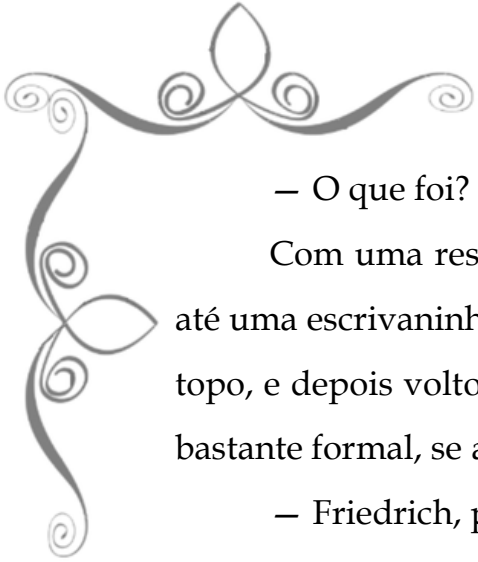
Ele colocou as duas mãos no travesseiro, uma de cada lado da cabeça dela, exigindo a sua atenção. Ele conseguiu.

– Eu sei o que você está sentindo. – Os ângulos de seu rosto adorável se tencionaram. – O ato de se alimentar é íntimo. Se eu planejasse isso melhor, teria sido o seu primeiro. Mas você precisa do sangue de um humano para ficar mais forte.

– Friedrich, você é ciumento?

– Completamente. – Ele esmagou a boca sobre a dela, enfiando a língua para dentro, com golpes profundos e agressivos. O seu sangue se agitou novamente, aquecendo e correndo em linha reta em direção ao ápice entre as suas pernas. Quando ela soltou um gemido suave, ele interrompeu o beijo. Com a respiração ofegante, ela pegou uma tenra vulnerabilidade em seus olhos.





– O que foi? – Ela perguntou.

Com uma respiração entrecortada, ele se levantou da cama e caminhou até uma escrivaninha contra a parede, levantando um pergaminho dobrado no topo, e depois voltou. Ela franziu a testa quando ele, lentamente e de maneira bastante formal, se ajoelhou ao lado dela.

– Friedrich, por que você está de joelhos?

– Porque é assim que você me deixa, toda vez que estou perto de você.

Ele soltou uma respiração profunda e entregou o pergaminho a ela, o selo vermelho já estava violado.

– O que é isso? – Ela perguntou ao abri-lo.

– Sua anulação. Só precisa da sua assinatura e você será uma mulher livre.

Uma onda de adrenalina bombeou através de seu corpo, enviando seu pulso acelerado mais rápido do que nunca. Digitalizando o documento, ela viu a redação formal de uma anulação legal, assinada por um oficial do Tribunal de Korinth e por seu ex-marido, Elliott.

– Como você conseguiu isso?

– Não foi tão difícil. O tolo ainda vivia em Korinth. Fingindo ser um homem solteiro, diga-se de passagem. Eu o convenci a assinar o documento.

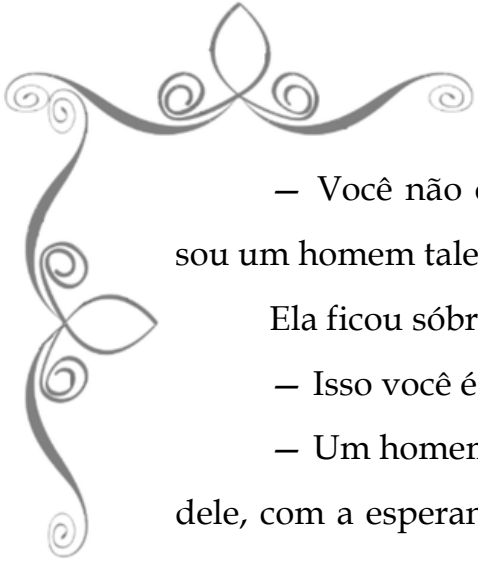
– Convenceu?

Ele encolheu os ombros.

– Eu posso ser bastante convincente. Os tribunais prontamente concordaram comigo, o Duque de Winter Hill. Uma vez que souberam que Elliott abandonou sua esposa, acharam que era motivo suficiente para a anulação.

Brennalyn riu.

– Eu não conheço nenhum tribunal que já tenha concedido tal coisa. As mulheres são abandonadas diariamente por crimes muito menores do que o meu.



— Você não cometeu nenhum crime. — Disse ele, seriamente. — E eu sou um homem talentoso.

Ela ficou sóbria, capturando seu olhar penetrante.

— Isso você é.

— Um homem engenhoso, com segundas intenções. Eu queria você livre dele, com a esperança de que... bem, de que você concordasse em ser minha. Legalmente.

Ela abriu a boca para falar, mas ele a interrompeu em um frenesi de palavras.

— Eu sei o que você vai dizer. Que nascemos em castas diferentes. Que sou arrogante e dominador. Que talvez eu devesse ter perguntado antes de ter tomado a liberdade de anular seu casamento, sem o seu consentimento. — Ele puxou a mão dela em direção a ele, pressionando os lábios na parte inferior do pulso dela. — E talvez eu seja muito exigente na cama.

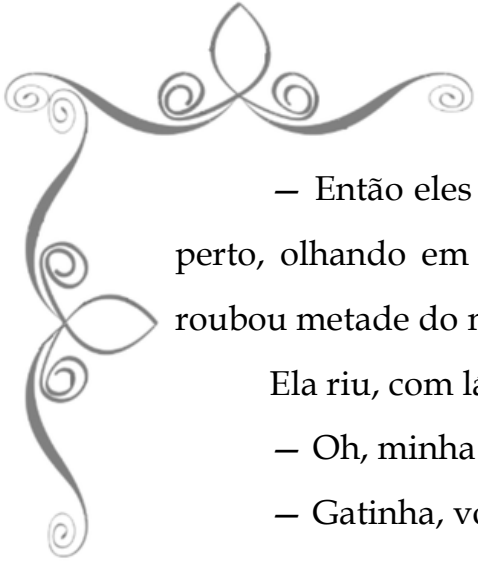
Ela se inclinou para sondá-lo, sentindo novamente uma pontada dolorida no seu velho coração.

— E se você quiser os seus próprios filhos um dia? Eu não poderei dar a você.

— Você... — Disse ele, puxando-a em um abraço, apoiando a cabeça em seu antebraço. — Você é tudo que eu quero. Tudo o que eu preciso. — Empurrando os dedos em seus cabelos, ele segurou a parte de trás de sua cabeça. — Você é demais, boa demais para mim. Mas, eu sou um homem egoísta. Você também aprenderá isso. Eu quero você, independentemente de ser indigno. Eu não vou parar até você dizer sim.

Ela segurou o seu queixo magro, enfiando as pontas dos dedos em sua bochecha e em seu cabelo. Ele soltou um gemido.

— E as crianças? Eles são uma parte de mim, você sabe.



— Então eles serão uma parte de mim, também. — Ele se inclinou mais perto, olhando em seus olhos a poucos centímetros de distância. — Izzy já roubou metade do meu coração.

Ela riu, com lágrimas se formando em seus olhos.

— Oh, minha querida Izzy, eu não vejo a hora para poder ver todos eles.

— Gatinha, você não respondeu a minha pergunta.

— Qual foi a pergunta? — Ela brincou.

— Seja a minha esposa.

— Isso está parecendo mais uma ordem.

— Não. É um pedido. E estou te implorando de joelhos e com todo o meu coração. Por favor, me tire dessa miséria. Diga sim.

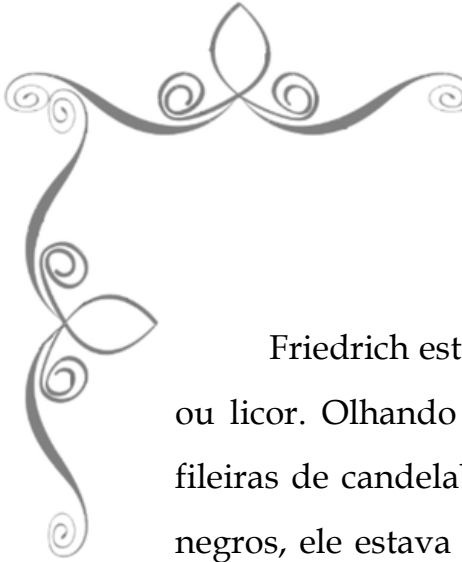
O peito dela estava cheio de alegria.

— Sim, meu querido. Meu Duque. — Ela segurou o rosto dele e sorriu, com uma alegria genuína inundando seu corpo inteiro. — *Meu amor*. Eu serei sua esposa.

Ele a puxou para perto, pressionando-a na curva do pescoço dele, segurando-a a ele, como se ela fosse a coisa mais preciosa do mundo.

Ela nunca teria pensado que isso aconteceria naquela primeira noite, quando ela foi pega no Pátio das Rosas e jogada em seu escritório, como o cordeiro para o abate. Ele com todas as suas garras e dentes afiados. Ela toda se tremendo e com as pernas bambas. E agora parecia que o cordeiro havia capturado o leão.

Na verdade, eles se pegaram. E ela planejava nunca mais deixá-lo ir.



Epílogo

Friedrich estava bêbado, embora não tivesse bebido uma gota de cerveja ou licor. Olhando para os olhos escuros de chocolate de sua esposa sob as fileiras de candelabros empilhados ao longo dos galhos baixos dos carvalhos negros, ele estava totalmente, completamente intoxicado. A pele dela, branca como a neve, brilhava, contrastando com as ondas cintilantes de ébano que caíam soltas sobre a renda creme em seus ombros esguios.

— Por que você está sorrindo, marido?

— Acho que me casei com uma fada, a rainha da noite. Você me colocou sob o seu feitiço.

Ela deu a ele o mais brilhante dos sorrisos.

— E eu aqui pensando que você já tinha perdido todo o seu charme.

Ele deslizou os dedos ao redor da nuca dela, roçando o polegar ao longo de sua mandíbula.

— Eu estou cortejando você.

— Você não tem que me cortejar. É a nossa noite de núpcias. É meio que necessário, para consumir o evento.

Com um gemido pesado, ele assobiou em uma respiração, tentando segurar toda a excitação.

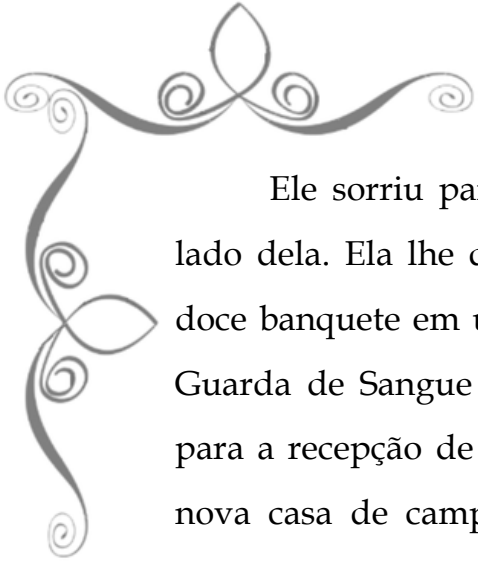
— Quanto tempo nós temos que ficar aqui?

— É a nossa recepção. Eu diria pelo menos meia hora.

— Já estamos aqui há dez minutos. Então, apenas mais vinte.

Ela revirou os olhos, quando um uivo de riso explodiu onde a Guarda de Sangue estava brincando.

— Vamos tentar ser mais sociáveis nestes vinte minutos. — Ela pegou a mão dele e o levou na direção deles.



Ele sorriu para Beatrice arrumando os bolinhos e tortas com Olog ao lado dela. Ela lhe devolveu o sorriso, em seguida, voltou a organizar o seu doce banquete em uma mesa coberta com renda branca. Ela estava usando a Guarda de Sangue como seus servos pessoais para organizar e se preparar para a recepção de casamento, neste bosque de carvalho negro perto de sua nova casa de campo. Pelo jeito, que até mercenários letais obedeciam aos comandos da jovem filha de Brenna. E Olog também, pelo que parecia.

— Não, ali não. — Ela apontou para um nível prateado. — Lá.

Olog concordou e obedeceu às suas instruções. Ela seria formidável quando crescesse e se transformasse em uma mulher. Ele estremeceu, pois ela era a sua filha agora. Ele seria forçado a lidar com uma corte de pretendentes.

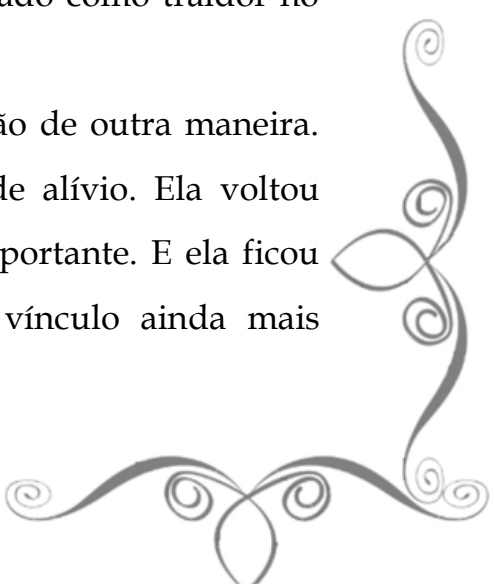
— Izzy, use um guardanapo. — Ela ordenou.

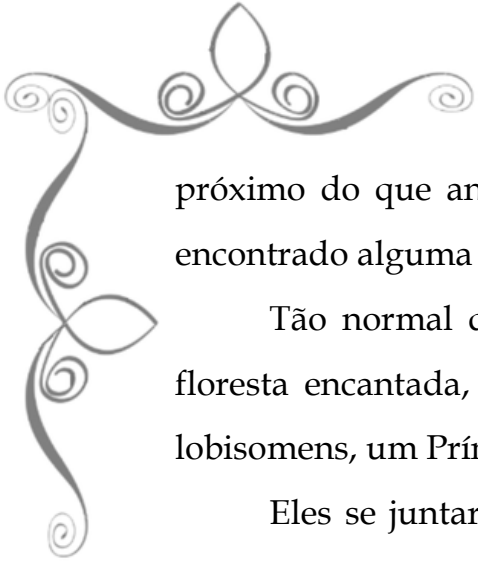
Izzy, Denny e Jack pegaram outro pedaço de bolo, provavelmente o quinto, de cada um, e tiveram um ataque de riso induzido por açúcar.

Helena se aproximou do outro lado de Brenna, enquanto eles caminhavam. Brenna passou o braço livre ao redor da cintura da filha mais velha. As duas compartilharam um sorriso discreto.

Friedrich não perguntou sobre o encontro delas, quando as duas passaram horas a portas fechadas no novo chalé. Helena tinha caído em cativeiro depois de desobedecer a mãe, colocando a vida de todos em perigo. Elas derramaram seu arrependimento, tristeza e alívio em lágrimas e longos abraços. Brenna contou a Friedrich que o jovem que Helena amava, o mensageiro chamado Reggie, era um dos homens empalado como traidor no meio do esconderijo do rei.

O corpo de Helena foi violado por sangue, mas não de outra maneira. Por isso, ele e Brenna soltaram um pequeno suspiro de alívio. Ela voltou machucada e ferida, mas não quebrada. Isso que era importante. E ela ficou mais forte a cada dia. As duas compartilhavam um vínculo ainda mais





próximo do que antes, uma vez que haviam retornado de seus pesadelos e encontrado alguma normalidade aqui na Floresta de Silvane.

Tão normal quanto a vida que alguém poderia ter, vivendo em uma floresta encantada, cercada por vampiros mercenários, guerreiros humanos, lobisomens, um Príncipe e um Duque foragidos.

Eles se juntaram ao círculo perto de Marius e Arabelle, que assistiram com fascinação o estranho jogo que a Guarda de Sangue jogava. Caden e Emmett estavam ao lado de Grant, encostados no tronco de um carvalho preto e grosso.

— Então, como é ser um homem casado? — Marius cutucou Friedrich com o cotovelo.

— Certo. — Ele beijou o topo da cabeça de Brenna. — Parece certo.

Marius puxou Arabelle contra ele, enquanto ela assistia aos jogos.

— Eu sei que eu me sinto muito bem.

Friedrich baixou a voz para um quase sussurro, pois não tinha conseguido falar com Marius desde ontem.

— Embora a lua de mel não vá durar o suficiente.

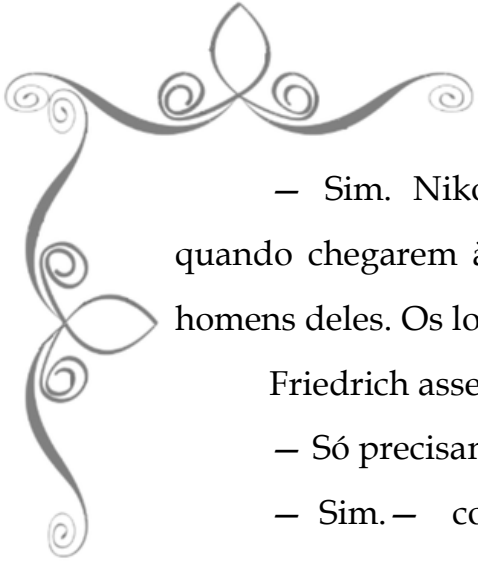
— Receio que não. — Marius ficou sério.

— Eles retornarão em menos de quinze dias, se os nossos cálculos estiverem corretos. Mikhail e seus homens chegarão a Briar Rose dentro de uma semana.

Pouco depois de sua chegada do Norte, foi decidido que precisavam enviar uns homens rapidamente a Briar Rose para salvar a princesa Vilhelmina. Mikhail se ofereceu para ir junto com Dmitri, Gregorovich, Aleksei e Gavril. Mikhail determinou que esse tipo de missão exigia discrição, portanto, menos em números. Um grande grupo de vampiros desconhecidos dispararia o alarme antes mesmo de atravessarem as muralhas do castelo.

Friedrich então perguntou.

— Dane já falou com os membros do clã?



— Sim. Nikolai diz que eles vão assegurar uma passagem segura quando chegarem às fronteiras da floresta. Mas só se Dane acompanhar os homens deles. Os lobos ainda desconfiam dos vampiros.

Friedrich assentiu.

— Só precisamos nos lembrar que Dominik estará procurando vingança.

— Sim. — concordou Marius. — Eu conheço bem o meu irmão. Um passo de cada vez, primo. E depois, vamos remapear o legado da nossa família.

Friedrich sorriu para isso. Marius já estava imaginando o mundo que eles reconstruiriam quando tudo estivesse terminado. *Bom*. Eles precisavam de visionários e também de guerreiros. Parecia que eles tinham uma abundância de ambos. Ele abraçou o seu visionário favorito mais perto, sua esposa, roçando os lábios no cabelo dela.

— Então, que jogo é esse? — Ela perguntou, trazendo os dois de volta para a exibição estridente diante deles.

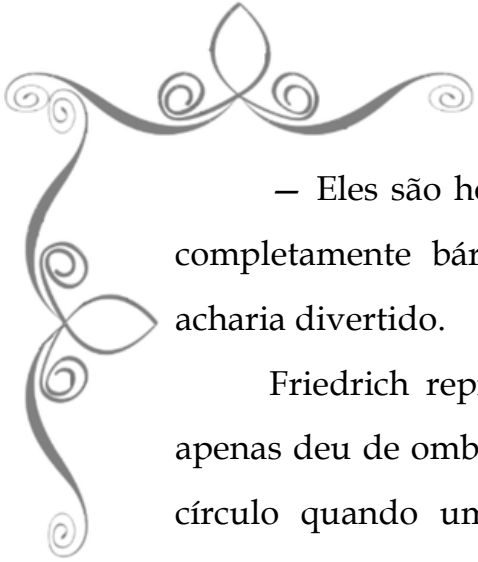
Arabelle finalmente pareceu notar a presença deles.

— Oh, Brenna. É *completamente* bárbaro. Dois homens se enfrentam com uma caneca de cerveja equilibrada na palma da mão. Cada um deles revira os punhais nos dedos e atira. Se você colocar o seu punhal na xícara do seu oponente, então ele bebe. A cada rodada, ambos os jogadores dão um passo atrás até que alguém finalmente erre.

— Mas... — Ela franziu a testa. — se eles errarem, eles provavelmente não abrirão a mão ou pior, e se o punhal atingir o corpo do seu oponente?

— Sim. — disse Marius. — Essa é a diversão, especialmente depois que você bebeu algumas cervejas.

— Diversão? — Brenna arqueou uma sobrancelha condescendente. — Como isso é divertido? O vencedor é esfaqueado!



— Eles são homens das cavernas. — disse Arabelle. — Como eu disse, completamente bárbaro. Apenas mais um jogo que somente um homem acharia divertido.

Friedrich reprimiu uma risada, dando uma olhada para Marius, que apenas deu de ombros com um revirar de olhos. Então eles ficaram presos ao círculo quando um dos da Guarda de Sangue, Yuri, enfrentou um dos guerreiros de Marius, Ivan, dando mais um passo para trás. Friedrich nunca conheceu o homem corpulento, mas ele era um soldado de confiança nas linhas do Black Lily. Um dos seus mais leais. Ele e seu bando de guerreiros se deram bem com a Guarda de Sangue nas últimas duas semanas.

— Isso é o mais distante que alguém chegou hoje à noite — disse Nikolai, inclinando-se de costas para um tronco, os braços sobre a cintura de Sienna na frente dele. Sienna sussurrou algo para ele, o que fez com que sua boca se curvasse em um sorriso discreto, enquanto a envolvia mais contra ele.

Todos ficaram em silêncio enquanto Yuri se aproximava, alguns dos cabelos caindo na frente. Ele parecia como se já tivesse bebido muito, mas então seus olhos se estreitaram em concentração. Um, dois, três, e ele deixou voar o punhal em seu dedo magro. Ele virou a caneca. Outro rugido de aplausos quando Ivan bebeu a cerveja, engolindo tudo, batendo o punho contra o peito. Quando ele tirou o caneco de seus lábios, ele sorriu com a adaga brilhante entre os dentes.

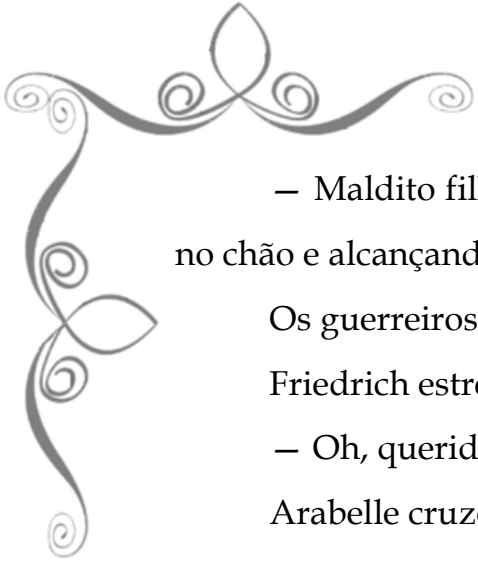
Arabelle e Brenna compartilharam um olhar de choque, antes de soarem em uníssono.

— Bárbaro!

Então tudo ficou quieto de novo, enquanto Ivan mirava, balançando com os pés instáveis.

— Isso não vai dar certo. — murmurou Marius.

Ivan soltou a lâmina. Ele deslizou e bateu no topo da caneca, em seguida, perfurou Yuri na parte superior da coxa bem perto do seu...



— Maldito filha da puta! — O vampiro gritou, derrubando a sua caneca no chão e alcançando a lâmina afundada.

Os guerreiros da Guarda de Sangue e do Black Lily uivaram de tanto rir. Friedrich estremeceu. Marius também.

— Oh, querido! — disse Brenna.

Arabelle cruzou os braços com um aceno de aprovação.

— Viu o que você ganha quando age como um selvagem?

— Desculpe, Yuri. Apontei um pouco alto demais. — disse Ivan ao cruzar o pequeno campo de jogo.

— Ainda bem que você não mirou um pouco mais para a esquerda. — Grant riu.

Ivan encontrou o seu oponente, que abriu as calças de couro, revelando uma coxa grossa, pingando sangue. Ivan levantou o braço como o campeão.

— Yuri! O vencedor!

Todos saudaram com uma gargalhada e com mais risadas. Ivan o ajudou a mancar para cuidar de sua lesão.

— Quem é o próximo? — Gritou Grant.

— Pelo amor de Deus! — Brenna disse.

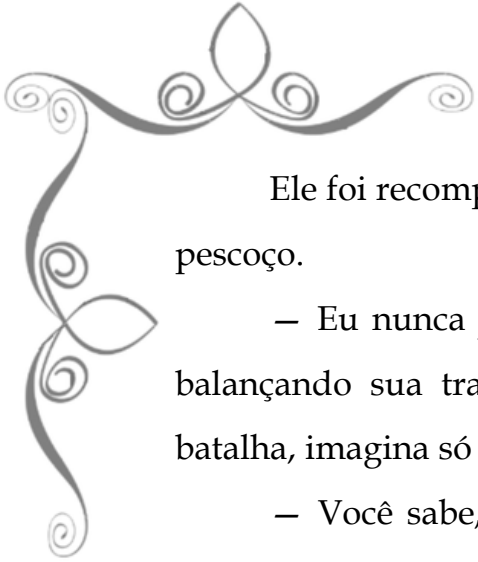
Arabelle sacudiu a cabeça.

— Só a maldita Guarda de Sangue planejaria um jogo de bebidas onde o vencedor deixa o campo mais ferido do que o perdedor.

— Diga o que quiser... — acrescentou Brenna defensivamente. — Mas eu devo a minha vida a essa horda de mercenários. E a de Helena também. — Ela olhou para uma Helena sorridente do outro lado. — Tanto quanto eu estou preocupada, eles podem prejudicar uns aos outros. Tudo o que eles apreciam é a busca pelos simples prazeres.

Friedrich se inclinou até o ouvido dela.

— Falando em simples prazeres...



Ele foi recompensado com aquele belo rubor dela, que subia pelo peito e pescoço.

— Eu nunca jogaria um jogo tão imprudente. — acrescentou Arabelle, balançando sua trança loira. — Já é difícil se recuperar de ferimentos na batalha, imagina só com esses jogos tolos.

— Você sabe, querida. Se você finalmente consentir em se tornar uma vampira, como Brennalyn, então você não se preocuparia tanto com ferimentos de batalha. O seu sangue de vampira iria curar você em um instante.

Arabelle se virou em seus braços, uma mão no quadril dela.

— Brenna não consentiu em se tornar uma vampira. Friedrich não teve escolha. Isso é completamente diferente.

Brenna sorriu para Friedrich mais uma vez, assegurando-lhe que estava bem com a sua decisão naquela noite.

— Não, não concordou. — Marius suspirou. — Mas você está me enrolando. Você prometeu que se transformaria.

— Eu prometi que faria isso quando a guerra acabasse.

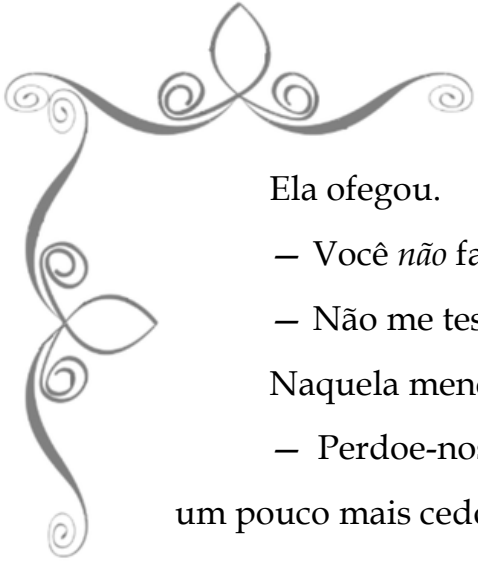
— Não. Você disse que precisava permanecer humana para que os seguidores do Black Lily respeitassem a sua líder, já que temiam os vampiros. Ele gesticulou para o bosque. — Olhe ao redor, querida. Seus soldados humanos não parecem nem um pouco perturbados pela adição de vampiros à nossa resistência.

Arabelle franziu a testa de maneira feroz. Marius riu e a puxou contra ele, sussurrando intimamente em seu ouvido, embora fosse fácil o suficiente para os vampiros próximos ouvirem.

— Você não vai para a batalha final se continuar humana.

— O que você vai fazer se eu me recusar? — Arabelle sussurrou de volta.

— Eu não vou voltar para a sua cama, até que seja feito.



Ela ofegou.

— Você *não* faria isso.

— Não me teste, meu amor.

Naquela menção do quarto, Friedrich envolveu a esposa nos braços.

— Perdoe-nos. — ele anunciou para todos. — Mas nós vamos dormir um pouco mais cedo.

— Duvido! — disse Grant, com uma estrondosa risada.

Ele os ignorou e se afastou com a sua noiva. Como um relâmpago, ele atravessou a floresta escura, pássaros noturnos cantando, insetos fazendo seus sons de insetos. Ele não parou até ficar na porta da nova casa que ele e a Guarda de Sangue construíram para Brenna e seus filhos. E, agora, para ele.

— Você pode me soltar agora. — Ela disse, embora ainda mantivesse as mãos apertadas ao redor de seu pescoço.

— De jeito nenhum. É a tradição, o noivo deve cruzar a porta com a noiva no colo.

Ela corou novamente.

— Oh! — Ela torceu a maçaneta e empurrou a porta aberta.

Ele não se mexeu, olhando para essa mulher adorável, pura de coração e profunda de alma. A mulher que agora o fez inteiro, tendo afugentado os fantasmas de seu passado trágico.

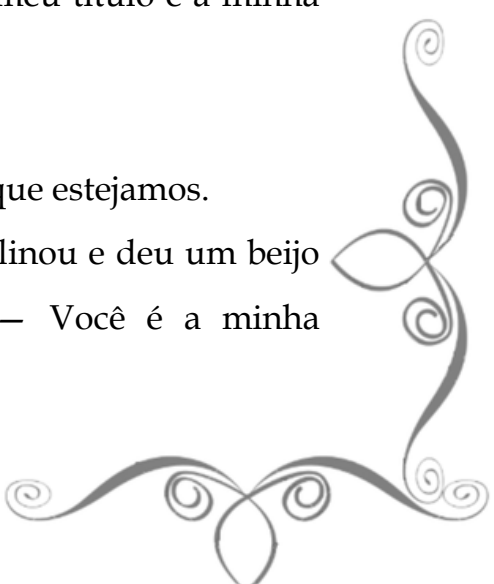
— O que foi? — Ela perguntou, segurando a sua bochecha.

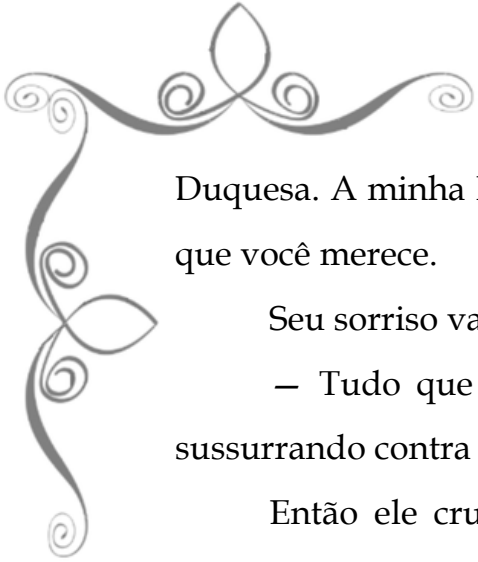
— Um dia eu vou carregá-la através das portas de Winter Hill. Quando vencermos essa maldita guerra e eu puder reivindicar o meu título e a minha casa.

Ela sorriu, girando os dedos no cabelo da nuca dele.

— Nada disso importa. Seremos felizes, onde quer que estejamos.

— Mas importa para mim, meu amor. — Ele se inclinou e deu um beijo carinhoso em seus lábios, respirando a beleza dela. — Você é a minha





Duquesa. A minha Rainha. A senhora do meu coração. E eu vou te dar tudo o que você merece.

Seu sorriso vacilou, olhos escuros brilhavam sob a luz das estrelas.

— Tudo que eu preciso é de você, querido. — Ela o beijou de volta, sussurrando contra os lábios dele. — Dono do meu coração.

Então ele cruzou a soleira da porta, carregando a sua linda noiva, e fechou a porta do mundo e da guerra ainda por vir. Hoje à noite haveria apenas paz, paixão e o amor que encontravam nos braços um do outro.